

**Demasiado velho para o digital?
Envelhecimento ativo e os usos das TIC por pessoas mais velhas no
Brasil e em Portugal**

Celiana de F. A. Azevedo Bastos

Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação

Janeiro, 2018

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,



Lisboa, 31 de janeiro de 2018

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora,



Lisboa, 31 de janeiro de 2018

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Ciências da Comunicação - Estudo dos *Media* e do Jornalismo, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Cristina Ponte.

Apoio financeiro da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -
Brasil - Bolsa 0534/14-05



Para José Pugas

Agradecimentos

Durante esses anos, foram muitas as pessoas que me acompanharam nesta jornada de descobrimentos de uma das coisas mais fascinantes do mundo: o conhecimento acadêmico.

Em primeiro lugar, agradeço à minha maravilhosa orientadora Cristina Ponte pela atenção, incentivo, correções e elogios que fizeram com que eu sempre desse o meu melhor. Também agradeço pelas oportunidades que me proporcionou e pela amizade e carinho em grandes e pequenas coisas.

Agradeço aos meus pais Lucas e Nilza, ao meu marido Fernando e à minha irmã Eliane pelo incentivo e paciência de me ouvir falar incansavelmente e apaixonadamente sobre os mais pequenos detalhes de minha pesquisa e por terem comemorado cada meta alcançada, cada artigo publicado, cada capítulo finalizado.

Agradeço à Universidade Sénior de Setúbal e à Universidade da Maior Idade que aceitaram colaborar com este trabalho e que carinhosamente me acolheram e proporcionaram todos os meios para que fosse realizada a pesquisa de campo.

Agradeço aos 36 alunos da UNISSETI e da UMA que participaram neste trabalho e que dispuseram de tempo para compartilhar sabedoria e experiência.

Na UNISSETI, agradeço em especial à Ana Lucinda, Vera Lucas e aos professores Ana Bela Ribeiro, Romilda Aguiar e Fernando Marques. Na UMA, agradeço ao professor Luiz Sinésio, Margarete Souza e Edval Borges.

Agradeço também aos amigos brasileiros e portugueses, de agora e de há muitos anos, Ana Jorge, Hayllana Martins, Jair Rattner, Lídia Marôpo, Carla Baptista, Tarcineide Mesquita, Wederson Martins, Ana Paula Santos, Francisca da Silva, Cléa Devlin, Raquel Pacheco, Daniel Meirinho, Juliana Doretto e Jocyelma Santana.

RESUMO

O envelhecimento da população e a difusão das tecnologias de informação e comunicação - TIC - fazem parte da realidade de diversas regiões do mundo. Brasil e Portugal encontram-se nessa mesma tendência com percentagens cada vez mais elevadas de idosos (IBGE, 2016; INE, 2016), mas cuja apropriação e usos das TIC ainda são baixos (CGI.br, 2016; Obercom, 2016) prevenindo-os de possíveis benefícios que podem advir desse ambiente tecnológico. Nesse sentido, esta pesquisa discute a relação entre idosos e TIC no Brasil e em Portugal tendo como objetivo responder à seguinte pergunta: de que formas os usos e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação influenciam no envelhecimento ativo de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil e em Portugal?

Para isso, levamos em consideração o conceito de envelhecimento ativo, o contexto social em que os idosos estão inseridos, teorias e modelos teóricos relacionados com o processo de envelhecimento e o uso das TIC e as percepções positivas e negativas que esses idosos possuem sobre o uso das TIC e o envolvimento em interações sociais *online*. Para a recolha de dados, foi utilizada a abordagem metodológica qualitativa através da observação não participante, grupos focais e entrevistas semiestruturadas. A amostragem foi composta por 36 pessoas, brasileiras e portuguesas, com idades entre 60 e 84 anos, que frequentavam aulas de informática em universidades seniores e que tinham acesso a pelo menos uma das seguintes tecnologias digitais: o computador, o celular e o tablet com ligação à internet.

Os resultados do estudo apontaram as seguintes conclusões:

- Os adultos mais velhos têm uma visão maioritariamente positiva sobre o uso das TIC;
- Os usos e a apropriação das TIC influenciam no envelhecimento ativo porque contribuem para uma participação mais consistente e com efeitos globalmente positivos sobre os idosos, mas tal não vem livre de possíveis consequências negativas;
- O contexto social e o curso de vida influenciam na forma como lidam com as TIC, podendo suprir a ausência física de pessoas próximas e aumentar a frequência da comunicação dentro e fora do ambiente familiar e entre gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias de informação e comunicação; idoso; envelhecimento ativo; Brasil; Portugal.

ABSTRACT

The aging of the population and diffusion of information and communication technologies - ICT - are part of the reality of many areas in the world. Brazil and Portugal take part in this same trend with increasing higher percentages of elderly (IBGE, 2016; INE, 2016), but whose ownership and use of ITC are still low (CGI.br, 2016; Obercom, 2016) preventing them from taking advantage of this technological environment. In this sense, this thesis discusses the relationship between elderly and ICT in Brazil and Portugal having the objective of answering the following question: in what ways the uses and the ownership of information and communication technologies influence on active aging of people with 60 years or more in Brazil and in Portugal?

For this reason, we take into account the concept of active aging, the social context in which the elderly are inserted, theories and theoretical models related to the aging process and the use of ICT and the positive and negative perceptions that these elderly have about the use of ICT and the involvement in online social interactions. For data collection, we used the qualitative methodological approach through the non-participant observation, focus groups and semi-structured interviews. The sample was composed of 36 persons, Brazilian and Portuguese, with ages between 60 and 84 years old, who attended computer classes in senior universities and who had access to at least one of the following digital technologies: computer, cellphone and tablet with internet connection.

The results of this study showed the following conclusions:

- Older adults have a vision overwhelmingly positive about the use of ICT;
- The social context and the course of life influence how they deal with ICT, building up the social interactions and increasing the frequency of communication inside and outside the family environment and between generations;
- The uses and the appropriation of ICT have a noticeable influence on the process of active aging because they contribute to a more consistent participation and with generally positive effects on the elderly, but that is not totally free of negative consequences.

KEY-WORDS: Information and communication technology; elderly; active ageing; Brazil; Portugal.

Índice

Introdução	1
Parte I- Referencial teórico e contextualização	9
Capítulo 1 – Teorias ligadas ao processo de envelhecimento e a relação com as TIC.....	10
Introdução.....	10
1.1- O curso de vida e o conceito de envelhecimento ativo	12
1.2- O conceito de geração na perspectiva da gerontecnologia	16
1.3- Entre a teoria da atividade e a teoria do desengajamento	20
1.3.1- Envelhecimento ativo, a atividade e a produtividade na terceira idade	23
1.4- Selecionar, otimizar e compensar.....	28
1.5- Teoria da Inovação do envelhecimento bem-sucedido e os desafios para os mais velhos.....	32
1.5.1- Tecnologia positiva: o uso das TIC como uma forma de inovação.....	35
Considerações Finais.....	37
Capítulo 2 – Estudos que articulam temáticas sobre os idosos, o processo de envelhecimento e as TIC.....	38
Introdução.....	38
2.1- As tecnologias moldam e são moldadas por sociedades cada vez mais envelhecidas ..	40
2.2- Qualidade de vida no processo de envelhecimento e inclusão social através das tecnologias	44
2.3- Relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias	51
2.4- Tecnologias: um domínio complexo a ser adquirido?	58
2.5- Digitalização progressiva da geração mais velha e a importância das características sociodemográficas	65
Considerações finais	71

Capítulo 3 – Contextos do estudo: as políticas de inclusão digital no Brasil e em Portugal com referência à população idosa.....	73
Introdução.....	73
3.1- A relação entre a exclusão social e digital.....	75
3.1.1- Inclusão Social.....	75
3.1.2-Inclusão digital.....	79
3.2- Políticas de inclusão digital.....	84
3.2.1- Políticas de inclusão digital em Portugal: a União Europeia e os idosos.....	85
3.2.2- Inclusão digital no Brasil: telecentro, <i>lanhouse</i> e o celular.....	93
3.3- Serviços do Governo a partir de plataformas digitais: e-governance e o cidadão idoso.....	101
3.3.1 Governo eletrônico no Brasil e em Portugal.....	105
Considerações finais.....	111

Parte II – Orientações metodológicas, análises e resultados	115
--	------------

Capítulo 4 - Metodologia para estudo sobre a relação de idosos com as tecnologias no Brasil e em Portugal.....	115
Introdução.....	115
4.1- Pergunta de pesquisa.....	116
4.2- Abordagem metodológica qualitativa: iluminar o geral ao focar no particular.....	117
4.3- Brasil e Portugal: uma pesquisa, dois campos.....	121
4.3.1- Instituições participantes.....	121
4.3.2- Preparação para a pesquisa de campo.....	124
4.4- Características da amostragem.....	126
4.5- No terreno: observação não participante, entrevistas individuais e grupos de foco... ..	129
4.5.1- Observação não participante.....	130
4.5.2- Grupos de Foco.....	139
4.5.3- Entrevistas.....	143
4.6- Interpretação dos dados e considerações finais.....	146

Capítulo 5 - Análise de dados: pessoas mais velhas e suas relações com as tecnologias em ambiente familiar e em outros contextos sociais.....	148
Introdução.....	148
5.1- Posse das TIC e percepções individuais	150
5.2 - As relações familiares: apoio instrumental e social na velhice.....	163
5.3 - Os benefícios tecnológicos podem não ocorrer.....	172
5.4 - O uso das TIC e aspectos geracionais	181
5.5 - As relações de amizade	192
5.6 - Aposentadoria e tempo livre	201
5.7 - O idadismo e o velho visto como o “outro”	219
5.8- Experiências de marginalização e isolamento social: a viuvez e a depressão	226
Conclusões.....	237
Referências Bibliográficas	251

Índice de Anexos

Anexo I- Pedido de autorização de pesquisa de campo UMA/UNISSETI	290
Anexo II- Declaração de concordância UNISSETI.....	291
Anexo III- Declaração de concordância UMA	294
Anexo IV - Estudos empíricos que fizeram parte da revisão bibliográfica	295
Anexo V- Guião para observação não participante.....	302
Anexo VI- Guião grupo de foco	304
Anexo VII- Guião entrevista individual.....	307
Anexo VIII- Consentimento informado	309
Anexo IX- Transcrição grupo de focal UMA 1	313
Anexo X- Transcrição grupo de focal UMA 2	331
Anexo XI- Transcrição grupo de focal UMA 3	362
Anexo XII- Transcrição grupo de focal UNISSETI 1	379
Anexo XIII - Transcrição grupo de focal UNISSETI 2	394
Anexo XIV- Transcrição grupo de focal UNISSETI 3	413

Índice de Tabelas

Tabela 1- Uso das TIC por idosos brasileiros e portugueses	4
Tabela 2- Uso de centros públicos de acesso pago pela população brasileira.....	99
Tabela 3- Uso de centros públicos de acesso livre pela população brasileira.....	99
Tabela 4- Indivíduos portugueses usando a internet para interagir com autoridade pública em 2016.....	109
Tabela 5- Proporção de indivíduos brasileiros que utilizaram governo eletrônico nos últimos 12 meses	110
Tabela 6- Dados Sociodemográficos UNISSETI e UMA.....	122
Tabela 7- Dados População Setúbal e Palmas – TO.....	123
Tabela 8- Características sociodemográficas da amostragem.....	128
Tabela 9- Número de referências de vantagens das TIC.....	152

Tabela 10- Número de referências de motivações das TIC.....	153
Tabela 11- Número de referências de desvantagens das TIC	153
Tabela 12- Número de referências de ricos das TIC	154
Tabela 13- Número de referências de obstáculos das TIC	154
Tabela 14- Participantes brasileiros: posse das tecnologias	156
Tabela 15- Participantes portugueses: posse das tecnologias.....	157
Tabela 16- Participantes brasileiros: número de filhos e composição atual do agregado familiar	165
Tabela 17- Participantes portugueses: número de filhos e composição atual do agregado familiar	166
Tabela 18- Participantes brasileiros - relação com as TIC no ambiente profissional e auto percepção de competências digitais.....	182
Tabela 19- Participantes portugueses - relação com as TIC no ambiente profissional e auto percepção de competências digitais	183
Tabela 20- Participantes brasileiros: condição laboral do passado e atual.....	204
Tabela 21- Participantes portugueses: condição laboral do passado e atual	205
Tabela 22- Tipos de atividades na internet, entre participantes brasileiros e portugueses	211
Tabela 23- Participantes brasileiros – estado civil e depressão.....	228
Tabela 24- Participantes portugueses – estado civil e depressão	229

Índice de figuras

Figura 1: População portuguesa e brasileira com 60 anos ou mais.....	2
Figura 2: Inclusão social	76
Figura 3: Inclusão digital	80
Figura 4: Mapa do Estado do Tocantins – Brasil.....	123
Figura 5: Mapa do Distrito de Setúbal	124
Figura 6: Desenho metodológico	130
Figura 7: Alunos de informática da UNISSETI	132
Figura 8: Alunos de informática da UNISSETI	132

Figura 9: Alunos de informática da UNISSETI	133
Figura 10: Alunos de informática da UNISSETI	133
Figura 11: Alunos de informática da UNISSETI	134
Figura 12: Alunos de informática da UNISSETI	134
Figura 13: Alunos de informática da UMA.....	136
Figura 14: Alunos de informática da UMA.....	136
Figura 15: Alunos de informática da UMA.....	137
Figura 16: Alunos de informática da UMA.....	137
Figura 17: Alunos de informática da UMA.....	138
Figura 18: Grupo de teatro da UMA	138
Figura 19: A roda - Percepções individuais sobre o uso das TIC	141
Figura 20: A roda desenvolvida com o primeiro GF em Portugal	142
Figura 21: Página do Facebook de um dos participantes da pesquisa referente ao regresso às aulas.....	194
Figura 22: Uma das participantes da pesquisa finalizando uma corrida de rua	217
Figura 23: Situação dos idosos portugueses sinalizados	227

Introdução¹

O interesse em estudar temáticas envolvendo idosos e tecnologias de informação e comunicação (TIC) surgiu durante o mestrado em Ciências da Comunicação - Estudo dos Media e do Jornalismo - concluído em 2013, na Universidade Nova de Lisboa. Nessa pesquisa, trabalhamos com o objetivo principal de responder à seguinte pergunta: qual a importância do uso e da apropriação das tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente o celular, o computador e a internet nas relações sociais de grupos de pessoas mais velhas em Portugal? Os resultados concluíram que a apropriação dessas tecnologias, pelo grupo de pessoas que participaram na pesquisa, influenciava positivamente nas suas relações sociais e que usá-las era uma forma de potenciar a interação social, importante para o processo de envelhecimento avançado. Na conclusão dessa dissertação escrevemos:

A relação entre as pessoas idosas e as TIC evidencia questões científicas, éticas e políticas (Hagberg, 2012). Dentro dessa perspectiva, muitas perguntas ainda podem ser trabalhadas: as novas tecnologias estão ajudando a trazer melhor qualidade de vida para os mais velhos ou só servem para apontar diferenças entre os jovens e os idosos? Como é que as práticas, as relações interpessoais, o bem-estar e as várias visões que as pessoas possuem das TIC estão relacionadas? Ou ainda, como argumenta Hagberg (2012), igualmente importante é o modo como olhamos para a tecnologia e o seu desenvolvimento e nos perguntamos que tipos de problemas podem ser resolvidos através delas (Azevedo, 2013).

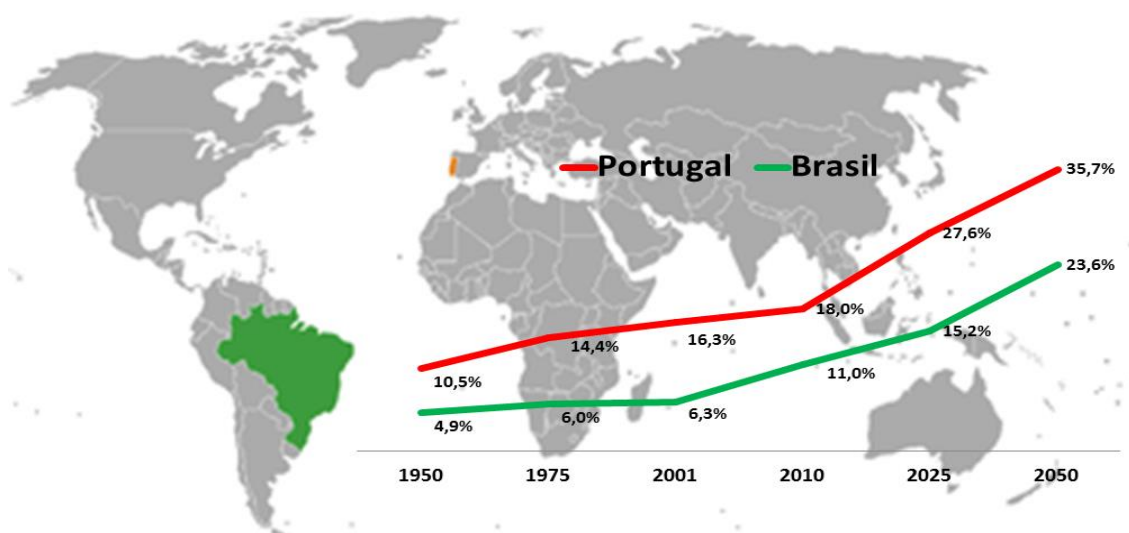
Ao citar esse trecho e algumas de suas conclusões, queremos acentuar que foi a realização dessa pesquisa que deu origem a esta tese de doutoramento, pois foi a partir dela que verificamos a necessidade e o interesse em entender melhor outros aspectos envolvendo TIC e pessoas mais velhas em Portugal e agora incluindo um campo de pesquisa mais alargado, o Brasil.

O envelhecimento da população e difusão das tecnologias de informação e comunicação fazem parte da realidade de diversas regiões do mundo. Brasil e Portugal possuem percentagens cada vez mais elevadas de idosos, apesar de estarem em diferentes fases no processo de envelhecimento populacional. Portugal é considerado

¹ Esta tese foi escrita em português do Brasil e seguiu as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

um país já envelhecido desde 1999 (INE, 2002) e apresenta um quadro de envelhecimento demográfico bastante acentuado com 26,7% de população idosos (60 anos ou mais) e 14,2% de população jovem (14 anos ou menos) (PORDATA, 2016). No Brasil, o processo acentuado de envelhecimento é mais recente com uma proporção inferior de idosos, quando comparada com Portugal. Em 2009, o IBGE (2010) apontou para um total de 7,8% de idosos, percentagem alcançada por Portugal na década de 1960. Embora os brasileiros estejam a envelhecer com redução sistemática, em termos relativos, dos segmentos etários com menos idade, o Brasil ainda é considerado um país essencialmente jovem: em 2015 possuía 21% de pessoas com idade igual ou inferior a 14 anos e 14,3% de idosos (60 ou mais anos) (IBGE, 2016). Em ambos os países, a redução da população jovem e o consequente aumento da população adulta e idosa estão associados à queda continuada dos níveis de fecundidade e ao aumento da esperança média de vida à nascença: 75,4 anos para o Brasil (IBGE, 2016) e 80,6 anos para Portugal (INE, 2016).

Figura 1: População portuguesa e brasileira com 60 anos ou mais



Fonte: UN - World Population Ageing 1950-2050

Também nas últimas décadas ocorreram desenvolvimentos nas tecnologias de informação e comunicação sem precedentes, fazendo com que se tornassem parte indispensável não só da esfera profissional, mas também da educação, cuidados de saúde, comunicação e entretenimento das pessoas, dos mais novos aos mais velhos.

Com a crescente popularização de computadores, celulares, dispositivos – e seus sistemas operacionais, programas e aplicativos cada vez mais complexos –, as TIC estão determinando, crescentemente, as habilidades dos indivíduos, das empresas e dos territórios em permanecerem competitivos e estabelecerem maneiras mais eficazes e eficientes para suas ações. Essas tecnologias consistem, atualmente, na base para crescimento econômico, geração de empregos, melhor qualidade de vida e competência mundial, pois transformam as formas de trabalho, de relacionamento, de lazer, de aprendizado e de difusão do conhecimento (A. Rodrigues e Maculan, 2012, p. 43).

Dados recentes sobre Brasil e Portugal indicam que a apropriação e uso das TIC aumentaram em todas as camadas da população, mas ainda existe uma distinção expressiva entre diferentes faixas etárias, especialmente se compararmos os mais novos e os mais velhos. Em Portugal, a taxa de utilização da internet é de 100% entre jovens (15 e 24 anos) e 33% entre idosos (65-74 anos) (INE, 2017); o computador é utilizado por 99,3% de jovens e 28,4% dos idosos (Obercom, 2016); no caso do celular a diferença é menos expressiva, mas ainda assim persistente com 97% entre jovens e 63,7% entre a faixa etária mais velha de utilizadores (Obercom, 2014); por último, 42.9% dos portugueses dizem possuir tablet (Marketest, 2016).

Entre os brasileiros (CGI.br, 2016) a tendência é a mesma que em Portugal: 95% dos jovens (16 a 24 anos) acessam a internet e 22% dos mais velhos (60 anos ou mais); 87% dos indivíduos jovens e 20% de idosos usam o computador; os números referentes ao celular chegam a 89% para os jovens e 67% para os mais velhos; os dados do mesmo estudo mostram que 38% dos domicílios brasileiros, em 2015, possuíam tablet. Mesmo que não tenhamos identificado os números relativos à posse de tablets por idosos, em ambos os países existe uma relativa proximidade quando comparamos os índices de utilização de tecnologias digitais como é o caso da internet, aspecto que será mais bem explorado durante o desenvolvimento da pesquisa.

Tabela 1: Uso das TIC por idosos brasileiros e portugueses

TIC	Brasileiros (60 anos ou mais)	Portugueses (65-74 anos)
Internet	22%	33%
Computador	20%	28,4%
Celular	67%	63,7%
Tablet	42,9%*	38%*

Fonte: CGI.br, 2016; INE, 2017; Obercom, 2014; Marketest, 2016

* Referente ao total da população

A Organização das Nações Unidas afirmou que as transformações demográficas mundiais têm profundas consequências para cada aspecto da vida individual, da comunidade, tanto nacionalmente como internacionalmente e que “todas as facetas da humanidade estarão envolvidas: social, político, cultural, psicológica e espiritual” (Organização das Nações Unidas, 2002, p. 5). Assim, nos perguntamos como essa “mega tendência de modernidade” (Claßen, Schmidt e Hans-WernerWahl, 2013) pode se beneficiar do uso das tecnologias digitais, visto que o acelerado processo de adoção das TIC pode trazer efeitos multiplicadores de bem-estar e produtividade importantes para a sociedade (Charness e Boot, 2009)?

Com base nessas transformações, novas áreas no campo de estudos da gerontologia estão sendo exploradas. A presente pesquisa discute a relação entre idosos e TIC no Brasil e em Portugal tendo como base no conceito de envelhecimento ativo. Assim, introduzimos a pergunta que conduz esta investigação: **de que formas os usos e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação influenciam no envelhecimento ativo de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil e em Portugal?**

Para responder à pergunta de pesquisa, percorremos as seguintes orientações ao longo de toda esta investigação:

- 1- Analisar se o contexto social em que estão inseridos os idosos que participaram nesta pesquisa influencia na inclusão ou exclusão digital e no processo de envelhecimento ativo no que diz respeito à participação social;

- 2- Analizar se os conceitos presentes na teoria da atividade, no modelo otimização seletiva com compensação e na teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido são identificados na relação dos idosos com o uso e apropriação das tecnologias de informação e comunicação (computador, celular e tablet com ligação à internet), como uma forma de enfrentamento para os constrangimentos relacionados ao processo de envelhecimento avançado e promoção de um envelhecimento ativo e socialmente participativo;
- 3- Analizar quais são as percepções pessoais dos idosos que fizeram parte dessa pesquisa sobre as TIC relacionadas as:
 - a. Vantagens;
 - b. Obstáculos;
 - c. Riscos;
 - d. Desvantagens;
 - e. Motivações.
- 4- Analizar em que aspectos os idosos brasileiros e portugueses que participaram nesta pesquisa se aproximam e se afastam nas relações que possuem com as tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente, o computador, o celular e o tablet com ligação à internet.

Desenvolver um estudo em dois países proporciona uma análise que ultrapassa o contexto nacional colocando-o numa nova perspectiva crucial para a compreensão da natureza dos processos sociais (Ponte, 2012). A pertinência deste estudo está também fundamentada na carência, identificada tanto em Portugal como no Brasil, de pesquisas desenvolvidas com esse enfoque, mas também no entendimento das dinâmicas e das consequências produzidas a partir do uso do computador, do celular e do tablet com ligação à internet por pessoas com 60 anos ou mais e que levem em consideração também o contexto social, familiar e as relações de amizade em que estão inseridas. Optamos por trabalhar com pessoas com 60 anos ou mais para padronizar a pesquisa entre os dois países, pois existe diferença para a identificação formal da categoria de idoso em Portugal e no Brasil, 65 anos e 60 anos de idade, respectivamente.

A presente tese está estruturada em cinco capítulos. No primeiro, **“Teorias ligadas ao processo de envelhecimento e a relação com as TIC”**, apresentamos um conjunto de conceitos que identificamos como essenciais para entendermos melhor a relação entre pessoas idosas e o uso das TIC, pois ajudam-nos a sistematizar, durante todo o desenvolvimento desta pesquisa, as informações que recolhemos e àquelas já conhecidas. Essas teorias servem para refletir a natureza complexa do processo de envelhecimento e também se caracterizam como uma forma de explicar os acontecimentos que rodeiam essa heterogeneidade (Bengtson, Burgess e Parrott, 1997). Essa base teórica é composta pela teoria do curso de vida, a teoria da atividade, a teoria do desengajamento, a teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido, o conceito de envelhecimento ativo, o conceito de geração e o modelo otimização seletiva com compensação.

No segundo capítulo intitulado **“Estudos que articulam temáticas sobre idosos, processo de envelhecimento e as TIC”** apresentamos a revisão de literatura discutindo estudos empíricos que relacionam as temáticas sobre idosos, o processo de envelhecimento e as TIC no Brasil, em Portugal e em outros países. O objetivo é o de entender como essa temática tem sido abordada pelos pesquisadores, quais os pontos que mais frequentemente são objeto de estudo e quais as principais conclusões apontadas. Falamos, principalmente, sobre a qualidade de vida durante o processo de envelhecimento avançado e a inclusão social a partir do uso das TIC; as relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias; as principais dificuldades que os idosos encontram no uso e adoção das TIC; e a importância das características sociodemográficas para a apropriação e uso das TIC por idosos.

No capítulo seguinte, **“Contextos do estudo: as políticas de inclusão digital no Brasil e em Portugal com referência à população idosa”**, discutimos a relação entre a exclusão digital e social e abordamos como se deu o processo de inclusão digital no Brasil e em Portugal e como os idosos foram ou não incorporados nesse percurso. Essa análise gira em volta da implementação de políticas públicas e iniciativas privadas. Destacamos as diretrizes estabelecidas pela União Europeia, para Portugal, enquanto, com relação ao Brasil, discutimos sobre a importância das *lanhouses*, dos telecentros e, mais recentemente, o uso do telefone celular para a inclusão digital de idosos.

Falamos sobre os serviços do governo eletrônico em ambos os países, pois ter acesso a esses recursos é entendido como potencializador de vários aspectos que podem contribuir para a inclusão digital e social. Também argumentamos sobre o fato de que os cidadãos idosos ainda continuam, em certa medida, e, principalmente, no Brasil, negligenciados pelo Governo visto que ainda são minoritários os investimentos em iniciativas que incluam essa parcela da população.

Durante a revisão de literatura e a escrita dos capítulos teóricos, identificamos que seria mais adequada para responder à pergunta de pesquisa e atingir os demais pontos que objetivamos a abordagem metodológica qualitativa. Optamos pela observação não participante, grupos focais e entrevistas semiestruturadas. Assim, no quarto capítulo **“Metodologia para estudo sobre a relação de idosos com as tecnologias no Brasil e em Portugal”** procedemos à apresentação das orientações metodológicas utilizadas na tese e à descrição de como decorreu e foi organizada a investigação empírica: como se deu a preparação para a pesquisa de campo e o estabelecimento de contato com as instituições colaboradoras; como os participantes foram selecionados a partir de características sociodemográficas e de uso das TIC; por último, descrevemos como os dados recolhidos foram tratados com base em categorias de codificação e do uso do *software* Maxqda.

É partir das falas dos idosos que participaram neste trabalho, mais precisamente das suas experiências de vida, das formas de pensar, do contexto social em que estão inseridos e das percepções com relação às TIC que o quinto capítulo da tese foi escrito. **“Análise de dados: pessoas mais velhas e suas relações com as tecnologias em ambiente familiar e em outros contextos sociais”** é o mais extenso de toda a pesquisa e, como o próprio nome diz, é onde é feita a análise dos dados recolhidos que sistematizamos com o que foi abordado nos capítulos anteriores. Para o seu desenvolvimento, concluímos que deveríamos começar por estabelecer as principais tendências sobre posse, uso e as percepções sobre as TIC dos participantes brasileiros e portugueses. Então, apresentamos quadros com essas informações, mas que são discutidas ao longo de todo o capítulo.

De forma a atingir os nossos objetivos, organizamos a análise em torno das seguintes temáticas: percepções individuais e posse das TIC; as relações familiares e intergeracionais mediadas pelas TIC durante a velhice e os prejuízos que podem advir do uso das TIC no contexto familiar; as TIC e aspectos geracionais que incluem as relações de amizade e estilos de vida dos idosos; o uso das TIC durante o período da aposentadoria e como uma forma de gerir o tempo livre e o bem-estar; propagação do idadismo com relação ao idoso e à velhice através das TIC; Por último, discutimos como a marginalização e o isolamento social podem ocorrer a partir da viuvez, da depressão e do suicídio e como a tecnologia está envolvida nesse contexto.

Para finalizar, apresentamos as **conclusões** do estudo com os principais achados retirados de todo este percurso relacionando a revisão bibliográfica, referenciais teóricos e os dados empíricos recolhidos, analisados e interpretados. Respondemos objetivamente à pergunta de pesquisa e apontamos as nossas conclusões para os quatro pontos que serviram de orientação para este estudo. Também falamos como os constrangimentos encontrados limitaram nosso trabalho; refletimos sobre como os resultados desta pesquisa podem servir para aprofundar o conhecimento científico na área das Ciências da Comunicação; fizemos recomendações de ações com o objetivo de contribuir para a inclusão digital dos mais velhos; e apresentamos sugestões de pesquisas futuras sobre o bom uso das TIC por idosos.

Parte I

Referencial teórico e contextualização

Capítulo 1

Teorias ligadas ao processo de envelhecimento e a relação com as TIC

Introdução

Em 1997, Bengtson já notava que a maioria dos estudos que incide sobre idosos é teoricamente pouco focalizada quando afirmou que as pesquisas em gerontologia pareciam ter desconsiderado a teoria: “Em sua busca para examinar os aspectos individuais e sociais do envelhecimento, os pesquisadores têm sido rápidos em fornecer fatos, mas lentos em integrá-los dentro de um enquadramento teórico explicativo, conectando suas conclusões a fenômenos sociais já estabelecidos” (1997, p. 72). No entanto, a partir da virada do século, a gerontologia social passou por um período de maior interesse teórico impulsionada pela publicação do primeiro manual de teorias do envelhecimento, *Handbook of Theories of Aging* (Bengtson e Schaie, 1999), e o maior interesse que a temática envelhecimento e velhice tem ganhado em diferentes campos de pesquisa.

Apesar de todas as dificuldades em estabelecer uma ligação entre os limites disciplinares tradicionais, dos desafios de se trabalhar com diferentes paradigmas em uma pesquisa, tem havido avanços significativos nas explicações do fenômeno do envelhecimento que se aproxima de várias perspectivas disciplinares, misturando-as em uma única teoria (Bengtson *et al.*, 2009b, p. 6).

Este capítulo vem no sentido de contribuir para um maior entendimento teórico através da temática que envolve idosos e tecnologias de informação e comunicação porque atualmente ainda se verifica que “pouca atenção tem sido atribuída na discussão teórica da história do envelhecimento e sua interação com a tecnologia, sendo o tratamento dos estudos empíricos mais de natureza prática do que teórica” (Mollenkopf e Fozard, 2004, p. 252).

O presente estudo procura examinar como o uso e a apropriação das TIC influenciam no envelhecimento ativo de idosos. O *envelhecimento ativo* está definido

como um processo de otimização de oportunidades na saúde, participação e segurança de forma a potencializar a qualidade de vida das pessoas idosas (Organização Mundial da Saúde, 2002). Essa definição sugere que a qualidade de vida durante o processo de envelhecimento está ligada à participação do indivíduo na sociedade que pode resultar do desenvolvimento de atividades ou pela falta delas num período avançado da vida e entre outras, poderíamos citar o uso das TIC.

Este capítulo concentra-se sobre a forma como teorias e modelos teóricos podem ajudar a refletir sobre essa perspectiva gerontecnológica no que concerne às transformações que ocorrem no curso de vida dos indivíduos, bem como às adaptações a transformações do contexto tecnológico e social.

O presente capítulo está estruturado da seguinte forma:

- 1 – Primeiramente, por trabalharmos na presente pesquisa com uma faixa etária específica da população, ou seja, pessoas com 60 anos ou mais e por investigarmos esses indivíduos dentro do contexto social abordando a suas relações com as TIC, discutimos da teoria do curso de vida e do envelhecimento ativo;
- 2 – Discutimos o conceito de geração na perspectiva da gerontecnologia;
- 3 – Discutimos a teoria da atividade e a sua relação próxima com o conceito de envelhecimento ativo apontando os constrangimentos da importância dos idosos manterem-se ativos e evitarem o processo de desengajamento social para que tenham maior qualidade de vida;
- 3.1 – Discutimos o conceito de envelhecimento ativo relacionando a atividade e a produtividade econômica na terceira idade;
- 4 – Discutimos o modelo otimização seletiva com compensação com o objetivo de entender a importância de adaptar-se às novas realidades durante o envelhecimento avançado;
- 5 – Discutimos a teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido que preconiza a importância das atividades de lazer como parte significativa para a qualidade do envelhecimento;

- 5.1 – Fazemos uma reflexão sobre o uso das tecnologias digitais como uma forma de inovação;
- 6 – Por último, concluímos fazendo um apanhado de como esses modelos teóricos contribuem para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.1- O curso de vida e o conceito de envelhecimento ativo

Estudos acadêmicos tendem a promover um enfoque sobre uma única faixa etária ou sobre uma fase da vida (Mortimer e Shanahan, 2003), contudo, a tarefa de investigar os indivíduos a partir do conceito de envelhecimento ativo e, portanto, dentro do contexto social, requer um esforço que leve em consideração o curso de vida como um todo. Assim, sem deixar de considerar as características que são particulares da velhice, deve-se entendê-la como mais um dos períodos da vida, em vez de concentrar-se em um grupo de pessoas com idades específicas.

Dessa forma, trazemos como uma das bases para esta pesquisa a teoria conhecida como *curso de vida* (Elder e Shanahan, 2006; Elder, 1975). Como conceito, curso de vida refere-se à segmentação da idade dentro do contexto social que conecta as diferentes fases da vida tendo como início a infância e seu último estágio a velhice; como paradigma, curso da vida refere-se a um quadro imaginativo composto por um conjunto de pressupostos, conceitos e métodos interligados que são utilizados para estudar fases da vida socialmente incorporadas e conectadas (Mortimer e Shanahan, 2003).

A teoria do curso da vida é baseada, em grande medida, nas teorias socioculturais sobre idade e relações sociais, referindo-se a uma sequência de eventos socialmente definidos, classificados por idade e papéis que definem, em grande medida, os contornos da biografia de cada indivíduo. Na perspectiva sociocultural, dá ênfase aos significados sociais da idade com o nascimento, a puberdade e a morte, por exemplo, sendo biológicos, mas seus significados no curso da vida sendo construções sociais (Elder e Shanahan, 2006). As bases dessa teoria são amplamente citadas nos quadros teóricos em gerontologia social desde o início do século 21 (Carr, 2009) e são

consideradas os mais importantes enquadramentos da gerontologia social (Morgan e Kunkel, 2007), aumentando a possibilidade de integrar outros modelos teóricos e que podem ser aplicados às várias fases da vida e nas transições entre elas (Mortimer e Shanahan, 2003).

A teoria do curso de vida, segundo Elder e colegas (2003a), promove o entendimento da vida ao longo do tempo e através de contextos sociais com base em cinco princípios: 1- O desenvolvimento humano e o envelhecimento como processos que duram a vida inteira. Nessa linha, os adultos podem experimentar mudanças fundamentais de ordem biológica, psicológica e social em qualquer momento de suas vidas e os padrões de adaptação no final do processo de envelhecimento são, geralmente, relacionados ao desenvolvimento da vida como um todo; 2- Os indivíduos constroem suas vidas através das opções e ações dentro das possibilidades e limitações da história e das circunstâncias sociais, ou seja, as pessoas não sofrem passivamente os condicionalismos da influência social. Em vez disso, elas fazem escolhas e assumem compromissos com base em alternativas com que são confrontadas; 3- Os indivíduos são incorporados e modelados por tempos e lugares históricos, dependendo de onde e quando suas vidas se desenvolvem; 4- Importância do momento em que determinados eventos ocorrem, pois as mesmas experiências podem afetar indivíduos de diferentes maneiras dependendo de quando acontecem. Ou seja, passar por um determinado acontecimento durante a infância é diferente de experimentá-lo durante a idade adulta; 5- As pessoas vivem de forma interdependente e as influências sociais e históricas são expressas por essa rede de relações compartilhadas. Muitas vezes, as pessoas são afetadas por grandes mudanças sociais através do impacto que têm em seus contextos interpessoais dentro de configurações de nível micro e aqui podemos destacar as relações familiares como uma das mais significativas e a que teremos particular atenção na presente pesquisa, como veremos a seguir.

A afirmação de que o ambiente familiar vivido por uma pessoa tem consequências posteriores no seu curso de vida não é susceptível de provocar grande discordância. A família é uma força importante na institucionalização do curso da vida na sociedade moderna, mas também para consequências particulares, pois o

significado de qualquer ambiente familiar específico pode variar consideravelmente entre sociedades, ao longo do tempo e mesmo entre indivíduos dentro de uma mesma família (Dannefer, 2001). Investigações têm demonstrado que no contexto familiar, aspectos relacionados com a vida passada e atual continuam a afetar o bem-estar das pessoas até os seus últimos anos de vida (Mortimer e Shanahan, 2003).

Os riscos de experimentar uma grande variedade de acontecimentos adversos (morte, problemas de saúde, pobreza, depressão, institucionalização) variam de acordo com características conjugais e número de filhos (Mortimer e Shanahan, 2003). Por exemplo: para pessoas casadas, experiências relacionadas com a aposentadoria são parcialmente moldadas pelo comportamento do cônjuge; enfrentar a viuvez pode alterar profundamente o curso da vida de uma pessoa; ou, ainda, relacionamentos com filhos adultos são afetados por experiências familiares e conjugais passadas e por transições entre gerações (Moen, 2003). Em outras palavras, o contexto familiar tende a ser um fator importante que influencia o curso da vida e, conseqüentemente, a possibilidade de ter uma velhice mais ativa e com qualidade de vida (Elder, Johnson e Crosnoe, 2003b), mesmo motivando ou inibindo as possibilidades de algumas pessoas mais velhas usarem e beneficiarem das tecnologias de informação e comunicação.

Dentro desse contexto, as relações intergeracionais podem contribuir para o bem-estar das pessoas em um período mais tardio da vida. Os filhos e netos podem trazer benefícios sociais e suporte emocional e oferecer auxílio que os idosos dependentes, muitas vezes, necessitam (Uhlenberg e Mueller, 2003). No entanto, o apoio que uma pessoa mais velha recebe dos filhos e netos depende de experiências familiares passadas. Apesar de não ser uma regra, a existência de relações intergeracionais é influenciada, muitas vezes, pela “fecundidade” de cada indivíduo, pois pessoas idosas sem netos ou bisnetos têm menos possibilidades de se relacionarem com crianças e jovens. Aqueles que têm vários filhos geralmente recebem mais apoio intergeracional do que aqueles que têm apenas um filho, por exemplo (Uhlenberg e Mueller, 2003).

A maneira como as pessoas envelhecem e, em um certo sentido, a dimensão inter e intrageracional ajudam a contextualizar o curso da vida individual enfatizando a

dinâmica social entre pais e filhos, marido e mulher, avós e netos, irmãos e amigos, por exemplo. O ambiente em que as pessoas mais velhas residem atualmente é - mais do que para qualquer outra faixa etária - moldado pelo chamado *decollectivisation of the life course*:

O curso de vida é uma série de passagens individuais: deixar a casa dos pais, encontrar um emprego, tornar-se desempregado, casar-se ou não, divorciar-se, ter filhos, aposentar-se, envelhecer (muito). As pessoas devem encontrar o seu próprio caminho, essas transições são incorporadas em todos os quadros institucionais, tradicionais, coletivos e podem ser ou não acompanhadas por rituais. Criar continuidade e coerência no curso da vida depende de cada indivíduo (Loos e Mante-Meijer, 2011, p. 185).

À vista disso, também há outros determinantes que influenciam diretamente o curso de vida de cada indivíduo e, conseqüentemente, o processo de envelhecimento ativo: aspectos de ordem pessoal como fatores biológicos, genéticos e psicológicos; aspectos comportamentais de cada indivíduo que determinam estilos de vida e participação no cuidado da própria saúde; aspectos econômicos relacionados a rendimentos, proteção social e oportunidades de trabalho; aspectos relacionados ao ambiente onde se vive com acessibilidade a serviços de transporte, moradia e vizinhança segura e apropriada, água limpa, ar puro e alimentos seguros; aspectos de ordem social fornecidas pelo Estado como a educação e alfabetização, prevenção de violência e abuso; por último, aos serviços de saúde (Ribeiro, 2012).

A teoria do curso de vida é orientada por princípios que reconhecem a importância da escolha individual e da tomada de decisão, promovem a sensibilização dos contextos sociais e históricos e também melhoram o entendimento de que a vida humana não pode ser adequadamente representada se não levar em consideração as relações interpessoais. De um modo geral, o conceito de envelhecimento ativo busca a ideia de envelhecimento como uma experiência positiva e uma vida duradoura que deve ser acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, envolvimento social e segurança.

Contudo, a estimulação para manter-se ou ser ativo ao chegar à terceira idade, como podemos observar, depende de uma multitude de aspectos. Assim, para

compreender a situação atual dos adultos mais velhos e o motivo pelo qual eles usam ou não usam as tecnologias de informação e comunicação e tiram proveito ou não desse uso, levaremos em consideração esses mesmos condicionantes tanto ao nível macro como micros social na análise desses indivíduos ao longo do curso de vida.

1.2 – O conceito de geração na perspectiva da gerontecnologia

Devido ao envelhecimento mais acentuado da população, o conceito de *geração* tem ganhado atenção nas últimas décadas, também devido ao contexto da intergeracionalidade (Ponte e Aroldi, 2013) um pouco por todo o mundo (Doll, 2010). A referência ao conceito de geração é, provavelmente, derivada da presunção de que as influências históricas moldam o desenvolvimento de todas ou da maioria das pessoas que cresceram em um determinado momento e que existe quase sempre uma identidade cultural comum que as diferencia de outras gerações (Alwin e McCammon, 2003).

Em *The problem of generations*, Mannheim (1952) define geração como um fenômeno social que representa um tipo particular de identidade, que abraça grupos etários relacionados e incorporados em um processo histórico social. O autor distinguiu socialmente o conceito de geração em três aspectos: localização social, atualidade e unidade geracional. A localização social refere que todas as pessoas nascidas durante dois períodos de tempo específicos pertencem a uma geração também específica e é equivalente ao conceito de coortes de nascimento (*birth cohorts*). Como atualidade, especifica que pessoas pertencentes a uma mesma geração vivenciaram os mesmos eventos históricos e condições socioculturais durante os seus anos formativos (Aroldi e Colombo, 2007), ou seja, a infância, a adolescência e a juventude. Segundo esse aspecto do conceito de geração, experiências individuais podem ser compartilhadas e identificadas por indivíduos que nunca se conheceram, mas que presenciaram situações semelhantes, mesmo que em diferentes contextos. Portanto, Mannheim fez uma distinção entre geração *local*, relativo ao ano de nascimento, e *atual*, referindo-se aqueles que são identificados em um processo

histórico, bem como através da “experiência das interações de forças que compõem uma nova situação” (Mannheim, 1952, p. 304).

No terceiro e último aspecto, as unidades geracionais surgem de grupos concretos de pessoas que são capazes de produzir um discurso semelhante compartilhado entre seus membros. Não é simplesmente crescer juntos, mas também, de maneira espontânea, observar que o outro interpreta e articula determinados tópicos de uma forma similar (Corsten, 1999) desenvolvendo reações semelhantes em resposta aos seus problemas e oportunidades. O que é definido aqui é o conceito de semântica geracional entendida como “recursos, modelos de interpretação, princípios, avaliações e dispositivos linguísticos de forma que uma experiência partilhada é tematizada e traduzida em discursos do cotidiano” (Aroldi e Colombo, 2007, p. 37).

Mannheim (1952, p. 306) define unidade geracional como algo que representa “muito mais um vínculo concreto do que uma geração por si só. Jovens que experimentaram os mesmos problemas históricos específicos, talvez possam ser reconhecidos como parte da mesma geração”, enquanto grupos dentro de uma mesma geração que interpretam experiências comuns de modos diferentes, constituem unidades geracionais separadas. Estas unidades geracionais podem ser definidas como formas de estar ligado a um mesmo fenômeno, que Mannheim (1952) chama de "identidade de resposta" aos problemas ou questões atuais. Assim, quando se deparam com um fenômeno específico novo, as pessoas podem "trabalhar em suas experiências comuns de formas especificamente diferentes" constituindo diferentes unidades geracionais (Mannheim 1952, p. 304).

Dentro dessa perspectiva teórica, a idade biológica é reivindicada como um elemento fundamental na elaboração do conceito de geração. No entanto, quando esse conceito é socialmente estabelecido, deve-se considerar uma abordagem mais ampla - a cultural - que faz com que uma geração seja construída coletivamente, compartilhando e dando resposta a experiências comuns que se tornam um elemento da identidade geracional (Opermann, 2014). Esses aspectos também poderiam ser interpretados na forma como muitas pessoas mais velhas lidam com esse fenômeno relativamente novo: a chegada das tecnologias digitais em suas vidas.

Os meios de comunicação são um marcador importante dentro deste processo social, onde a relação entre memórias históricas e as mídias está estreitamente ligada e as tecnologias fazem parte de um conjunto de elementos que contribuem para moldar identidades geracionais. Jornais, programas televisivos e os recursos proporcionados pelas TIC podem servir como referência para toda uma geração (Azevedo, 2012). Além de diferenças que poderiam ser explicadas por escolhas pessoais e por opções de estilo de vida, há um fundo comum resultante do fato das pessoas que compartilharam o mesmo ambiente cultural, social e histórico terem experiências relacionada com as mídias muito semelhantes, através de consumo de seus conteúdos e acesso às tecnologias (Azevedo, 2012): Os meios de comunicação possuem diferentes papéis em diferentes momentos da construção social de identidades partilhadas e esses papéis são fortemente afetados por muitas variáveis, ambas socioculturais e tecnológicas (Aroldi, 2011).

Traços biográficos coexistem com características históricas e culturais e pertencer a um grupo etário específico está ligado a experiências históricas, ao desenvolvimento de hábitos de consumo (Volkmer, 2006) ou a ocupação de determinadas posições dentro do ambiente familiar (Bertaux e Thompson, 1993). Características sociodemográficas também ajudam a moldar o conceito de geração e devem ser levadas em consideração como é o caso do gênero, da educação, do capital cultural, das condições econômicas e mesmo geográficas (Azevedo, 2012).

Como já referimos, os acontecimentos que ocorrem durante os anos formativos (Mannheim, 1952) são de fundamental importância para o surgimento de uma determinada geração e coincidem com o momento em que os mais jovens começaram a utilizar as TIC, algo que não ocorreu com as gerações mais velhas, especialmente no caso dos idosos. Essa diferenciação é apontada por Prensky (2001) que introduziu a ideia de nativos digitais fazendo referência aos mais jovens que nasceram em um ambiente tecnológico e “falam a linguagem” dessas tecnologias; e as gerações mais velhas que são identificadas como imigrantes digitais, pois não nasceram no mundo digital, mas que em algum momento de suas vidas se interessaram e adotaram esses recursos.

Contudo, devemos questionar se realmente existe essa diferenciação tão marcada entre a geração que cresceu com TIC e que utilizam esses meios de forma inerente e sem constrangimentos técnicos e, especialmente, se há uma geração de idosos que possui dificuldade em adaptar-se e em manter-se atualizada com o desenvolvimento tecnológico. Isso porque existem críticas que afirmam que não há evidência empírica para apoiar uma divisão tão rígida baseada na faixa etária, pois em cada geração sempre haverá pessoas que têm problemas com as TIC e que nem todos os idosos se tornaram imigrantes digitais (Loos, 2012), visto que a maioria deles, em muitas partes do mundo, ainda se encontra digitalmente excluída como é o caso do Brasil e de Portugal.

Pesquisadores como Lenhart e Horrigan (2003) introduziram uma perspectiva diferente que chamaram de *digital spectrum*. Aqui, as pessoas são classificadas, independentemente da idade, em vários níveis segundo o uso que dão aos meios de comunicação digitais dependendo da idade, mas também de outros fatores como gênero, educação e frequência do uso. Por considerarmos que essa última abordagem dá uma visão mais ampla e completa para entendermos as complexas relações entre idosos e TIC, temos como objetivo, na presente pesquisa, contrariar a tendência para considerar os idosos como um grupo homogêneo e reconhecer as diferenças existentes entre eles, na expressão chamada por Dannefer (1988) de *aged heterogeneity*.

Referências têm sido feitas sobre a categoria conhecida como *silver surfers*, ou seja, seniores que usam, dominam as tecnologias de informação e comunicação, principalmente a internet (Selwyn, *et al.*, 2003) e, conseqüentemente, tiram proveito do uso das TIC. Apesar do aumento contínuo do número de pessoas mais velhas que integram essa categoria, existe pouca evidência que sustente a existência de uma geração de *silver surfers* no Brasil e em Portugal. Isso porque as taxas de utilização da internet são ainda baixas com 22% (60 anos ou mais) (CGI.br, 2016) e 33% (65-74 anos) (INE, 2017), respectivamente. Apesar dessas evidências, a noção de *silver surfers* reforça a ideia de que essas pessoas se beneficiam das TIC e que as suas habilidades de usar as tecnologias significam a construção de uma “ponte” que diminui as diferenças para com as gerações mais jovens (Ponte, 2011; Selwyn, Gorard e Furlong, 2003).

Assim como a teoria do curso de vida, o conceito de geração envolve o contexto social e o fato de que o impacto dos acontecimentos depende de qual fase da vida ocorreram, pois, começar a utilizar uma tecnologia digital durante a velhice é diferente de começar a fazê-lo na infância, por exemplo. Estamos hoje numa nova era das tecnologias pessoais, investidas de um acesso mais individual e móvel. Assim, estudar a relação das pessoas mais velhas e as tecnologias que predominam hoje na nossa sociedade, como é o caso do celular, do computador e da internet e, mais recentemente, do tablet ajuda-nos a entender as consequências e as relações sociais que vieram com os seus usos e apropriações (Azevedo, 2013). A aquisição de competência para lidar com as tecnologias digitais é um importante elemento de apoio ao envelhecimento ativo para a abertura de novas oportunidades de aprendizagem para esta faixa da população, tanto na educação formal ou em contextos informais. A utilização das TIC é também um meio privilegiado de aprendizagem, criando benefícios para diferentes gerações, podendo aproximar os jovens e os idosos e diminuir aquilo que é conhecido como "fosso digital" (European Commission, 2012).

1.3- Entre a teoria da atividade e a teoria do desengajamento

Na década de 1950, a literatura sociogerontológica foi predominantemente organizada em torno da ideia de que existe uma relação positiva entre manter um estilo de vida ativo numa idade avançada e a satisfação pessoal com a vida (Katz, 2000). Esse ponto de vista, mais tarde, veio a ser chamado de *teoria da atividade*. Baseada no interacionismo simbólico, a teoria da atividade estabelece uma distinção entre o declínio na função fisiológica e a real capacidade de funcionamento social das pessoas. Assim, embora o indivíduo possa mudar ou alterar o seu nível de atividade ao envelhecer, as ocupações que foram abandonadas devem ser substituídas por outras, de acordo com a sua atual condição de vida. Essa teoria recebeu considerável apoio empírico (Shmanske, 1997; Searle *et al.*, 1995; Riddick e Stewart, 1994; Fernandez-Ballesteros, Zamarron e Ruiz, 2001). Os defensores afirmaram que pessoas ativas são mais felizes e mais bem adaptadas, pois o bem-estar no final da vida resulta de um

aumento de funções desempenhadas (Havighurst e Albrecht, 1953; Lemon *et al.*, 1972).

A teoria da atividade leva em consideração a autoestima de cada indivíduo e, conseqüentemente, percepção de qualidade de vida. Quanto mais pessoal e frequente é a atividade, mais reforçados e específicos são os papéis que apoia tornando-se uma necessidade para a manutenção de uma visão positiva do idoso de si próprio que, por sua vez, está associada a altos níveis de satisfação com a vida (Hendricks *et al.*, 1981). Resumindo a tese central da teoria da atividade, Blau (1973, p. 125) nota que "quanto maior o número de recursos opcionais com os quais o indivíduo entra na velhice, melhor ele suportará a desmoralização dos efeitos da saída obrigatória de funções que normalmente é prioridade na vida adulta".

Em 1961, por sua vez, a *teoria do desengajamento* (Cumming e Henry, 1961) pressupunha uma concepção da velhice oposta à teoria apontada anteriormente, ao apresentar a controversa ideia de "declínio" ao recém-emergente campo multidisciplinar da gerontologia moderna (Achenbaum e Bengtson, 1994). A teoria do desengajamento afirmou que "o envelhecimento da população é uma realidade inevitável, com afastamento mútuo, resultando em menor interação entre a pessoa envelhecida e outros indivíduos do sistema social a que pertence" (Cumming e Henry, 1961, p. 14). A hipótese do desengajamento proposta por Cumming e Henry postulou, portanto, que em um processo de envelhecimento mais avançado, o indivíduo abandona atividades que são centrais na vida como trabalhar, por exemplo, trazendo uma redução significativa da interação social que resultará em menos atividades diversificadas e, conseqüente, perda de autoestima (Warren, 1973).

Desde a sua apresentação, muitas investigações criticaram e confirmaram partes da teoria do desengajamento, desmontando suas variáveis, sugerindo outras explicações e testando-a em diferentes populações (Russell, 1975). Os críticos e defensores da teoria do desengajamento reconheceram que a sua formulação sobre o afastamento durante o processo de envelhecimento avançado foi uma audaciosa tentativa de definir, talvez pela primeira vez por pesquisadores da área da gerontologia, uma teoria multidisciplinar, não patológica nem ligada à senescência

(Achenbaum e Bengtson, 1994). Contudo, a teoria provocou controvérsia porque foi descrita como inata, unidirecional e universal, uma visão simplista (McGuire e Norman, 2005) e que não conseguiu representar toda a complexidade que envolve o processo de envelhecimento e a heterogeneidade dos indivíduos idosos.

A teoria da atividade, apesar de ser mais aceita, também é vulnerável a várias críticas. Em primeiro lugar, a teoria pressupõe que todas as pessoas mais velhas precisam e desejam alto níveis de atividade social. Contudo, alguns idosos podem preferir baixos níveis de atividade e interação social e outros podem não desejar assumir novos desafios. Também são ignorados aspectos ligados à saúde, às disparidades econômicas que podem limitar ou diminuir o desejo e as possibilidades de algumas pessoas mais velhas de participar em atividades sociais.

Há ainda razão para suspeitar que os efeitos de manter-se ativo não se aplicam em todos os contextos, subgrupos e tipos de atividades. Existem estudos que apontam diferenças de gênero como é o caso do estudo desenvolvido por Iwasaki e Smale (1998) onde as atividades de lazer foram muito valorizadas e entendidas como benéficas por mulheres aposentadas, mas não por homens que se encontravam na mesma condição. Outro estudo (Nimrod, 2007a) demonstrou que apenas certas atividades, como por exemplo, as atividades culturais e atividades com a família, foram associadas com o bem-estar de aposentados, enquanto outras, como assistir televisão e ouvir rádio, foram relacionadas negativamente. Para além disso, também foram identificadas atividades neutras, ou seja, sem ligação com o bem-estar das pessoas mais velhas. Outros estudos têm sugerido que o desenvolvimento de algumas atividades durante a velhice pode ser considerado excessivo, irracional e desagregativo (Ekerdt, 1986; Tornstam, 1992). No entanto, a participação ativa é, geralmente, considerada como benéfica e como uma forma útil para lidar com aspectos psicológicos como é o caso do *stress* e depressão (Rowe e Kahn 1997; Charness e Schaie, 2003; Bowling, 2008).

Décadas mais tarde, ambas as teorias continuam a suscitar interesse entre as pesquisas na área da gerontologia, através de releituras dos seus princípios básicos com referência a uma sociedade onde os idosos têm ganhado importância

impulsionada por um processo de envelhecimento cada vez mais avançado em grande parte do mundo. Apesar de todas as críticas lançadas contra ambas as teorias, permaneceu o tema subjacente de como adultos mais velhos são retratados no seio da sociedade: a literatura sociogerontológica e o debate social, tradicionalmente, têm destacado as limitações das pessoas idosas (Boudiny e Mortelmans, 2011).

1.3.1 - O envelhecimento ativo, a atividade e a produtividade na terceira idade

O curso de vida de uma pessoa é tradicionalmente dividido em três fases sucessivas: a aprendizagem, o trabalho e o repouso, sendo a terceira, tradicionalmente, relacionada ao declínio, à dependência e à perda (Townsend, Godfrey e Denby, 2006). Esse aspecto negativo na representação de adultos mais velhos se encaixa dentro do chamado modelo de déficit que serviu para legitimar a tendência para a saída precoce do mercado de trabalho, o que ficou evidente entre os homens mais velhos na maioria dos países desenvolvidos durante o período de pós-guerra (Walker 2006; Ribeiro, 2012). Nas décadas de 1970 e 1980, as políticas públicas em muitos países europeus encorajaram a retirada das pessoas mais velhas do mercado de trabalho como forma de ajudar no controle do crescente desemprego nas camadas mais jovens da população (Van den Heuvel *et al.*, 2006). A partir da década de 1990 passou-se a ter uma maior preocupação com as questões relacionadas ao envelhecimento global que resultaria em uma quebra da percepção de que a fase mais tardia do curso da vida, a velhice, estaria ligada à ideia de repouso e não produtividade (Ribeiro, 2012; Boudiny e Mortelmans, 2011).

No entanto, ainda hoje, existe o entendimento de que quando uma pessoa passa pelo processo de aposentadoria e deixa o mercado de trabalho acaba por afastar-se das atividades econômicas formais. A aposentadoria, portanto, funcionaria como um afastamento político e social sendo entendida, muitas vezes, como um processo de desengajamento. Essa exclusão contribui para a percepção popular de que o idoso é socialmente inativo, gerando estereótipos discriminatórios classificando-os como passivos, voltados para questões de ordem familiar, limitados ao ambiente doméstico e desinteressados pela participação social e política. Manter-se ativo tem

sido uma das bandeiras levantadas pelo discurso político para combater essa visão e no que concerne a iniciativas relacionadas à adaptação às mudanças demográficas. Portanto, essa fase de “repouso” já não seria viável na atual evolução demográfica. Dentro deste contexto, o conceito de envelhecimento ativo emergiu.

Enraizada na teoria da atividade, o discurso do envelhecimento ativo se concentra em incentivar a continuação da participação dos idosos na sociedade. A Organização Mundial da Saúde apresentou o conceito de envelhecimento ativo como um processo de otimização de oportunidades de saúde, participação e segurança com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas à medida que envelhecem (Organização Mundial da Saúde, 2002) e de combater a discriminação baseada na idade (Fernandez-Ballesteros *et al.*, 2011). A definição de envelhecimento ativo é ampla e aplica-se a indivíduos e a grupos populacionais. O objetivo é fazer com que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental em todas as fases da vida e que participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades, proporcionando proteção, segurança e cuidados adequados, quando são necessários (Organização Mundial da Saúde, 2002).

A abordagem do envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. Assim, o planejamento estratégico deixa de ter um enfoque baseado nas necessidades (que considera as pessoas mais velhas como alvos passivos) e passa a ter uma abordagem baseada em direitos, o que permite o reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida à medida que envelhecem. Essa abordagem apoia a responsabilidade dos mais velhos no exercício de sua participação nos processos políticos e em outros aspectos da vida em comunidade (Organização Mundial da Saúde, 2005, p. 14).

Este conceito da OMS defende a ideia de que a velhice pode ser um período de vivacidade e de boas experiências (Katz, 1996), que pode ser alcançado quando o idoso se esforça para manter as suas atividades e relações sociais (Nimrod e Rotem, 2011) conforme aspectos da sua vida atual. A teoria da atividade fornece uma justificativa conceitual para um pressuposto subjacente a muitos programas e intervenções para os idosos, onde envolver-se socialmente é visto como algo positivo trazendo uma vida mais plena ao idoso. Apesar de existirem críticas à suposição de que as pessoas

possam controlar as suas próprias situações sociais (Katz, 1996), a teoria da atividade e o conceito de envelhecimento ativo, por sua vez, defendem que o idoso deve empenhar-se para se manter envolvido socialmente, sendo, portanto, um processo que o próprio indivíduo tem o dever de manipular.

O conceito de envelhecimento ativo, desde a sua apresentação na década de 1990 tem feito cada vez mais parte do discurso relacionado à população idosa. A partir de 2012 com o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações (Eurostat, 2012) houve um maior destaque na política europeia com o incentivo de iniciativas locais (União Europeia, 2011) onde se inclui Portugal com a resolução da Assembleia da República nº61/2012 (Governo de Portugal, 2012a) e o plano de ação para o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações (Governo de Portugal, 2012). No Brasil, uma conotação oficial veio em 2013 com a assinatura do Decreto nº 8.114 quando o Governo determinou um compromisso nacional para o envelhecimento ativo e estabeleceu uma comissão para a sua implementação (Governo Brasileiro, 2013).

A palavra “ativo” também se refere a continuação de uma participação social, econômica, cultural, espiritual e cívica para além da proteção do direito das pessoas idosas de continuarem a trabalhar, se assim o desejarem (Organização Mundial da Saúde, 2002). Alguns especialistas têm questionado a ideia de “ser ativo” no que concerne às agendas e iniciativas políticas e sociais, pois nota-se uma tendência para uma prevalência da ideia de “ser produtivo” (Ribeiro, 2012; Walker, 2008; Fernandez-Ballesteros, Zamarron e Ruiz, 2001). Essa ideia de envelhecimento ligada à produção de bens esteve muito arreigada ao objetivo de fazer frente contra a discriminação baseada na idade ao apelar para uma abordagem positiva do envelhecimento (Bass, Caro e Chen, 1993; Walker, 2008). Contudo, sabe-se também que tem como objetivo incentivar as pessoas a permanecerem mais tempo no mercado de trabalho e, conseqüentemente, postergarem a aposentadoria contribuindo para não sobrecarregar o sistema previdenciário. Isso leva à ideia de envelhecimento produtivo, geralmente, concentrado de forma restritiva sobre a produção de bens e serviços e, por conseguinte, não dispõe de ênfase sobre o curso da vida e o bem-estar que é proposto no paradigma de envelhecimento ativo.

Lopes e Gonçalves (2012) analisaram a vida ativa dos idosos portugueses fazendo realce nas relações familiares e concluíram chamando a atenção para o fato de que as pessoas idosas não são valorizadas enquanto recurso para as gerações mais jovens. Essa conclusão se referiu, principalmente, ao contexto de crise econômica mais profunda que a sociedade portuguesa se encontrava quando o estudo foi desenvolvido e que poderia facilmente representar as dificuldades sociais e econômicas que o Brasil se encontra atualmente. Os autores também chamaram a atenção para o desinteresse sobre essa discussão pela comunidade científica e política. Ribeiro (2012), por sua vez, ao fazer uma análise sobre os constrangimentos do significado do conceito de envelhecimento ativo e ao falar de produtividade, chamou de “contributos escondidos” a falta de valorização da atividade do idoso no ambiente doméstico:

Assim, e apesar de definições mais abrangentes de “envelhecimento produtivo” chegarem a incluir atividades como o voluntariado, as relações intergeracionais, ou mesmo a participação em organizações políticas e de apoio social (cf. Martin, Guedes, Gonçalves e Cabral-Pinto, 2006), numa abrangência que se reflete, por si só, eficaz na dissipação de uma imagem dos mais velhos como dependentes ou meros receptores de cuidados, a verdade é que esta incorporação parece dar continuidade a uma leitura demasiado economicista do termo (Ribeiro, 2012, p. 42).

As tarefas do cotidiano não acabam com a chegada da aposentadoria, como é o caso de atividades domésticas e de apoio familiar. Mesmo assim, essas práticas desempenhadas, principalmente, pelas mulheres mais velhas, são remetidas para uma esfera secundária de importância fazendo com que sejam entendidas como tarefas socialmente pouco valorizadas, prevenindo ganhos para o bem-estar e autoestima desses indivíduos (Rosa, 2015). Para os teóricos que analisam essas perspectivas, o afastamento não seria um processo natural como afirmaram Cumming e Henry, mas sim inerente ao *ageism* ou idadismo, discriminação baseada na idade, sem contributo para um “envelhecimento de sucesso”.

A definição de sucesso é, tipicamente, inerente à atividade física ou social (Phelan e Larson, 2002), ambas ligadas a um conceito mais amplo chamado de envelhecimento bem-sucedido (Rowe e Kahn, 1997) que abordaremos com mais detalhes mais à frente neste capítulo. Contudo, existem estudos que atestam que para um envelhecimento de sucesso não são necessários altos níveis de atividade. Por

exemplo, um indivíduo que sofra de severas perdas funcionais talvez não veja o sucesso como engajamento social, mas sim como preservação das habilidades que lhe restam (McGuire e Norman, 2005). Tornstam (1992, p. 223) questiona a atitude dos gerontologistas ao dizer que “nós colocamos nosso ‘chapéu’ teórico na cabeça das pessoas mais velhas sem pensar que os nossos pontos de partidas para avaliação são relativos”. Katz (2000) também discorre sobre a discussão e questiona a atividade como forma de trazer bem-estar na terceira idade:

A maioria do discurso político da gerontologia representa a atividade como "positivo" e algo que vai contra as forças "negativas" da dependência, da doença e da solidão. No entanto, a compreensão das expectativas para que as pessoas mais velhas permaneçam ativas representa uma questão mais complexa do que o que é sugerido pelo típico binarismo do positivo e negativo defendido pela literatura e por programas sociais. Especificamente, quando agendas neoliberais anti-bem-estar tentam a reestruturação da dependência através da promoção acrítica da atividade positiva, elas também problematizam os indivíduos mais velhos que vivem como dependentes e "em risco". Não são apenas as imagens médicas e culturais de uma velhice ativa que são predominantes, também toda a população dependente que está fora do mercado de trabalho - desempregados, deficientes, aposentados – torna-se alvo de políticas do Estado para que sejam "capacitados" e "ativados". A velha tensão social entre a produtividade e a improdutividade está sendo substituída por um espectro de valores que abrange atividade e inatividade. Permanecer ativo como um recurso para a mobilidade e a escolha num período mais tardio da vida é, portanto, uma luta em uma sociedade onde a atividade tem tornando-se uma panaceia para as aflições políticas sobre o declínio do bem-estar e a gestão das chamadas populações de risco. (Katz, 2000, p. 13).

Apesar da importância desses questionamentos para reflexão sobre a busca incessante da atividade, a verdade é que, em sua maioria, os estudos científicos dão conta de que manter-se ativo numa fase posterior da vida é benéfico para o indivíduo (Páscoa e Gil, 2015; Llorente-Barros, Viñarás-Abad, e Sánchez-Valle, 2015; Colombo, Aroldi e Carlo, 2015; Nimrod, 2007b; Raymundo, 2013; Khullar e Reynolds, 1990; Bowling, 2005a).

Segundo Walker (2008), o envelhecimento ativo deve ser uma estratégia abrangente para maximizar a participação e o bem-estar das pessoas mais velhas e tem de operar simultaneamente ao nível individual (estilo de vida), organizacional (gestão), societal (política) e em todas as fases do ciclo de vida. Portanto, a "atividade" também significaria uma contribuição para o bem-estar do indivíduo idoso e da sua

família, da comunidade local ou da sociedade em geral e não deveria se centrar apenas no aspecto produtivo através de uma atividade remunerada. Isso também significa que o envelhecimento ativo engloba todas as pessoas mais velhas, mesmo aquelas que são, em qualquer medida, dependentes e frágeis. Isso serviria para evitar o perigo de um foco apenas sobre os idosos com menos idade excluindo aqueles que se encontram em um estágio mais avançado da vida (Organização Mundial da Saúde, 2002).

1.4- Selecionar, otimizar e compensar

O modelo *otimização seletiva com compensação* (SOC) foi proposto por Baltes e colegas como um pré-requisito para o "envelhecimento bem-sucedido" (Carr, 2009; McGuire e Norman, 2005). Esse é um paradigma que tem sido gradualmente desenvolvido dando ênfase sobre o positivo, o saudável, o bom, o ativo ou o envelhecimento com sucesso obtido através da adaptação e ajustamento de funções socialmente aceitáveis (Bowling, 2005a). “Com a perspectiva SOC os indivíduos procuram simultaneamente maximizar os ganhos e minimizar as perdas. Portanto, o envelhecimento bem-sucedido prevê a minimização das perdas e maximização dos ganhos” (McGuire e Norman 2005, p. 96), contexto, esse, também facilmente relacionado à teoria da atividade (Carr, 2009).

Perspetivas funcionalistas salientam que um envelhecimento bem-sucedido é obtido através da adaptação e ajustamento social. Rowe e Kahn (1997) definiram envelhecimento bem-sucedido como a habilidade de manter comportamentos essenciais relacionados ao baixo risco de doenças, a um alto funcionamento físico e mental e manter-se ativamente engajado com a vida. Contudo, existem inúmeras definições de envelhecimento bem-sucedido: manter-se ativo e produtivo; alcançar o bem-estar físico, psicológico e social; ter a capacidade de adaptar-se para enfrentar desafios que surgem com o avançar da idade; manter um sentido realista de si próprio e do ambiente que o rodeia; empregar estratégias compensatórias para superar novas realidades; manter uma eficiência cognitiva. Há evidências que essas estratégias estão

associadas a níveis mais elevados de satisfação e de qualidade no processo de envelhecimento (Bowling, 2005b).

O modelo SOC (P. B. Baltes e Baltes, 1990; A. M. Freund e Baltes, 2002) é amplamente aceito pelos especialistas. Essencialmente, alega que o envelhecimento pode ser adaptável para dar resposta a fatores limitantes que acompanham o processo de envelhecimento mais avançado. Isso poderia ser feito com a seleção e, consequente, abandono de atividades que são menos significativas no cotidiano das pessoas idosas, com o objetivo de compensar perdas de algumas capacidades que surgem com o avançar da idade e otimizar outras atividades consideradas indispensáveis. Essa proposta faz com que o modelo SOC não seja tão radical como aquele apresentado pela teoria do desengajamento. Contudo, para a sua boa execução uma hipótese dá conta da necessidade da posse de recursos, definida como a capacidade do indivíduo de ter domínio sensorial, cognitivo, de personalidade e de funcionamento social (Lang e colegas, 2002; Baltes e Lang, 1997; Steverink *et al.*, 2001).

A seleção refere que um indivíduo deve restringir suas atividades para menos domínios de funcionamento por causa de perdas ligadas ao aumento da idade e ao potencial adaptativo. Uma focagem seletiva em algumas atividades pode ajudar a preservar recursos para outras de rotina obrigatória e, assim, manter a saúde e uma vida independente (Baltes e Carstensen, 1996) concentrando-se em menos atividades que sejam mais relevantes para alcançar os seus objetivos. Lang e colegas (2002) falam de atividades de lazer para exemplificar a seleção: um idoso deixaria de jogar tênis e futebol, mas permaneceria fazendo caminhada no sentido de continuar ativo fisicamente. **Seleção** é, portanto, o processo de redução do número de competências, objetivos e atividades em que se está envolvido para permitir o aumento do foco em domínios que são mais importantes na vida.

A otimização, por sua vez, reflete a ideia de que as pessoas devem envolver-se em comportamentos que possam ampliar e enriquecer suas escolhas ao longo do curso de vida. A otimização refere-se a processos adaptativos ou estratégias onde não tenham ocorrido perdas diretas ou indiretas e onde uma melhoria ou maximização dos

meios possa ter ocorrido. Na ausência de perdas que entravam as seleções de atividades, uma estratégia refere-se ao regulamento de investimentos de tempo em domínios de atividades como o lazer cultural, físico e intelectual ou a participação social.

O modelo SOC defende que investir mais tempo e esforço em tarefas específicas resulta em um padrão de maior variabilidade na duração de tais tarefas, pois refletem as escolhas e reajustes na vida cotidiana. Ou seja, a **otimização** compreende o ato de maximizar simultaneamente alguns domínios ao levar muito tempo para fazer o que é entendido como importante e minimizar investimentos em outros domínios através da redução do tempo investido para a sua execução (Baltes e Baltes, 1990).

Assim como a seleção, a compensação resulta da restrição da amplitude dos potenciais adaptativos e preconiza que a pessoa deve tornar-se operacional em capacidades específicas para compensar aquelas que foram perdidas ou reduzidas abaixo de um padrão exigido para uma operacionalidade adequada. Freud e Baltes (2002) definem **compensação** como o uso de novos meios alternativos para alcançar uma meta ou a manutenção de um estado desejado quando ocorrem perdas e quando o nível de funcionamento já não está disponível.

É esperado que a compensação ocorra exclusivamente no contexto de perda ou de declínio. Argumenta-se que na adaptação às perdas causadas por um processo de envelhecimento avançado, a compensação é mais provável de ocorrer quando meios alternativos ou recursos relevantes para a realização do mesmo objetivo estão disponíveis (Baltes *et al.*, 1999). A manutenção de um determinado nível de funcionamento devido ao declínio de capacidades pode ser alcançada através da utilização de novos meios compensatórios internos ou externos, tais como aparelhos auditivos e óculos, ou por ativar recursos não utilizados, tais como apelar a ajuda dos outros. Dentro dessa perspectiva, também poderíamos citar o uso das tecnologias de informação e comunicação como recurso de compensação de perdas. Por exemplo, quando existe a dificuldade de locomoção, o idoso poderia utilizar as TIC e a internet para aceder a serviços de banco, fazer compras *online* ou utilizar aplicativos que

permitam a comunicação com outras pessoas sem a necessidade de sair de casa. Dessa maneira, dominar conhecimentos relacionados com as tecnologias digitais seria uma forma de se preparar melhor para o envelhecimento avançado e de contornar problemas gerados pela idade (Eurostat, 2012).

O modelo SOC está presente em todas as fases da vida, mas na transição para a velhice existem duas diferentes hipóteses. A primeira argumenta que, com a idade, as pessoas farão melhor uso do que propõe o modelo devido à acumulação de experiência de vida (Baltes e Baltes, 1990). Por outro lado, fatores biológicos e limitações físicas causados pelo envelhecimento são, muitas vezes, uma força que contraria a hipótese anterior. Pesquisas demonstram, inclusive, que em consequência da velhice a expressão do SOC pode diminuir, especialmente, depois dos 72 anos (Freund e Baltes, 2002). Por conseguinte, devido ao fato de as perdas relacionadas com o envelhecimento, muitos indivíduos não conseguem colocar em prática os três processos fundamentais que regulam esse modelo, pois dependem do domínio do funcionamento social, cognitivo e físico sobre o nível individual e societal (Freund e Baltes, 2002).

Embora as teorias sobre o declínio social sejam consideradas controversas ou mesmo ofensivas, evidências sugerem que algum nível de “desengajamento” pode ser positivo como foi apontado no ato de “selecionar” atividades. Para entendermos melhor essa linha de pensamento, poderíamos pegar como exemplo o trabalho de Johnson e Barrer (1994, p. 352) que afirma que “alguns elementos da teoria do desengajamento talvez sejam relevantes para a vida de alguns indivíduos muito velhos”. Esses autores estudaram a interação social de indivíduos idosos e concluíram que as pessoas muito velhas e com piores condições de saúde modificavam do seu mundo social pela redefinição do nível ideal de integração social, rejeitando as normas que colocam expectativas sobre eles e aumentando a introspecção. Estes atos de desengajamento parecem produzir um certo alívio para o idoso (Nimrod, 2007b). Portanto, a premissa de que o envolvimento é melhor do que o não envolvimento social pode não ser verdadeira para todos os casos, pois existem circunstâncias que apoiam a inatividade ou, pelo menos, a sua diminuição significativa.

1.5 - Teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido e os desafios para os mais velhos

A aposentadoria é uma importante transição no curso de vida de uma pessoa e que, como qualquer outra mudança, requer ajustes, pois a quantidade significativa de tempo livre adicional é um dos principais desafios e a forma como está sendo utilizado pode fazer com que a adaptação seja mais fácil ou mais difícil (Nimrod e Kleiber, 2007). Pesquisas indicam que, embora pessoas idosas tenham grande poder discricionário de tempo, tendem a não participar em mais atividades do que antes de se aposentarem (Janke, Davey e Kleiber, 2006), mas realizar as mesmas ocupações (Iso-Ahola, Jackson e Dunn, 1994) ou a retomar àquelas que estavam interessadas ou que dominavam antes de se aposentarem (Atchley, 1993). Alguns estudos, inclusive, dão conta de que recém-aposentados são mais susceptíveis de reduzir do que aumentar suas ações (Iso-Ahola, Jackson e Dunn, 1994; Nimrod, 2007a; Strain *et al.*, 2002) fazendo com que a introdução de novas atividades na terceira idade seja uma atitude incomum, apesar de terem mais tempo disponível (Iso-Ahola, Jackson e Dunn, 1994; Nimrod, 2007a; Atchley, 2000; Kelly, 1993).

Outras pesquisas, no entanto, indicam que os adultos mais velhos que procuram novas formas de lazer aumentam a sua satisfação com a vida (Liechty, Yarnal e Kerstetter, 2012; Nimrod, 2008; Nimrod e Kleiber, 2007). Isso seria particularmente identificado no caso de recém-aposentados ou daqueles prestes a se aposentarem porque são mais propensos a serem diferentes das gerações anteriores em termos de características sociais e demográficas (Pruchno, 2012) e também pelos níveis mais elevados de educação (Frey, 2011), pela maior renda e menos restrições para realização de atividade de lazer em sociedade (Liechty, Yarnal e Kerstetter, 2012; Freedman, 2008).

Os benefícios das novas experiências de lazer em adultos mais velhos têm sido alvo de interesse na comunidade científica. A *teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido* é a primeira a se concentrar exclusivamente em lazer e envelhecimento (Nimrod e Kleiber, 2007; Nimrod, 2007b; Nimrod e Rotem, 2012; Nimrod, 2008; Nimrod e Hutchinson, 2010). A teoria da inovação aborda especificamente a adoção de

novas atividades de entretenimento por pessoas com idade avançada e "propõe considerar a inovação como um mecanismo que permite o crescimento para alargar e aprofundar o sentido de vida que leva ao maior bem-estar e satisfação" (Nimrod e Rotem 2012, p.383).

Essa teoria foi sugerida por Nimrod e Kleiber (2007) e consiste em quatro pontos principais: 1- A motivação para inovar pode resultar de várias iniciativas de cariz interno ou externo ao indivíduo, instrumental ou mesmo imposto. Na maioria dos casos, a motivação para a inovação é relacionada à combinação do ambiente em que se vive e a processos intrapessoais; 2- A inovação representa uma oportunidade para a renovação e crescimento ou pode ser uma continuidade de interesses e capacidades anteriores; 3- Existem dois tipos de inovação para as quais as pessoas são atraídas: reinventar/mudar ou preservar a percepção de si próprias; 4- Por último, a teoria estabelece que a inovação tem um impacto positivo no bem-estar dos idosos.

Várias investigações apoiam e refinam a teoria de inovação. Um projeto de investigação quantitativo estudou recém-aposentados (Nimrod, 2008) e demonstrou que os inovadores, ou seja, pessoas que iniciaram pelo menos uma nova atividade de lazer depois de se aposentarem, apresentaram um maior índice de satisfação com a vida do que os não inovadores. Esse estudo sugere também que a inovação não é tão rara quanto se pensava anteriormente (Atchley, 2000; Kelly, 1993; Long, 1987), uma vez que metade das pessoas que participaram da pesquisa adicionou, pelo menos, uma nova atividade de recreação ao seu repertório.

Contrariando a tendência de a maioria dos estudos ter como público-alvo idosos relativamente jovens e saudáveis, Nimrod e Hutchinson (2010) examinaram se a inovação poderia desempenhar um papel importante na adaptação às mudanças entre idosos com uma saúde física que limitava as atividades do dia a dia. Os autores concluíram que as mudanças na saúde podem servir como um impulsionador direto ou indireto para a inovação e que o seu principal papel entre adultos mais velhos com a condição crônica de saúde foi a preservação de um "sentido de continuidade" (Nimrod e Hutchinson, 2010, p. 21) em suas vidas. Entre essas pessoas verificou-se que, apesar da limitação física, muitos foram considerados inovadores. Esse tipo de

comportamento pareceu ter um impacto positivo no bem-estar dos idosos e levou a sugerir que a inovação pode resultar em uma parte integrante no processo de enfrentamento quando a saúde diminuiu e aparecem as deficiências físicas (Nimrod e Rotem, 2012).

Os resultados do estudo desenvolvido por Liechty e Yarnal (2009) com mulheres em idade de reforma também vão de encontro aos fundamentos da teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido, pois concluíram que inovação promove mais inovação no sentido de que as experiências positivas de novas atividades reforçam a capacidade e vontade para adicionar mais atividades. Em outros estudos desenvolvidos com mulheres em idade de reforma (Liechty, Yarnal e Kerstetter, 2012) foi identificado que os participantes atribuíram significado à inovação no lazer quando lhes permitia exprimir valores para manter a identidade pessoal. Esses pesquisadores também sugeriram que o gênero possa desempenhar um papel nas experiências de inovação, mas pouca pesquisa explorou a teoria de inovação especificamente entre os homens.

Se a inovação parece ter um impacto positivo sobre o bem-estar dos idosos, também é importante mencionar que essa consequência pode não ser direta, pois algumas pesquisas dão conta de que os idosos atribuíram altos níveis de satisfação com a vida, em geral, e não exclusivamente ligado à inovação:

A diferença entre os participantes que relataram o mesmo nível de satisfação com a vida após a aposentadoria e aqueles que relataram um aumento de felicidade não foi baseada no número de novas atividades ou sobre o tipo de inovação. Estes últimos simplesmente sentiram, mais do que outros que as suas vidas tinham significado e que tinham um sentido de finalidade ajudando os outros, criando ou aprendendo algo de novo (Nimrod e Kleiber, 2007, p.17).

Enquanto a execução de novas atividades faz com que os idosos se sintam mais dinâmicos, o papel mais expressivo da inovação parece ser a criação de uma oportunidade para uma vida mais desafiadora e significativa. Nesse sentido, a inovação talvez seja considerada como um mecanismo que permite que o processo de envelhecimento mais avançado seja ativo.

1.5.1- Tecnologia positiva: o uso das TIC como uma forma de inovação

O conceito de *tecnologia positiva* (Riva *et al.*, 2014) é uma abordagem científica sobre a utilização da tecnologia como forma de melhorar a qualidade de experiências pessoais. Os autores sugerem que é possível usar a tecnologia para manipular a qualidade da experiência com o objetivo de aumentar o bem-estar gerando pontos fortes de resiliência entre indivíduos, organizações e a sociedade. Riva e colegas (2014) classificam as tecnologias positivas segundo os seus efeitos sobre as seguintes características da experiência pessoal: as tecnologias usadas para induzir experiências positivas e agradáveis; as tecnologias utilizadas para apoiar as pessoas no envolvimento de novas experiências; e por fim, no contexto social e das relações interpessoais, ou seja, as tecnologias utilizadas para dar suporte e melhorar o entrosamento entre os indivíduos, grupos e organizações. A tecnologia positiva está relacionada com o conceito de bem-estar e, no contexto da presente pesquisa, poderíamos apontar como potencial para apoiar as pessoas mais velhas da sociedade em novas experiências.

O uso das tecnologias de informação e comunicação pode ser uma forma de lazer. Uma ilustração do seu impacto positivo no processo de envelhecimento é demonstrada por estudos que afirmam que do fato de se aprender como usar um computador e a internet ressalta o sentido de independência (Henke, 1999) e cria um processo de *empowerment* (Shapira, Barak e Gal, 2007). O uso das TIC também proporcionaria às pessoas mais velhas a possibilidade de fazer novas amizades e de desenvolver novos interesses, tanto *online* como *offline* fazendo da velhice um período de descobertas com aumento do bem-estar e da qualidade de vida (Sá e Almeida, 2012; Alves *et al.*, 2012). A inovação proporcionaria mais oportunidades para que as pessoas mais velhas possam estar mais envolvidas e mantendo interações sociais, essenciais para o bem-estar. Assim, o ato de inovar pode desempenhar um papel fundamental na experiência de utilizar uma tecnologia digital e tirar benefícios desse uso que podem contribuir para o processo de envelhecimento ativo.

Podemos fazer um paralelo entre o conceito de tecnologia positiva e as redes sociais digitais, pois alguns autores (Riva, Waterworth e Murray, 2014; Gorini *et al.*,

2011; Riva *et al.*, 2014) têm sugerido que é possível manipular a experiência tecnológica para reforçar a presença social, ou seja, a sensação de estar com os outros: fazer parte de um grupo virtual, colocar a sua própria vontade (presença) em prática e ser capaz de entender as intenções dos outros membros do grupo (presença social). Isso implica que, para sustentar as experiências que são ideais sociais (fluxo em rede), a tecnologia deve proporcionar ao grupo virtual a possibilidade de expressar-se e de entender o que cada membro está fazendo (Riva, 2005).

Além disso, Gaggioli e colegas (2013) falam que o estado ideal do grupo é alcançado quando a equipe desenvolve uma "intenção conjunta" no qual as ações dos indivíduos e do grupo são intercaladas e o grupo atua como uma entidade política autônoma e autoentidade organizadora. Um exemplo dessa abordagem é o uso das TIC para melhorar as relações intergeracionais (Gaggioli *et al.*, 2014). As relações entre diferentes gerações oferecem o potencial para reduzir as barreiras existentes entre elas, transmitindo, por exemplo, a herança de tradições populares e por despertar o interesse dos jovens sobre suas raízes históricas e sociais (Webster e McCall, 1999).

No entanto, a novidade por si só não é uma motivação para a inovação entre os idosos, como ocorre mais frequentemente em outras camadas da população. Iniciar uma nova atividade entre mais velhos é um processo complexo e envolve a formulação de novas orientações para a autopreservação ou uma profunda mudança intrapessoal. Pesquisas sobre consumo, por exemplo, dão conta de que adultos mais velhos são considerandos os últimos a adotarem novos produtos e serviços (Bowe, 1988; Gilly e Zeithaml, 1985; Leventhal, 1997). As conclusões desses estudos estão de acordo com o comportamento dos idosos com relação às TIC em várias partes do mundo que indica que são eles os que mais tardiamente consomem tecnologias digitais. Muitas das vezes, as pessoas mais velhas não adquirem bens simplesmente porque são novidade, mas sim quando sentem que se beneficiarão dessa compra (Schiffman e Sherman, 1991). Portanto, em muitos casos, um dos motivos identificados para que os idosos não usem as tecnologias é a falta de interesse e o fato de não perceberem um sentido prático desses objetos em suas vidas. A presente pesquisa aborda justamente este aspecto ao buscar resposta ao motivo pelo qual idosos usam ou não usam o computador, o tablet e o celular e por quais razões possuem este comportamento.

Considerações finais

As teorias ligadas ao processo de envelhecimento ajudam-nos a sistematizar o que é conhecido e a explicar “o como” e “o porquê” por detrás dos dados (Bengtson e Schaie, 1999, p. 5). Por isso, neste capítulo, examinamos alguns modelos teóricos que, em conjunto se mostraram essenciais para formar uma base para entendermos melhor a complexa relação entre pessoas idosas e o uso das tecnologias de informação e comunicação. Esses referenciais refletem a natureza multifacetada do processo de envelhecimento e também se caracterizam como uma tentativa de elucidar os acontecimentos que rodeiam essa heterogeneidade (Bengtson, Burgess e Parrott, 1997).

Vimos que essas teorias sociais começaram com expectativas relativamente negativas sobre o lado social na velhice. Contudo, com o passar dos anos, essa visão tem sido suavizada com interpretações que levam em consideração aspectos mais complexos da vida dos idosos como o contexto social, cultural e econômico, algo que também reflete a importância que o tema envelhecimento tem ganhado nas últimas décadas. Embora algumas teorias possuam importantes contradições sobre declínio e evolução durante a velhice, assim como as razões para tais mudanças, a maioria vê, no lado social da velhice, a possibilidade de manter-se ativo e com qualidade de vida durante o processo de envelhecimento.

A partir desses conhecimentos, podemos concluir que a teoria é útil na medida em que fornece uma compreensão mais profunda de eventos sociais e das suas configurações e a suposição é a de que os indivíduos idosos são agentes ativos e podem alterar a natureza de seus ambientes sociais. Assim, não pode haver teorias gerais do envelhecimento refletindo leis fixas ou naturais da organização social humana (Turner, 2003), mas sim uma evolução teórica na forma de pensar o processo de envelhecimento e as suas interações sociais.

Capítulo 2

Estudos que articulam temáticas sobre os idosos, o processo de envelhecimento e as TIC

Introdução

O presente capítulo apresenta um levantamento de estudos que relacionam as temáticas sobre os idosos, o processo de envelhecimento e as tecnologias de informação e comunicação no Brasil, em Portugal e em outros países com a intenção de entender como essa temática tem sido tratada no mundo acadêmico, quais os pontos abordados, o que ainda não está estudado e quais as principais conclusões apontadas.

Com o objetivo de contextualizar a temática discutida, apresentamos os resultados de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores e instituições internacionais. Primeiramente, fazemos uma abordagem teórica introdutória de como as tecnologias são entendidas como forças que moldam e são moldadas pelo comportamento humano e de que formas se tornaram aspectos importantes de cidadania nas sociedades marcadas pelo processo de envelhecimento cada vez mais acentuado, características, essas, que também impulsionam a pesquisa científica. A partir daí, apresentamos a revisão de literatura discutindo estudos empíricos organizados da seguinte forma:

- 1 – A qualidade de vida durante o processo de envelhecimento avançado e a inclusão social a partir do uso das TIC;
- 2 – As relações intergeracionais mediadas pelas TIC;
- 3 – As principais dificuldades que os idosos encontram no uso e adoção das TIC;

- 4 – O uso e a apropriação das TIC por idosos com base das características sociodemográficas.

Selecionamos os estudos a partir de palavras-chave tais como idoso, terceira idade, envelhecimento, seniores, pessoas mais velhas, tecnologias de informação e comunicação, TIC, internet, celular, telemóvel², computador e tablet, por exemplo, e utilizando as variações da língua inglesa, espanhola e francesa. As palavras idoso, envelhecimento e tecnologias foram aquelas que mais proporcionaram informação. Para esse levantamento, foram feitas pesquisas, principalmente, em *sites* de referência sobre envelhecimento e que abordaram a temática gerontecnologia incluindo as suas bases de dados e bibliografia (entre outros: *The Gerontologist*, *Research on Aging*, *Journal of Aging Studies*, *The International Journal of Aging and Human Development*, *Ageing & Society*, *Gerontechnology*, Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Kairós Gerontologia) e *sites* de projetos de investigação que tratam dessa mesma temática. Como recursos usamos artigos científicos publicados na sua versão digital ou impressa e outras publicações como livros, relatórios e atas de congressos científicos. Para a pesquisa sobre o que está estudado no Brasil e em Portugal recorreremos à Biblioteca do Conhecimento Eletrónico *b-on*³, ao levantamento de teses de doutorado e mestrado em repositórios de universidades do Brasil e de Portugal e à pesquisa a partir dos currículos armazenados na Plataforma Lattes⁴ e na Plataforma DeGóis⁵.

² Telemóvel é a palavra utilizada para celular em Portugal.

³ A Biblioteca do Conhecimento Online (b-on) disponibiliza o acesso ilimitado e permanente às instituições de investigação e do ensino superior aos textos integrais de milhares periódicos científicos e e-books online de alguns dos mais importantes fornecedores de conteúdos, através de assinaturas negociadas a nível nacional portuguesa. [Http://www.b-on.pt/](http://www.b-on.pt/)

⁴ A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações no Brasil. Sua dimensão atual se estende não só às ações de planejamento, gestão e operacionalização do fomento do CNPq, mas também de outras agências de fomento federais e estaduais, das fundações estaduais de apoio à ciência e tecnologia, das instituições de ensino superior e dos institutos de pesquisa. Além disso, se tornou estratégica não só para as atividades de planejamento e gestão, mas também para a formulação das políticas do Ministério de Ciência e Tecnologia e de outros órgãos governamentais da área de ciência, tecnologia e inovação no Brasil. <http://lattes.cnpq.br/>

⁵ A Plataforma de Currícula DeGóis é um instrumento de recolha, disponibilização e análise da produção intelectual, científica e outras informações curriculares dos Investigadores Portugueses. Consiste num portal cujas principais funcionalidades são a gestão individual do curriculum por parte do utilizador, a consulta de indicadores, a visualização de currícula mediante pesquisas baseadas em critérios relacionados com o conteúdo do curriculum e a administração institucional. <http://www.degois.pt/globalindex.jsp>

Apesar de buscarmos respaldo em estudos de caráter teórico para o desenvolvimento deste capítulo, fazemos referência aos resultados de um total de 71 estudos empíricos, cuja lista encontra-se no anexo 4: 13 brasileiros, 12 portugueses e os demais realizados principalmente na Europa (17) e nos Estados Unidos (30), mas também na América do Sul, Ásia e Oceania. Não foi a nossa meta apontar todos os estudos encontrados que tenham alguma relação com os campos de interesse neste capítulo. O que pretendemos é discutir aqueles com maior relevância científica com metodologia, objetivos e abrangência variada para que possamos ter uma visão mais ampla sobre a temática discutida. Assim, a finalidade deste capítulo é fazer uma revisão bibliográfica onde as pesquisas são analisadas de maneira crítica ressaltando os aspectos positivos e negativos e destacando a contribuição que esses trabalhos fazem para um maior entendimento da relação entre idoso e tecnologias de informação e comunicação.

2.1- As tecnologias moldam e são moldadas por sociedades cada vez mais envelhecidas

Há muito que os antropólogos consideram a capacidade de fabricar ferramentas como um dos eixos do desenvolvimento na evolução humana. Desde a primeira fagulha de criatividade, passou-se a fazer instrumentos simples que avançaram para a fabricação de grandes objetos até se tornarem máquinas complexas. As ferramentas são uma extensão da capacidade humana como uma espécie de fusão entre pessoa e máquina e por esse motivo, muitas vezes, as tecnologias e seus utilizadores não são entendidos como pertencentes a contextos totalmente separáveis. Uma parte importante dos ritos de passagem para a capacidade de executar uma determinada função é a competência de dominar ferramentas. Para exemplificar, poderíamos afirmar que as ferramentas utilizadas em um determinado trabalho são uma parte importante na definição dessa função e do próprio trabalhador. Mais do que uma fonte de orgulho, esse conhecimento é entendido como símbolo de especialidade e de identidade (Charness e Schaie, 2003).

A relação entre o autor e o lápis seria uma forma simples de ilustrar essa dialética. Embora esse objeto seja um exemplo de ferramenta simples, ao longo dos séculos, temos mudado da força e do movimento mecânico para tecnologias que eliminam as operações manuais e que melhoram a produtividade. Essas alterações modificaram a habilidade do trabalhador para utilizar essas novas tecnologias, mas mudanças sociais fundamentais como essas não afetam todas as pessoas uniformemente. Ou seja, a relação entre autor e lápis torna-se um processo muito mais complexo uma vez que o lápis se transforma em um computador, por exemplo. A transição para as tecnologias de comunicação e informação deixou em desvantagem os grupos menos instruídos e aqueles com idades mais avançadas (Charness e Schaie, 2003; Olphert, Damodaran e May, 2006; Loges e Jung, 2001; Sourbati, 2004).

Os especialistas têm procurado entender o comportamento no atual ambiente social e tecnológico. Alguns teóricos já observavam que as ciências sociais estão interessadas no desenvolvimento de *“context-free knowledge”*, ao invés de considerarem *“stocks of knowledge employed by social actors in social life”* exigindo que eles tenham *“practical mastery of the demands of everyday activities”* (Giddens 1978, p. 246). Assim como Giddens, já antes outros estudiosos como Goffman (1969) defenderam que os atores sociais são conscientes, pelo menos nos níveis mais simples, das consequências das interações sociais com aqueles que estão mais próximos e afirmaram ainda que muitos teóricos "clássicos" não tinham dado a devida atenção a esse aspecto em seus estudos. Giddens (1978) também apontou a importância de levar em consideração os conceitos de “tempo” e “espaço, pontos básicos que foram, muitas vezes, negligenciados, mas que atualmente têm sido modificados com o uso das TIC, tornando-se fatores indispensáveis para compreender o comportamento humano em relação às tecnologias digitais.

A base da teoria da estruturação (Giddens, 1984) observa que a vida social é mais do que ações individuais, mas que não é apenas determinada por forças sociais. Giddens (1984) sugere que a atividade dos indivíduos e a estrutura social estão diretamente relacionadas e que é a repetição dos atos desses agentes que reproduz a estrutura social - tradições, instituições, códigos morais e formas de fazer as coisas -, mas isso também significa que pode ser alterada quando as pessoas começam a

ignorá-la, a substituí-la ou a reproduzi-la de forma diferente. Esses mesmos padrões podem ser encontrados na relação das pessoas com as tecnologias. Dentro dessa perspectiva, Poole e DeSanctis (1992) propuseram a teoria da estruturação adaptativa para explicar como as pessoas se apropriam dos sistemas de informação e como a tecnologia deve adaptar-se às suas necessidades. Orlikowski (1992) sintetizou bem essa ideia ao argumentar que existe uma dualidade na tecnologia, pois molda e é moldada pela ação do homem.

Essas abordagens são uma reação ao próprio determinismo tecnológico. Suas interpelações trouxeram as pessoas para o centro da questão com a necessidade de compreender os efeitos das tecnologias digitais em suas vidas e, por esse motivo, ao trabalharmos com TIC e idosos, consideramos que devemos falar de tecnologia sem ignorar a vontade humana e que ambas devem ter o mesmo grau de importância em nosso estudo.

O aumento da importância das TIC nas sociedades contemporâneas não pode ser minimizado. Acadêmicos, políticos e a indústria ligada à produção dessas ferramentas têm afirmado que entramos na era da informação (Selwyn, Gorard e Furlong, 2003). Porém, alguns especialistas têm sido críticos ao afirmarem que os estudos não têm sido bem-sucedidos por conseguirem cobrir somente uma pequena parte de toda a complexidade que é a relação TIC e a sociedade e mesmo na produção de declarações preditivas sobre possíveis efeitos das tecnologias na vida das pessoas (Cummings e Kraut, 2001).

McLuhan (1964), há várias décadas, argumentou que as características das tecnologias de comunicação moldaram as condições e organizações sociais. Essa linha de raciocínio foi sucintamente capturada em sua famosa afirmação de que “o meio é a mensagem”. No entanto, o ambiente mediático mudou dramaticamente passando de uma predominante comunicação de massa para um ambiente de redes sociais personalizadas (Campbell e Park, 2008). Castells (2000) caracteriza a sociedade atual como uma nova estrutura social em rede e parafraseia McLuhan ao dizer que “a rede social é a mensagem”. Enquanto McLuhan atribui a mudança social ao desenvolvimento e uso das tecnologias, Castells (2000, p. 164) afirma que “o aumento

da comunicação está caracterizado pelo desenvolvimento de novas lógicas organizacionais que estão ligadas à evolução tecnológica, mas que não estão dependentes desse processo”.

Apesar das diferentes visões, é possível estabelecer um paralelo entre McLuhan e Castells, pois para ambos as tecnologias de comunicação são usadas como base para entender a sociedade. Isso não quer dizer que as tecnologias “determinem a sociedade”, mas que podem servir como “uma lente para examinar como a ordem social é produzida e reproduzida através dos sistemas de comunicação” (Campbell e Park, 2008, p. 372). O presente trabalho é construído também a partir dessas teses, argumentando que entramos em uma nova era das tecnologias pessoais (Selwyn, 2004).

Também levamos em consideração as alterações psicológicas ocasionadas pelo uso das TIC o que Katz chama de “sentido ou textura da vida” (Katz e Aakhus 2002, p. 301). Algumas pesquisas têm discutido o impacto das TIC no controle social e, especialmente, na intimidade das pessoas. As relações interpessoais têm sido alteradas e novos pontos de orientação têm surgido como, por exemplo, a pergunta "onde você está agora?" foi adicionada à interação social mediada pelas tecnologias móveis.

Como resultado, as TIC têm sido reinventadas e ajustadas dinamicamente não só para maximizar as necessidades e o conforto de seus utilizadores, mas também para explorar e criar novas necessidades e interesses. Esse processo de inovação tecnológico tem ocorrido ao longo da História sendo, portanto, familiar, “social e sempre dependente da capacidade dos usuários de definirem as suas próprias relações com a nova tecnologia” (Haddon e Silverstone 1996, p. 92).

De acordo com Mark Stefik (1996), a atração pela internet pode ser explicada tanto pela habilidade de agregar funções como as de comunicar, comercializar e se aventurar. Pela primeira vez na história dos meios de comunicação um indivíduo pode desempenhar funções distintas através de uma mesma tecnologia: “ele ou ela talvez comunique por *e-mail* através dos continentes, compre e venda produtos nos

mercados *online* internacionais e procure por experiências excitantes em uma selva em uma ‘*www* página’” (Savolainen, 2000, p. 186).

Tecnologias como o *smartphone* introduziram uma nova noção de vida em sociedade resultando numa troca quantitativa e qualitativa de informação, conhecimento e recursos de uma maneira nunca antes presenciada (Selwyn, Gorard e Furlong, 2003). De acordo com Fortunati (2007), a telefonia móvel não está somente a mudar a sociedade, está a mudar todo o sistema em que está situada. Segundo a autora, esse modelo compreende o espaço e o tempo responsáveis por integrar, estabilizar e estruturar a realidade. Como resultado, através das TIC, estamos a presenciar uma tendência de conexão de “pessoa para pessoa” ao contrário da ligação baseada na localização geográfica (Campbell e Park, 2008), onde a comunicação imediata era feita com quem estava fisicamente próximo.

É dentro dessa nova realidade que as sociedades modernas vivem atualmente e, portanto, estudar a relação das pessoas mais velhas e as tecnologias digitais que predominam hoje na nossa sociedade, como é o caso do celular, do computador e do tablet, ajuda-nos a entender as consequências e relações sociais a partir do seu uso.

2.2- Qualidade de vida no processo de envelhecimento e inclusão social através das tecnologias

A qualidade de vida está relacionada com aspectos essenciais do bem-estar físico, material, social e emocional (Felce e Perry, 1995) e foi definida pela Organização Mundial da Saúde como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”(WHOQOL Group, 1997, p. 1). Essa definição também está relacionada com o conceito de envelhecimento ativo (Organização Mundial da Saúde, 2002), cuja uma das propostas apresentadas foi a utilização das tecnologias de informação e comunicação com o objetivo de trazer oportunidades criando mais acessibilidade a essas tecnologias e, conseqüentemente, suporte para um envelhecimento ativo e saudável (Comissão Europeia, 2012).

O aumento da presença das tecnologias digitais no ambiente doméstico, chamado por Charness e Schaie de *technicalization* (2003), é uma expressão do desenvolvimento cultural das sociedades ocidentais que tem, por conseguinte, afetado a vida cotidiana das pessoas idosas, embora mais lentamente se comparada com as faixas etárias mais jovens. Com a sociedade em constante mudança, muitos seniores estão em risco de se encontrarem com contato limitado com outras pessoas (Mellor, Firth e Moore, 2008), pois um fator que afeta a qualidade de vida de adultos mais velhos é o maior isolamento social que vem de uma diminuição de mobilidade bem como possíveis perdas cognitivas, de visão ou de audição (Bradley e Poppen, 2003; Metz, 2000). Outros fatores também podem contribuir para aumentar o risco de isolamento social, por exemplo, a saída do mercado de trabalho, constrangimentos financeiros ou medos relacionados à segurança, a morte de familiares, do marido ou esposa, diminuindo a possibilidade de interagir com outras pessoas (Stevens e Van Tilburg, 2011; B. B. Neves e Amaro 2015; Mellor, Firth e Moore, 2008).

A única das actividades consideradas que a maioria dos idosos tem, habitualmente, nos seus tempos livres é estar com familiares ou amigos. Mas ainda assim só até aos 74 anos, já que, entre os mais velhos, torna-se minoritário o grupo que convive com frequência (44%). Particularmente preocupante é a percentagem de pessoas que nunca tem contactos sociais desta natureza nos tempos livres: de cerca de 6% entre os 50 e 74 anos, passa-se a um quinto de indivíduos nesta situação após os 75 (Cabral *et al.*, 2011, p. 66).

Não ter acesso às tecnologias ou não ser capaz de usá-las pode colocar as pessoas mais velhas em desvantagem na capacidade de viverem independentes (Czaja e Lee, 2007; Mitzner *et al.*, 2010). Isso porque isolamento social está ligado a efeitos adversos na saúde e bem-estar. Algumas pesquisas encontraram ligação entre a falta de contato social e a depressão (Cotten *et al.*, 2012), o aumento da pressão arterial (Bower, 1997) e o suicídio (Rapagnani, 2002). O acesso das pessoas mais velhas às TIC tem sido alvo de pesquisas em todo o mundo, pois apesar de esse acesso ter aumentado em todas as camadas da população, os números indicam que aqueles com 60 anos ou mais ainda são os mais infoexcluídos (Neves e Amaro, 2015; Ofcom, 2007). O perfil típico das pessoas idosas que utilizam a internet é diferente daqueles que não utilizam. Aqueles que não usam são mais pobres, mais velhos e têm duas vezes mais

probabilidade de viverem sozinhos e de terem problemas de saúde (Helsper, 2009). Por conseguinte, os mais vulneráveis e os socialmente excluídos em nossa sociedade são susceptíveis de serem aqueles que são também digitalmente excluídos.

Isso quer dizer que a inclusão social também está ligada à posse de recursos necessários para uma efetiva participação social e econômica (Ofcom, 2007), pois as TIC podem ajudar a prevenir e aliviar o isolamento social e a solidão entre as pessoas com idades mais avançadas quando esses percebem o potencial inerente a essas tecnologias (Independent Age, 2010). Esses mesmos resultados foram também identificados em pesquisas como em Pereira e Neves (2011), Colombo, Aroldi e Carlo (2014), Silveira e colegas (2011) e no de Kachar (2010). No entanto, é importante mencionar que nem todas as pessoas mais velhas são vulneráveis, socialmente isoladas, solitárias e precisam de ajuda: muitas pessoas idosas, na verdade, são ativas, envolvidas em ações de voluntariado ou cuidam de familiares mais jovens ou, até mesmo, fazem cursos de curta duração em faculdades ou centros educativos voltados para pessoas mais velhas, como as universidades seniores (Dunn *et al.*, 2013).

O relatório Independent Age (2010) chama a atenção para o fato de que o interesse não deve ser apenas no acesso às TIC, mas, mais especificamente, como essas tecnologias digitais podem favorecer uma melhor interação social, envolver os idosos em suas comunidades e promover o contato face a face de qualidade, pois contribuir e participar em diferentes esferas da sociedade é um ingrediente essencial para o bem-estar das pessoas idosas. Esse tipo de afirmação é importante já que chama a atenção para uma discussão em volta da inclusão digital do idoso em um contexto mais amplo que caiba o desenvolvimento de aspectos sociais e humanos e que não seja determinista do combate à infoexclusão como ocorre frequentemente com projetos que objetivam somente a provisão de equipamentos e de conhecimentos de como usá-los (Neves e Amaro, 2015).

O conceito de inclusão digital emerge assim como uma forma de atenuar as diferenças entre aqueles que dominam as tecnologias da informação e da comunicação e os que não o fazem, tal como sucede com uma parte significativa dos seniores em Portugal. Incluir, tecnologicamente, significa apreender o discurso da tecnologia, não apenas na ótica de execução e de qualificação, mas também na perspectiva de os sujeitos serem

capazes de influir sobre a importância e finalidades da própria tecnologia digital (Dias, 2012, p. 59).

Sabe-se que as pessoas mais velhas possuem mais barreiras no uso das tecnologias, algo que discutiremos mais adiante, mas aprender como usá-las está ligado à qualidade de vida. Isso se dá no sentido de que ao usar essas ferramentas ocorre uma melhoria da autoestima por se sentirem mais competentes e capazes de acompanhar as evoluções tecnológicas trazendo como consequência a ideia de que fazem parte da sociedade atual (Alves *et al.*, 2012). Sá e Almeida (2012) chegaram a constatações semelhantes em seu estudo, cujo objetivo foi investigar exatamente a inclusão do idoso no mundo digital e a ligação com a qualidade de vida. Esses autores afirmaram que “apesar das dificuldades que o idoso apresenta em relação ao uso das ferramentas tecnológicas, sentir-se incluído no mundo digital é muito importante e significativo para a qualidade de vida desta parcela da população” (2012, p. 1).

As tecnologias podem oferecer vários mecanismos para melhorar o bem-estar e promover envelhecimento com qualidade de vida, pois vivemos em um momento em que a tecnologia oferece um rápido e relativamente barato contato com colegas, amigos e familiares em todo o mundo (Sales *et al.*, 2014). Para além disso, sabe-se que as relações sociais das pessoas tendem a diminuir durante um processo de envelhecimento avançado por uma série de fatores que já referimos, mas essa tendência pode ser contrariada quando o idoso usa a internet e as TIC em seu benefício. Isso pode ser atingido, por exemplo, quando os idosos participam em comunidades *online* provocando efeitos psicológicos e reflexos na vida social *offline* decorrentes de tal participação com resultados positivos sobre o ambiente social em que participa bem como as amizades feitas *online* que levam a encontros presenciais (Nimrod, 2014).

Dentro desse contexto, as comunidades digitais são descritas como uma fonte de informação e como um lugar de encontro entre pessoas que estão interessadas nas mesmas atividades e com quem possam trocar ideias, recomendações e informações. Neves afirma que os “*sites* de redes sociais como o Facebook nos permitirá não apenas conectar com novas pessoas, mas também conectar com amigos de amigos, através

das sugestões que apresenta e a possibilidade de ver os nossos amigos das redes” (Neves, 2013, p. 602).

A internet e as TIC, portanto, podem abrir uma nova porta à pessoa mais velha chamado por Rainie e Wellman (2012) de “individualismo em rede”. Essa ideia consiste em uma nova conectividade social onde as pessoas se comunicam e trocam informações estando o indivíduo no centro do sistema com a possibilidade de interagir com numerosas outras pessoas e fazer várias coisas mais ou menos em simultâneo. Essa nova forma de comunicar sem limites geográficos e com a opção de se escolher com quem interagir, forneceria às pessoas idosas novas formas de resolver problemas e atender às necessidades sociais com mais espaço de manobra e capacidade de atuar por conta própria, algo, que no passado, requeria muito mais esforço para ser conseguido (Rainie e Wellman, 2012). Fazemos notar, no entanto, que a opinião desses autores vem desprovida da identificação de possíveis efeitos adversos das redes sociais digitais.

Pesquisas também dão conta de que a disseminação das tecnologias digitais móveis, da internet e de seus aplicativos são inéditas em qualquer outro domínio da atividade humana. À semelhança de outras tecnologias, o celular também é identificado como um objeto com capacidade de melhorar a qualidade de vidas dos idosos, apontado como um valioso acessório que facilita a comunicação (Raymundo, 2013) e a inclusão social fazendo com que o idoso tenha acesso a vários recursos sem precisar necessariamente de se deslocar. Uma publicação do *Center for Technology and Aging* intitulado *The New Era of Connected Aging* diz que “estamos no amanhecer do envelhecimento conectado, com uma crescente variedade de tecnologias baseadas na internet e em dispositivos móveis que apoiam cada vez mais às pessoas mais velhas para que envelheçam onde vivem” (Center for Technology and Aging, 2014, p. 1).

Outras pesquisas apontam que a utilização das tecnologias de informação e comunicação pode diminuir a solidão (Cotten, Anderson e McCullough, 2013), o sentimento de isolamento social (Alves *et al.*, 2012; Cotten, Anderson e McCullough, 2013; Bradley e Poppen, 2003), sintomas de depressão, *stress* (Wright, 2000), aumentar a frequência da comunicação com familiares e amigos, assim como o acesso

à informação (Aparecida, Ferreira e Alves, 2011; Bobillier Chaumon *et al.*, 2013) e por conseguinte, a qualidade de vida dessas pessoas (Xie, 2003; Pereira e Neves, 2011; González, Ramírez e Viadel, 2012; Hernández-Encuentra, Pousada e Gómez-Zúñiga, 2009; Roberto, Fidalgo e Buckingham, 2014; Orlandi e Pedro, 2014; Páscoa Gil, 2015; Aparecida, Ferreira e Alves, 2011).

Alguns estudos, como veremos a seguir, mesmo que um número reduzido e nenhum deles desenvolvido exclusivamente com idosos, questionam essas conclusões ao afirmarem que não existem estudos experimentais suficientes que fundamentem as alegações de que o uso das TIC traga qualidade de vida ou que potencialize a inclusão social.

Slegers e colegas (2008) afirmam que apesar dos resultados positivos, a maioria das pesquisas possui problemas metodológicos tais como tamanho demasiado pequeno das amostras e falta de grupos de controle. Os autores apontam que não foram encontradas evidências consistentes para um impacto, positivo ou negativo, do uso de computadores e da internet sobre o bem-estar e a autonomia de idosos saudáveis. Isto implicaria que os benefícios são limitados no que diz respeito à melhoria na qualidade de vida dos idosos (Slegers, Boxtel e Jolles, 2008). Esses autores citam como exemplo o estudo de White e colegas (1999) realizado com 40 pessoas e cuja conclusão afirmou que o uso do computador trazia qualidade de vida. O mesmo estudo (White *et al.*, 2002) foi replicado três anos mais tarde com os mesmos parâmetros, com uma amostra de 100 participantes e não demonstrou relação entre qualidade de vida e o uso do computador (White *et al.*, 2002).

O trabalho de Norman (2001), que analisou quatro estudos acadêmicos que focaram seus esforços para perceber o impacto da internet na comunicação interpessoal e na sociabilidade de seus usuários, verificou que possuíam diferentes conclusões apesar de possuírem objetivos similares. O centro da discussão girou em torno do fato de que a internet poderia ser ou não uma atividade que isola o indivíduo ou levaria a um substancial aumento de comunicação entre pessoas potencializando a conectividade e a sociabilidade. O autor concluiu que os usuários da internet não se tornaram mais sociais, pois os indivíduos que possuíam um alto grau de interatividade

com outras pessoas através das tecnologias já possuíam essa característica de altos níveis de inclusão social anteriormente ao uso das TIC; assim, ocorre apenas uma transferência das relações *offline* para *online*. Também afirmou que aqueles com maior interação social através das tecnologias têm níveis financeiros e educacionais mais elevados e menos possibilidades de serem idosos (Norman, 2001). Uslaner vai no mesmo sentido ao afirmar que os

laços sociais têm pouco efeito no uso global da Internet. A grande exceção é que as pessoas com maiores redes de apoio gastam mais tempo *on-line*. Isto não é surpreendente e não indica que a Internet torna as pessoas mais sociáveis. Em vez disso, mostra que as pessoas usam a Internet para se conectar com as pessoas que já conhecem (Uslaner, 2004, p. 240).

Também há autores (Dickinson e Gregor, 2006) que acreditam existir pouca evidência de que o uso dos computadores e da internet, por si só, tenha um efeito positivo no bem-estar das pessoas mais velhas. Muitos estudos seriam questionáveis por falhas metodológicas e deixam claro que a tecnologia pode ter efeitos negativos, como a possibilidade de isolar fisicamente e demonstrar quão afastados da família os idosos se encontram (Dickinson e Gregor, 2006). Há também quem aponte vulnerabilidades associadas às pessoas idosas que estão *online* como a utilização da internet para a manutenção e/ou o desenvolvimento de novas redes sociais: “Alguns participantes do nosso projeto referiram a sua sensação de vulnerabilidade (por exemplo como deixar de usar uma rede social *online*; como saber se as pessoas são quem dizem ser) e a necessidade de suporte confiável que seja acessível e oportuna” (Dunn *et al.* 2013, p. 4). Essa vulnerabilidade também seria resultado de uma vida cujo desenvolvimento social e cognitivo não teria envolvido esse tipo de interação proporcionado pelas tecnologias digitais, algo característico das gerações mais velhas. No entanto, até mesmo entre os mais críticos existe o reconhecimento de que “é difícil negar que os computadores e a internet possuem um potencial para dar suporte a algumas pessoas idosas” (Dickinson e Gregor, 2006, p. 4).

Apesar dos estudos apresentados aqui não serem unânimes, a única perspectiva sistemática e consistente diz respeito ao fato de que a inclusão social está também depende de bens, e fazemos referência aos meios tecnológicos digitais de

comunicação e informação. Podemos afirmar também que a maioria dos estudos aponta o potencial das tecnologias de informação e comunicação para trazer qualidade de vida para o cidadão sênior estando de acordo com o conceito de envelhecimento ativo (Ferreira, 2010; Pereira e Neves, 2011; European Commission, 2010; Fokkema e Knipscheer; 2007). Logo, aceder e usar essas tecnologias é cada vez mais importante para ter acesso à informação, serviços, entretenimento e manter relações sociais e evitar o isolamento social fazendo com que o uso das TIC seja considerado um aspecto fundamental de cidadania nas sociedades contemporâneas (Selwyn, 2003).

2.3- Relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias

Ao analisar dados demográficos concluímos que para além de uma menor fecundidade e maior expectativa de vida das pessoas, as famílias passaram por profundas transformações nas últimas décadas. Como consequência, tornaram-se menores e com um maior número de idosos em sua composição (dos Santos, Pavarini e Barham, 2011) fazendo com que as sociedades modernas enfrentem um aumento no número de gerações vivas e uma diminuição no número de familiares dentro dessas gerações. Então, levar em consideração o contexto social em que as pessoas mais velhas estão inseridas é importante, pois falar de envelhecimento não é falar somente de idosos, pois o processo de envelhecimento e a velhice dos cidadãos acontecem sempre num ambiente com pessoas de diferentes idades.

Envelhecemos enquanto vivemos e, desde a perspectiva do curso de vida, nosso processo de envelhecimento acontece sempre em um contexto de diferentes coortes de idade. Seja qual seja a perspectiva, tornou-se evidente que os indivíduos e as múltiplas gerações envelhecem ao mesmo tempo em qualquer momento da história. Portanto, o envelhecimento deve ser abordado como um fenômeno multigeracional e não somente como uma questão relativa à população envelhecida. Para além disso, o fato de que várias gerações envelhecem ao mesmo tempo nos faz pensar nas interações intergeracionais como outro ingrediente potencial no momento de analisar os processos de envelhecimento humano. Desde uma perspectiva intergeracional, não somente envelhecemos, mas, de alguma maneira, envelhecemos juntos (Sánchez, Kaplan e Bradley, 2015, p. 96).

Os estudos que tratam das relações entre jovens e idosos e o uso das TIC também se interessam em analisar o papel que essas tecnologias possuem em programas e iniciativas que, intencionalmente, conectam diferentes gerações. Essa temática ganhou maior interesse dos especialistas principalmente depois do lançamento do *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações*, em 2012, quando a utilização das TIC pelos idosos foi apresentada como novas oportunidades de suporte para um envelhecimento ativo e saudável (Comissão Europeia, 2012a). A promoção do envelhecimento ativo da população é uma das estratégias adotadas pelos diferentes países para que as pessoas mais velhas permaneçam mais tempo no mercado de trabalho, saudáveis e independentes, tanto quanto possível, aspectos que já discutimos no capítulo anterior. Portanto, o envelhecimento ativo exige a participação de adultos mais velhos em uma sociedade contemporânea cada vez mais global, tecnológica e formada por diferentes gerações.

Houve um aumento de iniciativas, principalmente na Europa, que tratam das relações intergeracionais e das TIC. A União Europeia, por exemplo, na sua publicação *ICT for seniors' and intergenerational learning* (2012b) traz 21 exemplos de projetos que tratam das relações intergeracionais, envelhecimento ativo e uso das mídias digitais e as pesquisas científicas refletem esse cenário. Patrício e Osório (2011) procurando compreender a relação entre crianças, adultos mais velhos e o uso das TIC realizaram entrevistas informais e a observação das atividades desenvolvidas em oficinas no projeto de *Tecnologia da informação para avós e netos*. Os investigadores verificaram que os idosos foram receptivos para atualizar e adquirir novas competências digitais com a ajuda dos mais jovens - de acordo com os seus interesses, necessidades e disponibilidade - e concluíram que os mais velhos se beneficiaram com essa iniciativa indicando a importância da aprendizagem ao longo da vida, das relações e solidariedade intergeracional mediadas pelas tecnologias (Patrício e Osório, 2011).

Especialistas (Roberto, Fidalgo e Buckingham, 2014; Sánchez, Kaplan e Bradley, 2015) sugerem que deve-se apostar em estratégias que permitam conciliar o uso das TIC, que os jovens geralmente dominam, com o conhecimentos e experiência de vida dos idosos. Esses autores citam como exemplo a construção de histórias digitais que permitem trocas de experiências, desenvolvimento de competências, reflexão e

colaboração entre as diferentes gerações como é o caso das iniciativas que citaremos a seguir (Gaggioli *et al.*, 2014; Carvalho e Sottomayor, 2011).

Gaggioli e colaboradores (2014) desenvolveram a seguinte intervenção: idosos compartilharam experiências de vida que achavam mais significativas com um público mais jovem que relatou os conteúdos mais interessantes em um *site* integrando textos e objetos multimídia. Análises de contexto foram feitas antes e depois das medidas de intervenção e demonstraram que mesmo duas ou três horas de sessões e atividades em grupo tiveram um impacto positivo no bem-estar psicossocial dos idosos com mudanças significativas nos níveis de solidão e um aumento na percepção da qualidade de vida (Gaggioli *et al.*, 2014). Os resultados também indicaram que a atitude dos jovens mudou positivamente em relação aos idosos depois de participarem nas atividades.

Uma iniciativa semelhante a essa é desenvolvido em Portugal. O *Arquivo de Memória do Vale do Côa* (Carvalho e Sottomayor, 2011) é um projeto que visa a relação intergeracional principalmente através da recolha de histórias de vida dos idosos por jovens e crianças. Até o momento da escrita deste trabalho, não havia publicações que dessem conta do impacto científico dos resultados do projeto. Contudo, o objetivo é promover a qualidade de vida das comunidades do Vale do Côa, região no nordeste de Portugal, através do desenvolvimento das práticas intergeracionais e fomentar a investigação e a conservação do património cultural contribuindo para o aumento da autoestima das comunidades locais e da satisfação de visitantes do Vale do Côa⁶.

Embora os estudos de Patrício e Osório (2011) e Gaggioli e colegas (2014) estejam limitados a pequenos grupos de participantes, ajudam-nos a concluir que estas iniciativas fazem aumentar a utilização das TIC pelos idosos e ajudam a promover compartilhamento de experiências entre gerações. Isso proporciona oportunidades em torno do encontro intergeracional e dos meios de comunicação podendo ter como resultado o aumento da qualidade de vida dos idosos, para além da inclusão social e

⁶ A iniciativa é promovida pela ACÔA - Associação de Amigos do Parque e Museu do Côa e apoiado pelo programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano Entre Gerações. O material do projeto está disponível no endereço <http://arquivodememoriadovaledocoa.blogspot.pt/>.

digital que podem gerar benefícios em termos de capital pessoal e social (Petrella, Pereira e Pinto, 2012). De um modo geral, os estudos dão conta de que a utilização da internet e das tecnologias de informação e comunicação por idosos para fins de comunicação estreita relações familiares, sobretudo intergeracionais (Pereira e Neves, 2011).

O estudo de Carleto (2013) falou da percepção dos familiares dos idosos sobre as relações intergeracionais mediadas por dispositivos tecnológicos: 67,5% acreditava que esses recursos auxiliavam a suprir a ausência física de pessoas próximas; 42,5% disseram que os recursos proporcionavam maior independência e autonomia para que os idosos se relacionassem com outras pessoas dentro e fora do ambiente familiar e se mantivessem mais interessados em assuntos do cotidiano; e 25% relatou que os recursos digitais ampliavam a comunicação e melhoravam suas relações familiares.

Outro aspecto importante, as pressões sociais, foi tratado na pesquisa exploratória intitulada “O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital” (Roberto, Fidalgo e Buckingham, 2014). Foi desenvolvida com 135 estudantes universitários e identificou as diferentes motivações que impulsionavam os jovens a se voluntariarem a ajudar idosos a adquirirem competências digitais. Os resultados dão conta que os jovens não perceberam os idosos enquanto grupo homogêneo e que os incentivos para auxiliarem ou não as pessoas mais velhas eram diferentes consoante a proximidade que possuíam com o idoso. No caso de seus avós ou de outras pessoas próximas, essa motivação estava relacionada a uma maior afinidade valorizada devido ao seu papel no núcleo familiar e também devido às pressões sociais e morais. No caso de idosos mais afastados, destacou-se uma maior relevância no valor que os jovens atribuíam à atividade deixando de existir a obrigação moral, mas persistindo as pressões sociais. Essa mesma pesquisa conclui também que

a mera construção de atividades intergeracionais, nomeadamente no âmbito das TIC, poderá não ser promotora dos efeitos desejados, à medida em que, por si só, a construção destas atividades não conduzem a uma aproximação geracional. Tal qual os resultados deste trabalho ilustram, as âncoras motivacionais dos mais jovens situam-se em pressões sociais e/ou morais que os levam a ponderar a sua ajuda, elementos que não se traduzem no que se espera obter quando se fala em solidariedade ou altruísmo (Roberto, Fidalgo e Buckingham, 2014, p. 13).

No trabalho de Lima e Pires (2013) sobre a contribuição de jovens universitários na inserção de seus familiares idosos no mundo digital conclui-se que independentemente da idade desses jovens, bem como dos cursos que frequentavam, a maioria deles (de um total de 79 alunos) já ajudou, 20% disseram que não tiveram oportunidade de ajudar e 8% afirmaram que não têm paciência para auxiliar o idoso em suas dificuldades em relação às TIC. Outro aspecto que os autores destacaram foi o fato de que 58 alunos informaram que nunca se preocuparam em buscar informações sobre questões relacionadas ao idoso, mas que a partir daquele momento 83% deles disseram que se envolveriam mais com essas temáticas (Pires, 2013) com o objetivo de levar conhecimento às pessoas mais velhas.

Muitos programas que tratam das relações intergeracionais e TIC aproximam jovens com conhecimentos tecnológicos para apoiar pessoas mais velhas a adquirirem conhecimentos com o objetivo de promover a inclusão digital, ou seja, a transmissão de conhecimento tecnológico unilateral dos mais jovens para os mais velhos. No entanto, alguns pesquisadores já identificaram a necessidade de desconsiderar tais pressupostos, pois segundo Sánchez e colegas (2015) as pessoas mais velhas podem ser mais competentes digitalmente que muitos jovens. Contudo, não identificamos nenhuma pesquisa que tratasse especificamente dessa questão.

Várias pesquisas confirmaram que o telefone celular é o recurso tecnológico para fins de comunicação mais usado pelos idosos (Carleto, 2013; Godoi, 2009; Vaz, 2010). A utilização desse aparelho pode estar associada à sua popularização e a uma maior facilidade financeira para adquiri-lo se comparado a outras tecnologias como um computador que geralmente é mais caro e também devido ao fato de que muitos idosos recebem este aparelho de presente de familiares. Vários autores concluíram que o celular foi maioritariamente visto pelos idosos como indispensável para as relações sociais e que entre as finalidades de utilização dessa tecnologia está, principalmente, o estabelecimento da comunicação com familiares (Carleto, 2013; Godoi, 2009; Vaz, 2010; Pires, 2013; Dias 2012; Sales *et al.*, 2014) e uma ajuda no caso de emergência (Dias, 2012; Azevedo, 2013; Kachar, 2010).

As redes sociais digitais estão ganhando importância no cotidiano dos idosos (Páscoa e Gil, 2015; Erickson, 2011). Isso ocorre porque os *sites* de relacionamentos possuem potencial para que os indivíduos se conectem com outras pessoas independentemente de sua localização, criando oportunidades para compartilhar tópicos de interesse, interagir com os outros e fornecer apoio moral e emocional, bem como permanecer em contato com a família e com os amigos (Erickson, 2011). As redes sociais são uma forma importante de comunicação principalmente para as gerações mais jovens, mas também podem ser benéficas para os cidadãos seniores na mesma proporção no sentido de promover uma maior participação social.

Esse tipo de pesquisa iniciou-se com o público jovem e apontou conclusões tanto positivas como negativas. Algumas afirmam que utilizar a internet levaria ao aparecimento de um novo círculo social (Turkle, 2011; Cummings e Kraut, 2001), ao desenvolvimento de uma intensa e longa duração de relações sociais *online* (McKenna, Green e Gleason, 2002) e que aumentaria a participação em comunidades existentes fornecendo novos espaços sociais para comunicação (Wellman *et al.*, 2001). Em contraste, outras análises sugeriram que a internet e o uso frequente das redes sociais digitais seriam associados ao aumento na depressão e isolamento social (Kraut *et al.*, 1998; McKenna, Green e Gleason, 2002); decréscimos no tempo que se passaria com a família e amigos e na participação de outros eventos sociais (Nie, 2001); várias outras têm mencionado que o uso das redes sociais pode contribuir para a gravidade dos sintomas associados ao vício da internet (Wilson, Fornasier e White, 2010; Andreassen *et al.*, 2012; Kittinger, Correia e Irons, 2012).

Como já referimos, esses achados foram concluídos a partir de pesquisas com jovens e os resultados não podem ser transferidos para os idosos. Só recentemente há o aparecimento de publicações científicas que analisam quais efeitos a utilização dessas redes sociais teriam sobre os mais velhos (Nef *et al.*, 2013). A principal vantagem que os especialistas identificaram no uso das redes sociais digitais por idosos foi a comunicação com os mais jovens, ou seja, uma aproximação intergeracional com os membros de sua família (filhos e netos) especialmente para os idosos com idades mais avançadas e com mobilidade reduzida (Nef *et al.*, 2013) o que é benéfico e apreciado por ambos os lados (Cornejo, Favela e Tentori, 2010). Para os idosos, os

principais pontos positivos identificados ao usarem esse recurso são a troca de comunicação, informação e o compartilhamento de conhecimentos e eventos; enquanto as desvantagens refere-se à falsa noção de “amigos” entendido pelos idosos como algo muito distante da amizade fora do ambiente digital (Páscoa e Gil, 2015). Os relacionamentos intergeracionais através das redes sociais digitais podem “proporcionar aos idosos o acesso a novas relações, mas também abrem novas possibilidades de inserção na família, fomentando as interações entre gerações, através, por exemplo, de atividades lúdicas, como é o caso dos jogos interativos, ou da comunicação por e-mail e outros serviços” (Páscoa e Gil, 2012, p. 39). Nas conclusões de seu estudo Carleto (2013) afirma que as TIC exercem

uma influência positiva nas relações intergeracionais dos idosos e que o domínio destes recursos tecnológicos no cotidiano tende a favorecer o sentimento de auto-eficácia dos sujeitos e consequentemente a sua auto-estima, ampliando a participação destes nesta sociedade tecnológica e permitindo novos papéis sociais e a experiência de que continua fazendo parte da sociedade (Carleto, 2013, p. 48).

Eggermont e Vandebosch (2006) usaram peças teatrais para facilitar a discussão em grupos focais com 537 pessoas idosas sobre a definição de rede social digital e o papel futuro que gostaria que desempenhasse em suas vidas. As conclusões indicaram que as pessoas idosas gostariam de ver as redes sociais como forma de apoiar as relações sociais e que as ajudasse a superar a solidão. Esse tipo de pesquisa deve ser destacada, pois são poucos os exemplos como esse que estão voltados para a identificação de questões e respostas futuras a partir do que se vive atualmente.

Com base no que discutimos até agora, as TIC exercem uma influência positiva nas relações intergeracionais dos idosos e que o domínio desses recursos tecnológicos no cotidiano tende a favorecer o sentimento de autoeficácia e, consequentemente, da sua autoestima, ampliando a participação na sociedade tecnológica e permitindo que exerçam novos papéis sociais (Carleto, 2013). Os resultados desses estudos interessam para a presente pesquisa porque um dos nossos objetivos é analisar como o contexto social em que o idoso está inserido, principalmente o contexto familiar, pode influenciar no conceito de envelhecimento ativo. Portanto, vamos considerar que a interatividade que as TIC podem proporcionar é importante para incentivar o contato

social entre pessoas com diferentes idades, mas principalmente no caso de alguns idosos que se encontram ameaçados pelo isolamento social, com dificuldade de mobilidade ou situações de saúde física ou mental comprometida (Erickson, 2011).

2.4- Tecnologias: um domínio complexo a ser adquirido?

Enquanto algumas investigações apontam quais são as principais barreiras que impedem a pessoa mais velha de aceder e tirar benefícios do uso das tecnologias de informação e comunicação, outras indicam quais os requisitos que essas mesmas tecnologias devem cumprir para facilitar o seu uso pelos idosos. A identificação e a discussão dessas características são importantes, pois enquanto os jovens usam com mais facilidade diferentes tipos de tecnologias digitais através da adoção de dispositivos móveis como computadores portáteis, tablets, smartphones ou aplicativos de redes sociais, os adultos mais velhos permanecem na extremidade oposta do fosso digital (Barnard *et al.*, 2013; Zickuhr e Madden, 2012).

Assim, ao mesmo tempo que é positivo que uma grande quantidade de opções seja fornecida em formato digital através da internet e das TIC, as pesquisas apontam para o fato de que muitos adultos mais velhos têm encontrado dificuldades em usar esses produtos (Pires, 2013; Czaja e Lee, 2007; Chisnell e Redish, 2012; Olson *et al.*, 2012). Essa constatação é aceita considerando que a maioria das pessoas com mais 65 anos não teve contato com as tecnologias durante a infância, no período em que frequentaram a escola ou a faculdade (Vroman, Arthanat e Lysack, 2015) ou mesmo quando estavam no mercado de trabalho. Como resultado, essa parcela da população pode acabar frustrada ao usar produtos tecnológicos ou pode usá-los com menor frequência em comparação com a população mais jovem (Olson *et al.*, 2012) ou não usar correndo o risco de se tornarem excluídos digitais (Loos e Bergstrom, 2014). Ou seja, de um modo geral, a internet e as TIC apresentaram-se como um domínio complexo a ser adquirido por aqueles com mais idade.

Existe um número cada vez maior de pessoas pertencentes à terceira idade com vigor mental e físico, com poder aquisitivo, interessados em manter-se ativos e

em busca de conhecimentos tecnológicos navegando na internet por meio de computadores, tablets e smartphones, entre outros (Rocha, 2013). Todavia, corroborando com a complexidade da aquisição de conhecimento, está a degradação natural da saúde que ocorre com o processo de envelhecimento mais avançado (Loos e Bergstrom, 2014) com o declínio motor, sensorial e das habilidades cognitivas (Sales *et al.*, 2014; Tavares e Sousa, 2012) e que pode limitar a utilização das TIC em até 43% (Luna-García, Mendoza-González e Álvarez-Rodríguez, 2015).

Alguns pesquisadores sugerem que as pessoas mais velhas estão física e psicologicamente em desvantagem na adoção e no uso das TIC e que esse processo não é rápido, nem simples, nem universalmente aceito (Sánchez, Kaplan e Bradley, 2015). Fatores como “ter o controle” de uma determinada ferramenta podem ter uma influência significativa no momento de decidirem adotar ou não uma nova tecnologia (Morris e Venkatesh, 2000).

Há 20 anos, estudos já destacavam que a falta de familiaridade e incompatibilidade de estilos de vida influenciava diretamente no uso dessas tecnologias (Haddon e Silverstone, 1996). Essa pesquisa indicou que os padrões de utilização e funções que as pessoas dão às tecnologias são determinados por histórias de vida e por particularidades socioeconômicas, circunstâncias que fazem com que uma inovação tecnológica seja vista, ou não, como útil e possível potenciadora de qualidade de vida.

Pesquisadores defendem que o principal obstáculo ao uso e apropriação das tecnologias digitais por idosos está relacionado a atitudes negativas decorrentes do medo, ansiedade e uma falta de motivação e interesse (Heinz 2013; Lee, Chen e Hewitt, 2011). É o caso das investigadoras Lima e Pires (2013) que ressaltaram que uma idosa entrevistada em seu trabalho, com nível superior de escolarização, afirmou que sente medo e apreensão em relação à sociedade. A ansiedade associada à aprendizagem de como utilizar uma TIC leva a barreiras autoimpostas e à baixa autoeficácia (Barnard *et al.*, 2013) por se considerar, por exemplo, como “demasiado difícil” (Vroman, Arthanat e Lysack, 2015). Mitzner e colegas (2010) encontraram que a diferença entre usuários jovens e velhos não está no seu conhecimento sobre uso do

computador, mas sim na confiança e na tendência dos adultos mais velhos de subestimar as suas habilidades.

A relação dos idosos com a tecnologia é muito mais complexa do que seria sugerido pela ideia de que “os adultos mais velhos simplesmente têm medo ou não querem usar a tecnologia” (Mitzner *et al.*, 2010, p. 11). Vários estudos dão conta de que, principalmente, quando os idosos usam as TIC e adquirem consciência dos benefícios que podem vir desse uso, passam a ter uma visão otimista sobre as tecnologias digitais (Brito, 2012; González, Ramírez e Viadel, 2012; Gagliardi *et al.*, 2007; Claßen *et al.*, 2010; Azevedo, 2013). É o caso da investigação de Hernandez-Encuentra (2009) onde os idosos afirmam que as TIC lhes facilitavam a vida cotidiana reduzindo os deslocamentos e a burocracia ao aceder a serviços e informações *online*. No entanto, apesar de alguns autores afirmam que a atitude dos adultos mais velhos em relação à tecnologia é relativamente positiva, o que é apontado em muitas pesquisas científicas é a atitude cética de alguns idosos (Pew Research Center, 2014; Bolin e Westlund, 2009; Bolin e Skogerbø, 2013; Mitzen *et al.*, 2010). Essa percepção é traduzida através do fato de que muitos idosos acreditam que não compreendem a tecnologia, não estão preparados para lidar ou realmente não precisam dela, pois é vista como algo criado e pertencente aos mais jovens.

Portanto, a satisfação dos usuários com uma tecnologia digital é influenciada pela facilidade do seu uso (Barnard *et al.*, 2013; Nef *et al.*, 2013; Wagner, Hassanein e Head, 2010) e a sua utilidade também é percebida como importante no momento de decidir adotar ou não uma nova tecnologia (Mitzner *et al.*, 2010; White, 2000), pois, em alguns casos, a tecnologia não continuará a ser usada por adultos mais velhos se não sentirem consequências positivas imediatas com o seu uso. Um estudo sobre adoção de tablets verificou que a percepção de utilidade, prazer no uso e a influência social afetam a intenção de usar essa tecnologia (Hur, Kim e Kim, 2014) e Lehtinen e colegas (2009) observaram que os idosos não usavam das redes sociais digitais por medo relacionado à privacidade e pelo fato de não verem benefício.

Outras dificuldades mais “técnicas” também enumeram na lista das barreiras que dificultam as pessoas mais velhas de usarem as TIC como a falta de conexão à

internet em casa ou em lugares públicos, o custo das tecnologias e a falta de literacia mediática (Kachar, 2010; Pew Research Center, 2014; Bolin e Skogerbø, 2013; Horrigan, 2014; Tavares e Souza, 2012; Sales *et al.*, 2014; M. Sales *et al.*, 2014).

O treinamento e o suporte contínuo auxiliam as pessoas mais velhas a desenvolver habilidades e confiança no uso da tecnologia, pois segundo as conclusões de Amaral e colegas (2014) “a pessoa idosa é capaz de interagir com o computador e com o meio digital de maneira a ampliar seu horizonte de possibilidades e relações sócio familiares, necessitando, para isso, o suporte de materiais didáticos e estratégias de ensino atrativas, inteligíveis e acessíveis para seu perfil de usuário” (72). Portanto, para aumentar o uso das tecnologias por adultos mais velhos são necessárias duas abordagens: melhorar a educação sobre os benefícios das tecnologias que ainda não são utilizadas e melhorar os níveis de autoeficiência e ansiedade no uso do computador (Mitzner *et al.*, 2010; Villarejo-Ramos, 2015; Carpentier e Fišerová, 2012; Independent Age, 2010)

A investigação de Oliveira (2011), por exemplo, sugere que as pessoas mais velhas têm a capacidade de usar a tecnologia e estão dispostos a aprender. Assim como em todos os grupos etários, essa disponibilidade, juntamente com o entusiasmo para a aquisição de novos conhecimentos, parece ser um fator determinante de sucesso para que os idosos adotem uma nova tecnologia digital. Lima e Pires (2013) em seu trabalho desenvolvido com idosos que usam as TIC concluiu que esses, em sua maioria, não se sentem excluídos da sociedade tecnológica e que acompanham o avanço tecnológico e sentem-se inseridos “na nova sociedade”. O que falta é o elemento humano para aquelas pessoas que vivem só e que não beneficiam das relações intergeracionais para adquirirem conhecimentos ligados às tecnologias digitais, como veremos logo a seguir.

Pesquisas indicam que 67% no número de pessoas com 60 anos ou mais possuem um celular no Brasil, enquanto essa percentagem chega aos 89% na faixa etária entre 16 e 24 anos (CGI.br, 2016), ao passo que em Portugal esses números correspondem a 63,7% (entre 65 e 75 anos) e 97% (entre 15 e 24 anos), respectivamente (Obercom, 2014). As diferenças na utilização das TIC entre jovens e

idosos podem ser decorrentes da atitude cética dos mais velhos, mas também podem ocorrer devido à falta de informação e de políticas públicas que deem a conhecer os possíveis benefícios que podem trazer (Kachar, 2010).

A OFCOM⁷ avaliou o efeito das atitudes de pessoas mais velhas através de um vídeo de cinco minutos demonstrando o que a internet permitia fazer. Depois de ver esse vídeo, houve uma queda significativa no número de pessoas mais velhas que pensavam que não iria ganhar nada com o acesso à internet. Apesar da maior parte das pessoas continuaram dizendo "não" quando perguntados se usariam a internet se o acesso fosse de graça, a pesquisa parece reforçar a opinião de que muitas não estão *on-line* porque não veem relevância nesse serviço. Vencer esta barreira é, para muitos, o primeiro passo para que estejam *on-line* (Independent Age, 2010, p. 17).

A pesquisa de Neves e Amaro (2012) identificou que “as razões principais para o não uso do celular foram: ‘não preciso de um’ (34.2%), ‘não sei como usar’ (21.7%) e ‘é caro’ (17.4%). É digno de menção que 4,6% acreditam que são velhos demais para usar um celular” (2012, 12). Ou seja, as explicações para esta realidade são semelhantes as que encontramos quando falamos de TIC em geral, ou seja, a falta de interesse, de conhecimento e de domínio para manipular as funções disponíveis, o preço da tecnologia ou *design* inapropriado.

As pessoas mais velhas são plenamente capazes de aprender a usar a tecnologia e estão interessadas em fazê-lo, desde que estejam cientes de seus benefícios e caso recebam formação e ajuda adequada e aprendam a ler a nova linguagem das tecnologias incorporando-as nas suas práticas sociais (Dias, 2012). Portanto, o desenvolvimento e a difusão das TIC têm exigido dessa parcela da população um aprendizado contínuo para que possam interagir de forma autônoma com esses aparatos tecnológicos (Tavares e Souza, 2012).

Como podemos observar, esses estudos dão conta que existe uma variedade de fatores que influenciam os adultos mais velhos na aceitação e na utilização da tecnologia digitais e muitas dessas dificuldades podem ser atenuadas com um *design* e treinamento apropriado o mais cedo possível para facilitar a aceitação. Por exemplo, assim como o trabalho de Nimrod (2014) reconhece a importância das comunidades

⁷ OFCOM: Independent regulator and competition authority for the UK communications industries - <http://www.ofcom.org.uk/>

online para fomentar a comunicação e a interação entre pessoas mais velhas, outras pesquisas afirmam que as interfaces dessas mesmas redes sociais digitais e as TIC em geral são, em grande medida, pouco apropriadas para serem utilizadas por idosos, especialmente aqueles com mais de 80 anos (Loos e Bergstrom, 2012; Olphert et al., 2006; Goodman e Syme, 2003; Chisnell e Redish, 2012).

Os dispositivos tecnológicos para adultos mais velhos têm sido desenvolvidos principalmente na área de reabilitação e, por esse motivo, o seu uso pode estar associado à estigmatização e à discriminação o que pode levar a uma avaliação negativa do seu uso por essa parcela da população (Katrin Claßen, Schmidt e Hans-WernerWahl, 2013; Demiris *et al.*, 2008; Davis e Venkatesh, 1996). Portanto, um “bom” *design* em uma tecnologia destinada a idosos deve satisfazer as suas necessidades e capacidades, por um lado, e evitar a estigmatização por outro lado. Para cumprir esses requisitos o utilizador final deve ser integrado nos processos de concepção e desenvolvimento de uma tecnologia desde o início de sua criação (Rogers e Fisk, 2010; Claßen, Schmidt e Hans-WernerWahl, 2013).

A gerontecnologia preconiza que se deve atingir um equilíbrio entre as preferências, interesses e necessidades dos consumidores idosos e a rápida evolução tecnológica que fornece as bases para o desenvolvimento e comercialização de novos produtos e serviços (Bouma, 1992). O artigo científico “*Patrones de diseño para mejorar la accesibilidad y uso de aplicaciones sociales para adultos mayores*” (Luna-García, Mendoza-González e Álvarez-Rodríguez, 2015) discute essa inadaptabilidade e firma que o contexto em que vivemos atualmente obriga os adultos mais velhos a interagir com as tecnologias de comunicação enfrentando diversos obstáculos decorrentes de um *design* mal concebido. Com uma abordagem metodológica qualitativa essa pesquisa identificou, através de análises de um grupo de idosos e da opinião de especialistas, aspectos que dificultam a utilização de uma rede social por essa parcela da população. Como exemplo, cita a incoerência da concepção dos elementos de interface, o tamanho da fonte muito pequena, uma navegabilidade pouco suave e baixo grau de controle sobre a aplicação. O trabalho de Kachar também identifica as mesmas dificuldades na utilização das TIC por parte dos idosos:

As pessoas da terceira idade necessitam de um tempo maior e seguem um ritmo mais lento para aprender a manipular e assimilar os mecanismos de funcionamento desses artefatos (Kachar, 2003; 2009), seja para o uso pessoal e cotidiano ou em atividade profissional. Estes aparelhos nem sempre apresentam uma interface amigável ao universo e às características do idoso, considerando o tamanho e o tipo de fonte, o tamanho dos ícones, o contraste nas cores, assim como, o design de interação, onde este último necessitaria ser mais intuitivo (Moro, 2010). Desta forma, acaba ocorrendo uma subutilização desses recursos pelo público mais velho, que não se restringe aos celulares, mas aos diversos artefatos como os computadores que implicam na decodificação da linguagem digital (Kachar, 2010b, p. 136).

Outros autores (Tavares e Souza, 2012) defendem a tecnologia assistiva (TA)⁸ como uma opção que pode ser utilizada com a finalidade de permitir a interação com o computador por pessoas com diferentes graus de comprometimento motor, sensorial e/ou de linguagem (UNESCO, 2007), o que pode incluir idosos com uma idade mais avançada. A tecnologia assistiva surge que deve-se respeitar as limitações que o idoso venha a desenvolver e oferecer uma possível solução a esses problemas para interagir com as TIC. Esse tipo de abordagem sugere que a necessidade de criar equipamentos e materiais inclusivos como, por exemplo, adaptações de teclado, de *mouse* e *software* especiais que sejam adequados a cada especificidade e não fazer com que o público com dificuldades específicas se adapte aos produtos desenvolvidos para a população em geral.

Neste sentido, a inclusão digital do idoso requer que os componentes de entrada e saída de dados, as interfaces sejam desenvolvidas dentro de padrões de acessibilidade, que não ofereçam obstáculos para o usuário idoso, ou que as minimizem. As equipes de desenvolvimento web, de software ou hardware poderiam ser mais sensíveis às especificidades deste público, pois facilitar para o idoso não é dificultar para os mais jovens (Tavares e Souza, 2012, p.5).

Uma publicação (Chou, Lai e Liu, 2013) analisou a opinião de pessoas mais velhas que usam o Facebook e transformou as conclusões do estudo em recomendações para simplificar alguns aspectos dessa rede social digital para o uso dos seniores. Essas orientações incluíram questões relacionados à privacidade, melhoramento para um *layout* mais claro, além de menos opções e menos texto, pois

⁸ A tecnologia assistiva (TA) pode ser compreendida como toda ferramenta, recurso ou estratégia e processo desenvolvido e utilizado com a finalidade de proporcionar maior independência e autonomia à pessoa com deficiência (UNESCO, 2007)

os autores observaram que os usuários mais velhos, em contraste com os mais jovens, tendem a ler tudo o que é exibido na tela de forma semelhante quando leem um livro (Chou, Lai e Liu, 2013).

Questões de mercado também afetam o interesse no desenvolvimento de ferramentas mais apropriadas aos idosos, pois a população mais jovem ainda é a grande parcela consumidora das TIC (Independent Age, 2010). Por esse motivo, alguns especialistas são claros ao afirmarem que a resposta adequada a este problema não é criar produtos especialmente concebidos para os mais velhos, isso seria considerado como estigmatizante, mas sim, encorajar o desenvolvimento de *design* mais inclusivos e que possam ser utilizados por todos (Luna-García, Mendoza-González e Álvarez-Rodríguez, 2015; Independent Age, 2010).

2.5- Digitalização progressiva da geração mais velha e a importância das características sociodemográficas

Com um número cada vez maior de idosos que continuam ativos em seus 80 e 90 anos de idade, é importante reconhecer que a composição demográfica dos utilizadores das tecnologias de informação e comunicação está a mudar (Charness e Schaie, 2003). As pesquisas são unânimes ao afirmarem que os idosos estão utilizando cada vez mais as TIC, mas também dão conta de que essa realidade faz parte da vida de uma pequena parcela da população mais velha e que existem diferenças importantes que persistem e que separam os que usam dos que não usam essas tecnologias entre as várias regiões do mundo. Como veremos a seguir, estudos indicam que essas desigualdades são influenciadas por características específicas de cada indivíduo e por aspectos sociodemográficos.

Sabe-se que o uso da internet cai a partir dos 75 anos (Colombo, Aroldi e Carlo, 2014) e que os idosos com menos idade, de maior renda per capita e maior escolaridade usam mais a internet (Horrigan, 2014; Selwyn, Gorard e Furlong, 2003; NTIA, 2013). Portanto, o uso de uma TIC e da internet não é apenas uma atividade minoritária entre os adultos mais velhos, mas também altamente estratificado por

diferenças entre sexo, idade, atividade profissional, estado civil e escolaridade. Dentre essas características sociodemográficas, os três pilares apontados como os mais importantes são a idade, a renda e a educação. Embora, muitas vezes, não existam correlações entre as três categorias, a maior parte dos estudos a que tivemos acesso aponta o fator idade como aquele que determina mais precisamente se uma pessoa usa ou não uma TIC, ou seja, quanto mais velha é a pessoa maior é a probabilidade de que ela seja digitalmente excluída (Chua, Chen e Wong, 1999; Dyck e Smither, 1994; Horrigan, 2014; Mollenkopf e Kaspar, 2004). Ao passo que altos níveis de escolaridade e de renda são positivamente relacionados com a adoção de uma nova tecnologia digital (Belloc, Nicita e Rossi, 2012).

A definição de fosso digital foi estendida para englobar competências digitais (van Dijk, 2006), frequentemente encontradas entre aqueles que são proficientes digitalmente, e superar a divisão digital baseada somente entre aqueles que usam e não usam as TIC. Nota-se que existe um interesse da comunidade acadêmica à volta da exclusão digital dos idosos, enquanto o que deveria prevalecer seria um esforço para compreender o meio pelo qual se dão os processos de adoção e de não adoção das tecnologias para que pudessem ser desenvolvidas estratégias de inclusão digital.

Nos Estados Unidos, em abril de 2012 o *Pew Research Center* (2014) encontrou pela primeira vez que a metade dos americanos com 65 anos ou mais eram usuários da internet; um ano depois houve um aumento de 9 pontos percentuais chegando a 59% dessa faixa da população. Uma pesquisa empírica desenvolvida em Itália (Colombo, Aroldi e Carlo, 2014) também apresentou resultados que ressaltam o aumento no número de pessoas mais velhas que utilizam as tecnologias digitais e acrescenta que o paradigma geracional permite compreender que a distinção entre nativos digitais e imigrantes digitais (Prensky, 2001; Prensky, 2009; Loos, 2011; Helsper e Eynon, 2010) ainda é evidente, embora as diferenças venham gradualmente diminuindo (Colombo, Aroldi e Carlo, 2014). Nesta mesma linha de pesquisa, o trabalho realizado por Kachar (2010) identifica no Brasil a percentagem de 92% de não acesso à internet da faixa etária a partir dos 60 anos, mas afirma que “o acesso às tecnologias da informação e comunicação tem crescido na população brasileira” (Kachar, 2010, p. 5).

À semelhança da pesquisa italiana (Colombo, Aroldi e Carlo, 2014) e americana *Pew Research Center* (2014) citadas acima, na pesquisa brasileira (Kachar, 2010) as diferenças na frequência de acesso entre idosos e as demais faixas etárias são quase inexistentes quando é levado em consideração somente aqueles que acessam a internet. Desta maneira, pesquisas realizadas em três diferentes países coincidem em seus resultados nas seguintes formas: ser nesta faixa da população (60/65 anos ou mais) que está acontecendo o maior crescimento na utilização da internet e das TIC; existir um fosso digital significativo entre as gerações mais velhas e mais jovens; e a diminuição dessas diferenças quando se considera somente os idosos usuários da internet.

Portanto, alguns trabalhos apresentam dados que estão próximos das referências feitas sobre a categoria conhecida como *silver surfers*, (Selwyn, Gorard e Furlong, 2003; Saunders, 2004; Cody *et al.*, 1999). A noção de *silver surfers* reforça a ideia de que essas pessoas se beneficiam das TIC e que a habilidade de usar as tecnologias significa a construção de uma “ponte” que diminui as diferenças em relação às gerações mais jovens (Selwyn, Gorard e Furlong, 2003). Isso quer dizer que as pessoas mais velhas não são todas vulneráveis e com necessidade de serem ajudadas, o que é especialmente verdade quando consideramos aqueles com idade até 74 anos.

A partir dessa revisão bibliográfica sabe-se que o fosso digital é complicado e dinâmico (van Dijk e Hacker, 2003) e, geralmente, se refere a "uma lacuna entre os que têm e os que não têm acesso às novas formas de tecnologia da informação" (van Dijk 2006, p. 221). Se compararmos os resultados das pesquisas que tratam da questão de gênero, observamos que ainda carece de ser mais bem explorada, pois algumas destacam as desigualdades de acesso e uso das TIC entre homens e mulheres, enquanto outras não encontram diferenças e afirmam que esse fator não é significativo como determinante para o uso e apropriação das tecnologias de informação e comunicação. No entanto, encontramos na pesquisa de Colombo, Aroldi e Carlo (2014), mesmo que de maneira breve, uma pista de que algumas tendências, tais como o predomínio da literacia digital masculina, podem ser desafiadas pela crescente popularidade dos tablets e smartphones entre as mulheres. A pesquisa

quantitativa intitulada *Too old for technology? How the elderly of Lisbon use and perceive ICT* (Neves e Amaro, 2012), realizada com 500 pessoas com idade acima dos 64 anos, aponta que os homens usam mais os celulares, os computadores e a internet, mas esse trabalho conclui que o sexo, por si só, não é significativamente relevante para explicar o uso e o não uso dessas tecnologias.

A pesquisa de Isabel Dias (2012) incidiu sobre 91 indivíduos e teve uma abordagem metodológica centrada em dados quantitativos e no descritivo de algumas características sociodemográficas da amostragem com objetivo de analisar a relação dos seniores mais jovens (55-65 anos) e dos mais velhos (com 66 anos ou mais) com o computador, a internet e o celular. Distintamente da pesquisa que referimos anteriormente (Neves e Amaro, 2012), esse estudo (Dias, 2012) ressalta a importância das diferenças entre sexo no uso da tecnologia: “apesar da tendência para um reduzido uso da internet entre os respondentes, ele é diferente em função do gênero e da idade dos seniores. São os idosos mais jovens e do sexo masculino que revelam uma maior utilização da internet que oscila entre muito frequente e pouco frequente” (2012, p. 64). Segundo os resultados, 52,9% das mulheres com mais de 66 anos dizem nunca ter usado a internet, enquanto 11,8 % dos homens na mesma faixa etária encontravam-se nessa categoria.

A pesquisadora (Dias, 2012) também ressaltou um outro aspecto muito considerado entre os estudos sobre idosos e TIC: os baixos níveis de escolaridade da população mais velha. Portanto, essa autora também afirma que para além da idade, existe uma relação entre fatores como o sexo e a escolaridade no que diz respeito ao uso de algumas TIC, principalmente o computador e a internet. Inclusivamente, o estudo conclui que “este resultado exige que estejamos atentos ao ‘gênero’ da inclusão/exclusão digital nesta fase do ciclo da vida humana” (Dias, 2012, p. 74) e que se deve promover a utilização das novas tecnologias entre os seniores, sobretudo entre as mulheres idosas que manifestam níveis mais baixos de interesse.

Não é unânime, mas a maioria dos estudos a que tivemos acesso afirma que os níveis de educação estão estreitamente ligados à capacidade de usar a internet: “quanto mais escolaridade o indivíduo possuir, melhor performance operacional,

formal, informal e estratégica terá com a internet” (Deursen, 2012, p. 181). Usar as TIC não significa somente ler no ecrã e escrever no teclado, também acarreta capacidade de tomar decisões, interagir com programas e outras pessoas, fazer transações de bens e serviços (Deursen, 2012). Essa ideia está de acordo com Katz e Rice (2002) que argumentam que grupos com baixa escolaridade são incapazes de aceder a conteúdos disponíveis na internet que supram suas necessidades. Então, baixos níveis de escolaridade podem funcionar como uma barreira importante para adotar e usar as TIC.

A tecnologia de informação e comunicação mais usada entre os idosos é o celular (Neves e Amaro, 2012; Dias, 2012; Oliveira, 2011; Kachar, 2010b) e as pesquisas empíricas dão conta de que esse equipamento encontra-se fortemente presente nos seniores de ambos os sexos, de diferentes classes sociais e níveis de escolaridade, não havendo, por isso, diferenças significativas por padrões sociodemográficos (Neves e Amaro, 2012; Dias, 2012; Oliveira, 2011). Na pesquisa de Dias (2012), o celular encontrava-se fortemente presente nos seniores de ambos escalões etários (55-65 anos e 66 ou mais anos) e sexo. Observamos a mesma tendência em Neves e Amaro (2012) que concluiu que proporcionalmente à amostra, 71% das mulheres e 74.5% dos homens tinham um celular demonstrando que as diferenças entre os sexos não são significativas, ao contrário dos níveis de escolaridade, pois para os autores “Educação é significativamente relacionada com a posse de celular” (Neves e Amaro 2012, p. 12).

Com o advento das tecnologias móveis como os smartphones e tablets surgiram novas formas de aceder à internet e criou-se uma expectativa que essas tecnologias pudessem modificar o acesso do idoso aos conteúdos *online*. Nesse sentido, trabalhos empíricos que analisem a importância dessas tecnologias móveis para estreitar o fosso digital que separa os cidadãos mais velhos dos mais jovens, indicando que este é um campo de pesquisa que precisa ser mais bem explorado, principalmente no Brasil e em Portugal.

Possuir literacia mediática, ou seja, ser capaz de entender e usar as tecnologias de informação e comunicação (Gilster, 1998), pode ser um fator determinante para diferentes gerações e grupos de pessoas lidarem com suas vidas diárias (Roberto,

Fidalgo e Buckingham, 2014; Horrigan, 2014; Dias, 2012; Páscoa e Gil, 2015; Llorente-Barros, Viñarás-Abad e Sánchez-Valle, 2015; Horrigan, 2014). Teoricamente, os idosos deveriam acompanhar a evolução das novas tecnologias, pois têm o potencial de abolir diferenças e limites geracionais. Argumenta-se, no espírito pós-moderno, que a idade se tornaria irrelevante no mundo digital e virtual e o “‘novo velho’ terá a oportunidade de escolher entre estilos de vida e identidades ou, ainda mais espetacular, irá emergir através da tecnologia, como uma nova pessoa, um ‘tecno-indivíduo’” (Hagberg, 2012, p. 95). Para alguns especialistas o uso das tecnologias é visto como algo tão poderoso que faz com que o entendimento do conceito de idade possa ser modificado devido ao seu uso.

A idade é apenas um indicador de passagem do tempo e o uso do computador pode traduzir-se numa alternativa ao nível dos relacionamentos e do entretenimento, bem como no combate ao isolamento social. Por outro lado, a utilização das TIC oferece ao idoso mais autonomia, maior bem-estar e integração social e, por conseguinte, maior índice de felicidade. Para além disso, ao se tornar num “ser digital”, o idoso, mais do que ter acesso à informação, adquire a possibilidade de atuar e interferir na sociedade, já que o uso do computador potencializa a partilha de conhecimento. Ou seja, a idade não foi justificativa para a exclusão do mundo digital. Pelo contrário, foi e deverá ser considerada uma motivação acrescida, no sentido de se consertar esforços e desenvolver iniciativas para que os idosos possam viver satisfeitos e mais elevados índices de qualidade de vida com o passar do tempo (Pereira e Neves, 2011, p. 25).

Essas reflexões a partir dos resultados das pesquisas também nos relembra da importância de considerar que os idosos são heterogêneos e as pesquisas científicas deveriam considerar e incluir esse aspecto em suas abordagens. Existem estudos na literatura gerontológica que fornecem sólidas evidências de que os idosos são atualmente considerados como pertencentes a uma audiência muito diversificada (Dannefer, 1988; Wolfe e Snyder, 2003; Yang e Lee, 2010; Independent Age, 2010) por terem acumulado diferentes experiências de vida ao longo, de pelo menos, seis décadas chamada de *aged heterogeneity* por Dannefer (1988), algo que levamos em consideração no desenvolvimento da presente pesquisa.

Considerações finais

Com o levantamento bibliográfico que fizemos, podemos afirmar que os estudos da relação de idosos com as tecnologias de informação e comunicação são uma temática que tem suscitado interesse científico, ainda que esse tópico de estudo ser somente uma parte do conhecimento produzido sobre envelhecimento, onde se destacam as pesquisas ligadas à saúde e ao bem-estar. A principal constatação que a literatura acadêmica aponta é que a idade ainda é o principal fator usado para identificar o fosso digital que separa os que usam dos que não usam as tecnologias de informação e comunicação, mas também a possibilidade que o uso e apropriação das tecnologias poderem ajudar os idosos a melhorar a sua qualidade de vida, para serem mais saudáveis e independentes obtendo melhor assistência em diferentes áreas de interesse.

Outro aspecto transversal tanto nos estudos portugueses, brasileiros, como aqueles realizados em outros países é que as TIC e a internet podem diminuir a solidão, aumentar o acesso à informação, assim como a frequência da comunicação com familiares e amigos, resultado numa visão globalmente positiva das tecnologias. Também foi unânime que o celular é a tecnologia mais democrática entre a parcela da população com mais idade e que o seu uso não é determinado por características específicas.

Existe uma forte política de investigação e interesse no "fosso digital" e as potenciais implicações da exclusão social para aqueles sem acesso às TIC. No entanto, as definições do fosso digital são muitas vezes simplistas e determinadas entre os que usam e os que não usam e não considerarem as diferentes TIC que existem nem os diferentes níveis de acesso, utilização e envolvimento com as tecnologias digitais. Mesmo assim, para aqueles com mais de 60 anos, os estudos mostram que têm sido amplamente excluídos de possíveis benefícios advindos de recursos ligados às tecnologias. As diferentes pesquisas identificaram uma necessidade da inclusão digital e uma maior demanda por cursos e programas com estratégias específicas para esta população para favorecer a atualização e a inserção social. Isso faz-nos refletir sobre a necessidade de desenvolvimento de uma abordagem aberta para a pesquisa

tecnológica e para o desenvolvimento de serviços e aplicações no domínio da saúde e bem-estar, bem como da socialização.

Os relatórios estatísticos mostram que os adultos mais velhos são o segmento que mais cresce entre os usuários da internet e das tecnologias de informação e comunicação. Assim, nos próximos anos, um número cada vez maior de idosos se tornarão usuários das TIC e, conseqüentemente, enfrentarão novos desafios, algo que os trabalhos sobre TIC e idosos, apesar de alguns serem abrangentes, não contemplam. Contudo, em termos de políticas, os referidos resultados das pesquisas, portanto, parecem ser um aviso para desenvolver estratégias de política inclusiva para promover a inserção social através de tecnologias.

Capítulo 3

Contextos do estudo: as políticas de inclusão digital no Brasil e em Portugal com referência à população idosa

Introdução

As tecnologias da informação e comunicação estão presentes em muitos aspectos da vida contemporânea influenciando as maneiras como interagimos com o ambiente ao nosso redor. O volume de informações acessíveis a um clique ou ao toque de um dedo nunca foi tão grande fazendo com que sejamos diariamente confrontados com um grande volume de escolhas sobre questões do nosso dia a dia. Esses aspectos fazem com que seja importante possuir habilidade para gerir e avaliar as várias fontes de informação para, por exemplo, um melhor planejamento da aposentadoria, de cuidados de saúde e outras informações que podem facilitar as atividades do cotidiano.

Por esse motivo, a capacidade de usar as tecnologias de informação e da comunicação e, em particular, a internet, pode ser considerada uma habilidade essencial e os adultos mais velhos ficam em desvantagem quando não possuem competências suficientes no gerenciamento de informações em ambientes digitais até porque “renunciar a um mundo cada vez mais tecnológico já não é uma opção viável” (OCDE, 2015, 3). Portanto, saber como acessar essas informações *online* ou resolver problemas através dessas tecnologias pode marcar a diferença entre estar ou não inseridos na sociedade e qualificados para tirar benefícios dessa utilização (OCDE, 2015).

Como já referimos, os estudos que tratam da inclusão digital e que centram-se numa perspectiva entre utilizadores e não utilizadores têm, mais recentemente, ampliado seu campo de investigação por admitirem a complexidade em volta dessa

questão (Helsper, 2008). Provas da existência de uma relação direta entre inclusão digital e social, especialmente no que diz respeito à internet, têm sido o foco de estudos realizados por acadêmicos bem como instituições governamentais. Esses trabalhos têm demonstrado, de forma consistente, que os indivíduos que têm acesso às TIC tendem a ter maior escolaridade, maior rendimento e um estatuto profissional mais elevado do que aqueles que não usam as TIC. Também existe um corpo de prova emergentes de que as pessoas mais velhas que sofrem de exclusão social combinam desvantagens como baixas habilidades educacionais, más condições de saúde e de baixa renda e que também são susceptíveis de serem excluídas da sociedade da informação (Horrigan, 2014; Selwyn, Gorard e Furlong 2003, 2003; Gutzmann, 2000; Bower, 1997; Rapagnani, 2002).

Esse tipo de constatação faz-nos refletir sobre o quão significativo é a ligação entre o digital e o social e os muitos aspectos que podem influenciar esse vínculo. A resposta a essa reflexão não é simplesmente uma preocupação acadêmica, mas tem implicações políticas e práticas importantes: se o acesso a recursos digitais pode promover a inclusão social, por exemplo, será importante apoiar e desenvolver iniciativas que promovem a inclusão digital das pessoas mais velhas, mesmo que essa não seja uma opção para todas elas. Isso porque, em média, os mais jovens (16-24 anos) e com escolaridade mais elevada têm melhores competências na resolução de problemas em ambientes tecnológicos ao contrário das pessoas idosas que se encontram no extremo oposto dessa classificação (OCDE, 2015) e entre a parcela da população que menos utiliza as TIC.

Alcançar a inclusão de todos os cidadãos significa remover todas as barreiras culturais para a assimilação digital, como garantir a produção de conteúdo local, inclusive para populações indígenas e aprimorar o desenho e acessibilidade de serviços digitais ao fazer proveito de plataformas e tecnologias que já são utilizadas por grande parte da população, como celulares e mídias sociais (Ricart e Ubaldi, 2016, p. 39).

Neste capítulo abordaremos alguns aspectos relacionados ao processo amplo de inclusão digital no Brasil e em Portugal com ênfase em como esse percurso vem incorporando ou não os idosos. Nossa discussão está estruturada da seguinte forma:

- 1- Abordamos como se deu a implementação das políticas públicas voltadas para combater a exclusão digital em Portugal, que se iniciou na década de 1990 destacando a importância das diretrizes estabelecidas pela União Europeia e uma política mais preocupada com a inclusão do idoso. Discutimos esse processo no Brasil que se iniciou na mesma década, principalmente, através das *lanhouses*, da implementação dos telecentros e, mais recentemente, através do uso do telefone celular;
- 2- A seguir, falamos sobre inclusão digital tendo como base os serviços do governo eletrônico em ambos os países, pois ter acesso a esses recursos é entendido como potencializador de aspectos econômicos, sociais, culturais, tecnológicos e políticos do desenvolvimento passando pela inclusão digital e social.

Concluimos fazendo uma reflexão sobre os principais pontos abordados no capítulo, porém, antes de avançarmos para o contexto português e brasileiro, discutiremos alguns particularidades sobre exclusão digital e a sua relação com a exclusão social e que servirá de base para o desenvolvimento do capítulo.

3.1- A relação entre a exclusão social e digital

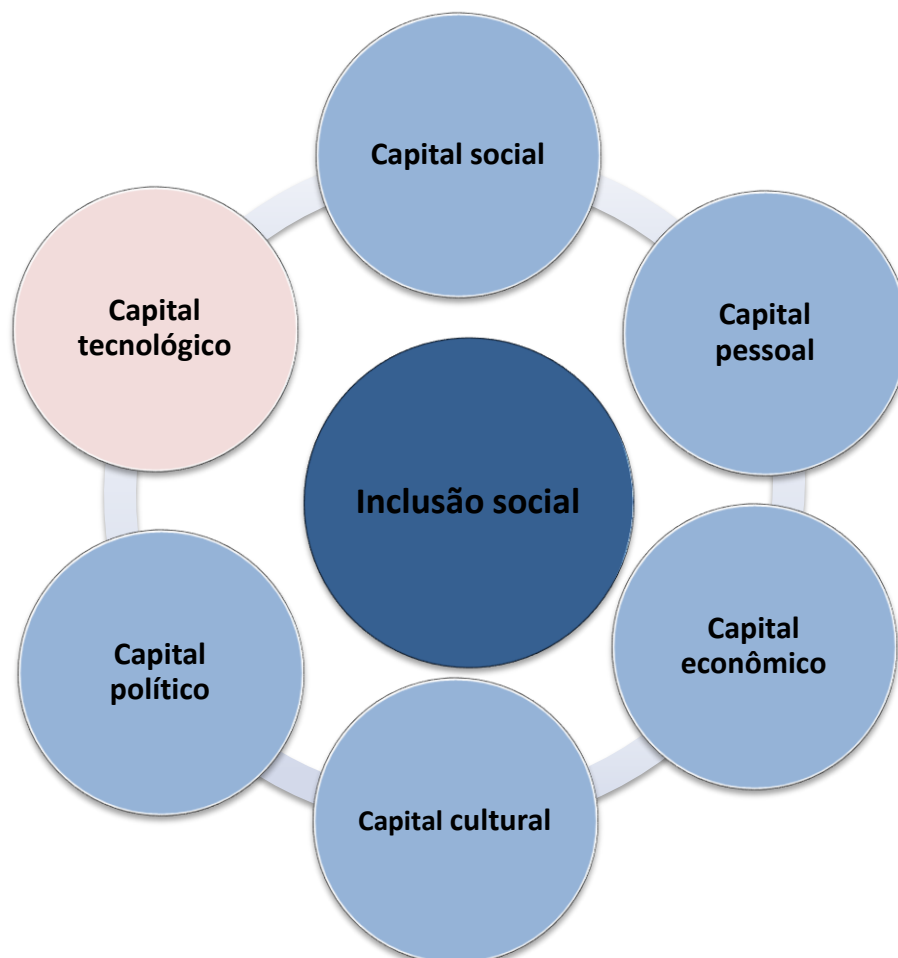
3.1.1- Inclusão social

A exclusão social pode ser definida como a "privação de bens, serviços e atividades que a maioria da população define como sendo as necessidades da vida moderna" (Gordon *et al.*, 2000, p. 5). Esse é um conceito multidimensional e que deve incluir vários aspectos da vida podendo ser voluntária ou involuntária, enraizada em categorias sociais amplas e ligadas ou não a vários tipos de desvantagem e discriminação (Helsper, 2012; Chakravarty e Ambrosio, 2006).

Assim, um indivíduo é socialmente excluído se não participar em atividades que são, normalmente, desenvolvidas pelos cidadãos da sociedade a que pertence (Burchardt *et al.*, 1999). Um conceito que também ajuda a literatura sociológica sobre

desigualdades a determinar o que significa exclusão social foi apontado por Bourdieu (1986) como “capitais” ou “formas de poder” que influenciam a maneira como o indivíduo está presente na sociedade (Sallaz e Zavisca, 2007; Anthias, 2001). De acordo com esse modelo, deve-se reconhecer que a inclusão social é um conceito complexo e que para entendê-lo é necessário interrelacionar vários fatores, pois possuir diferentes recursos ou capitais é fundamental para o bem-estar e a plena participação na sociedade fazendo com que esses mediadores sociais também sejam facilmente indicadores de inclusão digital, como veremos mais à frente.

Figura 2: Inclusão social



Fonte: Bourdieu, 1997; Bennett *et al.*, 2010

Segundo Bourdieu (1997), **capital social** é visto como um recurso desenvolvido pelo indivíduo de acordo com o seu passado e as suas atividades atuais, e que também depende, em alguma medida, da atitude dos outros, pois trata-se de relações de convívio (Helsper, 2008; Putnam, 2000). No mundo tecnológico onde vivemos, essas interações sociais dão-se, cada vez mais, através de dispositivos tecnológicos. Dentro desse contexto, o capital social ganha uma maior amplitude podendo ser definido como benefícios ou oportunidades que advêm do envolvimento e participação em redes sociais digitais baseadas em interesses e atividades comuns, relações familiares ou outros laços que fazem com que participemos de um grupo mediado pela tecnologia.

Sendo os idosos as pessoas que mais tempo viveram em sociedade, era de se esperar que tivessem estabelecido laços sociais fortes e duradouros e que isso se refletisse em suas vidas atuais. Contudo, sabe-se que, em sua maioria, a idade avançada faz com que essa parcela da população, principalmente aqueles que fazem parte dos chamados “velhos-velhos” (Oliveira, 2005), passe por uma alteração significativa do ritmo de suas práticas cotidianas com a deterioração da saúde, alteração da capacidade física e mental. Isso pode trazer como consequência, a diminuição das relações familiares, de amizade e dos contatos sociais, em geral (Loos e Bergstrom, 2014; Hagberg, 2012).

Essas características negativas que acompanham a pessoa durante o processo de envelhecimento avançado podem limitar o uso das TIC e configurar-se como uma barreira para alargar suas redes sociais através da internet, principalmente. Para aqueles idosos que se encontrem em situação de isolamento social e com dificuldade de se deslocar, o fato de não utilizarem as TIC configurar-se-ia como uma perda de oportunidade de estar mais incluído socialmente e com maior qualidade de vida (Erickson, 2011; Durndell e Haag, 2002; González, Ramírez e Viadel, 2012; Pereira e Neves, 2011; Sá e Almeida, 2012; Alves *et al.*, 2012). Isso significa que, atualmente, as tecnologias de informação e comunicação possuem um papel ativo, pois podem influenciar diretamente nesse tipo de mobilidade influenciando, por exemplo, quão socialmente incluída uma pessoa é (Abrams, Hogg e Marques, 2005).

O **capital pessoal** está relacionado a características emocionais ligadas ao bem-estar psicológico e físico bem como a valores morais de cada indivíduo, enquanto o **capital econômico**, tradicionalmente, compreende rendimentos, perspectivas e oportunidades de educação, trabalho e moradia (Bourdieu, 1986), características que fazem parte da maioria das atuais medidas de exclusão social (Helsper, 2008). A atividade econômica no campo digital, por conseguinte, pode ser exemplificada no uso de recursos do comércio eletrônico através de compras e vendas *online*, na realização de operações bancárias e no ensino à distância através da internet. Os elementos correspondentes ao capital pessoal e econômico podem estar diretamente ligados a exclusão digital, pois baixos rendimentos, baixa escolaridade e problemas de saúde física ou mental podem limitar o acesso às TIC. Essas conclusões já foram apontadas por estudos que afirmam que o idoso com menor renda *per capita* e baixa escolaridade tende a não usar a internet (Horrigan, 2014; Selwyn, Gorard e Furlong, 2003).

Ainda segundo Bourdieu (1984), o **capital cultural** também é um importante aspecto influenciador das desigualdades sociais e pode ser definido como "práticas culturais dos povos, conhecimentos e comportamentos adquiridos através de exposição a modelos no círculo familiar e em outros ambientes" (Portes, 1998, p. 5). Características como etnia, gênero, língua, geração e religião, dentre outros, formam o capital cultural de um indivíduo influenciando a sua participação na sociedade. A internet, através de uma maior democratização da informação, pode ser uma porta aberta e que torna permanente o acesso a conteúdos culturais que, de outra forma, o indivíduo poderia ter dificuldades de aceder. O **capital político**, por sua vez, é influenciado pela participação política e cívica. Bennett (2003) argumenta que, tradicionalmente, os recursos políticos poderiam ser definidos como a maneira em que a ordem política é estabelecida através de identificação mútua com "líderes, ideologias e participações em grupos políticos convencionais" (p. 147) e afirma que a internet pode modificar a maneira como as pessoas participam nesse contexto.

Os cinco recursos relacionados à exclusão social apresentados aqui são, claramente, uma simplificação do corpo de literatura existente. Além disso, é difícil separar os diferentes tipos de aspectos que influenciam a inclusão social porque estão,

muitas vezes, fortemente relacionados e sobrepostos. Mas, levando em consideração a influente análise de Bourdieu sobre os diferentes tipos de capitais e a sua importância como eixos para entender as desigualdades e a definição de exclusão social que apresentamos no início deste tópico de discussão, ou seja, a "privação de bens, serviços e atividades que a maioria da população define como sendo as necessidades da vida moderna" (Gordon et al. 2000, p. 5), pode ser, facilmente, acrescentado um sexto capital: o tecnológico (Bennett *et al.*, 2010), visto que as tecnologias de informação e comunicação são um elemento já entendido como indispensável por grande parte da população mundial.

Vivemos em uma sociedade digital. As novas tecnologias digitais têm tido uma profunda influência na vida cotidiana, nas relações sociais, no governo, no comércio, na economia e na produção e difusão de conhecimentos. A movimentação da população em seu espaço social, os seus hábitos de compra e a sua comunicação *online* com outros agora são monitorizados em pormenor pelas tecnologias digitais. Estamos nos tornando cada vez mais indivíduos identificados por dados digitais, quer queiramos ou não, quer escolhamos ou não (Lupton, 2015, p. 3).

Portanto, no mundo altamente tecnológico onde vivemos e onde nossas ações são mediadas, em grande medida, por dispositivos tecnológicos, uma forma possível de compreender a inclusão social é ver a própria tecnologia de informação e comunicação como um tipo de poder. Isso faz com que aqueles indivíduos que possuem a capacidade de transmitir e acessar informações de maneira rápida e eficaz possam estar em vantagem em relação aos demais. Considerar a falta de acesso às tecnologias de informação e comunicação como uma privação menos importante subestima o quão significativo são as evoluções tecnológicas e como afetam a sociedade atual podendo implicar em desvantagens e no agravamento da exclusão social. É desse assunto que trataremos agora.

3.1.2 Inclusão digital

A análise da exclusão digital tem se tornado cada vez mais matizada em suas explicações sobre os laços entre a exclusão social e a sua relação com as TIC, pois a não participação no ambiente tecnológico e das suas ferramentas de comunicação tem

implicações para o engajamento social (Warschauer, 2004). A inclusão digital pode ser definida e medida de diferentes formas, mas cinco categorias são fundamentais para um entendimento mais amplo: o acesso, as habilidades, as percepções individuais, o tipo de a atitude e a extensão do uso que se dá às tecnologias (Helsper, 2008).

Figura 3: Inclusão Digital



Fonte: Helsper, 2008

Ter acesso aos dispositivos tecnológicos de informação e comunicação é um aspecto básico da inclusão digital, mas, para além desse, outras condições são indicadores importantes como o local onde se tem **acesso** à internet. O acesso em casa, por exemplo, permite aos indivíduos se familiarizar com a tecnologia em suas próprias condições para além de ser uma eficiente aprendizagem informal

(Buckingham, Burn e Cranmer, 2005) sendo, portanto, usado pela maioria dos investigadores como um indicador de acesso de alta qualidade (Mumtaz, 2001).

Contudo, as pessoas que têm acesso à internet em outros locais para além da casa e através de diferentes plataformas - como smartphones, computadores portáteis e tablets - são entendidas como ainda mais digitalmente incluídas. Para além disso, o acesso à banda larga, à rede sem fio ou ao acesso móvel também são referências de acesso de qualidade uma vez que podem estar disponíveis em diferentes localizações e podem fornecer uma conexão de alta velocidade.

Para o indivíduo ser digitalmente incluído também são necessárias certas **habilidades** para usar as TIC e a internet. Essas capacidades incluem saber como ligar ou desligar um dispositivo, mas são, indiscutivelmente, mais vastas (Buckingham, 2005). As competências podem ser medidas numa base de nível técnico e operacional, bem como em relação a competências críticas no trato com as TIC (Van Deursen, 2010) permitindo uma avaliação dos conteúdos, das fontes de informação e o uso criativo para a resolução de problemas (Livingstone e Helsper, 2010). Helsper (2012; 2008) considera a exclusão digital com base em competências o resultado de uma falta de formação e de experiência prática direta colocando os idosos em desvantagem em relação aos mais jovens visto que as suas experiências com as TIC surgiram mais tardiamente em suas vidas. Esse é um dos motivos pelo qual é importante a implementação de políticas de inclusão digital voltadas exclusivamente para as pessoas mais velhas.

No campo social, certos estudos utilizam o conceito de autoeficácia ao analisar as **percepções individuais** sobre a capacidade de uma pessoa de lidar com as tecnologias digitais. Além de atuar no sucesso na utilização das TIC, o nível de autoeficácia também pode influenciar a motivação para usá-las, pois aqueles com baixos níveis dessa percepção são menos propensos a utilizar as TIC (Eastin e LaRose, 2000). Haddon (2000) utiliza o termo autoexclusão para descrever a rejeição às TIC que se baseia na baixa percepção de competências pessoais e atitudes negativas em relação às tecnologias em geral. Assim, membros de alguns grupos sociais, como os idosos, poderiam sofrer prejuízos, não pelo fato de não terem acesso, mas por se

sentirem menos competentes para usar as TIC ou por imaginar que essas tecnologias não têm muita utilidade para suas vidas (Anderson 2005; Selwyn, 2003).

As **atitudes** em relação aos aspectos negativos e positivos vão além da percepção dos indivíduos sobre a influência das TIC em suas experiências pessoais. Há evidências de que algumas atitudes sobre a importância da internet na vida cotidiana são baseadas em fatores culturais e sociais assim como a idade. Isso poderia explicar a razão pela qual certos grupos, como os idosos, tendem a considerar que um determinado tipo de tecnologia não é feita para eles, que não são adequados para a sua utilização ou que não são bons utilizadores (Pew Research Center, 2014; Bolin e Westlund, 2009; Bolin e Skogerbø, 2013; Mitzner *et al.*, 2010).

Nussbaum e Sen (1993), por exemplo, falam sobre a capacidade dos indivíduos de participar na sociedade de acordo com seus desejos (Nussbaum, 2000). Essa abordagem sobre a exclusão social pode ser empregada na escolha que os indivíduos fazem sobre o uso ou o não uso das TIC, pois não é raro uma pessoa idosa saber como usar uma tecnologia, ter acesso a ela e, mesmo assim, optar por não utilizá-la de forma plena (Azevedo, 2013) uma atitude entendida também como geracional (Orton-Johnson e Prior, 2013). Dessa forma, o indivíduo não entende, necessariamente, o uso das TIC como algo positivo podendo interpretá-lo como um elemento que não faz parte da sua cultura e mesmo entendê-lo com negativo. Isso faz com que pensemos o uso e o não uso das tecnologias de informação e comunicação a partir de um ambiente em que as pessoas podem usar a sua capacidade de fazer escolhas a partir de informações conscientes (Helsper, 2008).

Selwyn (2004) sugere que a falta de interesse em uma tecnologia pode ocultar não só uma falta de confiança em suas próprias habilidades, mas também um sentimento de que ela não é dirigida ao grupo a que pertence. Da mesma forma, os graus de ansiedade em relação às TIC também servem para avaliar o efeito que as TIC têm para a sociedade e na qualidade de vida do indivíduo (Durndell e Haag, 2002; González, Ramírez e Viadel, 2012; Pereira e Neves, 2011; Sá e Almeida, 2012; Alves *et al.*, 2012).

Altos níveis de acesso, habilidades e percepções e atitudes positivas não são suficientes para garantir a plena inclusão digital. Existem outras abordagens relacionadas ao **uso** que as pessoas dão as TIC e que podem ser analisadas através de uma lente qualitativa, enfocando a natureza ou o conteúdo do engajamento digital ou podem ser abordadas quantitativamente através de uma avaliação do número de atividades que as pessoas desenvolvem através das tecnologias (Helsper, 2008). Com exemplo, poderíamos citar as pessoas idosas que utilizam o celular para fazer e receber chamadas e, quando esse dispositivo tem ligação à internet, limitam-se ao uso das redes sociais digitais como o Facebook e o Whatsapp. Esse tipo de comportamento é uma boa forma de ilustrar como as pessoas limitam a potencialidade do uso das tecnologias que vai desde pesquisar ligadas à saúde até ao acesso a informações disponibilizadas nos *sites* do Governo.

Também é importante identificar as diferenças entre os usuários completamente engajados, os flexíveis e aqueles que nunca utilizaram a internet (Dutton e Helsper, 2007), pois essa distinção é relevante para entender os processos que levam à exclusão digital. Além disso, entre os que não utilizam as TIC, deve-se levar em consideração as pessoas que usam esses serviços através de um facilitador, ou seja, alguém que estabelece uma ligação entre a pessoa que não tem acesso, não quer ou não sabe como utilizar uma determinada TIC.

O mero acesso significa apenas isso: “aceder”. Não implica que o cidadão saiba como actuar quando acede, como utilizar os dispositivos disponíveis, como compreender os riscos envolvidos nas oportunidades de partilha e criação de conteúdos. E, ao invés do que por vezes se projecta, este saber não se remete ao plano da mera intuição, mas uma vasta área de formação e informação que tem que ser conduzida, pelo Estado e parceiros sociais, em molde de políticas públicas para as literacias mediáticas e digitais. Apenas elas poderão acautelar o seguro e regular funcionamento de uma Sociedade em Rede (Obercom, 2016b, p. 5).

A continuidade também pode ser considerada como outra perspectiva de análise para a inclusão digital vinculada ao uso (Almuwil, Weerakkody, e El-Haddadeh, 2011; Helsper, 2012). Esse aspecto está ligado à ideia de que a internet e outras tecnologias da informação e da comunicação são parte da infraestrutura do cotidiano ao ponto de tornarem-se enraizadas na vida do cidadão fazendo com que seja difícil de

ver o “mundo digital” separadamente do “mundo real”. Anderson (2005) descreve como a inclusão digital, muitas vezes, não consegue incorporar essa ideia de continuidade do uso das TIC especialmente em grupos que são vulneráveis à exclusão social como os idosos. As pessoas tendem a “entrar e sair” de tecnologias como a internet, dependendo das circunstâncias do dia a dia. Isto significa que em determinados pontos de suas vidas estão incluídas digitalmente, mas em outros estão excluídas.

3.2 Políticas de inclusão digital

Apesar do aumento contínuo de acesso e utilização das TIC por todo o mundo muitas pessoas ainda estão *offline* e este grupo é formado principalmente por mulheres, idosos, com escolaridade baixa, baixo rendimento e que vivem na zona rural (ITU, 2016). Portanto, a inclusão digital ainda apresenta-se cheia de irregularidades e suplantando essas diferenças é um desafio mesmo porque a capacidade tecnológica de um país se tornou uma das principais formas de medir o seu desenvolvimento. Os dados mais recentes dão conta do cenário sobre a inclusão digital brasileira e portuguesa e ainda apontam as desigualdades de acesso à internet.

Mesmo com um aumento contínuo do uso da internet e a importância de novas formas de acesso, como o telefone celular, 49% dos domicílios brasileiros ainda não têm acesso à internet, 34% da população nunca utilizou a internet e quando falamos exclusivamente da população com 60 anos ou mais esses números atingem os 78% (CGI.br, 2016). Em Portugal, 26% das habitações não possuem internet, 26% da população nunca utilizou a internet e com relação ao idoso (65-74 anos) essa percentagem chega a 77% de não utilizadores (INE, 2017). Se analisarmos com mais detalhe, mesmo entre esses 66% da população brasileira e 74% da população portuguesa que já acessou a internet estão separados por muitas disparidades em relação à variedade dos dispositivos tecnológicos utilizados, o tipo de rede e velocidade de conexão.

Essas diferenças são diretamente influenciadas por condições econômicas e educacionais que se tornam ainda mais marcantes quando são feitas comparações entre as diferentes regiões do Brasil (CGI.br, 2016) e de Portugal (Obercom, 2016a). Portanto, teoricamente, se pegarmos uma pessoa idosa portuguesa ou brasileira, que vive na zona rural, pertencente a classe social D ou E, com baixa escolaridade existe uma enorme probabilidade que nunca tenha acessado a internet. Constatações assim tão expressivas justificam, por si só, a implementação de políticas públicas de inclusão digital, que estão diretamente ligados ao direito a outros benefícios como “o direito à informação, direito aos serviços públicos, direito a ser ouvido pelo governo, direito ao próprio tempo, direito à participação na gestão pública e direito ao controle social dos governos. Outros poderiam ser acrescentados, como acesso ao trabalho, ao conhecimento e oportunidades econômicas” (Vaz, 2016, p. 57).

3.2.1 Políticas de inclusão digital em Portugal: a União Europeia e os idosos

Os esforços europeus em relação à sociedade da informação iniciaram-se em 1993 com a publicação do *White Paper* ou “Livro Branco” fazendo referência ao crescimento, competitividade, emprego como pilares para enfrentar os desafios futuros do século 21 (Comissão Europeia, 1993). Este documento dedica toda uma secção à sociedade da informação por reconhecer que

as tecnologias de informação e comunicação estão transformando dramaticamente muitos aspectos da vida económica e social, como métodos de trabalho e relações, a organização das empresas, o foco em treinamento e educação e a maneira como as pessoas se comunicam com os outros. Isso tem resultado em ganhos importantes em produtividade na indústria e na qualidade do desempenho dos serviços. A nova “sociedade da informação” está emergindo de forma que a qualidade e a velocidade da informação são fatores chave para a competitividade: como uma vantagem para a indústria como um todo e como um serviço fornecido para o consumidor final as tecnologias de informação e comunicação influenciam a economia em todos os estágios (Comissão Europeia, 1993, p. 92).

O mesmo documento afirma que os países europeus dispõem do conhecimento e da experiência que são necessários para a implementação de um espaço comum da informação, mas que são fundamentais desenvolver esforços para

criar um enquadramento político que ponha em prática, o mais brevemente possível, ações necessárias para desenvolvimento de uma sociedade voltada para as tecnologias de informação e comunicação. A partir daí, formou-se um conselho que elaborou um plano de ação publicado em 1994 com o título de *Europe's Way to the Information Society* que recomendou que os países membros deveriam estabelecer diretrizes regulatórias para o desenvolvimento de uma sociedade mais voltada para a tecnologia digital (Comissão Europeia, 1994).

Para Portugal, o mais importante ponto de partida ocorreu antes do Brasil, e mesmo antes das diretrizes estabelecidas pela União Europeia, em 1991, com a criação do “Sistema Interdepartamental de Informação ao Cidadão – INFOCID” (OCDE, 2008). Essa iniciativa foi lançada na internet em 1995 e teve como meta tornar a administração pública e os cidadãos mais próximos através da disponibilização de “informação básica de que carece sobre direitos, obrigações e procedimentos nas relações estabelecidas entre estes e a Administração Pública, de forma simples, rápida e fiável” (Governo de Portugal, 1991, p. 2). Uma das ações do INFOCID que contribuiu diretamente para a inclusão digital foi a disponibilização, progressivamente, de quiosques multimídia distribuídos em todo o país. Essa ação foi considerada exemplar pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (Rodrigues, Simão e Andrade, 2003).

Em 1994, Portugal, através do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), desenvolveu debates com o objetivo de elaborar estratégias com propostas de curto, médio e longo prazo, a ser apresentadas na Assembleia da República quando “os ministérios começam a tomar medidas globais e setoriais adequadas para a concretização do programa de governo no domínio sociedade da informação” (Rodrigues, Simão e Andrade, 2003, p. 92). Nos anos seguintes, foram lançados a “Iniciativa Nacional para a Sociedade da Informação e o Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal” (Coelho *et al.*, 1997) como um “orientador para todas as políticas relacionadas com a sociedade da informação e do conhecimento, ao englobar praticamente todas as áreas políticas, económicas, sociais e educativas” (Gil, 2014, p. 90; OCDE, 2008). Essas orientações fazem alusão a um “Estado Aberto” ao referir-se à

relação entre o cidadão e os serviços públicos através do meio digital. O “Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal” aborda os seguintes tópicos:

- A democratização para a sociedade da informação incluindo a responsabilidade social e o combate a desigualdades;
- Melhorar a eficiência da administração pública através de um Estado mais acessível ao cidadão;
- Disponibilização de conhecimento para o cidadão através da digitalização de conteúdos científicos, culturais e educacionais e da implementação de bibliotecas digitais;
- Desafios relacionados às escolas conectadas através do meio digital;
- Medidas voltadas para o setor empresarial, para a criação de empregos e para o mercado e indústria na sociedade da informação;
- Melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e apoio a grupos desfavorecidos social e digitalmente;
- Implicações jurídicas da sociedade da informação;
- Melhoramento da infraestrutura nacional de informação;
- Investimento na investigação e desenvolvimento na sociedade da informação.

Em um país que passa por um amplo processo de envelhecimento, o “Livro Verde” português faz nove referências ao cidadão idoso com o objetivo de integrá-lo na sociedade da informação juntamente com as outras camadas da população ao demonstrar preocupações relacionadas à sua inserção no mercado de trabalho, o desenvolvimento de *software* de fácil utilização, a telesegurança e o acompanhamento de idosos que estivessem limitados ao ambiente doméstico através das tecnologias.

A única via para se conseguir o tipo ambicionado de desenvolvimento integral, com respeito pelos valores da democracia e da igualdade de oportunidades, é através do diálogo e da cooperação entre os cidadãos, as empresas e o Estado. Todos os intervenientes devem ser auscultados e devem poder participar na definição do caminho para as novas formas de organização e de vida em sociedade que são impulsionadas pelas profundas transformações em curso. Desse movimento têm de fazer parte as empresas, os seus trabalhadores, os professores, os jovens que estão no sistema de ensino, **os idosos**, os responsáveis políticos a nível nacional, regional e autárquico, e acima de tudo os próprios cidadãos (Coelho *et al.*, 1997, p. 9).

Uma proposta que visa ajudar a concretizar a inclusão digital estabelecida no Livro Verde no que diz respeito ao cidadão português com necessidades especiais e onde se inclui o idoso foi criada em 1999 através da “Iniciativa Nacional para os Cidadãos com Necessidades Especiais na Sociedade da Informação” (Governo de Portugal, 1999). A ação teve o propósito de contribuir para que os cidadãos com necessidades especiais, mais especificamente, pessoas que possuíssem deficiências físicas e mentais, os acamados de longa duração e os idosos, pudessem se beneficiar das oportunidades advindas do uso das tecnologias da informação e da comunicação para uma maior inclusão social e para a melhoria de qualidade de vida.

Um importante elemento na inclusão digital de pessoas idosas em Portugal é o telecentro conhecido como “Espaço Internet” onde qualquer pessoa pode aceder, de forma livre, a um computador e à internet, em banda larga, e com o auxílio de um monitor. Esses primeiros telecentros foram criados em 1998 no âmbito do projeto “Cidades Digitais” (Mortari, 2011) e seriam ampliados a partir de 2001 através do “Programa Operacional para a Sociedade de Informação” (2000-06) (Governo de Portugal, 2005). Iniciou-se uma terceira fase de implementação que ocorreu a partir de 2006 pela Agência para a Sociedade do Conhecimento (UMIC) do Ministério da Educação e Ciência.

Esses telecentros estavam localizados em Autoridades locais, Concelhos paroquiais, bibliotecas públicas (301 bibliotecas em 308 municípios), instituições sociais, centros de inclusão digital, programas de desenvolvimento local, associações de cultura e lazer, entre outros e todos possuíam o mesmo objetivo de diminuir a exclusão digital em Portugal (FCT, 2013). Em 2010, existiam 1.172 unidades que permitiam o acesso livre aos computadores e à internet com sessões de formação e a presença de monitores (FCT, 2013). Para além da importância dos telecentros para a inclusão digital dos idosos, pode-se incluir as universidades seniores espalhadas por todo o país e que desempenham um papel fundamental no processo de qualificação dos idosos para a utilização das TIC (FCT, 2013).

Assim, desde a década de 90, Portugal, tal como outros países da União Europeia, desenvolveu um conjunto de iniciativas para promover a inclusão digital

entre seus cidadãos e várias dessas ações incluem o grupo de cidadãos com necessidades especiais de onde também faz parte o cidadão idoso. Um importante marcador foi a Declaração Ministerial de Riga (União Europeia, 2006) aprovada depois da conferência *ICT for an inclusive society*, em 2006 e tem como base o reconhecimento de que, na época:

- As TIC eram responsáveis por 25% do PIB e cerca de 50% da produtividade dos países da União Europeia;
- Que as TIC contribuíam para a qualidade de vida e participação social destacando a importância das pessoas idosas terem acesso às tecnologias;
- O fato de que 57% dos cidadãos pertencentes a União Europeia não usavam regularmente a internet e somente 10% das pessoas com 65 anos ou mais usavam a internet.

Esse documento (União Europeia, 2006) indica que devem ser desenvolvidas iniciativas nacionais, regionais e locais para tornar a inclusão digital mais ampla e proporcionar que os indivíduos tenham acesso a todos os aspectos da sociedade da informação, visando reduzir as lacunas entre os que usam e os que não usam as TIC com o objetivo de promover um melhor desempenho econômico, mais oportunidades de emprego e melhor qualidade de vida, participação e coesão social. Para isso, foi criada a iniciativa *i2010 – a European information society for growth and employment* (European Commission, 2005) com diretrizes para a inclusão digital na União Europeia até 2010. A ação *i2010* esteve direcionada para as políticas *eInclusion* abordando questões relacionadas diretamente aos idosos ao fazer menção ao envelhecimento ativo, mas também ao fosso digital geográfico, à acessibilidade, à literacia e às competências digitais, à diversidade cultural e ao Governo eletrônico.

Países implementarão, até 2008, ações de literacia e competências digitais, particularmente, através de sistemas de ensino formal ou informal recorrendo às iniciativas já existentes. Estas ações serão adaptadas às necessidades de grupos em risco de exclusão devido à sua situação social ou as suas capacidades e necessidades especiais, nomeadamente os desempregados, os imigrantes e as pessoas com baixo nível de escolaridade, pessoas com deficiência e **idosos**, bem como os jovens marginalizados, contribuindo para a sua empregabilidade e condições de trabalho. As lacunas atuais da literacia digital e competência entre estes grupos e a média da população devem ser reduzidas para metade até 2010. Progressos devem ser medidos

com base em indicadores disponíveis e em trabalhos futuros no contexto da i2010 (União Europeia, 2006, p. 4).

A União Europeia lançou um plano de ação voltado exclusivamente para as pessoas mais velhas “Envelhecer bem na sociedade da informação - Uma Iniciativa i2010: Plano de Acção no domínio Tecnologias da Informação e das Comunicações e Envelhecimento” onde foram abordadas três áreas de necessidades do cidadão mais velho (Comissão Europeia, 2007, p. 5):

- Envelhecimento ativo no trabalho: permanecer ativo e produtivo por mais tempo, com melhor qualidade de trabalho e equilíbrio entre o trabalho e a vida privada com a ajuda de TIC de fácil acesso, de práticas inovadoras para locais de trabalho adaptáveis e flexíveis, de aptidões e competências TIC (competências digitais) e de uma aprendizagem assistida pelas TIC (aprendizagem em linha).
- Envelhecer bem na comunidade: permanecer socialmente ativo e criativo, através de soluções TIC para a criação de redes sociais, bem como do acesso aos serviços públicos e comerciais, melhorando assim a qualidade de vida e reduzindo o isolamento social (um dos principais problemas dos idosos nas zonas rurais, nas zonas com pequena densidade populacional e ainda nas zonas urbanas em que o apoio familiar é limitado).
- Envelhecer bem em casa: gozar de uma vida mais saudável e de uma qualidade de vida quotidiana mais elevada por mais tempo, assistida pela tecnologia, mantendo simultaneamente um grau elevado de independência, autonomia e dignidade.

O fato de Portugal pertencer a um bloco de países com objetivos claros em relação à sociedade da informação e a inclusão digital, fez com que a implementação de suas iniciativas tivesse sido aparentemente consistente ao longo do tempo como podemos observar na seguinte lista cronológica que inclui algumas das iniciativas nacionais:

- 1991 – INFOCID;

- 1997 - Livro Verde da Sociedade da Informação em Portugal;
- 1999 - Iniciativa Nacional para os Cidadãos com Necessidades Especiais na Sociedade da Informação;
- 2005 - Plano de Ação Nacional para o Crescimento e Emprego;
- (2005-2010) - Ligar Portugal – Plano de Ação Nacional para a Sociedade da Informação⁹;
- (2005) Plano tecnológico;
- 2006 - Plano de Ação Nacional para a Inclusão de Cidadãos com Necessidades Especiais.
- 2007 - Plano de Ação Nacional para a Acessibilidade.
- 2012 - Agenda Portugal Digital¹⁰
- (2015 – 2020) Estratégia Nacional para a Inclusão e Literacia Digitais¹¹
- 2017 - Iniciativa Nacional Competências Digitais e.2030¹²

A última iniciativa apresentada pelo Governo português ocorreu em março de 2017 e foi designada como “Iniciativa Nacional Competências Digitais e.2030 - INCoDe.2030” (Governo de Portugal, 2017). Esse documento apresenta um conjunto de ações estruturado em cinco eixos (inclusão, educação, qualificação, especialização e investigação) que vão orientar as ações em Portugal até 2030 com o objetivo de fazer frente a três desafios:

- Garantir a literacia e a inclusão digitais para o exercício pleno da cidadania;
- Estimular a especialização em tecnologias e aplicações digitais para a qualificação do emprego e uma economia de maior valor acrescentado;
- Produzir novos conhecimentos em cooperação internacional.

No eixo relacionado à inclusão digital, o INCoDe.2030 faz referência à necessidade de elevar a posição de Portugal que se encontra na média europeia em matéria de competências digitais e “reforçar as competências básicas em Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), sobretudo em termos do capital humano e dos

⁹ <http://www.ligarportugal.pt/>

¹⁰ <http://www.portugaldigital.pt/index/>

¹¹ <http://www.ticsociedade.pt/categorias-de-artigos/documentos>

¹² <http://incode2030.pt/iniciativa>

níveis de utilização da Internet, evitando que se cristalizem num limiar preocupante e, mesmo no que toca a especialistas, necessita de ter condições que lhe permitam aproveitar a crescente oferta de emprego digital” (Governo de Portugal, 2017, p. 3). Para isso, as recomendações vão no sentido de:

- Promover competências digitais dos cidadãos potencializando programas que desenvolvam essas literacias. Nesse item, uma referência é feita sobre ações que abordem as questões de gênero, pessoas portadoras de deficiência ou com necessidades especiais, grupo que, em muitos dos casos, estão incluídos os idosos;
- O desenvolvimento de sistemas disponíveis *online* que permitam a qualquer cidadão fazer um autodiagnóstico de suas competências digitais;
- Implementação de ações de formação destinadas à aquisição de competências necessárias para uma cidadania digital que inclua o acesso aos serviços do governo eletrônico tendo atenção aos grupos de cidadãos vulneráveis e os idosos;
- Desenvolvimento de uma plataforma agregadora de repositórios de recursos digitais necessários à formação potenciadora da inclusão, da literacia e da cidadania digitais, em língua portuguesa e de acesso aberto. Esta plataforma agregadora de recursos digitais visa responder às necessidades dos diferentes grupos da população e a sua concepção deve ser centrada no utilizador;
- Concepção e manutenção de um sistema que permita certificar as competências digitais dos cidadãos, de índole não profissional, através da atribuição de diploma de competências básicas, médias e avançadas, passível de reconhecimento também por via da obtenção de outras certificações.

Todas as propostas desenvolvidas e implementadas por Portugal desde a década de 1990 têm ajudado a suplantando o fosso digital, contudo, como já referimos anteriormente, 26% da população portuguesa ainda não utiliza a internet (Governo de Portugal, 2017), uma proporção formada, em sua maioria, de pessoas idosas. Assim, como o programa INCoDe.2030 tem como meta chegar a 2030 com uma taxa de utilização da internet de 95% e, mesmo sabendo que a demografia portuguesa está em

constante mudança, as iniciativas portuguesas devem centrar seus esforços na parcela da população mais velha para que consiga atingir esse objetivo.

3.2.2 Inclusão digital no Brasil: telecentro, *lanhouse* e o celular

O processo de inclusão digital no Brasil caracteriza-se por ser menos consistente e sequencial do que em Portugal. Segundo Rodrigues e colegas (2003), o início de um programa para a “Sociedade da Informação” no Brasil deu-se em 1996, quando o Ministério da Ciência e Tecnologia iniciou análises com base no estudo “Sociedade da Informação: políticas de desenvolvimento no exterior” sobre as iniciativas exitosas que estavam sendo implementadas em outros países. A partir de discussões com especialistas, o Governo brasileiro elaborou uma proposta relacionada às tecnologias da informação e que foi consolidada no “Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil” (Governo do Brasil, 2000b) com as seguintes metas de implementação:

- Ampliação do acesso;
- Meios de conectividade;
- Formação de recursos humanos;
- Incentivo à pesquisa e desenvolvimento;
- Comércio eletrônico e de novas aplicações.

O objetivo do Programa Sociedade da Informação é integrar, coordenar e fomentar ações para a utilização de tecnologias de informação e comunicação, de forma a contribuir para a inclusão social de todos os brasileiros na nova sociedade e, ao mesmo tempo, contribuir para que a economia do País tenha condições de competir no mercado global. A execução do Programa pressupõe o compartilhamento de responsabilidades entre os três setores: governo, iniciativa privada e sociedade civil (Governo do Brasil 2000b, 10).

O plano brasileiro foi formado por sete grandes linhas de ação que abrangeram ações de planejamento, orçamento, execução e acompanhamento mais detalhadas:

- Mercado, trabalho e oportunidades com o objetivo de promover a competitividade das empresas;
- Universalização do acesso à internet;

- Educação na sociedade da informação que inclui o apoio a uma formação à distância mediada pela tecnologia;
- Promoção de conteúdos e identidade cultural a partir do uso das tecnologias;
- Promoção da informatização da administração pública para um Governo ao alcance de todos;
- Identificação de tecnologias estratégicas para o desenvolvimento industrial e econômico;
- Implantação de infraestrutura básica nacional de informações, integrando as diversas estruturas especializadas de redes.

As pesquisas que cobrem todo o território brasileiro relativas à inclusão digital têm início no ano 2000 com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)¹³ introduzindo, pela primeira vez, no Censo perguntas relativas à posse de tecnologias de informação e comunicação como computadores e a internet. Mais tarde, em 2003, a Fundação Getúlio Vargas publicou um estudo mais amplo chamado “Mapa da Exclusão Digital”, que juntou dados da Pnad¹⁴ de 2001 e do Censo de 2000 (FGV, 2003). O título desse estudo sintetiza bem o cenário brasileiro na época quando o quadro de exclusão digital era a regra: 12,5% da população brasileira com acesso ao computador e 8,3% à internet (FGV, 2003).

As pesquisas só passaram a ser mais amplas e frequentes a partir de 2005 quando o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)¹⁵ passou a divulgar, anualmente, dados relativos à inclusão digital através do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic). O Cetic realiza pesquisa através do inquérito “TIC Domicílios” que mede a penetração e o uso da internet nos lares brasileiros, incluindo, entre outros, níveis de utilização de governo e comércio eletrônicos, segurança, educação e barreiras de acesso. Depois de conhecidos os cenários no Brasil e a predominância de exclusão digital, as políticas públicas fizeram-se necessárias para difundir o acesso à internet e às TIC.

¹³ <http://www.ibge.gov.br/home/default.php>

¹⁴ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40

¹⁵ <http://cgi.br/>

Dentre as iniciativas do Governo brasileiro destacamos as estratégias voltadas para a implementação de telecentros que ocorreu ao nível federal, estadual e municipal. Os telecentros são espaços sem fins lucrativos, de acesso público e gratuito a computadores conectados à internet e disponíveis para diversos usos com o objetivo de “promover o desenvolvimento social e econômico das comunidades atendidas, reduzindo a exclusão social e criando oportunidades de inclusão digital aos cidadãos”¹⁶. Os públicos-alvo prioritários das ações foram, principalmente, as escolas e as crianças, mas também o cidadão em geral. Contudo, nenhuma iniciativa foi identificada como voltada, exclusivamente, para o cidadão idoso brasileiro.

De acordo com Medeiros (2010), somados todos os programas do Governo, até o ano 2010, o Brasil contaria com 12.675 pontos de acesso¹⁷, sendo que 5.917 se encontrariam na região norte do país, onde se concentraram os maiores esforços por ser àquela onde a penetração das TIC era mais deficitária. Esses pontos de acesso, segundo a autora, estariam divididos da seguinte maneira:

- 5.500 telecentros do Minicom, dos quais 1.500 estarão em escolas públicas;
- 6.000 em escolas públicas, em parceria com o Ministério de Educação;
- 340 pontos de acesso relacionados a órgãos militares;
- 260 pontos de acesso relacionados ao Ministério da Cultura;
- 200 pontos de acesso relacionados ao Ministério de Desenvolvimento Social (principalmente nas áreas de menor índice de desenvolvimento humano);
- 128 telecentros do Ministério do Meio Ambiente (aldeias indígenas e comunidades ribeirinhas);
- 90 pontos de acesso relacionados à Secretaria da Aquicultura e Pesca;
- 70 pontos de acesso relacionados à Casa Brasil;
- 45 telecentros em Mocambos e comunidades quilombolas;
- 42 telecentros no Comitê das Entidades de Combate à Fome e pela Vida.

¹⁶ <http://www2.mcti.gov.br/index.php/2016-11-29-22-24-23/telecentros>

¹⁷ <http://www2.mcti.gov.br/index.php/component/content/archive?year=2010&month=11>

Depois da implementação dessas políticas públicas, o Governo brasileiro lançou iniciativas com o objetivo de avaliar o contexto de inclusão digital no país: o Observatório Nacional de Inclusão Digital, o portal Inclusão Digital e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Desses três, somente o último continua em funcionamento, e mesmo com um “Mapa da Inclusão Digital” em seu *site*, possui escasso material que informe dados quantitativos ou qualitativos relativos às iniciativas do Governo, o que interpretamos como uma falta de coordenação e controle por parte do Estado sobre as ações. Outro ponto que ressaltou durante a nossa pesquisa foi a ausência de uma coordenação única das iniciativas por um órgão governamental, pois o que verificamos através de análise de documentos oficiais é que cada Ministério do Governo do Brasil tem executado suas ações e pouco se fala sobre priorização de áreas, modelos ou da integração dessas ações.

O Centro Gestor da Internet no Brasil – CGI.br, a pedido do Governo Brasileiro, divulgou, em 2014, um relatório com dados referentes às políticas públicas do Governo Federal voltadas para a inclusão digital através dos telecentros, mais especificamente, os telecentros Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac)¹⁸, Telecentros.BR¹⁹ e os Telecentros Comunitários²⁰. O relatório concluiu que em todo o país existem 9.514 telecentros cadastrados no Governo Federal e, diferentemente do que apontou Medeiros (2010), a sua maior concentração encontra-se na região sudeste com 36% (1788 telecentros), enquanto a região norte, na qual encontra-se o

¹⁸ O programa Governo Eletrônico – Serviço de Atendimento ao Cidadão (Gesac) oferece gratuitamente conexão à Internet de banda larga – por via terrestre e satélite – a telecentros, escolas, unidades de saúde, aldeias indígenas, postos de fronteira e quilombos. O Gesac é direcionado, prioritariamente, para comunidades em estado de vulnerabilidade social, em todo o Brasil, que não têm outro meio de serem inseridas no mundo das tecnologias da informação e comunicação (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2014).

¹⁹ O programa Telecentros.BR foi instituído em 2009 com o intuito de disseminar a atuação coordenada dos órgãos públicos federais no apoio à difusão de telecentros. Entre os eixos que nortearam o programa estão: organizar a oferta e demanda por telecentros e unidades de acesso comunitário, com critérios, pactuação federativa e participação da sociedade civil; coordenar iniciativas de inclusão digital do governo federal a partir de diretrizes comuns, sem prejuízo da diversidade de seu público-alvo; e contribuir para a consolidação da política de inclusão digital como política de Estado (SOFTWARE PÚBLICO, 2009).

²⁰ O programa Telecentros Comunitários tem como objetivo promover o desenvolvimento social e econômico das comunidades atendidas pelos telecentros, reduzindo a exclusão social e criando oportunidades aos cidadãos. São espaços públicos providos de computadores conectados à Internet banda larga, onde são realizadas atividades, por meio do uso das TIC, com o objetivo de promover a inclusão digital e social das comunidades atendidas (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2012).

Estado do Tocantins e onde foi desenvolvida parte da presente pesquisa, possui 7% (372 telecentros) desse total (CGI.br, 2014).

Verificou-se que os telecentros estão instalados, principalmente, em áreas urbanas onde, mais frequentemente, se encontram a parte da população mais socialmente excluída como favelas e comunidades (31%); identificou-se que possuem 10 a 15 computadores disponíveis para o público; e com a presença de um monitor (94%). No entanto, 22% dos telecentros não estavam em funcionamento no momento em que a pesquisa foi realizada e, dentre os motivos, três se destacaram: falta de instalação de computador ou internet (22%); falta de manutenção ou assistência técnica (19%); e problemas com o espaço físico ou infraestrutura (15%) (CGI.br, 2014).

A pesquisa (CGI.br, 2014) indicou também que 72% dos estabelecimentos oferecem treinamento em informática e usos da internet, se caracterizando, portanto, como espaços que também desempenham atividades de formação o que é benéfico para a inclusão digital. A localização dos telecentros está relacionada a espaços vinculados à educação, como escolas e bibliotecas (45%) e, portanto, a uma parcela da população mais jovem. Não foi identificado nenhum telecentro em centros de atendimento de idosos o que faz com que as pessoas mais velhas tenham menor possibilidade de tirar proveito desses espaços. Essa informação é confirmada pela parte qualitativa da pesquisa que apontou que dos 608 usuários entrevistados, somente 4 possuíam 60 anos ou mais.

O fato de 59% dos usuários dos telecentros não possuírem computador e 71% não possuírem internet em casa (CGI.br, 2014) demonstra que esses estabelecimentos públicos têm o potencial para promover a inclusão digital e suplantam barreiras relacionadas à condição financeira para determinadas parcelas da população. Isso ocorreria porque 50% dos brasileiros que nunca utilizaram a internet afirmam não ter condições de pagar o acesso e 43% diz não ter um local onde usar a internet. Se olharmos para a população com 60 anos ou mais esses números correspondem a 35% e 41%, respectivamente (CGI.br, 2016a).

Assim, os telecentros do Governo Federal parecem possuir dois papéis: atendem a uma parte da população desprovida do acesso ao computador e da internet

e também a uma multiplicidade de outros propósitos como a oferta de cursos e a orientação para o uso das TIC caracterizando-se como espaços que aproximam os cidadãos das TIC com a ampliação da comunicação e acesso à informação. Por outro lado, os usuários e gestores de telecentros no Brasil também apontaram dificuldades para usufruir das atividades e serviços disponibilizados nos centros públicos de acesso. Problemas na infraestrutura (como falta de computadores e internet), quantidade de funcionários para atender os usuários, visibilidade e divulgação dos telecentros, foram algumas das principais críticas levantadas por frequentadores e gestores, demonstrando que ainda existem obstáculos para o seu funcionamento pleno (CGI.br, 2014).

Assim, na medida em que as classes sociais mais vulneráveis ainda não contam com acesso domiciliar à Internet, os centros públicos de acesso gratuitos se constituem como espaços de inclusão digital, permitindo que os indivíduos utilizem as TIC para a solução de problemas cotidianos, como facilitar a comunicação, pesquisar conteúdos diversos, buscar informações sobre serviços públicos, entre outros. Além de garantir o acesso às TIC, os centros públicos de acesso podem ter múltiplos propósitos, como ser um espaço aberto ao público para treinamento e capacitação. Eles podem oferecer cursos de informática e outras facilidades e serviços, a exemplo de processamento ou impressão de documentos, e ainda acesso aos serviços de governo. A importância desses espaços, portanto, também está relacionada à sua capacidade de auxiliar na apropriação dessas tecnologias pelos indivíduos (CGI.br, 2014, p. 17).

A inclusão digital do Brasil também se deu, principalmente em locais de baixa renda das cidades brasileiras, através de centros públicos de acesso pago conhecido como internet café, *cibercafé* ou *lanhouse*, onde é oferecido acesso à internet e a computadores a um baixo custo. Apesar da tendência de acentuada diminuição desse tipo de acesso, em 2015 ainda eram 12% o número de internautas que recorriam a esse tipo de estabelecimento para se conectar à rede mundial de computadores, contrariamente a 2008 quando as *lanhouses* eram o principal meio de acesso à internet no Brasil. A tendência contrária está no aumento do uso dos centros públicos de acesso livre, como podemos verificar nas tabelas a seguir.

De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2015 (CGI.br, 2016a), 12% dos brasileiros usuários da internet utilizaram centros públicos de acesso pago, enquanto 14% utilizaram centros públicos de acesso gratuito, e, apesar das pesquisas anteriores

não contemplarem os idosos, o que impossibilita uma análise de uma possível tendência ao longo do tempo, esses números são bastante inferiores à média das gerações mais jovens e chegam a 2% e 8%, respectivamente.

Tabela 2: Uso de centros públicos de acesso pago pela população brasileira

Ano	Total da População	Idosos
2008	48% (IBGE 2013)	-
2012	19% (CETIC 2013)	-
2013	18% (CGI.br 2014)	-
2015	12% (CGI.br 2016a)	2% (CGI.br 2016a)

Tabela 3: Uso de centros públicos de acesso livre pela população brasileira

Ano	Total da População	Idosos
2013	5% (CGI.br 2014)	-
2014	8% (CGI.br 2016a)	-
2015	14% (CGI.br 2016b)	8% (CGI.br 2016b)

Apesar de haver um aumento de uso da internet em estabelecimentos de acesso livre, esta tendência não significa, necessariamente, que a utilização da internet nos telecentros tenha aumentado. Isso quer dizer que, mesmo com as políticas públicas em diversos níveis promovendo o acesso gratuito à internet, é possível que esse aumento também ocorra devido a uma maior disponibilidade de pontos de acesso gratuito fornecidas por estabelecimentos como, por exemplo, centros comerciais, em resposta à crescente demanda para a utilização da internet em telefones celulares (CGI.br, 2016a).

Isso poderia ocorrer porque uma grande parte da população brasileira tornou-se incluída digitalmente através do uso do telefone celular. Esse dispositivo presente em todas as camadas da população tornou-se o principal meio de acesso à internet ultrapassando qualquer tipo de computador, ou seja, entre os brasileiros que usam a internet (10 anos ou mais), 89% o fazem através do celular, um número bastante superior aos 65% que usam um computador de mesa, um computador portátil ou um tablet (CGI.br, 2016a).

Portanto, o telefone celular é o dispositivo tecnológico mais utilizado para acessar a internet: 98 milhões de brasileiros com 10 anos ou mais usam a internet através do celular (56% da população). Contudo, as diferenças permanecem com as classes A (90%) e B (78%) com altas percentagens de acesso, enquanto as classes C (55%) e DE (28%) com os níveis mais baixos; as discrepâncias também são encontradas entre a população residente nas cidades com quase o dobro de acesso (60%) daquelas que vivem nas zonas rurais (32%); as faixas etárias também apresentam diferenças importantes no que concerne ao acesso da internet pelo celular, sendo mais comum entre os mais jovens de 16 a 24 anos (84%) e menos frequente entre os idosos com 60 anos ou mais 13% (CGI.br, 2016a).

Dentre as pessoas que utilizam o telefone celular para acessar a internet, 35% fizeram-no exclusivamente através desse dispositivo. Se fizermos referência aos idosos, essa característica está mais presente entre as pessoas de menor poder aquisitivo, escolaridade mais baixa e aquelas que vivem na zona rural (CGI.br, 2016a). Isso pode ser um indicativo de que o preço da tecnologia é a falta de literacia seja um fator limitante para uma grande parcela dos brasileiros que, apesar de usarem a internet, ainda o fazem de maneira restrita.

As atividades de maior valor agregado são justamente as mais requeridas pela nova economia digital. No entanto, elas pressupõem habilidades digitais mais complexas, que vão além do uso instrumental das aplicações corriqueiras como as de rede social ou de envio de mensagens, demandando uma maior apropriação das novas tecnologias e aplicações. Nesse sentido, o computador desempenha um papel fundamental para apropriação efetiva das tecnologias digitais pelos cidadãos – o que é mais desafiador para aqueles que somente acessam a rede pelo celular. É a partir da combinação do uso de diversos dispositivos e de aplicativos de maior complexidade que se possibilita o desenvolvimento de habilidades digitais mais sofisticadas. A promoção do desenvolvimento de habilidades no uso proficiente das novas

tecnologias digitais que garanta a formação de indivíduos capazes de operar em novos paradigmas sociais, culturais, políticos e econômicos permanece um desafio para as políticas educacionais e de formação profissional (CGI.br 2016a, p. 28).

O aumento do uso do telefone celular também trouxe consequências como o acesso várias vezes por dia das redes sociais digitais implicando no “aumento da centralidade da rede no cotidiano dos cidadãos e têm como decorrência a emergência de novas configurações sociais, seja em novas formas de sociabilidade, seja em modelos diferentes de trabalho” (CGI.br, 2016a, p. 159). Assim, apesar de podermos afirmar que o telefone celular proporciona uma grande capacidade de inclusão digital, existem limitações advindas dessa realidade quando é o único dispositivo tecnológico de informação e comunicação utilizado, pois a proporção dos que realizam atividades *online* relativas ao governo eletrônico, por exemplo, é menor do que aqueles usuários que acessam a rede também por computadores (CGI.br, 2016a).

3.3- Serviços do Governo a partir de plataformas digitais: *e-governance* e o cidadão idoso

O aumento do uso e da penetração das tecnologias de informação e comunicação tem modificado as expectativas de como a população acessa os serviços disponibilizados pelo Governo. Isso faz com que os vários países venham debatendo formas de utilizar as TIC para melhorar o desempenho da administração de serviços públicos através do chamado *e-Government* (OCDE, 2009), também conhecido como *e-Gov*, governo eletrônico ou governo digital. O conceito de governo eletrônico tem ganhado contornos ao longo do tempo. Foi definido em 2001 como uma ferramenta de fornecimento de informação e prestação de serviços para os cidadãos (UNDESA, 2001) e, mais recentemente, em 2015, pelo Banco Mundial, de forma mais complexa:

E-government se refere à utilização, pelas agências governamentais, de tecnologias de informação (tais como as redes sociais alargadas, a Internet e a computação móvel) que tenham a capacidade de transformar as relações com os cidadãos, as empresas e outros segmentos do governo. Essas tecnologias podem servir para diferentes finalidades: um melhor fornecimento de serviços do governo para os cidadãos, melhorar as interações com as empresas e a indústria, o empoderamento do cidadão

através do acesso à informação, ou uma gestão de governo mais eficiente. Os benefícios daí resultantes podem ser menos corrupção, maior transparência, maior conveniência, o crescimento da receita e/ou reduções de custo (Banco Mundial, 2015).

Essa modificação do conceito *e-Gov* representa a própria evolução da importância das TIC na sociedade, mas também uma “compreensão multidisciplinar de governação numa visão integradora, holística dos processos administrativos” (Fernandes 2015, p. 14). Isso significa também que, quando as iniciativas para execução do governo eletrônico cumprem o seu papel, podem contribuir para a qualidade de vida dos cidadãos ajudando na criação de sociedades mais igualitárias e dinâmicas, desse modo beneficiando tanto os cidadãos quanto os Governos.

As tecnologias digitais podem ser ferramentas poderosas que subsidiam mudanças expressivas nas relações governo-sociedade. Elas podem ajudar a aumentar a transparência e a prestação de contas, melhorar o acesso e a qualidade de serviços públicos, e facilitar processos de tomada de decisão, o que, em última instância, pode levar a uma maior confiança no governo e a resultados mais inclusivos. As tecnologias digitais também podem fomentar o aprimoramento da gestão e do uso de dados no setor público, permitindo, assim, a formulação de políticas públicas melhores e arranjos organizacionais e operacionais mais inteligentes. Isso, por sua vez, pode impactar a produtividade do setor público e criar instituições mais competitivas (Ricart e Ubaldi, 2016, p. 34).

Contudo, apesar de ter todo esse potencial, o governo eletrônico também pode ser um meio que ajuda a apontar as desigualdades referentes à exclusão digital e, por vezes, social, em algumas parcelas da população. Uma das dificuldades apontadas para a implementação e desenvolvimento de iniciativas *e-Gov* é fazer com que chegue a todos, sendo a falta de acesso, uso e proficiência das TIC algumas das principais barreiras (OCDE, 2009). Isso faz com que, em muitos países, os progressos em expandir o governo eletrônico sejam limitados entre algumas parcelas da população (OCDE, 2015), com destaque para os idosos, os mais infoexcluídos e, consequentemente, aqueles que menos tiram proveitos desses serviços. Assim, embora muitas pessoas estejam se beneficiando do uso de serviços disponibilizados pelo governo eletrônico, há também cidadãos que caem através do fosso digital, principalmente, os adultos com 60 anos ou mais. Mesmo assim, são raras as referências, mais notoriamente, no

Brasil, de políticas públicas ou privadas que estejam voltadas, mais objetivamente, para essa parcela da população.

A cada dois anos a Organização das Nações Unidas divulga índice de desenvolvimento de governo digital (E-Government Development Index - EGDI). O EGDI apresenta o estado de desenvolvimento do *e-Gov* dos 192 Estados membros das Nações Unidas. Juntamente com uma avaliação do desenvolvimento de padrão dos sites de um país, o EGDI incorpora as características de acesso, tais como a infraestrutura e níveis educacionais, para refletir como um país está utilizando as tecnologias da informação para promover o acesso e a inclusão do seu povo. O EGDI é uma medida composta de três dimensões do governo eletrônico, nomeadamente: prestação de serviços *online*, conectividade de telecomunicações e a capacidade humana. De acordo com o último índice de desenvolvimento de governo digital apresentado (Organização das Nações Unidas, 2016), Portugal ocupa a 38ª posição e o Brasil a 51ª no ranking mundial. Os cinco primeiros lugares são ocupados pelo Reino Unido, Austrália, República da Coreia, Singapura e Finlândia.

Para citar alguns bons exemplos dos primeiros colocadas da lista da ONU, o Reino Unido tem sido também líder global na implantação de novas tecnologias *web* como parte do objetivo de tornar o seu portal nacional *GOV.UK* "acessível a um público tão vasto quanto possível" (Berriman, 2012). Esse cenário de transformação tecnológica e digital também proporcionou ganhos de eficiência que resultou numa economia de £1.7 bilhões em 2014 (Foresheew-Cain, 2015). O Governo australiano, por sua vez, foi um dos primeiros a adotar e oferecer aos cidadãos um único meio para acesso a vários serviços interativos, tanto na esfera federal como local, que incluem assistência ao cidadão idoso e outros assuntos relacionados a certificados de nascimento, cuidados de saúde, impostos, procura de emprego, apoio à criança, por exemplo (UN, 2016).

A Organização das Nações Unidas (2016) inclui as pessoas idosas no grupo de vulneráveis, juntamente com as crianças, pessoas com deficiência, trabalhadores migrantes, grupos minoritários e refugiados. A ONU afirma que menos de um terço dos países que fizeram parte do estudo oferece estratégias para retirar essas parcelas

da população da situação de “exclusão *e-Gov*”. Seguir as recomendações da Organização e Cooperação de Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2009) ajudaria a contornar essa realidade.

A OCDE sugere que, para incentivar a utilização mais ampla de serviços *e-Government*, os serviços disponibilizados devem ser mais centrados no utilizador através da disponibilização de *sites* com *design* simples e uniformes em todas as áreas e conteúdos; e devem fornecer assistência às pessoas com menor literacia digital. Esse tipo de modificação nas plataformas *e-Gov* aumentaria a qualidade do serviço *online* e potencializaria a inclusão digital através de utilizadores mais plurais, nomeadamente públicos com limitações motoras, visuais, auditivas ou cognitivas onde, com mais facilidade, se incluem os idosos.

Os Governos também devem considerar a proficiência da população na resolução de problemas usando as TIC quando eles fornecem acesso a serviços do Governo através da internet. Para contornar essa realidade, a OCDE recomenda que devem existir iniciativas que incentivem os adultos que têm um conhecimento limitado das competências em TIC para participar em programas de educação e formação de adultos que visam ajudá-los a desenvolver essas habilidades, mas também políticas públicas e privadas que ajudem a disponibilizar o acesso à internet.

Como temos discutido ao longo deste capítulo, a infoexclusão é um conceito multifacetado e esse cenário torna-se mais complexo quando se refere às pessoas pertencentes à terceira idade, devido à heterogeneidade que lhes é natural (Dannefer, 1988; Loos, 2012). Incentivar as pessoas mais velhas a usar as TIC requer entendimento do comportamento dessa população bem como os fatores que influenciam a aceitação e a utilização das tecnologias digitais (Phang *et al.*, 2006).

Existem vários fatores que influenciam na decisão de uma pessoa idosa em usar ou não uma tecnologia digital e, consequentemente, os serviços do governo eletrônico e isso não se diferencia muito do uso da tecnologia em geral onde se inclui a percepção de segurança, utilidade e facilidade de uso das TIC, por exemplo (McKnight, 2001; Kim, Ferrin e Rao, 2008).

3.3.1- Governo eletrônico no Brasil e em Portugal

A implementação de estratégias para o governo eletrônico no Brasil surge nos anos 2000. As primeiras ações vieram com o Decreto Presidencial de 3 de abril de 2000 (Governo Brasileiro, 2001), a partir do qual se criou um grupo de trabalho cujo objetivo era examinar e propor políticas, diretrizes e normas relacionadas às “novas formas eletrônicas de interação”. Esse grupo verificou que o Brasil deveria iniciar a implementação do governo eletrônico a partir de uma realidade bastante negativa. Destacou, principalmente, a exclusão digital no Brasil e a existência de uma infraestrutura deficiente formada por uma malha de múltiplas e diversas redes administradas de forma isolada que não obedeciam a padrões de desempenho e interatividade, com interfaces difíceis de serem utilizadas e uma falta de uniformidade entre os diversos órgãos governamentais na utilização das TIC (Governo Brasileiro, 2000). A segunda fase ocorreu através da criação do Comitê Executivo do Governo Eletrônico, com o objetivo de formular políticas, coordenar e articular as ações de implantação do *e-Gov* (Governo do Brasil, 2000a).

A partir desse cenário pouco favorável, a execução do governo eletrônico vem através de esforços para disponibilizar informações, prestação de serviços para os cidadãos mas, especialmente, através do desenvolvimento de infraestrutura para acesso à internet (Gil-Garcia e Lanza, 2016). Esses esforços, como já discutimos ao longo deste capítulo, ainda estão a decorrer, pois grande parcela da população ainda se encontra infoexcluída. Ao longo dos últimos 15 anos, o Governo brasileiro executou várias ações para contornar essa realidade. Entre outras, pode-se destacar as seguintes (Governo Brasileiro, 2016):

- 2000 – Grupo de Trabalho em Tecnologia da Informação (GTI);
- 2002 – Portal Brasil;
- 2004 – Departamento de Governo Eletrônico;
- 2006 – Portal de Inclusão Digital (atualmente fora do ar);
- 2008 – Padrões Brasil e-GOV e Portal de Convênios;
- 2010 – e-Nota;
- 2011 – Portal Brasileiro de Dados Abertos;

- 2013 – Identidade Digital do Governo (IDG); Novo Portal Brasil;
- 2014 – Participa.br;
- 2015 – Dialoga Brasil.

Apesar do sucesso inicial que levou o Brasil a ocupar a 18ª posição na classificação mundial divulgada pela Organização das Nações Unidas (UN, 2016), o programa do governo eletrônico perdeu prioridade depois de 2003 em consequência de mudanças de Governo, falta de coordenação e de investimento financeiro. Como consequência, o Brasil passou para a 57ª posição em 2014 (Gil-Garcia e Lanza, 2016).

As últimas metas lançadas pelo Governo brasileiro foram anunciadas em 2016 com o objetivo de serem cumpridas até 2019. O conceito de governo eletrônico é “expandido para o de governança digital, segundo o qual o cidadão deixa de ser passivo e se torna partícipe da construção de políticas públicas que já nascem em plataformas digitais, abrangendo não só a internet, mas também outros canais como a TV Digital” (Governo Brasileiro, 2016, p. 10). Apesar de um novo paradigma, os objetivos são uma continuação de políticas anteriores que não foram cumpridas inteiramente, relacionadas ao acesso à informação por parte dos cidadãos, à prestação de serviços disponibilizadas pela administração pública e uma maior participação social a partir das tecnologias de informação e comunicação.

No caso de Portugal, as primeiras iniciativas foram feitas, pelo menos, nove anos antes do Brasil e, desde então, várias ações foram implementadas. Entre as quais, se destacam as seguintes:

- 1991 – Criação do Secretariado para a Modernização Administrativa;
- 1992 – Criação do INFOCID;
- 1994 – Criação do Sistema de Apoio ao Empresário
- 1995 – Lançamento do site do INFOCID
- 1997 – Criação do SAC – Serviço de Atendimento ao Cidadão
- 1999 – Abertura da primeira Loja do Cidadão
- 2000 – Serviço Público Direto
- 2001- Criação IIAE

- 2002 – Extinção IIAE e criação IGLC
- 2004 - Criação da UMIC
- 2006 – Criação do Programa Simplex
- 2007 - Criação do Cartão do Cidadão
- 2014 – Programa Simplificar
- 2015 – Novo Portal do Cidadão

Ao contrário do Brasil, a importância da temática tem suscitado conformidade entre as sucessivas forças políticas desde a década de 1990 (Fernandes, 2015) e pode ter sido impulsionada também pelas iniciativas conjuntas da União Europeia o que vem acontecendo em um campo mais amplo da inclusão digital. A primeira delas (Gil, 2014) foi chamada de plano de ação “eEurope 2002 – Uma sociedade da informação para todos” (União Europeia, 2000). Desde então, surgiram outras que vêm servindo de instrumentos políticos para impulsionar a modernização da administração pública dos Estados membros através de ações conjuntas do *e-Government* (European Commission, 2016).

Em 2016, a União Europeia apresentou o mais recente plano de ação - *EU eGovernment Action Plan 2016-2020 - Accelerating the Digital Transformation of Government* (European Commission, 2016) - com o objetivo de tornar, até 2020, as administrações públicas e as instituições públicas abertas, eficientes e inclusivas, fornecendo serviços personalizados, de fácil uso tornando-os acessíveis a todos os cidadãos e empresas da UE. Dentro do contexto de inclusão e a acessibilidade, o documento faz referência à necessidade das administrações públicas projetarem serviços públicos digitais que atendam as necessidades de idosos e pessoas com deficiência.

Um cenário detalhado sobre o *e-Gov* em Portugal é apresentado pelo Eurostat (2017). Os números apontam que 45% dos cidadãos portugueses interagiram órgãos do Governo através da internet durante o ano 2016; e que a combinação entre possuir idade entre 55 e 74 anos, estar desempregado, inativo ou aposentado e ter baixa educação formal diminui a possibilidade de usar esses serviços, principalmente: obter informações (38%); fazer download de documentos oficiais (27%), e enviar

documentos para entidades públicas (30%). Henrique Gil (2014) contribui para a discussão ao falar sobre a exclusão digital do idoso e a sua influência no uso dos serviços do governo eletrônico no contexto português, e esses mesmos argumentos seriam facilmente relacionados à realidade brasileira:

No caso dos idosos portugueses, esta problemática parece poder acentuar-se pelo facto de ao longo da sua carreira e/ou percurso profissional não ter havido uma exposição e uma utilização sistemática das TIC pelo que são, em termos gerais, considerados como analfabetos digitais. Esta situação afasta os cidadãos mais idosos das TIC, não somente pela resistência que lhes fazem mas, fundamentalmente, por se sentirem desconfortáveis por não as saberem utilizar. Neste contexto, os objetivos associados ao e-Governo pretendem que as TIC promovam, ao inverso do exposto, oportunidades para que os cidadãos mais idosos possam tornar-se infoincluídos (Gil, 2014, p. 83).

Como veremos na tabela abaixo, os números referentes a Portugal encontram-se em desvantagem em relação à média da União Europeia, com exceção das pessoas com educação formal média e alta. Isso demonstra que os cidadãos mais velhos e com baixa escolaridade são os que têm mais dificuldades em interagir através do governo eletrônico, necessitando, portanto, de maior atenção das políticas públicas. Devemos destacar também que os dados referentes a Portugal não fazem nenhuma menção aos indivíduos com 75 anos ou mais. Esse fato faz-nos refletir como as pessoas pertencentes à categoria dos chamados velhos-velhos - uma faixa etária que tem crescido a cada ano e, portanto, tem ganhado importância social - são, simplesmente, excluídos das estatísticas europeias, o que faz com que prejudique uma análise mais completa desta parcela da população.

Tabela 4: Indivíduos portugueses usando a internet para interagir com autoridades públicas em 2016 (%)

	União Europeia (28 países)	Portugal
Todos os indivíduos	48%	45%
55-74 anos	35%	21%
65-74 anos	27%	14%
75 anos ou mais	-	-
55-74 anos Educação formal baixa	14%	10%
55-74 anos Educação formal média	36%	57%
55-74 anos Educação formal alta	67%	73%
Homens 55-74 anos	39%	27%
Mulher 55-74 anos	30%	15%
Aposentados e outros inativos	30%	17%

Fonte: Eurostat, 2017

Da mesma forma que em Portugal, as diferenças sociodemográficas no Brasil também influenciam o uso dos serviços do governo eletrônico. 59% dos usuários de internet brasileiros com 16 anos ou mais disseram ter recorrido pelo menos uma vez aos serviços *e-Gov* e o perfil desses usuários diz que são residentes em áreas urbanas (61%), economicamente ativos (63%), com alta escolaridade (81% dos que têm Ensino Superior e 61% dos com Ensino Médio) e com renda familiar acima de 10 salários mínimos (86%) (CGI.br, 2016a). Em termos gerais, isso quer dizer que, semelhantemente a Portugal, ser idoso no Brasil diminui a probabilidade de usar os serviços do *e-Gov*. Como poderemos verificar na tabela seguinte, os números que fazem referência aos idosos não são significativamente diferentes das demais faixas etárias, sendo, inclusive, mais favoráveis se comparados à faixa etária de 45-59 anos. Contudo, isso acontece por razões metodológicas que utilizam como base os cidadãos

que utilizaram a internet nos últimos 12 meses, ou seja, deixa de fora os que estão infoexcluídos.

Tabela 5: Proporção de indivíduos brasileiros que utilizaram governo eletrônico nos últimos 12 meses (dados de 2015) (usuários de internet com 16 anos ou mais) (%)

	Utiliza	Não utiliza
Todos os indivíduos	59%	41%
Área urbana	61%	39%
Área rural	47%	53%
Homem	66%	34%
Mulher	54%	46%
Analfabeto/Educação infantil	36%	64%
Ensino fundamental	33%	67%
Ensino médio	61%	39%
Ensino superior	81%	19%
16-24 anos	62%	38%
25-34 ANOS	61%	39%
35-44 ANOS	59%	41%
45-59 ANOS	54%	46%
60 anos ou mais	56%	44%
Ativo	63%	37%
Inativo	45%	55%

Fonte: CGI.br, 2016

A principal justificativa da população brasileira para a não utilização dos serviços e-Gov é a preferência pelo contato presencial (57%) com os órgãos do Governo. Entre as pessoas com 60 anos ou mais essa percentagem é de 63% (CGI.br, 2016a). Assim, os idosos são mais susceptíveis de preferirem o contato humano na obtenção de serviços, um fator que pode agir como motivador e afetar negativamente a sua utilidade percebida dos serviços do governo eletrônico. Essa constatação é um

indicativo de que ainda estão vinculados ao modelo tradicional para ter acesso à informação pública. Portanto, a não utilização dos serviços do governo digital também pode estar ligada à tendência dos cidadãos idosos fazerem escolhas adaptativas em um esforço para preservar os laços com as suas próprias experiências do passado (Atchley, 1989). Esse tipo de comportamento desenvolveria critérios de atividade estável que podem servir como uma estratégia de enfrentamento ao se depararem com acontecimentos negativos que possam ocorrer na velhice (Kleiber, Hutchinson e Williams, 2002).

Dados relativos ao Brasil também indicam que a maioria dos órgãos possui *sites online*, onde é fornecido informações e serviços para cidadãos, sendo que essa cobertura abrange 99% na esfera federal, 91% da estadual e 88% da municipal. Quando essa análise é feita por regiões, verifica-se que as prefeituras que não disponibilizam informações através da internet localizam-se principalmente no norte (18%) e nordeste (18%) do Brasil; e a situação agrava-se para 88% se as cidades tiverem menos de 10.000 habitantes (CGI.br, 2016b). Esses números dão-nos conta que “o país ainda enfrenta disparidades regionais e socioeconômicas no acesso às TIC, o que se constitui um obstáculo para a expansão de serviços públicos e o desenvolvimento de uma economia digital sólida” (CGI.br, 2016a, p. 159).

Considerações finais

Como vimos ao longo deste capítulo, existe uma proximidade complexa e, muitas vezes, sobreposta, entre a inclusão digital e social. Isso faz com que haja uma influência correspondente e de forma cíclica que autoperpetua de exclusão em ambos os campos. Assim, em vez de interpretar o acesso, habilidades, percepções, as atitudes e o uso como variáveis de interesse no processo, exclusivamente, relacionados à exclusão digital e os capitais social, pessoal, econômico, cultural e político como somente ligados à inclusão social, também devem ser compreendidos como barreiras ou facilitadores na relação entre a exclusão digital e social.

Para além disso, as tecnologias de informação e comunicação têm ocupado, cada vez mais, um papel de destaque ao influenciarem e serem influenciadas por novos paradigmas socioculturais, comportamentais, económicos e políticos transformando a sociedade em que vivemos. Por esse motivo, deve-se acrescentar um sexto capital, o tecnológico, como uma das esferas que pode ajudar a determinar quão socialmente e digitalmente incluída uma pessoa está.

A tecnologia está tão incorporada na sociedade que a sua não utilização pode ser associada a privações sociais, tais como o baixo rendimento, o desemprego, à baixa escolaridade, à falta de cuidados de saúde e ao isolamento social (Helsper, 2008) fazendo com que as disparidades no uso e no acesso às TIC sejam barreiras para o desenvolvimento de um país. Essa constatação faz com que a superação das desigualdades e promoção do desenvolvimento passe por uma discussão constante sobre as melhores formas de tirar proveito dos meios digitais. Dentro dessa visão, o acesso à tecnologia é primordial para potencializar projetos na área económica, social, cultural, e política do desenvolvimento (Vaz, 2002).

Ao longo das últimas décadas, várias iniciativas governamentais têm sido implementadas no sentido de combater a exclusão digital. Apesar de existirem estratégias de incentivo à inclusão digital, ainda não são suficientes para reduzir de forma expressiva essas desproporções ainda tão marcantes quando fazemos referência à camada mais velha da população. As pessoas idosas estão acessando cada vez mais informações disponibilizadas através das TIC em todas as esferas da sociedade, onde se incluem os conteúdos do governo eletrónico, principalmente, para ajudar no diagnóstico e no tratamento das doenças, mas também para fazer declaração de impostos, para obter serviços sociais e expressar opinião (Becker, 2005). Devemos destacar, no entanto, que isso não se deve exclusivamente às políticas implementadas, mas também ao fato de que mais pessoas passam a integrar a categoria de idoso todos os anos, devido ao movimento natural das dinâmicas demográficas.

Contudo, de acordo com as observações que apresentamos aqui, os internautas idosos ainda são poucos se comparados aos mais jovens fazendo com que

também sejam poucos os benefícios retirados desses serviços e informações. A necessidade de modificar essa realidade está na potencialidade do *e-Government* para apoiar processos administrativos, melhorar a qualidade dos serviços e aumentar a eficiência do setor público. Isso traria interações mais rápidas, eficientes, transparentes e menos dispendiosas entre empresas, a administração pública e os cidadãos de todas as idades trazendo benefícios sociais e econômicos para a sociedade como um todo (European Commission, 2016).

No Brasil e em Portugal, embora possuam políticas públicas que, desde a década de 1990, têm reduzido o fosso digital que separa os que usam e os que não usam as tecnologias, ainda são muitas as disparidades de acesso dessas tecnologias e da proficiência do uso. Os cidadãos mais velhos continuam, mesmo que parcialmente, e, principalmente, no Brasil, ignorados pelas políticas públicas, pois as iniciativas que incluam essa parcela da população são escassas. Essa constatação reforça a necessidade de cumprir por inteiro a afirmação defendida na agenda da inclusão digital da Declaração do Milênio das Nações Unidas que propõe “garantir que os benefícios das novas tecnologias, em particular das tecnologias da informação e das comunicações, estão disponíveis para todos” (Organização das Nações Unidas, 2000, p. 6).

Parte II

Orientações metodológicas, análise e resultados

Capítulo 4

Metodologia para estudo sobre a relação de idosos com as tecnologias no Brasil e em Portugal

Introdução

Nos capítulos anteriores, discorremos sobre a importância de incluir e fundamentar a presente pesquisa em modelos e teorias sociais ligadas à gerontologia e a sua relação com o uso das tecnologias de informação e comunicação; fizemos um levantamento e uma discussão de trabalhos desenvolvidos em Portugal, no Brasil e em outros países sobre a relação entre os idosos e o uso e apropriação das TIC; e falamos sobre políticas públicas de inclusão digital nesses dois países. Assim, a tese foi estruturada em torno de uma exploração teórica, mas também propusemos uma investigação empírica qualitativa que trataremos a partir de agora.

Para este capítulo, procedemos à apresentação das orientações metodológicas utilizadas na tese e à descrição de como decorreu e foi organizada a investigação empírica. Para isso, estruturamos este capítulo da seguinte forma:

- 1- Apresentamos a pergunta de partida e os pontos específicos que pretendemos alcançar na pesquisa;
- 2- Discorremos sobre a abordagem metodológica qualitativa e a sua adequação para o desenvolvimento deste estudo;
- 3- Falamos como se deu a preparação para a pesquisa de campo e o estabelecimento de contato com as instituições participantes;
- 4- Apresentamos o processo de constituição da amostra e as características sociodemográficas e de usos das TIC dos participantes;
- 5- Apresentamos as estratégias e instrumentos utilizados na recolha de dados que engloba a observação não participante, grupos de foco e entrevistas individuais;

- 6- E fazemos uma abordagem de como os dados foram tratados com base em categorias de codificação a partir do uso do *software* Maxqda;

4.1- Pergunta da pesquisa

Introduzimos, uma vez mais, a pergunta que conduz esta pesquisa: **de que formas os usos e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação influenciam no envelhecimento ativo de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil e em Portugal?** O conceito de envelhecimento ativo é bastante amplo e engloba vários aspectos do processo de envelhecimento, como já foi discutido nos capítulos anteriores, mas concentramos nossa atenção no que concerne à participação social de pessoas idosas.

A partir das conclusões do levantamento bibliográfico que realizamos sobre as temáticas abordadas neste trabalho, as teorias que nos servem de base, assim como o objetivo de realizar um trabalho que englobe dois países com contextos próprios no que concerne ao uso de tecnologias de informação e comunicação por pessoas idosas, reapresentamos as seguintes categorias de análise de forma a responder a pergunta que norteia a nossa pesquisa:

- Analizar se o contexto social em que estão inseridos os idosos que participaram nesta pesquisa influencia na inclusão ou exclusão digital e no processo de envelhecimento ativo no que diz respeito à participação social;
- Analizar se os conceitos presentes na teoria da atividade, no modelo otimização seletiva com compensação e na teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido são identificados na relação dos idosos com o uso e apropriação das tecnologias de informação e comunicação (computador, celular e tablet com ligação à internet), como uma forma de enfrentamento para os constrangimentos relacionados ao processo de envelhecimento avançado e promoção de um envelhecimento ativo e socialmente participativo;
- Analizar quais são as percepções pessoais dos idosos que fizeram parte dessa pesquisa sobre as TIC relacionadas a:
 1. Vantagens;

2. Obstáculos;
 3. Riscos;
 4. Desvantagens;
 5. Motivações.
- Analizar em que aspectos os idosos brasileiros e portugueses que participaram nesta pesquisa se aproximam e se afastam nas relações que possuem com as tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente, o computador, o celular e o tablet com ligação à internet.

Procuramos evitar a tendência de ter as mídias no centro da discussão ao perguntar o que fazem com as pessoas e sim, “perguntar às pessoas, com diferentes características sociais e, portanto, com diferentes possibilidades para controle, acesso, participação, experiências e técnicas, diferentes competências e habilidades, o que fazem com os *media*” (Halloran, 1989, p. 6). Portanto, a presente pesquisa estimula que pensemos as potencialidades e os desafios que se colocam à pesquisa em dois campos, Portugal e Brasil, sobre a relação dos idosos com as tecnologias de informação e comunicação, contrariando uma visão voltada para o nacional e favorecendo a identificação de novas perspectivas a partir do conhecimento que surge com este trabalho.

Para responder a pergunta principal e as demais pontos que objetivamos alcançar, usamos a metodologia qualitativa que discurremos a partir de agora.

4.2- Abordagem metodológica qualitativa: iluminar o geral ao focar no particular

Para a abordagem metodológica, a “ciência social interpretativa” serve como base para a presente investigação. As origens dessa perspectiva foram identificadas com os escritos do sociólogo alemão Max Weber (Cunha, 2004) e é apontada como tendo uma profunda influência sobre como pensar o papel e o impacto das mídias nas sociedades. Esses pressupostos estão de acordo com a orientação desenvolvida pelo ramo da filosofia conhecido como hermenêutica, que defende que a vida humana é

baseada na interpretação e que desenvolver e trabalhar com os diversos sistemas interpretativos constitui uma das características do ser humano (Perecman e Curran, 2006). Lawrence Neuman, em seu trabalho sobre metodologias de pesquisa, reforçou essa afirmação quando disse que "a ciência social interpretativa também se relaciona com a hermenêutica, a teoria do significado que teve origem no século XIX, mas é amplamente encontrada em ciências humanas. Destaca-se por uma análise pormenorizada de texto, que pode ser uma conversa transcrita, palavras escritas ou imagens" (Neuman, 1994, p. 61).

Essa abordagem metodológica defende a ideia de que as pessoas transmitem experiências subjetivas através de textos e de que uma inspeção minuciosa desses textos pode revelar percepções, sentimentos e motivações diversas. Na visão interpretativa os pesquisadores devem ter em consideração o significado da ação social, ou seja, uma ação para a qual as pessoas atribuem significado subjetivo - a atividade com um propósito ou intenção. Portanto, concentra a atenção nas "forças internas que mobilizam os indivíduos no lugar de se concentrar nos fatores externos e observáveis" (Silvestre, 2011, p. 27).

Existem diversas linhas de interpretação em ciências sociais, incluindo a pesquisa social qualitativa que deriva de um critério "semiótico ou pragmático do real, com ênfase no significado das coisas e na interação entre o sujeito conhecedor e o objecto conhecido – é esta interação que dita a participação como método de pesquisa" (Silvestre, 2011, p. 170). O estudo qualitativo, por conseguinte, é uma técnica metodológica destinada a discutir e compreender a realidade social e, assim, tem a mesma justificação teórica que outras estratégias, nomeadamente a metodologia quantitativa (Martins, 2006).

Nas instâncias críticas, as metodologias qualitativas caracterizam-se pela significância da ordem das coisas e da compreensão coletiva (Silvestre, 2011). Amaro (2006, p. 162), diz que "o uso de métodos e técnicas qualitativas é especialmente útil quando, mais do que medir um fenómeno, se pretende compreendê-lo ou captar dimensões ou atributos que são por vezes bastante importantes, mas que têm pequena expressão numérica". Portanto, a pesquisa qualitativa incide sobre

informações que não podem ser medidas como, por exemplo, palavras, textos, imagens ou gráficos e utiliza uma conduta indutiva e exploratória com o objetivo de desenvolver ideias fundamentando-se nas correntes interpretativas das Ciências Sociais e Humanas.

Como nosso objetivo foi o de investigar uma realidade atual dentro de contextos sociais, para a recolha de dados, optamos por uma investigação empírica fundamentada no estudo de caso. Esse método de estudo foi-nos útil na medida em que buscamos oferecer uma melhor compreensão dos usos e da apropriação das tecnologias de informação e comunicação durante o processo de envelhecimento de idosos portugueses e brasileiros com características específicas que serão detalhadas mais à frente. Yin (2015) define estudo de caso em duas partes:

“1. O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo (o “caso”) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes. 2. A investigação do estudo de caso enfrenta a situação tecnicamente diferenciada em que existirão muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, conta com múltiplas fontes de evidência, com os dados precisando convergir de maneira triangular, e como outro resultado beneficia-se do desenvolvimento anterior das proposições teóricas para orientar a coleta e a análise de dados” (Yin 2015, 17).

Nossa escolha baseia-se no fato de que podem ser descobertos novos cenários a partir de um olhar voltado para um caso específico resultando em implicações mais vastas e, sobretudo, que não teria chegado à luz através do uso de uma estratégia de investigação que tentasse fazer a cobertura de um grande número de instâncias. Consideramos, à vista disso, a abordagem qualitativa desde um estudo de caso apropriada para investigar a relação entre idosos e TIC, pois, ao optarmos por essa estratégia, tomamos a decisão de dedicar esforços de forma a criar uma oportunidade de aprofundar conhecimentos em pormenor.

Assim, o objetivo é o de compreender melhor um contexto amplo ao olhar para o particular e focar no detalhe (Denscombe, 2010). Dessa maneira, a recolha de informações, a começar por um estudo de caso, funciona melhor quando o

pesquisador deseja investigar uma questão em profundidade e fornecer uma explicação que pode lidar com a complexidade e sutileza de situações da vida real. Contudo, estudar o detalhe não impede de tratarmos o caso como um todo, abordando várias questões e, assim, ter uma chance de ser capaz de descobrir como algumas partes afetam um contexto mais complexo. A esse respeito, tendemos a entender os fenômenos como um todo em vez de lidar com fatores isolados, ou seja, explicar por quais as razões o processo de envelhecimento avançado de dois grupo de idosos no Brasil e em Portugal podem ser influenciados pelo uso e apropriação de TIC, focando nossa atenção nos relacionamentos e processos.

Como Yin (2015) salienta, “o caso” é um fenômeno que ocorre naturalmente e existe antes de o projeto de investigação, e espera-se, continue a existir uma vez que a investigação tenha terminado. Por conseguinte, pegamos como objeto de estudo, pessoas com 60 anos ou mais que frequentam cursos de informática em instituições destinadas a pessoas mais velhas, pois, como já referimos, o caso que constitui a base da investigação não é uma situação que é artificialmente gerada especificamente para fins de investigação.

Apesar de esta pesquisa ser de caráter qualitativo, não deixamos de considerar o viés quantitativo sobre a população e sociedade no Brasil e em Portugal, principalmente, no que concerne às pessoas com 60 anos ou mais e uso das tecnologias de informação e comunicação. Como já observados, os dados quantitativos da população portuguesa e brasileira foram obtidos, sobretudo, a partir da consulta de informações de *sites* de instituições brasileiras e portuguesas (como IBGE, CETIC, INE, Pordata e Obercom). Uma ênfase maior na abordagem qualitativa deve-se ao fato de que, apesar de considerarmos importante a contextualização através da quantificação para entender a evolução da utilização do computador, do celular, do tablet e da internet entre as pessoas idosas, essa abordagem não seria tão eficiente para discorrer sobre “como” e “porque” essas tecnologias digitais afetam o envelhecimento ativo no que concerne à participação social.

O método estudo de caso pode ser vulnerável a críticas em relação a generalizações feitas a partir de suas conclusões. Por essa razão, temos o cuidado de

deixar claro que este estudo não tem a pretensão de ser representativo das populações idosas no Brasil e em Portugal, mas diz respeito somente ao grupo de pessoas que participaram da pesquisa, mas que, como já discutimos nesse capítulo, instiga uma reflexão ampla. Uma das características do método estudo de caso é que permite e, até mesmo, encoraja o pesquisador na utilização de uma variedade de meios para a recolha de dados, assim como a aplicação de diferentes métodos de investigação como parte da pesquisa (Denscombe, 2010). No nosso caso, usamos observação não participante, grupos de foco e entrevistas individuais que abordaremos a seguir.

4.3- Portugal e Brasil: uma pesquisa, dois campos

4.3.1- Instituições participantes

A investigação empírica em Portugal se deu na Universidade Setubalense da Terceira Idade na cidade de Setúbal (UNISSETI) e no Brasil na Universidade da Maturidade (UMA) em Palmas, no Estado do Tocantins (tabela 7). A UMA é um projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal do Tocantins desde 2006 com financiamento público. Segundo a sua proposta, tem como objetivo a valorização da participação do idoso na sociedade através da integração de pessoas com 55 anos ou mais como alunos de graduação visando a melhoria de qualidade de vida. Para isso, conta com um espaço de convivência social e de aquisição de conhecimento voltado para o processo de envelhecimento avançado de qualidade. Assim, realizamos nossa pesquisa com alunos pertencentes às turmas de 2015 e 2016 e que, de acordo dados recolhidos nos arquivos da UMA, totalizavam 74 pessoas, majoritariamente do sexo feminino (84%), principalmente com idades entre 60 e 69 anos (48%), com 41% deles com escolaridade correspondente ao nível médio, 22% viviam só e 47% disseram viver acompanhadas de uma única pessoa.

Em Portugal, a recolha de dados foi realizada na Universidade Setubalense da Terceira Idade (UNISSETI), uma cooperativa de ensino sem fins lucrativos fundada em 2003. Seu objetivo consiste no desenvolvimento de atividades educativas, culturais e formativas direcionadas para pessoas da terceira idade através da disponibilização de

curso nas áreas de educação, cultura e saúde com o objetivo de promover a melhoria da qualidade de vida dos seniores. De acordo com os dados mais recentes fornecidos pela UNISSETI, em 2014, contava com 326 alunos com as seguintes características sociodemográficas: encontravam-se, principalmente, com pessoas com idades entre 60 e 69 anos (60%); a maioria composta por pessoas do sexo feminino (76% mulheres, 34% homens); 42% com escolaridade correspondente ao nível superior ou médio (29% e 13%, respectivamente); e 38% disseram viver só e 51% acompanhados de uma única pessoa.

Tabela 6: Dados Sociodemográficos UNISSETI* e UMA**

	UNISSETI	UMA
Mulheres	76%	84%
Homens	34%	16%
55-59 anos	10%	24%
60-69 anos	60%	48%
70-79 anos	20%	22%
80 ou mais anos	5%	4%
Vive só	38%	22%
Vive acompanhado de uma pessoa	51%	47%
Vive acompanhado de duas ou mais pessoas	11%	31%
Ensino Fundamental (completo/incompleto)	58%	37%
Ensino Médio	13%	41%
Ensino superior	29%	12%
Total de alunos	362	74

Fonte: UMA; UNISSETI
*2014 **2015/2016

Figura 5: Mapa do Distrito de Setúbal



Fonte: Google Maps

4.3.2- Preparação para a pesquisa de campo

A pesquisa de campo se deu entre abril e outubro de 2016 e os três meses anteriores a sua realização foram dedicados a prepará-la. Elaboramos os guiões dos grupos de foco e das entrevistas semiestruturadas em profundidade e estabeleceremos contato mais direto com as instituições onde decorreriam as pesquisas para que fossem ajustados pontos específicos sobre a realização da recolha dos dados. Para isso, enviamos à UNISETI e à UMA um plano e cronograma pormenorizados de pesquisa e, em contrapartida, solicitamos uma autorização formal (anexos I,II,III) aceitando receber a investigadora para o desenvolvimento da pesquisa empírica e garantindo as condições necessárias para o bom desenvolvimento desse

trabalho. Os contatos foram feitos por meio de trocas de e-mails, telefonemas e reuniões presenciais com a direção da UNISSETI e através do Skype com a UMA.

Também nos propusemos, antes de iniciarmos a coleta de dados propriamente dita, testar as metodologias que seriam aplicadas, mais precisamente, os grupos de foco e as entrevistas individuais. Essa abordagem pré-recolha de dados teve como objetivo fazer uma análise crítica do desenho metodológico que propúnhamos e verificar se através dele teríamos capacidade de responder a pergunta principal que norteia este trabalho, ou seja, se os tópicos que selecionamos para abordar durante os grupos de foco e as entrevistas estariam de acordo com os objetivos da pesquisa.

Nessa abordagem, as pessoas foram recrutadas pelo sistema “bola de neve” resultado em um total de 17 participantes, em 11 entrevistas e um grupo de foco, composto por homens e mulheres, brasileiros e portugueses, maiores de 59 anos que aceitaram participar de livre vontade. As entrevistas foram feitas com nove portugueses que viviam na região de Lisboa, com idades superior a 60 anos, e dois brasileiros tocantinenses de 60 e 68 anos, através do Skype.

O grupo de foco, por sua vez, foi composto por 6 pessoas (5 homens e 1 mulher) com idades entre 60 e 89 anos que viviam em um lar para idosos também na região de Lisboa. Essa fase da pesquisa também serviu para que pudéssemos revisar, acrescentar e retirar informações dos guiões, definir o perfil dos participantes, o número mínimo necessário de grupos de foco e de entrevistas e o tempo que deveria ser dedicado a discussão de cada tópico.

Para além disso, a análise das informações recolhidas do grupo de foco em conjunto com as entrevistas individuais permitiu-nos a identificação de lacunas como, por exemplo, a dificuldade que tiveram em expressar claramente suas percepções sobre as motivações, as vantagens, os obstáculos, os riscos e as desvantagens em usar as tecnologias de informação e comunicação. Isso levou-nos a procurar uma forma diferente de abordar esses tópicos o que nos levou a usar “a roda”, método que detalhamos mais à frente.

4.4- Características da amostragem

Tanto em Setúbal como em Palmas, ao selecionar as pessoas que iriam participar na pesquisa, levamos em consideração características individuais com o objetivo de trazer pluralidade para a discussão. A diversidade que buscamos tem como objetivo a heterogeneidade. Uma das grandes reivindicações da literatura gerontológica afirma que os idosos são considerados como pertencentes a audiência mais heterogênea entre todas as faixas etárias (Dannefer, 1988; Wolfe e Snyder, 2003; Yang e Lee, 2010) por terem acumulado diferentes experiências de vida ao longo, de várias décadas. Assim, a amostra de conveniência das pessoas que participaram deste estudo é teoricamente sustentada com base em características socioculturais e diferentes cursos de vida. Os participantes eram homens e mulheres; com diferentes origens geográficas (pessoas que nasceram e viveram na zona urbana e rural, grandes centros urbanos, pequenas cidades); com diferentes níveis de literacia midiática; diferentes graus de utilização das tecnologias de informação e comunicação; com educação formal variada (alta e baixa escolaridade).

Restringimos nossa atenção primária às tecnologias que se encontram na categoria de “mediadores da comunicação”. Pelo termo mediador, queremos fazer referência às tecnologias que transmitem informação de pessoa para pessoa ou entre grupos de pessoas. Portanto, convidamos para participar da pesquisa idosos que tivessem acesso a, pelo menos, uma das seguintes tecnologias: computador, celular, tablet com ligação à internet e que frequentassem ou que já tivessem frequentado aulas de informática.

Como existe diferença para a identificação formal da categoria de idoso em Portugal e no Brasil, 65 anos e 60 anos de idade, respectivamente, optamos por utilizar como base pessoas com idade igual ou superior a 60 anos para padronizar a pesquisa entre os dois países. Não estabelecemos uma idade limite para que as pessoas pudessem participar no estudo com o objetivo de aumentar a possibilidade de trabalhar com pessoas que acabaram de entrar na categoria de idoso e outros, mais velhos, que vivenciassem essa realidade há mais tempo. Essa heterogeneidade que buscamos também está justificada pelo fato de que, assim como todos os outros

grupos etários, as pessoas mais velhas são afetadas diferentemente pela apropriação e uso que dão às TIC.

Inicialmente, pensamos em trabalhar com idosos que estivessem aposentados e fora do mercado de trabalho, contudo, ao analisarmos a realidade dos idosos brasileiros, constatamos que 76% daqueles com idade entre 65 e 74 anos ainda exercem alguma atividade remunerada (IBGE, 2016). Assim, limitamos a seleção com base na idade e não em características laborais. As coletas das informações foram feitas com a participação de 17 pessoas em Portugal e 19 no Brasil. Os participantes eram principalmente mulheres, com idade entre 60 e 69 anos, casados, que viviam acompanhados de uma única pessoa, com escolaridade baixa e aposentados.

Tabela 8: Características sociodemográficas da amostragem

	Portugal	Brasil	Total
Mulheres	13	13	26
Homens	4	6	10
60-69 anos	8	13	21
70-79 anos	7	4	11
80 ou mais anos	2	0	2
Casado	9	8	17
Viúvo	5	3	8
Solteiro/divorciado	3	8	11
Vive só	7	5	12
Vive acompanhado de uma pessoa	10	9	19
Vive acompanhado de duas ou mais pessoas	0	5	5
Ensino Fundamental (completo/incompleto)	7	9	16
Ensino Médio	6	6	12
Ensino superior	4	4	8
Aposentado	17	12	29
Não aposentado	0	7	7
Exerce/procura exercer função remunerada	0	15	15
Total de participantes	17	19	36

Fonte: Elaboração da autora

O processo de envelhecimento avançado está associado a mudanças tais como uma menor percepção visual e auditiva, controle motor e alguns aspectos da memória e cognição (Carmichael, 1999; Hawthorn, 2000). Embora muitas destas alterações sejam apenas aparente em testes psicológicos, algumas podem influenciar a capacidade dos participantes para, por exemplo, ler ou ouvir instruções. Desta forma, esta pesquisa interagiu com pessoas mais velhas sem quaisquer graves condicionalismos relacionados com a idade como declínios que dificultassem a

comunicação. Como achamos importante focar nossa atenção no indivíduo idoso e na sua diversidade e não na tecnologia por si só, tivemos interesse em analisar a importância dos aspectos sociodemográficos das pessoas que participam deste trabalho, mas também o percurso e onde as vidas desses indivíduos se desenrolaram, nas suas condições de vida atual que engloba as relações sociais e as tarefas do dia a dia mediadas pela tecnologia digitais.

A ética durante o recrutamento também foi considerada e, para isso, foi pedido um consentimento informado de todos os participantes. Também foi essencial a garantia plena de confidencialidade e anonimização dos participantes, visto que, frequentemente, tivemos acesso a informações que estavam para além das competências das questões da pesquisa. Esse cuidado que tivemos também esteve relacionado à complexa dinâmica que surge durante os grupos de foco, mas, principalmente, durante as entrevistas individuais aumentando a intimidade o que resulta, muitas vezes, na concentração de temas pessoais, desencadeadas por questões que exigem uma resposta reflexiva.

4.5- No terreno: observação não participante, entrevistas individuais e grupos de foco

Para responder à pergunta principal que conduz este trabalho e para alcançar os demais pontos que objetivamos, a pesquisa qualitativa foi dividida em três partes: observação não participante, grupos focais e entrevistas individuais semiestruturadas. A pesquisa de campo em Portugal ocorreu em abril, maio e junho de 2016 e no Brasil em agosto, setembro e outubro do mesmo ano.

Figura 6: Desenho metodológico



Fonte: Elaboração da autora

4.5.1- Observação não participante

Realizamos a observação não participante nos cursos de informática, direcionados especificamente para pessoas mais velhas, na Universidade Setubalense da Terceira Idade e na Universidade da Maior Idade, em Palmas, Tocantins. Em Portugal, fizemos o acompanhamento de quatro turmas de aulas de informática. As aulas eram realizadas uma vez por semana e cada turma tinha entre cinco e sete alunos o que resultou em um total de 20 aulas observadas durante oito semanas. No Brasil, foram acompanhadas três aulas, sendo duas teóricas e uma prática.

Nessa fase, fizemos a coleta de dados e informações sobre a dinâmica dos alunos durante as aulas de informática, importante para que pudéssemos identificar aspectos sobre os quais os indivíduos não tivessem consciência, mas que orientavam seus comportamentos (Lakatos e Marconi, 1996). Assim, com essa abordagem e sem a

necessidade de usar meios técnicos especiais (Boni e Quaresma, 2005), recolhemos e registramos acontecimentos ligados à realidade dos idosos no que toca ao aprendizado de conhecimentos informáticos. Essas observações serviram para entendermos melhor como se relacionam com as tecnologias de informação e comunicação, mais especificamente com computador e com a internet.

Para o registro, recorremos a um diário de campo onde anotamos o dia a dia das dinâmicas nas salas de aula que incluíram uma descrição detalhada das atividades desenvolvidas durante o curso de informática, assim como falas dos professores, mas, principalmente, dos alunos sobre quaisquer aspectos que estivessem interesse para a pesquisa. Essa fase também foi importante para termos uma maior familiaridade com as pessoas que fizeram parte da pesquisa, essencial para as fases seguintes do processo de recolha dos dados quando necessitaríamos ter um maior envolvimento com os alunos para o desenvolvimento dos grupos de foco e entrevistas individuais.

A observação não participante exigiu-nos a capacidade de ver, interpretar, avaliar e anotar informações que fossem relevantes para alcançar os objetivos da pesquisa. Para isso, tentamos ser o mais objetivos possível na recolha de dados e na postura dentro das salas de aulas. Contudo, no início do processo da observação não participante foi especialmente difícil captar um comportamento natural dos participantes, pois percebemos que alteraram os seus comportamentos, tanto alunos como professores, pelo fato de estavam sendo observados pela pesquisadora.

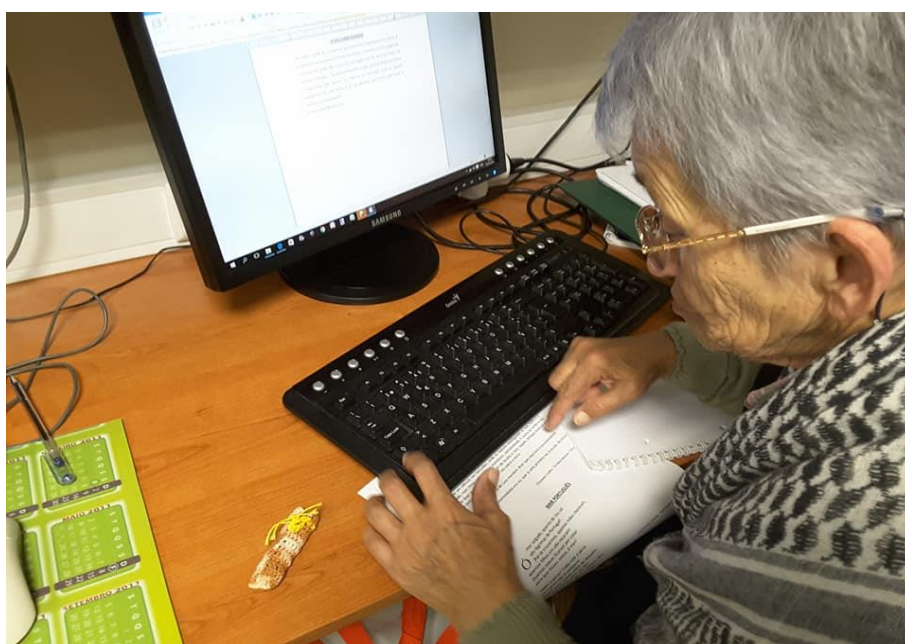
Isso deu-se em Portugal, devido ao tamanho reduzido da sala de aula da UNISETI (havia somente uma pequena sala de aula com sete computadores que era utilizada por todas as turmas de alunos, em horários específicos), como pode ser observado na figura 12, o que fez com que a presença da investigadora fosse destacada. Esse aspecto ocorreu mesmo depois da explicação dos objetivos da pesquisa e depois de ter pedido autorização verbal a todos os professores e alunos. Poderíamos também apontar que esse obstáculo inicial deveu-se também por questões culturais, pois é sabido que o cidadão português tem uma postura menos aberta no que diz respeito a interações sociais, se comparado ao brasileiro, e isso verificou-se na pesquisa.

Figura 7: Alunos de informática da UNISETI



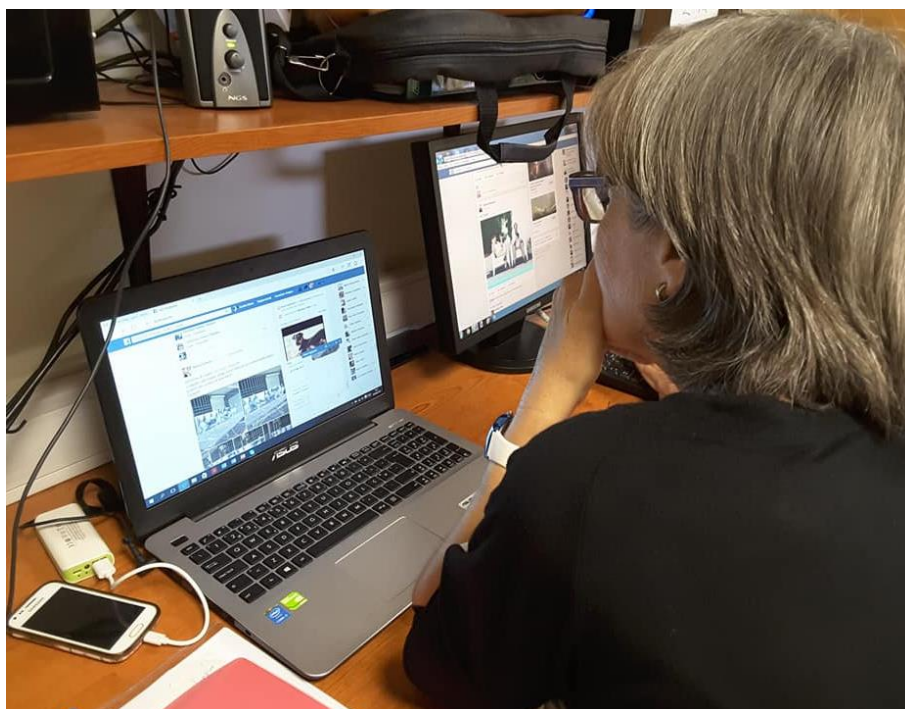
Fonte: Imagem da autora

Figura 8: Alunos de informática da UNISETI



Fonte: Imagem da autora

Figura 9: Alunos de informática da UNISSETI



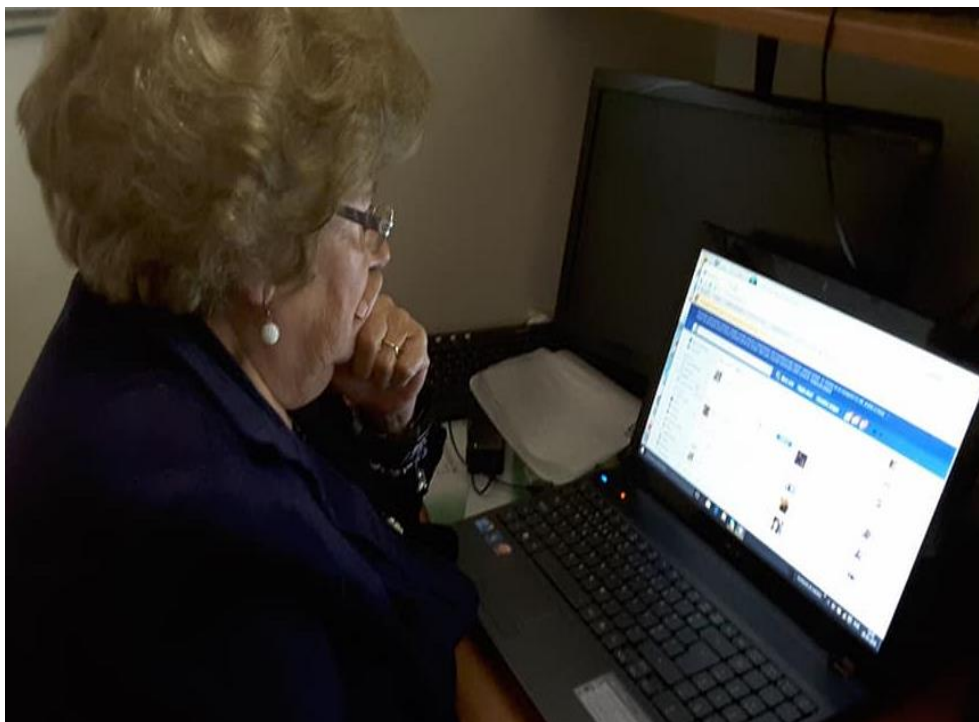
Fonte: Imagem da autora

Figura 10: Alunos de informática da UNISSETI



Fonte: Imagem da autora

Figura 11: Alunos de informática da UNISETI



Fonte: Imagem da autora

Figura 12: Alunos de informática da UNISETI



Fonte: Imagem da autora

Para uma boa aplicação dessa metodologia, portanto, foi essencial a capacidade de distinguir um comportamento normal da mudança de comportamento que pode ocorrer como resultado da presença da investigadora. Assim, nos primeiros dias, a pesquisadora evitou tirar notas durante as aulas, optando por fazê-lo após a sua finalização. Todo esse contexto de “desconfiança” obrigou-nos a prolongar o período que inicialmente tínhamos pensado ser suficiente para recolher informações a partir da observação não participante em Setúbal, de forma que a pesquisadora ganhasse confiança dos investigados e ultrapassasse esse problema. Suplantada essa dificuldade inicial, o fato de terem salas pequenas e com menos alunos resultou benéfico no sentido em que se tornou eficaz para perceber pequenos detalhes como conversas paralelas, pequenas observações sobre o uso das tecnologias ou mesmo a linguagem não verbal.

No caso da UMA, onde as salas de aula eram maiores, a presença da investigadora foi suavizada. As aulas eram realizadas em duas salas diferentes: uma para aulas teóricas (figura 15) e outra no laboratório de informática, para as aulas práticas (figura 16). O maior problema associado com a observação não participante no Brasil foi a impossibilidade de perceber detalhes da interação entre os alunos, principalmente na sala onde eram ministrados as aulas teóricas, pois era bastante grande. Um outro aspecto que dificultou foi o número reduzido de aulas, somente três, durante o período de três meses que a investigadora esteve no Brasil.

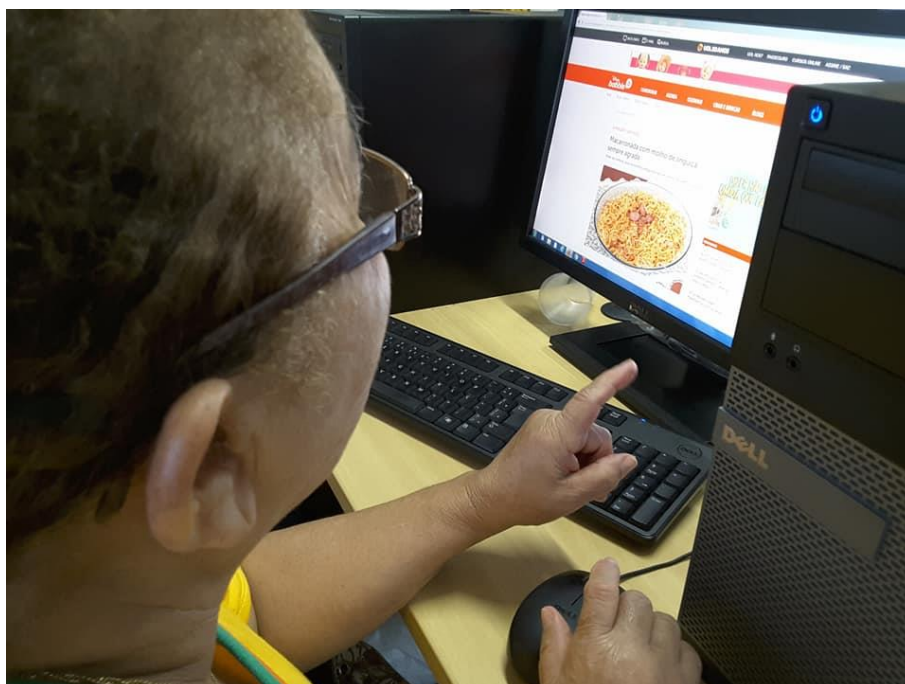
Isso ocorreu, algumas vezes, pela indisponibilidade do professor ou mesmo dos alunos que tinham outras atividades para além das aulas de informática, ou seja, por motivos que estiveram para além do controle da investigadora. Isso fez com que a observação não participante no Brasil fosse menos significativa do que em Portugal, no que concerne ao volume da recolha de informações. Não obstante, para compensar esse aspecto, passamos mais tempo com os alunos assistindo outras aulas que não fossem as de informática, acompanhando os alunos em eventos fora da universidade como, por exemplo, o grupo de teatro que fazia apresentações sobre o tema envelhecimento em escolas em Palmas (figura 18).

Figuras 13: Alunos de informática da UMA



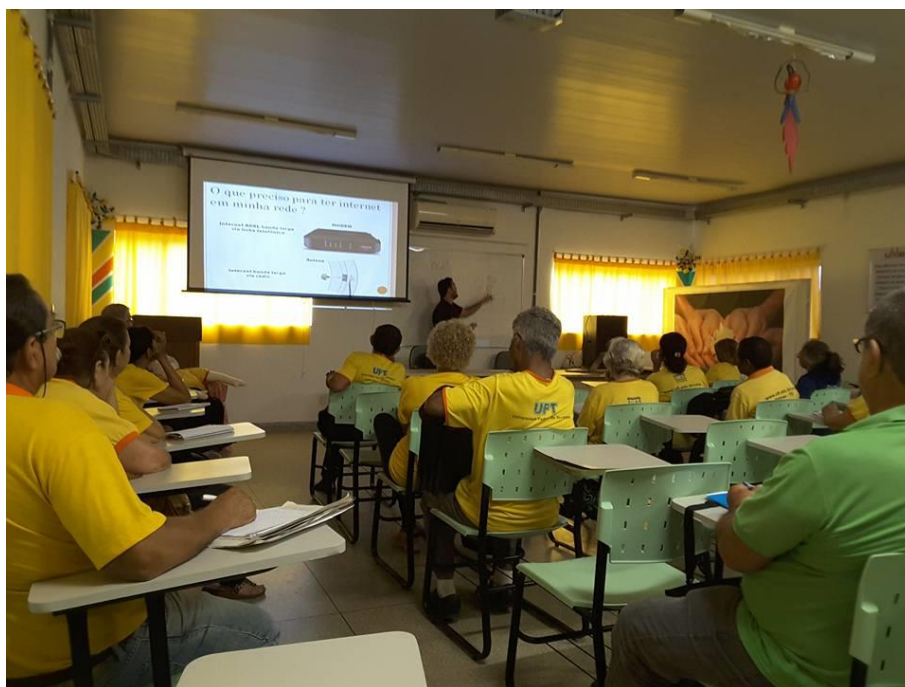
Fonte: Imagem da autora

Figuras 14: Alunos de informática da UMA



Fonte: Imagem da autora

Figuras 15: Alunos de informática da UMA



Fonte: Imagem da autora

Figuras 16: Alunos de informática da UMA



Fonte: Imagem da autora

Figura 17: Alunos de informática da UMA



Fonte: Imagem da autora

Figura 18: Grupo de teatro da UMA



Fonte: Imagem da autora

A observação não participante foi o único momento em que tivemos a oportunidade de acompanhar como os idosos interagem com o computador e com a internet para além de revelar-se como metodologia com grande capacidade para captar a interação entre os alunos, seus pares e o professor. Essa circunstância, por sua vez, permitiu que tivéssemos uma melhor compreensão de aspectos da interação do idoso e do uso das tecnologias de informação e comunicação e também serviu para aprimorar a escrita dos guiões dos grupos de foco e das entrevistas que foram os próximos passos da recolha de dados.

4.5.2- Grupos de Foco

Na segunda fase da recolha de dados, estabelecemos contato mais próximo com os participantes da pesquisa e para isso, utilizamos a metodologia chamada de grupo de foco ou grupo focal. Um grupo de foco visa gerar dados qualitativos a partir da interação que ocorre dentro desse mesmo grupo (Sim e Snell, 1996). A maioria dos autores concorda que a principal vantagem dessa metodologia é a interação dos participantes com o objetivo de gerar informações (Merton, Fiske, e Kendall, 1990; Kitzinger, 1995) e a utilidade para a aferição na medida em que existem opiniões partilhadas entre um grupo de pessoas em relação a um tópico específico. Os grupos de foco consistem de pequenos grupos de pessoas que são reunidos para explorar as atitudes, percepções, sentimentos e ideias sobre um tópico em particular (Denscombe, 2010). Kitzinger (1995) foi precisa ao dizer que

a ideia por trás do método de grupo de foco é que os processos de grupo podem ajudar as pessoas a explorar e clarificar os seus pontos de vista de maneiras que seriam menos facilmente acessíveis em uma entrevista. Quando a dinâmica de grupo funciona bem o trabalho dos participantes juntamente com o pesquisador, a investigação pode assumir novas e muitas vezes inesperadas direções (Kitzinger, 1995, p. 299).

Essa metodologia ajudou os idosos participantes a explorarem e clarificarem suas opiniões sobre o uso que dão às TIC e ao modo como se relacionam com o computador, o celular, o tablet com ligação à internet através de suas experiências,

significados, entendimentos, assim como atitudes, opiniões, conhecimentos e crenças. Isso foi possível, pois essas pessoas refletiram sobre suas realidades sociais e culturais levando também em consideração as características que são próprias do contexto social onde estão inseridos.

Fizemos três sessões de grupos de foco em cada país com duração aproximada de 90 minutos compostas por 4 a 8 indivíduos. Esse número de participantes foi grande o suficiente para permitir uma variedade de pontos de vista e opiniões, mas não demasiado grande ao ponto de se tornar difícil a mediação ou manter a discussão centrada nos assuntos de interesse para a pesquisa. Assim, em Portugal, os grupos de foco foram formados por 4, 6 e 7 pessoas, enquanto no Brasil foram 5, 6 e 8 pessoas. Em cada sessão existiu um foco na discussão baseado nas experiências individuais de cada participante, sobre as quais todos tinham algum tipo de conhecimento, ou seja, habilidades, mesmo que em diferentes níveis, no uso do computador, celular tablet e da internet.

Antes de cada sessão de grupo de foco, foi feita uma breve descrição sobre os objetivos da pesquisa com o cuidado de não influenciar na discussão e deixar os participantes à vontade sobre como as informações recolhidas seriam utilizadas posteriormente. Também foi pedido que assinassem um consentimento informado dando autorização à investigadora para usar os dados recolhidos em sua tese de doutoramento.

Nesta fase introdutória, o observador também está sendo observado e avaliado (Robertson e Hale, 2011). Por esse motivo, nos preocupamos em criar um ambiente que fosse apropriado, amigável e seguro. De acordo com Richie e Lewis (2003, p. 145), "os primeiros minutos durante a reunião podem ser fundamentais para estabelecer a relação entre pesquisador e participante", como um requisito prévio para que seja bem-sucedida. Os grupos de foco foram feitos na UNISSETI e na UMA fora das salas de aula com o objetivo de criar um ambiente mais descontraído e para que pudessem contribuir para uma melhor interação entre os participantes. Os áudios foram gravados e posteriormente transcritos para análise (Anexos IX-XIV).

Na parte final dos grupos de foco, também tivemos como objetivo recolher informações relacionadas com cinco aspectos que tínhamos particular interesse: as motivações, as vantagens, os obstáculos, os riscos e as desvantagens sobre as interações *online* de pessoas mais velhas. Para isso, introduzimos uma “roda” (Figura 18) formada por cinco segmentos e que serviu para orientar a discussão (Minocha *et al.*, 2013).

Figura 19: A roda - Percepções individuais sobre o uso das TIC

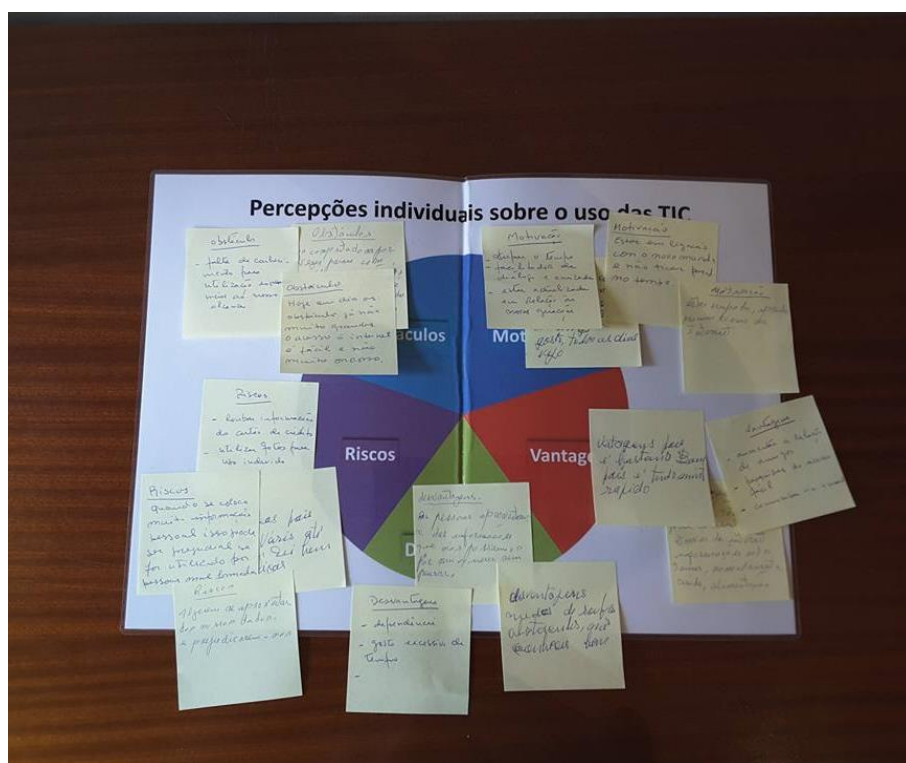


Fonte: Minocha *et al.*, 2013

Convidamos os participantes, com base no debate até ali realizado, para sintetizar suas ideias escrevendo as suas percepções em pequenos pedaços de papéis (Post-it) para orientar a discussão entre eles. Estas notas foram agrupadas em torno de um dos temas e exibidas (Figura 20) para eliciar histórias de experiências pessoais. O nosso objetivo foi o de encorajar a conversa mantendo o foco na investigação e evitar

a dispersão. Vale notar que alguns dos grupo falaram sobre os tópicos apresentados na roda oralmente, sem utilizar a escrita, por sugestão da pesquisadora para evitar constrangimentos, visto que alguns participantes tinham uma baixa escolaridade e poderiam, eventualmente, possuir dificuldade para escrever. Optamos por usar esta metodologia com base na opinião de alguns investigadores (Katz, Holland e Peace, 2013; Peace, Holland e Kellaher, 2006) que apontaram como a roda poderia permitir que os participantes mais velhos tivessem controle sobre a conversa sem a ansiedade de ficar "fora do tópico".

Figura 20: A roda desenvolvida com o primeiro GF em Portugal



Fonte: Imagem da autora

Na presente pesquisa, a utilização de grupos de foco para a recolha de dados forneceu informações não só sobre as dinâmicas existentes entre as pessoas que participaram nesta pesquisa e as TIC, mas também sobre as opiniões sobre o contexto social em que essas interações se davam e como estavam relacionadas ao processo de envelhecimento avançado. Também proporcionou uma maneira relaxada de expressão

de opiniões, pois os participantes não se sentiram obrigados a participar na discussão de todos os itens como ocorre, por exemplo, durante as entrevistas individuais. Isso tornou compreensíveis os silêncios de alguns participantes dos grupos de foco enquanto outros cooperaram mais ativamente na discussão. Também verificamos que os participantes se sentiram apoiados por um sentido de participação em grupo e coesão. Essas observações fizeram-nos concluir que a metodologia grupo de foco incentivou uma maior espontaneidade na expressão das opiniões fazendo com que seja apropriada para o envolvimento de idosos em pesquisa científica.

4.5.3- Entrevistas

Após o processo da recolha das informações durante os grupos de foco, tornou-se clara a necessidade de ir além daquilo que propusemos nessa segunda fase, ou seja, recolher relatos sobre a opinião que os idosos possuíam sobre o uso e apropriação das tecnologias de informação e comunicação e o processo de envelhecimento. Então, na terceira e última parte da recolha de dados, passamos para uma fase mais pessoal por considerar importante entender as perspectivas individuais sobre cada uma das questões propostas. Desta forma, foram feitas entrevistas individuais semiestruturadas e em profundidade com todos os participantes dos grupos de foco (36 entrevistas). Os áudios foram gravados para transcrição e análise, porém, devido à natureza pessoal do conteúdo das entrevistas, não vêm em anexo para preservar a intimidade dos entrevistados.

Através dessa abordagem, acedemos às histórias de vida (*life history*) que servem como um referencial teórico e metodológico diretamente ligado ao estudo do curso da vida, um aspecto importante de análise neste trabalho. Na sua revisão e análise sobre história da vida nas ciências humanas, Handel (2000) definiu-a como o momento autobiográfico que reflete interpretações de si, dos outros e dos relacionamentos e acontecimentos que ajudam a compreender o passado ao mesmo tempo que norteiam ações e intenções presentes e futuras. Dhunpath (2000) diz que abordar as histórias de vida é, provavelmente, a única forma autêntica para entender

motivos e práticas e, ao mesmo tempo, refletir sobre as experiências individuais e sociais.

Um dos objetivos da presente pesquisa é, justamente, o de entender a conjuntura pessoal e social em que cada um dos entrevistados viveu e vivia no momento em que os dados foram recolhidos e como esses contextos podem influenciar as suas relações com as tecnologias de informação e comunicação. Portanto, através das entrevistas em profundidade, procuramos perceber, dentro do percurso histórico de cada um dos participantes desta pesquisa, não só em que contexto as TIC foram ou não incorporadas em seus cotidianos e os motivos pelos quais isso se deu, mas também aceder a informações específicas de cada indivíduo com o objetivo de formar o perfil sociocultural para além de recolher relatos sobre seus ciclos de vida.

Assim, para alcançar plenamente os nossos objetivos, a presente investigação exigiu a entrada no mundo do entrevistado. Randall e colegas (2006) fornecem provas de que as histórias contadas por adultos mais velhos são, significativamente, influenciadas por quem está ouvindo e a relação que possuem com o entrevistador. Desta forma, a postura da pesquisadora foi importante para a obtenção de informações que fossem relevantes para a pesquisa ao deixar o entrevistado à vontade ao mesmo tempo que teve de saber ouvir, observar ou mesmo ter sensibilidade para interromper e seguir com outro tópico.

Para o desenvolvimento das entrevistas semiestruturadas em profundidade, elaboramos um guião (Anexo VII) com questões e tópicos a serem abordados. Dessa forma, conduzimos as entrevistas com uma lógica quase autobiográfica, onde cada participante falou sobre sua infância, família, percurso educacional e profissional, relações sociais e uso das TIC. Assumimos uma postura flexível em termos da ordem em que os tópicos foram considerados para deixar o entrevistado desenvolver suas ideias e falar mais amplamente sobre as questões levantadas. É natural que as narrativas sobre tecnologias aparecessem misturadas com outros contextos, pois, como explica Dan MacAdams (1998, p. 125) “os acontecimentos e experiências são

incorporados nas histórias de vida de forma a fazerem sentido para o ouvinte que servirá como juiz e intérprete da narrativa”.

A natureza abrangente das questões que foram apresentadas aos entrevistados - através de tópicos reflexivos e de questões biográficas simples como, por exemplo, ao pedir para confirmarem o estado civil e o local onde vivem - levou, por vezes, à elaboração de respostas complexas com descrições detalhadas de mudanças de localidades ou histórias conjugais. Notamos que o ato de discorrer sobre um determinado assunto foi um elemento importante, pois "ao falarem sobre onde viveram e porquê, as pessoas não só falam de suas histórias pessoais, mas no processo elas também construíram narrativas biográficas pessoais, recursos chave em suas histórias de vida, suas identidades, o senso de si próprios e de seus valores" (Mason, 2004, p. 3). Isso deve-se ao fato de que a informação obtida pode ser tanto contextual como irrelevante para a pesquisa fazendo-se necessário que o pesquisador tivesse domínio da metodologia utilizada para uma recolha apropriada de dados.

Durante os grupos de foco, mas principalmente durante as entrevistas, a consideração das "histórias de vida" para discutir as implicações resultantes para a pesquisa proporcionou um ambiente, muitas vezes com problemas emocionais e com informações sensíveis. Entrevistar é generativo no sentido em que novos conhecimentos ou pensamentos são susceptíveis de serem criados, pois é esperado que o participante irá, em algum momento, criar pensamentos que não tenham sido explorados antes (Ritchie e Lewis, 2003). Contudo, também podem vir à superfície lembranças que podem ser difíceis de gerir tanto pelo entrevistado como pelo entrevistador. Abordamos esse assunto, pois algumas vezes fomos confrontados com relatos acompanhados com uma grande carga sentimental como, por exemplo, infâncias sofridas, relatos de abusos, perda de pessoas próximas e o remorso por estarem naquela que é considerada a última fase da vida e não terem mais tempo para fazer aquilo que gostariam.

Sabemos que o pesquisador tem de viver e gerir a relação com o entrevistado em um processo que é simultaneamente intelectual, pessoal, mas também emocional e físico (Robertson e Hale, 2011). Para isso, temos em consideração que alguns

conteúdos compartilhados durante as entrevistas tiveram impacto sobre a pesquisadora pela impossibilidade de permanecer impassível a relatos mais sensíveis.

4.6- Interpretação dos dados e considerações finais

No capítulo seguinte faremos a análise e interpretação das informações recolhidas a partir das transcrições dos seis grupos de foco e das 36 entrevistas para além das anotações feitas durante a observação não participante de 23 aulas de informática. Para a codificação desses dados utilizamos grelhas de análise com o auxílio do *software* Maxqda. Essa análise resultou em 5.092 códigos organizados nas seguintes categorias: dados sociodemográficos, celular, computador, tablet, redes sociais, internet, usos das TIC, qualidade de vida, relações intergeracionais, percepções individuais das TIC, aposentadorias, velhice e teorias e modelos teóricos.

A apreciação desses dados foi feita à luz dos conceitos teóricos apontados nos capítulos anteriores e que interpretamos a partir da perspectiva da gerontecnologia. Ao tratarmos os dados recolhidos dessa forma, olhamos para as experiências, as atitudes e os sentimentos das pessoas que participaram nesta pesquisa em relação às TIC (Denscombe, 2010) e desenhamos modelos pormenorizados das experiências subjetivas ou diretas de pessoas mais velhas possuem ao usarem uma tecnologia digital (Langdridge, 2007). A análise e interpretação desses dados, portanto, podem realçar a significância das diferenças e as similaridades entre os usuários na maneira como se relacionam com a tecnologia.

Embora haja uma lógica e um padrão individual e coletivo sobre a adoção e utilização das TIC, nem sempre é fácil perceber completamente como são formados e quais implicações podem trazer para a vida diária. Neste capítulo, apontamos o caminho que percorremos para o desenvolvimento da pesquisa de campo, das metodologias utilizadas para a produção e recolha de informação para que pudéssemos entender essa relação. Também falamos sobre os constrangimentos encontrados ao longo desse percurso e as ações tomadas para contorná-los. Explicamos que o que pretendemos com um estudo empírico teoricamente sustentado

é encontrar novos ângulos de visão, que nos permitam evidenciar aspectos até então pouco explorados.

Para Hammersley (1990) um estudo válido não é aquele que reproduz a realidade, mas aquele sobre o qual é possível fazer um juízo acerca da possibilidade de representar de forma adequada uma determinada situação. Levando em consideração os objetivos da presente pesquisa, as escolhas metodológicas que fizemos e a forma como tratamos os dados recolhidos, uma atenção particular deve ser dada ao fato de que os resultados não podem ser generalizados, mas sim, vistos como um contributo para a compreensão de um caso em concreto. Apresentamos, no próximo capítulo, tanto as experiências vividas, diferentes tipos de envolvimento entre os usuários mais velhos e as TIC, bem como as mais recorrentes e importantes categorias que caracterizaram estes casos.

Capítulo 5

Análise de dados: pessoas mais velhas e suas relações com as tecnologias em ambiente familiar e em outros contextos sociais

Introdução

Nos últimos 50 anos, decorrentes de diversos campos de pesquisa, têm surgido estudos que abordam o desenvolvimento dos indivíduos ao longo da vida. Isso chama a atenção para a importância das condições dos contextos histórico, social, psicológico e biográfico para a compreensão do desenvolvimento do indivíduo (Elder, Johnson e Crosnoe, 2003a). Assim, entender aspectos do contexto social em que um idoso se encontra é a base para responder à pergunta que orienta este trabalho, ou seja, **de que formas os usos e apropriação das TIC influenciam no envelhecimento ativo de homens e mulheres com 60 anos ou mais em Portugal e no Brasil?** No presente capítulo, fazemos a análise das informações recolhidas durante a pesquisa de campo no Brasil e em Portugal e relacionamo-las com os temas que tratamos ao longo de toda a pesquisa.

Um dos contributos que usamos como base é o de **envelhecimento ativo**, definido como um processo de otimização de oportunidades na saúde, participação e segurança de forma a potencializar a qualidade de vida das pessoas idosas (Organização Mundial da Saúde, 2002). Essa definição indica que a qualidade de vida durante a velhice depende do envolvimento do indivíduo na sociedade podendo ocorrer a partir do uso e apropriação das tecnologias de informação e comunicação mediados em grande medida pelo **curso de vida** (Elder, 1974), teoria conceituada como sequência de idades ligadas por transições incorporadas em instituições sociais.

Portanto, ter presente o que vimos sobre envelhecimento ativo, curso de vida e uso das tecnologias digitais ajuda-nos a contextualizar as circunstâncias em que a vida

de um idoso se desenvolveu e se desenvolve são de extrema importância para explicar e entender os aspectos de sua vida atual (Bronfenbrenner, 1979; George, 1996), mais especificamente, o modo como se relacionam com o computador, o celular e o tablet com ligação à internet. Por esse motivo, levamos em consideração mais do que a variável “idade”: trabalhamos com pessoas com 60 anos ou mais carregadas de heterogeneidade envoltas no conceito de velhice que é fluido, sempre em mudança e contextualizado a partir de circunstâncias sociais, culturais e temporais (James, Jenks e Prout, 1998).

Estruturamos nossa análise em 8 partes:

- 1- Apresentamos tabelas com as percepções individuais sobre as TIC e discutimos as principais tendências sobre a adoção das tecnologias digitais no Brasil e em Portugal, a partir dos grupos estudados;
- 2- Discutimos a presença das TIC nas relações familiares e intergeracionais durante a velhice e quais benefícios podem ocorrer desse contexto;
- 3- Discutimos os prejuízos para os idosos que podem advir do uso das TIC no contexto familiar;
- 4- Discutimos as influências geracionais no uso das TIC;
- 5- Discutimos como as relações de amizade e os aspectos do estilo de vida dos idosos influenciam no uso das TIC;
- 6- Discutimos qual a importância das TIC no período da aposentadoria como uma forma de gerir o tempo livre e o bem-estar;
- 7- Discutimos a percepção dos idosos sobre a propagação do idadismo com relação ao à velhice através das TIC;
- 8- Por último, discutimos como a marginalização e o isolamento social podem ocorrer a partir da viuvez e da depressão e como a tecnologia está envolvida nesse contexto.

5.1 – Posse das TIC e percepções individuais

“Tem que se render a ela, à tecnologia. A resistência à tecnologia chega a ser uma burrice pro povo, tem que acompanhar.”

Luíza, brasileira, 64 anos

A partir da popularização das tecnologias digitais em nossas sociedades, pesquisadores começaram por apontar diferenças chamadas de "fratura digital" (Barnard *et al.*, 2013; Zickuhr e Madden, 2012) entre aqueles que têm acesso à internet e às tecnologias de informação e comunicação e aqueles que, devido a vários fatores, permanecem *offline*.

Depois dessa inicial divisão entre os que usam e os que não usam, os especialistas constataram a necessidade de tornar essa divisão baseada em aspectos mais complexos e fundamentais para um entendimento mais profundo da relação entre idoso e tecnologia digital. Como vimos no capítulo 3, as políticas de inclusão social e de inclusão digital servem de base para entendermos melhor o modo como as pessoas idosas lidam com as tecnologias digitais de informação e comunicação. Isso está relacionado com os capitais ou formas de poder necessários para se viver em sociedade (Bourdieu, 1986) (Sallaz e Zavisca, 2007; Anthias, 2001), mas também está ligado ao entendimento individual que as pessoas possuem sobre as TIC.

Na presente pesquisa, todos os participantes têm acesso às TIC, pelo menos, através de seus telefones celulares e dos computadores nas aulas de informática. Contudo, como temos afirmado, os idosos são heterogêneos. Para ajudar a contextualizar as diferenças e similaridades entre as pessoas que participaram desta pesquisa, apresentamos, na primeira parte deste capítulo, a sistematização das percepções individuais sobre o uso das TIC de cada idoso com base em cinco aspectos: **vantagens, motivações, obstáculos**, existência de **riscos** e **desvantagens** específicas com que se defrontam durante as experiências *online* (Minocha *et al.*, 2013). De acordo com a recolha de informação junto aos participantes da pesquisa, apresentamos o número de vezes em que cada uma dessas percepções foi apontada durante “a roda”, mas também ao longo das discussões dos grupos de foco e das

entrevistas individuais. Durante a recolha de informação, notamos que os participantes brasileiros possuem uma maior facilidade de se expressar, ou seja, falaram durante mais tempo se comparados aos portugueses, para além de serem mais numerosos (19 brasileiros; 17 portugueses). Por esse motivo, houve uma maior prevalência no número de vezes em que as percepções individuais foram apontadas pelos brasileiros. Os dados foram categorizados e sumarizados com ajuda do *software* MaxQda nas tabelas 9 a 13 abaixo. As informações desses quadros são tratadas ao longo de todo o capítulo, ou seja, juntamente com os oito pontos que definimos para a análise dos dados, pois esses entendimentos sobre as TIC são mais bem contextualizados no curso de vida e do contexto social em que estão inseridos.

Tabela 9: Número de referências de vantagens das TIC

	Percepções individuais	Participantes brasileiros	Participantes portugueses	Total
Vanta- gens	Pesquisa, busca de informação por assunto específico (serviços domésticos, saúde)	14	8	24
	Rapidez da comunicação, encurta distâncias, fácil pedir ajuda, evita deslocamento físico	15	8	23
	É uma ferramenta de trabalho	10	9	19
	Várias funções em um único dispositivo	6	7	13
	Fazer compras pela internet, banco <i>online</i> , serviços <i>e-gov</i>	7	3	10
	Serve de entretenimento (jogos, música, ver a vida dos outros)	5	4	9
	Fácil de transportar	4	4	8
	Receber apoio, mensagens positivas	3	3	6
	Facilita a comunicação com outras gerações	3	2	5
	Melhora a saúde (estímulo cerebral) e as relações sociais	4	1	5
	Compartilhar tópicos, divulgação de trabalhos, fazer comentários (partilha de informação)	4	1	5
	Facilita encontrar pessoas do passado	1	2	3
	Serve para saber se alguém está mentindo (tecnologia deixa rastros)	2	0	2
	Fácil de usar (tablet)	1	0	1
	Aumenta a rede de amigos	1	0	1
	Total	80	52	134

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 10: Número de referências de motivações das TIC

	Percepções individuais	Participantes brasileiros	Participantes portugueses	Total
Motivações	Facilita a comunicação	28	12	40
	Traz a sensação de fazer parte da sociedade atual	19	3	22
	Foi aconselhado por alguém (família, amigos, alguma instituição, grupos de pessoas)	11	5	16
	Preparar para o futuro	1	9	10
	Economiza dinheiro, tempo e ajuda na resolução de problemas	5	4	9
	Ajuda na aquisição de novos conhecimentos	0	2	2
	Total	64	35	99

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 11: Número de referências de desvantagens das TIC

	Percepções individuais	Participantes brasileiros	Participantes portugueses	Total
Desvantagens	Vício, dependência da tecnologia	19	16	35
	Afeta as relações sociais negativamente	11	4	15
	Computador em desuso devido ao celular	3	4	7
	Consome muito tempo, dificuldade de concentração, muitas opções concomitantes	5	2	7
	Roubos e furtos	6	0	6
	Comentários negativos nas redes sociais digitais	3	1	4
	Conteúdo inapropriado (pornografia e violência)	3	0	3
	Aumenta o isolamento social e físico	2	1	3
	Plágio	1	0	1
	Não estimula a memória	1	0	1
	Total	54	28	82

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 12: Número de referências de riscos das TIC

		Participantes brasileiros	Participantes portugueses	Total
Riscos	Falta de privacidade, sentir-se muito exposto	11	8	19
	Fraudes	0	7	7
	Informações falsas, falsa noção de amigos nas redes sociais digitais (fofoca, mentira)	4	1	5
	Os jovens só sabem trabalhar com a tecnologia	3	1	4
	Contato de estranhos	2	1	3
	Receber mensagens fora de horário	3	2	5
	Total	23	20	43

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 13: Número de referências de obstáculos das TIC

	Percepções individuais	Participantes brasileiros	Participantes portugueses	Total
Obstáculos	Falta de interesse, rejeição, estilo de vida incompatível com o uso das TIC	10	6	16
	Falta de habilidade, literacia, complexo para aprender	3	11	14
	Preço dos equipamentos	9	2	11
	<i>Design</i> inapropriado (difícil para ver, botões pequenos)	6	1	7
	Medo, ansiedade, vergonha	4	3	7
	Falta de apoio da família	2	1	3
	Falta de saúde	1	1	2
	Total	35	25	60

Fonte: Elaboração da autora

Para entendermos melhor o contexto das percepções individuais e a análise dos dados como um todo, apresentamos as tabelas 14 e 15 com informações sobre a posse das TIC pelos brasileiros e portugueses que participaram nesta pesquisa. A recolha desses dados foi feita através de um questionário respondido no final da entrevista individual. O objetivo é que esses dados ajudem a elucidar algumas das razões por detrás das suas atitudes em relação à tecnologia, fornecendo discernimento sobre a forma como definem e constroem modelos de aceitação ou rejeição.

Tabela 14: Participantes brasileiros - posse das tecnologias (N=19)

Nome	Idade	Tecnologias que possui				Possui internet		Possui					
		Computador	Celular que não é smartphone	Smartphone	Tablet	Em casa (wifi)	Móvel	Facebook	Whatsapp	YouTube	Skype	E-mail	Outro
Ana	73		*										
Beatriz	64			*				*	*				
Carla	69	*		*	*	*	*	*	*			*	
Cristina	65	*	*			*							
Divina	65	*		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Daniela	63		*			*							
Fabírcia	61	*		*		*		*	*				
Gabriel	67			*			*	*	*				
Vera	70	*		*		*			*		*		
Ilda	68			*		*	*	*	*				
Jonas	75	*	*			*		*		*	*	*	
Luíza	64	*		*		*	*	*	*				
Marta	71		*			*							
Neide	64			*		*	*	*	*			*	
Osvaldo	64		*		*	*		*	*	*	*	*	*
Paula	65	*		*		*	*	*	*	*	*	*	
Renato	70	*		*	*	*	*	*	*		*	*	
J Almeida	69			*		*	*	*	*	*			
Tomás	69	*	*			*		*	*	*	*	*	
Todos		10	7	12	4	16	10	14	14	6	7	7	2

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 15: Participantes portugueses - posse das tecnologias (N=17)

Nome	Idade	Tecnologias que possui				Possui internet		Possui					
		Computador	Celular que não é smartphone	Smartphone	Tablet	Em casa (wifi)	Móvel	Facebook	Whatsapp	YouTube	Skype	E-mail	Outro
Adelaide	63	*		*	*	*	*	*	*	*	*	*	
Berenice	74	*		*	*	*	*	*		*	*	*	
Camila	72	*		*			*	*			*	*	
Danilo	63	*		*		*		*		*	*	*	
Fátima	72	*		*		*		*			*	*	
Fausto	64	*		*		*	*	*	*	*	*	*	*
João	75	*	*			*		*				*	
Lúcia	84	*	*			*		*				*	
Lucas	81	*		*		*	*	*	*		*	*	
Mafalda	62	*		*	*	*	*	*	*		*	*	
Natália	73	*		*		*		*	*		*	*	
Olinda	63	*			*	*		*			*	*	
Patrícia	75	*	*			*		*			*	*	
Rita	64	*		*		*	*	*			*	*	
Célia	60	*		*		*	*	*	*		*	*	
Sara	79	*	*			*		*			*	*	
Terezinha	64	*		*		*	*	*			*	*	
Todos		17	4	12	4	16	9	17	6	4	15	17	1

Fonte: Elaboração da autora

Ao analisarmos as duas tabelas sobre a posse dos dispositivos tecnológicos, notamos que alguns aspectos ressaltam entre brasileiros e portugueses. O primeiro é o fato de todos possuírem telefones celulares; o segundo é o computador portátil, um aparato tecnológico que todos os portugueses possuem ao passo que, pelo menos,

nove brasileiros não possuem. Os obstáculos apontados pelos brasileiros para não possuírem um computador foram: falta de literacia digital, falta de condições financeiras e falta de interesse. A tendência para a diminuição no percentual de domicílios brasileiros com computador no Brasil foi identificada passando de 50% em 2015 para 46% em 2016, enquanto nos países europeus essa percentagem manteve-se (CGI.br, 2016). Sabe-se que os smartphones têm qualidades e capacidades diferentes dos computadores e tablets (Rosales e Fernández-Ardèvol, 2016). Contudo, alguns participantes brasileiros argumentaram que os smartphones substituem os computadores, pois possuem funções muito semelhantes, um entendimento que não esteve presente na fala dos portugueses. Vejamos alguns exemplos:

- O computador já não tem tanto uso. É assim, para quem estuda e para o trabalho o computador é muito importante, mas para a gente em casa, agora, a gente resolve tudo no celular (Paula, brasileira, 65 anos).
- Eu acho que o computador, hoje, já não é tão necessário, pois tem o celular e a internet para todo lado (Salvador, brasileiro, 69 anos).
- Estou aprendendo [como usar o computador], mas para mim não sei... é bom para o pessoal que está estudando, para fazer pesquisa, mas para mim é uma coisa que não tem muita utilidade (Daniela, brasileira, 63 anos).

A expressão "não tenho acesso" ligada às pessoas que permanecem no lado "errado" da fratura digital por falta de motivação ou de não ver utilidade no uso das TIC é cada vez mais referida como "não quero ter acesso" (Van Deursen e Helsper, 2015). A atitude em relação à internet é crucial para o seu uso entre aqueles que excluem a internet de suas vidas. No entanto, seria errado colar uma “etiqueta” naqueles que têm atitudes negativas e, por conseguinte, decidem não usar a internet. É preciso entender os motivos pelos quais as pessoas têm essa postura perante as TIC. Nesse sentido, ao contrário de Salvador e Paula que não utilizam o computador, mas que são usuários ativos do smartphone, Daniela possui um celular sem internet e só utiliza o computador nas aulas da universidade sênior e sem grande interesse de levar esses conhecimentos para o seu cotidiano. Daniela explica que o celular é útil para manter contato com familiares e para resolver pequenos “problemas” do cotidiano, mas que para isso não é necessário a internet. Essa falta de vontade de usar a internet também é explicada por se sentir traumatizada por morar com uma filha que passa

muitas horas na internet o que acaba por influenciar negativamente a sua percepção - o vício e a dependência foi a desvantagem mais referida (35 referências).

- Lá em casa mesmo, convive uma filha adotiva comigo e ela está viciada demais. Aí eu não quero esse negócio não. Estou traumatizada. Ela vai trabalhar aí tem duas horas de repouso, aí essas duas horas é direto. Eu não pago internet e ela fala com uma vizinha lá que paga a internet e quando ela chega é direto. Antigamente, ela queria passar a noite quase toda. Foi preciso tomar o celular dela e trancar para ela poder dormir. (...) Vixe, sentiria falta se o celular acabasse só de ligar porque a minha filha mora perto, mas às vezes falta qualquer coisa em casa e eu ligo e pergunto se ela tem aí eu peço o menino para trazer. É perto, mas iria me fazer falta, mas para essas coisas de internet, não iria me fazer falta porque eu quase não uso, só aqui na faculdade (Daniela, brasileira, 63 anos).

O uso mais intenso das TIC entre os brasileiros se dá através do uso do celular. Isso acontece porque tecnologias como o computador portátil são mais complexas para serem utilizadas, fazendo com que o uso do celular, com ou sem ligação à internet, seja a opção mais viável. No caso dos participantes portugueses, verificamos uma maior equidade na valorização entre o uso do computador e do celular, entendido por eles como tecnologias distintas e usadas em momentos diferentes. Isso pode ser explicado, entre outros fatores, pelo incentivo dos professores de informática para que usem o computador em casa de forma a fixar melhor os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Também verificamos que, em ambas as nacionalidades, o uso do celular, com ou sem ligação à internet, está distribuído ao longo do dia com várias utilizações, enquanto existe a tendência para estabelecer um momento específico para usar o computador portátil, principalmente no final do dia ou à noite.

Os smartphones desempenham um papel de destaque na vida desses idosos. A utilização mais consistente esteve centrada nas redes sociais como o Facebook e aplicações de conversação como Whatsapp. O Whatsapp é o aplicativo mais popular entre os participantes no Brasil (14 brasileiros possuem Whatsapp). Em Portugal essa *App* não teve a mesma importância, pois a maioria não tinha Whatsapp (11 pessoas). Especialistas afirmam que a frequência de acesso do Whatsapp entre idosos está negativamente correlacionada com a idade (Rosales and Fernández-Ardèvol 2016). Porém, entre os brasileiros que fizeram parte desta pesquisa o não uso esteve ligado à combinação de baixa literacia digital (4 pessoas), falta de condições financeiras para

comprar um smartphone (3 pessoas) e a rejeição por esse tipo de tecnologia considerada como muito intrusiva (2 pessoas).

A maior vantagem apontada pelos brasileiros para o uso desse recurso é o fato de ser gratuito (apesar de ser necessária a conexão à internet), estar associada à inexistência de uma conta para pagar no final do mês, não ter limitações de tempo de uso e por ser mais barato do que chamadas telefônicas ou mensagens de texto (SMS). Uma outra razão foi o fato das pessoas das suas relações sociais terem essa tecnologia fazendo com que se sentissem impelidos a começar a usá-la. Entre os portugueses, destacou-se a falta de familiaridade, pois alguns nunca tinham ouvido falar desse aplicativo, incluindo os professores das aulas de informática. Entre os seis portugueses que possuem Whatsapp, somente três utilizam com frequência.

Essa utilização mais consistente do smartphone em detrimento ao uso do computador pode ter consequências para a apropriação efetiva das tecnologias digitais, pois o desenvolvimento de habilidades mais sofisticadas se dá através da combinação do uso de diversos dispositivos e de aplicativos de maior complexidade (CGI.br, 2016a). Notamos que o conteúdo acessado pelos idosos participantes pode estar disponível apenas no smartphone, mas isso não significa que acessem esses conteúdos com menor frequência do que pessoas que utilizam diferentes dispositivos.

Sete brasileiros e quatro portugueses usam o celular que não é o smartphone. Ao analisar individualmente cada uma dessas 11 pessoas, verificamos que o motivo que faz com que não possuam um smartphone são os mesmos apresentados para não utilizar o computador portátil: falta de conhecimentos suficientes para usar um smartphone (5 pessoas), isto é, falta de literacia digital; falta de interesse, pois possuem computador que consegue fazer quase tudo que um smartphone faz (5 pessoas); por último, questões financeiras (1 pessoa), ou seja, o preço elevado do smartphone e da internet móvel.

O acesso ao *wifi* e à internet móvel foi outro aspecto abordado durante a pesquisa. 32 participantes (16 brasileiros e 16 portugueses) possuem acesso ao *wifi* em casa, ou por iniciativa própria ou, no caso dos brasileiros, porque vivem com pessoas mais jovens que necessitam desse tipo de conexão. Alguns utilizam *wifi* na casa de

parentes que frequentam com regularidade e, acrescenta-se ainda, a conexão em lugares públicos como restaurantes, hospitais, centros comerciais e transporte público. Essa facilidade de conexão é um incentivo ao uso das TIC e, mais particularmente, das redes sociais digitais (Choudrie e Vyas, 2014). O uso da internet móvel (19 pessoas) esteve sempre acompanhado do uso do smartphone. Somente duas brasileiras e uma portuguesa possuem smartphones sem internet móvel fazendo com que só os utilizem em casa, por questões financeiras ou por falta de interesse, respectivamente. Uma pesquisa desenvolvida no Brasil revelou que entre 2014 e 2016 a proporção de domicílios com acesso à internet, mas sem computador, indo de 7% para 14% em 2016 indicando que o “crescimento da banda larga móvel ocorre, portanto, com maior intensidade entre as classes sociais menos favorecidas e em regiões que tradicionalmente apresentam conectividade em banda fixa mais restrita” como é o caso do Estado do Tocantins na região norte do Brasil, onde esta pesquisa foi realizada (CGI.br 2016, p. 26)

- Eu não tenho internet [móvel], não uso, eu uso é o Facebook e o Zap em casa, só tenho em casa. Ainda não tive condições (Beatriz, brasileira, 64 anos).

- Eu posso ter internet nesse telemóvel, mas por acaso ainda não coloquei, ainda não quis colocar, talvez mais à frente, mas por agora não (Fátima, portuguesa, 72 anos).

A portabilidade e o tamanho reduzido das tecnologias também foram entendidos como vantagem no uso das TIC, principalmente o celular. Contudo, entre os brasileiros, houve uma preocupação generalizada devido a aspectos de segurança pública com a possibilidade de serem roubados ou furtados exatamente por serem móveis e pequenos, especialmente os mais modernos e caros. Entre os portugueses esse tema nunca foi levantado durante os grupos de foco, nas entrevistas individuais ou mesmo durante as aulas de informática que acompanhamos. Esse tipo de atitude exemplifica como o contexto social influencia seus comportamentos com relação às TIC. Um dos entrevistados apontou uma estratégia que usa para lidar com esse tipo de situação.

- Pode perder a vida. Eu não preciso sair mostrando que eu tenho. Não, eu simplesmente uso e está guardadinho, não sabem nem se eu tenho. Nada de ostentar, não precisa disso. É como a pessoa que é rica, não precisa mostrar que é rica. Saiba usufruir. (Cristina, brasileira, 65 anos).

O tablet, em ambos os grupos, está pouco presente (4 brasileiros e 4 portugueses). Isso ocorre por ser uma tecnologia mais recente e cuja função é entendida, por eles, como um objeto que está entre o computador portátil e o smartphone fazendo com que não seja vantajoso possuir um. Entre aqueles que utilizam esse dispositivo a razão girou em volta da sua maior acessibilidade por ter um ecrã maior que o smartphone, por ser tátil e sem a necessidade de usar o *mouse* e pela facilidade de ser transportado. Entre os brasileiros, houve, mais uma vez, a preocupação com roubos e furtos por chamar a atenção em locais públicos, devido ao seu tamanho. Por isso o tablet, para os brasileiros, é uma tecnologia para ser usada em casa. Os portugueses usam pelas mesmas razões dentro ou fora do ambiente doméstico e, aparentemente, sem a preocupação de serem roubados ou furtados.

- É mais fácil para você carregar, faz o mesmo serviço. O computador tem o tal de *mouse*, às vezes você clica e deleta tudo, eu sou dona de fazer isso, está lá prontinho e quando vê... Agora no tablet você não tem *mouse*, você vai com o dedo e você sabe o que está fazendo. É mais fácil de ver porque é maior que o celular, coloca dentro da bolsa (Carla, brasileira, 69 anos).

- É mais fácil usar o tablet. O computador é muito complicado. A vantagem é que é com o dedo, toca ali e abre. Tem coisas que eu faço no computador que se calhar no tablet eu não posso fazer, não sei, isso eu queria saber (Berenice, portuguesa, 74 anos).

- A cara é maior, as letras são maiores, melhor para enxergar, mais colorido, mais moderno (Osvaldo, brasileiro, 64 anos).

- Eu, às vezes... é só para brincar com os jogos, só para me distrair, é uma distração (risos). Quando vou viajar também é útil, para distrair no comboio (Mafalda, portuguesa, 62 anos).

- Eu não ando de comboio, mas, às vezes, quando tenho de ir a uma consulta ou qualquer coisa e tenho que estar um determinado tempo à espera, em vez de ter uma revista debaixo do braço, levo o tablet dentro da mala (Olinda, portuguesa, 63 anos).

Todos os portugueses têm Facebook e *e-mail* porque aprender como utilizá-los faz parte do componente letivo das aulas de informática. O mesmo não se passa entre os brasileiros, pois só possuem Facebook e *e-mail* aqueles que resolveram utilizá-los por iniciativa própria ou com a ajuda de familiares, geralmente, netos e filhos. O uso do Facebook foi transversal em ambos os países (14 no Brasil e 17 em Portugal),

ficando de fora somente cinco brasileiros com literacia digital mais limitada. Tem como principais motivações manter vínculos sociais, a curiosidade e responder a solicitações de membros da família. No caso da adoção do Whatsapp, notamos uma influência não só da família, mas também de seus pares, mais precisamente, amigos, colegas das aulas de informática e de outros grupos que frequentam. Essa “pressão” é apontada por alguns especialistas como capazes de influenciar a percepção que os idosos possuem sobre as TIC atuando sobre tomadas de decisão no momento de decidirem adotar ou não determinadas tecnologias (Choudrie e Vyas, 2014). Influências chamadas de secundárias (Venkatesh e Brown, 2001) adquiridas a partir dos meios e comunicação como a televisão, jornais e outras fontes que podem induzir o comportamento das pessoas, não foram identificadas nas falas dos participantes.

- Não. Vou ao Facebook, mas só compartilho, a professora já ensinou (...). Gosto muito. Vou ao Facebook, vou ao e-mail, temos que ter esses dois para acompanhar as aulas (Berenice, portuguesa, 74 anos).

- Eu uso Facebook também e tenho aulas de Facebook e dos e-mails (Lúcia, portuguesa, 84 anos).

- Eu tenho Facebook mais porque eu tenho sobrinhos e todos têm Facebook eu chego lá “tio, o senhor não tem Facebook?” “eu vi fulano de tal” “Facebook é bom demais” (Salvador, brasileiro, 69 anos).

5.2- As relações familiares: apoio instrumental e social na velhice

“Eu pedi ao meu filho que mora em São Paulo para me mandar um iPad, um netbook e ele mandou. Uma coisa foi puxando a outra. Eles me ensinam, aí quando aparece alguma dúvida eu pergunto como é”

Divina, brasileira, 65 anos

As alterações demográficas conduziram à transformação de várias facetas da família e, dentre elas, as interações entre as gerações mediadas pelas tecnologias digitais (Lowenstein, 2005). Paralelamente ao envelhecimento da população, mudanças marcantes ocorreram no contexto da chamada família pós-moderna

(Stacey, 1990), caracterizada pela sua "fragilidade estrutural" e por uma maior dependência do compromisso voluntário de seus membros.

Essas mudanças também criam incertezas nas relações sociais e afetam o papel das transições durante o curso de vida, colocando novos desafios ao indivíduo, à família e à vida social (Lowenstein, 2005). Um contexto marcante da sociedade em que vivemos é que a terceira idade é uma fase da vida que pode ser mais marcada pelo baixo uso das tecnologias de informação e comunicação, em parte, porque há poucas expectativas sociais sobre os papéis que os adultos mais velhos devem cumprir (Carr, 2009).

Uma forma de contrariar essa realidade é baseada no paradigma da solidariedade intergeracional que está posicionado na vanguarda das trocas de apoio como uma característica permanente das famílias (Brubaker, 1990) tornando-se um modelo padrão na medição da coesão social entre pessoas pertencentes a diferentes gerações. Isso acontece porque essa foi considerada um elemento importante das relações familiares, particularmente, para o êxito no enfrentamento de desafios que podem ser trazidos pelo processo de envelhecimento avançado e na integração social da velhice (Silverstein e Bengtson 2009). Essas possibilidades fazem com que a solidariedade intergeracional esteja ligada ao conceito de envelhecimento ativo (Comissão Europeia, 2012).

As relações familiares multigeracionais serão mais importantes no século XXI por 3 motivos: as mudanças demográficas do envelhecimento da população, resultando em mais anos de vida partilhada entre gerações; a crescente importância dos avós e outros parentes no cumprimento das funções da família; a força e a resiliência da solidariedade entre gerações ao longo do tempo (Bengtson, 2001, p. 1).

A composição do agregado familiar tem sido descrita como "um dos mais fundamentais e essenciais determinantes do bem-estar de adultos mais velhos" (Zimmer 2003, p. 248) com implicações para a sua qualidade de vida. Como veremos, o contexto familiar influencia o curso de vida impulsionando ou inibindo a possibilidade de pessoas mais velhas usarem e se beneficiarem do uso das TIC, o que pode trazer, como consequência, a oportunidade de ter uma velhice mais ativa e com maior qualidade de vida (Elder, Johnson e Crosnoe, 2003b).

Possuir relações com filhos adultos e netos, portanto, está entre as fontes mais importantes de suporte emocional e assistência para as pessoas idosas (Johnson, 2005) fazendo com que seja importante para a presente pesquisa. Nos quadros abaixo, apresentamos com quais faixas etárias os participantes desta pesquisa convivem em seu núcleo familiar.

Tabela 16: Participantes brasileiros: número de filhos e composição atual do agregado familiar (N=19)

Nome	Idade			Com quem vive			
		Tem filho(s)	Número de filhos	Só	Crianças /jovens (até 21 anos)	Exclusivamente com adulto	Exclusivamente com idoso
Ana	73	*	5		*		
Beatriz	64	*	2	*			
Carla	69	*	3	*			
Cristina	65	*	1				*
Divina	65	*	5		*		
Daniela	63	*	2		*		
Fabírcia	61	*	5		*		
Gabriel	67	*	5	*			
Vera	70	*	3				*
Ilda	68	*	7		*		
Jonas	75	*	3				*
Luíza	64	*	2	*			
Marta	71	*	5			*	
Neide	64	*	6		*		
Osvaldo	64	*	5	*			
Paula	65	*	3				*
Renato	70	*	3				*
Salvador	69	*	3				*
Tomás	69	*	3		*		
Todos		19	71	5	7	1	6

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 17: Participantes portugueses: Número de filhos e composição atual do agregado familiar (N=17)

Nome	Idade	Tem filho(s)	Número de filhos	Com quem vive			
				Só	Crianças /jovens (até 21 anos)	Exclusivamente com adulto	Exclusivamente com idoso
Adelaide	63	*	2				*
Berenice	74		0				*
Camila	72	*	1	*			
Danilo	63	*	2			*	
Fátima	72	*	2				*
Fausto	64	*	2				*
João	75	*	1	*			
Lúcia	84	*	1	*			
Lucas	81	*	4			*	
Mafalda	62	*	1				*
Natália	73	*	3	*			
Olinda	63	*	2				*
Patrícia	75		0	*			
Rita	64	*	1				*
Célia	60	*	2	*			
Sara	79		0	*			
Terezinha	64	*	2			*	
Todos		14	26	7	0	3	7

Fonte: Elaboração da autora

Entre os 36 idosos, 25 vivem só ou acompanhados, exclusivamente, de uma outra pessoa idosa; e somente sete vivem em uma casa onde há crianças ou adolescentes: sete dos 19 brasileiros viverem acompanhados de crianças ou jovens, ao passo que nenhum dos portugueses se encontrava nessa situação.

Esses números são importantes para entender o contexto digital em que os idosos estão inseridos porque os estudos afirmam que é natural para crianças e jovens lidarem com aparatos tecnológicos digitais (Simões *et al.*, 2014; Ponte, 2011) fazendo com que, no que se refere ao nível de contexto familiar, viver numa mesma casa com

essas faixas etárias seja um bom preditor para saber se pessoas mais velhas usam ou não as TIC (Korupp e Szydlík, 2005).

Contudo, apesar da maioria dos participantes viver só ou acompanhada de outro idoso, recebem apoio de membros da família, principalmente filhos e netos, mesmo morando em casas separadas. Esse é um fator descrito como de importância para fonte inicial de conhecimento ou de aprofundamento de literacia digital e, quase sempre, como recurso quando são confrontados com problemas no uso das TIC considerados como difíceis de serem resolvidos. Essa realidade esteve mais presente entre os idosos brasileiros pois, como descrevemos no capítulo de metodologias, o apoio que recebem das aulas de informática foi bastante menos frequente: presenciamos três aulas de informática em três meses de pesquisa de campo no Brasil e mais de 20 em Portugal.

Há quase 50 anos a antropóloga cultural Margaret Mead (1970) afirmou que em sociedades onde a mudança é lenta e imperceptível, o conhecimento e a cultura passam das gerações mais antigas para os mais jovens. Na sociedade contemporânea onde a mudança social é dinâmica, essa interação entre gerações modificou-se fortemente no que diz respeito ao uso das TIC, com os jovens a dominarem esses conhecimentos. A aquisição do saber tecnológico a partir da relação que a brasileira Fabrícia possui com seu neto exemplifica bem uma realidade, compartilhada várias vezes entre os participantes, tanto brasileiros como portugueses, marcada pelas dificuldades para aprender, a falta de paciência dos mais jovens e a transmissão unilateral de informação do mais jovem para o mais velho.

- Às vezes, eu não sei mexer e ele [neto] briga e eu digo para ele me ajudar, mas tem hora que ele me ensina e eu não aprendo. Moramos só nós dois, eu quem criei ele, ele tinha três meses. Ele me ensina, aí eu não aprendo e ele diz que eu tenho que aprender porque eu não sou mouca. Ele tem 21 anos (Fabrícia, brasileira, 61 anos).

A percepção para os participantes que estão *online* é a de que as TIC, principalmente o celular, mudaram radicalmente a forma como se comunicam com os outros se tornando um importante meio de interação social. Quando essa percepção era levantada durante os grupos de foco aqueles que tinham uma literacia digital mais

limitada e um uso das TIC mais reduzido pareciam sentir-se excluídos desses canais de comunicação o que foi, algumas vezes, traduzido pelo sentimento de vergonha dentro do ambiente familiar (sentir medo, vergonha e ansiedade foi apontado como obstáculo por sete participantes).

- *E o [celular] da senhora tem internet?*

- Não. Meus filhos diziam que iriam comprar e eu “não, não quero!”, mas depois que eu vim para a UMA é que eu vi que é necessário, pois eu vejo todos os meus colegas com o celular grande e eu fico com vergonha. Mas a verdade é que eu ainda não sei mexer (Marta, brasileira, 71 anos).

- Se você não estiver hoje dentro da tecnologia parece que está uma analfabeta na tecnologia (Luíza, brasileira, 64 anos).

- É como eu estou me sentindo agora (Marta, brasileira, 71 anos).

O ideal é que “em sociedades tradicionais ou modernas, portanto, a integração entre pessoas de diferentes idades seja necessária para todas as gerações serem produtivas e socialmente participativas” (Uhlenberg e Gierveld 2004, p. 6). Quando a intergeracionalidade ocorre de forma benéfica a partir do uso das TIC, o idoso tem a sensação de não ser “deixado para trás”, de continuar a acompanhar a evolução tecnológica e se sentir parte da sociedade atual. Esses foram aspectos apontados como motivacionais para usar as TIC (22 referências). Vejamos o exemplo de Neide, de 64 anos, que vive com a filha e os netos adolescentes:

- Olha, hoje parece que as crianças já nascem sabendo tudo e se a gente não souber de nada a gente fica para trás. Aí a gente tem que saber para a gente pode conversar, dialogar com essas crianças (Neide, brasileira, 64 anos).

Outro aspecto que ficou claro a partir da fala dos participantes é a necessidade de o apoio recebido pelos mais jovens estar presente em outras esferas de suas vidas. Portanto, não se trata de uma relação intergeracional baseada na tecnologia, mas de uma relação que vem, principalmente, de um apoio emocional e social e que se estende até ao uso das TIC. É o caso dessas três idosas que recebem suporte de familiares e que confiam nesta ajuda: Luíza, de 64 anos, vive só e recebe auxílio de um neto; Ilda, de 68 anos, mora com a filha e netos; e Lúcia, de 84 anos, mora só, mas é apoiada pela única filha, de 61 anos, que vive no apartamento em frente ao seu.

- Meu neto viu que eu estava muito interessada em tecnologia, em aprender o novo. Ele disse “a senhora está precisando de um smartphone, a senhora vai ter tudo lá”. Aí eu comprei o smartphone e ele me ensinou como funciona. Hoje, eu trabalho até com *e-mail* e fico encantada comigo mesma porque eu passo *e-mail*, tenho o meu e-mail, tenho Face, tenho Whatsapp e hoje eu não sobrevivo sem essas facilidades. Ele me ensina tudo, mas não é só com a internet não, ele me ajuda em tudo que eu preciso. Ele é o meu companheiro. (...) Meu neto de 20 anos é quem me dá as dicas “faça assim, faça assim” e eu tenho que me render a ele porque eu preciso dele. Foi ele que me colocou no mundo atual, no mundo da tecnologia (Luíza, brasileira, 64 anos).

- Eu tenho uma filha que vê o meu celular sobre tudo que acontece. Se ela achar que tá legal, tá legal, se ela achar que não tá, não tá. Então, quando acontece uma coisa que eu não gostei eu corro nela e ela arruma para mim. É ela que resolve. Quando a gente tem filhos pequenos a gente é que vigia os filhos, assim os filhos é que vigiam a gente (Ilda, brasileira, 68 anos).

- Eu tenho amigos, tenho uma afilhada em Angola, são pessoas com quem eu vou trocando uma mensagem. Tenho amigos que eu não sabia deles e que vejo a diferença agora e que os encontrei através das tecnologias porque a minha filha já falava com eles e depois ela arranhou-me aquilo também (Lúcia, portuguesa, 84 anos).

A relação entre pais e filhos pode ser classificada em três categorias: unido, sociável e afastado (Connidis, 2010). Os relacionamentos unidos são caracterizados por elevados níveis de afeto, oportunidade de ver um ao outro e intercâmbio de recursos. Relações sociáveis também têm altos níveis de afeto e a oportunidade de ver um outro, mas não incluem um intercâmbio de recursos. Os relacionamentos afastados são caracterizados por baixo afeto, poucas oportunidades para ver o outro e baixa troca de recursos. Com o envelhecimento dos pais, são seus filhos adultos os mais susceptíveis de proporcionar companheirismo e assistência ao se tornarem mais limitados para a realização de tarefas diárias (Fingerman, 2001; Carr, 2009). Pais, filhos e netos adultos, portanto, são uma fonte importante de intercâmbios e de assistência, um para o outro.

Como podemos observar nas tabelas 17 e 18, todos os brasileiros têm filhos e em maior número ao passo que 8 portugueses têm apenas um ou nenhum filho. Nesta pesquisa, encontramos exemplos de diferentes tipos de relacionamentos entre os entrevistados e seus filhos e que geram a expectativa de que receberão ou não dedicação de seus familiares. Isso é válido tanto para o uso das TIC como para a perspectiva de cuidados na fase final da vida.

- *A senhora pensa na velhice?*

- Minha filha, eu penso, minha mente é lá na frente, eu penso no futuro. Peço a deus que os meus filhos cuidem de mim quando eu for bem velhinha porque é muito triste não ter ninguém para cuidar de você. Já fiz várias visitas a abrigos e é uma tristeza. Fico pensando... é um depósito de gente velha lá, são os restos da sociedade. Tem uma senhorinha lá que eu conversei muito e ela me disse que foi pra lá por conta própria porque ela tem família e ninguém ligava para ela e ela foi para lá para ter companhia (Ilda, brasileira, 68 anos).

- *Como é que a senhora acha que vai fazer quando estiver mais velha?*

- Vou para um lar. Só tenho uma filha e ela mora longe [na China], ela não vem aqui e eu já não vou lá, estou velha, minha saúde já não aguenta. Não quero estar na casa de ninguém e para estar na minha casa tem que se ter muito dinheiro (Camila, portuguesa, 72 anos).

A interação entre avós, filhos e netos cujo objetivo é o incentivo ao uso das TIC digitais traz uma oportunidade de diálogo. Essa comunicação pode resultar no aumento da autoestima dos idosos quando dizem, por exemplo, “fico encantada comigo mesma” ou no reforço da confiança entre os membros de uma família ao afirmar que “se ela achar que tá legal, tá legal”. Para além disso, o uso das TIC pode proporcionar ganhos de capital pessoal e social como foi o caso de Lúcia que passou a conversar com pessoas que há muito tempo não tinha contato. Assim, entende-se que esse tipo de apoio prestado pelos familiares dos idosos como uma potencial ajuda para suprir a presença física, proporciona maior independência e autonomia para além de ampliar a comunicação dentro e fora do ambiente familiar.

Essa constatação leva à conclusão de que a comunicação *online* oferece uma rica fonte de informações, opiniões e atitudes o que também possibilita intercâmbio emocional. Em uma era de crescente impacto da comunicação *online* através de redes sociais digitais, a interação emocional já não está limitada nem restrita pelo tempo (Döveling, 2017). O uso da internet permite que adultos mais velhos se socializem independentemente de fronteiras com a mobilidade e incapacidade física. Com efeito, as famílias que não estão vinculadas a uma única região geográfica encontram mais facilidade de comunicação e contato. Esse aspecto foi a segunda vantagem que os participantes desta pesquisa apontaram para o uso das tecnologias de informação e comunicação (23 referências).

Entre os entrevistados, a proliferação da utilização da internet transformou as noções de lugar e distância. Essas são variáveis importantes na criação de bons relacionamentos através da internet e isso faz com que tenham potencial de ultrapassar questões relacionadas com a sua restrição proporcionando, assim, a oportunidade para pessoas isoladas melhorarem suas redes sociais (Mellor, Firth e Moore, 2008). A motivação mais prevalente foi a facilitação de comunicação com familiares e amigos (40 referências) apontada como importante em situações em que um ou mais membros de uma família vive longe ou em outros países, mas também entre pessoa que vivem muito próximas. Esse aspecto foi identificado entre os entrevistados que apontaram exemplos de como as tecnologias digitais podem facilitar a comunicação.

- Às vezes, eu quero comprar uma blusa para a minha filha, quero levar daqui porque é diferente de lá. A gente vai lá, tira foto e mostra para ela e pergunto qual ela gostou, aí ela já escolhe (Paula, brasileira, 65 anos).

- *E a frequência do uso da tecnologia?*

- Aqui [na UMA] é sempre, mas em casa é no Whatsapp falando com os grupos, com meus filhos. Falo com a minha filha que mora em Friburgo todos os dias, duas ou três vezes, se acontece alguma coisa ela me diz logo, se a menina [neta] fez uma gracinha, cantou uma música, é tudo aqui no celular. Eu acho que as tecnologias são muito importantes no dia a dia, principalmente o celular.

- *E com quem o senhor se comunica?*

- Com familiares, filhos, amigos. A minha filha está no Rio, às vezes, eu quero falar com ela e quando eu quero, vejo pelo Skype. Quer melhor coisa que essa? (Renato, brasileiro, 70 anos).

- *E por que a senhora faz as aulas de informática aqui?*

- Para falar com as minhas netas e com a minha filha. Não quer dizer que ela não me telefone. Ainda esta semana falei com uma colega para a América (Camila, portuguesa, 72 anos).

- *Então, a senhora fala com amigas, a filha e os netos pelo Skype?*

- Pois, mas com os netos falo pouco porque eles falam inglês e chinês [vivem na China].

- Sim, uso o Whatsapp o dia inteiro. Eu falo com a minha família porque eles moram todos longe. A filha também toda hora está mandando. Essa comunicação é constante, é uma peça fundamental, para mim já virou fundamental (Carla, brasileira, 69 anos).

Essa comunicação entre familiares e amigos se dá através dos smartphones que constituem importantes ferramentas para a vida cotidiana e que permitem uma conexão permanente chamada por Katz e Aakhus de *perpetual contact* (2002). Contudo, isso não quer dizer que os indivíduos passem o dia inteiro em seus

smartphones. Segundo as suas falas, o período de uso do dispositivo tende a ser curto, mas repetido, constantemente, ao longo do dia. Esse tipo de comportamento no uso das TIC “provou ser muito útil em mostrar, por exemplo, como ‘microrrotinas’ do uso de smartphones foram incorporadas em padrões do dia a dia” (Ormen e Thorhauge, 2015, p. 343) que representam uma parte importante do uso dos telefones celulares e uma das suas características particulares (Rosales e Fernández-Ardèvol, 2016).

As pessoas mais velhas podem não precisar ou desejar saber tudo o que os jovens sabem, mas a aquisição de novos conhecimentos é essencial para evitarem a marginalização. Essa ausência ou o enfraquecimento de interação pode promover a insensibilidade aos desafios enfrentados pelos mais velhos. As pessoas idosas que não interagem e aprendam correm o risco de se tornarem cada vez mais excluídos da evolução social contemporânea com consequências negativas para um período final da velhice (Uhlenberg e Gierveld, 2004).

5.3– Os benefícios tecnológicos podem não ocorrer

“Hoje em dia, a maior parte dos filhos não se comunica com os pais e os pais são se comunicam com os avós. Quando não estão na escola, estão no celular. Então, hoje em dia, as pessoas só aprendem um pouquinho na escola, mas em casa, elas não vão ter experiência dos avós”.

Daniela, brasileira, 63 anos

Apesar de existir uma prerrogativa de que as relações intergeracionais são benéficas para o bem-estar das pessoas mais velhas, alguns estudiosos têm criticado o seu entendimento excessivamente positivo porque as interpretações normativas podem ser, facilmente, idealizadas. Lowenstein (2005), com base em dados empíricos e mudanças nas relações e estruturas familiares, salientou aspectos que refletem a ambivalência. O próprio termo "solidariedade" implica uma ênfase no consenso entre os membros da família. Alguns estudos não apontam nenhum impacto (Umberson, 1992) enquanto outros encontraram fatores negativos para as pessoas idosas (Ingersoll-Dayton, Morgan e Antonucci, 1997; Lee, Netzer e Coward, 1995). O mesmo

pode se passar com as TIC, pois os benefícios tecnológicos podem não ocorrer entre idosos e as gerações mais jovens, necessariamente. Entre os entrevistados, encontramos exemplos em que, mesmo convivendo com crianças e jovens, não recebem assistência e não se beneficiam da intergeracionalidade através da tecnologia.

- Não. Na casa da minha filha tem [computador], mas eu nunca coloco nem o dedo no teclado, só aqui nas aulas de informática. Eu digo sempre que nunca mexo em nada de ninguém sem a pessoa dar permissão, pode ser de pai, de filho, de qualquer pessoa. Então, lá nunca mandaram eu mexer, nunca me chamaram para me ensinar, meus netos sabem, meus filhos sabem e ninguém nunca se ofereceu (Daniela, brasileira, 63 anos).

No vínculo entre avós e netos ou de outras pessoas próximas, a relação intergeracional mediada pela tecnologia é motivada pela afinidade e pelo papel do idoso no núcleo familiar, mas também devido às pressões sociais sobre os mais jovens (Roberto, Fidalgo e Buckingham, 2014). Isso ocorre porque dentre uma variedade de tipos de relacionamentos, esses são classificados como tendo os níveis mais elevados de obrigação (Cotterill, 2005). Ou seja, os mais novos ajudam porque se sentem moralmente obrigados e não porque querem, a partir da tecnologia digital, estabelecer uma relação de qualidade com seus pais e avós. Levando em consideração esse contexto e o testemunho dos participantes da pesquisa, podemos afirmar que mesmo havendo uma relação intergeracional mediada pela tecnologia digital, ela pode não trazer os efeitos desejados, pois pode haver uma ajuda por parte dos mais jovens, mas sem a proximidade e a troca que são esperadas pelo que propõe o conceito de solidariedade intergeracional (Roberto, Fidalgo e Buckingham, 2014). Isso pode ser identificado quando os idosos afirmam que os mais jovens “não têm paciência” para ensinar.

- Se eu chegar para o meu filho, ele me diz que o meu telefone está super carregado. Ele vem ali mexe, mexe, limpa tudo, mas não me ensina. Não tem paciência para parar e me ensinar. Tudo que ele aprendeu quando era pequeno fui eu quem ensinei e ensinei mil vezes (Paula, brasileira, 65 anos).

- Os mais novos não ensinam nada para a gente (Osvaldo, brasileiro, 64 anos).

- Não, filho não [ajuda a mexer nas TIC]. Filho não está nem aí (Jonas, brasileiro, 75 anos).

- O meu filho sabe, mas depois perde a paciência [risos]. Depois ele pergunta qual é a palavra passe e eu já não sei (Danilo, português, 63 anos).

- Ela diz: “você não é burra, fixa!”, “ai Cristina, mas eu já não fixo como eu fixava...”. Às vezes, é um pouco de falta de paciência, ela é muito ocupada (Lúcia, portuguesa, 84 anos).

Isso também se traduz no contexto das relações ligadas ao apoio social que inclui o sentido de pertença que as pessoas recebem dos seus laços sociais, por exemplo, do cônjuge. Esse é um importante fator que pode influenciar o envelhecimento ativo na medida em que as pessoas confiam nas suas redes sociais para obter ajuda nas atividades que fazem parte do cotidiano, como é o caso do uso das TIC. Isso quer dizer, mais uma vez, que o contexto social e, mais particularmente, o contexto familiar em que o idoso está inserido pode servir também para inibir o uso das TIC. Citamos como exemplo a portuguesa Fátima, de 72 anos, cujo marido tem tendência a limitar as suas atividades sociais como ir ao cinema, encontrar-se com amigos, ir às aulas de informática, mas também no uso das TIC.

- Eu não vou tanto nesses programas [sites na internet] por falta de tempo, essas novas tecnologias me fascinam, mas não vou mais porque não tenho tempo. O meu marido já chegou ao pé de mim, ele sabe que eu vou lá só quando preciso: para falar com a minha filha por Skype, para fazer alguma operação que seja preciso, tirar fatura, fazer coisas necessárias mesmo. E eu gostava de entreter-me mais um bocadinho, a ver e-mails, ver outras coisas... e ele diz “então, já está a ficar viciada?!” [imita a voz autoritária do marido]. A minha filha mais velha apoia-me muito, eu disse “fui ao cinema sozinha!” Todas as últimas sextas-feiras do mês é grátis para quem quiser ir, você pode ir se quiser. À primeira, eu disse “não vou, eu só nasci para trabalhar”, mas depois fui, foi a primeira vez (Fátima, portuguesa, 72 anos).

- *Ele é muito...*

- É, sempre foi. Se fosse no tempo de hoje, o meu casamento não tinha durado um ano.

Mais à frente Fátima explica que foi o marido quem foi levá-la ao cinema esse dia e que aguardou por ela até que o filme terminasse para que retornassem juntos para casa. Destaca-se em Fátima a sua vontade de aprender e de explorar mais as possibilidades que as TIC podem proporcionar como uma forma de passar o tempo com qualidade e como um meio para adquirir conhecimentos que sempre foi muito

limitado durante todo o seu curso de vida. Apesar de viver em um contexto doméstico limitador ao frequentar as aulas de informática e outros cursos da universidade sênior, ela encontra estratégias para contornar essas barreiras. Em um outro trecho de sua entrevista ela faz planos de concretizar um sonho relacionado ao uso das TIC:

- Só me reformei aos 70. Vai ver que aos 90 ainda vou criar um blog! [muitos risos] (Fátima, portuguesa, 72 anos).

- *Por que não? Eu ajudo!*

- Eu gostava de aprender. “Blog da Vó Dorinha!” [muitos risos]. Partilhar minha história de vida, minha experiência, meus conselhos.

O conceito de capital social foi estabelecido como um componente crucial da investigação sobre comunicação mediada pelas TIC, pois pode ser visto como a cola que mantém juntos coletivos sociais tais como redes de relações pessoais, comunidades ou mesmo nações inteiras (Ellison, Steinfield e Lampe, 2007; Friemel 2014). Apesar de todo esse potencial, benefícios e malefícios podem ser causados pelo uso das TIC, estudos empíricos sobre a forma como o capital social é afetado pela utilização da internet, e vice-versa, apontam resultados limitados (Friemel 2014). Gilleard e Higgs (2008), por exemplo, não encontraram influências importantes entre relações próximas e o uso da internet, enquanto Szydlík Korupp (2005) não considerou como significativo o número de laços sociais criados ou mantidos através das tecnologias digitais.

Na nossa pesquisa, encontramos exemplos onde as tecnologias foram consideradas como fundamentais para as interações sociais, mas também idosos que entenderam o seu uso como danoso à sociedade e ao seu próprio cotidiano. Antes de citarmos exemplos das falas dos participantes que contextualizam os aspectos negativos ligados ao uso das TIC, apontamos duas dimensões do isolamento humano: social e emocional (Carr, 2009).

O isolamento social se refere à percepção da falta de laços sociais e a insatisfação com o número ou a frequência de interações sociais, resultando no sentimento de marginalização (Pinquart e Sörensen, 2000). Isso quer dizer que, embora a solidão possa incluir uma falta objetiva de relações sociais, tem sido mais conceitualizada como uma análise subjetiva da discrepância entre as relações

desejadas e as reais. O isolamento emocional, por sua vez, remete para o conteúdo e a qualidade das relações, representando um sentimento de desconexão, falta de intimidade ou perda de relações significativas (Weiss, 1973).

A solidão emocional é experimentada como uma das mais “profundas e angustiantes sensações de 'solidão absoluta'” (Weiss, 1973, p. 21). Problemas emocionais associados à velhice estão, geralmente, relacionados às experiências de eventos produtores de *stress* que são comuns durante essa fase do curso de vida. Tais problemas emocionais incluem raiva, tristeza, desamparo e solidão e podem refletir a experiência humana de lidar com perdas sociais e pessoais que podem advir, por exemplo, com a saída do mercado de trabalho ou com a perda de familiares, como trataremos mais adiante. Fornecer apoio é entendido como contributivo para a melhora do estado emocional de pessoas que se encontrem isoladas socialmente, principalmente, em um período mais tardio da vida (Bengtson, 2001; Eurofound, 2012; European Commission, 2009).

O uso das TIC foi apontado por muitos participantes como gerador de angústia e sensação de solidão. Alguns dos participantes, mesmo estando rodeados de pessoas da família, sentem-se sós, pois a tecnologia não contribui para o diálogo com os mais novos. Devemos destacar que esse isolamento descrito por alguns participantes da pesquisa não é constante: não encontramos pessoas que disseram sentir-se isoladas o tempo todo no seu núcleo familiar, mas sim, alguns momentos de solidão. Mesmo assim, esses estados emocionais podem contribuir para problemas de saúde mental na fase final de vida.

- Estar na roda de netos, todos em casa, é cada um com o seu celular na mão. Nós somos invisíveis, estão falando com pessoas que eles nunca viram antes e a gente que está ao lado deles parece que não existe (Neide, brasileira, 64 anos).

-As minhas meninas, às vezes, vão lá em casa nos finais de semanas. Chegando lá, elas não têm vez não, ficam no Whatsapp, os netos pulam para aqui pulam para ali e eu falo e elas nem sabem o que eu estou falando. Quando estou falando eu digo para desligar isso aí ou, então, vocês vão para suas casas. Separa muito. Elas já sabem... se for para ficar falando o Whatsapp é melhor elas falarem comigo pelo Whatsapp (Osvaldo, brasileiro, 64 anos).

-Ninguém (na família) tem tempo, cada um é no seu quadrado, é por isso que eu disse para você que a tecnologia ajuda e... tem a parte boa e a parte ruim porque cada um

tem o seu celular, seu Whatsapp e fica cada um na sua. Não tem ninguém em volta, só o aparelho, isso é a parte pior da tecnologia. Aí eu me sinto excluída, pareço uma pessoa largada num canto. O que esse povo tem na cabeça? Quando estou em casa está minha filha, meu genro, meu neto de 14 anos e cada um deita no sofá e põe o pé assim e vai... cada um no seu celular e eu fico invisível (Ilda, brasileira, 68 anos).

- É verdade, já não nos reunimos mais para conversar. Eu chego na casa da minha família, dos meus netos, da filha também e eu fico pensando assim “será que eu estou incomodando?” porque eu estou sem o celular porque eu estou a fim de conversar, mas eles não me dão atenção ou às vezes me dão e estão lá... eu digo “sim, bom dia, tal!” aí eles respondem, mas continuam lá! Aí eu vou saindo e vou embora! Eu me sinto um pouco excluída por causa da tecnologia (Luíza, brasileira, 64 anos).

Vários tipos de desvantagens foram apontados pelos participantes desta pesquisa. A mais prevalente, tanto por brasileiros como por portugueses, foi o uso excessivo das tecnologias digitais resultante da dependência e vício (35 referências). A principal consequência desse comportamento é essa “invisibilidade” causada pelas tecnologias que resulta no prejuízo para a comunicação entre pessoas da família, como apontamos. Essa característica foi relacionada com todas as tecnologias com ligação à internet que tratamos nesta pesquisa, mas com destaque para o celular. Com poucas exceções, muitos daqueles que falaram sobre a dependência da tecnologia, fizeram-no direcionando seus comentários a outras pessoas, principalmente às crianças e jovens, e não como um problema que também poderiam enfrentar.

- Sim, passo muitas horas, sem o telemóvel, nem pensar, por agora não (Fausto, português, 64 anos).

- Ou seja, a tecnologia tanto pode trazer coisas boas como coisas ruins. Hoje as famílias não têm comunicação, elas comunicam assim, mas só pelo Whatsapp, frente a frente já não comunicam (Ilda, brasileira, 68 anos).

- Qualquer dia as criancinhas até nascem com os smartphones coladito. Temos que acompanhar. Falta diálogo entre as famílias (Olinda, portuguesa, 63 anos).

- Precisa ter tempo para fazer outras coisas, outras tarefas, pois quanto mais você conhece a internet e visita a internet mais ansia você tem para descobrir mais coisas para ver mais novidades. Onde vamos chegar? Não tem fim (Tomás, brasileiro, 69 anos).

Antes, o computador era uma porta para o mundo virtual que permitia “entrar e sair”. Com o advento dos smartphones conectados constantemente à internet, as pessoas passaram a “estar dentro” do mundo virtual 24 horas por dia, um aspecto que

passou a ser fundamental da vida pós-moderna (Fortim, 2015) para muitas pessoas. Em um momento em que as políticas públicas e a própria investigação científica estão voltadas para a inclusão digital dos idosos, poderia parecer precipitado falar de dependência tecnológica na terceira idade. Contudo, seria ingenuidade pensar que esse tipo de problema afetaria somente as outras gerações, pois é cada vez mais difícil não atender ao chamado da tecnologia o que pode resultar na perda de controle desse uso. Apesar de a adoção na internet estar já bem documentada, especialmente, entre jovens, com a primeira pesquisa publicada no Brasil na década de 1990 (Prado, 1998), pode-se afirmar que em comparação e com base em levantamento de dados realizados até a escrita deste texto, muito pouco foi feito com relação à faixa etária acima dos 60 anos. Isso acontece porque adolescentes e jovens constituem pontos de referência para estudos porque é assumido que ajudam a identificar as principais tendências de adoção e utilização das TIC. Enquanto isso, as contribuições que levam em conta a população mais velha são escassas, embora já haja um maior interesse em saber como idosos se relacionam com a internet e as tecnologias em geral (Rosales and Fernández-Ardèvol, 2016; F Colombo e Fortunati, 2011; Loos, Haddon e Mantemeijer, 2012).

Esse tipo de experiência incita à reflexão de que ao mesmo tempo que a inclusão social está frontalmente ligada à posse de recursos digitais (Ofcom, 2007) com potencial para aliviar a solidão e promover uma participação social mais efetiva (Pereira e Neves, 2011; Colombo, Aroldi e Carlo, 2014; Silveira *et al.*, 2011; Kachar, 2010; Independent Age, 2010) também pode gerar o efeito contrário e fazer com que os idosos se sintam isolados emocionalmente, mesmo rodeados por muitas pessoas. Destacamos esse tipo de constatação porque não é, normalmente, objeto de preocupação das pesquisas que apontam o lado positivo das tecnologias para a qualidade de vida das pessoas mais velhas e minimizam os aspectos negativos.

A brasileira Fabrícia, que vive a cerca de 200 km dos filhos diz ter menos vontade de visitá-los desde que começou a utilizar o Whatsapp porque estão em constante contato através do smartphone, ou seja, essa tecnologia traz uma proximidade virtual e um afastamento físico. Isso também ocorre porque uma das características da internet é não requerer o deslocamento físico e real, permitindo,

assim, a manutenção de redes sociais que atravessam gerações e que incluem membros da família, amigos e outras pessoas (Van Deursen e Helsper, 2015; Blit-Cohen e Litwin, 2004).

- *A senhora acha que usar esses recursos, como o Facebook, aumenta os contatos sociais que a senhora tem ou permanecem iguais?*

- Eu acho que aumenta porque facilita a comunicação. Até com os filhos mesmo, eles moram bem aqui em Gurupi e até com isso, eu estou desconfiada, que por causa desse celular aqui está me atrapalhando ir mais vezes lá porque a gente fala com eles todos os dias, toda hora se a gente quiser. Em vez de eu ir lá só escrevo pelo celular (Fabrícia, brasileira, 61 anos).

- *Antes a senhora ia mais vezes visitá-los?*

- É, antes eu tinha aquela vontade de ir lá e agora eu não sinto, não sei porquê, está diminuindo.

- *E a senhora acha que isso é positivo ou negativo?*

- É positivo porque eles estando para lá e a gente não está nem sabendo notícias a gente fica preocupada, querendo saber e se eu estiver falando com eles todos os dias não tem problema.

A conjuntura que leva Fabrícia a entender o comportamento que descreveu acima como positivo faz-nos refletir sobre a dificuldade que as pessoas possuem em mensurar um fenômeno tão complexo chamado de proximidade virtual. Esse evento é caracterizado pela comunicação mediada pela tecnologia e, nas palavras de Zygmunt Bauman (2003), pela fragilidade dos laços humanos nas sociedades contemporâneas. A partir daí, as conexões se tornam simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves fazendo com que a proximidade já não exija a presença física e não determine a própria proximidade.

É uma questão em aberto saber qual o lado da moeda que mais contribui para fazer da rede electrónica e dos seus acessórios de entrada e de saída um meio de troca tão popular e avidamente utilizado nas interações humanas. Será a nova facilidade de comunicação? Ou a necessidade de cortá-la? Não faltam ocasiões em que esta última parece mais urgente e importante do que a primeira (Bauman, 2003, p. 86).

O uso da internet na busca da proximidade virtual tem sido relacionado tanto com aumentos como com reduções de capital social. Nie (2001) alegou que a utilização da internet diminui o tempo que se passa com os outros em interações face a face fazendo com que ocorra uma diminuição do capital social do indivíduo. No entanto, essa perspectiva tem recebido fortes críticas (Bargh e McKenna, 2004). Alguns

pesquisadores têm afirmado que interações *online* podem completar ou substituir perdas que ocorram ao longo do tempo, o que faz com que haja uma compensação do tempo em que a pessoa fica *online* (Wellman *et al.*, 2001).

De acordo com a definição de capital social de Bourdieu (1997) - um recurso individual, mas também dependente das atitudes dos outros - as pessoas podem escolher com quem associar-se, mas também estão sujeitas a limitações da sua saúde e mobilidade, ao local onde habitam, ao ambiente familiar e social e às barreiras de classe, etnia e gênero. Não se pode escolher quão apoiado se é pelos amigos, vizinhos e parentes ou se essas pessoas têm o tempo, capacidade física e, acima de tudo, a inclinação para falar, ajudar e interagir (Carr, 2009). O capital social é um recurso que depende diretamente do curso de vida do indivíduo, ou seja, das atividades e relações atuais e do passado (Helsper, 2008; Bourdieu, 1997; Putnam, 2000).

Evidências também indicam que a quantidade e a qualidade das relações sociais nas sociedades atuais estão a diminuir devido a acontecimentos sociais como a tendência para a “redução nas relações intergeracionais, mais mobilidade social, adiamento do casamento, famílias com carreira dupla, aumento de residência ocupadas por uma única pessoa e o aumento das deficiências relacionadas com a idade” (Holt-Lunstad *et al.* 2010, 2). Essas afirmações sugerem que, a despeito do desenvolvimento das TIC que, presumivelmente, potencializariam as conexões sociais, algumas pessoas estão se tornando cada vez mais socialmente isoladas (Holt-Lunstad *et al.*, 2010).

O paradigma da solidariedade intergeracional tem orientado parte da investigação que envolve idosos (Giarrusso *et al.*, 2005; Johnson, 2005), mas esse modelo não tem sido estático. Na verdade, tem se adaptado às inovações e desafios de uma sociedade onde a tecnologia digital tem ganhado uma posição dominante (Carr, 2009). Através da conjugação de recursos, as pessoas idosas podem experimentar um estilo de vida mais apoiado no que diz respeito ao uso das TIC.

Com base nessas reflexões e nas evidências empíricas, podemos afirmar que a qualidade e o número de relações pessoais são não só o resultado de escolhas e ações do indivíduo, mas também são moldados pelas circunstâncias e contextos sociais. Isso

quer dizer que o período da velhice, nos seus diversos significados, serve também como vertente analítica das relações familiares e o uso das tecnologias digitais (Bengtson, Putney e Johnson, 2005). Assim, mesmo se o capital social seja considerado também um recurso individual, o suporte disponível para os indivíduos depende em parte do capital social como um recurso coletivo formado pelas normas e valores com as pessoas do seu convívio (Gray, 2009).

5.4- O uso das TIC e aspectos geracionais

“Na casa dessa minha tia mais nova, ao serão, líamos um romance. Gostava muito [risos]. Não havia nem rádio, nem televisão. Líamos em voz alta. Isso foi desde a minha infância, da infância para a adolescência, tenho essas memórias. Depois, na adolescência, quando eu andava na costura, íamos todas a correr buscar os livros [na biblioteca ambulante que vinha uma vez por mês]. Eu devorava um livro numa noite à luz do candeeiro a petróleo”.

Fátima, 72 anos, portuguesa

Para muitos jovens de hoje é difícil imaginar um tempo antes da internet quando as pessoas dependiam de objetos como a máquina de escrever. Contudo, para a geração de idosos que conviveu de muito perto com esse tipo de tecnologia, esse cenário não é nada complicado de ser mensurado. Além de terem vivido essa realidade “pré era digital”, acompanharam o surgimento e a evolução de muitas tecnologias que, nas últimas décadas, passaram por um processo de domesticação (Silverstone e Haddon, 1996) entrando em nossas casas, nossas escolas e nossos locais de trabalho para se tornarem um importante recurso da vida cotidiana (Witte e Mannon, 2010). O modo como o fizeram, incorporando ou não em suas vidas, dependeu de muitos fatores presentes no curso de vida de cada um.

De forma a compreender como as pessoas que fizeram parte desta pesquisa lidaram com a chegada das tecnologias digitais em suas vidas, dividimos os participantes portugueses e brasileiros em duas categorias: os que tiveram e os que não tiveram o primeiro contato com o computador quando ainda estavam no mercado de trabalho. Fizemos esta divisão porque essa característica é entendida como um

importante condição que ajuda a determinar porque idosos dominam ou não o uso das TIC (Selwyn, Gorard e Furlong, 2003; Fausto Colombo, Aroldi e Carlo, 2014).

Tabela 18: Participantes brasileiros - relação com as TIC no ambiente profissional e autopercepção de competências digitais (N=19)

Nome	Idade	Escolaridade	Onde nasceu		Profissão antes da aposentadoria/ atualmente	Aposentado	Aprendeu a usar as TIC no trabalho	Considera que tem um bom domínio das TIC
			Zona urbana	Zona rural				
Ana	73	FI		*	Trab. rural	*		
Beatriz	64	F	*		Func. Pública			
Carla	69	S	*		Produtor rural	*	*	*
Cristina	65	S	*		Professora			
Divina	65	M	*		Comerciante		*	*
Daniela	63	F		*	Trab. rural	*		
Fabírcia	61	FI		*	Trab. rural			
Gabriel	67	FI		*	Policial militar	*		
Vera	70	M			Massagista	*		
Ilda	68	FI		*	Doméstica	*		
Jonas	75	S			Professor	*		
Luíza	64	M			Tec. Enfermagem			
Marta	71	FI			Comerciante	*		
Neide	64	F		*	Doméstica			
Osvaldo	64	M		*	Jardineiro			
Paula	65	M			Comerciante	*	*	*
Renato	70	F			Comerciante	*	*	*
Salvador	69	M		*	Bancário	*	*	*
Tomás	69	S			Bancário	*	*	*
Todos			10	9		12	6	6

Escolaridade: FI – Ensino fundamental incompleto; F – Ensino fundamental; M – Ensino médio; S – Ensino superior.

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 19: Participantes portugueses - relação com as IC no ambiente profissional e autopercepção de competências digitais (N=17)

Nome	Idade	Escolaridade	Onde nasceu		Profissão	Aposentado	Aprendeu a usar as TIC no trabalho	Considera que tem um bom domínio das TIC
			Zona urbana	Zona rural				
Adelaide	63	F	*		Secretária	*	*	*
Berenice	74	M	*		Func. Pública	*	*	
Camila	72	F	*		Func. Pública	*	*	
Danilo	63	M	*		Func. Público	*	*	
Fátima	72	F		*	Comerciante	*	*	*
Fausto	64	S	*		Professor	*	*	*
João	75	F	*		Técnico	*		
Lúcia	84	F	*		Func. Pública	*		
Lucas	81	M	*		Func. Público	*	*	*
Mafalda	62	M	*		Professora	*		
Natália	73	S	*		Professora	*	*	
Olinda	63	S	*		Func. Pública	*	*	*
Patrícia	75	F		*	Cabeleireira	*		
Rita	64	S		*	Contadora	*	*	*
Célia	60	M	*		Técnica	*	*	*
Sara	79	M	*		Func. Pública	*	*	*
Terezinha	64	F	*		Comerciante	*		
Todos	69,8		14	3		17	12	8

Escolaridade: FI – Ensino fundamental incompleto; F – Ensino fundamental; M – Ensino médio; S – Ensino superior.

Fonte: Elaboração da autora

Ao observar as tabelas acima, alguns aspectos ressaltam. O primeiro é o fato de 12 entre 17 portugueses terem tido o primeiro contato com as tecnologias de informação e comunicação quando ainda estavam no mercado de trabalho, ao passo que somente 6 entre 19 brasileiros se encontravam na mesma situação. Isso pode ser explicado pelo tipo de profissão que os portugueses ocupavam antes de se aposentarem que requeria o uso de tecnologias como computadores e celulares.

Desses 18 participantes (6 brasileiros e 12 portugueses) que tiveram o primeiro contato com as TIC quando ainda estavam trabalhando, 14 (6 brasileiros e 8 portugueses) consideram-se hoje como tendo um bom nível de literacia digital que advêm, em grande parte, dessa experiência.

Essa experiência que possuem com as TIC é uma variável que não está relacionada a dados sócio demográficos ou características psicológicas do indivíduo (Van Deursen e Helsper, 2015), mas é um preditor útil para ajudar a determinar quão engajado um idoso é em atividades *online* e a confiança que possui nesse uso. Como podemos observar nos dois quadros acima, os participantes com mais experiência no uso das TIC se auto avaliam como possuidores de um domínio sobre as TIC mais consistente. Aqueles com experiência mais recente são mais susceptíveis de ter uma baixa autoeficácia no uso das TIC, principalmente do computador. Também notamos durante as observações que esses são mais ansiosos no aprendizado e uso das tecnologias. Essas conclusões estão de acordo com conhecimentos estabelecidos como é o caso do trabalho de Czaja e colegas (2006).

Com exceção da portuguesa Adelaide, de 63 anos, e do brasileiro Renato, de 70 anos, que possuem o ensino fundamental, todos aqueles que tiveram o primeiro contato com as TIC quando ainda estavam no mercado de trabalho possuem escolaridade elevada (ensino médio ou superior). Essa constatação está de acordo com várias pesquisas que apontam a escolaridade como um característica fundamental para indicar se um idoso possui ou não literacia digital (Horrigan, 2014; Selwyn, Gorard e Furlong, 2003; Belloc, Nicita e Rossi, 2012; Deursen, 2012). Um outro aspecto a ser salientado é que os portugueses tiveram esse primeiro contato com as tecnologias digitais bastante antes que os brasileiros também em consequência de políticas de inclusão digital mais bem desenvolvidas em Portugal, que detalhamos no capítulo 3. Vejamos exemplos de como e quando foi o primeiro contato com o computador no ambiente de trabalho por alguns dos participantes.

- Eu uso computador há muito tempo, pois no serviço onde eu estava, já tínhamos computador e eu trabalhava muito com ele. (...) 10 anos tenho eu de reformada. Uns 15 ou 20 anos [atrás] passei a trabalhar com o computador (Sara, portuguesa, 79 anos).

- Eu também já lido com o computador há muitos anos. Usava disquetes com os colegas de matemática e depois vieram os jovens do instituto IPJ e deram um workshop para nós começarmos a usar o computador. (...) Isso foi na década de oitenta (Natália, portuguesa, 73 anos).

- *A senhora se lembra quando foi a primeira vez que mexeu em um computador?* - Foi em 98. (...) Eu trabalhava com a minha filha ajudando a administrar a empresa dela trabalhando no caixa. Eu fui de férias e quando eu voltei já estava tudo informatizado. Oh Jesus! Me ajuda a mexer naquilo porque eu não tinha feito nem datilografia, mas a necessidade ensina a gente e eu aprendi loguinho. Eu dava uns forinhas de vez em quando. Teve até um que me chamou de velha coroca porque eu estava errando. Quando me mostraram a formação da nota fiscal, eu pensei que não ia dar conta, mas a primeira foi no dia 16 de novembro de 2011 (Divina, brasileira, 65 anos).

Ainda no domínio de trabalho, esses adultos mais velhos expressaram atitudes positivas sobre as tecnologias pelo fato de auxiliarem na execução de operações tornando-as mais eficazes. Os participantes valorizaram a habilidade para acessar, armazenar e recuperar informações em vez de ter de confiar em cópias em papel. Citaram exemplos de como as TIC podem aumentar o desempenho do trabalho reduzindo o tempo que se leva para executar tarefas, por exemplo, a leitura dos códigos de barras em vez de digitar números ou escrever à mão ou ainda o envio de comprovativos através do Whatsapp sem a necessidade de deslocamento ou uso dos serviços dos correios. Essa visão positiva das tecnologias foi transversal entre brasileiros e portugueses que dominavam ou não esses dispositivos tecnológicos e mesmo entre os que queriam ou não aprofundar seus conhecimentos informáticos. Essa característica foi uma das principais vantagens e motivações identificadas.

- No meu caso, eu trabalhava num banco, eu entrei em 1976 e naquela época era tudo manualizado, existia aquela máquina de datilografia, eu fiz o curso de datilografia. Aí eu não sei quando surgiu o computador, mas o banco começou a informatizar, né? E eu não sabia nada, nem ligar e eu era funcionário do banco e procurei fazer um curso, um treinamento para eu aprender o dia a dia. Foi um treinamento do banco (Salvador, brasileiro, 69 anos).

- Às vezes quando dava alguma coisa errada, via onde estava errado, não precisava de você ficar quebrando a cabeça, porque, às vezes, dava diferença nas medições e eu ficava horas para descobrir isso ali e no computador já dizia onde estava o problema. Para mim foi uma ferramenta fantástica de trabalho (Carla, brasileira, 69 anos).

Estes participantes fazem parte de uma geração que teve muitas dificuldades para estudar e que, de um modo geral, lidaram com essas barreiras de forma bastante

semelhante. O conceito de coorte ajuda-nos a entender esses e outros pontos em comum, pois as suas narrativas sobre os seus cursos de vida fornecem mecanismos para identificar e interpretar características coletivas que compartilharam em um mesmo período (Aroldi e Colombo, 2007; Sánchez, Kaplan e Bradley, 2015). No caso dos participantes desta pesquisa, compartilhar eventos culturais, políticos e sociais no mesmo ponto do ciclo de vida os aproxima e faz com que tenham características geracionais similares, mesmo em países diferentes.

Nove brasileiros e três portugueses nasceram na zona rural e relataram que esse foi um fator muito relevante que dificultou que alcançassem uma escolaridade elevada. Por exemplo, o trabalho para os menores de 14 anos é proibido pelas leis brasileiras, mas dados estatísticos dão conta que “os idosos têm a inserção mais precoce no mercado de trabalho, com 24,7% dos ocupados tendo começado a trabalhar com menos de 9 anos de idade e 43,0% com 10 a 14 anos de idade” (IBGE 2016, p. 53). Em um momento em que trabalhar era, por vezes, mais importante do que estudar, foram várias as narrativas sobre uma realidade composta por traumas, pobreza e trabalho infantil. O mais marcante testemunho relacionado à escolaridade foi o de Fátima, de 72 anos, que introduziu esse assunto logo no início da entrevista individual. Muito emocionada, falou sobre a tristeza que carrega durante toda a sua vida por não ter tido oportunidade de completar seus estudos. Logo que o gravador foi ligado, ela disse:

- Eu não sou aquilo que eu gostava de ser, que eu gostava de ser [fala emocionada e com lágrimas nos olhos] (Fátima, portuguesa, 72 anos).

- *O que a senhora gostava de ser?*

- Nunca me deram oportunidade para que isso fora. Se for ver eu não tenho nenhum curso, tenho apenas a escolaridade, o primeiro ciclo até a 4ª classe [correspondente ao ensino fundamental]. (...) Me apetecia chorar. Eu via que tinha capacidade, que era capaz [choro]. (...) Em termos monetários, também interessa, mas... eu tive sempre um complexo de inferioridade por não ter tirado um curso.

- A minha infância... nunca passei fome, mas foi muito sofrida, de muito trabalho, muita responsabilidade. (...) A casinha era só coberta de palha, não tinha parede nem nada, depois ele [pai] foi tirar umas palhas para fazer um quartinho para a gente dormir, era muito frio. (...) Aí um irmão meu que estudava falou “mamãe, a Daniela já está mocinha e precisa de estudar, os outros todos estudando e ela lá no interior fazendo comida para trabalhador”. Aí ela aceitou e eu vim [para a cidade]. No quarto ano, eu casei e não deu certo. O cara saiu com outra e eu já grávida. Tive essa filha e lutando e lutando e voltei de novo lá para o interior onde eu morava antes, no

povoado e lá que eu fui terminar o último ano do fundamental e levava a criança com uma cadeirinha preguiçosa (Daniela, brasileira, 63 anos).

- Eu não tive estudo, só foram três meses em uma fazenda. Era naquele tempo do "b-a-bá". Depois aprendi mais um pouco com a vida, mas eu sei o básico (Fabrícia, brasileira, 61 anos).

- Cresci na roça, não estudei porque eram poucos os pais que colocavam os filhos na escola. Entrei na escola com sete anos e me tirou com 9, foram dois anos. (...) Depois de adulto eu fiz o ensino médio completo (Osvaldo, brasileiro, 64 anos).

- Eu lembro-me da frase da minha mãe. Minha mãe foi lá [na escola] e a professora disse: "Ah, Dona Cidinha, a senhora tem que mandar a sua filha para a Admissão para fazer o exame que é uma pena esta criança não estudar mais". E a minha mãe: "está bem, senhora professora, mas a minha filha precisa ir trabalhar, eu preciso é que ela trabalhe". (...) Mas aquilo não prestava, o trabalho do campo era muito mau. As pessoas falam, falam, mas não sabem o que dizem, acham tudo mau. Nada disso é difícil se comparado àquela época. Temos que ter um termo de comparação porque se eu me descuido a falar assim muito, pensam que eu estou a fazer-me de esperto, mas não, aquilo era tão duro, em criança... veja lá: "coitadinha dessa criança tem que fazer o exame da quarta classe" qual é o problema disso? Eu também ia fazer, porque nós lá naquela escola, o professor era uma pessoa muito dura! (Rita, portuguesa, 64 anos).

Um outro aspecto que foi discutido durante os grupos de foco e as entrevistas individuais foi a comparação entre o período quando eram jovens, ou seja, os seus anos formativos (Aroldi e Colombo, 2007), e a atualidade onde os jovens de hoje vivem. Nesse último trecho, Rita comparou a vida dos estudantes portugueses atualmente tendo como referência a sua própria experiência de quando era criança. Essa reflexão está de acordo com o que Mannheim afirmou sobre a importância dos primeiros anos de vida para um indivíduo: "mesmo se o resto da vida de uma pessoa se consistiu em um longo processo de negação e destruição do mundo natural adquirido na juventude, a influência determinante dessas primeiras impressões ainda seria predominante" (1952, p. 298).

Com relação às tecnologias, tanto em Portugal como no Brasil, os participantes descreveram um período de dificuldades de comunicação por terem vivido a maior parte do seu ciclo de vida com acesso limitado a meios digitais modernos como o computador, o celular e o tablet. Isso derruba uma ideia que está muitas vezes relacionada ao idoso de que "bom mesmo era no meu tempo". Os relatos sobre os constrangimentos para estudar e as dificuldades para comunicar, que estão a seguir,

ressaltam que o papel de eventos vividos precocemente na vida é importante para a construção de uma visão de mundo que influencia o curso de vida. Essa ideia é central para a compreensão de que os anos formativos e os efeitos de coorte são influências de experiências de vida compartilhadas por indivíduos com idades próximas influenciando, muitas vezes, toda uma geração e que contribui para um sentido de pertença geracional.

- Antes era muito difícil. Para saber notícias de alguém tinha que escrever, o telefone tinha que ir ao posto telefônico e agora não, tudo é mais fácil “vou ligar para minha família agora, para o meu filho”. Facilita demais. Se na minha juventude eu tivesse um celular, tudo tinha sido diferente. Os jovens de hoje é que estão com tudo (Marta, brasileira, 71 anos).

- É uma diferença muito grande de quando eu era jovem. Eram uns rádios muito grandes para a comunicação, mas aquilo era uma coisa muito fraca, aquilo era nos anos 70 até porque em termos de meios de comunicação não tem nada a ver, houve uma evolução enorme (Fausto, português, 64 anos).

- Antes a comunicação era feita por aqueles telefones fixos de posto telefônico nas cidades, né? [...] Primeiro, não tinha energia na cidade, o progresso era o mínimo. Aí desenvolveu e veio o telefone, mas só tinha um telefone na cidade, um posto telefônico. Para você fazer uma ligação você tinha que ir lá no posto e esperar uma hora, duas horas para você poder falar. [...] Era uma dificuldade toda, tinha dia que não conseguia falar, a gente ligava e tinha que ir um mensageiro falar. Depois começaram a surgir os telefones fixos nas casas e eu comprei um telefone, mas aí veio mais essa evolução do celular (Salvador, brasileiro, 68 anos).

Apesar de a maioria dos entrevistados deixar claro que seus conhecimentos sobre como usar as tecnologias digitais são limitados em comparação aos jovens, existe um sentimento de que também estão vivendo intensamente os benefícios que podem advir das TIC. A brasileira Divina, de 65 anos, ilustra bem essa realidade quando diz “minha filha, isso é a melhor coisa do mundo, quem me dera ter Facebook quando eu era nova, mas não tem problema não, estou aproveitando agora, eu ainda não morri”.

O uso e apropriação das TIC está presente em várias esferas do cotidiano dessas pessoas e mesmo àquelas que se dizem independentes de algumas tecnologias ou os que afirmaram ter uma aversão a elas usam-nas (17 referências sobre falta de interesse, rejeição e estilo de vida incompatível com o uso das TIC). A portuguesa Olinda com nível de escolaridade superior diz não gostar de redes sociais assumindo

um posicionamento bastante crítico ao apontar várias desvantagens, mas, mesmo assim, possui e utiliza, fora das aulas de informática, uma conta do Facebook. Algo semelhante aconteceu com Tomás com escolaridade também elevada (possui três cursos superiores: Ciências Contábeis, Filosofia e Gestão Pública): durante o grupo de foco afirmou não ter uma conta no Facebook por uma questão de rejeição e falta de tempo, mas foi contradito por um colega. Jonas, com curso superior, apresentou uma visão bastante crítica em relação ao smartphone durante todo o grupo de foco, mas, segundo sua mulher, utiliza seu smartphone em casa. Essa ambivalência, ou seja, aqueles que descreveram com entusiasmo o uso das TIC e outros que se sentiram mais constrangidos para falar sobre possíveis pontos positivos e demonstraram uma certa vergonha de admitir que possuem uma conta no Facebook ou utilizam, mesmo que ocasionalmente, um smartphone pode ser resultado da metodologia adotada - grupos de foco.

- Vá lá, acabo por questionar se aquelas pessoas não têm mais nada o que fazer na vida porque... ou são pessoas com uma vida muito isolada ou são pessoas que mesmo sem terem a vida isolada têm uma grande falta de imaginação no que toca a escolher um passatempo porque há tanta coisa mais interessante para fazer na vida do que estar agarrado a um computador, pronto... mandar fotografias... Há pessoas que usam e abusam dos envios, despejam a vida privada toda ali, fotografias dos filhos, dos netos, do cão, do periquito, das flores, da comida, do que fazem, sinceramente (...) Eu não sou assim, não concordo em ser assim (...) não tiro dali nenhum benefício, não tiro dali nenhum partido, não consigo entender como há pessoas que passam a vida inteira (...). Só me inscrevi no Facebook para ter bases para as aulas, se não, não teria aderido (Olinda, portuguesa, 63 anos).

- *Ou seja, tem, mas não usa?*

- Uso, tenho um grupo muito restrito de amigos, estou agora registada com um nome fictício.

- *E as redes sociais, o senhor Tomás tem?*

- Não, não tenho Facebook, é essa coisa da rejeição mesmo, não quero. Eu tenho internet, uma forma de comunicação para receber informações (Tomás, brasileiro, 69 anos).

- (...) Tomás não sabe, mas ele também tem Facebook [tom irônico], ele é que não quer falar (Renato, brasileiro, 70 anos).

- *Ele tem?*

- Ele tem, mas não sabe usar, esqueceu a senha [risos]. (Renato, brasileiro, 70 anos).

- *Então, o senhor não tem a ambição de ter um celular considerado mais moderno.*

- Não tenho necessidade de ter algo mais evoluído [fala pausadamente]. Esse aqui supre as minhas necessidades e vou em frente (Jonas, brasileiro, 75 anos).

- O meu tem tudo, é bom, mas não gosto não. Ele é quem usa (Vera, brasileira, 70 anos)!

- Eu quem uso? [tom irônico] (Jonas, brasileiro, 75 anos).
- Usa sim, de vez em quando você está lá, procurando uns trem lá (Vera, brasileira, 70 anos).
- Mentira (Jonas, brasileiro, 75 anos)!

Para manter-se ativo, um fator importante é a formação de expectativas quanto à cultura do consumo, não só porque parte da vida social do idoso gira em torno do tempo livre e do lazer, como já discutimos, mas também porque isso implica, muitas vezes, a aquisição e utilização de bens materiais. Isso acontece porque é difícil evitar imagens de pessoas jovens, bonitas, saudáveis e em boa forma física, muitas vezes, associadas a um estilo de vida idealizado de consumo necessário para alcançar esses objetivos. A cultura de consumo sugere um mundo de novas oportunidades para o auto aperfeiçoamento, o cumprimento e a expansão das possibilidades com mais atividades mediadas através de imagens de uma vida cheia de boas experiências (Featherstone e Hepworth, 2005). Entre as possibilidades de atingir essa vida ativa e afastar a ideia estereotipada de velho e se aproximar dos jovens também está a aquisição de bens tecnológicos.

O discurso dos entrevistados em relação à obtenção de dispositivos tecnológicos esteve, em sua maioria, centrado em uma aquisição moderada e limitada pela condição financeira, devido ao preço elevado das TIC ou por não sentirem necessidade de trocar por modelos mais modernos. Essa atitude está de acordo com a literatura existente que indica que os jovens estão mais dispostos a experimentar novos produtos e serviços do que as pessoas mais velhas (Räsänen, 2008; Hargittai, 2007; Charness e Boot, 2009). Essa é uma característica que identificamos, entre os participantes desta pesquisa, como um traço geracional de pessoas que cresceram com recursos financeiros limitados e quando não existia a facilidade de acesso a bens de consumo, se comparado aos dias atuais. Apesar disso, alguns dos idosos participantes são igualmente interessados em adquirir, constantemente, novas tecnologias digitais, fazendo com que não sejam imunes às pressões de uma sociedade capitalista e voltada para o consumo ao afirmarem, por exemplo, que “todos têm e, por isso, eu também gostaria de ter”. Outra influência pode vir de dentro da família como é o caso da brasileira Luíza que recebe o incentivo do neto para comprar smartphones cada vez mais modernos.

- Ele [neto] me disse que um dia eu ia chegar para ele e ia pedir um [celular] melhor e não deu outra, eu disse “ah, mas se tivesse um celular bacana para eu tirar fotos e colocar aí” e fui com ele na loja e comprei outro à prestação, de 10 vezes, é esse aqui, custou 700 e poucos, quando eu terminar de pagar esse já não vai estar dando para mim, tenho que comprar outro, ele me disse para eu comprar um mais cheio de não sei o quê. Eu compro um e quando vejo que já está fraco, já quero outro. Só que ainda não comprei o computador porque como eu tenho o celular e acho que ele me preenche com o que eu quero, mas eu quero mais, quero pesquisar, não sei se um laptop daqueles que abrem e fecham ou um tablet, não sei, mas quero um maior, com telona para eu ver as coisas (Luíza, brasileira, 64 anos)

- Sim, quando eu quero adquirir uma coisa eu penso duas vezes antes de comprar. É assim: a minha vontade é a de comprar um celular muito bom porque o meu celular é daquele bem fraquinho, a vantagem é que ele tem internet, mas a minha vontade é de um mais potente, maior, mais chique. Às vezes, a gente pensa duas vezes porque temos outras prioridades (Ilda, brasileira, 68 anos).

- Eu tenho vontade de ter um celular maior, que seja mais fácil para ver as coisas. (...) Bem, um dia eu compro, o dinheiro é que é pouco (Daniela, brasileira, 63 anos).

- *Com qual frequência o senhor adquire novas tecnologias?*

- Eu sou conservador. Quando está obsoleto, mas vou até ao limite. Este meu [aponta para o computador portátil], por exemplo, tem oito anos, já estava obsoleto, mas faz as coisas necessárias (Fausto, português, 64 anos).

- *E com o telemóvel?*

- É mais ou menos a mesma coisa. Antes de chegares, estive aqui com o meu smartphone a fazer consultas, à minha pasta de e-mails, tive a ver o tempo, algumas coisas de desporto, acesso à informação. Eu perguntei qual era a pass-word daqui [restaurante] e eles me disseram. Meu smartphone também já está ultrapassado.

- Eu tive muitos computadores lá em casa para a filha. (...) Depois, pronto, ela foi embora lá de casa e eu parei de comprar. Não sou dessas pessoas que não pode sair um modelo novo que já compra. Não, tenho um e pronto, vou usar esse até o fim (Rita, portuguesa, 64 anos).

Um outro aspecto a ser destacado é o fato de que a aquisição dos dispositivos tecnológicos esteve muito ligada a presentes de familiares, que serviram de incentivo para o uso, e também outros casos em que os entrevistados se beneficiaram do constante processo de “reciclagem” de computadores e celulares a partir de membros da família, principalmente filhos e netos, que compravam aparelhos mais modernos e repassavam os antigos para os idosos que estão, muitas vezes, no final dessas cadeias de reciclagem (Selwyn, 2004). Isso ocorre devido a rápida obsolescência das tecnologias suplantadas por modelos mais atuais e com mais recursos disponíveis e incentivadas pela cultura do consumo.

- Entretanto, o computador chegou um bocado ao limite e não senti necessidade de comprar. Pronto, fiquei uns tempos sem computador, sem nada disso. Quando é que voltei a ter computador? Quando um filho meu foi para fora, para o estrangeiro, e a minha filha mais velha ofereceu-me um portatilzito para eu poder comunicar com ele (Natália, portuguesa, 73 anos).

- Meu primeiro contato com o computador foi aqui na UMA, eu tive aula aqui aí eu comecei a aprender. Aí eu tenho um filho que mora no Rio de Janeiro, aí eu fui lá passear e ele me deu um computador que era dele, aí foi quando eu passei a ter um computador em casa, foi legal demais [risos]. Eu entrava lá e comunicava com ele pelo Facebook porque as outras coisas eu não tenho ainda base, estou aprendendo, tentando aprender, mas o meu computador queimou, não sei o que aconteceu, queimou, aí agora só entro quando eu venho aqui, eu mexo aqui (Ilda, brasileira, 68 anos).

- *Depois, se a senhora tiver oportunidade, a senhora quer outro computador?*

- Com certeza! O meu outro filho está falando de me dar um outro computador, um notebook, ele está querendo comprar um melhor aí eu fico com o velho. Aleluia se vier!

5.5 – As relações de amizade

“O Facebook é fofoqueiro”

Carla, 69 anos, brasileira

Ademais da importância das relações familiares que apontamos anteriormente, a satisfação com a vida também está fortemente relacionada aos contatos com amigos (Lawton *et al.*, 1999). Isso acontece porque as relações familiares são mais de natureza obrigatória e as amizades, em contraste, têm um caráter voluntário, tornando-as interações muito valorizadas (Rawlins, 2004). Esse tipo de constatação reforça que laços fortes de amizades podem ter um papel muito importante no bem-estar de pessoas mais velhas e assumir, por vezes, um peso mais relevante do que as relações familiares. À vista disso, adultos mais velhos com estreitas relações de amizade são considerados como mais saudáveis e felizes e socialmente mais ativos do que aqueles sem esse tipo de interação (Rawlins, 2004).

Muitos dos idosos que participaram desta pesquisa indicaram que o fato de frequentarem a universidade sênior é um dos motivos pelo qual se sentem felizes. Isso acontece porque fazer parte de um grupo facilita a manutenção de relações sociais

baseada em interesses em comum. Para essas pessoas, ir à universidade também serve para uma combinação de fatores que vão desde a saída do ambiente doméstico, lidar com constrangimentos relacionados à família, afastar um contexto de isolamento social por viver só e para manter-se ativo ao ocupar o tempo de forma produtiva ao buscarem novos conhecimentos. Citamos aqui algumas falas que contextualizam essa realidade:

- Eu renasci a partir da hora que eu entrei na porta da UMA, essa foi a maior experiência (...) Agora eu sou mais feliz. Se você visse a minha fisionomia antes e hoje você diria que eu tinha mais de 80 anos. Muita gente achava que eu era doente, muito magra, anêmica, arrepiada e depois que eu entrei aqui a gente interage com as pessoas, a gente conhece lugares novos, coisas novas. Minha qualidade de vida foi lá para cima (Ilda, brasileira, 68 anos).

- Eu tinha tanto o que fazer em casa, mas se não saísse de casa eu não aguentava. São 24 horas, às vezes, a aturar coisas que já não temos paciência. Também é para o convívio, mas também gosto de aprender e fazia-me falta. (...) Só o sair de casa nos faz bem. Às vezes, estamos em baixo e nem sequer temos vontade de nos arranjarmos, mas se temos um compromisso, a gente se arranja e sai (Fátima, portuguesa, 72 anos).

- *A senhora se sentia um pouco isolada antes de vir para cá [universidade sênior]?*

- Com certeza! Meus amigos não estavam aqui, estavam em outra terra, em outro local, onde eu morava. Quando eu cheguei aqui, eu estava para enlouquecer porque “cadê os amigos? O quê que eu faço agora?” (Luíza, brasileira, 64 anos)

- Acho até que não venho para [UNISSETI] aprender, mas sim para conviver, para não ficar em casa, conhecer outras pessoas. A minha vinda para cá para a universidade foi porque eu estava a passar por um momento complicado [ficou viúvo, recentemente] e para mim foi positivo vir e inscrever-me na universidade. Tem sido muito bom (João, português, 75 anos).

- *E as suas relações sociais? Tem muitos amigos?*

- São mais os daqui da UMA. Eu moro aqui em Palmas] tem pouco tempo e quando a gente não trabalha as amizades vão encolhendo, faz parte da vida, é assim mesmo (Vera, brasileira, 70 anos).

- Não estava satisfeita. E eu disse “não, eu tenho que arranjar mais coisas para preencher o tempo” porque ainda passava muito tempo em casa, ainda tinha poucas amigas [mudou-se a pouco tempo para Setúbal]. E um dia vi a universidade. Fiquei muito nervosa, cheguei à porta e não consegui, vou-me embora, mas eu queria... e então no outro dia fui, fui e entrei (Patrícia, portuguesa, 75 anos).

Na página do Facebook de um dos participantes portugueses, de 81 anos, encontramos a seguinte mensagem referente ao regresso às aulas acompanhada de uma foto da fachada da UNISSETI tirada por ele:

Figura 21: Página do Facebook de um dos participantes da pesquisa referente ao regresso às aulas



No mundo em que vivemos e onde a importância das tecnologias é inegável, os convívios sociais dão-se, cada vez mais, através da internet fazendo com que o capital social também seja, em alguma medida, dependente do capital tecnológico, como discutimos no capítulo 3. Entre os colegas da universidade sênior, o contato e a troca de mensagens através das tecnologias digitais se davam, principalmente, por mensagens (SMS) e ligações telefônicas através do celular, no caso dos portugueses; através de aplicativos de conversação, como os grupos do Whatsapp, no caso dos brasileiros; e *sites* de redes sociais digitais, como o Facebook, tanto para brasileiros como para portugueses. Fora do contexto da universidade, as relações digitais incluíam familiares e outros círculos de amizade com o uso dos mesmos meios de comunicação

(celular, Whatsapp e Facebook), mas também por *e-mail* e através de chamadas de vídeo pelo computador, tablet ou smartphone.

Através das entrevistas, dos grupos focais e das observações das aulas de informática, notamos, a partir das experiências dos participantes nas redes sociais digitais, que há a formação de, pelo menos, dois tipos de relacionamentos *online*. Ao primeiro, e mais frequente, chamamos de “vínculo fraco de amizade *online*” caracterizado por um contato limitado ao ambiente digital, quando há a troca de informações, ocorre de forma superficial, impessoal e esporádica. No segundo caso, “vínculo forte de amizade *online*”, as relações acontecem no mesmo ambiente digital, mas estão caracterizadas por uma troca substancial e frequente de informação, concomitante ou não ao contato presencial.

Os “vínculos fortes ou fracos de amizade *online*” são uma evidente simplificação das relações que acontecem nas redes sociais digitais. Para entender a sua amplitude, seriam necessárias outras categorias de análise e uma abordagem metodológica diferente porque esse tipo de contato acaba por ser um reflexo do que acontece no dia a dia com as relações de amizade convencionais. Um exemplo dessa complexidade é o caso da brasileira Divina, de 65 anos, que entende o uso das TIC como vantajoso porque ajuda a aumentar a sua rede de amigos: ela não só criou novos relacionamentos *online*, mas também levou amigas *offline* para a interação digital. Ao ser questionada sobre uma possível superficialidade dessas ligações, Divina interpreta como normal porque o mesmo ocorre nas relações *offline*. Os demais entrevistados afirmaram que o número de pessoas que formam as suas redes de amizade não é alterado com o uso das tecnologias de informação e comunicação, ou seja, o número de pessoas amigas não aumenta nem diminui querendo dizer que só interagem, em sua esmagadora maioria, com pessoas que já conhecem, como testemunhou o português Danilo, de 63 anos.

- Então, o senhor não aumentou os seus contactos sociais pelo facto de usar as novas tecnologias?

- Não. Mantenho os contactos, isso sim, mas novos contactos não. Pode ser um pouco perigoso (Danilo, 63 anos, português).

- Eu tenho amigas que eu nunca vi. Minha amiga! Agora eu vou na casa dela em Fortaleza e está ansiosa para me ver. Nos conhecemos através do Whatsapp e depois ela me convidou para ser amiga dela no Face. (...) O que eu vejo dentro dos ônibus aqui é isso. Aquelas moças que sentam do meu lado vão conversando e já ficam colegas e trocamos telefone dentro do ônibus. (...) Eu tenho uma amiga que eu encontrei uma vez numa van viajando e a gente troca mensagens, mas essa passou a ser amiga mesmo. Tenho outras conhecidas que a gente troca mensagens através do Zap (Divina, brasileira, 65 anos).

(...)

- *A senhora não acha que essas relações são superficiais?*

- Acho, mas na vida também é assim, a gente não conhece todo mundo em profundidade, algumas pessoas quando a gente encontra na rua a gente só diz “oi, tudo bem?” e pronto. No Facebook é a mesma coisa: uns são da família, outros são amigos que eu conheço bem e outros são conhecidos, mas que eu gosto de ter por perto.

- *E tem aqueles que a senhora não conhece de lado nenhum?*

- Tem também porque como é que eu vou fazer novos amigos se eu só souber de gente que já é meu amigo? São os amigos dos amigos, é como acontece na vida real.

Algumas formas de comunicação mediadas pela tecnologia podem reduzir as barreiras e, por conseguinte, permitir conexões e interações que de outra forma não seriam possíveis. Alguns especialistas têm demonstrado, por exemplo, que a internet pode ajudar pessoas que possuam dificuldades de manter vínculos de amizade a superar esse baixo bem-estar psicológico (Bargh e McKenna, 2004). Assim, as TIC podem ser de particular utilidade para os indivíduos que possuam dificuldades para formar laços sociais. Isso significa que quando os idosos fazem parte de redes sociais digitais, eles encontram uma posição nessa estrutura, que auxilia a interação com potencial para produzir capital social e, conseqüentemente, bem-estar e qualidade de vida.

Chamamos a atenção para o cuidado da importância dos fatores próprios de cada indivíduo, e aspectos do seu ciclo de vida, pois as dificuldades de relacionamento podem ser consideradas como predispostas por características de personalidade como déficit de habilidades sociais (de Jong-Gierveld, 1987). Entre os entrevistados, encontramos pessoas muito comunicativas e outras que confessaram ter dificuldades para estabelecer relacionamentos fora do círculo familiar. Portanto, os traços de personalidade da pessoa são também importantes e devem ser considerados quando analisamos o uso e apropriação das TIC e a sua influência para auxiliar no processo de envelhecimento ativo.

Temos um exemplo que ilustra bem essa constatação: Sara tem 69 anos, é viúva, não tem filhos, sempre teve uma vida muito voltada para o trabalho, mas já se encontra aposentada há vários anos. Durante o grupo de foco, falou sobre as dificuldades que possui para fazer amizade, mas o fato de ter um bom domínio de uso das tecnologias, que adquiriu enquanto estava no mercado de trabalho, ajuda a contornar um pouco essa situação. Sua atitude é um bom exemplo do que propõe a *teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido* (Nimrod e Kleiber, 2007; Nimrod, 2007b; Nimrod e Rotem, 2012; Nimrod, 2008; Nimrod e Hutchinson, 2010) ao utilizar o computador para evitar momentos de isolamento social.

- *Quando eu digo assim: Quanto mais velhos ficamos, tornamo-nos mais afastados da sociedade. Concordam ou discordam dessa frase?*

- Concordo. Mas isso é como a colega diz, também depende do feitio da pessoa. Eu sou uma pessoa que me isolo muito. Eu sou capaz, quando estou na escola [universidade sênior], venho todos os dias à escola, mas a partir do momento em que a aula acabou, eu vou para a minha casa e a partir daí não tenho mais convívio com mais ninguém. Olha, eu convivo é com o computador. Aos fins de semana, a maior parte dos fins de semana, passo-os sozinha (Sara, portuguesa, 69 anos).

Todos os participantes disseram não deixar de estar com outras pessoas para utilizarem a internet, ocorrendo justamente o contrário: apesar de valorizarem as TIC nas várias esferas da sociedade, para eles, o mais importante é o contato presencial. Um outro aspecto que deve ser levado em consideração é que utilizar o computador e as redes sociais digitais, como o Facebook e o Whatsapp, traz a sensação de companhia, ou seja, podem estar em casa fisicamente sozinhos, mas em constante contato com outras pessoas através da internet. Esse ato pode ser entendido como um substituto para uma baixa interação (Mellor, Firth e Moore, 2008) ocasionada pelas limitações que acompanham o processo de envelhecimento mais avançado ou pelo fato de viverem sozinhos como é o caso de Sara.

Uma das preocupações que estão relacionadas às gerações mais jovens e o uso das TIC é o questionamento sobre quais atividades se deixa de fazer para estar na internet (Simões *et al.*, 2014). Contudo, ao contrário das crianças e jovens, a imagem de um idoso sozinho em seu quarto com o único objetivo de se “isolar” para usar a internet não foi um comportamento identificado entre os participantes. Apesar de alguns relatos serem sobre dependentes do celular pela necessidade de tê-lo sempre

por perto devido à sensação de segurança que traz (uma vantagem apontada 23 vezes), os idosos que participaram nesta pesquisa descreveram as tecnologias como auxiliares nas suas atividades diárias e não como um objeto que tem um papel central no cotidiano.

- Eu tenho [tablet], mas só uso em casa, porque se não, me atrapalha, pois se não eu só fico no Whatsapp. Esse [tablet com internet] fica em casa, eu só carrego o [celular] que não tem internet (Osvaldo, brasileiro, 64 anos).

- Ainda ontem, eu liguei para ver os e-mail e já fiquei enfastiada. A sério! Não é algo que me leve ali a ficar à volta, entusiasmada a ver seja o que for. Eu vejo o que é necessário e já estou despachada. (...) A tecnologia é boa, mas eu gosto muito de olhar olhos nos olhos (Célia, portuguesa, 60 anos).

- Eu não sou de ficar conversando à toa no celular, a gente fala e pergunta se está bem e tal, se precisa de alguma coisa, mas conversinha não. Eu gosto de conversar face a face (Vera, brasileira, 70 anos).

A partir dos dados recolhidos, ficou claro que a internet, em sua maioria, fortalece as conexões já existentes, na medida em que proporciona às pessoas uma forma alternativa de estabelecer ligação com outros que partilham os mesmos interesses. Essa construção de “pontes” faz aumentar o capital social das pessoas mais velhas e permite criar e manter relações com maior qualidade porque a tecnologia é adaptada para manter esses laços de forma barata e fácil para aqueles que possuem os recursos necessários para o seu uso. Essa facilidade de conectar e de ser conectado está relacionada também com uma desvantagem (5 referências): as interrupções, como por exemplo, as chamadas comerciais indesejadas e as notificações dos grupos do Whatsapp em horários inadequados.

- Eu participo de quatro grupos daqui [da universidade sênior]. Eu só vou dormir uma hora da manhã ou então tenho que desligar o celular, mas ter um celular para desligar eu não quero. O celular é para você receber uma notícia de um parente, pois eu tenho muita gente e aí o pessoal não deixa passando aquelas mensagens “plin, plin, plin”, é um trem mais horrível do mundo, uma coisa que não tem nada a ver, umas coisas insignificantes. (...) A gatinha da vizinha está parida. O bezerro da vaca de fulano nasceu! (Gabriel, brasileiro, 67 anos).

O sentido de pertença a um grupo específico foi apontado como uma vantagem entre os participantes da pesquisa no momento de aderirem ao Facebook e ao Whatsapp. Isso ocorre porque existe alguma exclusividade na comunicação. No caso

do Facebook, apesar de se poder aceder a alguma informação, a conexão deve ser reconhecida por ambas as partes, pois a “solicitação de amizade” deve ser aceita para que as pessoas se tornem “amigos” uma forma que pode ser entendida, por alguns, como um reconhecimento que pertencem ao mesmo grupo (Witte e Mannon, 2010). Depois disso, o acesso aos detalhes da vida cotidiana compartilhada no Facebook se torna uma espécie de moeda social, uma maneira de confirmar a pertença e a participação em um grupo específico. Apesar dessa vantagem, os participantes também destacaram que muitas das informações trocadas são superficiais e, algumas vezes, relacionadas a mentiras proporcionando uma falsa noção de amigo. Esses aspectos negativos foram apontados como um risco para o uso das tecnologias de informação e comunicação (5 referências).

- E os chamados amigos do Facebook... amigos é quando conhecemos bem as pessoas não aquela que conhecemos através do Facebook (Fausto, 64 anos, português).

- *Então, fazer amizades através do Facebook...*

- Não, não, o virtual, não. Amizade... depende do conceito de amizade. Para as pessoas que têm a ideia, responde aquilo, mas mantém os contactos pessoais. Outra coisa é o contacto virtual, são coisas muito diferentes. E, muitas vezes, aquilo que é dito, não corresponde à pessoa, só em termos... há uma camuflagem, quando ela se expõe, expõe o melhor que há, às vezes, até inventa informações, as fotos são sempre as mais bonitas. E quando a gente conhece as pessoas, tem contacto com elas, aí é diferente, mas quando o contacto parece uma coisa, às vezes e outra.

Houve, entre os participantes desta pesquisa, uma associação do comportamento das pessoas nos *sites* de mídia social com práticas de *cyberbullying*, críticas agressivas e mentiras (5 referências). Esse tipo de comportamento está de acordo com um estudo que concluiu que os *sites* de redes sociais foram percebidos por adultos mais velhos como “locais de comportamento socialmente inaceitável” (Lehtinen, Nasanen, and Sarvas 2009, 45). A seguir, veremos como uma participante ficou, de forma inapropriada, sabendo da morte de seu filho através do Facebook, atribuindo “a culpa” ao *site* e não à pessoa que enviou a notícia; e o modo como outra idosa lida com as críticas que recebe no Facebook.

- Eu tenho Face, mas acho que o Face é... (Jonas, 75 anos, brasileiro)

- ...é mais fofoca (Carla, 69 anos, brasileira).

- É mais fofoqueiro... não me faz muito... eu não acesso o Face muitas vezes, só uma vez ou outra. (...) (Jonas, 75 anos, brasileiro).

- Quando meu filho faleceu eu fiquei sabendo pelo Facebook (...) me mandaram no Face ele passando mal, na hora que eu vi, você arrepiou todinha, “mas é o Júnior!”. A menina mandou. (...) Eu tive um choque tão grande que até hoje eu tenho revolta, eu fiquei revoltada. Acho que era uma coisa que tinha que preservar (...) Foi uma notícia muito ruim. O Facebook é fofoqueiro (Carla, 69 anos, brasileira).

- Essa semana, eu coloquei lá [no Facebook] umas fotos que fazem parte do ecoponto daqui, um trabalho que eu faço parte, aí eu estava no meio das crianças todas, aí uma me mandou um comentário muito triste e eu fiquei muito triste com o comentário porque, poxa, eu me senti o máximo naquilo e ela colocou um comentário muito forte sobre se eu tinha mudado de profissão e que agora eu era babá. Me deu vontade de mandar muita coisa, mas eu rezei e não mandei não, só tirei as conversas de lá porque não me agradaram, deletei as conversas, mas a minha vontade era de deletar essa pessoa (Luíza, 64 anos, brasileira).

A pessoa idosa tem de compreender os termos e condições *online* específicos de redes sociais e sites onde as suas informações pessoais são armazenadas (Vosner *et al.*, 2016). O principal risco apontado durante as entrevistas sobre o uso das redes sociais digitais esteve em volta da falta de privacidade e da sensação de demasiada exposição (19 referências) bem exemplificada pelo brasileiro Osvaldo de 64 anos que disse que “a questão da privacidade não se consegue nem com os íntimos, com a mulher e com os filhos, imagine com essa rede aberta. Então, colocando isso aí é um risco, você está se expondo de maneira escancarada porque você não sabe onde isso vai parar. É aquela expressão ‘caiu na rede’”. Entre os portugueses existiu uma maior preocupação para adquirir conhecimento específico para usar as TIC e, mais precisamente, as mídias sociais digitais como o Facebook. Durante a observação das aulas de informática, notamos que na UNISSETI existia uma preocupação por parte dos alunos para saber como os seus dados pessoais seriam tratados pela empresa responsável por uma determinada rede social *online*. Atribuímos isso ao cuidado dos professores portugueses em alertar os alunos para esse tipo de risco.

Uma menor discussão sobre as dificuldades de adquirir esses conhecimentos ocorreu na UMA pelo número muito reduzido de aulas (três aulas em três meses) e pela própria metodologia adotada, ou seja, em única sala de aula para vários alunos com diferentes níveis de literacia digital, recebendo as mesmas informações sobre o uso das TIC. Esse contexto não favorece que se desenvolva uma visão mais crítica do uso das redes sociais, pois é necessário que os idosos sejam adequadamente educados

sobre as suas funcionalidades (Xie *et al.*, 2012). Vejamos a discussão gerada em um grupo de foco, entre Olinda e Danilo, ambos balanceando riscos e oportunidades no uso do Facebook.

- Para mim aquilo [Facebook] traduz uma grande invasão de privacidade. É preciso ter-se muito cuidado mesmo que se diga “eu sei perfeitamente quais são os meus amigos e só comunico com os meus amigos”, só que os amigos têm amigo (Olinda, 63 anos, portuguesa).
- Mas isso só acontece no Facebook, essa invasão de privacidade? Qualquer contato via net... (Danilo, 63 anos, português)
- Sim... qualquer grupo social implica isso (Olinda, 63 anos, portuguesa).
- Implica troca de informações (Danilo, 63 anos, português).
- *O que o senhor Danilo acha sobre essa questão de privacidade?*
- Eu também acho que é um perigo sobre as questões de privacidade porque as pessoas... (Danilo, 63 anos, português)
- Nós conseguimos limitar, mas não conseguimos limitar a 100%. Eu, por exemplo, entrei em um grupo que é o grupo dos antigos alunos do Liceu em Setúbal e começaram a cair mensagens de várias pessoas que estão registadas nesse grupo e muitas delas, eu não conheço (Olinda, 63 anos, portuguesa).
- *Mas se acha que é um perigo, por que tem o Facebook?*
- Também tem coisas boas... Quer dizer... Eu, até agora, não rejeitei as vantagens de ter o Facebook. Quer dizer, se eu quiser encontrar uma pessoa que não vejo há muito tempo, tudo bem, se a pessoas estiverem inscritas com seu nome real, eu talvez a encontre, agora se estiver como eu, se tiver alguém que venha a procura da Olinda não a encontra, pois eu não estou registada com o meu nome (Olinda, 63 anos, portuguesa).

5.6 – Aposentadoria e tempo livre

“O tempo que eu levava na vida ativa, levo no computador a ver aquilo, mas depois, meio-dia, mais ou menos, estou na universidade. Isso obriga que tenha a vida preenchida. Eu gosto daqui, dos cursos, quero continuar. Esse ano, escolhi informática e acho que quero continuar, pois como estou mais ligado a pesquisar e ver coisas na Net... às vezes coloco as coisas um bocado de lado e esqueço... o Excel, o Word, a pessoa esquece um bocado, por isso eu acho interessante continuar”.

Danilo, 63 anos, português

Como discutimos, para entender melhor o vínculo entre tempo livre, velhice e uso das TIC deve-se considerar que o curso de vida pode ser dividido em três grandes períodos: educação, trabalho e aposentadoria (Hagestad e Uhlenberg, 2005). A aposentadoria é uma importante fase do ciclo de vida de uma pessoa (Atchley, 2007) e

os pesquisadores têm identificado quatro fatores determinantes, em grande medida, para pedir a aposentadoria: disponibilidade adequada de renda; o estado de saúde; a satisfação no trabalho; políticas de aposentadoria (Carr, 2009). A esses fatores, juntam-se outros que influenciam a satisfação com a vida após se aposentar: preparação e planejamento para manter-se ativo (Szinovacz, 2003) e o desejo de passar o tempo de forma diferente ao chegar a uma certa idade (Salovaara *et al.*, 2010, p. 807). Para além disso, deve-se levar em consideração a heterogeneidade e o ciclo de vida, característicos de cada indivíduo, que tornam ainda mais complexa essa fase da vida, como temos afirmado ao longo de todo este trabalho.

Normalmente, a aposentadoria envolve a dependência de pensão em vez de salário como o principal meio de apoio financeiro e de adaptação às novas opções como lazer, atividades de voluntariado ou mesmo uma segunda carreira (Szinovacz, 2003; Carr, 2009). Entre os entrevistados, encontramos diferentes situações relacionadas à aposentadoria. Como podemos observar nas tabelas 20 e 21, em Portugal, todos se encontravam aposentados e somente um exerceu uma atividade remunerada durante alguns meses. Dados referentes a Portugal dão conta que 11,1% das pessoas com 65 anos ou mais são ativos e continuam a participar do mercado de trabalho (INE, 2014).

No Brasil, apesar dos participantes terem a idade mínima exigida para se aposentarem, sete ainda não tinham conseguido o benefício e a maioria (15), aposentados ou não, estava exercendo ou procurando exercer alguma atividade remunerada. Mesmo levando em consideração a faixa etária que compõem os estudos, dados referentes à população brasileira ajudam a entender essa diferença tão marcante dos portugueses, pois 76% daqueles com idade entre 65 e 74 anos ainda exercem alguma atividade laboral no Brasil: entre 2005 e 2015 diminuiu a proporção de idosos ocupados que recebiam aposentadoria (de 62,7% para 53,8%) e aumentou a participação de pessoas com 60 a 64 anos entre os idosos ocupados (de 47,6% para 52,3%) (IBGE, 2016). Esses números referentes ao Brasil são explicados devido a alterações legislativas nas regras dos regimes previdenciários (IBGE, 2016).

Depois de termos realizado grupos de foco, entrevistas individuais e de termos convivido com esses idosos ao longo de, pelo menos, três meses, achamos difícil encontrar uma explicação simples para essa diferença de comportamento entre brasileiros e portugueses em relação ao período da aposentadoria. No entanto, poderíamos dizer que a resposta é uma mescla de fatores sociais e culturais e do próprio momento histórico em que o Brasil se encontra, com graves problemas econômicos, políticos e sociais. Portanto, mais do que uma mera saída do mercado de trabalho, a aposentadoria, em contextos sociais contemporâneos, é um processo complexo indissociavelmente ligado às estruturas sociais e políticas e ajustes de vida individual e, em alguma medida, também ligado ao uso das TIC, como discutiremos a partir de agora.

Tabela 20: Participantes brasileiros: condição laboral do passado e atual (N=19)

Nome	Idade	Escolaridade	Profissão antes da aposentadoria/atual	Aposentado	Exerce/procura exercer função remunerada
Ana	73	FI	Trabalhador rural	*	
Beatriz	64	F	Funcionária Pública		*
Carla	69	S	Produtor rural	*	*
Cristina	65	S	Professora		*
Divina	65	M	Comerciante		*
Daniela	63	F	Trabalhador rural	*	
Fabília	61	FI	Trabalhador rural		*
Gabriel	67	FI	Policia militar	*	*
Vera	70	M	Massagista	*	
Ilda	68	FI	Doméstica	*	*
Jonas	75	S	Professor	*	
Luíza	64	M	Tec. Enfermagem		*
Marta	71	FI	Comerciante	*	*
Neide	64	F	Doméstica		*
Osvaldo	64	M	Jardineiro		*
Paula	65	M	Comerciante	*	*
Renato	70	F	Comerciante	*	*
Salvador	69	M	Bancário	*	*
Tomás	69	S	Bancário	*	*
Todos				12	15

Escolaridade: FI – Ensino fundamental incompleto; F – Ensino fundamental; M – Ensino médio; S – Ensino superior.

Fonte: Elaboração da autora

Tabela 21: Participantes portugueses: condição laboral do passado e atual (N=17)

Nome	Idade	Escolaridade	Profissão	Aposentado	Exerce/procura exercer função remunerada
Adelaide	63	F	Secretária	*	
Berenice	74	M	Func. Pública	*	
Camila	72	F	Func. Pública	*	
Danilo	63	M	Func. Público	*	
Fátima	72	F	Comerciante	*	
Fausto	64	S	Professor	*	
João	75	F	Técnico	*	
Lúcia	84	F	Func. Pública	*	
Lucas	81	M	Func. Público	*	
Mafalda	62	M	Professora	*	
Natália	73	S	Professora	*	
Olinda	63	S	Func. Pública	*	
Patrícia	75	F	Cabeleireira	*	
Rita	64	S	Contadora	*	
Célia	60	M	Técnica	*	
Sara	79	M	Func. Pública	*	
Terezinha	64	F	Comerciante	*	
Todos	69,8			17	0

Escolaridade: FI – Ensino fundamental incompleto; F – Ensino fundamental; M – Ensino médio; S – Ensino superior.

Fonte: Elaboração da autora

Falemos agora sobre como alguns idosos que fizeram parte desta pesquisa lidaram com a transição para o período da aposentadoria. Ainda que a maioria tenha se adaptado bem à aposentadoria, quatro portugueses e uma brasileira confessaram ter passado por dificuldade para se adequarem a esta fase do curso de vida. Nesses casos, estar aposentado e fora do mercado de trabalho esteve ligado a um período de difícil ajustamento e foi até mesmo entendido como um acontecimento traumático e

gerador de sofrimento psicológico. Sara, que tinha um cargo de chefia de administração de um hospital público, disse que estendia as suas horas de trabalho, muitas vezes, até às 11 horas da noite. Essa dedicação muito exaustiva ao trabalho e o fato de ser viúva e sem filhos foram alguns dos motivos apontados por ela para ter dificuldades de se adaptar ao novo estivo de vida. Portanto, para Sara e as outras três idosas - Olinda, Fátima e Paula - que citamos abaixo, esse tipo de insatisfação foi vivenciado logo após o período inicial da aposentadoria, sempre relacionado à quebra de rotina e ao excesso de tempo livre. Uma forma de lidar com essa situação foi preencher o tempo livre indo à universidade sênior, uma atitude ligada à teoria da atividade e à teoria da inovação e do envelhecimento bem-sucedido.

- Eu estranhei muito. Custou-me um bocado a adaptar-me. Eu trabalhei durante 50 anos e tinha aquela rotina de levantar-me cedo. (...) Ou seja, esse tipo de vida que eu tinha, deixei de ter. Deixei de ter horários para cumprir, deixei de ter aquela obrigação de sair de casa e ter aquele horário para estar no serviço, aquela responsabilidade do serviço como estava, como não estava, pronto, tudo isso acabou! [fala com tristeza] (Sara, 69 anos, portuguesa).

- *A senhora me disse que tinha uma vida muito preenchida e essa transição para reformada deve ter sido difícil.*

- Muito, ainda hoje (Olinda, 63 anos, portuguesa).

- *Ficou um pouquinho abalada com essa mudança?*

- Fiquei. Continuo a ter o dia muito cheio, mas não é aquela sensação de acordar com certo objetivo e chegar ao fim do dia e perguntar se cumpri com o meu objetivo, se fui útil para a comunidade, pois depois o nosso círculo fica limitado à nossa família, se nós não procuramos mais nada fica muito limitado, deixa de ser aquela coisa que a gente tem bem a noção. Eu tinha, ultimamente, eu chefiava cento e tal pessoas, portanto, e tinha que garantir que essas pessoas respondiam às necessidades todas dos

- *Há quanto tempo a senhora está reformada?*

- Pois, isso é uma coisa que eu não consigo lhe dizer, pois ficou um bloqueio cá dentro a partir daí... [dá sinais que tem dificuldades de falar sobre o assunto].

- Senti falta, foram 38 anos que convivi com as pessoas, além de trabalhar muito. Eu senti falta, foi uma apatia e uma... Eu não aguentava estar em casa [fala com a voz arrastada e triste] (Fátima, 72 anos, portuguesa).

- Quando eu vim para aqui [em Palmas] em novembro, em janeiro eu já estava louca dentro da casa do meu irmão porque ele saía para trabalhar com a mulher e os filhos iam para a escola e eu ficava com o Renato [marido]. O Renato almoçava e dormia a tarde toda. Tinha empregada e eu ficava sem fazer nada e eu comecei a entrar numa fase ruim, me sentindo inútil (Paula, 65 anos, brasileira).

Ao longo das décadas, devido a mudanças nas estruturas sociais onde se inclui o envelhecimento da população, papéis bem definidos desempenhados durante o ciclo

de vida têm ganhado novos contornos fazendo com que os limites entre eles estejam obscurecidos (Carr 2009): os avós assumindo um papel mais ativo na prestação de cuidados na educação dos netos; a tendência para o aumento da idade para atingir o período da aposentadoria; ou a procura por trabalho mesmo depois de se estar aposentado. Essas e outras flexibilizações das estruturas etárias que envolvem o trabalho e a família são chamadas de “desinstitucionalização do curso da vida” (Sackmann e Wingens, 2003; Buchmann e Kriesi, 2011) representando alterações nas forças que acompanham o processo de envelhecimento social.

Ou seja, apesar do envelhecimento avançado estar tradicionalmente mais ligado ao período da aposentadoria, no caso dos grupos de idosos que participaram desta pesquisa, tanto a vertente educação como trabalho são facilmente relacionadas à velhice. Isso acontece porque esses idosos estão não só na universidade sênior com o objetivo de conviver com pessoas pertencentes à mesma faixa etária, mas também para ocuparem o seu tempo livre de forma produtiva ao buscarem novos conhecimentos, como exemplificamos anteriormente. Um outro aspecto, neste caso para os entrevistados brasileiros, está relacionado à busca de trabalho. Salvador ilustra bem essa realidade, pois trabalhou durante 36 anos, a maior parte como bancário, e desde 2005 encontra-se aposentado e a trabalhar como corretor de imóveis, informalmente. As razões apontadas por ele são a necessidade que possui de manter-se ativo, mas também uma forma de gerar renda que ajuda a fazer frente às despesas da família.

A gente aposenta e não pode ficar parado, não tem tempo livre, aí é que tem que trabalhar, correr atrás, pois as despesas continuam. (...) Eu não quero ficar ocioso, então eu trabalho e para ter um pouco mais de dinheiro (Salvador, 69 anos, brasileiro).

As tecnologias são importantes no domínio de várias profissões e com o aumento da idade da aposentadoria, que tem acontecido em Portugal nos últimos anos assim como se planeja atualmente no Brasil, os idosos tendem a permanecer mais tempo no mercado de trabalho fazendo com que seja também relevante para os adultos mais velhos dominarem o uso das TIC. 19 pessoas (10 brasileiros e 9 portugueses) disseram que as TIC são uma importante ferramenta de trabalho, uma das vantagens do seu uso. Essa é mais uma das razões que motivavam dois idosos

brasileiros que participaram nesta pesquisa a frequentar as aulas de informática. Gabriel é policial militar aposentado e, atualmente, trabalha como fotógrafo, relatou com pesar a sua incapacidade de ter previsto como a informática seria importante nessa atividade, uma paixão que descobriu aos 19 anos e que se estabeleceu como uma profissão secundária, mas concomitante ao serviço militar. Cristina, que ainda não está aposentada, por sua vez, busca adquirir conhecimento em informática porque também vê a importância para o novo negócio que planeja desenvolver relacionado ao cuidado de pessoas idosas.

- Quero montar esse negócio, é esse o meu plano de vida. Eu estou fazendo um curso de idoso, eu já estou nesse processo. A computação é muito importante, por isso eu estou investindo nisso (Cristina, 65 anos, brasileira).

- *A questão do domínio da informática, faltou um pouquinho? O senhor ficou um pouquinho para trás?*

- Um pouquinho não, fiquei muito para trás. Quando chegou o computador eu não tive a vontade de fazer curso, então, eu tenho muita dificuldade na parte de computador, não sei quase nada de computador porque você aperta em um botão é uma coisa, aperta em outro é outra coisa, muda tudo e o trem embanana tudo e eu não consigo fazer nada (Gabriel, 67 anos, brasileiro).

- *Mas o senhor está com vontade de aprender?*

- Sim, porque a minha área precisa, eu preciso passar as fotografias do cartão de memória para o computador, preciso escolher as fotografias no computador, eu preciso melhorar ela no computador, tenho que fazer tudo, tenho que fazer um curso.

Desde muito cedo, a investigação sobre lazer, numa fase mais tardia da vida, foi baseada na premissa de que níveis mais elevados de participação em atividades contribuem para a qualidade de vida (Kleemeier, 1964; Riddick, 1985; Nimrod, 2007b; John R. Kelly, Steinkamp e Kelly, 1987; Neugarten, Havighurst e Tobin, 1961). Em muitos aspectos, a transição para a aposentadoria é vista, pelos estudiosos interessados no tema, como um ajuste natural porque, muitas vezes, traz mais tempo livre para desfrutar de um estilo de vida mais orientado para o lazer. A maioria dos estudos que relaciona a gerontologia e os seus aspectos sociais sempre girou em volta da ideia de que manter um estilo de vida ativo durante a velhice está positivamente ligado ao bem-estar (Katz, 2000; Shmanske, 1997; Searle *et al.*, 1995; Riddick e Stewart, 1994; Fernandez-Ballesteros, Zamarron e Ruiz, 2001; Havighurst e Albrecht, 1953; Lemon *et al.*, 1972). Envolver-se em atividades sociais e produtivas, por conseguinte, é considerado como positivo e relacionado à felicidade e à redução do

declínio funcional, o que pode resultar numa diminuição da mortalidade em até 6 anos (Menec, 2003; Lennartsson e Silverstein, 2001). Portanto, embora inicialmente a interpretação da teoria do desengajamento considerasse que a perda de função e o afastamento social eram negativos e inevitáveis para adultos mais velhos, os pesquisadores que abordam a temática do lazer reconhecem que algum grau de desengajamento pode ser positivo na medida em que oferece oportunidades para os indivíduos desenvolverem outras atividades (J. R. Kelly, 1993).

Esse modo de pensar o tempo livre depois da aposentadoria foi identificado durante as entrevistas e grupos focais, como podemos observar nas falas de Olinda funcionária pública aposentada e que se dedica ao trabalho voluntário. Ela esclarece que em Portugal existem regras que dificultam uma pessoa aposentada como funcionária pública exercer um trabalho remunerado; Tomás já aposentado há 19 anos desempenhou várias funções remuneradas depois disso e, atualmente, faz um trabalho voluntário na UMA, mas com intenção de ser contratado; Osvaldo que é funcionário público e trabalha como paisagista na Prefeitura de Palmas faz planos para quando estiver aposentado centrados no lazer e não no trabalho.

- Depois que a senhora se reformou, a senhora desenvolve algum trabalho remunerado?

- Não, porque há incompatibilidade, os aposentados da função pública não podem ter exercer atividade remunerada, oficialmente não podem (Olinda, 63 anos, portuguesa).

- E como a senhora fez para preencher esse tempo? A senhora traçou um plano ou passou um período em que descansou? Como foi?

- Eu fui adquirindo aos poucos, portanto, eu aposentei-me em julho, no outro ano a seguir, em maio, inscrevi-me aqui para começar a frequentar as aulas.

- Após a aposentadoria, individualmente, cada um tem um planejamento, um plano para realizar. Dependendo da individualidade de cada um. No meu caso, eu fiquei muito satisfeito quando eu aposentei, pois eu pude continuar trabalhando e estudando. Eu continuei trabalhando, mas fui num serviço menos complexo, menos sério. Eu passei a ter mais tempo para estudar. Eu nunca deixei que a minha vida ficasse com lacunas, até mesmo quando eu estava no banco eu fiz trabalhos paralelos, continuei estudando porque achava que era importante para preencher o tempo (Tomás, 69 anos, brasileiro).

- E o tempo livre aumenta quando se está aposentado?

- O tempo livre só é ruim para a mente quando a gente fica parado em casa. Meu avó e meu pai diziam o seguinte “é muito melhor andar à toa do que ficar à toa”, são os dizeres do mineiro... porque aí o dia é grande e estressante... vai passear porque tem a solidão, a depressão. Em vez de eu estar me preocupando em trabalhar e me estressar, eu vou pegar um ônibus e vou para Goiânia para as casas dos primos que já

estão aposentados também, de lá vou para Brasília, para Rubiataba, tem a universidade aqui, eu não vou me preocupar em trabalhar para juntar bens, para quê? Se o meu futuro vai só encolhendo? Eu acho que a pessoa tem que lutar na juventude porque quando chega de uma certa idade para frente, da minha idade para frente não adianta pensar em muito futuro, eu já passei da curva do caminho, daqui para lá é só esperar a velhice, viver bem, qualidade de vida (Osvaldo, 64 anos, brasileiro).

Estudiosos apontam que diferentes tipos de atividade fornecem diferentes benefícios (John R. Kelly, Steinkamp e Kelly, 1987) e a interação social é considerada uma característica essencial e uma das mais gratificantes formas de lazer (Nimrod, 2007b; Gibson *et al.*, 2003). A mesma constatação pode ser relacionada ao uso das TIC visto que está ligado às relações sociais durante a velhice usadas como passatempo ou no auxílio em algumas atividades de lazer.

Apesar de alguns autores afirmarem que estar aposentado não tem efeito sobre o nível de participação em atividades de lazer (Scherger, Nazroo e Higgs 2011), outros encontraram que a utilização da internet na velhice tem correlação positiva com o entretenimento (Näsi, Räsänen e Sarpila, 2012). Ao analisar os grupos de foco e as entrevistas, notamos que várias atividades desenvolvidas no tempo livre pelos participantes estão relacionadas com o uso do computador, do celular e do tablet. Ao responderem, no final da entrevista individual, à seguinte pergunta “gostaria de saber se já fizeram, pelo menos uma vez, alguma destas atividades na internet”, chegamos à tabela 22:

Tabela 22: Tipos de atividades na internet, entre participantes brasileiros e portugueses (N=36)

Atividade	Brasil (N=19)	Portugal (N=17)	Total
Utilizou a internet para trabalho escolar	19	17	36
Visitou rede social	14	17	31
Pesquisou informação para satisfazer curiosidade	15	16	31
Usou uma <i>webcam</i>	14	16	30
Usou aplicativo de conversação	15	15	30
Leu/ viu notícias na internet	13	16	29
Publicou fotos, vídeos ou música para partilhar com outros	14	13	27
Jogou sozinho ou contra o computador	8	13	21
Ouviu música	11	9	20
Viu vídeo <i>clips</i>	11	9	20
Registrou a sua localização geográfica	6	6	12
Consultou mapas e horários	3	5	8
Viu transmissão televisiva/ filme <i>online</i>	3	3	6
Descarregou aplicações gratuitas	1	4	5
Publicou mensagem num <i>site</i> ou blogue	1	1	2
Leu um <i>e-book</i>	0	0	0

Fonte: Elaborada pela autora

A partir das informações recolhidas podemos concluir que todos os brasileiros e portugueses, que participaram na pesquisa, desenvolvem um vasto leque de atividades durante o seu tempo livre usando as TIC. Um das atividades mais frequentes está no acesso às redes sociais, especialmente, o Facebook (para partilhação de fotos, vídeos, música e leitura de notícias) e YouTube (para ver vídeos e clips antigos e partilhar conteúdos). A troca de mensagens instantâneas pelo Whatsapp foi mais prevacente no Brasil, principalmente com familiares e amigos. As atividades menos realizadas são a publicação de mensagens em *sites* ou blogue (2) e a leitura de *e-books* (0). Vejamos alguns exemplos de atividade de lazer na internet:

- Eu acho interessante o Facebook, eu gosto muito de assuntos ligados às artes, pintura, história e, de vez enquanto, vejo um assunto ou alguém fala e vejo mensagens lá no Facebook. Às vezes, tenho lá colegas e ponho lá assuntos, imagens e fico lá a navegar (Mafalda, 62 anos, portuguesa).
- Eu gosto de ouvir música nas redes sociais (Beatriz, 64 anos, brasileira).
- Eu vou lá [no Facebook] todos os dias. De vez em quando também publico uma fotografia e ponho gosto nas fotografias dos amigos (Rita, 64 anos, portuguesa).
- O YouTube é para tudo. Esses dias eu estava ouvindo música de 1925 (Salvador, 69 anos, brasileiro).
- *O que a senhora vê no Youtube?*
- Eu gosto de ver filmes, tem muito desenhinho, joguinho (Carla, 69 anos, brasileira).
- Tem muitas palestras maravilhosas (Jonas, 75 anos, brasileiro).
- Com o meu tablet eu descobri o segredo do mundo, eu mexo em tudo. Eu gosto de ouvir música antiga, daquelas que têm poesia e melodia porque hoje em dia só tem pancadão, só zabumba. Gosto de ver aqueles futebolis antigos pelo tablet, o da Copa de 52, os gols do Pelé, tudo, essas coisas... (Osvaldo, 64 anos, brasileiro).

Notamos que o consumo de notícias através da internet é elevado (29 referências) com os portugueses em uma proporção mais prevaiente (somente um português nunca leu notícias na internet, enquanto o mesmo se passou com 6 brasileiros). Esse consumo se dava em diferentes telas (computadores, smartphones e tablets), porém, a informação obtida através da televisão foi apontada como a mais frequente e, geralmente, uma atividade em família, para aqueles que vivem com outras pessoas, enquanto o consumo de notícias em dispositivos móveis, uma atividade individual, apesar de algumas vezes compartilharem esses conteúdos. O consumo de notícias através das TIC foi caracterizado por informações breves de poucas linhas ou vídeos curtos e era feito, principalmente, pelo compartilhamento nas redes sociais como o Facebook e o Whatsapp e não através do acesso direto às fontes de informações como sites de jornais ou do Governo, por exemplo. Essa característica leva à conclusão de que essa falta de necessidade de checar a origem das informações e a sua veracidade é resultado de uma baixa literacia digital impulsionada pela falta de interesse ou de conhecimento de como fazê-lo, pois o que é lido pelos participantes é aquilo que lhes “caem às mãos” e não uma busca por fontes ou temas específicos, como disseram ocorrer nas pesquisas para satisfação de curiosidade, também muito frequente (31 referências).

A atividade apontada como a mais frequente, ou seja, utilizar a internet para pesquisar temas relacionados a trabalhos escolares (36 referências), deve-se não só às aulas de informática e ao auxílio de professores e colegas, mas também às outras aulas de temas variados que frequentam na universidade sênior. Alguns dos entrevistados também estão envolvidos em outras atividades para além das aulas na universidade. Mesmo aquelas práticas que, em princípio, não estariam ligadas ao uso da tecnologia acabam por estar relacionadas, como a prática de exercícios físicos: Paula, de 65 anos, falou que buscou, através da internet, informações sobre as aulas de hidroginástica direcionadas para pessoas idosas. Outros exemplos estão relacionados à organização de encontros presenciais com colegas que vivem em diferentes áreas do país através de grupos do Facebook ou *e-mails* e ainda em planos de organização de viagens.

- Entrei no SESC para fazer hidro. E eu vi na televisão a propaganda e depois fui procurar saber na internet, para saber os horários, o preço, essas coisas (Paula, 65 anos, brasileira).

- Tenho também alguns grupos [no Facebook], muitos, a maior parte são grupos de ligação a Moçambique. Tenho o do colégio e só este são para aí uns 150, 180, mas eu nem de longe, nem de perto contacto com eles todos. Eu, se calhar, mando um mail de parabéns quando vejo que fazem aniversário. No (grupo) do colégio, vou todos os dias, pois há aquela ideia... notícias de alguém... [faz gesto referente à morte]. Falam de alguém que está doente ou marcam os almoços de convívio. Eu uso o Facebook para isso... Há tempos, eu organizei um desses almoços, tudo pelo Facebook, apareceram uns tantos, mas não foram todos (Lucas, 81 anos, português)

- Tive um encontro com colegas de há 40 anos e marcamos tudo por e-mail. Eu prefiro utilizar o e-mail, é mais pessoal (Fausto, 64 anos, português).

- Depois fui viajar, fui conhecer Fortaleza, Bahia. Viajei com a minha filha e depois eu fui só. Olhamos tudo pela internet, o trajeto que eu ia fazer, o preço do ônibus, o hotel, os pontos turísticos que eu ia visitar também (Luíza, 64 anos, brasileira).

O processo de envelhecimento inclui vários eventos para além da aposentadoria como a perda de rendimento, declínio na saúde e morte de um cônjuge, aumento de pressões do ambiente onde se vive, ou seja, demandas físicas e sociais que encorajam mudanças e adaptações, temas que já foram abordados. Uma das preocupações predominantes dos indivíduos que chegam ao início da velhice é a capacidade de manter um estilo de vida independente. Para isso, é necessário que possuam as habilidades para manter suas "competências do dia a dia" com capacidade

de resolver problemas da vida cotidiana o que os aproxima do que é definido como um envelhecimento bem-sucedido. A eficácia para essa capacidade requer o equilíbrio entre as habilidades do indivíduo, as exigências e os recursos disponíveis no ambiente (Lawton, 1987; Willis, 1996), ou seja, para um envelhecimento bem-sucedido é necessário um equilíbrio entre ganhos e perdas durante o curso da vida defendida pelo modelo de otimização seletiva com compensação – SOC (P. Baltes e Baltes, 1990; P. B. Baltes, Freund e Li, 2005; Johnson, 2005) que detalhamos no capítulo 1.

Tivemos exemplos de como os idosos participantes desta pesquisa maximizavam os ganhos e minimizavam as perdas a partir do modo como utilizam as tecnologias digitais. A fala a seguir é de uma brasileira de 65 anos usuária ativa das TIC que faz planos para o seu futuro quando estiver mais velha e mais sujeita aos constrangimentos da velhice. Ela admite que não poderá fazer as mesmas coisas da mesma forma como faz hoje e pretende reduzir esse número de atividades (seleção), focar a sua atenção naquelas que são primordiais para o seu bem-estar como a alimentação, cuidados de saúde e contato com familiares (otimização) e para compensar as limitações, pretende aprimorar seus conhecimentos informáticos e usar as tecnologias como apoio (compensação). SOC é uma maneira eficaz de realocar recursos entre essas três funções e as TIC podem auxiliar nessa triangulação.

- Olha, filha, eu já acho que a tecnologia já me auxilia há muito tempo e vai continuar. Estou me aperfeiçoando a cada dia e, como eu estava falando, eu não sei tudo, mas sei muita coisa. Eu acho que a tecnologia para a nossa idade é bom demais porque vai chegar um tempo... enquanto estamos com vitalidade, a gente vem para UMA, que eu amo. Eu acho que vir para cá foi uma coisa muito importante na minha vida, mas vai chegar o dia em que eu não vou mais poder vir porque hoje eu venho para cá, eu vou em festas, eu danço, eu brinco, gosto de praia, gosto de tudo, mas vai chegar o tempo em que eu não vou conseguir andar como eu ando hoje, vou ficar mais em casa e fazer menos coisas e a minha companhia vai ser a tecnologia para não me desligar do mundo. Eu estou me preparando para fazer as minhas compras pela internet, não vou mais precisar ir ao supermercado, nem na farmácia, nem em lojas de roupas, peço tudo pela internet. O banco é a mesma coisa, pago as minhas contas todas e pronto. Acho que os meus filhos vão cuidar de mim, mas quero ser o mais independente possível. Eu quero continuar. Eu sempre falo que eu quero morrer com 105 anos e com um iPadzinho aqui oh! [encosta o celular na orelha]. Eu vendo os meus filhos e eles me vendo (Divina, 65 anos, brasileira).

Portanto, o uso das TIC é um exemplo de recurso de compensação de perdas: com o objetivo de alcançar um envelhecimento bem-sucedido e ativo deixa de se focar

na perda de capacidade para abordar uma perspectiva voltada para os potenciais e as competências adaptativas da pessoa velha. Saber como usar as TIC, para alguns desses idosos, é uma forma de se prepararem melhor para o envelhecimento avançado e de contornar barreiras que podem se formar com a idade avançada (Eurostat, 2012). Nesta mesma linha, as redes sociais digitais também são vistas como pertinentes para a sociedade uma vez que são uma forma de tecnologia digital que “facilita as tarefas diárias permitindo, assim, os grupos demográficos dos utilizadores, tais como adultos mais velhos, permanecerem independentes por mais tempo” (Choudrie e Vyas, 2014, p. 295).

O conceito de envelhecimento ativo está relacionado à busca de uma experiência positiva e que deve ser seguida de boas oportunidades que dão acesso à saúde, envolvimento social e segurança. O “êxito do envelhecimento” ocorre para aqueles com boa saúde, com altos níveis de funcionamento físico e mental e um desempenho ativo (Rowe e Kahn, 1997). Critérios como esses são encontrados em várias definições de envelhecimento bem-sucedido desde a década de 1950 (Daatland, 2005). Contudo, os rótulos têm sofrido alterações ao longo do tempo e têm abordado outros conceitos como o discurso do envelhecimento ativo (Organização Mundial da Saúde, 2002), também uma forma de contrariar o idadismo (Fernandez-Ballesteros *et al.*, 2011).

A partir das informações recolhidas junto aos idosos que participaram desta pesquisa e da revisão bibliográfica, verificamos que a estimulação para manter-se ou ser ativo, saudável e com um corpo “totalmente funcional” ao chegar à terceira idade, depende de aspectos complexos que se desenvolvem durante o curso de vida como: fatores biológicos, genéticos, psicológicos, comportamentais, econômicos, sociais e outros ligados às relações sociais que se possui e ao ambiente onde se vive incluindo o acesso aos serviços de saúde. Espera-se, portanto, que para uma pessoa alcançar esse nível de funcionalidade seja necessário que sua vida se desenvolva de tal forma que muitos desses recursos estejam disponíveis e que tenham qualidade suficiente.

No Brasil, o percentual de adultos que pratica o nível recomendado de atividade física no tempo livre tende a diminuir com a idade chegando a 13,6% no

grupo de 60 ou mais anos (IBGE, 2014). Os números também indicam que mais da metade (62,7%) das pessoas de 60 anos ou mais é inativa. Entre os portugueses os números também são baixos com 12,5% dos idosos (65 anos ou mais) praticando pelo menos dois dias de exercício físico por semana (INE, 2016). Dentre os 36 entrevistados, 17 disseram praticar, atualmente, algum tipo de atividade física (9 brasileiros e 8 portugueses). Para exemplificar esse cenário que envolve a complexidade do curso de vida de cada indivíduo, apresentamos quatro testemunhos: Tomás pratica exercício físico já há várias décadas porque acredita ser importante para sua qualidade de vida; Adelaide e Divina começaram há pouco tempo com o objetivo de se prepararem melhor para a velhice; e Fausto que já não pratica nenhum exercício por ter problemas de saúde. Além do benefício físico por si só, esse tipo de atividade traz o convívio com outras pessoas estabelecendo ou reforçando laços sociais e, conseqüentemente, prevenindo o isolamento social, um dos aspectos importantes ligados ao conceito de envelhecimento ativo.

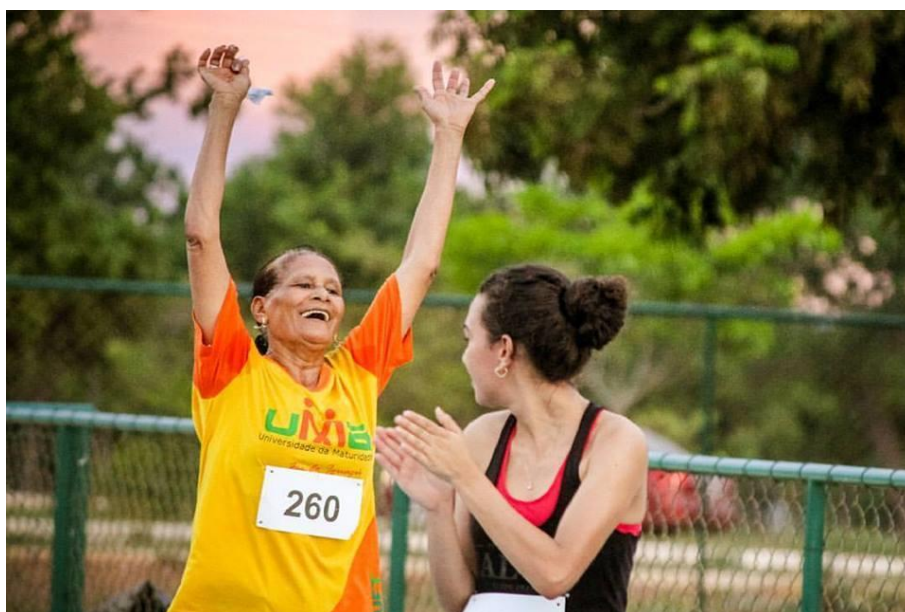
- Desde que eu mudei para cá [Palmas] há 7 anos, eu participo de um grupo, uma associação chamada Associação Amigos do Bem. Nós buscamos qualidade de vida. Nós fazemos um trabalho sobre conscientização da importância da atividade física, o cálculo do IMC, a questão do peso, sedentarismo, busca de bem-estar. Fazemos um trabalho de incentivo à caminhada. Eu tive oportunidade de, há muito tempo, fazer caminhadas. Quando eu morava em Porto, eu fazia caminhada duas vezes por semana. Depois eu mudei para Goiás e continuei fazendo exercício físico. Hoje, antes de ir para o trabalho eu ando 5 quilômetros. No dia dos namorados, eu participei de uma volta de 6 quilômetros na Praça dos Girassóis. Ou faz exercício físico ou é a cadeira de rodas, nós estamos na idade do “com dor” [tom irônico] (Tomás, 69 anos, brasileiro).

- Faço musculação três vezes por semana e faço isso já me preparando [para a velhice], antes eu tinha muitas dores nas pernas e agora já não tenho. Eu fui à praia e olhei para as mulheres e tudo estava balançando e em mim, durinho! Eu pago caro, mas gosto. Eu também convivo com as pessoas lá, meus professores me abraçam. Aquele pessoal novo todo conversa comigo (Divina, 65 anos, brasileira).

- Eu, todos os dias de manhã, vou ao ginásio, tenho duas horas e meio de ginásio, portanto, faço ginásio com máquinas e tenho aulas de pilates, para mim as manhãs são todas ocupadas com o ginásio e na parte da tarde é ocupada com a universidade. Apesar de na terça eu não ir ao ginásio, pois tenho aula logo às 10 horas, então, aproveito para fazer essas aulas que eu gosto muito e que já aprendi muito e na parte da tarde tenho pintura. Ou seja, eu ocupo o meu dia de maneira produtiva, tanto a parte intelectual como a parte física (Adelaide, 63 anos, portuguesa).

- Fazia dança, também fazia desporto, natação, fazia BTT na Serra da Arrábida, mas agora parei porque estou com um problema na coluna cervical (Fausto, 64 anos, português).

Figura 21: Uma das participantes da pesquisa finalizando uma corrida de rua



Fonte: Banco de imagens da UMA/UFT

O acesso à informação através de pesquisas na internet de forma rápida e sem custos adicionais foi a maior vantagem citada para utilizar as tecnologias digitais (24 referências). Assim, no domínio da saúde, a investigação apontou como vantagens advindas do uso das TIC a procura de informações sobre médicos, condições de saúde, medicamentos, como a busca de informação que ajudasse na redução do peso e a prática de exercícios físicos. Os adultos mais velhos podem se beneficiar, particularmente, dessa potencialidade do uso das tecnologias visto que a probabilidade de ter uma deficiência ou má condição de saúde aumenta com a idade (Mitzner *et al.*, 2010; IBGE, 2014; INE, 2016). Ou seja, as tecnologias foram identificadas por esses idosos com o potencial para ajudar na monitorização, manutenção e no gerenciamento de condições de saúde, mesmo que não demonstrassem preocupação com possíveis informações inverídicas.

- Agora com o processo de envelhecimento mais avançado a vida pode se modificar de várias formas. Como é que acham que a tecnologia pode influenciar, se é que influencia, esse processo de envelhecimento?

- Sim. Por exemplo, existem muitas modalidades de ensinamento tanto técnico quanto científico sobre a qualidade de vida na internet, o que se deve fazer: atividade física, reeducação alimentar, convivência, convivência familiar, pois hoje as famílias estão muito grandes, antes eram os pais e os filhos, mas hoje já são até quatro gerações,

pois com o aumento da expectativa de vida, várias gerações estão convivendo (Tomás, 69 anos, brasileiro).

- *E a tecnologia está relacionada?*

- Sim, porque qualquer das fases da vida tem como tirar ensinamentos, coisas boas, informações sobre doenças, nutrição, alimentação. Comprar coisas pela internet e mandar entregar em casa também para ganhar tempo.

- Até os remédios que a gente vai tomar, a gente vai lá e procura para ver se está certo “isso aqui é bom para quê?” Você nem tem que ver aquelas letrinhas pequenas da bula que são horríveis de se ver. É exatamente o que você está precisando aí você toma, se não melhorar você já liga para o médico e marca outra consulta. Então, eu acho que melhorou muito, muito mesmo. É o acesso à informação, é tirar dúvidas sobre a saúde, com relação a tudo. Hoje em dia é só pegar e você já está sabendo (Neide, 64 anos, brasileira).

Portanto, as TIC oferecem a possibilidade de melhorar as suas experiências em atividades em que já estejam engajados ou mesmo trazer oportunidade de participar em novas tarefas (Näsi, Räsänen e Sarpila, 2012). Nesses casos, a atividade de lazer também pode ser vista como um incentivo para o uso da internet para que não se sintam “de fora” dos seus grupos de convívio. Isso pode significar, que as pessoas mais velhas também estão empenhadas com estilos de vida ativos, contrariando a ideia de que essas características são facilmente relacionadas às gerações mais jovens e não aos idosos. Esse tipo de envolvimento, ou seja, buscar conhecimento para usar as TIC como um meio ou auxílio às atividades de lazer está de acordo com o que diz a teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido (Nimrod e Kleiber, 2007; Nimrod, 2007b; Nimrod e Rotem, 2012; Nimrod, 2008; Nimrod e Hutchinson, 2010) e é visto como gratificante e satisfatório para além de ter um impacto positivo sobre a saúde e o bem-estar psicológico dos grupos etários mais velhos (Kleiber, Hutchinson e Williams, 2002; Iwasaki e Smale, 1998; Nimrod, 2007a).

5.7 - O idadismo e o velho visto como “o outro”

“Chego ali ao hospital e vejo a discriminação com as pessoas de idade. A sociedade é que discrimina as pessoas, às vezes até os próprios familiares. Porque ainda agora, nesses dias que lá estive, eu passo no corredor e vejo muita gente... aqueles são os discriminados”.

Rita, 64 anos, portuguesa

O envelhecimento e a idade são fenômenos socialmente construídos e são processos em transformação (Rosales e Fernández-Ardèvol, 2016). Assim como outras fases do curso de vida, o envelhecimento molda e é moldado por diferentes tipos de relações de poder ou capitais como argumentamos no capítulo 3. Ser velho, frequentemente, vem acompanhado de conotações negativas sobre a pessoa idosa criando um afastamento desse indivíduo entendido como “o outro” (Jolanki, 2009). Os idosos, portanto, têm sido "*othered*" em muitas sociedades, frequentemente, sob diferentes formas de idadismo. Esse tipo de preconceito pode ser vivenciado em qualquer período de vida, mas é mais comum ocorrer durante a velhice e é formado com base em crenças e expectativas, geralmente, com foco na saúde, na aparência e no funcionamento físico e cognitivo (Butler, 1969). Isso acontece porque a velhice pode ser interpretada como um período de vulnerabilidade, passividade, dependência e falta de produtividade, uma visão ligada à teoria do desengajamento, apesar de contrariada por vários outros estudos que tratam dessa temática, como já discutimos. Uma questão que tem sido amplamente citada, é que:

O idadismo pode ser visto como um processo sistemático de estereótipos e discriminação contra as pessoas velhas tal como o racismo e o sexismo estão relacionados com a cor da pele e com o sexo. As pessoas idosas são categorizadas como senis, rígidas no pensamento e forma e antiquadas de moralidade e de competências. O idadismo permite que as jovens gerações vejam as pessoas mais velhas como diferente de si, fazendo com que, sutilmente, parem de se identificar os velhos (Butler, 1975, p. 35)

A própria definição de velhice ou de terceira idade é volátil, sempre em mudança e dependente de circunstâncias principalmente àquelas relacionadas ao contexto social. Além disso, esses conceitos são constantemente reinventados por forças políticas, religiosas, tecnológicas e de mercado. Roebuck (1979) disse que, em

1875, no Reino Unido, a pessoa idosa era definida como o indivíduo com qualquer idade acima de 50 anos. Graças a avanços da medicina moderna e outros fatores, a qualidade e aumento da expectativa de vida cresceram dramaticamente em grande parte do mundo fazendo com que e as pessoas com cerca de 50 anos sejam, atualmente, consideradas relativamente jovens. Hoje, são considerados idosos as pessoas que possuam 65 anos ou mais nos países desenvolvidos e 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento (Organização Mundial da Saúde, 2013).

Diversas formas de desacreditação e discriminação baseada na idade vivida por adultos mais velhos têm sido também estudadas no que diz respeito às representações da velhice no conteúdo dos *media* digitais e seus efeitos sobre os idosos. Thompson afirma que

o desenvolvimento dos meios de comunicação se entrelaçou de maneira complexa com outros processos de desenvolvimento que, considerados em sua totalidade, se constituíram naquilo que hoje chamamos de modernidade. Por isso, se quisermos entender a natureza da modernidade – isto é, as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas – deveremos dar lugar central ao desenvolvimento dos meios de comunicação e seu impacto (1998, p. 12).

A modernização, a exposição aos meios de comunicação e, principalmente, nas últimas décadas, a capilarização da informação através da internet, têm ditado normas culturais associadas à idade (Nelson 2005). Essas imagens são globais, podem ser facilmente encontradas na internet e reproduzidas para circular na vida pública e privada, especialmente, com o advento das redes sociais digitais. Essa forma de representação é acompanhada por imagens negativas de pessoas mais velhas, frequentemente, incluídas em estereótipos do idadismo (Featherstone e Hepworth 2005; Donlon, Ashman e Levy, 2005).

A constituição da consciência social é realizada pela interação com o outro através da linguagem e dos processos comunicacionais. Assim, as TIC também podem constituir um forte dispositivo de produção de identidades, de representações e de contemplações dos sujeitos, de atitudes e de imagens sociais. Imagens de adultos mais velhos de forma negativa são susceptíveis de desenvolver estereótipos também negativos (Robinson, Gustafson e Popovich, 2008; Schneider, 2005). Esse assunto foi

levantado durante a pesquisa de campo quando alguns participantes falaram sobre como se sentem ao verem a sua faixa etária representada através das mídias digitais. O português Fausto e a brasileira Ilda, sem nunca se terem conhecido, referem a imagem negativa do idoso na internet de maneira semelhante.

- Mas também tem o problema da representação da pessoa idosa. Hoje é ainda mais difícil ser velho, é muito desvalorizado e a imagem que é transmitida o tempo todo na televisão, mas muito mais através da internet, não é boa. Esse é um dos motivos pelo qual a maioria das pessoas não quer ser velha e os próprios jovens também não (Fausto, 64 anos, português).

- Eu percebo que tem pessoas de várias mentalidades, pessoas boas, pessoas que dão valor na idade dos outros. Tem pessoas que levantam para eu sentar e outras não, outros riem na sua cara, como já aconteceu comigo de uma pessoa falar para mim que lugar de velho é em casa. Eu até já dei uma entrevista para a televisão falando isso e deu o maior IBOPE. Por exemplo na televisão, numa novela só tem gente nova e bonita. Cadê o velho? É pior que cachorro largado. Até no Facebook e no Whatsapp só tem piada de velho ou coisa ruim, é o velho apanhando dos filhos. Você viu aquilo? O filho batia na mãe porque ela era velha e doente. Respeito zero. A gente tem que se valorizar. Eu sou velha e sou bonita, não estou nem aí. Estou vivendo o melhor período de minha vida (Ilda, 68 anos, brasileira).

Apesar do potencial das TIC de quebrar barreiras entre gerações (Patrício e Osório, 2011; Petrella, Pereira e Pinto, 2012; Roberto, Fidalgo e Buckingham, 2014; Nef *et al.*, 2013), as falas dos participantes dão pistas sobre como podem construir novos obstáculos ou, pelo menos, amplificar preconceitos já existentes. São várias as consequências dessa exposição podendo levar a estratégias de comunicação adaptadas à idade avançada com características paternalistas ou depreciativas ou mesmo a culpabilização da pessoa mais velha por esse contexto negativo ao afirmar, por exemplo, que o idoso é doente porque não cuidou da sua saúde quando era jovem (Ylanne, Williams e Wadleigh, 2009; Carr, 2009).

De alguma forma, os indivíduos utilizam as TIC para representar o que pensam através de uma mensagem social que pode chegar a um grande número de pessoas permeando e construindo o emaranhado de associações sobre o que é ser idoso e sobre o próprio processo de envelhecimento. Portanto, os estereótipos também podem ser incorporados na maneira como os idosos veem a si próprios fazendo com que, em última análise, acabem por se tornar verdadeiros trazendo consequência negativas (B. R. Levy, 2003). Alguns estudos encontraram ligação entre estereótipos

negativos relacionados ao idadismo, a piora no desempenho da memória (Levy, 1996) e aumento de problemas cardíacos causados pelo *stress* (B. R. Levy *et al.*, 2009).

Analisando as representações de gênero, idade e geração, Laura Hirshbein (2001) sugere que "nas décadas após 1920, a mais duradoura consequência da competição entre as gerações foi a progressiva marginalização dos mais velhos da potência cultural" (Hirshbein, 2001, p. 128). Essa mesma constatação pode ser prolongada até a atualidade. As diferentes idades continuam culturalmente atribuídas a vícios e virtudes com a juventude representada pela vivacidade enquanto a velhice tropeça entre a sagacidade e a senilidade representadas, por vezes, com simpatia e, outras vezes, por tristeza, fazendo com que a juventude possa ser entendida como o acantonamento da velhice. O impacto das imagens culturais sobre as interações das pessoas pode fornecer uma forte razão para considerar as representações sociais dos adultos mais velhos como um importante meio que ajuda a influenciar na forma como se vê a pessoa idosa.

O idadismo pode começar cedo na vida com crianças observando o comportamento de adultos ou nas suas fontes de entretenimento (B. Levy e Banaji, 2002; Carr 2009) e, entre elas, o uso das mídias digitais. A comunicação que se baseia em estereótipos negativos também pode ocorrer nas estreitas relações familiares como entre avós e netos (Anderson, Harwood e Hummert, 2005; Abrams, Eller e Bryant, 2006). Durante o grupo de foco, Tomás descreveu uma situação relacionada à rejeição da velhice que vivencia com um membro mais jovem de sua família, um exemplo de como a visão negativa sobre o velho pode começar a ser formada ainda nos primeiros anos de vida.

- Com o chegar dos anos a grande maioria sofre as consequências da idade, há uma rejeição da pessoa de idade. Os novos, por exemplo, fazem de tudo para não conviver com esse pessoal porque o avô é velho, é feio, é fedorento. Se você vai deixar o neto na escola quando chega mais perto ele diz "não, vô, daqui eu vou sozinho, o senhor pode voltar". Ele não quer que os amigos vejam o avô dele que está velho e desgastado (Tomás, 69 anos, brasileiro).

Um outro aspecto do idadismo está relacionado à ansiedade e ao medo da morte (Greenberg, Schimel e Mertens, 2002; North e Fiske, 2012). Esses receios e a

hipótese de declínio físico e mental podem ser uma das causas fundamentais da interpretação negativa da velhice. Isso pode levar os indivíduos a evitarem e a denegrirem as pessoas mais velhas como uma maneira de contornar esse medo (Carr, 2009). Greenberg, Schimel e Mertens (2002) apresentam em seu estudo provas que apoiam essa afirmação, ou seja, as pessoas desenvolvem aversão aos mais idosos para afastar a ideia da sua própria velhice e, conseqüentemente, do fim da sua vida. Portanto, os estereótipos negativos são concernentes à velhice, provavelmente, porque as faixas etárias mais jovens tentam afastar a ideia de que também “se tornarão idosos e morrerão, eventualmente” (Nelson, 2005, p. 214). Lúcia fala sobre o seu relacionamento com os netos, que não lhe prestam atenção, não gostam da sua aparência física e negam a ideia da sua finitude.

- São todos muito ocupados. O menino é o futebol, a miúda são os treinos do tumbling, depois eles têm a escola. Eles vão sentir falta quando eu já cá não estiver. (...) Eu digo isso “quando eu cá não estiver...”, mas a miúda [neta] não quer e digo assim “e depois a vó vai-se embora...” “oh vó, não diga isso, não quero que digas isso”, “oh vó eu não quero que tenhas aqui essas peles [aponta para a pele enrugada do braço]”. É a incapacidade dela de ver o futuro. E se eu lhes contar isso ou aquilo, raramente me dão atenção (Lúcia, 84 anos, portuguesa).

Existe, em Portugal e no Brasil e em muitos outros lugares, um sinal de trânsito que mostra figuras com costas curvadas, apoiadas em uma bengala para representar o idoso. Tais imagens servem para lembrar como a velhice é facilmente expressada pelo corpo. Esses tipos de símbolos, encontrados facilmente na internet, são anteriores e pertencentes a um período quando a maioria das representações medievais do ciclo de vida incluía figuras dobradas com bengalas ou muletas, muitas vezes, com longos cabelos e barba branca, mas seguidas de respeito e admiração (Sears, 1986; Johnson, 2005; Gilleard, 2005). O que mudou não foi a figura com costas curvadas, ela sempre esteve ali, o que se modificou foi o que ela representa para a sociedade atual. Isso significa que o modo como o idoso é retratado depende da cultura que está sempre baseada nos vários tipos de capitais, mas, principalmente, em contextos sociais e históricos.

As imagens veiculadas do idoso ativo também colocam uma forte ênfase sobre o corpo, a manutenção e o cultivo de estilos de vida que estão mais próximos do

jovem. Isso transmite a ideia de que o corpo pode ser transformado e renovado e que o processo de envelhecimento é algo que pode ser “derrotado” através do trabalho duro, dedicação e consequentemente, de bens de consumo (Featherstone e Hepworth, 2005). Essa atitude está ligada a aspectos comportamentais de cada indivíduo que determinam estilos de vida e participação no cuidado da própria saúde que pode influenciar o curso de vida e o próprio processo de envelhecimento ativo (Ribeiro, 2012).

Mas a verdade é que cada voz levantada contra a discriminação baseada na idade é contrastada por muitas imagens de como a velhice deve ser representada aplaudindo a vida longa que escapa aos sinais de envelhecimento e homenageando corpos que envelheceram “devidamente”. Essa simpática máscara do envelhecimento veiculada, corriqueiramente, nos meios de comunicação social contribui para tornar muda a complexa confrontação entre a aceitação e rejeição dos indivíduos com seus organismos envelhecidos (Gilleard, 2005). Durante os grupos de foco e as entrevistas a dificuldade de aceitação da velhice foi discutida:

- Nós mesmos nos rejeitamos ao olharmos no espelho, a gente vê os cabelos brancos e não gosta. A gente até faz piada com isso (Tomás, 69 anos, brasileiro).
- Feio demais, mas faz parte, mas aceitar também não é fácil (Osvaldo, 64 anos, brasileiro).
- A gente se lembra da juventude quando você era playboy, tinha o cabelo grande e não era careca. Essas coisas trazem o sentimento de ficar atrás da moita, escondido. Esse processo de isolamento social é também natural. Não são todas as pessoas, mas a maioria passa por isso. A gente vê que existe realmente. O casal casou e eram bonitos, ele jovem com um carrão, a mulher também. Depois ficam com a perna torta, sinais de envelhecimento e isso gera qualquer coisa ligada ao isolamento social porque a pessoa se isola (Tomás, 69 anos, brasileiro).
- Eu falei com uma irmã que a gente não quer assumir que está velha, que está cansada porque a nossa capacidade está diminuindo (Divina, 65 anos, brasileira).
- *É difícil assumir?*
- Agora eu já estou assumindo, mas até pouco tempo eu não queria aceitar.

Algumas informações que circulam através das mídias, sobretudo aquelas que se concentram em manter a boa saúde atrasando ou dissimulando o processo de envelhecimento, responsabilizam as pessoas envelhecidas pelas suas escolhas sem levar em consideração o quadro complexo onde qualquer pessoa sempre se encontra. É possível que em uma cultura que vê como uma responsabilidade individual o

gerenciamento da saúde e da aparência “considere alguém, no mínimo, como incompetente se não atingir esses objetivos” (Ylanne, Williams e Wadleigh, 2009, p. 56) podendo produzir discursos de preconceito ligados à idade, mesmo entre os idosos.

Na verdade, todos são, durante o curso de vida, em alguma medida, oprimidos pelas expectativas dominantes acerca da idade, que ditam as regras de como devemos nos comportar e relacionar uns com os outros (Bytheway, 2005). Dentro de um contexto mais amplo, a idade tem sido definida como um conjunto de crenças sobre a forma como as pessoas variam biologicamente como resultado do processo de envelhecimento (Bytheway, 1995). Esses entendimentos sustentam as associações entre a idade, competência e necessidade de proteção por ser “demasiado” jovem ou velho. A idade cronológica, portanto, serve de marcador para classificar as pessoas para que seja negado ou concedido recursos, oportunidades, serviços e benefícios.

Os indivíduos mais velhos tendem a se sentir mais jovens do que sua idade cronológica. Esse é um padrão que tem sido encontrado de forma consistente em estudos que comparam diferentes grupos etários, com os indivíduos mais idosos se sentindo cerca de 13 anos mais jovens que sua idade real (Carr, 2009; Barak e Stern, 1986; Westerhof e Barrett, 2005; Rubin e Berntsen, 2006; Westerhof, Whitbourne e Freeman, 2012). Cohen (2001) argumentou que Lerner, em 1957, formulou uma das primeiras expressões sobre o idadismo quando escreveu: “a mais lisonjeira coisa que você pode fazer para um americano velho é dizer que ele ‘não parece ter a idade que tem’ e ‘não age como pessoas da sua idade’ - como se fosse a coisa mais condenável no mundo parecer velho” (Cohen 2001, p. 576).

Essa “idade intemporal” está relacionada ao fato de que muitas pessoas idosas tendem a ver a si próprias como melhores do que os seus pares, como uma exceção para a convicção geral de que o envelhecimento está relacionado ao declínio (Kaufman, 1986). Através desse tipo de reflexão verificamos que o idadismo, assim como outros tipos de preconceitos, também pode vir de “dentro para fora”, ou seja, quando o idoso renega a sua própria idade e o que isso significa. No contexto desta pesquisa, o uso das TIC pode ser visto como algo que o idoso pratica também para

estar mais próximo das gerações mais jovens ao mesmo tempo que afasta a ideia de ser velho confirmando a percepção que consiste na afirmação "você é apenas tão velho quanto o que você sente que é".

- Agora que eu aprendi, tudo eu quero mandar pelo Whatsapp! Tem as fotos e tem o e-mail também, meu neto criou um e-mail para mim "a senhora precisa de um e-mail, a senhora está disposta a aprender?" "estou" e eu larguei tudo para trás, as velharadas e tum! Para o mundo novo! Aprender a usar as tecnologias é dar um passo para a modernidade. Nem sinto que eu tenho a idade que tenho! (Luíza, 64 anos, brasileira)

- *Então, a senhora não se sente velha, como a senhora falou porque a senhora utiliza a tecnologia?*

- Isso mesmo, a tecnologia é muito importante.

- Meus filhos falavam "a senhora tem que ir para a modernidade, tem que aprender ir ao banco pelo computador, tem que parar com esse comportamento de gente velha" (Carla, 69 anos, brasileira).

- As tecnologias são o futuro e a gente tem que, pelo menos, perceber a linguagem do futuro mesmo que não saiba utilizar, ao menos perceber a linguagem e deve-se também tentar acompanhar os mais jovens, não ficar para trás (Natália, 73 anos, portuguesa).

5.8 - Experiências de marginalização e isolamento social: a viuvez e a depressão

"Você vai no cemitério, num sepultamento, por exemplo, e você vê muitas placas de pessoas mais novas do que você que morreram e você está vivo ainda. Isso quer dizer que se eu morrer não vou fazer falta para ninguém, eu sou um velho."

Tomás, 69 anos, brasileiro

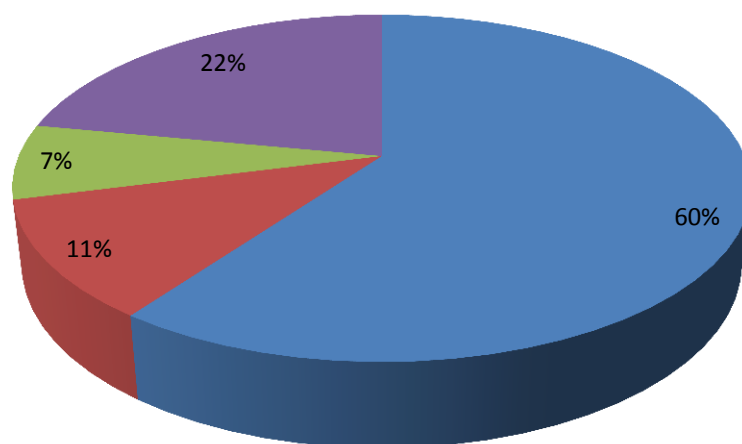
Pessoas idosas variam amplamente nas suas necessidades e recursos (Baltes e Carstensen, 1996). No entanto, os contextos sociais também modelam a forma como os adultos mais velhos são socialmente isolados ou integrados. Em outras palavras, os indivíduos não são simplesmente excluídos, mas existem grupos específicos da população que são mais susceptíveis a experiências de marginalização e isolamento social. Um dos aspectos que pode servir de pistas para identificar um idoso nessa situação é saber com quem vive e convive. Como vimos nas tabelas 16 e 17, entre os 36 participantes desta pesquisa, 26 vivem só ou acompanhados exclusivamente de

peças também idosas. Como já foi mencionado, viver só está relacionado a altos níveis de solidão durante a velhice (Eurostat, 2012; Lopes, Lopes e Camara, 2009; Oliveira *et al.*, 2010). Apesar de este trabalho não ser representativo das populações brasileiras e portuguesas, estes números seguem a mesma tendência de números oficiais.

No Brasil, do total da população idosa com 60 anos ou mais (14,3% da população brasileira) 15,7% vive só e 35,8% vive exclusivamente com o cônjuge, que, geralmente, também é idoso (IBGE, 2016). Isso quer dizer que 51.5% dos idosos brasileiros vivem em lares com número limitado de agregados. Em 2016, 885.000 pessoas viviam em lares unipessoais em Portugal e 54% (477.500) deste total era composto por pessoas com 65 anos ou mais (PORDATA, 2017). Em Portugal, foi identificado que 43.322 idosos com 65 anos ou mais vivem só, em locais considerados como isolados ou em situação de vulnerabilidade (GNR, 2016), como podemos observar no gráfico a baixo. Esses dados também dão conta que a maioria dos idosos portugueses e brasileiros que vivem só são mulheres (GNR, 2016; IBGE, 2016).

Figura 22: Situação dos idosos portugueses sinalizados

■ Sozinhos ■ Isolados ■ Sozinhos e isolados ■ Outros (Situação de Vulnerabilidade)



Fonte: Resultados da Operação “Censos Sênior 2016”

Pessoas socialmente isoladas não mantêm contatos regulares ou têm um número reduzido de relações que comportam apenas ligações superficiais, fator de risco entre as pessoas idosas (Wallsten *et al.*, 1999; Santini *et al.*, 2015). Esse contexto marcado pelo isolamento social, tanto no Brasil como em Portugal, faz-nos apresentar um outro aspecto que ajuda a mensurar essa realidade: o estado civil de uma pessoa idosa. Há indícios que apontam uma maior taxa de solidão entre adultos mais velhos que são divorciados ou que nunca foram casados, particularmente entre homens, e entre pessoas viúvas, especialmente no período inicial de luto (Lopata, 1996). Essas características também estão relacionadas a problemas de saúde mental como discutiremos a seguir.

Tabela 23: Participantes brasileiros – estado civil e depressão (N=19)

Nome	Idade	Tem/já teve depressão	Estado Civil		
			Viúvo	Casado	Divorciado/ Solteiro
Ana	73		*		
Beatriz	64	*			*
Carla	69	*	*		
Cristina	65	*		*	
Divina	65				*
Daniela	63				*
Fabírcia	61				*
Gabriel	67	*			*
Vera	70			*	
Ilda	68				*
Jonas	75			*	
Luíza	64				*
Marta	71	*	*		
Neide	64			*	
Osvaldo	64				*
Paula	65			*	
Renato	70			*	
Salvador	69			*	
Tomás	69			*	
Todos		5	3	8	8

Tabela 24: Participantes portugueses – estado civil e depressão (N=17)

Nome	Idade	Tem/já teve depressão	Estado Civil		
			Víuvo	Casado	Divorciado/ Solteiro
Adelaide	63			*	
Berenice	74			*	
Camila	72				*
Danilo	63			*	
Fátima	72			*	
Fausto	64			*	
João	75	*	*		
Lúcia	84		*		
Lucas	81			*	
Mafalda	62			*	
Natália	73	*	*		
Olinda	63			*	
Patrícia	75	*	*		
Rita	64			*	
Célia	60				*
Sara	79		*		
Terezinha	64				*
Todos		3	5	9	3

Fonte: Elaboração da autora (Tabelas 24 e 25)

A depressão pode ser conceituada como a interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais. A faixa etária com maior proporção de pessoas que sofre com a depressão no Brasil encontra-se entre 60 a 64 anos de idade (11,1%) (IBGE 2014). Em Portugal, o número aumenta com a idade com as pessoas com 85 anos ou mais chegando a 19,6% (65-74 anos: 14,8%; 75-84 anos: 17,6%) (INE, 2016). Eventos de vida negativos e influências sociais, incluindo o luto e a doença, estão associados com a depressão de adultos mais velhos (Carr, 2009). Alguns dos participantes desta pesquisa confessaram sofrer ou já terem sofrido de depressão, um total de 5 no Brasil e 3 em Portugal, ou seja, 8 entre 36 idosos. As brasileiras Marta e Cristina expuseram como lidavam com seus problemas psicológicos:

- Sou aposentada por viuvez, aposentei com 40 anos, tenho 13º [salário] e tudo, eu sei administrar, eu confecciono bolsas e vendo, tenho uma freguesia enorme, mas agora estou com um problema de medo (Marta, 71 anos, brasileira).

- *Como a senhora desenvolveu isso?*

- Eu fiquei com esse problema de medo, não sei porquê. Eu faço tratamento no psicólogo, no psiquiatra. Depois da UMA eu melhorei demais. Agora, eu não fico em casa sozinha, tenho medo de gente. No fundo, acho que é por causa de tanta dificuldade que já passei na vida.

- Eu dei muitas voltas, mas eu sofri muito. Agora eu tenho depressão que ainda estou tomando remédio. A depressão afeta tudo porque mexe com o organismo, emoções, cérebro e eu estou lutando ainda, estava no fundo da rede, mas já me levantei. Meu filho me ajudou muito. Tive depressão porque o meu único filho saiu de perto de mim, eu convivia só com os cachorros, me senti só, casa vazia. Ele passou num concurso aqui [em Palmas] e eu disse para ele ir [ela morava em outro Estado do Brasil] (Cristina, 65 anos, brasileira).

Por ser uma situação sensível, esse assunto surgiu durante as entrevistas individuais quando os idosos se sentiram mais à vontade para falar como lidavam com esse tipo de problema. Esses relatos tão pessoais também ocorreram porque foram avisados que as entrevistas individuais não seriam incluídas na íntegra na tese, mas somente trechos. Um aspecto que chamou a nossa atenção foi o fato de que os brasileiros falaram com mais facilidade e mais detalhadamente sobre as questões relacionadas à saúde mental, enquanto os portugueses trataram o assunto de forma mais discreta. Apesar de termos percebido que possivelmente mais portugueses passaram ou estavam passando por um quadro depressivo, só contabilizamos aqueles que mencionaram esse assunto de livre vontade.

A principal causa apontada pela qual alguns dos idosos possuíam depressão convergiu de eventos diversos do seu curso de vida, mas, principalmente, a perda de pessoas próximas. A morte de familiares é parte da experiência de vida de muitas pessoas idosas e a viuvez é uma das formas mais comuns de eventos estressantes em uma fase posterior da vida e tem importantes implicações sociais e psicológicas (Carr, 2009). Dentre os 36 entrevistados 8 são viúvos e alguns deles compartilharam como esse acontecimento afetou as suas vidas. Foram várias as consequências que advieram da viuvez, mas suas falas, geralmente, centraram-se em torno de um círculo social mais reduzido, pois os hábitos de vida cotidiana foram, muitas vezes, interrompidos e

seguidos da busca de um novo sentido, fazendo com que o ambiente social, o trabalho, os amigos e os familiares fossem essenciais.

Os sintomas depressivos também foram mencionados como difundidos entre os cônjuges sobreviventes no primeiro ano após o luto (Oakley *et al.*, 2002), embora o nível desse sintoma possa ser mais elevado no período antes da perda, possivelmente devido a efeitos do luto antecipado (Lichtenstein *et al.*, 1996). Também vimos exemplos de que o mais importante mediador de sintomas depressivos de viuvez é a perda de apoio emocional. Para as viúvas, sintomas depressivos são fundamentalmente desencadeados por preocupações sobre o rendimento, consistentes com a baixa condição socioeconômica, enquanto os viúvos englobam uma maior variedade de indicadores de sofrimento como o estilo de vida, a posição e o apoio social que recebem (Fiske e Jones, 2005). Vejamos como os participantes defrontaram o luto pela perda de seus companheiros.

- Quando o meu caçula estava com seis meses ele [o marido] deu derrame e morreu. Foi um período muito difícil. Eu com esse tanto de filhos [11 filhos] e não tinha dinheiro nenhum. Foi duro, duro, duro. Minha família me ajudou muito e eu trabalhei muito também (Marta, 71 anos, brasileira).

- Depois que meu marido faleceu eu fiquei com muito tempo livre, fiquei parada, eu entrei em depressão, engordei, foi um período difícil (Carla, 69 anos, brasileira)

- A minha separação foi muito terrível, mas eu estava preparado, mas para a morte dela [companheira] eu não estava preparado, eu sofri muito, ainda hoje. Eu não consigo esquecer ela. Se eu chego em casa e vejo algumas coisas dela, eu começo a chorar. Passei 30 dias em casa chorando, eu chorava 24 horas. Aí eu pensei que eu tinha que ter força para andar se não ia morrer. Acho que era depressão (Gabriel, 67 anos, brasileiro).

- Eu reformei-me em 2004 e no último ano eu estava muito estafada, tinha morrido meu pai e o meu marido quase ao mesmo tempo com 20 dias de diferença. Tive, assim, uma depressão nervosa grande (Natália, 73 anos, portuguesa).

- Meu marido morreu em três meses. Também era novo, 59 anos e em três meses se foi. Pronto, e eu fiquei com uma depressão muito grande (Patrícia, 75 anos, portuguesa).

O luto é um processo social profundamente enraizado. A comunicação mediada pela tecnologia digital oferece uma rica fonte de informações, opiniões e atitudes o que também possibilita um considerável potencial de intercâmbio emocional. Em uma

era de crescente impacto da comunicação *online* através de redes sociais digitais, assim como em muitas outras áreas, a interação emocional já não está limitada nem restrita pelo tempo ou espaço. Dentro desse cenário, o luto pode se estender para o anonimato do ciberespaço. Se pesquisarmos esse tema no Facebook, em língua portuguesa, por exemplo, é possível encontrar grupos com centenas de milhares de participantes. Tais *sites* podem oferecer uma alternativa aos tradicionais canais de suporte, com pessoas que enfrentam desafios e emoções semelhantes (Döveling, 2017).

Como observado por Walter e colegas (2012), o luto *online* em tais redes sociais gera atividades comuns de partilha coletiva, o que é típico de contextos onde a influencia dos meios tecnológicos ganhou uma conotação que vem modificando costumes sociais: se “sociedades pré-modernas tendiam a produzir comunidades enlutadas, sociedades modernas tendem a produzir indivíduos enlutados e a sociedade pós-moderna ajuda grupos mutuamente (*online* ou *offline*) produzindo uma comunidade de pessoas enlutadas sem ligações prévias e que têm sofrido da mesma categoria de perda” (Walter *et al.*, 2012, p. 289). Apesar de não termos encontrado, entre os participantes desta pesquisa, alguém que tenha recorrido a esse tipo de interação social através da tecnologia para ajudar a lidar com perdas de pessoas próximas, este ângulo, ajuda a compreender melhor a extensão que a tecnologia digital tem ocupado no cotidiano das pessoas e como os especialistas ainda começam a compreender o seu funcionamento (Döveling, 2015).

Pessoas cujos cônjuges tenham morrido estão mais susceptíveis de serem excluídos de atividades com casais, pois mudanças sociais, tais como alterações na estrutura familiar, podem levar ao declínio dos níveis de participação e de integração social (Putnam, 1995; Popenoe, 1993). Em geral, os adultos mais velhos sem companheiros (solteiros, viúvos e separados) têm sido descritos como socialmente mais isolados, mais sozinhos e deprimidos e mais prováveis de viverem em um lar de idosos em um período da velhice mais avançado (Carr, 2009). Isso ocorre porque a estrutura familiar é um indicador primário de recursos para apoio instrumental e social na velhice, como também outras esferas sociais como as amizades e o trabalho, como temos discutido ao longo deste capítulo. As falas de João e Sara abaixo representam

bem como o fato de ser viúvo impõe dificuldades de manter-se integrado socialmente, o que pode trazer como consequência o isolamento social.

- Uma pessoa, infelizmente, com uma certa idade, os amigos vão desaparecendo, se vai ficando mais só e depois na parte final arranjar mais amigos não é fácil. Os amigos antigos desapareceram todos ou quase todos. Então, é difícil. A partir daí, fica mais difícil, principalmente no meu caso que perdi a mulher. Portanto, na altura que mais precisamos, ficamos mais só, mas é tarde para se arranjar novas amizades. Isso é uma dificuldade pra mim (João, 75 anos, português).

- É porque essa situação que eu tenho não é de agora [dificuldades para se relacionar socialmente]. Eu sou viúva há 25 anos e sempre vivi muito para o meu marido e o meu marido para mim. Meu marido morreu num espaço de dois meses. Infelizmente, teve um problema canceroso que quando foi descoberto, morreu ao fim de dois meses. Eu, nessa altura, trabalhava, tinha 52 anos e ainda trabalha. Realmente, foi muito bom para mim trabalhar (...). Enquanto eu estava a trabalhar e estava ocupada até me esquecia que era viúva. Quando chegava à casa é que era pior. Quando chegava à porta, encontrava quatro paredes vazias, não tinha com quem conversar, não tinha com quem partilhar nada. E, a partir dessa altura, eu comecei a me isolar muito, eu já tinha feito para isso e comecei a me isolar mais e depois eu pensava “aquela é casada e tem um marido, tem a vida dela, a outra tem filhos, tem um emprego e pode não ter possibilidade para eu poder ir para a casa dela ou daquela pessoa”. Eu não gosto de incomodar ninguém, não gosto de sentir-me a mais na casa das pessoas (Sara, 69 anos, portuguesa).

Segundo pesquisas, a importância das pessoas terem laços sociais fortes é tão grande que aquelas que não os possuem são mais propensas a morrer prematuramente quando comparadas com pessoas que têm contatos mais extensos (Berkman e Leonard Syme, 1979) fazendo com que as relações sociais tenham implicações importantes, podendo prolongar a sobrevida em até 50% (Carr, 2009). Por outro lado, a partir da experiência dos entrevistados com o uso das tecnologias de informação e comunicação, principalmente, o celular e as redes sociais digitais, percebemos o potencial para ajudar a combater esse tipo de situação. Foram vários os exemplos em que a fala dos entrevistados esteve de acordo com a vasta literatura disponível que conclui que a utilização das TIC pode diminuir a solidão e o isolamento social (Cotten, Anderson e McCullough, 2013; Alves *et al.*, 2012; Cotten, Anderson e McCullough, 2013; Bradley e Poppen, 2003) e, consequentemente, os sintomas de depressão (Cotten *et al.*, 2012). Isso ocorre porque o uso das TIC faz aumentar a frequência da comunicação com familiares e amigos resultando em maior qualidade de vida para os idosos (Xie, 2003; Pereira e Neves, 2011; González, Ramírez e Viadel,

2012; Hernández-Encuentra, Pousada e Gómez-Zúñiga, 2009; Roberto, Fidalgo e Buckingham, 2014; Orlandi e Pedro, 2014; Páscoa Gil, 2015; Aparecida, Ferreira e Alves, 2011).

- Por isso a tecnologia é importante para nós que estamos na terceira idade. É importante pela comunicação, para interagir com os amigos, para não ficar em casa triste. (...) Se você está triste, saia, vá para a rua, vai ter pessoas que estão iguais a você, só. Faça amizade. E é verdade e a tecnologia ajuda também com os contatos pelo Whatsapp para falar com as minhas colegas, o Facebook através do celular (Luíza, 64 anos, brasileira).

- Se você está em casa triste, você vai no cinema, vai assistir um filme, falar com os amigos pelo celular, pelo Facebook ou até mesmo na televisão apesar de que na televisão tem muitas coisas que te põe para baixo (Ilda, 68 anos, brasileira).

- As tecnologias são tudo de bom. Eu sem ela eu vou me sentir sem nada, pelada, descalça, sem brincos. A coisa mais linda é quando os colegas ligam para a gente e dizem “olha, a festa já está começando” [muitos risos] (Neide, 64 anos, brasileira).

Vários outros estudos também têm associado a solidão à má saúde física (Wilson *et al.*, 2007) e ao suicídio entre diversas outras formas de sofrimento psíquico (Kennedy and Tanenbaum 2000). Em 2015, segundo a Organização Mundial da Saúde (2017), o Brasil tinha 6,3 e Portugal 13,7 casos de suicídio para cada 100 mil habitantes. O “Mapa da Violência 2014” indica que há oito suicídios por 100 mil habitantes entre idosos brasileiros (60 anos ou mais), a maior taxa entre todos os grupos etários. Entre 1980 e 2012 — período avaliado no estudo — houve um aumento de 215,7% no número de casos de suicídio entre os idosos no Brasil (Waiselfisz, 2014). Em Portugal, esses números são ainda mais expressivos com 21,9 casos para cada 100 mil habitantes (65 anos ou mais) (INE, 2013).

Há mais de um século, Émile Durkheim (1897) fazia observações semelhantes ao relacionar o isolamento social ou a falta de integração social de qualidade como um fator que aumenta o risco de suicídio. Tal como os argumentos apresentados na teoria de desengajamento, o modelo de Durkheim e os estudos mais recentes que referimos apontam que com o avanço da idade há a diminuição da integração social medida através da relação com pessoas, com as instituições como o matrimônio, o trabalho e a família (Stack, 2000). A solidão e o isolamento social e emocional podem ameaçar a saúde do indivíduo com poucos ou fracos laços sociais. Essas constatações indicadas

por especialistas chamam a atenção para o potencial das TIC para contribuir na promoção da inclusão social, pois com o advento das tecnologias digitais, teorizar sobre a solidão foi ampliada para melhor conceituar a complexidade do tema.

O suicídio entre idosos inclui aspectos sociais e psiquiátricos, vistos como complementares. Características individuais são o primeiro aspecto do suicídio em idosos como a incapacidade de adaptar-se ou a depressão recorrente (Nisbet, 2000). O segundo, o risco social, inclui doença física e o contexto social onde o indivíduo está inserido (Minayo e Cavalcante, 2010, p. 754). Adultos mais velhos que cometem suicídio são mais susceptíveis do que os mais jovens ou os adultos de meia-idade a ter problemas de saúde física, embora a relação ser, em grande parte, mediada pela depressão fazendo com que mesmo entre indivíduos doentes terminais, o suicídio é incomum fora do contexto de depressão (Fiske e Jones, 2005).

Uma participante brasileira, durante a entrevista individual, manifestou a intenção de que retiraria a própria vida. Beatriz, de 65 anos, disse possuir um caso de depressão profunda causada por traumas de infância e por problemas relacionados com familiares. Algumas semanas depois, ocorreu a tentativa, mas, felizmente, sem sucesso. Apesar de não fazer parte do desenho metodológico da presente pesquisa, achamos pertinente mencionar que ao consultar a sua página no Facebook após o ocorrido, verificamos que essa rede social digital serviu de meio de comunicação pelo qual a entrevistada recebeu muitas mensagens carinhosas de apoio de amigos, de familiares e de colegas e que foram todas respondidas por ela, posteriormente. Ela também compartilhou, durante o grupo de foco, portanto, antes do ocorrido, qual o papel das tecnologias digitais com os seus problemas de saúde:

- Quando eu estava doente tinha muita gente que conversava comigo para saber como eu estava através do Facebook e isso era positivo (Beatriz, 64 anos, brasileiras).

Essas redes são definidas como ferramentas e plataformas com o objetivo de consumir conteúdos, mas também criar em conjunto, compartilhar e modificar os conteúdos gerados por seus utilizadores (Leist 2013). Assim como no exemplo acima, notamos que as mídias sociais foram apontadas pelos demais participantes desta pesquisa como vantajosas por serem entendidas como meio de promoção de

comunicação e desenvolvimento de relacionamentos ou redes sociais entre seus usuários, podendo fornecer uma ampla gama de novos recursos e oportunidades com relacionamentos tanto *online* como *offline* entre os utilizadores (Agichtein *et al.*, 2008; Xie *et al.*, 2012). De um modo geral, redes sociais digitais como o Facebook e o Whatsapp, as mais populares entre os entrevistados, e acessadas a partir, principalmente de tecnologias móveis como os smartphones, podem proporcionar uma comunicação mediada pela tecnologia. Através delas, os idosos podem fornecer e receber apoio e também aumentar o seu sentido de controle sobre aspectos da vida. As TIC têm o potencial para contribuir para um estilo de vida mais saudável, fornecer acesso a informações que podem ajudar na prevenção de doenças, reduzir o *stress* psicológico e aprimorar benefícios fisiológicos.

Conclusões

É nesta fase da escrita que apontamos objetivamente as conclusões desta pesquisa que está baseada no conceito de envelhecimento ativo, em teorias, em modelos teóricos e dados empíricos que recolhemos e discutimos ao longo de todo o estudo. O objetivo principal deste trabalho foi o de responder a seguinte pergunta: de que formas os usos e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação influenciam no envelhecimento ativo de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil e em Portugal? Para responder a essa questão, levamos em consideração quatro principais pontos:

- Analizar se o contexto social em que estão inseridos os idosos que participaram nesta pesquisa influencia na inclusão ou exclusão digital e no processo de envelhecimento ativo no que diz respeito à participação social;
- Analizar se os conceitos presentes na teoria da atividade, no modelo otimização seletiva com compensação e na teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido são identificados na relação dos idosos com o uso e apropriação das tecnologias de informação e comunicação (computador, celular e tablet com ligação à internet), como uma forma de enfrentamento para os constrangimentos relacionados ao processo de envelhecimento avançado e promoção de um envelhecimento ativo e socialmente participativo;
- Analizar quais são as percepções pessoais dos idosos que fizeram parte dessa pesquisa sobre as TIC relacionadas a:
 1. Vantagens;
 2. Obstáculos;
 3. Riscos;
 4. Desvantagens;
 5. Motivações.
- Analizar em que aspectos os idosos brasileiros e portugueses que participaram nesta pesquisa se aproximam e se afastam nas relações que possuem com as tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente, o computador, o celular e o tablet com ligação à internet.

Influência de contextos

Foram vários os achados que sustentam a afirmação de que o contexto social em que estão inseridos os idosos que participaram desta pesquisa influencia a forma como lidam com as TIC trazendo consequências na maioria das vezes positivas para o processo de envelhecimento ativo, principalmente no que diz respeito à participação social, mas que não vem totalmente livre de consequências negativas. A tendência de que cada vez mais idosos vivem sós ou acompanhados de uma pessoa também idosa foi identificada nesta pesquisa e mostrou-se susceptível de apresentar desafios adicionais aumentando os riscos de isolamento social podendo essa situação ainda ser agravada por quadros de depressão. O que fez-nos concluir que o uso que esses idosos dão as TIC apresenta-se como uma ferramenta para combater e minimizar essa realidade negativa incentivando o contato social e trazendo um impacto positivo sobre a saúde mental dessas pessoas.

Por outro lado, em menor frequência, identificamos que para alguns idosos usar as tecnologias digitais para se comunicarem com familiares trazia proximidade virtual com contatos muito frequentes, porém superficiais, ao mesmo tempo que proporcionava o afastamento físico. Também encontramos que o uso contínuo das TIC por pessoas mais jovens do mesmo agregado familiar fez com que alguns idosos se sentissem ignorados gerando a sensação de isolamento social, mesmo que momentâneo. Apesar disso, não identificamos nenhum caso em que o idoso ao começar a usar as TIC tenha se tornado mais socialmente isolado, mas sim com conexões sociais mais intensificadas.

As relações intergeracionais foram interpretadas, em sua maioria, como um motivador para o uso das TIC aproximando gerações e facilitando a comunicação cotidiana. Concluímos também que não existe uma relação intergeracional unicamente baseada na tecnologia, mas pelo contrário, uma relação que engloba várias esferas da vida de um idoso como uma fonte primária de apoio instrumental, emocional e social e que se estende até ao uso das TIC. Os dados apontaram também que quando esse apoio intergeracional sobre o uso das TIC se estabelece, está essencialmente marcado pela transmissão unilateral de conhecimento digital do mais jovem para o mais velho.

Esse tipo de comportamento não traz os efeitos que propõe o conceito de solidariedade intergeracional, pois em alguns casos, os jovens ajudavam os mais velhos por pressões morais e sem a proximidade e a troca que são esperadas. Também notamos que os idosos têm consciência que as TIC podem tanto aproximar diferentes gerações como podem afastá-las ampliando preconceitos já existentes através da veiculação de imagens relacionadas à valorização do jovem e rejeição do velho traduzindo-se em formas de idadismo.

Algumas características como o estado civil, convivência com pessoas mais jovens que usam as TIC e compartilham seus conhecimentos, profissão desempenhada antes de se aposentar e a escolaridade revelaram-se importantes quesitos para o uso e apropriação mais consistentes das TIC. A literacia digital mais limitada foi motivo de vergonha dentro e fora do ambiente familiar, mas principalmente junto aos seus pares. As relações de amizade foram identificadas como uma influência positiva no uso das TIC para que não se sentissem “de fora” dos seus grupos sociais de convívio e porque esse uso traz a sensação de fazer parte da sociedade atual.

Identificamos a valorização pelas TIC por trazerem a sensação de companhia por poderem estar em constante contato com outras pessoas que possuam interesses semelhantes através da criação de “pontes virtuais”, mas o estudo também concluiu que preferem o contato presencial. Apesar de toda potencialidade das TIC para aumentar as relações sociais, o núcleo de amigos não é alargado pois, em sua maioria, só interagem com familiares e pessoas que já conhecem. As amizades aumentam porque frequentam as aulas na universidade sênior ou outros grupos sociais e não porque usam as TIC. Não nos foi possível identificar uma barreira que distingue as redes sociais convencionais, ou seja, as relações que acontecem presencialmente e sem a mediação da tecnologia, das relações sociais digitais porque estão sobrepostas.

Articulação de teorias

Os conceitos presentes na teoria da atividade, na teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido e no modelo otimização seletiva com compensação

foram identificados na relação na maioria dos idosos que participaram desta pesquisa com o uso e apropriação das TIC como uma forma de enfrentamento para os constrangimentos relacionados ao processo de envelhecimento avançado. Isso porque os participantes preenchem o tempo livre principalmente com tarefas do cotidiano, com idas à universidade sênior e com atividades de lazer. Várias dessas funções desenvolvidas estão relacionadas ao uso da internet, pois as tecnologias digitais são utilizadas como um auxílio no intuito de melhorar as experiências em antigas e novas atividades do cotidiano e acabam por minimizar as perdas de capacidades que acompanham o processo de envelhecimento avançado. Isso faz com que esses idosos mantenham-se mais ativos e participativos socialmente com uma perspectiva voltada para a inovação e para o desenvolvimento de potenciais competências adaptativas.

Contudo, devemos levar em consideração que enquanto alguns dos idosos desejam e buscam a atividade, a socialização e mesmo manterem-se no mercado de trabalho, outros esperam um período caracterizado por menos desafios. Isso ocorre não só devido a fatores que são característicos da personalidade de cada um, mas também por limitações financeiras e restrições relacionadas à saúde mental e física. Com base nesses achados, podemos afirmar que não identificamos um padrão específico e bem definido entre os participantes da pesquisa da forma como lidam com os seus dispositivos tecnológicos, mas sim um uso fortemente individual de forma a fazer frente as suas possibilidades e necessidades particulares. Devemos ter em consideração, portanto, que as expectativas para serem ativos representam uma questão complexa, pois nem todas as atividades são igualmente benéficas e nem todas as pessoas se beneficiariam delas na mesma proporção, inclusive no uso das TIC.

Percepções individuais

A julgar pelo número de observações feitas sobre as **vantagens** do uso tecnologias, os participantes perceberam as TIC como benéficas para suas vidas e para a sociedade em geral. As principais estão relacionadas ao apoio a atividades como a facilidade para buscar e encontrar informação sobre um assunto específico, a rapidez

da comunicação que encurta distâncias e modifica a noção de lugar e tempo e a tecnologia entendida como uma importante ferramenta de trabalho; as principais **motivações** para usarem as TIC foram a busca de uma maior facilidade de comunicação, acompanhar o desenvolvimento tecnológico, ter a sensação de fazer parte da sociedade atual e ter sido aconselhado por alguém a utilizar uma determinada tecnologia; as **desvantagens** mais referidas foram a dependência da tecnologia, as relações sociais afetadas negativamente devido ao uso das TIC, o desuso do computador devido o advento dos smartphones e o fato de as tecnologias consumirem muito tempo; os **riscos** mais apontados pelos participantes da pesquisa centraram-se na falta de privacidade, nas fraudes, em informações divulgadas na internet que não correspondem à verdade e a falsa noção de amigos que as redes sociais proporcionam; os **obstáculos** para a apropriação e o desenvolvimento de uma maior literacia digital foram, principalmente, questões relacionadas à falta de interesse, rejeição e estilo de vida incompatível com o uso das TIC, a falta de habilidade e a complexidade para adquirir e aprofundar conhecimentos digitais e o preço elevado dos dispositivos tecnológicos.

Com base nas percepções individuais, podemos afirmar que os adultos mais velhos têm uma visão maioritariamente positiva sobre o uso das tecnologias digitais: mesmo que tenham apontado aspectos negativos na sua utilização, os pontos positivos referidos foram entendidos como mais relevantes. O conjunto dessas percepções forma modelos de aceitação ou rejeição sobre a tecnologia, inclui a noção de complexidade e de inovação das TIC, características do usuário que englobam experiências anteriores e a vontade experimentar coisas novas e a influência e o encorajamento de uma rede social (capital social) e de suporte do círculo familiar, das relações de amizade ou institucionais. Ou seja, a tecnologia é entendida a partir de características de uso e dos resultados de sua utilização e com base em interpretações pessoais também influenciadas pelo contexto social em que se está inserido. Isso leva-nos a concluir que o uso e apropriação da tecnologia é impulsionado também pela percepção de benefício e que os idosos estão dispostos a utilizar uma vasta gama de tecnologias para manterem conexões sociais, terem acesso a informações para

promover a saúde e bem-estar pessoal e, conseqüentemente, um envelhecimento ativo.

Os adultos mais velhos que fizeram parte desta pesquisa não podem ser considerados como um grupo homogêneo e com motivos uniformes para usar ou não a internet e as TIC, pois a velhice é um período que está dependente de todo o curso de vida. Talvez a premissa mais fundamental dessa perspectiva é que os indivíduos são produtores e produtos de um complexo contexto através do qual as suas experiências de vida são modeladas e entendidas fazendo com que alguns cidadãos idosos sejam mais susceptíveis de serem digitalmente excluídos do que outros.

Dois contextos: diferenças e semelhanças

Em um estudo desenvolvido e focado em dois grupos de indivíduos relativamente pequenos, as diferenças e semelhanças entre países não podem ser destacadas por não apresentar parâmetros para isso. Mesmo assim, achamos importante apontar alguns aspectos entre os dois países de forma a contribuir para um maior entendimento dessas realidades. Isso porque uma pesquisa que esteja para além da conjuntura nacional traz novos parâmetros de análise e formas de interpretar contextos ao verificarmos como o outro lida com questões semelhantes.

No Brasil, o modo como têm sido desenvolvidas as políticas públicas de inclusão digital faz com que sejam menos eficazes quando comparadas a Portugal, principalmente, com relação aos idosos. São vários os fatores: dificuldades em questões estruturais, de controle e organização da execução das propostas, que detalhamos no capítulo 3. Esses aspectos colaboram, por exemplo, para o fato de que a inclusão digital dos brasileiros se deu mais recentemente e, principalmente, através do uso do celular, prevenindo-os de adquirirem uma literacia digital mais sofisticada. Por outro lado, os portugueses tiveram o primeiro contato com as TIC bastante antes porque necessitavam desses conhecimentos em seus trabalhos, mas também porque em Portugal as políticas de inclusão digital se mostraram mais eficientes para disponibilizar esse acesso, principalmente com o computador.

As diferenças também se observaram no funcionamento local do espaço onde é feita a aquisição de competências digitais. A universidade sênior portuguesa proporcionava a inclusão digital de seus alunos com, pelo menos, seis aulas diárias de informática para pequenos grupos de idosos divididos em diferentes níveis de conhecimento, ao passo que no Brasil foram apenas ministradas três aulas, em três meses. Outros aspectos estão relacionados a questões sociais específicas – segurança pública – que fizeram com que a portabilidade e o tamanho reduzido das tecnologias fossem entendidos quer como uma vantagem, quer como uma desvantagem pelos brasileiros, pois essas características facilitam a insegurança pelo medo de serem roubados, preocupação que não esteve presente entre os portugueses.

Vários outros aspectos aproximam brasileiros e portugueses: ter acesso as TIC em fases anteriores do curso de vida ou quando ainda estavam no mercado de trabalho, assim como ter uma escolaridade elevada foram fatores identificados entre os que possuíam maior literacia digital; todos têm celular que é usado várias vezes durante o dia como auxílio na execução de tarefas do cotidiano de forma a torná-las mais eficazes; experiências vividas durante os anos formativos, como os constrangimentos para estudar e as dificuldades para ter acessos aos meios de comunicação, contribuem para um sentido de pertença geracional, mesmo estando em países diferentes; a aquisição de bens tecnológicos é feita de forma moderada baseada na condição financeira e na necessidade; a importância de frequentar a universidade sênior para os participantes foi unânime não só para adquirir conhecimentos, mas como forma de afastar o isolamento social e preencher o tempo livre de maneira positiva.

Respondendo à pergunta de pesquisa

O conceito de *envelhecimento ativo* está definido como um processo de otimização de oportunidades na saúde, participação e segurança de forma a potencializar a qualidade de vida das pessoas idosas (Organização Mundial da Saúde, 2002). Essa definição sugere que para ter uma velhice com qualidade de vida também é necessário que o idoso desenvolva atividades que promovam a participação social;

sendo a nossa sociedade altamente tecnológica, manter-se ativo socialmente pode envolver direta ou indiretamente o uso das TIC com a possibilidade de participar na sociedade de acordo com as suas necessidades, desejos e capacidades (Organização Mundial da Saúde, 2002). Assim, considerando os resultados do estudo empreendido nesta tese de doutoramento vários indicativos nos apoiam para afirmar que os usos e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação influenciam no envelhecimento ativo de pessoas com 60 anos ou mais em Portugal e no Brasil porque contribuem para uma participação mais ativa e com efeitos globalmente positivos sobre os idosos.

O uso das TIC pode fazer parte de um processo de otimização de oportunidades para a participação social do idoso ao proporcionar maior independência, pois esse uso é cada vez mais essencial para fazer frente aos diversos constrangimentos que podem acompanhar o processo de envelhecimento avançado, para obter assistência em diferentes áreas de interesse e necessidade para além de ser fundamental para o trabalho em diversas áreas. Esse uso pode potencializar as interações sociais ao suprir a ausência física de pessoas próximas e aumentar a frequência da comunicação dentro e fora do ambiente familiar e entre gerações. Todos esses aspectos podem resultar em uma estratégia para combater a solidão, o isolamento social e problemas de saúde como a depressão trazendo oportunidades para um envelhecimento saudável e que fomenta a inclusão social e digital e, conseqüentemente, um envelhecimento com maior qualidade de vida. Fazendo referência à pergunta que se encontra no título desta tese: nunca se é demasiado velho para o digital.

Essas constatações reforçam ainda mais a necessidade de cumprir, por inteiro, a afirmação defendida na agenda da inclusão digital da Declaração do Milênio das Nações Unidas que propôs “garantir que os benefícios das novas tecnologias, em particular das tecnologias da informação e das comunicações, estejam disponíveis para todos”(Organização das Nações Unidas, 2000, p. 6) e nosso objetivo será contribuir nesse sentido.

Limitações do estudo

Nosso estudo não vem sem limitações. Neste trabalho qualitativo com uma amostra relativamente pequena e, portanto, com conclusões que não podem ser generalizadas, pois não são representativas da população idosa portuguesa e brasileira. O desenho da pesquisa e o método de recrutamento dos participantes em universidades seniores fizeram com que fossem, principalmente, idosos do gênero feminino, relativamente jovens e que se aproximassem do que se entende como pessoas ativas. Isso deixou de fora a possibilidade de trabalhar com uma amostragem com características sociodemográficas mais diversificadas e, portanto, mais próximas do que se encontra na sociedade brasileira e portuguesa.

O fato de terem sido ministradas somente três aulas de informática durante os três meses de pesquisa de campo no Brasil limitou a nossa capacidade de análise da dinâmica dentro das salas de aulas. Em Portugal também tivemos que ultrapassar um período inicial quando alguns alunos e professores sentiram-se incomodados com a presença da pesquisadora dentro da sala de aula nos primeiros dias da observação não participante que tirou a naturalidade da dinâmica dos cursos de informática, mesmo que só inicialmente.

É necessário salientar que não surgiu durante os grupos de discussão ou as entrevistas individuais nenhuma referência ao acesso de informações através do chamado governo eletrônico. Como a internet é considerada uma ferramenta para a melhoria dos serviços oferecidos por organizações do setor público e é tida como um aspecto importante das políticas públicas, tanto no Brasil como em Portugal, deveríamos ter acrescentado um tópico sobre o *e-Gov* no guião dos grupos de foco para que tivéssemos capacidade de analisar esse quesito.

Para o desenvolvimento das entrevistas individuais procuramos criar uma empatia com o entrevistado logo nos primeiros minutos da abordagem de forma a deixa-lo à vontade para falar da sua história de vida, um dos nossos objetivos. O caráter intimista e pessoal das entrevistas trouxe alguns constrangimentos, pois surgiram relatos que trataram de diversos tipos de situações incrivelmente interessantes e divertidas de se ouvir e que levou a pesquisadora muitas vezes às

gargalhadas durante a transcrição, mas também situações muito delicadas que incluíram fome, alcoolismo, agressões físicas, psicológicas e sexuais durante infância, trabalho infantil, morte e doença. Todos esses relatos foram momentos que passaram a barreira científica e que acabaram por deixar a certeza de que também existe um peso psicológico para o pesquisador.

Contribuição científica

A pesquisa que apresentamos nesta tese de doutoramento dá o seu contributo científico no campo das Ciências da Comunicação ao abordar idosos e as suas relações sociais e comunicacionais através das tecnologias de informação e comunicação. Podemos afirmar que a nossa maior contribuição para futuros trabalhos é reforçar que o envelhecimento da população e o uso das tecnologias digitais fazem parte de um processo em desenvolvimento e que para tentar compreender a sua natureza complexa as pesquisas devem ser abrangentes tanto quanto possível. Não se pode compreender a relação entre idoso e as TIC separadamente de experiências e processos desenvolvidos ao longo da vida, mas sim como parte uma dimensão da estrutura social e do comportamento da pessoa idosa dentro do ambiente em que vive.

Para além disso, esta investigação relevou que deve-se ter em conta as exigências de fatores interligados: o fosso digital em constante transformação no acesso, no uso e na literacia mediática entre os idosos e o resto da população; diferentes sistemas de mídia que mudam rapidamente modificando o comportamento e os hábitos dos usuários; dinâmicas demográficas, tais como a entrada da geração “boomers” na categoria de idoso e os seus efeitos de “coorte” sobre valores e estilo de vida; uma maior longevidade que faz com que três ou mais gerações na família convivam e estabeleçam novos tipos de relações intergeracionais; e ainda políticas públicas e estratégias de marketing dirigidas às pessoas idosas devido à sua crescente capacidade de atração como metas comerciais.

Esses fatores relacionados ajudam a contrariar o senso comum que estabelece que, muitas vezes, a população mais velha é vista como homogênea quanto à utilização das TIC, mas apresenta uma diversidade de atividades o que reivindica uma mudança de paradigma para o chamado *age heterogeneity*. Mesmo sabendo que essa tarefa nunca é simples de executar, entender e explicar fazendo com que uma interpretação fácil sobre a relação entre idosos e TIC seja impossível de ser formulada, interrelacionar os aspectos que rejeitam a ideia de homogeneidade é um compromisso teórico que ajuda a explorar a diversidade em que a população mais idosa experiencia ou não o uso das TIC e de que formas é afetada e afeta essa experiência.

Assim como nesta pesquisa, não se deve centrar a atenção na tecnologia, por si só, como ocorre em muitos estudos, mas no indivíduo idoso e no espaço que o envolve, nos muitos domínios da vida incluindo as suas relações sociais, a família, seus comportamentos e atitudes perante a vida. Essa é uma maneira eficaz de reforçar a ideia de que a população idosa não é homogênea inclusive no uso e apropriação das TIC e no modo como interpretam os seus benefícios e aspectos negativos em suas vidas e na sociedade. Essa atitude não esgotará essa discussão, mas certamente contribuirá para ela.

Recomendações

A presente tese de doutoramento identificou a necessidade da inclusão digital e uma maior demanda por cursos e programas com estratégias específicas para a população idosa para favorecer a atualização e a integração à sociedade, principalmente no Brasil. Este trabalho deixa achados para futuras ações que possam contribuir para a qualidade de vida das pessoas idosas. Os adultos mais velhos relataram mais aspectos positivos do que negativos sobre as tecnologias digitais. Isso realça a importância da percepção dos benefícios das TIC para promover a inclusão digital entre idosos.

Neste sentido, sugerimos o desenvolvimento de ações onde sejam apresentados benefícios e malefícios que podem advir com o uso das TIC e como

podem se “defender” desses aspectos negativos para que, assim, possam escolher se querem ou não utiliza-las. Para aumentar essa possibilidade, parte dessas ações também poderiam ter como objetivo as necessidades particulares de um grupo de idosos, identificando-as, por exemplo, através do preenchimento prévio de um questionário.

Através da revisão de literatura, verificamos que são poucos os estudos que abordam aspectos negativos do uso e apropriação das tecnologias digitais sobre os idosos. Como vimos no capítulo de análise de dados, mesmo que em menor frequência, os aspectos negativos existem e são um importante elemento para entender o motivo pelo qual as pessoas mais velhas usam ou não as TIC. Por essa razão, sugerimos que em trabalhos futuros, os investigadores desenvolvam abordagens com o intuito de identificar esses aspectos negativos para fornecer uma maior compreensão da relação entre envelhecimento e TIC.

Os computadores foram apontados como dispositivos tecnológicos caros e mais difíceis de dominar impedindo que muitos adultos mais velhos desenvolvessem uma literacia digital mais sofisticada. No entanto, verificamos que a crescente popularidade dos dispositivos móveis como os smartphones e os tablets veio mudar essa realidade alterando as percepções das TIC sobre a utilidade e a facilidade de uso e também por serem mais acessíveis, financeiramente. Isso faz-nos sugerir que haja iniciativas que contemplem aulas de informática voltadas para os dispositivos móveis de forma que os idosos possam tirar mais proveito dessas tecnologias.

Através da presente pesquisa, verificamos que há a necessidade de formação para os mediadores/professores que deem aula de informática para pessoas idosas, pois devem possuir uma metodologia apropriada para essa parcela da população na transmissão de conhecimento. As aulas de informática devem ter a frequência mínima semanal, com um idoso por computador e os alunos devem ser agrupados por nível de conhecimento. Sugerimos ainda que voluntários poderiam assumir esse papel de professor e apoiar as pessoas idosas no uso das TIC, pois especialmente no Brasil, faltam pessoas e programas necessários para promover a inclusão digital entre idosos.

A maioria das políticas e dos discursos gerontológicos representa a atividade como algo "positivo", mas as ações sociais não devem ter como objetivo a produtividade e a atividade através de políticas que proponham "capacitar" ou "ativar" os idosos. Recomendamos que o ideal seria o estabelecimento de uma educação permanente que incluísse o idoso que necessita de maior cuidado na adaptação da evolução tecnológica e, assim, ajudá-lo a suplantar as dificuldades devido ao processo de envelhecimento avançado e uma possível baixa escolaridade visto que “quanto mais complexa a tarefa ser realizada mais os grupos de menor alfabetismo são excluídos” do contexto digital (CGI.br, 2016, p. 80).

Continuidade de investigação

Considerando que nas próximas décadas o Brasil terá uma população envelhecida e em sua maioria não incluída digitalmente, passará por problemas similares ao que Portugal tem enfrentado: comparado aos outros países da União Europeia, Portugal dispõe de avançados serviços públicos que dão apoio à sociedade digital, mas ainda é um país com baixos níveis de utilização dessas mesmas infraestruturas, especialmente entre idosos (FCT, 2015; Governo de Portugal, 2017). No caso do Brasil, a situação é mais grave, pois, para além de possuir os mesmos baixos níveis de utilização, ainda precisa proporcionar disponibilização de serviços e infraestruturas digitais (CETIC, 2015).

Em futuras investigações, pretendemos contribuir com informações estratégicas para formulação de políticas públicas ou privadas voltadas à inclusão digital de idosos. Assim, sugerimos uma nova investigação científica que trabalhe para a produção de conhecimento a ser desenvolvido a partir de experiências já executadas em Portugal e que possam ser benéficas para ajudar a superar o contexto de exclusão digital no Brasil.

Teremos como objetivo identificar, analisar e contextualizar iniciativas exitosas desenvolvidas em Portugal e que relacionem pessoas mais velhas e as TIC que estejam voltadas para a literacia e a inclusão digital. O objetivo será verificar como ações

voltadas para a literacia digital de pessoas mais velhas em Portugal podem ser benéficas para ajudar a superar o contexto de exclusão digital, principalmente, entre as pessoas com 60 anos ou mais na região norte do Brasil. Com o resultado dessa análise o objetivo será conceber uma matriz analítica com diretrizes para implementação de ações adaptadas à realidade brasileira.

Referências bibliográficas

- Abrams, Dominic, Anja Eller, e Jacqueline Bryant. 2006. "An Age Apart: The Effects of Intergenerational Contact and Stereotype Threat on Performance and Intergroup Bias." *Psychology and Aging* 21 (4): 691–702. doi:10.1037/0882-7974.21.4.691.
- Abrams, Dominic, Michael A. Hogg, e José M. Marques. 2005. *The Social Psychology of Inclusion and Exclusion*. New York, NY: Psychology Press.
- Achenbaum, W. Andrew, e Vern L. Bengtson. 1994. "Re-Engaging the Disengagement Theory of Aging: On the History and Assessment of Theory Development in Gerontology." *The Gerontologist* 34 (6): 756–63. doi:10.1093/geront/34.6.756.
- Agichtein, Eugene, Carlos Castillo, Debora Donato, Aristides Gionis, e Gilard Mishne. 2008. "Finding High-Quality Content in Social Media." *International Conference on Web Search and Data Mining*, 183–93. doi:10.1145/1341531.1341557.
- Almuwil, Ahlam, Vishanth Weerakkody, e Ramzi El-Haddadeh. 2011. "A Conceptual Study of the Factors Influencing E-Inclusion." *European, Mediterranean & Middle Eastern Conference on Information Systems 2011* 2011 (2008): 198–209.
- Alves, R., J. Pereira, M. Radin, e R. Sperotto. 2012. "O Uso Das Tecnologias de Informação E Comunicação Pela Terceira Idade." In *II Congresso Internacional TIC E Educação*, 1752–1764.
- Alwin, D. F., e R. J. McCammon. 2003. "Generations, Cohorts, and Social Change." In *Handbook of Life Course*, (Eds.) J. Mortimer and Michael Shanahan, 23–49. New York: Springer US.
- Amaro, F. 2006. "Métodos E Técnicas de Investigação Qualitativa." In *Comunicação E Marketing Político – Contributos Pedagógicos*, (Eds.) M.M. Martins, 161–76. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Anderson, Ben. 2005. "The Value of Mixed-Method Longitudinal Panel Studies in Ict Research." *Information, Communication & Society* 8 (3): 343–67. doi:10.1080/13691180500259160.
- Anderson, Karen, Jake Harwood, e Mary Hummert. 2005. "The Grandparent–grandchild Relationship: Implications for Models of Intergenerational Communication." *Human Communication Research* 31 (2): 268–94. doi:10.1111/j.1468-2958.2005.tb00872.x.
- Andreassen, Cecilie Schou, Torbjørn Torsheim, Geir Scott Brunborg, e Ståle Pallesen. 2012. "Development of a Facebook Addiction Scale." *Psychological Reports* 110 (2): 501–17. doi:10.2466/02.09.18.PR0.110.2.501-517.
- Anthias, F. 2001. "The Concept of 'Social Division' and Theorising Social Stratification: Looking at Ethnicity and Class." *Sociology* 35 (4): 835–54.

- Aparecida, Maria, Santana Ferreira, e Vicente Paulo Alves. 2011. "Representação Social Do Idoso Do Distrito Federal E Sua Inserção Social No Mundo Contemporâneo a Partir Da Internet." *Rev. Bras. Geriatria E Gerontologia* 14 (4): 699–712. doi:10.1590/S1809-98232011000400009.
- Aroldi, Piermarco. 2011. "Generational Belonging between Media Audiences and ICT Users." In *Broadband Society and Generational Changes*, (Eds.) Fausto; Colombo and Leopoldina Fortunati, 51–68. Frankfurt am Main: Peter Lang. doi:10.1017/CBO9781107415324.004.
- Aroldi, Piermarco, e Fausto Colombo. 2007. "Generational Belonging and Mediascape in Europe." *Journal of Social Science Education* 6 (1): 34–44.
- Atchley, R. 1989. "The Continuity Theory of Normal Aging." *The Gerontologist* 29 (2): 183–190.
- . 1993. "Continuity Theory and the Evolution of Activity in Later Adulthood." In *Activity and Aging: Staying Involved in Later Life*, (Eds.) J.R. Kelly, 5–16. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- . 2000. *Continuity and Adaptation in Aging: Creating Positive Experiences*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press.
- . 2007. "Retirement." In *Encyclopedia of Gerontology*, (Eds.) J. E. Birren, 2^a, 449–60. Amsterdam: Elsevier.
- Azevedo, Celiana. 2012. "Gerações, Audiências E Representações Mediáticas." *Revista Comunicando* 1 (1): 4–17.
- . 2013. "Tecnologias E Pessoas Mais Velhas: Importância Do Uso E Apropriação Das Novas Tecnologias de Informação E Comunicação Para as Relações Sociais de Pessoas Mais Velhas Em Portugal." Universidade Nova de Lisboa.
- Baltes, M. M., e L. L. Carstensen. 1996. "The Process of Successful Aging." *Ageing and Society* 16: 397–422.
- Baltes, M. M., e F. R. Lang. 1997. "Everyday Functioning and Successful Aging: The Impact of Resources." *Psychology and Aging* 12 (3): 433–43.
- Baltes, M. M., I. Maas, H. U. Wilms, M. Borchelt, e T. D. Little. 1999. "Everyday Competence in Old and Very Old Age: Theoretical Considerations and Empirical Findings." In *The Berlin Aging Study: Aging from 70 to 100*, (Eds.) P. B. Baltes and K. U. Mayer, 384–402. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Baltes, P. B., e M. M. Baltes. 1990. "Psychological Perspectives on Successful Aging: The Model of Selective Optimization with Adaptation." In *Successful Aging: Perspectives from the Behavioural Sciences*, (Eds.) P. B. Baltes and M. M. Baltes, 1–34. New York: Cambridge University Press.
- Baltes, Paul B., Alexandra M. Freund, e Shu-Chen Li. 2005. "The Psychological Science

- of Human Ageing.” In *The Cambridge Handbook of Age & Ageing*, (Eds.) Malcolm L. Johnson. Cambridge: Cambridge University Press.
- Baltes, Paul, e Margret M. Baltes. 1990. *Successful Aging: Perspectives from the Behavioral Sciences. Uma Ética Para Quantos?* Vol. XXXIII. doi:10.1007/s13398-014-0173-7.2.
- Banco Mundial. 2015. “What Is E-Government ?” Disponível em: <http://www.worldbank.org/en/topic/ict/brief/e-government>. Acesso em: 12/05/2016.
- Barak, B., e B. Stern. 1986. “Subjective Age Correlates: A Research Note.” *The Gerontologist* 26 (5): 571–78. doi:10.1093/geront/26.5.571.
- Bargh, John A., e Katelyn Y. A. McKenna. 2004. “The Internet and Social Life.” *Annual Review of Psychology* 55 (1): 573–90. doi:10.1146/annurev.psych.55.090902.141922.
- Barnard, Yvonne, Mike D. Bradley, Frances Hodgson, e Ashley D. Lloyd. 2013. “Learning to Use New Technologies by Older Adults: Perceived Difficulties, Experimentation Behaviour and Usability.” *Computers in Human Behavior* 29 (4). Elsevier Ltd: 1715–24. doi:10.1016/j.chb.2013.02.006.
- Bass, S., F. Caro, e Y. Chen. 1993. *Achieving a Productive Ageing Society*. Westport, CT: Greenwood. doi:10.1017/CBO9781107415324.004.
- Bauman, Zygmunt. 2003. *Amor Líquido - Sobre a Fragilidade Dos Laços Humanos*. Lisboa: Relógio D’Água.
- Becker, Shirley Ann. 2005. “E-Government Usability for Older Adults.” *Communications of the ACM* 48 (2): 102. doi:10.1145/1042091.1042127.
- Belloc, Filippo, Antonio Nicita, e Maria Alessandra Rossi. 2012. “Whither Policy Design for Broadband Penetration? Evidence from 30 OECD Countries.” *Telecommunications Policy* 36 (5). Elsevier: 382–98. doi:10.1016/j.telpol.2011.11.023.
- Bengtson, Vern L. 2001. “Beyond the Nuclear Family: The Increasing Importance of Multigenerational Bonds.” *Journal of Marriage and Family* 63 (1): 1–16.
- Bengtson, Vern L., E. O. Burgess, e T. M. Parrott. 1997. “Theory , Explanation , and a Third Generation of Theoretical Development in Social Gerontology” 52 (2): 72–88.
- Bengtson, Vern L., E. Burgess, e T. Parrot. 1997. “Theory, Explanation and a Third Generation of Theoretical Development in Social Gerontology.” *Journal of Gerontology: Social Sciences* 52: 72–88.
- Bengtson, Vern L., D. Gans, N. M. Putney, e M. Silverstein. 2009. *Handbook of Theories of Aging*. 2ª. New York: Springer. doi:10.5860/CHOICE.36-5149.

- Bengtson, Vern L., Norella M. Putney, e Malcolm Johnson. 2005. "The Problem of Theory in Gerontology Today." In *The Cambridge Handbook of Age and Ageing*, (Eds.) Malcolm L. Johnson, 3–20. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bengtson, Vern L., e K. W. Schaie. 1999. *Handbook of Theories of Aging*. (Eds.) V.L. Bengtson e K. Warner Schaie. 1ª. New York: Springer Publishing Company.
- Bennett, Tony, Mike Savage, Elizabeth Silva, Alan Warde, Modesto Gayo-Cal Was, e David Wright. 2010. *Culture, Class, Distinction. Actes de La Recherche En Sciences Sociales*. London: Routledge. doi:10.1177/0094306110367909h.
- Bennett, W. 2003. "Communicating Global Activism." *Information, Communication & Society* 6 (2): 143–68. doi:10.1080/1369118032000093860a.
- Berkman, Lisa F., e S. Leonard Syme. 1979. "Social Networks, Host Resistance, and Mortality: A Nine-Year Follow-up Study of Alameda County Residents." *American Journal of Epidemiology* 109 (2): 186–204. doi:10.1093/aje/kwx103.
- Berriman, Frances. 2012. "Using HTML5 for Gov.UK." *Blog, Government Digital Service, United Kingdom*. Disponível em: <https://gds.blog.gov.uk/2012/02/10/using-html5-for-gov-uk/>. Acesso em: 15/07/2016.
- Bertaux, D., e P. Thompson. 1993. *Between Generations. Family Models, Myths and Memories*. Brunswick: Transaction Publishers.
- Blau, Zena S. 1973. *Old Age in a Changing Society*. Oxford, England: New Viewpoints.
- Blau, Zena Smith. 1961. "Structural Constraints on Friendships in Old Age." *American Sociological Review* 26 (3): 429. doi:10.2307/2090670.
- Blit-Cohen, Edith, e Howard Litwin. 2004. "Elder Participation in Cyberspace: A Qualitative Analysis of Israeli Retirees." *Journal of Aging Studies* 18 (4): 385–98. doi:10.1016/j.jaging.2004.06.007.
- Bolin, Göran, e Eli Skogerbø. 2013. "Age, Generation and the Media." *Northern Lights* 11 11: 3–14. doi:10.1386/nl.11.3.
- Bolin, Göran, e O. Westlund. 2009. "Mobile Generations: The Role of Mobile Technology in the Shaping of Swedish Media Generations." *International Journal of Communication* 3: 108–24.
- Boni, Valdete, e Jurema Quaresma. 2005. "Aprendendo a Entrevistar: Como Fazer Entrevistas Em Ciências Sociais." *Revista Eletrônica Dos Pós-Graduandos Em Sociologia Política Da UFSC*, 68–80.
- Boudiny, Kim, e Dimitri Mortelmans. 2011. "A Critical Perspective: Towards a Broader Understanding of 'active Ageing.'" *Electronic Journal of Applied Psychology* 7 (1): 8–14. doi:10.7790/ejap.v7i1.232.
- Bouma, H. 1992. "Overview on Gerontechnology." In *Gerontechnology*, (Eds.) H.

- Bouma e J. Graafmans, 447. Amsterdam: IOS Press.
- Bourdieu, P. 1997. "The Forms of Capital." In *Education, Culture, Economy and Society*, (Eds.) A. Halsey, H. Lauder, P. Brown, e A. Wells, 46–58. Oxford, England: Oxford University Press.
- Bourdieu, Pierre. 1984. *Distinction: A Social Critique Of The Judgement Of Taste*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- . 1986. "Forms of Social Capital." In *Handbook of Theory and Research for Sociology of Education*, (Eds.) J. C. Richards, 241–258. New York: Greenwood Press.
- Bowe, F. 1988. "Why Seniors Don't Use Technology." *Technology Review* 91 (6): 34–40.
- Bower, B. 1997. "Social Links May Counter Health Risks: Research on How Social Isolation Affects Mortality in Older Adults." *Science News* 152 (9): 135.
- Bowling, Ann. 2005a. *Ageing Well: Quality of Life in Old Age*. England: Open University Press.
- . 2005b. *Quality of Life in Old Age*. England: Open University Press.
- . 2008. "Enhancing Later Life: How Older People Perceive Active Ageing?" *Aging & Mental Health* 12 (3): 293–301. doi:10.1080/13607860802120979.
- Bradley, Natalie, e William Poppen. 2003. "Assistive Technology, Computers and Internet May Decrease Sense of Isolation for Homebound Elderly and Disabled Persons." *Technology and Disability* 15: 19–25.
- Brito, Rita. 2012. "A Utilização Do Computador E Internet Por Idosos." In *II Congresso Internacional TIC E Educação - Em Direção À Educação 2.0*, 1195–1207.
- Bronfenbrenner, U. 1979. *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brubaker, Timothy H. 1990. "Families in Later Life: A Burgeoning Research Area." *Journal of Marriage and Family* 52 (4): 959–81. doi:10.1086/639018.
- Buchmann, Marlis C., e Irene Kriesi. 2011. "Transition to Adulthood in Europe." *Annual Review of Sociology* 37 (1): 481–503. doi:10.1146/annurev-soc-081309-150212.
- Buckingham, David, Andrew Burn, e Sue Cranmer. 2005. "The Media Literacy of Children and Young People." *Ofcom*, 1–75.
- Burchardt, Tania, Julian Le Grand, e David Piachaud. 1999. "Social Exclusion in Britain 1991 - 1995." *Social Policy & Administration* 33 (3): 227–44.
- Butler, R. N. 1969. "Age-Isms: Another Form of Bigotry." *The Gerontologist* 9 (4): 243–46.

- Bytheway, Bill. 1995. *Ageism*. Buckingham: Open University Press.
- Cabral, Manuel Villaverde, Pedro Alcântara da Silva, Mariana Ferreira de Almeida, e Susana Cabaço. 2011. "Seniores de Lisboa: Capital Social E Qualidade de Vida." Lisboa.
- Campbell, Scott W., e Yong Jin Park. 2008. "Social Implications of Mobile Telephony: The Rise of Personal Communication Society." *Sociology Compass* 2 (2): 371–87. doi:10.1111/j.1751-9020.2007.00080.x.
- Carleto, Daniel. 2013. "Relações Intergeracionais de Idosos Mediadas Pelas Tecnologias de Informação E Comunicação." Universidade de São Paulo.
- Carmichael, Alex. 1999. "A Style Guide for the Design of Interactive Television Services for Elderly Viewers." *Independent Television Commission, Winchester* 129 (Dezembro): 2865. doi:10.1.1.96.2933.
- Carpentier Reifova, Irena, e Sylvie Fišerová. 2012. "Ageing on-Line in Risk Society: Elderly People Managing the New Risks via New Media in the Context of Decreasing Ontological Security." *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace* 6 (2). doi:10.5817/CP2012-2-5.
- Carr, Deborah. 2009. *Encyclopedia of the Life Course and Human Development*. Farmington Hills, MI: Cengage Learning. doi:10.1002/9780470147658.chpsy0112.
- Carvalho, Bárbara, e Maria Sottomayor. 2011. "Arquivo de Memória Do Vale Do Côa." *Côaviso* 13: 57–68.
- Castells, M. 2000. *The Rise of the Network Society*. 2ª. Oxford, England: Blackwell.
- Center for Technology and Aging. 2014. "The New Era of Connected Aging: A Framework For Understanding Technologies That Support Older Adults in Aging in Place." *CITRIS*. Disponível em: <http://www.techandaging.org/ConnectedAgingFramework.pdf>. Acesso em: 17/03/2016.
- CETIC. 2013. *TIC Domicílios E Empresas 2012 - Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias de Informação E Comunicação No Brasil*. São Paulo.
- . 2015. "TIC Domicílios 2014." São Paulo. Disponível em: http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Domicilios_2014_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 11/03/2016.
- CGI.br. 2014. "TIC Centros Públicos de Acesso 2013 - Pesquisa Sobre O Uso de Telecentros No Brasil." São Paulo.
- . 2016a. "Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros : TIC Domicílios 2016." São Paulo. Disponível em: <http://cetic.br/pesquisa/domicilios/>. Acesso em: 11/03/2017.

- . 2016b. “TIC Domicílios 2015 - Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias de Informação E Comunicação Nos Domicílios Brasileiros.” São Paulo.
- . 2016c. “TIC Governo Eletrônico 2015: Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias Da Informação E Comunicação No Setor Público Brasileiro.” São Paulo. doi:978-85-5559-025-2.
- Chakravarty, S., e C. D’Ambrosio. 2006. “The Measurement of Social Exclusion.” *Review of Income and Wealth* 52 (3): 377–98.
- Charness, N., e Walter R. Boot. 2009. “Aging e Information Technology Use: Potential and Barriers.” *Association for Psychological Science* 18 (5): 253–58.
- Charness, Neil, e Warner Schaie. 2003. *Impact of Technology on Successful Aging*. New York: Springer Publishing Company.
- Chaumon, Marc-Eric, Christine Michel, Franck Tarpin Bernard, e Bernard Croisile. 2013. “Can ICT Improve the Quality of Life of Elderly Adults Living in Residential Home Care Units? From Actual Impacts to Hidden Artefacts.” *Behaviour & Information Technology* 33 (6): 574–90. doi:10.1080/0144929X.2013.832382.
- Chisnell, D., e J. Redish. 2012. “Modelling Older Adults for Website Design.” In *Generational Use of New Media*, (Eds.) E. F. Loos, L. Haddon, e E. A. Mante-Meijer, 107–28. Farnham: Ashgate.
- Chou, Wen Huei, Yu-Ting Lai, e Kuang-Hsia Liu. 2013. “User Requirements of Social Media for the Elderly: A Case Study in Taiwan.” *Behaviour & Information Technology* 32 (9): 920–37. doi:10.1080/0144929X.2012.681068.
- Choudrie, Jyoti, e Amit Vyas. 2014. “Silver Surfers Adopting and Using Facebook? A Quantitative Study of Hertfordshire, UK Applied to Organizational and Social Change.” *Technological Forecasting and Social Change* 89 (November): 293–305. doi:10.1016/j.techfore.2014.08.007.
- Chua, Siew Lian, Der-thang Chen, e Angela F. L. Wong. 1999. “Computer Anxiety and Its Correlates: A Meta-Analysis.” *Computers in Human Behavior* 15: 609–23.
- Claßen, K., F. Oswald, H. W. Wahl, C. Becker, e C. Heusel. 2010. “Perception and Use of New Technologies by Residents and Staff in an Institutional Context: Data from the Project BETAGT.” In *Ambient Assisted Living: Technology and Innovation for AgeingWell*. Malaga, Spain.
- Claßen, Katrin, Laura I. Schmidt, e Hans-Werner Wahl. 2013. “Technology and Ageing: Potential for European Societies.” In *Aging in European Societies: Healthy Aging in Europe*, (Eds.) C. Phellas, 33–47. New York: Springer US. doi:10.1007/978-1-4419-8345-9_3.
- Cody, Michael J, Deborah Dunn, Shari Hoppin, e Pamela Wendt. 1999. “Silver Surfers: Training and Evaluating Internet Use among Older Adult Learners.”

Communication Education. doi:10.1080/03634529909379178.

- Coelho, José, António Monteiro, Pedro Veiga, e Francisco Tomé. 1997. "Livro Verde Para a Sociedade Da Informação Em Portugal," 40. Disponível em: <http://www2.ufp.pt/~lmbg/formacao/lvfinal.pdf%5Cnhttp://area.dgicd.min-edu.pt/inovbasic/rec/livro-verde/index.htm>. Acesso em: 13/05/2016.
- Cohen, E. S. 2001. "The Complex Nature of Ageism: What Is It? Who Does It? Who Perceives It?" *The Gerontologist* 41 (5): 576–577. doi:10.1093/geront/41.5.576.
- Colombo, Fausto, e Leopoldina Fortunati. 2011. *Broadband Society and Generational Changes*. (Eds.) Fausto Colombo e Leopoldina Fortunati. Vol. 5. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Colombo, Fausto, Piermarco Aroldi, e Simone Carlo. 2014. "'Stay Tuned': The Role of ICTs in Elderly Life." In *Active Ageing and Healthy Living*, (Eds.) Giuseppe Riva, Paolo Ajmone Marsan, e Claudio Grassi, 145–56. Amsterdam: IOS Press BV. doi:10.3233/978-1-61499-425-1-145.
- . 2015. "Nuevos Mayores, Viejas Brechas: TIC, Desigualdad Y Bienestar En La Tercera Edad En Italia." *Comunicar* 45 (23): 47–55.
- Comissão Europeia. 1993. "Growth, Competitiveness, Employment - The Challenges and Ways Forward into the 21st Century (White Paper)." Luxembourg. Disponível em: http://europa.eu/documentation/official-docs/white-papers/pdf/growth_wp_com_93_700_parts_a_b.pdf. Acesso em: 26/04/2015
- . 1994. "Europe's Way to the Information Society - An Action Plan." *Policy*. Bruxelas. Disponível em: [http://www.channelingreality.com/Digital_Treason/Brussels_1995/COM\(94\)347_EU_WAY_TO_INFO_SOCIETY_Action_Plan.pdf](http://www.channelingreality.com/Digital_Treason/Brussels_1995/COM(94)347_EU_WAY_TO_INFO_SOCIETY_Action_Plan.pdf). Acesso em: 13/09/2016
- . 2007. "Envelhecer Bem Na Sociedade Da Informação: Uma Iniciativa i2010 Plano de Acção No domínio 'Tecnologias Da Informação E Das Comunicações E Envelhecimento.'" Bruxelas.
- Connidis, Ingrid Arnet. 2010. *Family Ties and Aging*. 2^o. Los Angeles: SAGE Publications, Ltd.
- Cornejo, R., J. Favela, e M. Tentori. 2010. "Ambient Displays for Integrating Older Adults into Social Networking Sites." In *International Conference on Collaboration and Technology*, 321–336. Berlim: Springer Berlin Heidelberg.
- Corsten, M. 1999. "The Time of Generations." *Time & Society* 8 (2–3): 249–72. doi:10.1177/0961463X99008002003.
- Cotten, Shelia R., William a. Anderson, e Brandi M. McCullough. 2013. "Impact of Internet Use on Loneliness and Contact with Others Among Older Adults: Cross-Sectional Analysis." *Journal of Medical Internet Research* 15 (2): 39–56.

doi:10.2196/jmir.2306.

- Cotten, Shelia R., George Ford, Sherry Ford, e Timothy M. Hale. 2012. "Internet Use and Depression among Older Adults." *Computers in Human Behavior* 28 (2). Elsevier Ltd: 496–99. doi:10.1016/j.chb.2011.10.021.
- Cotterill, Pamela. 2005. *Friendly Relations? Mothers and Their Daughters-in-Law*. London, England: Taylor & Francis.
- Cumming, E., e W. E. Henry. 1961. *Growing Older: The Process of Disengagement*. New York: Basic Books.
- Cummings, Jonathon N, e Robert Kraut. 2001. "Domesticating Computers and the Internet." *Human-Computer Interaction Institute*. Pittsburgh, PA. doi:10.1080/01972240290074977.
- Cunha, Isabel Ferin. 2004. "Repensar a Investigação Empírica Sobre Os Media Eo Jornalismo." *BOCC-Biblioteca Online de Ciências Da Comunicação*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-metodologias.html>. Acesso em: 26/08/2015.
- Czaja, S. J., N. Charness, A. D. Fisk, C. Hertzog, S. N. Nair, W. A. Rogers, e J. Sharit. 2006. "Factors Predicting the Use of Technology: Findings from the Center for Research and Education on Aging and Technology Enhancement (CREATE)." *Psychol Aging* 21 (12): 333–352. doi:10.1016/j.drugalcdep.2008.02.002.A.
- Czaja, Sara J., e Chin Chin Lee. 2007. "The Impact of Aging on Access to Technology." *Universal Access in the Information Society* 5 (4): 341–49. doi:10.1007/s10209-006-0060-x.
- Daatland, Svein Olav. 2005. "Quality of Life and Ageing." In *The Cambridge Handbook of Age and Ageing*, (Eds.) Malcolm Johnson, 371–77. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dannefer, Dale. 1988. "What's in a Name? An Account of the Neglect of Variability in the Study of Ageing." In *Emergent Theories of Ageing*, (Eds.) J.E. Birren e V.L. Bengtson, 530. New York: Springer.
- . 2001. "Whose Life Course Is It, Anyway? Diversity and 'linked Lives' in Global Perspective." In *Invitation to the Life Course: Toward New Understandings of Later Life*, (Eds.) R. A. Settersten, 259–68. NY: Baywood: Amityville.
- Karen L. Fingerman. 2001. *Aging Mothers and Their Adult Daughters: A Study in Mixed Emotions*. New York, NY: Springer Publishing Company.
- Davis, F. D., e V. Venkatesh. 1996. "A Critical Assessment of Potential Measurement Biases in the Technology Acceptance Model : Three Experiments." *International Journal of Human-Computer Studies* 45: 19–45.
- de Jong-Gierveld, J. 1987. "Developing and Testing a Model of Loneliness." *Journal of*

Personality and Social Psychology 53 (1): 119–28. doi:10.1037//0022-3514.53.1.119.

Demiris, George, Brian K Hensel, Marjorie Skubic, e Marilyn Rantz. 2008. "Senior Residents' Perceived Need of and Preferences For 'smart Home' sensor Technologies." *International Journal of Technology Assessment in Health Care* 24 (1): 120–24. doi:10.1017/S0266462307080154.

Denscombe, Martyn. 2010. *The Good Research Guide: For Small-Scale Social Research Projects. For Small-Scale Research Projects*. 4^a. Berkshire England: Open University Press.

Deursen, A. 2012. "Age and Internet Skills: Rethinking the Obvious." In *Generational Use of New Media*, (Eds.) L. Haddon Loos e E. Mante-Meijer, 170–84. England: Ashgate.

Dias, Isabel. 2012. "O Uso Das Tecnologias Digitais Entre Os Seniores: Motivações E Interesses." *Sociologia, Problemas E Práticas* 2012 (68): 51–77. doi:10.7458/SPP201268693.

Dickinson, Anna, e Peter Gregor. 2006. "Computer Use Has No Demonstrated Impact on the Well-Being of Older Adults." *International Journal of Human-Computer Studies* 64 (8): 744–53. doi:10.1016/j.ijhcs.2006.03.001.

Doll, Johannes. 2010. "Gerações – Um Olhar Para O 'Problema Das Gerações' de Karl Mannheim." *Revista Portal de Divulgação* 3: 43–49.

Donlon, Margie M., Ori Ashman, e Becca R. Levy. 2005. "Re-Vision of Older Television Characters: A Stereotype-Awareness Intervention." *Journal of Social Issues* 61 (2): 307–19. doi:10.1111/j.1540-4560.2005.00407.x.

dos Santos, Ariene Angelini, Sofia Cristina Iost Pavarini, e Elizabeth Joan Barham. 2011. "Percepção de Idosos Pobres Com Alterações Cognitivas Sobre Funcionalidade Familiar." *Texto E Contexto Enfermagem* 20 (1): 102–10. doi:10.1590/S0104-07072011000100012.

Döveling, Katrin. 2015. "Emotion Regulation in Bereavement: Searching for and Finding Emotional Support in Social Network Sites." *New Review of Hypermedia and Multimedia* 21 (1–2). Taylor & Francis: 106–22. doi:10.1080/13614568.2014.983558.

———. 2017. "Online Emotion Regulation in Digitally Mediated Bereavement." *Journal of Broadcasting & Electronic Media* 61 (1). Routledge: 41–57. doi:10.1080/08838151.2016.1273926.

Durkheim, Émile. 1897. *Le Suicide: Étude de Sociologie*. Paris: F. Alcan.

Durndell, Alan, e Zsolt Haag. 2002. "Computer Self Efficacy, Computer Anxiety, Attitudes towards the Internet and Reported Experience with the Internet, by

- Gender, in an East European Sample." *Computers in Human Behavior* 18 (5): 521–35. doi:10.1016/S0747-5632(02)00006-7.
- Dutton, W., e E.J. Helsper. 2007. "The Internet in Britain: 2007." Oxford, UK.
- Dyck, J.L., e J.A. Smither. 1994. "Age Differences in Computer Anxiety: The Role of Computer Experience, Gender and Education." *Journal of Educational Computing Research* 10 (3): 238–48.
- Eastin, Matthew S., e Robert LaRose. 2000. "Internet Self-Efficacy and the Psychology of the Digital Divide." *Journal of Computer-Mediated Communication* 6 (1). Blackwell Publishing Ltd: 0–0. doi:10.1111/j.1083-6101.2000.tb00110.x.
- Eggermont, Steven, Heidi Vandebosch, e Stef Steyaert. 2006. "Towards the Desired Future of the Elderly and ICT: Policy Recommendations Based on a Dialogue with Senior Citizens." *Poiesis Und Praxis* 4: 199–217. doi:10.1007/s10202-005-0017-9.
- Ekerdt, D. J. 1986. "The Busy Ethic: Moral Continuity between Work and Retirement." *The Gerontologist* 26: 239–44.
- Elder, Glen. 1974. *Children of the Great Depression: Social Change in Life Experience*. Chicago: University of Chicago Press.
- . 1975. "Age Differentiation and the Life Course." *Annual Review of Sociology* 1: 165–190.
- Elder, Glen, M. K. Johnson, e R. Crosnoe. 2003a. "The Emergence and Development of Life Course Theory." In *Handbook of Life Course*, (Eds.) Springer US, 3–19. New York.
- . 2003b. "The Emergence and Development of Life Course Theory." In *Handbook of the Life Course*, (Eds.) J. Mortimer e M. Shanahan, 3–22. New York: Plenum Press.
- Elder, Glen, e Michael Shanahan. 2006. "The Life Course and Human Development." In *A Handbook of Child Psychology - Theoretical Models Os Human Development*, (Eds.) R. M. Lerner, 6^o, 665–715. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Ellison, Nicole B., Charles Steinfield, e Cliff Lampe. 2007. "The Benefits of Facebook 'friends': Social Capital and College Students' Use of Online Social Network Sites." *Journal of Computer-Mediated Communication* 12 (4): 1143–68. doi:10.1111/j.1083-6101.2007.00367.x.
- Erickson, Lb. 2011. "Social Media, Social Capital, and Seniors: The Impact of Facebook on Bonding and Bridging Social Capital of Individuals over 65." In *Amcis 2011 Proceedings*, 1–7. Detroit, Michigan.
- Eurofound. 2012. "Intergenerational Solidarity." Luxembourg. doi:10.2806/35558.
- European Commission. 2005. "i2010 – A European Information Society for Growth and

- Employment.” Bruxelas. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52005DC0229&from=EN>. Acesso em: 23/05/2016.
- — —. 2009. “Intergenerational Solidarity: Analytical Report.” *Flash Eurobarometer*. Disponível em: <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Intergenerational+solidarity+-+Analytical+report#7>. Acesso em: 23/05/2016.
- — —. 2010. “ICT & Ageing: European Study on Users, Markets and Technologies Final Report.”
- — —. 2012a. *Active Ageing and Solidarity between Generations: A Statistical Portrait of the European Union 2012*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. doi:10.2785/17758.
- — —. 2012b. “ICT for Seniors’ and Intergenerational Learning.” Disponível em: http://eacea.ec.europa.eu/llp/results_projects/documents/publi/ict_intergenerational_learning.pdf. Acesso em: 12/04/2016.
- — —. 2016. “EU eGovernment Action Plan 2016-2020 - Accelerating the Digital Transformation of Government.” *Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions*. Bruxelas. doi:10.1017/CBO9781107415324.004.
- European Union. 2011. “How to Promote Active Ageing in Europe: EU Support to Local and Regional Actors.”
- Eurostat. 2017. “Individuals Using the Internet for Interacting with Public Authorities.” *Eurostat Data Explorer*. Disponível em: <http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/submitViewTableAction.do>. Acesso em: 29/08/2016.
- FCT. 2013. “Vulnerable People & ICT in Portugal: The Practice of More than 15 Years.” Lisboa. Disponível em: https://www.fct.pt/dsi/docs/fct_vulnerablepeople_ict.pdf. Acesso em: 13/02/2016.
- Featherstone, Mike, e M Hepworth. 2005. *Images of Ageing: Cultural Representations of Later Life*. (Eds.) Mike Featherstone e M Hepworth. London: Routledge.
- Felce, D, e J Perry. 1995. “Quality of Life: Its Definition and Measurement.” *Research in Developmental Disabilities* 16 (1): 51–74. doi:10.1016/0891-4222(94)00028-8.
- Fernandes, Sara. 2015. “EGOV Em Portugal: Situação, Desafios E Estratégia.” *Universidade Do Minho*. doi:10.1017/CBO9781107415324.004.
- Fernandez-Ballesteros, R., M. D. Zamarron, J. Diez-Nicolas, M. D. Lopez-Bravo, M. a. Molina, e R. Schettini. 2011. “Productivity in Old Age.” *Research on Aging* 33 (2):

205–26. doi:10.1177/0164027510395398.

Fernandez-Ballesteros, R., M. Zamarron, e M. Ruiz. 2001. "The Contribution of Socio-Demographic and Psychosocial Factors to Life Satisfaction." *Ageing and Society* 21 (1): 25–43.

Ferreira, S. 2010. "Estudo Qualitativo E Comparativo Do Uso Das TIC's Pelo Cidadão Sênior." Universidade de Aveiro.

FGV. 2003. "Mapa Da Exclusão Digital." *Cps/lbre/Fgv*. Rio de Janeiro.

Fiske, Amy, e R. S. Jones. 2005. "Depression." In *Cambridge Handbook of Age and Ageing*, (Eds.) Malcolm L. Johnson, 245–51. Cambridge: Cambridge University Press.

Fokkema, T, e K Knipscheer. 2007. "Escape Loneliness by Going Digital: A Quantitative and Qualitative Evaluation of a Dutch Experiment in Using ECT to Overcome Loneliness among Older Adults." *Aging & Mental Health* 11 (5): 496–504. doi:10.1080/13607860701366129.

Foresheew-Cain, Stephen. 2015. "How Digital and Technology Transformation Saved £1.7bn Last Year." *Blog, Government Digital Service, United Kingdom*. Disponível em: <https://gds.blog.gov.uk/2015/10/23/how-digital-and-technology-transformation-saved-1-7bn-last-year/>. Acesso em: 23/09/2016.

Fortim, Ivelise. 2015. "Dependência Da Internet." In *TIC Domicílios 2014 - Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias de Informação E Comunicação Nos Domicílios Brasileiros*, CETIC, 51–59. São Paulo.

Fortunati, Leopoldina. 2007. "Information , Communication & Society The Mobile Phone : Towards New Categories and Social Relations," no. January 2013. doi:10.1080/1369118022000028160.

Freedman, M. 2008. *Prime Time: How Baby Boomers Will Revolutionize Retirement and Transform America*. New York, NY: Public Affairs.

Freund, A. M., e P. B. Baltes. 2002. "Life-Management Strategies of Selection, Optimization and Compensation: Measurement by Self-Report and Construct Validity." *Journal of Personality and Social Psychology* 82 (4): 642–62.

Freund, a M, e P B Baltes. 2002. "Selection, Optimization, and Compensation as Strategies of Life Management: Correlations with Subjective Indicators of Successful Aging." *Psychology and Aging* 13 (4): 642–62. doi:10.1037/0882-7974.13.4.531.

Frey, By William H. 2011. "America' S Seniors Baby Boomers and the New Demographics of America's Seniors." *Journal of the American Society on Aging* 34 (3): 28–37.

Friemel, T. N. 2014. "The Digital Divide Has Grown Old: Determinants of a Digital Divide

- among Seniors.” *New Media & Society*, 1–19. doi:10.1177/1461444814538648.
- Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2015. “Estratégia Nacional Para a Inclusão O É Literacia Digitais (2015 – 2020).” Disponível em: <http://www.ticsociedade.pt/enild>. Acesso em: 12/10/2017.
- Gaggioli, A., L. Milani, E. Mazzoni, e G. Riva. 2013. *Networked Flow: Towards an Understanding of Creative Networks*. Dordrecht: Springer.
- Gaggioli, Andrea, Luca Morganti, Silvio Bonfiglio, Chiara Scaratti, Pietro Cipresso, Silvia Serino, e Giuseppe Riva. 2014. “Intergenerational Group Reminiscence: A Potentially Effective Intervention to Enhance Elderly Psychosocial Wellbeing and to Improve Children’s Perception of Aging.” *Educational Gerontology* 40 (March 2015): 486–98. doi:10.1080/03601277.2013.844042.
- Gagliardi, Cristina, Giulia Mazzarini, Roberta Papa, Cinzia Giuli, e Fiorella Marcellini. 2007. “Designing a Learning Program to Link Old and Disabled People to Computers.” *Educational Gerontology* 34 (February 2015): 15–29. doi:10.1080/03601270701763902.
- George, L. K. 1996. “Missing Links: The Case for a Social Psychology of the Life Course.” *The Gerontologist* 36 (2): 248–55. doi:10.1093/geront/36.2.248.
- Giarrusso, R., M. Silverstein, D. Gans, e V. L. Bengtson. 2005. “Ageing Parents and Adult Children: New Perspectives on Intergenerational Relationships.” In *Cambridge Handbook of Age and Ageing*, (Eds.) Malcolm L. Johnson, 413–21. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibson, Heather, Candace Ashton-Shaeffer, Jenny Green, e Cari Autry. 2003. “Leisure in the Lives of Retirement-Aged Women: Conversations about Leisure and Life.” *Leisure/Loisir* 28 (3–4): 203–230. doi:10.1080/14927713.2003.9651313.
- Giddens, Anthony. 1979. *Central Problem in Social Theory: Action, Structure and Contradictions in Social Analysis*. Berkeley: University of California Press.
- . 1984. *The Constitution of Society - Outline of the Theory of Structuration*. Cambridge: Polity Press.
- Gil-Garcia, J. Ramon, e Beatriz Barreto Brasileiro Lanza. 2016. “Governo Digital No Brasil, No México E Nos Estados Unidos: Esforços Iniciais E Status Atual.” In *TIC Governo Eletrônico 2015: Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias Da Informação E Comunicação No Setor Público Brasileiro*, (Eds.) CGI.br, 45–54. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil.
- Gil, Henrique Teixeira. 2014. “Os Cidadãos Mais Idosos (65+ Anos) Do Concelho de Castelo Branco Na Utilização Das TIC, E-Saúde E E-Governo Local.” Universidade de Lisboa.
- Gilleard, Chris. 2005. “Cultural Approaches to the Ageing Body.” In *The Cambridge*

- Handbook of Age & Ageing*, (Eds.) Malcolm L. Johnson, 156–64. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gilleard, Chris, e Paul Higgs. 2008. "Internet Use and the Digital Divide in the English Longitudinal Study of Ageing." *European Journal of Ageing* 5 (3): 233–39. doi:10.1007/s10433-008-0083-7.
- Gilly, M. C., e V. Zeithaml. 1985. "The Elderly Consumer and Adoption of Technologies." *Journal of Consumer Research* 12 (4): 353–57.
- Gilster, P. 1998. *Digital Literacy*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- GNR. 2016. "Resultados Da Operação Censos Sénior 2016." Lisboa. Disponível em: <http://www.gnr.pt/comunicado.aspx?linha=12>. Acesso em: 11/12/2017.
- Godoi, Christian Justino D E. 2009. "Celular: Representações Das Desigualdades Na Mobilidade." Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- Goffman, E. 1969. *Strategic Interaction*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- González, Antonio, M. Paz Ramírez, e Vicente Viadel. 2012. "Attitudes of the Elderly Toward Information and Communications Technologies." *Educational Gerontology* 38 (9): 585–94. doi:10.1080/03601277.2011.595314.
- Goodman, Joy, e Audrey Syme. 2003. "Older Adults' Use of Computers: A Survey." *Proceedings of HCI 2003* 2: . 25–38.
- Gordon, David, Ruth Levitas, Christina Pantazis, Demi Patsios, Sarah Payne, e Peter Townsend. 2000. "Poverty and Social Exclusion in Britain." *Joseph Rowntree Foundation*. York, England: Joseph Rowntree Foundation.
- Gorini, Alessandra, Claret S Capideville, Gianluca De Leo, Fabrizia Mantovani, e Giuseppe Riva. 2011. "The Role of Immersion and Narrative in Mediated Presence: The Virtual Hospital Experience." *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking* 14 (3): 99–105. doi:10.1089/cyber.2010.0100.
- Governo Brasileiro. 2000. "Histórico Do Programa de Governo Eletrônico Brasileiro." 2017. Disponível em: <https://www.governoeletronico.gov.br/sobre-o-programa/historico#wrapper>. Acesso em: 23/10/2015.
- . 2001. "Decreto de 3 Abril de 2000." 2000. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/2000/Dnn8917.htm. Acesso em: 23/10/2015.
- . 2013. "Decreto N° 8.114." Brasília: Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8114.htm. Acesso em: 23/10/2015.
- . 2016. "EGD - Estratégia de Governança Digital Da Administração Pública Federal 2016-19." *Ministério Do Planejamento, Orçamento E Gestão, Secretaria*

de Tecnologia Da Informação. Brasília. Disponível em:
<http://www.governoeletronico.gov.br/egd/estrategia-de-governanca-digital>.
Acesso em: 24/06/2016.

Governo de Portugal. 1991. “Resolução Do Conselho de Ministros 18/91, de 31 de Maio.” *Governo de Portugal*. Disponível em:
<https://dre.tretas.org/dre/25340/resolucao-do-conselho-de-ministros-18-91-de-31-de-maio>. Acesso em: 24/06/2016.

———. 1999. “Iniciativa Nacional Para Os Cidadãos Com Necessidades Especiais Na Sociedade Da Informação.” *Diário Da República N. 199 (Série I-B)*. Lisboa.

———. 2005. “Ligar Portugal: Um Programa de Acção Integrado No PLANO TECNOLÓGICO Do XVII Governo: Mobilizar a Sociedade de Informação E Do Conhecimento.” *Ministério Da Ciência, Tecnologia E Ensino Superior*. Lisboa. Disponível em: <http://www.ligarportugal.pt/>. Acesso em: 23/11/2016.

———. 2012a. “Ano Europeu Do Envelhecimento Ativo E Da Solidariedade Entre Gerações - Plano de Ação 2012.” *Governo de Portugal*. Lisboa. Disponível em: http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa_AcaoAnoEuropeu2012.pdf. Acesso em: 23/11/2016.

———. 2012b. “Resolução Da Assembleia Da República N.º 61/2012 - Por Um Envelhecimento Ativo.” *Diário Da República*. Lisboa. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/553275>. Acesso em: 24/11/2016.

———. 2017. “Iniciativa Nacional Competências Digitais e.2030 - Portugal INCoDe.2030.” Disponível em: *República Portuguesa*. Lisboa. <http://www.incode2030.pt/>. Acesso em: 07/08/2017.

Governo do Brasil. 2000a. “Decreto de 18 de Outubro de 2000.” Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em:
http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=3&data=19/10/2000%5Cnhttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/DNN9067.htm. Acesso em: 15/09/2017.

———. 2000b. “Sociedade Da Informação No Brasil: Livro Verde.” *Brasília: MCT*. Brasília.

Gray, Anne. 2009. “The Social Capital of Older People.” *Ageing & Society* 29 (1): 5–31. doi:doi:10.1017/S0144686X08007617.

Greenberg, Jeff, Jeff Schimel, e Andy Mertens. 2002. “Ageism: Denying the Face of the Future.” In *Ageism: Stereotyping And Prejudice Against Older Persons*, 27–48. London, England: The MIT Press.

Gutzmann, H. 2000. “Diagnosis and Therapy of Depression in Advanced Age.” *Therapeutische Umschau* 57: 95–99.

- Haddon, Leslie. 2000. "Social Exclusion and Information and Communication Technologies." *New Media and Society* 2 (4): 387–406.
- Haddon, Leslie, e Roger Silverstone. 1996. "Information and Communication Technologies and the Young Elderly." University of Sussex.
- Hagberg, J. 2012. "Being the Oldest Old in a Shifting Technology Landscape." In *Generational of New Media*, (Eds.) Eugène Loos, Leslie Haddon, e Enid Mante-Meijer, 89–106. England: Ashgate.
- Hagestad, Gunhild O., e Peter Uhlenberg. 2005. "The Social Separation of Old and Young: A Root of Ageism." *Journal of Social Issues* 61 (2): 343–60. doi:10.1111/j.1540-4560.2005.00409.x.
- Halloran, J. 1998. "Mass Communication Research: Asking the Right Questions." In *Mass Communication Research Methods*, (Eds.) A. Hansen, 1–32. London: Sage.
- Hammersley, M. 1990. *Reading Ethnographic Research*. London: Longman.
- Handel, G. 2000. *Making a Life in Yorkville: Experience and Meaning in the Life-Course Narrative of an Urban Working-Class Man*. Westport, CT: Greenwood Press.
- Hargittai, Eszter. 2007. "Whose Space? Differences among Users and Non-Users of Social Network Sites." *Journal of Computer-Mediated Communication* 13 (1): 276–97. doi:10.1111/j.1083-6101.2007.00396.x.
- Hawthorn, D. 2000. "Possible Implications of Aging for Interface Designers." *Interacting with Computers* 12 (5): 507–28. doi:10.1016/S0953-5438(99)00021-1.
- Heinz, Melinda. 2013. "Exploring Predictors of Technology Adoption among Older Adults." Tese de doutorado. Departamento de Filosofia. Iowa State University.
- Helsper, Ellen. 2008. "Digital Inclusion: An Analysis of Social Disadvantage and the Information Society." London.
- . 2009. "The Ageing Internet: Digital Choice and Exclusion among the Elderly." *Working with Older People* 13 (4): 28–33. doi:10.1108/13663666200900068.
- . 2012. "A Corresponding Fields Model for the Links Between Social and Digital Exclusion." *Communication Theory* 22: 403–26. doi:10.1111/j.1468-2885.2012.01416.x.
- Helsper, Ellen, e Rebecca Eynon. 2010. "Digital Natives: Where Is the Evidence?" *British Educational Research Journal* 36 (3): 503–20. doi:10.1080/01411920902989227.
- Henke, M. 1999. "Promoting Independence in Older Persons through the Internet." *CyberPsychology & Behavior* 2 (6): 521–27.
- Hernández-Encuentra, Eulàlia, Modesta Pousada, e Beni Gómez-Zúñiga. 2009. "ICT and Older People: Beyond Usability." *Educational Gerontology* 35 (3): 226–45.

doi:10.1080/03601270802466934.

Hirshbein, L. D. 2001. "The Flapper and the Fog: Representations of Gender and Age in the 1920s." *Journal of Family History* 26 (1): 112–37.
doi:10.1177/036319900102600106.

Holt-Lunstad, Julianne, Timothy B. Smith, J. Bradley Layton, BS Rabin, JM Gwaltney, M Kobayakawa, K Nagai, N Nishiwaki, Y Tsubono, e Y Uchitomi. 2010. "Social Relationships and Mortality Risk: A Meta-Analytic Review." (Eds.) Carol Brayne. *PLoS Medicine* 7 (7). National Institute on Aging: 1–20.
doi:10.1371/journal.pmed.1000316.

Horrigan, John B. 2014. "Closing Online Access Gaps for Older Adults." Disponível em: <http://twcresearchprogram.com>. Acesso em: 23/07/2017.

Hur, Won-Moo, Hanna Kim, e Wan-Min Kim. 2014. "The Moderating Roles of Gender and Age in Tablet Computer Adoption." *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking* 17 (1): 33–39. doi:10.1089/cyber.2012.0435.

IBGE. 2010. *Síntese de Indicadores Sociais - Uma Análise Das Condições de Vida Da População Brasileira 2010*. Rio de Janeiro.

———. 2013. "Perfil Dos Municípios Brasileiros - 2012." Rio de Janeiro. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64638.pdf>. Acesso em: 14/03/2016.

———. 2014. *Pesquisa Nacional de Saúde 2013: Percepção de Estado de Saúde, Estilo de Vida E Doenças Crônicas*. Ministério Da Saúde. Rio de Janeiro: IBGE.

———. 2016. "Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise Das Condições de Vida Da População Brasileira 2016." Rio de Janeiro 2016.

Independent Age. 2010. "Older People, Technology and Community." London.

INE. 2002. "O Envelhecimento Em Portugal: Situação Demográfica E Sócio-Económica Recente Das Pessoas Idosas." *Revista de Estudos Demográficos*.

———. 2013. "Taxa de Mortalidade Padronizada (65 e Mais Anos)." Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCo d=0005068&contexto=bd&selTab=tab2. Acesso em: 18/09/2014.

———. 2014. "Estatísticas do Emprego 2014." Lisboa. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACO ESpub_boui=225202513&PUBLICACOESmodo=2. Acesso em: 21/01/2018.

———. 2016a. *Inquerito Nacional de Saúde 2014*. (Eds.) I.P Instituto Nacional de Estatística. INE. 2016th ed. Lisboa. doi:10.1017/CBO9781107415324.004.

———. 2016b. "Tábuas de Mortalidade Para Portugal 2014-2016." Lisboa. Disponível em: <http://www.peprobe.com/pt-pt/serial/ine-tabuas-de-mortalidade-para->

- portugal. Acesso em: 21/01/20218.
- — —. 2017. “Sociedade Da Informação E Do Conhecimento. Inquérito À Utilização de Tecnologias Da Informação E Da Comunicação Pelas Famílias 2017.” Lisboa. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=250254698&DESTAQUESmodo=2. Acesso em: 10/10/2017.
- Ingersoll-Dayton, B., D. Morgan, e T. Antonucci. 1997. “The Effects of Positive and Negative Social Exchanges on Aging Adults.” *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences* 52B (4): 190–99. doi:10.1093/geronb/52B.4.S190.
- Iso-Ahola, S. E., E. Jackson, e E. Dunn. 1994. “Starting, Ceasing, and Replacing Leisure Activities over the Life-Span.” *Journal of Leisure Research* 26 (3): 227–49.
- ITU. 2016. *Measuring the Information Society Report 2016*. Genebra: International Telecommunication Union. doi:978-92-61-21431-9.
- Iwasaki, Yoshi, e Bryan J. a. Smale. 1998. “Longitudinal Analyses of the Relationships among Life Transitions, Chronic Health Problems, Leisure, and Psychological Well-being.” *Leisure Sciences* 20 (1): 25–52. doi:10.1080/01490409809512263.
- James, A., C. Jenks, e A. Prout. 1998. *Theorizing Childhood*. Cambridge: Polity.
- Janke, Megan, Adam Davey, e Douglas Kleiber. 2006. “Modeling Change in Older Adults’ Leisure Activities.” *Leisure Sciences* 28 (3): 285–303. doi:10.1080/01490400600598145.
- Johnson, C. L., e B.M. Barrer. 1994. “Patterns of Engagement and Disengagement among the Oldest Old.” *Journal of Aging Studies* 6 (4): 351–364.
- Johnson, Malcolm L. 2005. *The Cambridge Handbook of Age and Ageing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jolanki, Outi Hannele. 2009. “Agency in Talk about Old Age and Health.” *Journal of Aging Studies* 23 (4). Elsevier Inc.: 215–26. doi:10.1016/j.jaging.2007.12.020.
- Kachar, Vitória. 2010. “Envelhecimento E Perspectivas de Inclusão Digital.” *Kairós. Revista Da Faculdade de Ciências Humanas E ...* 13 (2): 131–47.
- Katz, James, e Mark Aakhus. 2002a. *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- — —. 2002b. *Perpetual Contact: Personal Communication, Private Talk, Public Performance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Katz, James, e R. Rice. 2002. *Social Consequences of Internet Use: Access, Involvement, and Interaction*. Cambridge, MA: MIT Press.

- Katz, Jeanne, Caroline Holland, e Sheila Peace. 2013. "Hearing the Voices of People with High Support Needs." *Journal of Aging Studies* 27 (1): 52–60. doi:10.1016/j.jaging.2012.11.003.
- Katz, Stephen. 1996. *Disciplining Old Age: The Formation of Gerontological Knowledge*. Charlottesville: UPV.
- . 2000. "Busy Bodies: Activity, Aging, and the Management of Everyday Life." *Journal of Aging Studies* 14 (2): 135–52. doi:10.1016/S0890-4065(00)80008-0.
- Kelly, J. R. 1993. *Activity and Aging: Staying Involved in Later Life*. Newbury Park, California: Sage.
- Kelly, John R., Marjorie W. Steinkamp, e Janice R. Kelly. 1987. "Later-life Satisfaction: Does Leisure Contribute?" *Leisure Sciences* 9 (3): 189–99. doi:10.1080/01490408709512159.
- Kennedy, Gary J., e Stacey Tanenbaum. 2000. "Suicide and Aging: International Perspectives." *Psychiatric Quarterly* 71 (4): 345–62. doi:10.1023/A:1004636307592.
- Khullar, Gurdeep S., e Beverley Reynolds. 1990. "Quality of Life and Activity: A Test of the Activity -'versus'- Disengagement Theories." *International Review of Modern Sociology* 20 (1): 33–68.
- Kim, Dan J., Donald L. Ferrin, e H. Raghav Rao. 2008. "A Trust-Based Consumer Decision-Making Model in Electronic Commerce: The Role of Trust, Perceived Risk, and Their Antecedents." *Decision Support Systems* 44 (2): 544–64. doi:10.1016/j.dss.2007.07.001.
- Kittinger, Robert, Christopher J. Correia, e Jessica G. Irons. 2012. "Relationship Between Facebook Use and Problematic Internet Use Among College Students." *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking* 15 (6): 324–27. doi:10.1089/cyber.2010.0410.
- Kitzinger, J. 1995. *Introducing Focus Groups*. UK: Glasgow University Media Group.
- Kleemeier, Robert W. 1964. "Leisure and Disengagement in Retirement." *Gerontologist* 4 (4): 180–84. doi:10.1093/geront/4.4.180.
- Kleiber, Douglas a., Susan L. Hutchinson, e Richard Williams. 2002. "Leisure as a Resource in Transcending Negative Life Events: Self-Protection, Self-Restoration, and Personal Transformation." *Leisure Sciences* 24 (2): 219–35. doi:10.1080/01490400252900167.
- Korupp, Sylvia E., e Marc Szydlík. 2005. "Causes and Trends of the Digital Divide." *European Sociological Review* 21 (4): 409–22. doi:10.1093/esr/jci030.
- Kraut, R., M. Patterson, V. Lundmark, S. Kiesler, T. Mukophdyay, e W. Scherlis. 1998. "Internet Paradox: A Social Technology That Reduces Social Involvement and

- Psychological Well-Being?" *American Psychologist* 53: 1017.
doi:doi:10.1037/0003-066X.53.9.1017.
- Lakatos, Eva, e Marina Marconi. 1996. *Técnicas de Pesquisa*. 3°. São Paulos: Editora Atla.
- Lang, Frieder R, Nina Rieckmann, e Margret M Baltes. 2002. "Adapting to Aging Losses: Do Resources Facilitate Strategies of Selection, Compensation, and Optimization in Everyday Functioning?" *The Journals of Gerontology. Series B, Psychological Sciences and Social Sciences* 57 (6): 501–9. doi:10.1093/geronb/57.6.P501.
- Langdridge, Darren. 2007. *Phenomenological Psychology: Theory, Research and Method. The British Journal of Medical Psychology*. Vol. 53. Essex - England: Pearson.
- Lawton, M P, L Winter, M H Kleban, e K Ruckdeschel. 1999. "Affect and Quality of Life: Objective and Subjective." *Journal of Aging and Health* 11 (2): 169–98.
doi:10.1177/089826439901100203.
- Lee, Bob, Yiwei Chen, e Lynne Hewitt. 2011. "Age Differences in Constraints Encountered by Seniors in Their Use of Computers and the Internet." *Computers in Human Behavior* 27 (3): 1231–37. doi:10.1016/j.chb.2011.01.003.
- Lee, Gary R., Julie K. Netzer, e Raymond T. Coward. 1995. "Depression among Older Parents: The Role of Intergenerational Exchange." *Journal of Marriage and the Family* 57 (3): 823. doi:10.2307/353935.
- Lehtinen, Vilma, J Nasanen, e Risto Sarvas. 2009. "'A Little Silly and Empty-Headed': Older Adults' Understandings of Social Networking Sites." *Bcs-Hci*, 45–54.
- Leist, Anja K. 2013. "Social Media Use of Older Adults: A Mini-Review." *Gerontology* 59 (4). doi:10.1159/000346818.
- Lenhart, A, e JB Horrigan. 2003. "Re-Visualizing the Digital Divide as a Digital Spectrum." *IT & Society* 1 (5): 23–39.
- Lennartsson, C, e M Silverstein. 2001. "Does Engagement with Life Enhance Survival of Elderly People in Sweden? The Role of Social and Leisure Activities." *The Journals of Gerontology. Series B, Psychological Sciences and Social Sciences* 56 (6): S335–42. doi:10.1093/geronb/56.6.S335.
- Leventhal, Richard. 1997. "Aging Consumers and Their Effects on the Marketplace." *Journal of Consumer Marketing* 14 (4): 276–81.
- Levy, Becca R. 2003. "Mind Matters: Cognitive and Physical Effects of Aging Self-Stereotypes." *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences* 58 (4): 203–P211. doi:10.1093/geronb/58.4.P203.
- Levy, Becca R., Alan B. Zonderman, Martin D. Slade, e Luigi Ferrucci. 2009. "Age Stereotypes Held Earlier in Life Predict Cardiovascular Events in Later Life." *Psychol*

- Sci 20 (3): 296–98. doi:10.1111/j.1467-9280.2009.02298.x.Age.
- Levy, Br, e Mr Banaji. 2002. "Implicit Ageism." In *Ageism: Stereotyping and Prejudice Against Older Persons*, (Eds.) T.D. Nelson, 49–75. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Lichtenstein, P, M Gatz, N L Pedersen, S Berg, e G E McClearn. 1996. "A Co-Twin Control Study of Response to Widowhood." *The Journals of Gerontology. Psychological Sciences and Social Sciences* 51 (5): P279–89. doi:10.1093/geronb/51B.5.P279.
- Liechty, T., e C. M. Yarnal. 2009. "Leisure Activity Innovation: An Exploration of Innovation Theory among Retirement-Aged Women." In *NRPA Leisure Research Symposium*. Salt Lake City, Utah.
- Liechty, Toni, Careen Yarnal, e Deborah Kerstetter. 2012. "'I Want to Do Everything!': Leisure Innovation among Retirement-Age Women." *Leisure Studies* 31 (October 2013): 389–408. doi:10.1080/02614367.2011.573571.
- Livingstone, Sonia, e Ellen Helsper. 2010. "Balancing Opportunities and Risks in Teenagers' Use of the Internet: The Role of Online Skills and Internet Self-Efficacy." *New Media and Society* 12 (2): 309–29. doi:10.1177/1461444809342697.
- Llorente-Barros, Carmen, Mónica Viñarás-Abad, e María Sánchez-Valle. 2015. "Mayores E Internet : La Red Como Fuente de Oportunidades Para Un Envejecimiento Activo." *Comunicar* 23 (45): 29–36.
- Loges, WE, e JY Jung. 2001. "Exploring the Digital Divide Internet Connectedness and Age." *Communication Research* 28 (4): 536–62.
- Long, J. 1987. "Continuity as a Basis for Change: Leisure and Mail Retirement." *Leisure Studies* 6: 55–70.
- Loos, Eugène. 2011. "Generational Use of New Media and the (Ir) Relevance of Age." In *Broadband Society and Generational Changes*, (Eds.) F. Colombo e L. Fortunati, 259–73. Berlin: Peter Lang.
- . 2012. "Senior Citizens: Digital Immigrants in Their Own Country?" *Observatorio (OBS*) Journal* 1: 001–023.
- Loos, Eugène, e Jennifer Romano Bergstrom. 2014. "Older Adults." In *Eye Tracking in User Experience Design*, (Eds.) Romano Bergstrom e J.S. Schall, 313–29. Amsterdam: Elsevier.
- Loos, Eugène, Leslie Haddon, e Enid Mante-meijer. 2012. "Generational Use of New Media," no. 2010: 1–13.
- Loos, Eugène, e EA Mante-Meijer. 2011. "Getting Access to Website Health Information: Does Age Really Matter." In ... *Use of New ...*, (Eds.) Eugène Loos, Leslie Haddon, e Enid Mante-Meijer, 184–201. Buntington: Ashgate Publishing

Limited.

- Lopes, Alexandra, e Carlos Gonçalves. 2012. "Envelhecimento Ativo E Dinâmicas Sociais Contemporâneas." In *Manual de Gerontologia. Aspectos Biocomportamentais, Psicológicos E Sociais Do Envelhecimento*, (Eds.) Constança Paúl e Oscar Ribeiro, 203–29. Lisboa: LIDEL.
- Lopes, Renata Francioni, Maria Teresinha Francioni Lopes, e Vilma Duarte Camara. 2009. "Entendendo a Solidão Do Idoso." *Revista Brasileira de Ciências Do Envelhecimento Humano* 6 (3): 373–81. doi:10.5335/rbceh.2009.036.
- Lowenstein, A. 2005. "Global Ageing and Challenges to Families." In *The Cambridge Handbook of Age & Ageing*, (Eds.) P. G. Coleman e T. B. L. Kirkwood) M. L. Johnson (com V. L. Bengtson, 403–412. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press.
- Luna-García, H., R. Mendoza-González, e F. Álvarez-Rodríguez. 2015. "Patrones de Diseño Para Mejorar La Accesibilidad Y Uso de Aplicaciones Sociales Para Adultos Mayores." *Comunicar* 23 (45): 85–94.
- Lupton, Deborah. 2015. "Introdução." In *Digital Sociology*, 3–24. New York: Routledge. doi:10.1017/CBO9781107415324.004.
- Mannheim, Karl. 1952. "The Problem of Generations." *Essays on the Sociology of Knowledge* 24 (19): 276–322.
- Marketest, Grupo. 2016. "3,7 Milhões Possuem Tablet." Disponível em: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~214f.aspx>. Acesso em: 15/01/2018.
- Martins, Manuel Meirinho. 2006. *Comunicação E Marketing Político - Contributos Pedagógicos*. (Eds.) Manuel Meirinho Martins. Instituto. Lisboa: Etigrafe.
- Mason, Jennifer. 2004. "Personal Narratives, Relational Selves: Residential Histories in the Living and Telling." *The Sociological Review* 52 (2): 162–79. doi:10.1111/j.1467-954X.2004.00463.x.
- McAdams, D. 1998. "The Role of Defence in the Life Story." *Journal of Personality*, 1125–1146.
- McGuire, F., e W. Norman. 2005. "The Role of Constraints in Successful Aging: Inhibiting or Enabling?" In *Constraints to Leisure*, (Eds.) E. Jackson, 89–101. State College, PA: Venture Press.
- McKenna, Katelyn Y. a., Amie S. Green, e Marci E. J. Gleason. 2002. "Relationship Formation on the Internet: What's the Big Attraction?" *Journal of Social Issues* 58 (1): 9–31. doi:10.1111/1540-4560.00246.
- McKnight, NLC D Harrison. 2001. "What Trust Means in E-Commerce Customer Relationships: An Interdisciplinary Conceptual Typology." *International Journal of Electronic* 6 (2): 35–59. doi:10.1080/10864415.2001.11044235.

- McLuhan, M. 1964. *Understanding Media: The Extensions of Man*. London: The MIT Press.
- Mead, Margaret. 1970. *Culture and Commitment: A Study of the Generation Gap*. 1^a ed. Garden City, N.Y.: American Museum of Natural History.
- Medeiros, Marcelo. 2010. "As Políticas Públicas de Inclusão Digital Do Governo Lula "2003-2009): Uma Análise de Programas E Leis." Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Mellor, David, Lucy Firth, e Kathleen Moore. 2008. "Can the Internet Improve the Well-Being of the Elderly?" *Ageing International* 32 (1): 25–42. doi:10.1007/s12126-008-9006-3.
- Menec, Verena H. 2003. "The Relation Between Everyday Activities and Successful Aging : A 6-Year Longitudinal Study." *Social Sciences* 58 (2): 74–82. doi:10.1093/geronb/58.2.S74.
- Merton, R., e P. Kendall. 1990. *The Focused Interview: A Manual of Problems and Procedures*. New York: Free Press.
- Metz, D. H. 2000. "Mobility of Older People and Their Quality of Life." *Transport Policy* 7 (2): 149–52. doi:10.1016/S0967-070X(00)00004-4.
- Minayo, Maria Cecília de Souza, e Fátima Gonçalves Cavalcante. 2010. "Tentativas de Suicídio Entre Pessoas Idosas: Revisão de Literatura." *Ciência & Saúde Coletiva* 44 (4): 750–57. doi:10.1590/1413-81232015206.10962014.
- Minocha, Shailey, Elizabeth Hartnett, Shailey Minocha, Shirley Evans, Tania Heap, Christopher P. Middup, Murphy Brendan, e Dave Roberts. 2013. "Conducting Empirical Research with Older People." *ACM CHI' 13*.
- Mitzner, Tracy L, Julie B Boron, Cara Bailey Fausset, Anne E Adams, Sara J Czaja, Katinka Dijkstra, Arthur D Fisk, Wendy A Rogers, e Joseph Sharit. 2010. "Older Adults Talk Technology: Technology Usage and Attitudes." *Comput Human Behav* 26 (6): 1710–21. doi:10.1016/j.chb.2010.06.020.
- Moen, Phyllis. 2003. "Navigating Retirement and a New Life Stage." In *Handbook of Life Course*, (Eds.) J. Mortimer e M. Shanahan, 269–91. New York: Kluwer Academic Publishers.
- Mollenkopf, H., e J. L. Fozard. 2004. "Technology and the Good Life: Challenges for Current and Future Generations of Ageing People." In *Environments, Gerontology and Old Age: Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, (Eds.) H.W. Wahl, R. Scheidt, e P. Windley, 250–79. New York: Springer Publishing Company.
- Mollenkopf, H., e R. Kaspar. 2004. "Technisierte Umwelten Als Handlungen - Und Erlebensräume Älterer Menschen." In *Lebensformen Und Lebensführung Im Alter*, (Eds.) G. M. Backes, W. Clemens, e H. Kühnemund, 193–221. Wiesbaden:

VSVerlag.

Morgan, Leslie A., e Suzanne R. Kunkel. 2007. *Aging, Society and the Life Course*. Vasa. 3ª. New York: Springer Publishing Company.

Morris, Michael G., e Viswanath Venkatesh. 2000. "Age Differences in Technology Adoption Decisions: Implications for a Changing Work Force." *Personnel Psychology* 53 (2): 375–403. doi:10.1111/j.1744-6570.2000.tb00206.x.

Mortari, Fábio. 2011. "Inclusão digital das pessoas mais velhas: uma experiência de acções de formação nos espaços internet em portugal." Universidade Técnica de Lisboa.

Mortimer, JT, e MJ Shanahan. 2003. *Handbook of the Life Course*. (Eds.) JT Mortimer e MJ Shanahan. New York: Kluwer Academic Publishers.

Mumtaz, Shazia. 2001. "Children's Enjoyment and Perception of Computer Use in the Home and the School." *Computers & Education* 36 (4): 347–62. doi:10.1016/S0360-1315(01)00023-9.

Näsi, Matti, Pekka Räsänen, e Outi Sarpila. 2012. "ICT Activity in Later Life: Internet Use and Leisure Activities amongst Senior Citizens in Finland." *European Journal of Ageing* 9 (2): 169–76. doi:10.1007/s10433-011-0210-8.

Nef, Tobias, Raluca L Ganea, René M Müri, e Urs P Mosimann. 2013. "Social Networking Sites and Older Users - a Systematic Review." *International Psychogeriatrics / IPA* 25 (7): 1041–53. doi:10.1017/S1041610213000355.

Nelson, T. D. 2005. "Ageism: Prejudice against Our Feared Future Self." *Journal of Social Issues* 61 (2): 207–21.

Neugarten, Bernice L., R. J. Havighurst, e Sheldon S. Tobin. 1961. "The Measurement of Life Satisfaction." *Journal of Gerontology* 14: 134–43. doi:10.1093/geronj/16.2.134.

Neuman, WL. 1994. *Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches*. Boston: Allyn and Bacon.

Neves, Bárbara, e Fausto Amaro. 2012. "Too Old for Technology? How the Elderly of Lisbon Use and Perceive ICT." *The Journal of Community Informatics* 8 (1): 1–22.

Neves, Barbara Barbosa. 2013. "Social Capital and Internet Use: The Good, the Bad, and the Irrelevant." *Sociology Compass* 7 (8): 599–611.

Neves, Barbara Barbosa, e Fausto Amaro. 2015. "A utilização da internet pelas pessoas idosas: uma perspectiva crítica." In *Tecnologias de Informação No Processo de Envelhecimento Humano*, (Eds.) A. Pasqualotti et al., 193–220. UFP Editora.

Nie, Norman. 2001. "Sociability, Interpersonal Relations, and the Internet: Reconciling Conflicting Findings." *American Behavioral Scientist* 45 (3): 420–35.

doi:10.1177/00027640121957277.

- Nimrod, Galit. 2007a. "Expanding, Reducing, Concentrating and Diffusing: Post Retirement Leisure Behavior and Life Satisfaction." *Leisure Sciences* 29 (1): 91–111. doi:10.1080/01490400600983446.
- . 2007b. "Retirees' Leisure: Activities, Benefits, and Their Contribution to Life Satisfaction." *Leisure Studies* 26 (1): 65–80. doi:10.1080/02614360500333937.
- . 2008. "In Support of Innovation Theory: Innovation in Activity Patterns and Life Satisfaction among Recently Retired Individuals." *Ageing & Society* 28 (6): 831–46. doi: 10.1017/S0144686x0800706x.
- . 2014. "The Benefits of and Constraints to Participation in Seniors' Online Communities." *Leisure Studies* 33 (3): 247–66. doi:10.1080/02614367.2012.697697.
- Nimrod, Galit, e S. Hutchinson. 2010. "Innovation among Older Adults with Chronic Health Conditions." *Journal of Leisure Research* 41 (1): 1–23.
- Nimrod, Galit, e D. Kleiber. 2007. "Reconsidering Change and Continuity in Later Life: Toward an Innovation Theory of Successful Aging." In *International Journal of Aging and Human Development*, 65:1–22.
- Nimrod, Galit, e Arie Rotem. 2012. "An Exploration of the Innovation Theory of Successful Ageing among Older Tourists." *Ageing and Society* 32 (3): 379–404. doi:10.1017/S0144686X1100033X.
- North, Michael S, e Susan T Fiske. 2012. "An Inconvenienced Youth? Ageism and Its Potential Intergenerational Roots." *Psychological Bulletin* 138 (5): 1–27. doi:10.1037/a0027843.An.
- NTIA. 2013. "Exploring the Digital Nation - America's Emerging Online Experience." Washington, DC. Disponível em: http://www.ntia.doc.gov/files/ntia/publications/exploring_the_digital_nation_-_americas_emerging_online_experience.pdf. Acesso em: 22/02/2015.
- Nussbaum, Martha Craven. 2000. *Women and Human Development: The Capabilities Approach*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Nussbaum, Martha Craven, e Amartya Sen. 1993. *The Quality of Life*. Oxford: Clarendon Press.
- Oakley, F, N a Khin, R Parks, L Bauer, and T Sunderland. 2002. "Improvement in Activities of Daily Living in Elderly Following Treatment for Post-Bereavement Depression." *Acta Psychiatrica Scandinavica* 105 (7): 231–34. doi:http://dx.doi.org/10.1034/j.1600-0447.2002.1sc021.x.
- Obercom. 2014. "A Internet Em Portugal - Sociedade Em Rede 2014." Observatório da Comunicação. Lisboa.

- . 2016a. “Anuário Da Comunicação 2014-2015.” Observatório da Comunicação. Lisboa. Disponível em: <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/Anuário-da-Comunicação-2014-2015.pdf>. Acesso em: 14/12/2017.
- . 2016b. “Políticas Públicas Para Sociedade de Informação E Media.” Observatório da Comunicação. Lisboa.
- OCDE. 2008. *Making Life Easy for Citizens and Businesses in Portugal: Administrative Simplification and E-Government*. OCDE. doi:10.1787/9789264048263-en.
- . 2009. “Rethinking E-Government Services: User-Centered Approaches.” Paris. doi:<http://dx.doi.org/10.1787/9789264059412-en>.
- . 2015. “Adults, Computers and Problem Solving: What’s the Problem?” Paris. doi:<http://dx.doi.org/10.1787/9789264236844-en>.
- Ofcom. 2007. “Social Inclusion and Communications: A Review of the Literature.” London, England.
- Oliveira, Barros. 2005. *Psicologia Do Envelhecimento E Do Idoso*. Editora Livpsic.
- Oliveira, Lúcia. 2011. “Os Seniores Na Sociedade Da Informação E Da Comunicação – Inquérito Sobre a Utilização Da Internet Por Indivíduos Com Idade Igual Ou Superior a 55 Anos.” In *Conferência Diversidade Digital*, 14. Lisboa.
- Olphert, Cw, L Damodaran, e Aj May. 2006. “Towards Digital Inclusion—engaging Older People in the ‘Digital World.’” In *Accessible Design in the Digital World Conference 2005*, 7. Dundee, Scotland. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/228623727_Towards_digital_inclusion_engaging_older_people_in_the_'digital_world'/file/32bfe510fd7fd7166b.pdf. Acesso em: 15/07/2016.
- Olson, Katherine E., Marita A. O’Brien, Wendy A. Rogers, e Neil Charness. 2012. “Diffusion of Technology: Frequency of Use for Younger and Older Adults.” *Ageing Int.* 36 (1): 123–45. doi:10.1007/s12126-010-9077-9. Diffusion.
- OMS. 1997. “Measuring Quality of Life.” *Archives of Disease in Childhood*, 15.
- . 2002. “Active Ageing: A Policy Framework.” *Aging and Life Course*. Geneva: Switzerland: Graphic Design: Marilyn Langfeld.
- . 2005. “Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde.” Brasília. Disponível em: <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:Envelhecimento+ativo:+uma+pol?tica+de+sa?de#0>. Acesso em: 11/11/2015.
- . 2013. “Definition of an Older or Elderly Person.” OMS. Disponível em: <http://www.who.int/healthinfo/survey/ageingdefnolder/en/index.html>. Acesso em: 15/08/2014.

- — —. 2017. "World Health Statistics Data Visualizations Dashboard." *World Health Statistics*. Disponível em: <http://apps.who.int/gho/data/node.sdg.3-4-data?lang=en>. Acesso em: 17/01/2018.
- ONU. 2000. "United Nations Millenium Declaration." *General Assembly*. Madrid: United Nations publication. Disponível em: <http://www.undp.org/content/undp/en/home/mdgoverview.html>. Acesso em: 19/02/2015.
- — —. 2002. "United Nations Report of the Second World Assembly on Ageing." *Report of the Second World Assembly on Ageing*. Madrid: United Nations publication.
- — —. 2016. "UN E-Government Survey 2016: E-Government in Support of Sustainable Development." New York. doi:10.1016/S1369-7021(02)00629-6.
- Opermann, Signe. 2014. *Generational Use of News Media in Estonia*. Diva-Portal.org. Stockholm: Elanders.
- Orlandi, Brunela, e Wilson Pedro. 2014. "Pessoas Idosas E a Busca Por Informações Em Saúde Por Meio Da Internet." *Revista Kairós Gerontologia* 17 (2): 279–93.
- Orlikowski, W. 1992. "The Duality of Technology: Rethinking the Concept of Technology in Organizations." *Organizations* 3 (3): 398–427.
- Ormen, Jacob, e Anne Mette Thorhauge. 2015. "Smartphone Log Data in a Qualitative Perspective." *Mobile Media & Communication* 3 (3): 335 –350. doi:10.1177/2050157914565845.
- Orton-Johnson, Kate, e Nick Prior. 2013. *Digital Sociology: Critical Perspectives*. *Journal of Chemical Information and Modeling*. London: Palgrave Macmillan. doi:10.1017/CBO9781107415324.004.
- Páscoa, G., e H. Gil. 2012. "O Desafio Do Facebook Na Promoção Do Envelhecimento Ativo E Da Solidariedade Intergeracional." *Atas Do III Congresso Internacional de Gerontologia E Geriatria*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Páscoa, Gina, e Henrique Gil. 2015. "Uma Nova Forma de Comunicação Para O Cidadão Sênior: Facebook." *Revista Kairós Gerontologia* 18 (1): 9–29.
- Patrício, Maria Raquel, e António Osório. 2011. "Lifelong Learning, Intergenerational Relationships and ICT: Perceptions of Children and Older Adults." In *2nd Conference of ELOA - Elderly, Education, Intergenerational Relationships and Social Desvelopment*, 224–32. Braga.
- Peace, Sheila, Caroline Holland, e Leonie Kellaher. 2006. *Growing Older: Environment and Identity in Later Life*. Maidenhead: Open University Press.
- Perecman, E, e SR Curran. 2006. *A Handbook for Social Science Field Research: Essays & Bibliographic Sources on Research Design and Methods*. London: Sage

Publications.

- Pereira, C., e Rui Neves. 2011. "Os Idosos E as TIC – Competências de Comunicação E Qualidade de Vida." *Revista Kairós Gerontologia*, 14 (1): 05–26.
- Petrella, Simone, Sara Pereira, e Manuel Pinto. 2012. "Literacia Mediática E Comunicação Intergeracional. Estudo Das Trocas E Partilhas No 'Encontro' Entre Gerações Distantes." *Sobre Comunicação E Cultura: I Jornadas de Doutorandos Em Ciências Da Comunicação E Estudos Culturais*, 133–45.
- Pew Research Center. 2014. "Older Adults and Technology Use: Adoption Is Increasing, but Many Seniors Remain Isolated from Digital Life." doi:202.419.4500.
- Phang, C.W. Chee Wei, Juliana Sutanto, Atreyi Kankanhalli, Y. Li, B.C.Y. Bernard C Y Tan, H.-H. Hock-Hai Teo, L Yan, B.C.Y. Bernard C Y Tan, e H.-H. Hock-Hai Teo. 2006. "Senior Citizens' Acceptance of Information Systems: A Study in the Context of E-Government Services." *IEEE Transactions on Engineering Management* 53 (4): 555–69. doi:10.1109/TEM.2006.883710.
- Phelan, Elizabeth a, e Eric B Larson. 2002. "'Successful Aging' - Where Next?" *Journal of the American Geriatrics Society* 50 (7): 1306–8. doi:10.1046/j.1532-5415.2002.50324.x.
- Pinquart, Martin, e Silvia Sörensen. 2000. "Influences of Socioeconomic Status, Social Network, and Competence on Subjective Well-Being in Later Life: A Meta-Analysis." *Psychology and Aging* 15 (2): 187–224. doi:10.1037/0882-7974.15.2.187.
- Pires, Luciene. 2013. "Envelhecimento, Tecnologias E Juventude: Caminhos Percorridos Por Alunos de Cursos de Informática E Seus Avós." *Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento* 18 (2): 293–309.
- Ponte, Cristina. 2011. "Uma Geração Digital? A Influência Familiar Na Experiência Mediática de Adolescentes." *Sociologia, Problemas E Praticas* 65: 31–50.
- . 2012. "Kids Online Na Europa E No Brasil. Desafios Para a Pesquisa Comparada Sobre as Práticas de Crianças E Adolescentes Na Internet." *Comunicação Mídia E Consumo* 9 (25): 13–42.
- Ponte, Cristina, e Piermarco Aroldi. 2013. "Conectando Generaciones: Investigación Y Aprendizaje En Educación En Medios Y Estudios de Audiencia." *Comunicar: Revista Científica Iberoamericana de Comunicación Y Educación*, no. 41: 167–76.
- Poole, M. S., e G. DeSanctis. 1992. "Microlevel Structuration in Computer-Supported Group Decision- Making." *Human Communication Research* 19: 5–49.
- Popenoe, David. 1993. "American Family Decline, 1960-1990: A Review and Appraisal." *Journal of Marriage and Family* 55 (3): 527–42. doi:10.1111/j.1741-3737.2010.00720.x.

- PORDATA. 2016. "População Residente: Total E Por Grupo Etário." *Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais Da População Residente*.
- . 2017. "Agregados Domésticos Privados Unipessoais: Total E de Indivíduos Com 65 E Mais Anos." Lisboa. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+domésticos+privados+unipessoais+total+e+de+indivíduos+com+65+e+mais+anos-822-169378>. Acesso em: 14/01/2018.
- Portes, Alejandro. 1998. "Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology." *Annual Review of Sociology* 24 (1): 1–24. doi:10.1146/annurev.soc.24.1.1.
- Prado, O. Z. 1998. "Pesquisa Internet E Comportamento: Um Estudo Exploratório Sobre as Características de Uso Da Internet, Uso Patológico E a Pesquisa on-Line." Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
- Prensky, M. 2001. "Digital Natives, Digital Immigrants." *On the Horizon. MCB University Press* 9 (5): 1–9.
- . 2009. "H. Sapiens Digital: From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom." *Journal of Online Education*.
- Pruchno, R. 2012. "Not Your Mother's Old Age: Baby Boomers at Age 65." *The Gerontologist* 52 (2): 149–52. doi:10.1093/geront/gns038.
- Putnam, Robert D. 1995. "Bowling Alone: America's Declining Social Capital." *Journal of Democracy* 6 (1): 65–78. doi:10.1353/jod.1995.0002.
- . 2000. *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. Journal of Chemical Information and Modeling. New York: Simon & Schuster Paperbacks.
- R., Kaufman S. 1986. *The Ageless Self: Sources of Meaning in Late Life*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Rainie, L. Wellman, B. 2012. *Networking: The New Social Operating System*.
- Randall, William L., Suzanne M. Prior, e Marianne Skarborn. 2006. "How Listeners Shape What Tellers Tell. Patterns of Interaction in Lifestory Interviews and Their Impact on Reminiscence by Elderly Interviewees." *Journal of Aging Studies* 20 (4): 381–96. doi:10.1016/j.jaging.2005.11.005.
- Rapagnani, G. 2002. "Le Suicide Chez La Personne Âgée." *RMLG. Revue Médicale de Liège* 1995 (1): 91–96.
- Räsänen, Pekka. 2008. "Media & Society The Aftermath of the ICT Revolution ? Media and Communication Technology." *New Media & Society* 10 (2): 225–45. doi:10.1177/1461444807086471.
- Rawlins, W. K. 2004. "Friendships in Later Life." In *Handbook of Communication and*

- Aging Research*, (Eds.) J. F. Nussbaum e J. Coupland, 2^o, 273–299. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Raymundo, TM. 2013. “Aceitação de Tecnologias Por Idosos.” *Teses.Usp.Br*. Universidade de São Paulo. doi:10.11606/D.82.2013.tde-27062013-145322.
- Ribeiro, Oscar. 2012. “O Envelhecimento ‘ativo’ E Os Constrangimentos Da Sua Definição.” *Sociologia*, 33–52.
- Ricart, Rodrigo Mejia, e Barbara-Chiara Ubaldi. 2016. “Como Planejar Governos Digitais Que Apoiem O Crescimento Inclusivo E Sustentável Na America Latina E No Caribe.” In *TIC Governo Eletrônico 2015: Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias Da Informação E Comunicação No Setor Público Brasileiro*, 33–43. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil.
- Riddick, C. C., e D. G. Stewart. 1994. “An Examination of the Life Satisfaction and Importance of Leisure in the Lives of Older Female Retirees: A Comparison of Blacks to Whites.” *Journal of Leisure Research*, no. 1: 75–87.
- Riddick, Carol Cutler. 1985. “Life Satisfaction Determinants of Older Males and Females.” *Leisure Sciences* 7 (1): 47–63. doi:10.1080/01490408509512107.
- Ritchie, Jane, e Jane Lewis. 2003. *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Students and Researchers*. London: SAGE Publications.
- Riva, G., F. Vatalaro, F. Davide, e M. Alcañiz. 2005. “The Psychology of Ambient Intelligence: Activity, Situation and Presence.” In *Ambient Intelligence*, 17–33.
- Riva, G., J.A. Waterworth, e D. Murray. 2014. *Interacting with Presence: HCI and the Sense of Presence in Computer-Mediated Environments*. Berlin: De Gruyter Open.
- Riva, Giuseppe, Andrea Gaggioli, Daniela Villani, Pietro Cipresso, Claudia Repetto, Silvia Serino, Stefano Triberti, Eleonora Brivio, Carlo Galimberti, e Guendalina Graffigna. 2014. “Positive Technology for Healthy Living and Active Ageing.” In *Active Ageing an Healthy Living*, (Eds.) G. Riva, P. Marsan, and C. Grassi, 44–56. Amsterdam: IOS Press BV. doi:10.3233/978-1-61499-425-1-44.
- Roberto, Magda Sofia, António Fidalgo, e David Buckingham. 2014. “O Papel Da Solidariedade Intergeracional No Âmbito Da Literacia Digital.” *Revista Kairós Gerontologia* 17 (2): 9–25.
- Robertson, L, e B Hale. 2011. “Interviewing Older People; Relationships in Qualitative Research.” *The Internet Journal of Allied Health Sciences and Practice* 9 (3): 1–8.
- Robinson, Tom, Bob Gustafson, e Mark Popovich. 2008. “Perceptions of Negative Stereotypes of Older People in Magazine Advertisements: Comparing the Perceptions of Older Adults and College Students.” *Ageing & Society* 28 (2): 233–51. doi:10.1017/S0144686X07006605.
- Rocha, R. G. O. 2013. “Uso de Tablets Como Ferramenta Facilitadora Em Projetos de

- Inclusão Digital de Idosos.” Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Campus Bauru (SP).
- Rodrigues, Aline, e Anne Marie Maculan. 2012. “Indicadores de Inclusão Digital.” In *TIC Domicílios E Empresas 2012 - Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias de Informação E Comunicação No Brasil*, 43–50. São Paulo.
- Rodrigues, Georgete Medleg, João Batista Simão, e Patrícia Simas De Andrade. 2003. “Sociedade Da Informação No Brasil E Em Portugal: Um Panorama Dos Livros Verdes.” *Ciência Da Informação* 32: 89–102. doi:10.1590/S0100-19652003000300011.
- Roebuck, J. 1979. “When Does” Old Age Begin?: The Evolution of the English Definition.” *Journal of Social History* 12 (3): 416–28.
- Rogers, Wendy a, e Arthur D Fisk. 2010. “Toward a Psychological Science of Advanced Technology Design for Older Adults.” *Journal of Gerontology : Psychological Sciences* 65B (6): 645–53. doi:10.1093/geronb/gbq065.
- Rosa, Maria João Valente. 2015. *Os Reformados E Os Tempos Livres*. Lisboa: Europress.
- Rosales, Andrea, e Mireia Fernández-Ardèvol. 2016. “Beyond WhatsApp: Older People and Smartphones.” *Romanian Journal of Communication and Public Relations*. 1(37): 27-47.
- Rowe, John W., e Robert L Kahn. 1997. “Successful Aging.” *The Gerontologist* 37 (4): 433–40.
- Rubin, David C., e Dorthe Berntsen. 2006. “People over Forty Feel 20% Younger than Their Age: Subjective Age across the Lifespan.” *Psychonomic Bulletin & Review* 13 (5): 776–80.
- Russell, Arlie. 1975. “Disengagement Theory : A Critique and Proposal.” *American Sociological Association* 40 (5): 553–69.
- Sá, M., e V. Almeida. 2012. “A Inclusão Dos Idosos No Mundo Digital Através Das Novas Tecnologias de Informação E Comunicação (NTICs).” *Conexões Ciência E Tecnologia* 6 (1): 1–14.
- Sackmann, R., e M. Wingens. 2003. “From Transitions to Trajectories: Sequence Types.” In *Social Dynamics of the Life Course: Transitions, Institutions, and Interrelations.*, (Eds.) W. R. Heinz e V. W. Marshall, 93–115. Piscataway, NY: Aldine de Gruyter.
- Sales, M. B., B. R. Mazzali, M. A. Amaral, R. G. O. Rocha, e R. Brito. 2014. “Inclusão Digital de Pessoas Idosas: Relato de Experiências de Utilização de Software Educativo.” *Revista Kairós Gerontologia* 17 (4): 63–81.
- Sales, Márcia, Marília Amaral, Iwens G. Junior, e André Barros de Salães. 2014. “Tecnologias de Informação E Comunicação via Web: Preferências de Uso de Um

- Grupo de Usuários Idosos." *Revista Kairós Gerontologia* 17 (3): 59–77.
- Sallaz, Jeffrey J, e Jane Zavisca. 2007. "Bourdieu in American Sociology, 1980–2004." *Annual Review of Sociology* 33: 21–41. doi:10.2307/29737752.
- Salovaara, Antti, Asko Lehmuskallio, Leif Hedman, Paula Valkonen, e Jaana Näsänen. 2010. "Information Technologies and Transitions in the Lives of 55–65-Year-Olds: The Case of Colliding Life Interests." *International Journal of Human-Computer Studies* 68 (11): 803–21. doi:10.1016/j.ijhcs.2010.06.007.
- Sánchez, Mariano, Matthew S. Kaplan, e Leah Bradley. 2015. "Usando La Tecnología Para Conectar Las Generaciones: Consideraciones Sobre Forma Y Función." *Comunicar* 23 (45): 95–104.
- Santini, Ziggi Ivan, Ai Koyanagi, Stefanos Tyrovolas, Catherine Mason, e Josep Maria Haro. 2015. "The Association between Social Relationships and Depression: A Systematic Review." *Journal of Affective Disorders* 175. Elsevier: 53–65. doi:10.1016/j.jad.2014.12.049.
- Saunders, Edward J. 2004. "Maximizing Computer Use among the Elderly in Rural Senior Centers." *Educational Gerontology* 30 (7): 573–85. doi:10.1080/03601270490466967.
- Savolainen, Reijo. 2000. "Emerald Article : Embarking on the Internet : What Motivates People ? Embarking on the Internet : What Motivates People ?" 52.
- Scherger, Simone, James Nazroo, e Paul Higgs. 2011. "Leisure Activities and Retirement: Do Structures of Inequality Change in Old Age?" *Ageing and Society* 31 (1): 146–72. doi:10.1017/S0144686X10000577.
- Schiffman, Leon G., e Elaine Sherman. 1991. "Value Orientations of New-Age Elderly: The Coming of an Ageless Market." *Journal of Business Research* 22 (2): 187–94. doi:10.1016/0148-2963(91)90052-Y.
- Schneider, David J. 2005. *The Psychology of Stereotyping*. New York: The Guilford Press. doi:10.1097/01.nmd.0000180748.87223.92.
- Searle, M. S., M. J. Mahon, S. E. Iso-Ahola, H. A. Sdrolas, e J. Van Dyck. 1995. "Enhancing a Sense of Independence and Psychological Well-Being among the Elderly: A Field Experiment." *Journal of Leisure Research* 27 (2): 107–24.
- Sears, Elizabeth. 1986. *The Ages of Man: Medieval Interpretations of the Life Cycle*. Princeton: Princeton University Press.
- Selwyn, Neil. 2003. "ICT for All? Access and Use of Public ICT Sites in the UK." *Information, Communication & Society* 6 (3): 350–75. doi:10.1080/1369118032000155285.
- . 2004a. "Reconsidering Political and Popular Understandings of the Digital Divide." *New Media & Society* 6 (3): 341–62. doi:10.1177/1461444804042519.

- — —. 2004b. "The Information Aged: A Qualitative Study of Older Adults' Use of Information and Communications Technology." *Journal of Aging Studies* 18 (4): 369–84. doi:10.1016/j.jaging.2004.06.008.
- Selwyn, Neil, Stephen Gorard, e John Furlong. 2003. "The Information Aged : Older Adults ' Use of Information and Communications Technology in Everyday Life." Wales.
- Shapira, N., A. Barak, e I. Gal. 2007. "Promoting Older Adults' Well Being through Internet Training and Use." *Aging and Mental Health* 11 (5): 477–84.
- Shmanske, Stephen. 1997. "Life-Cycle Happiness in a Discounted Utility Model." *Kyklos*.
- Silveira, M. M., D. A. Kümpel, J. Paula Rocha, A. Pasqualotti, e E. L. Colussi. 2011. "Processo de Aprendizagem E Inclusão Digital Na Terceira Idade." *Revista Tecnologia E Sociedade* 7 (13): 1–7.
- Silverstein, Merril, e Vern L . Bengtson. 2009. "Do Close Parent-Child Relations Reduce the Mortality Risk of Older Parents ?" *Journal of Health and Social Behavior* 32 (4): 382–95.
- Silverstone, R., e L. Haddon. 1996. "Design and the Domestication of Information and Communication Technologies: Technical Change and Everyday Life." In *Communication by Design: The Politics of Information and Communication Technologies*, (Eds.) R. Silverstone e R. Mansell. Oxford: Oxford University Press.
- Silvestre, Maria João Cunha. 2011. *Sociologia Da Comunicação: Construções Teóricas E Aplicações Empíricas Sobre Os Impactos Sociais Dos Mass Media*. (Eds.) Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa: Soartes - artes gráficas.
- Sim, Julius, e Jackie Snell. 1996. "Focus Groups in Physiotherapy Evaluation and Research." *Physiotherapy* 82 (3): 189–98. doi:10.1016/S0031-9406(05)66923-4.
- Simões, José Alberto, Cristina Ponte, Eduarda Ferreira, Juliana Doretto, e Celiana Azevedo. 2014. "Crianças E Meios Digitais Móveis Em Portugal: Resultados Nacionais Do Projeto Net Children Go Mobile." Lisboa.
- Slegers, K., M. P. Boxtel, e J. Jolles. 2008. "Effects of Computer Training and Internet Usage on the Well-Being and Quality of Life of Older Adults: A Randomized, Controlled Study." *The Journals of Gerontology* 63 (3): 176–84.
- Sourbati, Maria. 2004. *Internet Use in Sheltered Housing: Older People's Access to New Media and Online Service Delivery*. York: Joseph Rowntree Foundation.
- Stacey, J. 1990. *Brave New Families: Stories of Domestic Upheaval in Late-Twentieth-Century America*. New York: Basic Books.
- Stack, S. 2000. "Suicide: A 15-Year Review of the Sociological Literature Part II: Modernization and Social Integration Perspectives." *Suicide and Life-Threatening Behavior* 30 (2): 145–62. doi:10.1111/j.1943-278X.2000.tb01073.x.

- Stefik, Mark. 1998. "Internet Dreams: Archetypes, Myths and Metaphors." *Journal of Engineering Education* 87 (3): 203.
- Stevens, N. L., e T. G. Van Tilburg. 2011. "Cohort Differences in Having and Retaining Friends in Personal Networks in Later Life." *Journal of Social and Personal Relationships* 28 (1): 24–43. doi:10.1177/0265407510386191.
- Steverink, N., G. J. Westerhof, C. Bode, e F. Dittmann-Kohli. 2001. "The Personal Experience of Aging , Individual Resources, and Subjective Well-Being." *Journal of Gerontology: Psychological Sciences* 56 (6): 364–73.
- Strain, Laurel a, Carmen C Grabusic, Mark S Searle, e Nicole J Dunn. 2002. "Continuing and Ceasing Leisure Activities in Later Life: A Longitudinal Study." *The Gerontologist* 42 (2): 217–23. doi:10.1093/geront/42.2.217.
- Szinovacz, M. E. 2003. "Contexts and Pathways: Retirement as Institution, Process, and Experience." In *Retirement: Reasons, Processes, and Results*, (Eds.) G. A. Adams e T. A. Beehr, 6–52. New York, NY: Springer Publishing Company.
- Tavares, M, e S Souza. 2012. "Os Idosos E as Barreiras de Acesso Às Novas Tecnologias Da Informação E Comunicação." *Renote* 10 (1): 1–7.
- Thompson, J. 1998. *A Mídia E a Modernidade: Uma Teoria Social Da Mídia*. Petrópolis: Vozes.
- Tornstam, Lars. 1992. "The Quo Vadis of Gerontology: On the Scientific Paradigm of Gerontology." *The Gerontologist* 32 (3): 318–26.
- Townsend, J., M. Godfrey, e T. Denby. 2006. "Heroines, Villains and Victims: Older People's Perceptions of Others." *Ageing and Society* 26 (2006): 883–900. doi:10.1017/S0144686X06005149.
- Turkle, Sherry. 2011. *Life on the Screen: Life on the Screen: Identity in the age of the internet*. New York, NY: Simon and Schuster.
- Turner, Jonathan H. 2003. *The Structure of Sociological Theory. The Structure of Sociological Theory*. Belmont, CA: Wadsworth Thomson Learning.
- Uhlenberg, Peter, e Jenny De Jong Gierveld. 2004. "Age-Segregation in Later Life: An Examination of Personal Networks." *Ageing and Society* 24 (1): 5–28. doi:10.1017/S0144686X0300151X.
- Uhlenberg, Peter, e Margaret Mueller. 2003. "Patterns and Mechanisms in Life Course Perspective." In *Handbook of Life Course*, (Eds.) JT Mortimer e MJ Shanahan, 123–48. New York: Kluwer Academic Publishers.
- Umberson, Debra. 1992. "Relationships between Adult Children and Their Parents: Psychological Consequences for Both Generations." *Journal of Marriage and the Family* 54 (3): 664–67. doi:10.2307/353252.

- UNDESA. 2001. "Benchmarking E-Government: A Global Perspective."
- UNESCO. 2007. "Inclusão Digital E Social de Pessoas Com Deficiência."
- União Europeia. 2000. "eEurope 2002: Uma Sociedade Da Informação Para Todos." Bruxelas.
- . 2006. "Ministerial Declaration RIGA (eInclusion)." Riga, Latvia: União Europeia.
- Uslaner, Eric M. 2004. "Trust, Civic Engagement, and the Internet." *Political Communication* 21 (2): 223–42. doi:10.1080/10584600490443895.
- Van den Heuvel, N., W. Herremans, P. van der Hallen, C. Ehrel, e P. Courtioux. 2006. "Active Ageing: Early Retirement and Employability." *De Arbeidsmarkt in Vlaanderen. Special Issue: Active Ageing, Early Retirement and Employability*, 5–16.
- Van Deursen, Alexander. 2010. "Internet Skills: Vital Assets in an Information Society." University of Twente. doi:10.2196/jmir.1581.
- Van Deursen, Alexander J.a.M., e Ellen Johanna Helsper. 2015. "A Nuanced Understanding of Internet Use and Non-Use among the Elderly." *European Journal of Communication* 30 (2): 171–87. doi:10.1177/0267323115578059.
- van Dijk, Jan. 2006. "Digital Divide Research, Achievements and Shortcomings." *Poetics* 34 (4–5): 221–35. doi:10.1016/j.poetic.2006.05.004.
- van Dijk, Jan A.G.M., e Kenneth Hacker. 2003. "The Digital Divide as a Complex and Dynamic Phenomenon." *The Information Society* 19 (4): 315–26. doi:10.1080/01972240309487.
- Vaz, Ana Carolina Rocha. 2010. "O Celular E Os Novos Modos de Socialização." Dissertação de mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital. Pontifícia Universidade de São Paulo.
- Vaz, José Carlos. 2002. "Desafios Para a Inclusão Digital E Governança Eletrônica". Instituto Pólis, 2002. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/808/808.pdf>. Acesso em: 18/11/2017.
- . 2016. "O Acesso À Tecnologia Como Objeto de Política pública: Direitos, Democracia, Desenvolvimentos E Soberania Nacional." In *TIC Domicílios 2015 - Pesquisa Sobre O Uso Das Tecnologias de Informação E Comunicação Nos Domicílios Brasileiros*, 55–63. São Paulo: CETIC.
- Venkatesh, Viswanath, e Susan A. Brown. 2001. "A Longitudinal Investigation of Personal Computers in Homes: Adoption Determinants and Emerging Challenges." *Management Information Systems* 25 (1): 71–102.
- Villarejo-Ramos, Begoña Peral-peral Jorge Arenas-gaitán Ángel-francisco. 2015. "De La Brecha Digital a La Brecha Psico-Digital: Mayores Y Redes Sociales." *Comunicar* 45

(23): 57–64.

Volkmer, I. 2006. *News in Public Memory: An International Study of Media Memories across Generations*. New York: Peter Lang.

Vošner, Helena Blažun, Samo Bobek, Peter Kokol, e Marija Javornik Krečič. 2016. "Attitudes of Active Older Internet Users towards Online Social Networking." *Computers in Human Behavior* 55: 230–41. doi:10.1016/j.chb.2015.09.014.

Vroman, Kerryellen G., Sajay Arthanat, e Catherine Lysack. 2015. "Who over 65 Is Online? Older Adults' Dispositions toward Information Communication Technology." *Computers in Human Behavior* 43: 156–66. doi:10.1016/j.chb.2014.10.018.

Wagner, Nicole, Khaled Hassanein, e Milena Head. 2010. "Computer Use by Older Adults: A Multi-Disciplinary Review." *Computers in Human Behavior* 26 (5). Elsevier Ltd: 870–82. doi:10.1016/j.chb.2010.03.029.

Waiselfisz, Julio Jacobo. 2014. "Mapa Da Violência 2014." Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil_Preliminar.pdf. Acesso em: 24/10/2017.

Walker, Alan. 2006. "Active Ageing in Employment: Its Meaning and Potential." *Asia-Pacific Review* 13 (1): 78–93. doi:10.1080/13439000600697621.

———. 2008. "Commentary: The Emergence and Application of Active Aging in Europe." *Journal of Aging & Social Policy* 21 (1): 75–93. doi:10.1080/08959420802529986.

Wallsten, Sharon M, Dan L Tweed, Dan G Blazer, e Linda K George. 1999. "Disability and Depressive Symptoms in the Elderly: The Effects of Instrumental Support and Its Subjective Appraisal." *The International Journal of Aging & Human Development* 48 (2): 145–59. doi:10.2190/E48R-W561-V7RG-LL8D.

Walter, Tony, Rachid Hourizi, Wendy Moncur, e Stacey Pitsillides. 2012. "Does the Internet Change How We Die and Mourn? Overview and Analysis." *Omega: The Journal of Death and Dying* 64 (4): 275–302. doi:10.2190/OM.64.4.a.

Warren, Neil D. 1973. "Physiological status and disengagement theory: a study on a model population." *Journal of Chemical Information and Modeling* 2: 55–96.

Warschauer, Mark. 2004. "Technology and Social Inclusion: Rethinking the Digital Divide." *American Journal of Sociology*. Cambridge, UK. doi:10.1086/381987.

Webster, J D, e M E McCall. 1999. "Reminiscence across Adulthood: A Replication and Extension. *Journal of Adult Development*" 6 (1): 73–85.

Weiss, Robert S. 1973. *Loneliness: The Experience of Emotional and Social Isolation*. Cambridge: M.L.T. Press. doi:10.2307/2062224.

- Wellman, B., A. Q. Haase, J. Witte, e K. Hampton. 2001. "Does the Internet Increase, Decrease, or Supplement Social Capital?" *American Behavioral Scientist* 45 (3): 436–55.
- Westerhof, G J, e A E Barrett. 2005. "Age Identity and Subjective Well-Being: A 'Comparison of the United States and Germany.'" *Journals of Gerontology Series B- Psychological Sciences and Social Sciences* 60 (3): S129–36. doi:10.1093/geronb/60.3.S129.
- Westerhof, Gerben J., Susan Krauss Whitbourne, e Gillian P. Freeman. 2012. "The Aging Self in a Cultural Context: The Relation of Conceptions of Aging to Identity Processes and Self-Esteem in the United States and the Netherlands." *Journals of Gerontology - Series B Psychological Sciences and Social Sciences* 67 B (1): 52–60. doi:10.1093/geronb/gbr075.
- White, Ann Weatherall. 2000. "A Grounded Theory Analysis of Older Adults and Information Technology." *Educational Gerontology* 26 (4): 371–86. doi:10.1080/036012700407857.
- White, H., E. McConnell, E. Clipp, L. Bynum, C. Teague, L. Navas, S. Craven, e H. Halbrecht. 1999. "Surfing the Net in Later Life: A Review of the Literature and Pilot Study of Computer Use and Quality of Life." *Journal of Applied Gerontology* 18 (3): 358–78. doi:10.1177/073346489901800306.
- White, H, E McConnell, E Clipp, L G Branch, R Sloane, C Pieper, e T L Box. 2002. "A Randomized Controlled Trial of the Psychosocial Impact of Providing Internet Training and Access to Older Adults." *Aging & Mental Health* 6 (3): 213–21. doi:10.1080/13607860220142422.
- Wilson, K., S. Fornasier, e K. M. White. 2010. "Psychological Predictors of Young Adults' Use of Social Networking Sites." *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking* 13 (2): 173–77. doi:10.1089/cyber.2009.0094.
- Wilson R.A., Frueger K.R., Arnold S.E., Schneider J.A., Kelly J.F., Barnes L.L. et al. 2007. "Loneliness and Risk of Alzheimer Disease." *Archives of General Psychiatry* 64: 234–40.
- Witte, James C, e Susan E Mannon. 2010. *The Internet and Social Inequalities*. New York, NY: Routledge.
- Wolfe, D. B, e R. E.. Snyder. 2003. *Ageless Marketing: Strategies for Reaching the Hearts & Minds of the New Customer Majority*. Chicago: Dearborn Trade Pub. World.
- Wright, Kevin B. 2000. "Computer-Mediated Social Support, Older Adults, and Coping." *Tesis*. University of Oklahoma. doi:10.16953/deusbed.74839.
- Xie, Bo. 2003. "Older Adults, Computers, and the Internet: Future Directions." *Gerontechnology* 2 (4): :289-305.

- Xie, Bo, Ivan Watkins, Jen Golbeck, e Man Huang. 2012. "Understanding and Changing Older Adults' Perceptions and Learning of Social Media." *Educational Gerontology* 38 (4): 282–96. doi:10.1080/03601277.2010.544580.
- Yang, Y, e L. C. Lee. 2010. "Dynamics and Heterogeneity in the Process of Human Frailty and Aging: Evidence from the U.S. Older Adult Population." *Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences* 65B (2): 246–55.
- Yin, Robert K. 2015. *Estudo de Caso: Planejamento E Métodos*. 5ª. Porto Alegre: Bookman.
- Ylanne, Virpi, Angie Williams, e Paul Mark Wadleigh. 2009. "Ageing Well? Older People's Health and Well-Being as Portrayed in UK Magazine Advertisements." *International Journal of Ageing and Later Life* 4 (2): 33–62. doi:10.3384/ijal.1652-8670.094233.
- Zickuhr, Kathryn, e Mary Madden. 2012. "For the First Time , Half of Adults Ages 65 and Older Are Online."
- Zimmer, Z. 2003. "A Further Discussion on Revisiting the Classification of Household Composition among Elderly People." *J Cross Cult Gerontol* 18 (3): 247–50. doi:473440 [pii].

Anexo I - Pedido de autorização de pesquisa de campo UMA/UNISSETI

Eu, Celiana Azevedo, estudante de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa – FCSH, venho por este meio solicitar autorização para a realização da pesquisa de campo na Universidade da Maturidade de Palmas-TO/Universidade sénior de Setúbal correspondente ao desenvolvimento de minha tese de doutorado. Minha pesquisa está intitulada “Demasiado velho para o digital? Envelhecimento ativo e os usos das TIC por pessoas com mais de 64 anos em Portugal e no Brasil” e é orientada pela Professora Cristina Ponte que concorda com a realização da pesquisa.

Breve descrição das atividades a serem realizadas

A pesquisa se realizará no período compreendido entre agosto e outubro de 2016 e será de caráter qualitativo que dividirei em três principais partes: observação assistemática, grupos focais e entrevistas semiestruturadas. Assim, num primeiro momento, realizarei a observação não participante nos cursos de informática direcionados para idosos com duração prevista de duas semanas.

Na segunda fase, provavelmente a mais importante, estabelecerei contato direto com os participantes da pesquisa e para isso, utilizaremos a metodologia conhecida como grupo focal. Faremos quatro sessões de grupos de foco (dois com idosos que utilizam as TIC e os outros dois com os que não utilizam), com duração aproximada de 60 minutos, compostas por 5 a 10 indivíduos, em espaços coletivos, porém, fora das salas de aula.

Na terceira parte, e por considerar importante entender as perspectivas individuais sobre cada uma das questões propostas, farei entrevistas semiestruturadas com todos os participantes deste estudo. No segundo e terceiro momentos, os áudios serão gravados para posterior transcrição e análise.

Para isso, com pessoas com idade igual ou superior a 65 anos que frequentam ou já frequentaram aulas de informática na UMA de Palmas/UNISSETI de Setúbal e têm acesso à internet e ao computador e/ou celular e/ou *tablet* e idosos que nunca utilizaram essas tecnologias. Os idosos também serão selecionados com base em características socioculturais e diferentes cursos de vida. A diversidade que buscamos tem como objetivo a heterogeneidade dos participantes que deverão ser: homens e mulheres; com diferentes origens geográficas (pessoas que nasceram e viveram na zona urbana e rural, grandes centros urbanos, pequenas cidades); com diferentes níveis de literacia mediática; diferentes graus de utilização das novas tecnologias de informação e comunicação; com educação formal variada (alta e baixa escolaridade).

Lisboa, 21 de dezembro de 2015

Celiana Azevedo

Anexo II – Declaração de concordância UNISETI



UNIVERSIDADE SÉNIOR DE SETÚBAL

Sede: Parque do Bonfim – 2900-703 Setúbal

Telefone: 265 50 230 / 265 149 196 / 91 21 97 371

secretaria.uniseti@gmail.com

02 OD/2016

Dra. Celiana de Fátima Bastos

Setúbal, 22 de Fevereiro de 2016

Assunto: Autorização de Realização Estudo na UNISETI

Ex. Ma Senhora,

Informa-se que foi concedida a autorização para a realização de um estudo de campo na Universidade Sénior de Setúbal, tendo em vista uma pesquisa para a dissertação do seu Doutoramento.

Com os Melhores Cumprimentos,
O Presidente da Direcção da UNISETI

Armando Jorge Sacramento

Anexo III- Declaração de concordância UMA



Palmas, 24 de Março de 2016

Declaração de Concordância

Declaramos que nós da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa sob a responsabilidade da pesquisadora Celiana Azevedo, estudante de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa – FCSH, após a sua aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. A pesquisa decorrerá entre agosto e outubro de 2016.

A handwritten signature in blue ink, which appears to read 'Luiz Sinésio Silva Neto', is shown. The signature is fluid and cursive, with the last name 'Neto' being more legible than the first and middle names.

Luiz Sinésio Silva Neto
Vice Coordenador da UMA-UFT

Anexo IV: Estudos empíricos que fizeram parte da revisão bibliográfica

Publicação	Título da pesquisa	Local	Principais objetivos
Alves, R. et al., 2012	O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação Pela Terceira Idade	Brasil	Analisa a forma como o uso das tecnologias de informação e comunicação está alterando as vidas dos idosos
Aparecida et al., 2011	Representação Social Do Idoso Do Distrito Federal E Sua Inserção Social No Mundo Contemporâneo a Partir Da Internet	Brasil	Discutir e analisar a construção das representações sociais dos idosos residentes no Distrito Federal sobre a internet
Azevedo, C., 2013	Tecnologias e pessoas mais velhas: importância do uso e apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação para as relações sociais de pessoas mais velhas em Portugal	Portugal	Entender de que modos as TIC influenciam as relações sociais de pessoas mais velhas
Barnard, Y. et al., 2013	Learning to use new technologies by older adults: Perceived difficulties, experimentation behaviour and usability	Internacional	Examina os fatores de aceitação e rejeição da tecnologia por adultos mais velhos
Bradley, Natalie e Poppen, 2003	Assistive Technology, Computers and Internet May Decrease Sense of Isolation for Homebound Elderly and Disabled Persons	EUA	Verificar se as TIC podem diminuir o isolamento social de idosos
Brito, 2012	A Utilização Do Computador E Internet Por Idosos	Portugal	Verificar por quais motivos os idosos utilizam o computador e da internet e quais as suas opiniões sobre estas tecnologias
Chaumon et. Al., 2013	Can ICT Improve the Quality of Life of Elderly Adults Living in Residential Home Care Units? From Actual Impacts to Hidden Artefacts	França	Examinar até que ponto as novas tecnologias podem trazer qualidade de vida para idosos que vivem em lares de acolhimento
Carleto, D., 2013	Relações intergeracionais de idosos mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação	Brasil	Analisar a influência de TIC nas relações intergeracionais de idosos
Center for Technology and Aging. 2014	The New Era of Connected Aging: A Framework For Understanding Technologies that Support Older Adults in Aging in Place	EUA	Análise quantitativa do usos das TIC com objetivo de entender como podem ajudar os idosos a viverem independentes

Chou, W.H., Lai, Y.-T. & Liu, K.-H., 2013.	User requirements of social media for the elderly: a case study in Taiwan	Taiwan	Analisa e propõe alterações na página do Facebook para que o uso por idosos seja mais fácil
Chua, S.L., Chen, D. & Wong, A.F.L., 1999	Computer anxiety and its correlates: a meta-analysis	Internacional	Analisa a relação entre o uso do computador, ansiedade, idade e gênero
Claßen, K., Schmidt, L.I. & Hans- WernerWahl, 2013	Technology and Ageing: Potential for European Societies	Internacional	Explora as várias funções que a tecnologia pode possuir para trazer qualidade de vida e a autonomia para as pessoas mais velhas na Europa, Ásia e América do Norte
Colombo, F., Aroldi, P. & Carlo, S., 2014	“Stay Tuned”: The Role of ICTs in Elderly Life	Itália	Explora o desempenho das TIC na construção de um ambiente positivo nas relações sociais e na promoção de um envelhecimento saudável
Cornejo, R., Favela, J. & Tentori, M., 2010	Ambient displays for integrating older adults into social networking sites	México	Cria e analisa um protótipo de rede social com características que facilitam o uso por idosos
Cotten, S.R. et al., 2012	Internet use and depression among older adults	Estados Unidos	Analisa a relação entre a utilização da internet e de depressão entre aposentados americanos
Cotten, S.R., Anderson, W. a. & McCullough, B.M., 2013	Impact of Internet Use on Loneliness and Contact with Others Among Older Adults: Cross-Sectional Analysis	Estados Unidos	Analisa a forma como a utilização da internet afeta a percepção de solidão e isolamento social de idosos e examina a percepção de como o uso da internet afeta a comunicação e interação social
Czaja e Lee, 2007	The Impact of Aging on Access to Technology	Estados Unidos	Analisa como as mudanças cognitivas relacionadas ao envelhecimento avançado em relação ao design das TIC
Dias, I., 2012	O uso das tecnologias digitais entre os seniores: motivações e interesses	Portugal	Analisa a relação dos seniores mais jovens (55-65 anos) e dos mais velhos (com mais de 66 anos) com as tecnologias digitais.
Dickinson, A. & Gregor, P., 2006	Computer use has no demonstrated impact on the well-being of older adults	Internacional	Faz uma revisão de estudos empíricos que concluem que o computador e a internet têm um efeito positivo sobre o bem-

			estar das pessoas idosas
Eggermont, Vandebosch e Steyaert, 2006	Towards the Desired Future of the Elderly and ICT: Policy Recommendations Based on a Dialogue with Senior Citizens	Bélgica	Entender o que os idosos desejam que as tecnologias sejam no futuro para formular políticas de recomendação nesse sentido.
Erickson, L., 2011	Social media, social capital, and seniors: The impact of Facebook on bonding and bridging social capital of individuals over 65	Estados Unidos	Examina o papel que as redes sociais digitais têm na vida de idosos
European Commission , 2010	ICT & Ageing: European Study on Users, Markets and Technologies Final Report	Internacio- nal	Examina e identifica fatores que facilitam e criam obstáculos para as TIC darem suporte para o envelhecimento avançado de cidadãos europeus e de outros países
Ferreira, S., 2010	Estudo qualitativo e comparativo do uso das TIC's pelo cidadão sénior	Portugal	Discute as contribuições da utilização das TIC nas variáveis auto-conceito e qualidade de vida do cidadão sênior
Fokkema, T. & Knipscheer, K., 2007	Escape loneliness by going digital: a quantitative and qualitative evaluation of a Dutch experiment in using ECT to overcome loneliness among older adults	Holanda	Avalia como a introdução à utilização de mecanismos de comunicação electrónica e a internet diminui a solidão entre doentes e deficientes adultos mais velhos cronicamente
Gaggioli, A. et al., 2014	Intergenerational Group Reminiscence: A Potentially Effective Intervention to Enhance Elderly Psychosocial Wellbeing and to Improve Children's Perception of Aging	Itália	Explorar a importância das relações intergeracionais e TIC
Gagliardi, C. et al., 2007	Designing a Learning Program to Link Old and Disabled People to Computers	Itália	Analisa e orientada a percepção de alunos idosos e professores sobre aspectos organizacionais e didático em cursos de informática com o objetivo de melhorias de habilidades
González, A., Ramírez, M.P. & Viadel, V., 2012	Attitudes of the Elderly Toward Information and Communications Technologies	Espanha	Compreender as atitudes dos idosos perante as TIC no contexto de um curso de formação sobre a utilização de plataformas digitais
Goodman, J. & Syme, A., 2003	Older adults' use of computers: A survey	Reino Unido	Analisa a interação de pessoas mais velhas com os computadores com o objetivo

			de entender as suas dificuldades
Heinz, M., 2013	Exploring predictors of technology adoption among older adults	Estados Unidos	Investigar o leva os idosos a adotarem o uso das TIC
Helsper, 2009	The Ageing Internet: Digital Choice and Exclusion among the Elderly	Reino Unido	Verificar se a exclusão digital de idosos é uma escolha ou a causa de uma exclusão social.
Helsper, E.J. & Eynon, R., 2010	Digital natives: where is the evidence?	Reino Unido	Analisa como a amplitude da utilização, a experiência, o sexo e os níveis de ensino são mais importantes do que a geração a que pertence para explicar o uso e apropriação das TIC
Hernández-Encuentra, E., Pousada, M. & Gómez-Zúñiga, B., 2009	ICT and Older People: Beyond Usability	Espanha	Analisa o uso que os usuários mais velhos fazem dos e das TIC na sua vida quotidiana
Horrigan, J.B., 2014	Closing Online Access Gaps for Older Adults	Estados Unidos	Apresenta dados relativos ao uso e adoção das TIC por idosos
Hur, W.-M., Kim, H. & Kim, W.-M., 2014	The Moderating Roles of Gender and Age in Tablet Computer Adoption	Coreia do Sul	Analisa a relação entre a percepção da utilidade, facilidade e prazer no uso de tablets, a influência social e características como o sexo e o gênero na utilização de tais dispositivos
Independent Age, 2010	Older people, technology and community	Estados Unidos	Entender como as TIC podem ajudar a prevenir o isolamento social e a solidão entre idosos
Kachar, V., 2010.	Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital	Brasil	Analisa inclusão digital dos idosos brasileiros
Lee, B., Chen, Y. & Hewitt, L., 2011.	Age differences in constraints encountered by seniors in their use of computers and the internet	Estados Unidos	Explora as restrições dos usuários de computadores em diferentes fases de idade (pré-sênior, jovem-velho e velho-velho)
Lehtinen, V., Nasanen, J. & Sarvas, R., 2009	"A little silly and empty-headed": older adults' understandings of social networking sites	Finlândia	Explorar a forma como as pessoas idosas compreendem os sites de redes sociais e como essas compreensões se aplicam em certos aspectos de suas vidas
Llorente-Barros, C.,	Mayores e Internet: La Red como fuente de oportunidades	Espanha	Aborda a ligação entre os idosos e Internet com objetivo de

Viñarás-Abad, M. & Sánchez-Valle, M., 2015	para un envejecimiento activo		descobrir como a internet é útil para este grupo etário e para explicar o potencial deste meio para o envelhecimento ativo
Loos, E.F., 2011	Generational use of new media and the (ir) relevance of age	Internacional	Analisa se as pessoas idosas realmente navegam em sites diferentemente de pessoas mais jovens e verifica se as diferenças de sexo, de escolaridade e de frequência de utilização da internet são encontradas entre os jovens e os mais velhos.
Luna-García, H., Mendoza-González, R. & Álvarez-Rodríguez, F., 2015	Patrones de diseño para mejorar la accesibilidad y uso de aplicaciones sociales para adultos mayores	México	Facilitar a integração da usabilidade nas interfaces de redes sociais para sua aceitação e utilização entre adultos mais velhos
Mellor, D., Firth, L. & Moore, K., 2008	Can the Internet Improve the Well-being of the Elderly?	Austrália	Avaliar o potencial da internet para reduzir o isolamento social entre idosos e melhorar o funcionamento psicossocial
Mitzner, T.L. et al., 2010	Older Adults Talk Technology: Technology Usage and Attitudes	Estados Unidos	Discutir a utilização e as atitudes de idosos sobre a tecnologia no contexto doméstico, de trabalho e da saúde
Neves, B. & Amaro, F., 2012	Too old for technology? How the elderly of Lisbon use and perceive ICT	Portugal	Entender como os idosos lisboetas usam e entendem os celulares, computadores e a internet
Nimrod, G., 2014	The benefits of and constraints to participation in seniors' online communities	Internacional	Explora a participação de idosos em comunidades online e identificar os efeitos positivos e negativos
Oliveira, L., 2011	Os Seniores na Sociedade da Informação e da Comunicação – Inquérito sobre a Utilização da Internet por indivíduos com idade igual ou superior a 55 anos	Portugal	Compreender o contexto doméstico em que essas pessoas mais velhas estavam inseridas para analisar a influência na utilização da internet.
Olphert, C., Damodaran, L. & May, 2011	Towards digital inclusion—engaging older people in the “digital world”	Reino Unido	Faz uma revisão de literatura relativa às pessoas idosas e a utilização das tecnologias

A., 2006			digitais e investiga as percepções dos idosos usuários e não usuários de internet como um passo para a compreensão dos fatores que estão por detrás da situação atual
Olson, K.E. et al., 2012	Diffusion of Technology: Frequency of Use for Younger and Older Adults	Estados Unidos	Investiga as diferenças relativas à idade na utilização global de tecnologias por idosos, bem como a frequência do uso da tecnologia (nunca, ocasional ou frequente).
Orlandi, B.D.M. & Pedro, W.J.A., 2014	Pessoas idosas e a busca por informações em saúde por meio da internet	Brasil	analisa como as pessoas idosas, participantes de um programa de inclusão digital, fazem buscas sobre saúde utilizando a internet, e como essas informações relacionam as doenças autorreferidas
Páscoa, G. & Gil, H., 2015	O desafio do facebook na promoção do envelhecimento ativo e da solidariedade intergeracional	Portugal	Verificar como o uso do Facebook por idosos pode influenciar no envelhecimento ativo dessa camada da população
Páscoa, G. & Gil, H., 2015	Uma nova forma de comunicação para o cidadão Sênior: Facebook	Portugal	Compreender o contributo do Facebook na promoção do envelhecimento ativo
Patrício, M.R. & Osório, A., 2011	Lifelong learning, intergenerational relationships and ICT: perceptions of children and older adults	Portugal	Compreender a relação entre crianças, adultos mais velhos e o uso das TIC
Pereira, C. & Neves, R., 2011	Os idosos e as TIC – competências de comunicação e qualidade de vida	Portugal	Comprovar se a relação entre o domínio e o uso das TIC por pessoas idosas permitem aferir a qualidade de vida
Petrella, S., Pereira, S. & Pinto, M., 2012	Literacia Mediática e Comunicação Intergeracional. Estudo das Trocas e Partilhas no “Encontro” entre Gerações Distantes	Portugal	Analisar as trocas e partilhas de conhecimentos geradas no encontro intergeracional em torno dos mídias ambicionando cruzar diferentes problemáticas do ponto de vista teórico e prático
Pires, L., 2013	Envelhecimento, tecnologias e juventude: caminhos percorridos por alunos de cursos de informática e seus avós	Brasil	Debate sobre o papel social da oferta cursos na área de informática e a relação de jovens e seus parentes idosos para a contribuição na inserção

			de pessoas idosas na sociedade tecnológica
Pew Research Center, 2014	Older Adults and Technology Use: adoption is increasing, but many seniors remain isolated from digital life	Estados Unidos	Apresenta um perfil do usos das tecnologias digitais de idosos americanos
Raymundo, T., 2013	Aceitação de tecnologias por idosos	Brasil	Analisar as variáveis que influenciam o uso e a inserção de tecnologias por parte dos idosos em seus cotidianos
Roberto, M.S., Fidalgo, A. & Buckingham, D., 2014	O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital	Portugal	conhecer a temática da solidariedade intergeracional no âmbito das TIC, com o objetivo de recolher informações para o desenvolvimento de programas entre gerações que visem ao recurso às TIC
Rocha, R.G.O., 2013	Uso de tablets como ferramenta facilitadora em projetos de inclusão digital de idosos	Brasil	Verificar se o tablet é uma ferramenta que fomenta a inclusão digital de idosos e analisar como esta tecnologia pode ser usada a favor das pessoas nessa fase da vida
Rogers, W. a & Fisk, A.D., 2010	Toward a Psychological Science of Advanced Technology Design for Older Adults	Internacional	Fornecer uma visão geral do que a psicologia tem a oferecer para o design de tecnologias usada por idosos; identifica as preferências dos idosos no design de tecnologias; e define a capacidade e limitações tecnológicas dos idosos e como isso influencia a interação com a tecnologia
Sá, M. & Almeida, V., 2012	A inclusão dos idosos no mundo digital através das novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs)	Brasil	Investigar como as TIC interferem na inclusão do idoso no mundo digital e quais são as mudanças que acontecem na sua qualidade de vida
Sales, M. et al., 2014	Tecnologias de Informação e Comunicação via Web: Preferências de uso de um grupo de usuários idosos	Brasil	Verificar a frequência e as preferências de uso de TIC de um grupo de usuários idosos (e-mail, bate-papo, mensagens instantâneas, videofonia e redes sociais)
Sales, M.B. et al., 2014	Inclusão digital de pessoas idosas: relato de experiências	Brasil	Relata as atividades de oficinas de inclusão digital de pessoas

	de utilização de software educativo		idosas, utilizando softwares educacionais para facilitar a aproximação e desmitificar a interação do idoso com o computador, levando em consideração os declínios decorrentes da idade na motricidade e na cognição
Saunders, 2004	Maximizing computer use among the elderly in rural senior centers	Estados Unidos	Entender que tipo de atitude têm os idosos que vivem em áreas rurais perante os computadores
Sánchez, M., Kaplan, M.S. & Bradley, L., 2015	Usando la tecnología para conectar las generaciones: consideraciones sobre forma y función	Internacional	Analisa os processos de educação e aprendizagem desenvolvidos dentro de programas intergeracionais mediados pela tecnologia
Selwyn, N., Gorard, S. & Furlong, J., 2003	The information aged : Older adults' use of information and communications technology in everyday life	Reino Unido	Exame a extensão e a natureza do acesso e utilização das TIC por adultos mais velhos na sua vida cotidiana
Silveira, M.M. et al., 2011	Processo de aprendizagem e inclusão digital na terceira idade	Brasil	Busca conhecer as condições que facilitam e dificultam o aprendizado do uso do computador em alunos de um grupo de terceira idade que fizeram parte de um projeto de inclusão digital
Slegers, K., Boxtel, M.P. & Jolles, J., 2008	Effects of computer training and Internet usage on the well-being and quality of life of older adults: a randomized, controlled study	Holanda	Examinar a relação causal entre a utilização do computador e o bem-estar físico, social, emocional, o desenvolvimento, a atividade e a autonomia em pessoas idosas
Tavares, M. & Souza, S., 2012	Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação	Brasil	Discutem-se as possíveis limitações que a terceira idade encontra para interagir com as TIC
Villarejo-ramos, B.P.J.A.Á., 2015	De la brecha digital a la brecha psico- digital : Mayores y redes sociales	Espanha	Analizamos a evolução do conceito de fosso digital para idosos a partir da perspectiva do envelhecimento ativo e no contexto da utilização de redes sociais como um instrumento de comunicação
Vroman, K.G.,	"Who over 65 is online?" Older adults' dispositions toward	Estados Unidos	Analisa os padrões de utilização das TIC do idoso e a sua

Arthanat, S. & Lysack, C., 2015	information communication technology		participação social através das tecnologias; analisa como características sociais e pessoais podem estar correlacionadas à adoção das TIC
---------------------------------------	---	--	---

Anexo V- Guião para observação não participante

Pontos a serem considerados durante as aulas de informática:

De que formas os usos e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação influenciam no envelhecimento ativo, no que diz respeito à participação social, de homens e mulheres com mais de 64 anos em Portugal e no Brasil?

-Verificar se as tecnologias de informação potencializam ou não oportunidades de saúde, participação e segurança

Verificar se o contexto social em que estão inseridos os idosos que participaram nesta pesquisa influencia na inclusão ou exclusão digital e no processo de envelhecimento ativo no que diz respeito à participação social;

Verificar aspectos ligados ao contexto social

Com quem vivem (cônjuge, filhos, netos, outras pessoas)?

Onde vivem

Os ciclos de vida estão determinantes no uso das TIC?

Como as TIC e as tecnologias influenciam as relações sociais e familiares?

Os efeitos psicológicos ao usar as TIC são refletidos na vida social offline?

Verificar se os conceitos presentes na teoria da atividade, no modelo otimização seletiva com compensação e teoria da inovação do envelhecimento bem-sucedido são identificados na relação entre o uso e apropriação das tecnologias de informação e comunicação (computador, celular e tablet com ligação à internet) e os idosos que participaram desta pesquisa como uma forma de enfrentamento para os constrangimentos relacionados ao processo de envelhecimento avançado e promoção de um envelhecimento ativo e socialmente participativo;

-Teoria da atividade

-Modelo otimização seletiva com compensação

-Teoria da inovação do envelhecimento bem sucedido

Verificar quais as percepções pessoais que motivam os idosos que fizeram parte dessa pesquisa: a) para estarem envolvidos em interações sociais online; b) sobre as vantagens; c) os obstáculos; d) a existência de riscos; e) e desvantagens específicas com que se defrontam durante essas experiências.

A aprendizagem da tecnologia

-Maneiras de aprender como usar (lugares e pessoas envolvidas na atividade de aprendizagem);

-O que mais gostam de fazer?

-Tarefas mais difíceis e mais fáceis;

-Parecem satisfeitos na sala de aula?

- Que tipos de perguntas fazem aos professores?

- Como é o relacionamento entre os alunos e com os professores?

-Qual a motivação existe para aprender como utilizar um computador?

-Aspectos técnicos que dificultam e facilitam o uso das TIC

- Para além da universidade, mais alguém já os ensinou como usam as TIC?
- Por qual motivo decidiu aprender como usar um computador?
- Como pretende usar os conhecimentos de informática no futuro?

Anexo VI - Guião grupo de foco

Introdução sumária – 5'

Apresentação da investigadora e informações breves sobre a pesquisa. Explicar como o grupo de foco será conduzido e como as informações recolhidas serão utilizadas. Assinatura do consentimento informado.

Apresentação dos entrevistados:

Começamos com uma volta, para se apresentarem em breves palavras, o nome, a idade e o que faziam antes de se reformarem...

Nós vamos falar de três tecnologias com ligação à internet: o celular/telemóvel, o computador e o tablet.

Telemóvel – 10'

- Primeiramente gostaria de saber se possuem celular/telemóvel.
- Alguém tem Smartphone (celular/telemóvel com internet)?
- Quando adquiriram o celular/telemóvel pela primeira vez, se recordam? Como foi essa experiência?
- Qual a importância que esta tecnologia tem em vossas vidas?
 - Qual é a principal função dão ao celular/telemóvel?
 - O que fazem com o celular/telemóvel para além de fazer e receber chamadas?
 - O que mudou em suas vidas depois do celular/telemóvel?
- Qual a importância do celular/telemóvel para as vossas relações sociais?
- Qual a frequência do uso do celular/telemóvel?
- Hoje, conseguiriam ficar sem o celular/telemóvel? Por quê?

Computador – 10'

- Gostaria de saber quem tem computador em casa. Quando adquiriram? (Se não, por que ainda não possuem?)
- Como foi a chegada do computador nas vossas vidas?
- Quando aconteceu o primeiro contacto/contacto com um computador? Lembram-se como foi? Isto foi há quanto tempo?
- Antes de fazer aulas de informática, alguém já vos tinham ensinado como usar um computador?
 - Por que decidiram fazer aulas de informática?

Tablets – 10'

- Gostaria de saber se possuem tablet.
- Quando adquiriram o tablet pela primeira vez? Como foi essa experiência?
 - Se recordam por qual motivo decidiram adquirir um tablet?
- O tablet apresenta alguma vantagem que o computador ou o celular/telemóvel não possuem.
 - Acham que é mais fácil usar o tablet em comparação ao celular/telemóvel e o computador?
 - É mais fácil ou mais difícil de ser usado?

- Qual é a principal função que dão ao tablet? Serve para quê?
 - Falar com familiares, amigos?
 - Acessar serviços online? Quais?
 - Acessar informações da comunicação social?

Redes sociais – 10'

- Alguém faz parte de alguma rede social? Quais?
- Por que decidiram usar ou não usar as redes sociais?
- Quanto tempo passam nas redes sociais? O que fazem nas redes sociais? Com quem falam?
- De um modo geral, a ideia que possuem sobre as redes sociais/Facebook para as vossas vidas é positiva ou negativa?
 - O que trás de bom, de ruim, contribui com alguma coisa?
- O que pensam sobre as pessoas que usam muito as redes sociais? (Em demasia)
- Acham que podem se beneficiar de alguma forma com o uso das redes sociais como o Facebook, por exemplo?

Tecnologia em geral – 15'

- Quais são os meios de comunicação que mais utilizam, aqueles que não poderiam faltar no vosso dia a dia? E por quê?
 - O processo de envelhecimento avançado pode modificar as nossas vidas de diversas maneiras. Um dia não teremos tanto vigor físico, etc. Como as tecnologias podem nos ajudar no futuro?
 - Como podemos tirar benefício da tecnologia?
 - Aprendem a usar as TIC hoje a pensar no futuro?
- O fato de fazerem aulas de informática e estarem a melhorar os vossos conhecimentos para usar a internet facilitou de alguma maneira o diálogo/contacto com outras pessoas? (Se sim, quem são essas pessoas?)
- Quais meios de comunicação são mais utilizados para estarem informados e ligados ao mundo? Para estarem em contato/contacto com amigos, com a família?
 - Qual é o principal meio por onde adquirem informações sobre o que está acontecendo na sociedade? (Notícias)
- Que tipos de informações procuram quando fazem pesquisas na internet?
- E o preço das tecnologias?
 - Vale à pena adquirir estes objetos?
 - Com que frequência compraram novas tecnologias?
 - Quantos celulares/telemóveis, computadores e tablets já tiveram?
- É difícil adquirir conhecimentos ou acompanhar a evolução tecnológica?
- Qual das três tecnologias é a mais importante para o vosso uso pessoal?
- Consideram que as tecnologias ocupam uma parte significativa de suas vidas, agora? Como preveem o futuro, acham que essa importância vai aumentar ou diminuir ou permanecer a mesma?
 - Em vossas vidas, acham que a tecnologia ajuda a contornar alguma dificuldade que o avançar da idade trouxe?

- Tem alguma atividade que antes faziam, mas que agora fazem através das tecnologias?

Teorias – 15'

- Reformar-se representou uma nova fase da vida para os senhores? Como é que se adaptaram a ela?
 - Acham que depois de se reformarem possuem mais tempo livre?
 - Como administram o vosso tempo (entre atividades e tempo livre)?
 - Fazem alguma coisa que antes não faziam, ou seja, introduziram novas atividades no vosso dia a dia depois de se reformarem?
 - Por quê?
 - Têm algum exemplo?
- “Quanto mais velhos ficamos, tornamo-nos mais afastados da sociedade”.
 - O que pensam dessa afirmação? Concordam, discordam?
- “Manter-se ativo é importante para ter uma boa velhice”. Concordam ou discordam com essa afirmação? O que pensam?
- Acham que as tecnologias podem aumentar ou diminuir a solidão/isolamento social? Por quê? Teriam algum exemplo para compartilhar?
- Consideram-se, hoje, pessoas ativas? Por quê? Acham que isso pode modificar-se no futuro quando tiverem mais idade?
 - (Se sim, acham que as tecnologias ajudam que se mantenham ativos?)
 - (Se não, acham que as tecnologias poderiam ajudar a serem mais ativos?)

A Roda: Percepções individuais sobre o uso das TIC – 15'

Apresentar a figura e distribuir os post-it e as canetas

Anexo VII - Entrevista individual

Nome:

Aspectos sociodemográficos a serem abordados

1. Sexo?
2. Idade?
3. Em que ano nasceu? 2. Onde nasceu? (lugar, concelho/país) Já viveu em outras cidades ou países?
4. Onde reside atualmente?
5. Qual a sua escolaridade? Estudou em instituições públicas ou privadas?
6. Qual o seu estado civil? Tem filhos ou netos? Vivem perto? Com que frequência convive com eles?
7. O que fazia antes de se reformar? Trabalhou em outros lugares? Tem alguma ocupação remunerada, hoje?
8. Tem algum problema de saúde? Gostaria de especificar? Seu estado de saúde limita suas atividades quotidianas?

Outros aspectos ligados as TIC

9. Quais destes equipamentos/serviços utiliza para se comunicar?
Celular/telemóvel ☐
Telefone fixo em casa ☐
Telefone público ☐
Tablet ☐
Computador portátil com internet e câmara ☐
Skype ☐
Whatsap ou outro aplicativo para troca de mensagem escrita, mensagem de voz ou de voz e imagem ☐
Msn ☐
E-mail ☐
Algum tipo de chat ☐
Facebook ou outra rede social ☐
Outro ☐

10. Poderia dizer-me se:

Utilizou a internet para trabalho escolar	
Visitou rede social	
Pesquisou informação para satisfazer curiosidade	
Usou uma <i>webcam</i>	
Usou aplicativo de conversação	
Leu/ viu notícias na internet	
Publicou fotos, vídeos ou música para partilhar com outros	
Jogou sozinho ou contra o computador	
Ouviu música	
Viu vídeo <i>clips</i>	
Registrou a sua localização geográfica	
Consultou mapas e horários	
Viu transmissão televisiva/ filme <i>online</i>	
Descarregou aplicações gratuitas	
Publicou mensagem num <i>site</i> ou blogue	
Leu um <i>e-book</i>	

11. Acha que usar as tecnologias faz com que seja mais ativa? Por quê?
12. Ao usar as TIC sente-se mais incluída socialmente? Poderia dar um exemplo?
13. Acha que depois de estar reformada os seus contatos sociais aumentaram, diminuíram ou permaneceram os mesmos? Como explica isso?
14. Depois de se reformar tornou-se mais ou menos socialmente ativa?
15. Qual a tecnologia que mais utiliza para falar com familiares e amigos? Com que frequência?
16. A senhora utiliza as redes sociais online, tais como facebook e twitter ou outras para se relacionar com sua família ou amigos?
17. Diria que as tecnologias ocupam um espaço importante do seu tempo livre? Por quê? (Se sim, quão importante?)
18. Com qual frequência adquire uma nova tecnologia? Já tem planos para adquirir alguma nova TIC?
19. Considera-se uma pessoa que domina o uso das TIC?

Anexo VIII- Consentimento informado

Declaro ter recebido informação sobre os objetivos e condições de realização do Grupo de Discussão sobre tecnologias de informação e comunicação (celular/telemóvel, computador, tablet e internet) e aceitar de livre vontade participar na sessão. As imagens e os dados recolhidos nesta iniciativa serão utilizados para análise científica no âmbito de uma tese de doutoramento em Ciências da Comunicação - Estudo dos Media e do Jornalismo - da Universidade Nova de Lisboa sob a responsabilidade da pesquisadora Celiana Azevedo.

Assinatura:

Data:

Anexo IX – Transcrição grupo de focal UMA 1

Apresentação da investigadora e informações breves sobre a pesquisa. Explicar como o grupo de foco será conduzido e como as informações recolhidas serão utilizadas. Assinatura do consentimento informado.

Moderadora: Gostaria que me dissessem o nome, a idade e o que faziam antes de se aposentarem.

Salvador: Sou Salvador, tenho 68 anos, era bancário e agora sou corretor [de imóveis].

Renato: Renato, 69 anos, comerciante e agora trabalho aqui na UMA.

Osvaldo: Osvaldo, 64 anos, funcionário público e sou jardineiro.

Paula: Paula, 65 anos, era comerciante e agora trabalho aqui na UMA.

Tomás: Tomás, 69 anos, fui bancário e empresário e trabalho aqui na UMA como voluntário.

Moderadora: Primeiramente, eu gostaria de saber se todos possuem celular?

(Todos têm)

Salvador: Eu tenho dois e cada um com quatro operadoras, com dois chips.

Osvaldo: Chip, eu tenho quatro: Claro, Oi, Tim e Vivo.

Renato: Eu tenho celular, mas só uso um [chip].

Paula: Eu também só tenho um de uma operadora.

Moderadora: E quem tem internet no celular?

(Só Tomás não possui internet no celular)

Osvaldo: Eu tenho, mas só uso em casa, porque se não, me atrapalha, pois se não, eu só fico no Whatsapp. Esse [que tem internet] fica em casa, eu só carrego o que não tem internet. Esse [aponta para o celular] dá para falar, gravar, fotografar, mas o outro está lá.

Paula: Só quando chega em casa é que você vai ver as notícias.

Osvaldo: Na verdade, nem é um celular, é um tablet, mas tem tudo.

Moderadora: Então, o Whatsapp fica no tablet?

Osvaldo: Sim.

Moderadora: E os Outros?

Salvador: Eu tenho [internet] em casa e tenho a móvel. Eu utilizo, é aquele negócio... a gente tem que estar em contato o tempo todo. Às vezes, eu estou sem crédito e quando chego em casa é aquele monte de mensagens.

Moderadora: E quando adquiriram o celular pela primeira vez?

Salvador: Quando surgiu.

Paula: O meu primeiro foi em 2006 para 2007, quando a gente veio morar aqui, né? A gente estudava na UMA.

Renato: A gente comprou um tijolão.

Paula: Não, o meu! Me deram foi em 2006, já tem 10 anos e aí a gente foi evoluindo.

Moderadora: E por que adquiriu um celular?

Paula: O objetivo era estar comunicando onde se estive porque o telefone fixo era só em casa, aí foi quando eu entrei aqui na UMA e todo mundo começava a falar do celular e para você poder saber das coisas mais fácil. Aí eu ganhei um celular.

Moderadora: A senhora ganhou?

Paula: Sim, o primeiro, eu ganhei no dia das mães.

Renato: Fui eu quem te deu.

Paula: Você e a Patrícia. Ah, eu esqueci de te falar: ele [Renato] é meu esposo.

Moderadora: Descobri há poucos momentos.

Oswaldo: O meu foi em 2007 quando eu vim da fazenda para a cidade porque eu sou lá do mato. Eu sou divorciado e tenho uma filha comigo, aí eu comprei um para mim e outro para ela para a gente se comunicar de onde a gente estava. A gente não tinha telefone fixo, aí o celular... eu comprei logo depois, de onde eu estava, sabia dela. Foi para comunicar e para economizar, pois em vez de comprar um telefone fixo, comprei os celulares. Ela ia para a casa da tia, para a escola...

Renato: É uma facilidade, pois onde você vai, você leva junto.

Oswaldo: Aí depois o tablet. Eu resolvi acompanhar os jovens nesse negócio de Whatsapp, esse negócio estava me dando curiosidade, aí comprei logo o tablet que para os velhos é melhor porque o celular tem as letras pequenas. Eu comprei um que tem tudo que você imaginar, é um destempero! Eu trabalho até meio-dia e de meio-dia à tarde eu estou no tablet ali descobrindo coisas. Tem dia que eu esqueço e quando eu vou dar fé é 11 horas da noite “mas moço, não é hora de velho estar no celular!”. Já estou começando a ficar malandro!

Moderadora: E o senhor Renato?

Renato: O primeiro foi aquele, lembra? Aqueles grandões, aí depois que a gente veio morar aqui é que nós passamos a usar realmente o celular, foi em 2007. O primeiro foi em 2005, 2004. Aquele telefone grandão.

Paula: A gente tinha até medo de usar.

Osvaldo: Eu não comprei antes porque eu morava nas fazendas, não pegava, não é? Hoje, quase todo lugar do Brasil já pega porque tem energia para todo lado, aí o povo coloca as antenas, mas como não tinha, a gente usava era o orelhão na cidade ou a central telefônica. A menina era de menor, era adolescente, era para rastrear ela.

Moderadora: E teve alguma razão pelo qual o senhor adquiriu um celular?

Renato: A razão é que a gente é do Rio, aí para comunicar com a filha que mora lá tem que ter um aparelho, aí esse era o meio mais fácil da gente ficar se comunicando, pelo celular.

Moderadora: E o senhor Salvador?

Salvador: O celular surgiu... você lembra quando foi? Em 2000 ou 2001?

Renato: 2000 e qualquer coisa...

Osvaldo: O celular começou nos anos 80, já tinha.

Paula: Mas era um sonho para poucos.

Salvador: Mas eu adquiri o meu em 2002, 2003, por aí assim. Eu comprei pelo seguinte: questão de comunicação mesmo. Hoje não, o celular é a minha ferramenta de trabalho no caso, mas antes, pela comunicação mesmo porque antes a comunicação era feita por aqueles telefones fixos de posto telefônico nas cidades, né? Quando eu vim para essa região em 1972, em Pedro Afonso. Primeiro, não tinha energia na cidade, o progresso era o mínimo. Aí desenvolveu e veio o telefone, mas só tinha um telefone na cidade, um posto telefônico. Para você fazer uma ligação você tinha que ir lá no posto e esperar uma hora, duas horas para você poder falar. Eu sou de Minas, 2000 km. Deixei minha família toda: pais, irmãos. Quando eu vim, foi quase uma aventura, aí eu tinha que comunicar através de cartas, aí depois surgiu o telefone, mas era uma dificuldade toda, tinha dia que não conseguia falar, a gente ligava e tinha que ir um mensageiro falar. Depois começaram a surgir os telefones fixos nas casas e eu comprei um telefone, mas aí veio mais essa evolução do celular. Eu estou aqui, antes eu tinha que ir lá em casa para fazer uma ligação. Por que o celular é bom? O nome já diz, é móvel, não é? Eu vou lá numa fazenda, no Rio Sono, eu tenho um cunhado lá, e de lá estou conversando com todo mundo tanto no Brasil como no Japão, por exemplo. Não tem comparação entre aquele tempo e hoje.

Moderadora: Qual é a importância do celular para as vossas vidas? É importante ou não é importante?

Paula: É importante.

Salvador: É importante. Eu acho assim: é importante, só que está sendo utilizado de uma maneira que, às vezes, causa até problema. Está sendo um veículo de perdição. É o mal uso desse veículo de comunicação, né? Então, as vantagens são maiores que as desvantagens, mas tem desvantagens. As pessoas não têm controle.

Osvaldo: Eu saio com esse celular que não tem internet e Whatsapp porque aquilo é uma ferramenta de trabalho. Eu tenho um emprego fixo que eu trabalho de manhã para meio-dia, mas eu faço uns bicos. Tem vez que eu estou lá no meu serviço e já pego outro serviço. Então, hoje é obrigatório. Esse celularzinho velho tem seis anos que eu tenho ele e é 24 horas no ar comigo, eu moro sozinho e não tenho ninguém nem para dar um recado. Então, o celular é extremamente importante. Agora o tablet que eu já comprei não tem ainda muita serventia não, para comunicar ele quase não serve, a gente passa um Whatsapp para a pessoa ele pode não estar *online*, quando a pessoa vê, a gente já resolveu o problema. Ele é mais para entreter.

Renato: A hora que eu estava ali fora, eu estava conversando com a minha filha. Eu estou alugando uma casa lá no Rio de Janeiro e ela me passando as informações e eu passando para ela o que eu quiser. Olha só a facilidade da comunicação, é muito importante!

Osvaldo: Hoje, uma das coisas mais importantes é o celular.

Salvador: Por exemplo: eu no início, tive resistência a esse negócio do Whatsapp porque ele está separando as pessoas. Se você vai fazer uma reunião em casa com dez pessoas, ninguém conversa, o diálogo já não existe, cada um com o seu celular. É por isso eu não queria. Aí o meu filho disse que eu tinha que usar o Whatsapp, que isso era coisa de primeiro mundo, mas eu não queria mexer com isso porque ninguém conversa mais, não tem mais diálogo, eu fui resistente. Mas eu trabalho como corretor como um complemento para a minha aposentadoria, aí eu faço os meus negócios e preciso muito do celular...

Paula: É bom para tirar fotos.

Salvador: Eu participo também da igreja, em outro grupo da velhice e do grupo do teatro. Então, eu tenho vários grupos e todos eles têm um grupo de Whatsapp que é para facilitar a comunicação, as datas das reuniões, as coisas que a gente vai fazer juntos. E eu não tinha essas facilidades. Aí minha filha me deu um celularzinho de aniversário e foi passando e eu me atualizei e comprei esse com internet, tem Facebook e Whatsapp. Então, hoje eu só lembro do meu filho que falava para eu utilizar o Whatsapp e eu ficava gozando as pessoas, enchendo o saco e hoje eu aderi e digo que é um instrumento de primeiro mundo.

Moderadora: E a dona Paula, o que pensa?

Paula: Eu acho que é mesmo de primeiro mundo e é um instrumento importante. Celular com Whatsapp virou um instrumento de trabalho e sim, de comunicação também, mas é como o senhor Salvador disse, as pessoas não estão sabendo utilizar. Nos grupos eles ficam colocando coisas que não tem nada a ver porque num grupo... porque aqui eu tenho muitos grupos, tudo aqui da UMA eu tenho um grupo: grupo da

velhice, grupo de dança, grupo amarelo. Mas as pessoas não sabem usar, como o senhor Salvador falou, vão para uma reunião, ou em casa mesmo, está todo mundo ligado. Então, acho que o celular tem dois pesos: o que veio para unir e facilitar e o que veio para desunir nessa parte dos que não sabem usar. Tem uns grupos aí do meu sobrinho que eles saem aos sábados, aí é assim: todo mundo chega na mesa e coloca o celular em cima, ninguém usa, o primeiro que pegar no celular paga toda a conta.

Oswaldo: As minhas meninas, às vezes, vão lá em casa nos finais de semanas. Chegando lá, elas não têm vez não, ficam no Whatsapp, os netos pulam para aqui pulam para ali e eu falo e elas nem sabem o que eu estou falando. Quando estou falando eu digo: “desliga isso aí ou então vocês vão para suas casas”, separa muito. Elas já sabem... se for para ficar falando no Whatsapp é melhor elas falarem comigo pelo Whatsapp.

Renato: Eu um dia fiquei observando um rapaz com um celular e uma menina do lado dele, ela cansou dele, levantou e saiu e foi embora, depois de um tempo ele olhou e ela tinha sumido, a garota foi embora e ele ficou com o celular.

Oswaldo: Mas para usar do jeito certo, na hora certa é a melhor coisa.

Paula: Tem uma aluna aqui, uma senhora que é ela, a filha, o genro e o neto, aí ela me disse que estava se sentindo dentro de casa perdida “estou me sentindo igual a um bichinho, eu sou invisível, eles ficam na sala para ver televisão aí cada um conversando no celular”. Aí ela disse que vai para a cama dormir no silêncio porque ela não tem e não procurou evoluir, ela também não procurou colocar um Whatsapp, aprender uma informática, então, você se sente excluída.

Moderadora: Para além de fazer e receber chamadas, o que fazem como o celular?

Oswaldo: Tem o Whatsapp para a comunicação, o Facebook, tem o e-mail.

Paula: Sim, onde você está você está sabendo se recebeu um e-mail.

Oswaldo: Tem o Twitter.

Paula: Twitter, eu nem sei mexer. Eu tenho o YouTube.

Salvador: O YouTube é para tudo: ver música. Esses dias eu estava ouvindo música de 1925.

(todos falam ao mesmo tempo)

Paula: A gente vê novelas antigas.

Oswaldo: Tem o Google que a gente pesquisa tudo.

Renato: Converso com a minha filha através do Skype com o celular.

Moderadora: E se eu fizesse a seguinte pergunta: Como seria a vossa vida sem o celular?

Paula: Seria muito ruim.

Salvador: Eu teria que voltar para trás porque nas fazendas já é difícil. Você monta num cavalo e chega aqui na cidade ligeiro, mas aqui na cidade é difícil, hoje já não dá para ficar na cidade sem celular.

Paula: Ai... eu não sei se não tivesse mais celular não... não sei como eu iria fazer não, eu faço tudo com o celular.

Renato: Ela dorme com o celular.

Osvaldo: Para negócio, hoje, não tem melhor que o celular.

Paula: A maior parte do que eu faço de trabalho é com o celular, se você for ali no meu celular, tenho mais de 300 contatos, tudo da UMA. Família, eu tenho pouco, só o meu filho e a minha filha e, às vezes, passo uma semana sem entrar no Zap para falar com a minha filha por falta de tempo, às vezes, eu mando um coraçãozinho, um beijinho e pronto. Mas é mais pelo trabalho que iria se tornar muito difícil porque hoje, por exemplo, a UMA já está na sétima turma, vamos dizer aí uns 60 alunos, dá uns 500 alunos que dependendo do evento a gente tem que ir lá e ligar um por um, você passa dois ou três dias ligando e é coisa de um minuto aqui eu ponho no grupo do Whatsapp todo mundo recebe, todo mundo vê, mas eu ainda não tenho todos 400 ou 500 aqui, né? Mas estes mais chegados e mesmo os que já se formaram estão sempre voltando, a gente vai colocando para que eles fiquem inteirados no assunto. Se acabasse seria muito triste. Tem dia que a doutora [coordenadora da UMA] fala que não quer coisa pelo Whatsapp porque velho não lê direito, esquece de abrir, tem que ligar, mas é complicado, se eu ficasse sem Whatsapp, principalmente para mim, a questão do trabalho dificultaria muito.

Salvador: Celular, eu acho que ele surgiu na década de 90, eu acho que não foi em 80 não. Então, voltando à década de 90, se subtrair 26 anos da minha idade não tem problema acabar o celular, mas se tirar o celular e não subtrair a minha idade, aí é um desastre, mas se tirar 26 anos da minha idade aí é nota 10! Eu trocaria esses 26 anos pelo celular, andar no mato, escrever cartas novamente, numa época que quase não tinha telefone para ligar, mas caso contrário, não pode deixar de existir não!

Osvaldo: Tem uma vantagem que não precisa ninguém ficar batendo cabeça um com o outro não, com essas histórias do passado. Agora é só ir no celular e pesquisar que você acha tudo: aconteceu isso dia tal do mês tal. Tudo isso... eu já encontrei parente que tinha mais de 30 anos que eu não tinha notícia, há pouco tempo. Então, o celular serve para afastar, mas serve para aproximar também. Eu digitei o nome completo dele lá, mas apareceu tanta gente com esse nome...

Renato: Os prós são muito mais que os contra.

Salvador: Gostei dessa ideia da punição: quem pegar primeiro no celular recebe uma punição.

Renato: Se o celular desaparecesse para mim seria difícil, eu teria que ir lá, dificultaria.

Oswaldo: Imagina como seria difícil o senhor ir ao Rio de Janeiro para falar com a sua filha.

Renato: Ela vai me perguntando e eu vou falando como ela deve fazer, uma comunicação instantânea.

Paula: Às vezes, eu quero comprar uma blusa para a minha filha, quero levar daqui porque é diferente de lá. A gente vai lá, tira foto e mostra para ela e pergunto qual ela gostou aí ela já escolhe. O problema é que ela acaba escolhendo todas.

Oswaldo: Nós temos que ser uns velhos modernos, temos que usar o celular!

Moderadora: E o computador, alguém tem computador?

Oswaldo: Eu ainda não tenho, mas eu faço tudo pelo celular. Ele só não faz imprimir. Eu não tenho computador porque não preciso, já tenho o tablet e tudo que eu acho no computador eu acho nele, quando eu vou imprimir alguma coisa eu vou lá na *lanhouse* e imprimo.

Moderadora: E os senhores têm computador?

Salvador: Eu já tive, mas estava defasado e comprei outro só que lá em casa, me pediram emprestado e nunca devolveram... (o telefone toca e ele atende e fala com um cliente)

Paula: Vai pagar multa!

Oswaldo: Eu até desliguei para não pagar multa.

Salvador: Pois é, estou sem computador porque o cara levou [ladrão]! Aí eu estou sem.

Moderadora: Aí o senhor vai querer adquirir outro ou não?

Salvador: Esse computador é interessante porque o meu neto sempre fica muito comigo aí ele disse... ele tem um computador em casa, o pai a mãe mexem com computador, só que ele estava lá em casa e começou a fazer o trabalho e disse “vô, eu vou levar esse computador para casa para eu terminar o meu trabalho, mas devolvo”. Ele levou o computador de tarde e quando foi de manhã o ladrão foi lá e o meu estava lá. O ladrão levou quatro computadores, duas televisões, eles encostaram um carro lá e levaram, devem ter levado uns 10.000 [reais]. Aí minha filha disse que iria me dar um outro computador, se ela comprar eu aceito de boa! Eu vou comprar um, tenho que ter, tenho a linha em casa.

Paula: Nós temos um computador mesmo, temos um notebook, um computador desse aqui mesmo [aponta para o desktop que está na sala] eu não tenho usado.

Paula: O computador já não tem tanto uso. É assim, para quem estuda e para o trabalho o computador é muito importante, mas para a gente em casa agora a gente resolve tudo no celular.

Moderadora: E esse primeiro computador quando a senhora adquiriu?

Paula: O meu tem muitos, muitos, anos!

Renato: Em 2008.

Paula: Quê 2008?! Começou todo mundo com febre de comprar computadores e os meus filhos, todos em idade escolar, diziam para eu comprar “compra, mãe, compra, compra, compra”, mas eu não entendia nada. Fiz um financiamento pelo banco porque era caríssimo para pagar em 12 meses, naquele tempo que ele era cinza. Botamos lá em casa e não sabia nem como ligava. Ligava e não sabia fazer e as crianças só ficavam fazendo desenho e aquilo foi ficando para lá. Eu tinha loja e pensei “nossa, isso vai me ajudar muito” e aí fui ao curso da CDL e comprei um kit como administrar loja, era só colocar o CD, mas eu nunca pude fazer nada porque eu não sabia nem o que era internet e para você poder fazer coisas tinha que ter internet e foi ficando e virou brinquedo das crianças.

Renato: Para usar o programa, não precisava de internet, mas a gente não sabia.

Renato: Nós não tínhamos nem ideia e o meu filho era pequeno, devia ter uns 12 anos e foi ele quem mais mexeu e ele dizia “mãe, daqui uns 15 ou 20 anos quem não souber usar o computador vai ser analfabeto” e realmente eu provo, aqui na UMA passa alunos de... e eu vi uma aluna que fez a UMA comigo e se formou em assistente social e ela veio fazer pós-graduação em gerontologia na aula do professor Neto e ele deu aula o dia inteiro e ele dizia “agora vão todo mundo para o computador e cada um vai procurar esse tema e vai fazer um trabalho” e ela ficou sentada lá na minha frente e o professor dizia “vamos lá Maria José!” e ela disse “eu não sei abrir nem o computador!” e eu disse “como você se formou? Como fez o seu trabalho final?” porque isso é difícil e ela disse “ah, não, eu paguei uma pessoa para fazer”. Eu pensei que bela formanda que ela era! Ela não sabe nem o que a mulher fez, não sabe nada porque ela pagou alguém para fazer e naquele dia ela não fez o trabalho do Neto.

Renato: Teve uma que pediu para usar [o computador] e eu disse que podia e ela disse “como é que eu faço? Eu não sei nem ligar”.

Paula: Tem um grupo aqui que fez um curso que se chama PAFOR, não sei se já ouviu falar, era um curso que o Governo estava dando para professores que estão em sala de aula da rede municipal e estadual, mas que não fizeram o 3º grau. Esse curso é nas férias, tem que estudar 90 dias no ano. Tinha matéria do professor Neto e da professora Neila, a gente conviveu muito aqui e a maioria, quando colocava no computador para pesquisar, para gravar um trabalho porque são professores do interior, muitos não sabiam que tinham que ter a senha o *login* e elas esqueciam, não sabiam mais.

Moderadora: E o senhor, quando foi o primeiro contato com o computador?

Renato: Eu fiquei com medo. Liguei o bichinho lá e não sabia como eu ia mexer. Quando se liga pela primeira vez não se tem nem ideia. Eu não sei nada, sei pouca coisa, mas fomos aprender mais há pouco tempo.

Paula: O segundo que você [fala com Renato] comprou, você me deu e trouxe para cá [Palmas]. Todo mundo falava em Orkut e eu não tinha nem ideia, aí uma menina fez para mim e ensinou pra gente, o e-mail foi a minha filha que fez lá e mandou para mim, sabe? Então, dali que a gente foi aprendendo.

Salvador: No meu caso, eu trabalhava num banco, eu entrei em 1976 e naquela época era tudo manualizado, existia aquela máquina de datilografia, eu fiz o curso de datilografia. Aí eu não sei quando surgiu o computador, mas o banco começou a informatizar, né? E eu não sabia nada, nem ligar e eu era funcionário do banco e procurei fazer um curso, um treinamento para eu aprender o dia a dia, foi um treinamento do banco.

Paula: Foi a necessidade de saber...

Salvador: O certo é que eu trabalhei no banco 30 anos e desses, talvez uns 20 anos era tudo... eu fazia um trabalho de avaliação, fiscalização e tinha que fazer avaliações e relatório. No início eu fazia tudo 30, 40 relatórios de fiscalização à máquina e depois veio a informática. Então, eu fazia o meu trabalho na informática com a ajuda de um colega, mas era assim, catando [tinha dificuldade para digitar]. E eu trabalhei uns 20 anos...

Moderadora: Então, o senhor não transpôs a experiência de datilografia para o computador.

Salvador: Não, eu uso assim [mostra com os dedos indicadores].

Moderadora: Entendi.

Salvador: Eu usei Word, mas não usei Excel, pois no meu trabalho não precisava. Depois que eu saí, eu comprei um computador.

Moderadora: E tinha internet no banco?

Salvador: Não, tinha intranet. Aí eu fui me inteirar mais depois que eu saí do banco, mas eu aprendi aprendendo [risos] de acordo com a necessidade, pedia aos colegas para me ensinarem como as coisas eram feitas.

Moderadora: Então, pelo que entendi, recorriam com alguma frequência à ajuda dos outros, não é?

Renato: Quando a gente não sabe, tem que ir perguntado.

Paula: A gente tem que meter a cara.

Salvador: Eu acho que o computador, hoje, já não é tão necessário, pois tem o celular e a internet para todo lado.

Paula: Se eu chegar para o meu filho ele me diz que o meu telefone está super carregado. Ele vem ali mexe, mexe, limpa tudo, mas não me ensina. Não tem paciência para parar e me ensinar. O problema é que os jovens não ensinam a gente. Eles

limpam, instalam as coisas, mas não ensinam, você fica... Tudo que ele aprendeu quando era pequeno fui eu quem ensinei e ensinei mil vezes. Eles dizem onde apertar, mas fazer... é onde eu vejo que é muito importante fazer um curso de informática.

Salvador: Um menino de dois ou três anos já sabe tudo no celular.

Oswaldo: Agora tem uma coisa, essas coisas informatizadas para mim é tudo bom, mas o povo está confiando só na tecnologia, porque se o computador sai do sistema ninguém faz mais nada, não têm competência, só a máquina. Eu me lembro... toda vida eu trabalhava em fazendas e na fazenda que eu trabalhava eram 8.000 gados e eu era gerente daquela fazenda e tudo era na caneta, eu tinha a 4ª série [do ensino fundamental], tudo na caneta, media terra, fazia contas de tudo na caneta. Às vezes, eu vendia 1.000 bois, era só pesando e colocando na carreta e depois levava tudo para o patrão. Hoje a gente chega em qualquer lugar encontra as pessoas atrás de um computador com uma gravatinha no pescoço e chega lá e se não tiver internet eles não sabem não. Eles sabem mexer na máquina, sabem colocar a máquina para funcionar. O cara que era meu patrão era médico e um dia ele chegou lá na fazenda, ele tinha empreitado meio mundo de pasto e aí eu pensei que agora tinha um doutor e ele ia fazer a conta, eu era um analfabeto, tinha aprendido na escola da roça, aí ele olhou e disse “dessa vez, rapaz, você me pegou, aqui você é muito mais doutor do que eu”. Tem esses negócios, hoje em dia estão esquecendo de ensinar isso, hoje só ensinam na máquina.

Salvador: A informática está servindo de entrave no desenvolvimento. Antigamente, chegávamos em um local e tinha com calculadora. Quando se chegava no banco ou em qualquer repartição, você era atendido. Hoje, os funcionários estão achando bom de mais, pois você chega numa loteria, por exemplo, e eles fazem de conta que não tem ninguém à espera, aí ficam conversando, aí a gente pergunta que hora que saiu do ar e dizem que faz tempo, pergunta se tem previsão de voltar e dizem que não tem. Eles largam para lá o cliente, não estão nem aí, eles estão ganhando o deles. Às vezes passa o dia todinho de braços cruzados, mas deveriam estar preocupados, pois a pessoa sai de casa, larga os compromissos de casa, no caso das senhoras, para ir pagar uma conta na loteria. Quem está lá atrás do balcão, não está nem aí.

Moderadora: E falando aqui um pouco do tablet, agora. Quem tem e usa o tablet? A senhora tem?

Paula: Tinha, mas dei para a minha neta.

Moderadora: Comprou para a senhora e não se adaptou?

Paula: Não... eu não gostei, não sei...

Renato: Você não usou por causa do celular.

Paula: Não, eu usava ele, assim, mais ou menos, mas depois eu comprei um smartphone.

Oswaldo: Para quem quer carregar, ele é mais ruim porque ele é grande.

Paula: Eu deixei de lado e deixei de usar, passei a usar esse aqui [aponta para o celular].

Moderadora: [Tomás saiu da sala no início do GF e retorna agora] Olá, estamos agora falando do tablet. O senhor tem o tablet e gosta, não é? O que o senhor faz com o seu tablet?

Oswaldo: Com o meu tablet eu descobri o segredo do mundo, eu mexo em tudo. Eu gosto de ouvir música antiga, daquelas que têm poesia e melodia porque hoje em dia só tem pancadão, só zabumba. Gosto de ver aqueles futebóis antigos pelo tablet, o da Copa de 52, os gols do Pelé, tudo, essas coisas... Descobri encontrar as pessoas antigas, os amigos igual eu falei que tinha encontrado um primo que tinha 30 anos que eu não via, encontrei através desse tablet.

Moderadora: Como o senhor entrou em contato com ele?

Oswaldo: Foi... eu entrei em contato com ele procurando e achei pelo nome e pensei que eu tinha que achar e rastrear esses caboclos tudinho. Eu coloquei o nome e a cidade e vi que ia dar certo e ele estava no Mato Grosso.

Moderadora: Portanto, enquanto o celular é mais para trabalho e para a comunicação, o tablet é mais para entretenimento, é isso?

Oswaldo: Sim, eu uso o tablet mais para entreter, para fazer pesquisa para coisas que no fundo não tem muita utilidade, é só para passar o tempo. É para essas coisas. No trabalho, eu uso o celular porque é melhor de carregar também. Ladrão não quer ele também porque se eles verem, eles me batem para eu comprar um novo porque um desses aí eles querem [aponta para o celular da pesquisadora], mas um desses aqui eles não querem. Eles falam assim “vai tomar vergonha, velho, vai comprar um celular que presta, velho!”. É assim que eles falam.

Moderadora: E o senhor Tomás tem tablet?

Tomás: Não tenho.

Salvador: Um desse aí custa 129 reais [celular do Oswaldo].

Oswaldo: Um desse seu, professora [fala para a investigadora], eles chegam ali na frente e oferecem ele por 50 reais, o caboclo oferece 20 e ele entrega por 20. Se for um do meu ele não quer. Esse, eu comprei por 60 reais. Com o tablet eu estou no YouTube ouvindo música, estou no Facebook, é assim. Eu ligo para um parente meu e ele não atende, eu deixo um recado no Whatsapp dizendo a hora que eu vou ligar, o meu Whatsapp é só de passar mensagem.

Moderadora: O senhor acha que é mais fácil usar o tablet do que o celular?

Oswaldo: A cara é maior, as letras são maiores, melhor para enxergar, mais colorido, mais moderno. Esses dias para trás eu trouxe ele para eu tirar umas fotos, os caras com os celularzões bonitos, compram uns celulares caros e não sabem usar e aí eu

disse “vou pegar o meu” e tirei o meu tablet e meu era o mais moderno [risos].

Moderadora: E o senhor renato tem tablet?

Renato: Tenho, mas uso pouco. Depois que eu comprei o celular que tem tudo. Eu comprei um celular mais moderno e o tablet ficou obsoleto.

Oswaldo: O celular é mais fácil para transportar, [o tablet] é bom para ficar em casa quieto mesmo.

Moderadora: Entendi.

Oswaldo: Tem coisas que eu confio na cachola, na hora da conta eu confio mais na caneta do que na tecnologia.

Moderadora: E o senhor tem tablet?

Salvador: Para quê? Está em desuso, o celular supera. Eu quase não vejo tablet, pegou pouco, deve ser por ser mais ruim de carregar e faz a mesma coisa do celular, chama a atenção, pode ser mais perigoso. Você vai numa festa, não dá para colocar no bolso, é só para ficar em casa.

Moderadora: E as redes sociais, o senhor Tomás tem?

Tomás: Não, não tenho Facebook, é essa coisa da rejeição mesmo, não quero. Eu tenho internet, uma forma de comunicação para receber informações. Se eu for participar de um evento é para receber um comprovante é só através de e-mail. Eu uso pouco porque não acostumei e o meu tempo está pouco para eu adquirir um aparelho desse e começar a manusear.

Moderadora: Qual seria este aparelho?

Tomás: Seria o tablet ou um computador mais moderno.

Moderadora: Quem tem Facebook?

Oswaldo: Eu tenho, eu tenho quase tudo que você imaginar.

Moderadora: E que tal?

Oswaldo: É bom, bom demais. Só que o povo mente demais no Facebook.

Moderadora: Por que o senhor resolveu ter Facebook?

Oswaldo: Eu decidi porque estava perdendo para os jovens todos. Todo lugar que eu via... eu tenho um neto de 8 anos e aquele menino falta é fazer um celular. No computador da mãe dele, ele revira tudo, tudo que precisa ele sabe. Agora se sai da linha, ele não sabe nada, mas na tecnologias ele é fera aí ele começou “o vovô não sabe nada, está meio burrinho” e eu disse “o vovô é muito esperto, meu filho!”. Inclusive as minhas meninas entendem da máquina, mas eu sei descobrir as coisas

mais do que elas dentro da máquina. Eu não sei é digitar, os dedos já estão duros porque a gente digita assim [com um único dedo], é ruim para a gente achar as letras, mas a gente sempre sabe onde procurar a informação. Onde eu vou pesquisar, sei tudo.

Moderadora: E o senhor Renato tem uma conta do Facebook?

Renato: Sim.

Moderadora: Por que resolveu fazer essa conta?

Renato: O motivo foi ver que os outros tinham e eu não iria ter? O Tomás não sabe, mas ele também tem Facebook [tom irônico], ele é que não quer falar.

Moderadora: Ele tem?

Renato: Ele tem, mas não sabe usar, esqueceu a senha [risos].

Osvaldo: Como eu sou solteiro, eu tinha uma namorada que morava meio longe e pelo telefone ficava meio ruim. Aí ela me perguntou se eu tinha Facebook eu disse que não, mas falei que dava um jeito. Arrumei um Facebook para comunicar com a minha namorada, não tem coisa melhor do que ter um Facebook, é bom de mais.

Moderadora: E o senhor?

Salvador: Eu tenho, mas não olho muito. Lá uma vez eu abro.

Renato: Eu uso muito, uso todo dia.

Salvador: Eu uso muito é o Whatsapp que também é uma rede social.

Moderadora: E o Whatsapp, o senhor Tomás tem?

Tomás: Não. Aliás, tenho, mas não uso.

Moderadora: Por que não usa, qual é o motivo?

Tomás: Realmente, é a tal de rejeição, eu tenho rejeição por esse meio de comunicação porque acho que toma muito tempo, é a questão de me ocupar, pois eu não estou dando conta do que eu quero fazer, vou arrumar mais coisa? Pelo menos, provisoriamente, não estou querendo esse negócio aí, mas eu sei que inevitavelmente, em breve eu vou ter que começar a usar.

Moderadora: O senhor não pensa, por exemplo, que pode tirar benefícios da utilização desses meios de comunicação?

Tomás: É lógico que tudo tem benefícios dependendo de como se usa.

Salvador: O Facebook é muito aberto, quero dizer que o Whatsapp quando eu passo uma mensagem para essa pessoa, só eu e essa pessoa sabe, o Facebook... Por exemplo, eu tenho Facebook mais porque eu tenho sobrinhos e todos têm Facebook

eu chego lá “tio, o senhor não tem Facebook?” “eu vi fulano de tal” “Facebook é bom demais”. Então, se eu passo uma mensagem, todo mundo está vendo aquilo ali.

Oswaldo: Mas ele tem privado que só você e a pessoa com quem você está falando vê.

Salvador: Mas a gente abre lá e aparece todo mundo, as fotos. As pessoas se expõem muito, demais.

Renato: Pode-se falar no Facebook no particular também.

Salvador: Mas como? Então, eu preciso aprender a usar!

Moderadora: Qual é a visão geral que possuem do Facebook?

(Falam ao mesmo tempo)

Oswaldo: Quando começou o Facebook, a turma ficava dando notícias de tudo que eu falava até que eu falei com a minha menina que aquilo não valia nada, a gente não fala nada escondido aí ela me disse “não é assim, pai”. Os mais novos não ensinam nada para a gente, mas ela me disse que ia arrumar uma senha que só entrava ali quem soubesse a senha, aí ela arrumou lá para mim, não sei colocar, mas ela colocou. As minhas meninas não mexem em nada meu, quando eu comprei o primeiro celular para mim eu comprei para elas também, tem 9 anos que eu comprei celular e elas não mexem, o telefone toca e elas só mexem se eu falar para elas atenderem.

Moderadora: Digam-me uma coisa, o que pensam das redes sociais? Achem que é um recurso positivo ou negativo?

Tomás: Eu acho que é extremamente importante e positivo, porém existe exceções. Existe muito medo das pessoas começarem a participar dessa ligação porque tira a privacidade, você passa a não ser uma pessoa individual, passa a ser coletiva. Onde você, por exemplo, cai uma notícia na internet, a primeira coisa que você quer fazer é conversar com alguém “você viu a notícia tal?”. Quer dizer, há um interesse muito grande das pessoas suplantarem essa quantidade de informações que existe e eu acho que é desgastante porque ninguém dá conta de consumir essa informação, ela é estressante e massacrante, a quantidade de informação que existe, ela tira da pessoa todo o tempo, ela passa a não ter mais tempo e quanto mais informação se vê mais aparece.

Moderadora: Portanto, isso é, para o senhor, um aspecto negativo.

Tomás: Negativo, pois ela consome muito. Se alguém for querer dominar isso aí para si e para mostrar para os outros que está conectado, ele vai ter que ter outro relógio. A quantidade de filmes que é colocado no YouTube por segundo é uma coisa absurda. As informações interessantes são um absurdo.

Moderadora: Quais são os outros aspectos que os senhores querem destacar aqui sobre as redes sociais?

Paula: A questão de expor as coisas, não precisa, você pode colocar umas coisas

particulares porque se aparece é porque você quis. Não sei se... só vai se você quiser, aí você coloca, mas se quiser só para a pessoa que você quer mandar também dá.

Oswaldo: Mas a pessoa que está recebendo, quem está recebendo, se ela quiser transmitir para os outros ela pode. Se a questão da privacidade não se consegue nem com os íntimos, com a mulher e com os filhos, imagine com essa rede aberta. Então, colocando isso aí é um risco, você está se expondo de maneira escancarada porque você não sabe onde isso vai parar. É aquela expressão “caiu na rede”.

(Todos falam ao mesmo tempo)

Oswaldo: Tem que ser muito pensado.

Tomás: Tem a tal nuvem que você pode cair no espaço. Mas a internet é a comunicação no espaço. Até, por sinal, hoje é o aniversário da internet, a internet tem apenas 25 anos e imagine a evolução nesses 25 anos, imaginem como vai ser esse negócio daqui para a frente porque essa comunicação com um astronauta, cientista que inventou a internet 25 anos atrás, exatamente hoje, 23 de agosto é o aniversário da internet.

Renato: Hoje, tudo é a internet.

Tomás: Agora, que vai atrapalhar a pessoa que quer usar o seu tempo para estudar. Precisa ter tempo para fazer outras coisas, outras tarefas, pois quanto mais você conhece a internet e visita a internet mais ânsia você tem para descobrir mais coisas para ver mais novidades. Onde vamos chegar? Não tem fim.

Salvador: Para criar família hoje, a tecnologia tem influencia porque você vê crianças hoje com 5 anos que dominam a internet. A maioria dos pais e das mães está ocupada com o trabalho e os filhos são criados pelos avós. Quando eles estão em casa não tem ninguém para vigiar aí eles vão para o quarto, pode ser trabalho, mas pode ser também sacanagem, perdição. Quantos se perdem através da internet? Tem pornografia, quer dizer, a gente diz que é coisa errada, mas também tem coisas certas...

Tomás: Violência, pornografia, influência negativa.

Salvador: Maconha, sexualmente, tem muita coisa. Então, tem muita coisa ruim que os pais não querem para os filhos. Antes, o pai falava, mostrava. O pai ia para o trabalho, como era o meu caso, e a mãe era do lar, cuidava da casa e do marido. Antes a gente pensava que se o filho estivesse dentro do quarto estava seguro e hoje a gente já não sabe se está seguro lá dentro. Eles são mais sabidos do que no meu tempo quando eu tinha 15 anos, eles sabem tudo da internet, quando a gente vê qualquer coisa, eles vão lá e deletam e colocam uma figurinha. Então, está sendo instrumento de deturpar famílias, tudo quanto é de coisa errada, vem da internet, a internet ensina muita coisa para se fazer certo, mas também errado. Então, para mim é um ponto negativo. Os pais não dominam a internet.

Tomás: Não tem como dominar a internet.

Moderadora: Agora com o processo de envelhecimento mais avançado a vida pode se modificar de várias formas. Como é que acham que a tecnologia pode influenciar, se é que influencia, esse processo de envelhecimento?

Tomás: Sim, pode influenciar sim. Por exemplo, existem muitas modalidades de ensinamento tanto técnico quanto científico sobre a qualidade de vida na internet. O que se deve fazer sobre atividade física, reeducação alimentar, sobre doenças. Você fica doente e vai na internet para ver se descobre o que tem. Também tem a convivência, convivência familiar, pois hoje as famílias estão muito grandes, antes era o pai e os filhos, mas hoje já são até quatro gerações, pois com o aumento da expectativa de vida várias gerações estão convivendo.

Moderadora: E a tecnologia está relacionada?

Tomás: Sim, porque qualquer das fases da vida tem como tirar ensinamentos, coisas boas, informações sobre doenças, nutrição, alimentação. Comprar coisas pela internet e mandar entregar em casa também para ganhar tempo.

Oswaldo: Hoje, a gente tem que comprar as coisas pela internet, um exemplo é o meu tablet. Minha filha que é craque no computador não sabia e eu falei para ela que eu precisava de um tablet. Eu fui no supermercado Extra e vi um que eu gostei e estava 1400 reais e eu disse que não dava, só de 400 reais para trás. No mesmo *Extra.com* vende um igual por 300 reais e 10 de entrega.

Moderadora: O mesmo?

Oswaldo: O mesmo! Chegou com 6 dias e era 1400 reais. Meu genro montou uma oficina porque ele é eletrotécnico e disse que não sabia como comprava umas peças e eu disse para ele “use a internet, meu amigo, para quê você quer isso aí, só para joguinho?”. Veio as coisas dos Estados Unidos por 1300 reais coisa que aqui era 5000 reais. Então, a internet ajuda, mas se ele for para o lado errado... tem muita coisa errada, tem que saber usar. Só que a juventude não está sabendo usar.

Tomás: Veja aqui esta foto com quatro gerações [mostra um panfleto da UMA com quatro mulheres de diferentes gerações e pertencentes a uma mesma família]. Foi uma iniciativa aqui na UMA. O Brasil está se modificando rápido, o número de idosos está aumentando muito.

Renato: Eu acho que falta muita assistência para o idoso. O Governo está se preocupando muito com os mais novos, como formas de ganhar dinheiro e na hora de liberar dinheiro para o velho, não tem. Essa UMA é um exemplo assim de dedicação ao velho, mas para conseguir uma UMA dessa fui com muita luta e dificuldade.

Tomás: O número de velhos no Brasil era pequeno.

Salvador: Não tem divulgação, o Governo não interessa em investir no velho, só se interessa pelo novo.

Oswaldo: Agora já está começando aqui, com lugares de convivência.

(Falam ao mesmo tempo)

Moderadora: Algumas vezes, quando estamos aposentados, temos mais tempo livre. Como foi esse período de transição nas vossas vidas?

Salvador: Eu aposentei em 2005. No meu caso, eu era bancário. Eu digo que no Brasil tem dois tipos: o aposentado e o a-po-sen-ta-do. É uma questão de dinheiro e de tempo. Se ele tem dinheiro à vontade, ele pode ficar de boa. O outro deixou de ter vantagens da empresa, o dinheiro diminui. Por incrível que pareça, o presidente Fernando Henrique chamou o aposentado de vagabundo. Ele tirou os aumentos de salário, pois quem ganha até um salário mínimo tem 7% de aumento e quem ganha mais de dois, que é o meu caso, é 3 ou 4%. Isso é uma discriminação. A maioria das pessoas aposentadas com um salário mínimo não contribuiu nem um centavo para a previdência e não tem direito a essa aposentadoria. Eu contribuí 36 anos e tem cidadão que não contribuiu nem um centavo. Isso é uma discriminação. A gente aposenta não pode ficar parado, não tem tempo livre, aí é que tem que trabalhar, correr atrás, pois as despesas continuam.

Moderadora: Então, a sua vida não mudou muito, o senhor continua trabalhando.

Salvador: Eu não quero ficar ocioso, então eu trabalho e para ter um pouco mais de dinheiro. A expectativa de vida também aumentou.

Tomás: Depois que a pessoa aposenta, ela é um peso para a sociedade.

Salvador: Não, ela contribuiu para isso.

Tomás: Com o aumento da expectativa de vida, esse peso vai aumentar não só no Brasil, mas em outros países também. Quando eu aposentei eu trabalhei em uma prefeitura e trabalhei no setor previdenciário. Fizemos um treinamento e no banco também e as empresas maiores fazem um passo a passo da aposentadoria, antes da pessoa aposentar faz um preparo, um programa para a aposentadoria, um treinamento. Eu trabalhei em um banco do Estado de Goiás, isso já tem um tempo, nos anos 90. Após a aposentadoria, individualmente, cada um tem um planejamento, um plano para realizar. Dependendo da individualidade de cada um. No meu caso, eu fiquei muito satisfeito quando eu aposentei, pois eu pude continuar trabalhando e estudando. Eu continuei trabalhando, mas foi num serviço menos complexo, menos sério. Eu passei a ter mais tempo para estudar. Eu nunca deixei que a minha vida ficasse com lacunas, até mesmo quando eu estava no banco eu fiz trabalhos paralelos, continuei estudando porque achava que era importante para preencher o tempo.

Moderadora: Agora o senhor já não trabalha, não é?

Tomás: Eu trabalho, ultimamente não é remunerado, eu fui demitido, é um trabalho voluntário, eu continuo fazendo a mesma coisa sem receber, enquanto eu não arrumo outro emprego. Eu estou procurando emprego ou este onde eu estava ou outro. A ideia das famílias de uma pessoa aposentada e da comunidade, é que ele não faz nada e às vezes, não é bem assim. É ele quem vai levar filho ou neto na escola, bisneto, levar o doente no médico, fazer mandado, se for mulher são os trabalhos domésticos. Ele é

o motorista, sabe? “ele não está fazendo anda, manda ele fazer isso, buscar isso”. Termina ele fazendo mais do que os outros que estão trabalhando porque ele não faz nada. Essa é uma faceta cruel para determinadas pessoas.

Moderadora: Se eu falar assim: quanto mais velhos ficamos mais afastados nos tornamos da sociedade. Concordam ou discordam desta frase?

Oswaldo: Isso tem muito de verdade porque tem muito velho que quer que o sistema seja como quando ele era jovem, não se preparou para ser velho, diferente de mim que já estou aqui na UMA há dois anos, estou me preparando. Tem gente que não prepara, aí quando está velho ele vê um jovem fazendo uma coisa e ele quer que seja como no tempo que ele era jovem, mas está tudo diferente, as coisas mudam, tudo que os outros fazem, ele dá má resposta, aí a turma larga ele para um canto. Seja aquele velho feliz como o meu pai, ele foi um velho que não tinha leitura, a única coisa que ele sabia mexer muito era com gado, veterinário sofria na mão dele também e ele foi peão de rodeio, eu fui peão de rodeio e peão de boiadeiro, aprendi com ele, hoje eu já estou velho para o serviço.

Moderadora: Hoje, o senhor tem essa preocupação de se manter atualizado, de acompanhar a evolução das coisas?

Oswaldo: De ser um velho feliz! Meu pai morreu doente no HGP [Hospital], mas ele dizia que teve momentos felizes na vida quando olhava para trás. Eu sou desses, eu preparo para a vida, viver de bem com a vida.

Moderadora: E o senhor Tomás, o que pensa sobre o fato de ficarmos velhos e nos afastarmos socialmente.

Tomás: Na grande maioria...

Oswaldo: Da sociedade, geralmente, é. Para o mercado de trabalho, entendeu? Eu vou no mercado do trabalho e chego lá com essa cara e pensam que eu tenho 40 e poucos anos porque a minha cor tem me ajudado, eu preencho todos os papéis e ele diz para eu esperar em casa pelo telefonema, nunca mais! Aí eu vejo um jovem de 25 ou 30 anos e que, às vezes, nem tem competência e eu pergunto e ele diz que começou a trabalhar no outro dia. Então, eu estou velho. O homem é discriminado, dizem que o homem morre mais porque não cuida da saúde. A gente vai no posto e tem o dia de atender só mulher e não tem o dia do homem não. Eu vou para o mercado de trabalho e não tem.

Tomás: Com o chegar dos anos a grande maioria sofre as consequências da idade, há uma rejeição da pessoa de idade. Os novos, por exemplo, fazem de tudo para não conviver com esse pessoal porque o avô é velho, é feio, é fedorento, se você vai deixar o neto na escola quando chega mais perto ele diz “não vô, daqui eu vou sozinho, o senhor pode voltar”. Ele não quer que os amigos vejam o avô dele que está velho e desgastado. Nós mesmos nos rejeitamos ao olharmos no espelho, a gente vê os cabelos brancos e não gosta. A gente até faz piada com isso.

Oswaldo: Feio demais, mas faz parte, mas aceitar também não é fácil.

Tomás: ...A gente se lembra da juventude quando você era playboy, tinha o cabelo grande e não era careca. Essas coisas trazem o sentimento de ficar atrás da moita, escondido. Esse processo de isolamento social é também natural. Não são todas as pessoas, mas a maioria passa por isso. A gente vê que existe realmente. O casal casou e eram bonitos, ele jovem com um carrão, a mulher também. Depois ficam com a perna torta, sinais de envelhecimento e isso gera qualquer coisa ligada ao isolamento social porque a pessoa se isola. O acúmulo de problemas que recai sobre a pessoa de idade, por exemplo, se você é jovem e deita para dormir as preocupações são limitadas, é pouca coisa. Nós velhos, já vivemos muito, já carregamos muita coisa, um já está velho, está doente, o outro está com uma doença complicada, se preocupa com o jovem, seu filho, neto, parente que está dando trabalho, problemas sérios de drogas, por exemplo. O seu pensamento está todinho envolvido com problemas. Você vai no cemitério, num sepultamento, por exemplo, e você vê muitas placas de pessoas mais novas do que você que morreram e você está vivo ainda. Isso quer dizer que se eu morrer não vou fazer falta para ninguém, eu sou um velho.

Moderadora: Todas essas reflexões que o senhor está fazendo agora, o senhor também vê refletidas na sua vida?

Tomás: Sim. Os colegas que você vai relembrando, dos seus parentes. Quantos já morreram? Famílias que você tinha 10 irmãos e só tem dois vivos.

Moderadora: E se eu falasse assim: manter-se ativo é importante para ter uma boa velhice. O que pensam sobre essa afirmação?

Paula: Eu concordo, plenamente. Na velhice, estar ativo faz viver mais, pois se você ficar sentado o dia todinho dentro de casa e fazendo as refeições vendo televisão no sofá, lendo jornal e não se exercitar fisicamente e mentalmente vai adoecer, o organismo vai ficar debilitado. A pessoa que faz exercício e que trabalha com a força, trabalho braçal, que trabalha na roça, ele vive mais do que quem vive na cidade.

Moderadora: E acham que as tecnologias podem contribuir para a pessoa manter-se ativa?

Tomás: Com certeza.

Renato: Mentalmente, sim, mas fisicamente não.

Oswaldo: Fisicamente não porque o cabra incute com ele ali e é só aquilo e não faz nenhuma atividade, nenhuma caminhada. A pessoa quando perde o preparo físico, até os ossos dele quebram mais fácil. O cabra da roça não fica quebrando perna não, mas o serviço da roça é bruto. E a tecnologia pode contribuir, ele, ali dentro, procura maneira, só que a maior parte dos que incute só aprende na teoria e não coloca em prática. Tem que buscar o conhecimento lá dentro e colocar em prática.

Tomás: Mas eu faço. Desde que eu mudei para cá há 7 anos, eu participo de um grupo, uma associação chamada Associação Amigos do Bem. Nós buscamos qualidade de vida. Nós fazemos um trabalho sobre conscientização da importância da atividade física, o cálculo do IMC, a questão do peso, sedentarismo, busca de bem-estar.

Fazemos um trabalho de incentivo à caminhada. Eu tive oportunidade de, há muito tempo, fazer caminhadas. Quando eu morava em Porto [Nacional], eu fazia caminhada duas vezes por semana. Depois eu mudei para Goiás e continuei fazendo exercício físico. Hoje, antes de ir para o trabalho eu ando 5 quilômetros. No dia dos namorados, eu participei de uma volta de 6 quilômetros na Praça dos Girassóis. Ou faz exercício físico ou é a cadeira de rodas, nós estamos na idade do condor [tom irônico].

Moderadora: Nós estamos finalizando, eu não quero ocupar muito do vosso tempo. Eu gostaria que completassem a seguinte frase: para mim as tecnologias são...

Oswaldo: Eu nem sei... a tecnologia para mim veio para trazer o desenvolvimento, sabe? Porque hoje a tecnologia quase tudo que a gente vai revolver é através dela. É o desenvolvimento porque sem ela a gente não faz nada não. Se formos só nós aqui nessa sala, a gente resolve as coisas sem a tecnologia, mas para mexer com a juventude precisa.

Moderadora: E para o senhor, o que são as tecnologias? O que representa a tecnologia no seu dia a dia?

Salvador: Tecnologia é desenvolvimento, facilita as coisas para a gente, facilita a comunicação, tudo.

Oswaldo: Economiza dinheiro e tempo. Se a gente tivesse que sair daqui e ir a São Paulo para resolver as coisas... a gente usa a tecnologia, ela encurta distâncias.

Salvador: Contribui para o desenvolvimento social, até psicológico, como eu já falei, contribui para uma melhor qualidade de vida.

Oswaldo: O melhor dela mesmo é porque ela encurtou as distâncias.

Tomás: [Tomás escreveu em um caderno enquanto os outros falam] Eu escrevi aqui: são indispensáveis para o desenvolvimento e a socialização. Ou seja, manter-se em contato com outras pessoas. Como que vai fazer para por, exemplo, tirar uma passagem de avião, fazer um projeto, fazer compras, qualquer tipo de coisa, não existe mais nada fora... não adianta.

Oswaldo: Ela é tudo hoje.

Moderadora: Quero agradecer muito a vossa participação

Início da dinâmica sobre as percepções individuais

Anexo X – Transcrição grupo de focal UMA 2

Apresentação da investigadora e informações breves sobre a pesquisa. Explicar como o grupo de foco será conduzido e como as informações recolhidas serão utilizadas. Assinatura do consentimento informado.

Moderadora: Gostaria que me dissessem o nome, a idade e o que faziam antes de se aposentarem e se alguém desenvolve agora alguma atividade remunerada, qual atividade é esta.

Ilda: Ilda, 68 anos e eu era doméstica.

Luíza: Luíza, 64 anos e era técnica em enfermagem.

Marta: Marta, 71 anos, comerciante

Neide: Neide, 64 anos, doméstica.

Gilda: Gilda e tenho 70 anos e eu era massagista.

Jonas: Jonas, 75 anos, professor.

Beatriz: Beatriz, 64 anos, funcionária pública.

Carla: Carla, 69 anos, fazendeira.

Moderadora: Primeiramente, eu gostaria de saber se todos possuem celular.

(Todos possuem).

Moderadora: E quem tem celular com internet?

(Duas pessoas não possuem: Jonas e Marta)

Moderadora: E quando adquiriram o celular pela primeira vez?

Gilda: Eu tenho há pouco tempo.

Carla: Eu tenho desde que surgiu, aqueles bem antiquinhos, dos pebinhas [risos]. Meu filho ia para as festas e já levava porque eu dei um celular para cada um e ele estava na faculdade ainda e ele já tem 32 anos.

Moderadora: Então, foi há uns 10 anos, em 2006 mais ou menos?

Carla: Por aí.

Moderadora: Quando adquiriram o celular pela primeira vez?

Neide: Eu, em 2001.

Moderadora: Por que a senhora adquiriu um celular, se lembra?

Neide: Porque eu morava em Campos Belos em Goiás e os meus filhos moravam todos no Tocantins, aí para a gente poder se comunicar o meu filho me deu um celular e eu, desde então, fiquei muito feliz, nunca... eu não tinha tido ainda a oportunidade para ter um celular e poder conversar com ele, com o meu neto, com a minha nora e com os outros filhos também e foi para mim fantástico, foi mesmo para facilitar a comunicação.

Marta: Eu, em 2004, para comunicar mesmo, mesmo. Aqui dentro da cidade a gente precisa para saber notícia, para falar da gente o que se está precisando. Isso é muito importante o celular, foi um filho meu quem me deu, um aparelho novinho.

Moderadora: E a senhora?

Luíza: Eu primeiro adquiri um bem pequenininho, depois.... O celular não estava dando conta de mim, eu precisava de mais coisa para mim aí eu comprei um maior, um celular mais... com mais tecnologia, mais moderno. Eu vim embora de minha terra e quando eu cheguei aqui o meu neto viu que eu estava muito interessada em tecnologia, em aprender o novo, ele disse “a senhora está precisando de um smartphone, a senhora vai ter tudo lá”. Aí eu comprei o smartphone e ele me ensinou como funciona. Hoje, eu trabalho até com e-mail e fico encantada comigo mesma porque eu passo e-mail, tenho o meu e-mail, tenho Face, tenho Whatsapp e hoje eu não sobrevivo sem essas facilidades. Ele me ensina tudo, mas não é só com a internet não, ele me ajuda em tudo que eu preciso. Ele é o meu companheiro. Só falta eu pagar a conta que eu ainda não aprendi [risos].

Moderadora: Essa é a parte mais difícil! E o primeiro foi quando?

Luíza: Em 2010. Eu já tive uns quatro até chegar no smartphone.

Neide: Eu sempre trocava de celular, mas sempre aqueles pequenos, só agora que eu tenho um desses grandes que tem tudo, com internet, que tira foto, que manda e-mail, que faz isso, que faz aquilo. Eu acho que é muito bom, é muita comodidade para a gente também... a gente está aqui e está interagindo com o mundo todo.

Marta: Eu já tive três até agora.

Moderadora: E o da senhora tem internet?

Marta: Não. Meus filhos disseram que iriam comprar e eu “não, não quero!”, mas depois que eu vim para a UMA e que eu vi que é necessário, pois eu vejo todos os meus colegas com o celular grande e eu fico com vergonha. Mas a verdade é que eu ainda não sei mexer. Eu nem falo para os meus filhos, pois se eles souberem...

Moderadora: E a senhora?

Ilda: Foi por volta de 1993, por aí, ainda era daqueles que eram bem grandes, uns tijolões. Meu filho que comprou e me deu de presente e aí depois ele já me deu dois,

até hoje eu já tenho... tive quatro celulares, todos foram meus filhos que passaram para mim.

Moderadora: Teve algum motivo especial para seu filho dar um celular para a senhora? Porque esses celulares eram um pouco caros nessa época.

Ilda: Não, acho que na época tinham esses, mas eu não sei se era porque era opção ou se só tinham esses. O objetivo dele era facilitar a conversa entre nós dois, a comunicação que é muito essencial, que a gente mora longe um do outro, não é? E aí ficava difícil para a gente se comunicar porque antes a gente se comunicava por carta, aí depois ele comprou o celular. Ele morava em Brasília e eu em Arraias. Depois do celular acabou esse negócio de cartas, hoje a gente brinca que até já esqueceu com escreve cartas porque pelo Whatsapp faz tudo, o Whatsapp é uma coisa que veio para ficar mesmo que ajuda muito em toda área de trabalho, de comunicação, de você encontrar as pessoas, conversar, comunicar. O Whatsapp veio para ficar. Tem gente que já nem faz ligação, tudo pelo Whatsapp.

Moderadora: E a dona Beatriz, desde quando tem?

Beatriz: Foi mais ou menos em 2006 também, foi aquele celular bem miudinho.

Moderadora: E o senhor, desde quando tem celular?

Jonas: Acho que eu vim conhecer celular aqui em Palmas e eu mudei para cá em 2012, lá em Goiânia eu não tinha, só telefone fixo. É importante? Claro que é. Mas para mim pessoalmente, eu vim adquirir um aqui em Palmas quando eu fui construir uma casa.

Moderadora: Era isso que eu ia perguntar: o motivo pelo qual o senhor adquiriu o celular.

Jonas: Foi para estar em contato com os construtores que fizeram a minha casa. Como não tinha como carregar o fixo, aí o meu filho ajudou um celular para mim. A Gilda [esposa] já tinha desde 2006, era um da Vivo e da TIM, ela tinha uma empresa e precisava.

Gilda: Era também por causa da família. Minha família era toda de fora e aí ficou mais fácil da gente comunicar. A minha irmã lá em Natal, tenho irmão em Uberlândia, em Araxá, sabe? E eu aqui em Goiânia, nessa época lá em Goiânia. A gente se comunicava só por telefone fixo aí eles começaram a adquirir e eu tive que comprar um na marra porque eu não gosto muito de telefone, eu não sou de falar muito no telefone, só o necessário porque tem gente que fica o dia inteiro. Eu adquiri para facilitar a comunicação com os meus parentes.

Moderadora: A senhora disse que adquiriu por causa dos filhos.

Carla: Sim, eles me ligavam para eu ir buscar, aí tinha que ter.

Moderadora: E a dona Beatriz?

Beatriz: Eu estava aqui lembrando, meu filho era pequeno e o telefone era fixo. Eu

estava no trabalho e eu ligava para eles. Aí depois quando eu tive o celular, quando eles ficaram maiores para comunicar com eles. E agora, para conversar com os amigos com áudios.

Moderadora: A senhora agora tem internet, não é?

Beatriz: Eu não tenho internet [móvel], não uso, eu uso é o Facebook e o Zap em casa, só tenho em casa. Ainda não tive condições.

Moderadora: Então, para além de fazer e receber chamadas pelo celular, o que mais que fazem com o celular? A senhora, por exemplo, disse que envia e recebe e-mails.

Ilda: Eu, por exemplo, uso muito o celular para postar fotos no Facebook. Eu não entro no Facebook pelo celular não, mas eu tiro foto e posto no Facebook, na hora, onde eu estiver eu tiro a foto e posto eu mesma porque eu tenho internet no celular. Eu sou muito de fotografar a natureza, eu tiro muitas fotos de aves, plantas, flores, aí eu posto no Facebook.

Neide: Tipo assim: se ela ver um mosquito voando, ela tira a foto [risos].

Ilda: Até o Whatsapp hoje está sem funcionar, acho que está com a memória muito pequena, porque tem foto, foto, foto, o Whatsapp não está enviando, mas para mim ... foi uma coisa que parece que... se não tiver o Whatsapp ali!

Moderadora: E a senhora o que pensa?

Marta: Antes era muito difícil. Para saber notícias de alguém tinha que escrever, o telefone tinha que ir ao posto telefônico e agora não, tudo é mais fácil “vou ligar para minha família agora, para o meu filho” facilita... Mesmo dentro da própria cidade a gente liga, facilita demais. Se na minha juventude eu tivesse um celular, tudo tinha sido diferente. Os jovens de hoje é quem estão com tudo.

Moderadora: A senhora também tem Whatsapp? E gosta?

Carla: Sim, uso o Whatsapp o dia inteiro. Eu falo com a minha família porque eles moram todos longe. A filha também toda hora está mandando, essa comunicação é constante, é uma peça fundamental, para mim já virou fundamental.

Moderadora: E para a senhora, o Whatsapp é bom?

Beatriz: É, eu acho melhor o Whatsapp do que a ligação porque o Whatsapp a gente vai escrevendo as coisas e vai gostando, né? Mando mensagem e mando foto também.

Carla: Tem os joguinhos, né? São bons para a memória.

Beatriz: Mando vídeos também.

Moderadora: E o senhor não tem internet no telefone?

Jonas: Tenho internet em casa no meu *notebook*, mas o Whatsapp ainda não quis

colocar.

Moderadora: Tem alguma razão para não ter internet o seu celular?

Jonas: Eu acho que não tem necessidade de mexer com internet no celular, não vejo necessidade de ter wifi, roteador, essas coisas. O Whatsapp é somente para acompanhar as notícias do nosso grupo aqui, só para isso, para mim e para a Vera...

Gilda: Eu não tenho muita paciência.

Jonas: Ela não tem paciência. Essa Whatsapp é “pan, pan, pan!” Hoje, você tem que ter uma certa paciência para trabalhar com isso aí. Ela não. O telefone toca lá no zap zap dela e ela já quer chegar e pegar e “alô, fala fulano!”. Não é assim Vera! Primeiro tem que digitar, aí ela não usa.

Moderadora: Quer dizer que ela tem Whatsapp, mas em casa, é isso?

Jonas: É isso!

Carla: Ela tem Whatsapp no celular?

Jonas: Tem. Na verdade, o meu celular é esse aqui.

Vera: O meu é melhor que esse!

Moderadora: Então, não é um Smartphone, não tem internet, mas o da dona Gilda tem.

Jonas: Esse é só para eu falar com ela, para falar, para comunicar.

Jonas: Eu tenho Whatsapp, mas não tenho paciência, só falo no telefone. De vez em quando eu recebo mensagens no meu celular. Eu não tenho parentes aqui.

Ilda: Mas eu também percebo que depois que chegou o Whatsapp as pessoas não conversam com ninguém. Eu falo que hoje é a época de muita gente dizer que é doido porque você anda com o telefone conversando na rua, você está na rua não importa onde é já nem levanta a cabeça, é perigoso um acidente, isso causa muito acidente. Um dia eu vinha andando na rua e vi uma moça no Whatsapp e eu pensei em fazer uma brincadeira com ela e eu fui chegando bem pertinho dela e acho que ela nem me viu e fiz assim “buuu”, ela assustou e depois continuou no mesmo ritmo. Então, isso é muito perigoso. Ou seja, a tecnologia tanto pode trazer coisas boas como coisas ruins. Hoje, as famílias não têm comunicação, elas comunicam assim, mas só pelo Whatsapp, frente a frente já não comunicam.

Neide: Estar na roda de netos, todos em casa, é cada um com o seu celular na mão, nós somos invisíveis, estão falando com pessoas que eles nunca viram antes e a gente que está ao lado deles parece que não existe.

Ilda: É a época invisível, o mundo invisível.

Luíza: É verdade já não nos reunimos mais para conversar. Eu chego na casa da minha família, dos meus netos, da filha também e eu fico pensando assim “será que eu estou incomodando?” porque eu estou sem o celular porque eu estou a fim de conversar, mas eles não me dão atenção ou às vezes me dão e estão lá... Eu digo “sim, bom dia, tal!” aí eles respondem, mas continuam lá! Aí eu vou saindo e vou embora! Eu me sinto um pouco excluída por causa da tecnologia. Eu gosto demais, mas nos horários certos. Por exemplo, eu aprendi agora a pouco porque eu tinha... Eu falei com a mulher do condomínio onde eu moro e eu disse “como eu posso pagar?” “paga e me manda o comprovante pelo Whatsapp” e eu pensei “e agora? Sabe... eu vou fazer!”. Eu paguei, tirei a foto do cartãozinho e mandei, ela disse “muito obrigada, recebi!”. Olha como eu sei fazer! Eu fiquei encantada com isso. Eu vi ali a utilidade da tecnologia, em vez de ir lá no escritório dela levar um pedacinho de papel e mandei pelo Whatsapp. Agora que eu aprendi, tudo eu quero mandar pelo Whatsapp! Tem as fotos e tem o e-mail também, meu neto criou um e-mail para mim “a senhora precisa de um e-mail, a senhora está disposta a aprender?” “estou” e eu larguei tudo para trás as velharadas e tum para o mundo novo [fala com empolgação]! Aprender a usar as tecnologias é dar um passo para a modernidade. Nem sinto que eu tenho a idade que tenho!

Moderadora: Então, a senhora não se sente velha, como a senhora falou porque a senhora utiliza a tecnologia?

Luíza: Isso mesmo, a tecnologia é muito importante.

Neide: Hoje, ser velho é uma coisa nova, é o velho sábio porque a gente aprende tantas coisas e temos tanta facilidade de aprender porque esses teatros que a gente mexe exigem que você leia, decore e faça coisas que nunca pensou em fazer. Eu acho isso lindo demais. Eu estou pensando que ser velho é muito melhor do que ser jovem.

Moderadora: Nesta fase de sua vida a senhora está mais realizada do que antes?

Neide: Sim, porque se eu tivesse 20 anos, mas com a cabeça que eu tenho hoje eu não faria nem um pouco do que eu fiz para trás, faria tudo diferente.

Luíza: Hoje, eu gostaria de estar com 40 com a qualidade de hoje. A sapiência é a melhor coisa de ser velho.

Ilda: Depois que eu entrei aqui na UMA, até então eu era isolada, depois que eu entrei aqui a minha vida mudou tanto e tenho tido tantas oportunidades, tenho aprendido tantas coisas boas inclusive mexer com o Facebook. Quando eu cheguei aqui eu não sabia nem ligar um computador e eu aprendi aqui. Eu não sei muito, não sei entrar em outras coisas, mas pelo menos no Facebook eu já sei mexer.

Moderadora: Como seria a vossa reação se não pudessem mais utilizar o celular?

Carla: Para mim, seria difícil, pois eu tinha que ficar correndo atrás de correio, Sedex está caro, não está barato, eu economizo dinheiro, daqui para lá é 58, 60 reais de Sedex e eu morava em Uberaba e perdi meu marido e o meu filho, mas eu ainda tenho muita documentação para... porque eu tenho uma filha lá. Aqui tenho duas filhas aqui e quatro irmãos, eu estava sozinha, era muita pressão sozinha resolvendo as coisas,

não estava dando conta e disseram “vem, larga tudo que vamos resolvendo tudo por telefone”. Aí eu entrei aqui [na UMA] para dar uma arejada na cabeça porque quando eu cheguei aqui fiquei perdida, é completamente diferente e eu estava ficando muito sozinha e não estava dando conta demais nada aí vendi a fazenda, vendi tanta coisa aí estou usando Whatsapp, mando coisa, recebo coisa e deu certo.

Moderadora: E a dona Beatriz?

Beatriz: Para mim não iria ser bom não porque eu converso muito com os amigos pelo Facebook, pelo Zap e serve muito para eu usar o banco, né? Em vez de eu ir ao banco pegar fila, gastar duas horas, por exemplo para ir ao banco, eu olho tudo pelo celular, faço transferência, faço pagamento.

Carla: Eu também. Meus filhos falavam “a senhora tem que ir para a modernidade, tem que aprender ir ao banco pelo computador”. Antes eu morria de medo dos outros entrarem e roubarem e limparem a conta [bancária], né? Aí ela me ensinou e eu aprendi porque eu tinha um pouco de dificuldade. Agora eu faço tudo sozinha pelo celular mesmo.

Moderadora: E o senhor?

Jonas: Se falassem que “acabou o celular para mim” não ia fazer diferença nenhuma não. Hoje eu prefiro mil vezes... não pode acabar a gasolina e a saúde, mas eu prefiro mil vezes pegar o meu carro e ir lá no banco, entrar no caixa eletrônico e tirar o meu saldo, ver a minha conta, lá dentro *in loco*. Então, para mim, seria maravilhoso, para a humanidade toda. Porque aí, iria acabar a comodidade do ser humano, as pessoas metem a bunda aqui e você não vê mais nada! É só pá, pá, pá.

Gilda: Você está conversando com as pessoas e elas não estão vendo nada.

Jonas: Para mim, se o celular acabasse hoje, a única coisa que ia trazer dificuldade era a comunicação talvez com os filhos, mas para outra coisa... Eu tenho 75 anos, o que importa para mim mais? Um satélite lá encima, lá embaixo [fala irritado].

Carla: Mas que é bom ter um telefone é. A mamãe morava sozinha, ela não tinha celular, não gostava. Aí a gente ficava louco porque ela sumia e não sabia onde ela estava e nós tínhamos medo de ela passar mal e de ninguém achar ela. A gente ligava para os vizinhos e eles diziam que chamavam e nada. Aí nós demos um para ela desses simplesinhos mesmo.

Jonas: Eu tenho certeza que se eu morrer lá na minha casa, o meu filho não vai saber não porque ele não liga para mim.

Carla: Aí que mora o perigo...

Jonas: ...ele e ela não me ligam. Por isso que eu estou falando que cada caso é um caso!

Moderadora: São pontos de vista diferentes e não tem problema nenhum.

Jonas: Para mim não vai fazer diferença.

Gilda: Eu não sou de ficar conversando à toa no celular, a gente fala e pergunta se está bem e tal, se precisa de alguma coisa, mas conversinha não! Eu gosto de conversar face a face.

Moderadora: Qual a vossa opinião se acabasse o celular em vossas vidas.

Marta: Seria muito difícil, o celular é um vício, é um companheiro da gente.

Ilda: Eu me sentiria pelada.

Moderadora: É como o brinco e o batom.

(Risos)

Luíza: Agora é o brinco o batom e o celular.

Marta: Eu sentiria muita falta, mas eu sentiria falta. Eu digo para o meu filho “já terminei, vem me buscar” e se eu não tivesse um celular? Eu não ando sem o celular. Eu confecciono bolsas, tenho mais de 100 bolsas cortadas, mas eu não fico só em casa, a casa do meu filho é pertinho, mas eu não vou só, tenho medo de gente me matar. É difícil. A minha filha vem me buscar e o celular me dá segurança.

Moderadora: E as senhoras, o que pensam sobre o fato de não usarem mais o celular?

Ilda: Seria horrível, seria ruim demais, faria uma falta imensa. Mesmo porque no celular a gente se sente segura, a gente sabe que qualquer coisa a gente pode entrar em contato com as pessoas, né? E sem o celular a gente olha em volta e vai se agarrar a quê?

Moderadora: E o celular de uma forma geral? Como era a vida antes e depois do celular? O que pensam sobre isso?

Beatriz: Eu, antes do celular, tinha telefone fixo, ali eu... eu sou separada desde 99 então, era a única maneira. Eu trabalhava 8 horas por dia, era a única maneira de controlar os meus filhos “levante, vai tomar banho, vai para o colégio, já almoçaram?” Eu trabalhava de auxiliar de serviços gerais. Quando eu chegava no trabalho eu já ligava “acorda, vai tomar banho, vai escovar” e ficava toda hora ligando até quando eu conseguia trazer eles para o colégio.

Carla: Para mim, é muito bom também porque eu tenho muita falta de documentos porque eu morava em Uberaba, então, eu não preciso ir lá para resolver as coisas, é uma forma de encurtar distância e ficar enviando. Qualquer coisa agora os registros dos gados ele me manda, eu assim aqui e eu mando por Sedex, acelera mais o trâmite. Eu uso o celular profissionalmente, não é?

Moderadora: É uma ferramenta de trabalho.

Carla: para mim é importante nessa parte. Às vezes a minha filha passa uma coisa para

ela, ao invés de digitar tudo, ela fotografa e manda a foto.

Moderadora: E o senhor?

Jonas: Não, para mim, o celular é um estouro danado, não dá sossego para você, mas o celular, para mim, é por utilidade, para uma ligação ou, à vezes, por necessidade, para uma ligação em Goiânia para marcar um médico, para marcar um cabeleireiro para fazer o cabelo dela [da mulher]. Então, para mim o celular é tão somente para utilidade e por isso eu não preciso, não utilizo um celular de última geração. Primeiro o preço, com 75 anos, aposentado. Para ela, tudo bem, ela tem a necessidade dela. Eu não tenho mais necessidade. Esse celular aqui me serve tranquilamente.

Moderadora: Então, o senhor não tem ambição de ter um celular considerado mais moderno.

Jonas: Não tenho necessidade de ter algo mais evoluído [fala pausadamente]. Esse aqui supre as minhas necessidades e vou em frente.

Gilda: O meu tem tudo, é bom, mas não gosto não. Ele é quem usa!

Jonas: Eu quem uso? [tom irônico]

Gilda: Usa sim, de vez em quando você está lá, procurando uns trem lá.

Jonas: Mentira!

Gilda: Eu só uso telefone para ligar para as minhas irmãs, filhos e amigas. Não é muito, entendeu? É só utilidade mesmo. Eu não tenho paciência, ele tem de ficar. Agora já melhorou muito, mas eu não procuro nada no celular. Recebo uma mensagem, leio e acabou.

Neide: Só que tem uma coisa: por causa do celular a gente ficou também muito esquecida de números porque tudo está ali aí a gente não decora mais um número, não decora mais nada. O número dos filhos: a gente bate o número no celular já tem o nome do filho. Então, a gente vai ficando esquecida. Aprende outras coisas, mas esquece outras que não deveria esquecer. Por exemplo, o número do celular dos filhos, as datas de aniversário, o Facebook avisa, se perdeu o celular, perdeu todas as informações.

Ilda: Hoje é tão difícil porque não é todo mundo que tem a família perto. Se você não tiver o celular para você entrar em contato, aí fica complicado. Pelo celular a gente liga e ouve a voz, mas se some o celular, como fazer?

Moderadora: E o computador, todos têm computador?

(Beatriz, Ilda e Marta não têm)

Jonas: Nós temos um laptop, né? Eu gosto.

Gilda: Ele gosta de ver.

Jonas: Hoje sim, um computador para mim é importante porque eu vou buscar uma notícia, no computador eu vou buscar uma pesquisa. Eu sou orador espírita, então, eu preciso de estar por dentro da literatura espírita e vou lá no Google e o que eu pergunto ele me trás de volta. Aí sim, ele é fundamental na minha vida. Conhecimento que eu tenho adquirido dentro da internet, do Google, é brincadeira, né? Se eu preciso de uma palavra, eu não preciso de dicionário mais. Eu sou professor aposentado de português, 25 anos na sala de aula. Imagine se hoje eu vou guardar todos os dicionários que eu guardava? Não, hoje eu vou lá no Google e “fulano, me dá essa palavra aqui, me informa aqui” e tararara! Esse sim! Esse é fundamental.

Moderadora: E como foi a primeira experiência do senhor com computador?

Jonas: O computador veio na minha mão por uma curiosidade de aprender alguma coisa. Todo mundo dizia “Val, vai lá no Google”, “mas o que é isso?” “é um *site* de informação”. Aí eu fui me interessando e aprendi sozinho, o que eu sei do computador hoje, eu sei sozinho, alguém me passou alguns detalhes e depois eu fui mexendo aqui, ali, acolá e na medida que você vai mexendo você vai aprendendo. 75 anos hoje, eu domino o computador, o que eu preciso, eu encontro nele.

Moderadora: Entendi. E esse primeiro contato que o senhor teve foi há quantos anos?

Jonas: Há uns 10 anos atrás. O computador é dela.

Gilda: Fui eu quem comprei para eu usar.

Jonas: Fui eu quem comprei! Você vivia me pedindo um computador, eu podia dar uns 10 computadores para você até o dia que eu resolvi comprar um laptop e está aí até hoje, mas quem está utilizando sou eu, pois ela não tem paciência de entrar. Porque ela chega e mete o dedo aqui e acha que o computador já tem que estar dando a notícia para ela e não é por aí. O computador, sim, esse vale à pena, é importante.

Moderadora: E aprendeu sozinho? Ninguém lhe deu instruções, um filho, por exemplo?

Jonas: Não, filho não. Filho não está nem aí. Eu abri o computador e um cunhado meu lá em Goiânia me deu umas instruções, me passou o básico e ele sempre falava para mim “o computador não machuca ninguém, você não estraga nada no computador não, você tem que ter curiosidade e paciência”.

Moderadora: Quando o senhor começou a se interessar pelo computador já estava aposentado?

Jonas: Já estava aposentado.

Ilda: Eu tinha, mas meu computador quebrou, eu mexo é aqui na UMA.

Luíza: Eu faço tudo pelo celular, não vejo muita necessidade do computador. O celular anda comigo.

Ilda: Meu celular é pequeno, a letra fica pequena, aí eu não consigo acessar por ele. Só

posto as fotos, mas para eu ler as coisas pelo celular não dá.

Moderadora: E a senhora, tem um computador?

Marta: Não.

Moderadora: Já pensou em ter um?

Marta: Agora eu estou nas aulas de informática, fiquei com vergonha. Meus filhos todos querem que eu faça aulas de informática e que aprenda.

Neide: Ela participa de uma peça de teatro aqui da UMA que ela conversa com um namorado pelo telefone, aí ela entra e diz “oi meu amor que dia nós vamos nos encontrar?” é linda essa parte que ela fala.

Moderadora: E a senhora Gilda tinha esse computador que o seu marido comprou, mas depois parece que não se interessou muito por ele.

Gilda: Eu não tenho muita paciência, só algumas coisas, mas eu não evolui.

Jonas: Eu disse para o meu cunhado para ele me ajudar a preparar o meu e-mail, mas eu não consegui lidar com ele até hoje. Ele foi lá no computador e preparou meu e-mail, me deu uma senha. Eu fiquei feliz e na semana passada eu consegui comunicar com ele pelo e-mail. As pessoas me perguntavam qual era o meu e-mail e eu dizia que não tinha.

Gilda: E isso é bom para receber os recados de clientes nossos.

Jonas: Exatamente, esse é fundamental. Eu já me senti melhor por alguém perguntar o meu email e eu poder dar o meu email. Essa semana mesmo eu passei uma mensagem para minha irmã dizendo que estava testando o meu Hotmail. Quando foi à tardezinha eu entrei e ela disse “Jonas, vamos para a praia!”.

Moderadora: Então, a senhora não tem computador, mas tem e-mail?

Beatriz: Sim, pelo celular. O pouco que eu sei fazer pelo computador, eu sei fazer pelo celular.

Moderadora: Recebe e-mail e manda e-mails?

Beatriz: Eu não uso assim tanto, eu vejo mais coisas pela internet, em vez de fazer pesquisa pelo computador, que eu não tenho, eu faço pelo celular.

Moderadora: E a senhora tem vontade de adquirir um laptop?

Beatriz: Tenho, mas é porque eu ainda não tive condições.

Moderadora: Mas porque a senhora quer um computador?

Beatriz: É porque eu faço trabalho artesanal e eu gostaria de ter mais coisas diferentes para fazer e acrescentar, queria tirar da internet porque é diferente, eu faço croché.

Jonas: Lá a senhora vai conseguir, tem muita coisa linda lá.

Beatriz: O celular dá para ver, mas é pequeno, eu olho, mas não dá.

Moderadora: A senhora compra as revistas com os modelos?

Beatriz: A revista é assim: quando você se agrada da revista e vê aquele desenho na capa, só um que é bom, só aquele que está na capa, dentro não tem outra coisa que você gosta e no computador, se eu tivesse era diferente, muito diferente, iria me ajudar muito.

Moderadora: E a senhora?

Carla: Eu tenho e-mail e tenho computador desde que me casei, pois o meu marido era engenheiro e eu ajudava ele com planilhas, relatórios e eu sempre dependi desta peça, do computador. Foi mais ou menos há 30 anos, quando eu me casei, a partir daí eu trabalhava e era mãe e esposa, só mãe e esposa, mas eu ajudava na fazenda, eu trazia tudo de medicamentos no computador. Depois que ele adoeceu é que eu não mexi mais.

Jonas: Olha a importância do computador, você tem ferramentas importantes aqui.

Carla: É. Às vezes quando dava alguma coisa errada, via onde estava errado, não precisava de você ficar cabrando a cabeça, porque às vezes dava diferença nas medições e eu ficava horas para descobrir isso ali e no computador já dizia onde estava o problema. Para mim, foi uma ferramenta fantástica de trabalho.

Moderadora: E hoje, a senhora mexe com computadores também?

Carla: Hoje já não mexo, as coisas da fazenda são os meus filhos quem mexem. As medicações, ração, tudo isso é no computador, quantos gados têm, quantos nasceram, tudo na planilha, tudo organizado, é a parte administrativa.

Moderadora: Mas a senhora não tem vontade de adquirir um computador para pesquisar, por exemplo?

Carla: Eu tenho um lá em Uberaba e outro aqui, mas... não tenho interesse.

Jonas: A senhora está igual a mim, eu também acho que não tenho mais...

Carla: Eu vou ver lá com a minha menina para ver se tem jeito de deletar porque o meu filho faleceu, se tiver jeito de deletar tudo dele porque tem muita informação dele, vou ver se eu limpo ele e se tiver eu te dou ele [fala para Beatriz].

(Todos batem palmas! Conversas paralelas)

Moderadora: Quando a senhora adquiriu o computador pela primeira vez? Qual foi o primeiro contato que a senhora teve com o computador?

Neide: Olha, foi na minha formatura, me deram um computador de presente. Eu disse

que não queria mais panela, mais tanquinho, eu queria coisas que me enaltecêssem me botassem para cima, de panela eu já estava cansada. Então, me deram um computador e eu fiquei feliz, foi em 2010. Fiquei muito feliz em ganhar um computador que era o meu sonho. Tenho lá muitas fotos, minha coisa de trabalho fica lotada, tenho tudo ali, tenho acesso à internet, Facebook, mando e-mails.

Moderadora: Então, pelo que a senhora diz, foi algo importante na sua vida.

Neide: Foi, muito importante.

Moderadora: E as senhoras, quando adquiriram um computador?

Ilda: Meu primeiro contato com o computador foi aqui na UMA, que eu tive aula aqui aí eu comecei a aprender. Aí eu tenho um filho que mora no Rio de Janeiro, aí eu fui lá passear e ele me deu um computador que era dele, aí foi quando eu passei a ter um computador em casa, foi legal demais [risos]. Eu entrava lá e comunicava com ele pelo Facebook porque as outras coisas eu não tenho ainda base, estou aprendendo, tentando aprender. Mas o meu computador queimou, não sei o que aconteceu, queimou, aí agora só entro quando eu venho aqui, eu mexo aqui.

Moderadora: Depois, se a senhora tiver oportunidade, a senhora quer outro computador?

Ilda: Com certeza! O meu outro filho está falando de me dar um outro computador, um notebook, ele está querendo comprar um melhor aí eu fico com o velho. Aleluia se vier!

Moderadora: E a senhora, já disse que não tem computador porque faz tudo no celular, mas já usou o computador?

Luíza: Só aqui na UMA porque eu vim para cá aprender as aulas de inglês aqui e eu fiquei animadíssima. É para eu comprar um computador porque eu estou precisando para estudar. Eu gosto muito de ler, mas o celular é muito pequeno, então, eu quero ver os livros no computador que são bacanas para eu ler. Vou comprar sim, se deus quiser, neste final de ano.

Moderadora: E é com esse objetivo, ver coisas na internet?

Luíza: Sim, é para pesquisar, para ver coisas na internet, para pesquisar. Eu gosto muito dessa coisa, da parte da leitura, por exemplo, um autor qualquer, um livro qualquer, ir buscar as informações na internet. Eu gosto muito de um autor que ele é um psicólogo que é o Roberto Shinyashiki, são livros de autoajuda, muito bom. Então, isso aqui é muito importante, esse lado também, né?

Moderadora: E a Dona Marta, tem vontade de ter um computador, não é? Já disse que sim, mas o que a senhora planeja, o que a senhora vai fazer com ele?

Marta: Primeiro, eu quero aprender para eu saber o que fazer com ele, por isso eu estou fazendo as aulas de informática. Sim, eu gostaria também de fazer cópias de

coisas que eu já escrevi, passar para o computador, por exemplo... porque eu escrevo muito... quando eu fiquei viúva com os filhos pequenos eu escrevi muitas coisas. Tem alguns filhos que querem que eu publique um livro com as coisas que eu escrevi sobre coisas que se passaram comigo, das saudades, da minha infância, de paisagens, de cantos de pássaros.

Moderadora: Por que o senhor decidiu fazer aulas de informática?

Jonas: Porque tem um professor que vem dar aulas aqui aí eu assisto para adquirir mais conhecimento e tenho aprendido muita coisa.

Gilda: Mas ele não tem vindo mais, não é?

Carla: Eu já fiz o curso, mas já tem muita coisa nova, estou precisando renovar.

Jonas: O computador é infinito.

Carla: É prática também, você vai mexendo.

Jonas: É infinito o conhecimento...

Beatriz: Eu comecei aí faltou o professor, quando voltou a ter professor porque só agora está tendo, né? Aí eu adoeci e fiquei uns quatro meses afastada da UMA, mas eu vou começar.

Moderadora: Ainda mais agora com a possibilidade de ter um computador, não é? E o tablet? Alguém tem um tablet?

(Só Carla tem)

Carla: Eu tenho.

Moderadora: E o tablet? Como é a experiência de usar um tablet?

Carla: Só para viajar, para tirar fotos. É melhor que o celular que é pequenininho. Eu comecei por causa de viagens, para tirar fotos, por causa dos joguinhos, estava fora, não tinha nada para fazer, estava num hotel. Em casa eu também faço pesquisas. É mais interessante que o computador que a gente carrega, é pequeno.

Moderadora: A senhora acha que é mais fácil usar o tablet do que o computador?

Carla: É mais fácil para você carregar, faz o mesmo serviço, o computador tem o tal de mouse, às vezes você clica e deleta tudo, eu sou dona de fazer isso, está lá prontinho e quando vê... Agora no tablet você não tem mouse, você vai com o dedo e você sabe o que está fazendo. É mais fácil de ver porque é maior que o celular, coloca dentro da bolsa. Também acesso as redes sociais pelo tablet. Eu estou em tudo que eu tenho direito, no Youtube, no celular também, mas mais é pelo tablet.

Moderadora: O que a senhora vê no Youtube?

Carla: Eu gosto de ver filmes, tem muito desenhinho, joguinho.

Jonas: Tem muitas palestras maravilhosas.

Carla: Eu entro muito no Chico Xavier...

Jonas: Tem um orador espírita lá, não me lembro agora o nome dele, tem umas palestras fantásticas lá de autoajuda.

Moderadora: O Youtube, assim como o Facebook, é uma rede social. Por que resolveram fazer parte dessas redes sociais?

Beatriz: Eu gosto de ouvir música nas redes sociais.

Jonas: Tem muita coisa de se jogar fora, mas tem muitas coisas boas.

Carla: Tem aquelas músicas antigas que a gente gosta e que não se encontra mais, não é? daquelas bem antigas da década da gente... você encontra tudo.

[todos falam ao mesmo tempo]

Moderadora: Existe alguma razão especial para não terem um tablet? O que pensam sobre o tablet? É bom ou não é?

Neide: Eu nunca tive interesse.

Luíza: É falta de interesse mesmo, a gente acha que...

Moderadora: Muito bem. E as redes sociais? As senhoras fazem parte de alguma rede social? Qual é o objetivo?

Ilda: E interagir com as pessoas, com o mundo. Você posta uma foto e é legal chegar lá e ter várias curtidas, é muito bom, é muito gratificante.

Moderadora: E se a senhora postar uma foto e quase ninguém curtir?

Ilda: É sinal de que não estava legal. É um sinal que mostra onde você está bem e onde você está mal.

Moderadora: Então, é a partir das curtidas que a senhora percebe se está bem ou não?

Ilda: Sim. Ali, por exemplo, o seu visual, você tem uma quantia de curtidas, é porque você está apresentável, está bonita, vamos dizer... mas se você posta uma foto e chega lá e só vê uma curtida, ahhh, minha filha, dá vontade de deletar!

Moderadora: A senhora já deletou alguma?

Ilda: Uma vez eu deletei, mas eu deixo para lá, muitas pessoas... como é que se diz... reprovam...

Moderadora: Usa uma daquelas carinhas feias?

Ilda: Não, diz que não gostou.

Moderadora: Ah, escrevem mesmo? Fazem uma crítica?

Ilda: É, era isso que eu queria falar, uma crítica. Por exemplo, você posta uma foto e a pessoa faz aquela crítica boa, de bem ou de mal.

Moderadora: E quando acontece isso, o que a senhora faz? Responde a essa crítica? Deixa para lá? Deleta a crítica?

Ilda: Deletar eu nunca deletei não ou às vezes eu coloco “é a vida como ela é” ou eu simplesmente não faço nada.

Moderadora: E o Facebook para o senhor?

Jonas: Eu tenho Face, mas acho que o Face é...

Carla: ...é mais fofoca.

Jonas: É mais fofoqueiro... não me faz muito... eu não acesso o Face muitas vezes, só uma vez ou outra.

Moderadora: Quantas vezes o senhor acessa? Todas as semanas?

Jonas: Não, eu passo meses sem ir lá. E agora lá em Goiânia, minha irmã é vidrada no Facebook, então ela vai lá para ver fotografia de filho, de neto... não, eu não!

Carla: Quando meu filho faleceu eu fiquei sabendo pelo Facebook. Minha filha estava lá e não tinha me ligado, porque foi num parque de exposições, me mandaram no Face ele passando mal, na hora que eu vi, você arre pia todinha, “mas é o Júnior!”. A menina mandou, tinha uma pessoa lá passando mal e ela mandou e eu disse “gente é meu filho, a minha filha está lá”. Me deu um desespero e eu não sabia ligar para ninguém, minha irmã também estava lá e viu pelo Face. Eu tive um choque tão grande que até hoje eu tenho revolta, eu fiquei revoltada. Acho que era uma coisa que tinha que preservar, porque na hora que eu vi a foto eu vi que era o Júnior e ele estava bem de vida. Minha filha é médica e estava junto com ele e ela ficou numa raiva também “nossa mãe, como a senhora...”. E eu não tinha entrado na internet o dia inteiro, a hora que eu liguei o celular... sabe aquela coisa de mãe? Foi uma notícia muito ruim, o Facebook é fofoqueiro.

Moderadora: Isso é uma parte ruim do Facebook e há algo que seja positivo?

Beatriz: No Facebook...

Carla: Tem essa parte dela do croché...

Beatriz: Eu divulgo as minhas fotos de croché no Facebook. Tiro as fotos e coloco lá, aí coloco as observações lá dizendo que aceito sugestões... porque eu não tenho de onde

tirar. Eu faço o *print*, né? Para eu ver se eu consigo, mas é muito miúdo. Também tenho fotos de tapetes no Facebook porque antes eu vendia na casa das pessoas, mas agora eu estou doente, não gosto de sair, aí eu aceito encomendas pelo Facebook.

Moderadora: Há mais coisas boas no Facebook?

Jonas: Que eu saiba, não!

Carla: Só fofocaiada. Tem gente que descarrega tudo lá, passa raiva e fala lá do marido e xinga o fulano.

Moderadora: E as senhoras?

Neide: Eu gosto do Facebook, mas não é todos os dias que eu entro no Facebook, mas sempre que eu entro, eu vejo tudo, curto, entro lá em compartilhar e se eu gosto, eu compartilho, se... como é que fala aquela outra palavrinha do meio?

Ilda: Comentar!

Neide: Comentar, eu sempre comento.

Moderadora: Comenta as coisas dos seus amigos?

Neide: Sim e, às vezes, até das pessoas que eu não conheço se eu gostar daquele assunto, daquela foto, aí eu mando o meu comparecer tipo assim: amei, gostei, continue assim. Sabe? Mas eu nunca mando nada ruim, sempre positivo. Tem pessoas que colocam uma criança doente, aí eu coloco uma palavra bem... bacana, uma palavra carinhosa, eu amo fazer isso.

Ilda: Tem também quando as pessoas postam aquelas fotos de pessoas doentes, crianças carentes, eu sempre ponho uma oração, eu gosto muito de por uma oração, um pensamento positivo, eu pedindo a Deus que ajude, que proteja.

Moderadora: E a senhora Luíza, o que pensa sobre o Facebook?

Luíza: Acho que tem que ser um pensamento positivo. Essa semana, eu coloquei lá umas fotos que fazem parte do ecoponto daqui, um trabalho que eu faço parte, aí eu estava no meio das crianças todas, aí uma me mandou um comentário muito triste e eu fiquei muito triste com o comentário porque, poxa, eu me senti o máximo naquilo e ela colocou um comentário muito forte sobre se eu tinha mudado de profissão e que agora eu era babá. Me deu vontade de mandar muita coisa, mas eu rezei e não mandei não, só tirei as conversas de lá porque não me agradaram, deletei as conversas, mas a minha vontade era de deletar essa pessoa. Eu esperava um comentário bonito porque eu estava me sentindo o máximo e ela me massacrou e ela é uma amiga que eu não tenho contato com ela. Então, o Face ficou assim um tanto... tem o lado bom e tem o lado ruim.

Moderadora: E qual é o lado bom e o lado ruim?

Luíza: São as críticas positivas “amei essas crianças com você!”, “como você está

bem!” e quando não é assim, a gente se sente mal.

Beatriz: Quando eu estava doente tinha muita gente que conversava comigo para saber como eu estava através do Facebook e isso era positivo.

Carla: Eu sou espírita e eu recebo muitas mensagens pelo Facebook, minha filha é espírita e médica, toda vez que ela entra na sala de cirurgia pede proteção para as entidades.

Moderadora: E acham que ter Facebook melhora ou piora as relações sociais? Pois já vimos que tem coisas boas e tem coisas ruins.

Neide: Eu acho que melhora porque aquilo que a gente acha que é ruim a gente procura melhorar e sempre a gente tem que andar para frente e não para trás, ver as coisas como elas são, de maneira diferente, sendo que, a gente só deve postar uma coisa quando a gente achar que é positivo, se não a gente fica quieta.

Moderadora: E a dona Marta tem uma opinião sobre isso?

Marta: É assim, todos os dias eu faço uma oração para a minha família e para as famílias do mundo inteiro, para os prisioneiros e prisioneiras porque as famílias estão sofrendo e se eu tivesse o Facebook eu usaria o Facebook para mandar essas orações, chegaria a mais pessoas.

Moderadora: E quanto tempo gastam nas redes sociais? A senhora, por exemplo, já disse que não vai lá todos os dias.

Neide: Não, eu não vou lá todos os dias, mas sempre que eu entro eu fico lá uns 15, 20 minutos, isso no Face, mas também vou no Whats, no Messenger. Então, todo canto a gente entra um pouquinho e lá há alguém falando com a gente, né? Você está em um tem outro que já fala do outro lado, né? Por exemplo, está no Whatsapp e vem uma mensagenzinha do Messenger é isso é aquilo, a gente acaba ficando muito tempo.

Moderadora: E tem muitos grupos no Whatsapp?

Neide: Tenho. Eu tenho uns 12 grupos, são tantos grupos!

Moderadora: A senhora Ilda tem quantos grupos mais ou menos?

Ilda: Olha, eu não sei nem contar quantos grupos eu tenho.

Moderadora: Mais de 10?

Ilda: Eu tenho vários... e além de ter os grupos eu tenho os PV, os privados.

Moderadora: Então isso ocupa muito tempo?

Ilda: Ocupa!

Luíza: A gente fica viciada.

Ilda: Eu, se eu for seguir a lista das mensagens que chegam, eu não faço nada.

Luíza: A comida queima.

Ilda: Se eu passar um dia sem ir no Whatsapp, se eu abrir tem mais de mil mensagens ou 500 mensagens. Eu não dou conta de ler tudo. Eu vou passando, passando e leio só o mais interessante. Ocupa um tempo significativo, eu tento limitar para não extrapolar ou então a gente não faz nada.

Neide: Eu esqueci de falar que tudo isso que tem acontecido na minha vida foi depois aqui da UMA. Antes da UMA eu era uma pessoa totalmente reservada, pacata, não fazia praticamente nada, era de casa para a igreja, da igreja para casa. Agora não, a agenda cheia o tempo todo, tem coisas para a gente fazer... em casa, na rua. Eu vou fazer 65 anos no ano que vem. Aí a vida nossa é uma correria, muito corrido.

Moderadora: Com quem falam nas redes sociais?

Ilda: Família e amigos principalmente e amigos de amigos.

Moderadora: E se vier uma mensagem de alguém que não conhecem?

Neide: Um vez mandaram uma conversa para mim, não sei se foi no Messenger, aí eu não gostei da conversa, eu não sabia como tirar aquela conversa, aí eu fui na minha neta “Juliana me ensina como eu tiro essa conversa daqui porque eu não gostei e era de uma pessoa que eu não conhecia”. Era um conteúdo inapropriado, talvez ela me achou bonitinha, novinha, mas eu não gostei da conversa. Aí eu bloqueei essa pessoa.

Ilda: Aconteceu a mesma coisa comigo. Entrou uma pessoa, uma rapaz novo e passou a fazer umas conversas muito estranhas, aí eu não gostei daquilo e foram várias conversas. Aí eu peguei e mostrei para a minha mora e ela disse “deleta isso aí” e eu falei “minha filha, eu não sei como se deleta” e ela pegou e fez para mim.

Moderadora: Quando têm alguma dúvida sobre tecnologia, a quem recorrem?

Neide: Eu recorro ao meu filho, minha neta, qualquer um dos filhos porque eu não tenho assim tanta coisa para esconder deles, né? “Filho está acontecendo isso assim, assim, vê o que você pode fazer pra mim”.

Ilda: Eu tenho uma filha que ela que vê o meu celular sobre tudo que acontece. Se ela achar que tá legal, tá legal, se ela achar que não tá, não tá. Então, quando acontece uma coisa que eu não gostei eu corro nela e ela arruma para mim, é ela que resolve. Quando a gente tem filhos pequenos a gente é que vigia os filhos, assim os filhos vigiam a gente. Ela cuida de mim, vê tudo para mim.

Luíza: Eu recorro aos jovens porque estão por dentro das tecnologias e ao meu neto de 20 anos que me dá as dicas “faça assim, faça assim” e eu tenho que me render a ele porque eu preciso dele. Foi ele que me colocou no mundo atual, no mundo da tecnologia.

Moderadora: E a Dona Marta, a quem recorre quando tem as suas dúvidas?

Marta: Ao meu neto e aos meus filhos também.

Ilda: Os netos são a salvação.

Moderadora: Quantos anos tem o seu neto?

Marta: 18 anos, tem dois metros e três de altura [risos]. Tenho um que está na seleção brasileira, está em Goiânia.

Moderadora: Parabéns! A visão que tem das redes sociais e das tecnologias de um modo geral é positiva ou é negativa? Quando eu falo de tecnologia eu falo de celular, computador e tablet.

Jonas: Com certeza é positiva. As tecnologias são um avanço maravilhoso. Se não fosse a tecnologia como ela ia... como ela ia fazer com as fazendas? Hoje as fazendas são praticamente... qualquer opção precisa de tecnologia para funcionar bem.

Carla: Até no médico.

Jonas: Meu filho é agrimensor, onde ele vai ele... tem uma terra aqui e ele pega o GPS, ele é agrimensor e engenheiro civil aí daqui a pouco ele vem com o material e acessa tudo, daqui a uma semana ele entrega tudo feito para o chefe. Anteriormente, ele tinha que andar com o aparelho nas costas e andar de serra em serra.

Gilda: E é pesado, é um caixote.

Jonas: Então, a tecnologia é fantástica, se não fosse ela como é que seria o nosso progresso?

Carla: A medicina evoluiu muito, eles fazem cirurgia pelo vídeo, tudo.

Jonas: Tudo: na ciência, no direito, nas partes humanas.

Moderadora: A dona Beatriz concorda com essas opiniões sobre as tecnologias? No caso, seria o computador, a internet, o tablet e o celular.

Beatriz: Sim!

Ilda: É mais positiva do que negativa.

Luíza: Verdade.

Moderadora: Por quê?

Neide: Porque hoje as pessoas têm muito mais facilidade de se comunicar, como já foi falado, tem mais necessidade, mais informação, mais conhecimento, tudo, pesquisar conteúdos.

Neide: Olha, a gente já está ali com umas coisas na geladeira “vou buscar na internet para eu fazer isso e isso, mas como eu não sei fazer, vou buscar uma receitinha rápida na internet”. Isso é bom demais, o caderno de receitas já era! [risos]. Minha irmã me

deu um caderno de receitas lindo com a capa linda, toda bordada e aí eu abro o caderno e não tem lá nada, ninguém escreve mais [risos].

Ilda: Eu e a dona Neide temos um neto que ele para mim... pensa num garoto inteligente, só tem 14 anos, sabe tudo de celular. Esses dias meu celular não estava valendo nada, não recebia chamada, não fazia chamada, nada! O pai dele tentou resolver, mas não resolveu, minha filha tentou e não conseguiu. Ele foi lá e resolveu tudo.

Moderadora: Agora pensando um pouco no processo de envelhecimento, pois modifica a nossa vida de várias formas.

Luíza: Com certeza.

Moderadora: A senhora falou que agora está se sentindo mais feliz ou mais realizada do que antes. Mas também tem algumas coisas que são menos boas com as mudanças físicas. Acha que de alguma forma a tecnologia pode contribuir para esse processo de envelhecimento? Nós estamos passando por um processo de envelhecimento. Hoje, nós temos vigor físico, mas talvez daqui há alguns anos não estejamos assim tão bem...

Gilda: Daqui a uns 40 anos! [risos]

Neide: Até os remédios que a gente vai tomar, a gente vai lá e procura para ver se está certo “isso aqui é bom para quê?” Você nem tem que ver aquelas letrinhas pequenas da bula que são horríveis de se ver. É exatamente o que você está precisando aí você toma, se não melhorar você já liga para o médico e marca outra consulta. Então, eu acho que melhorou muito, muito mesmo. É o acesso à informação, é tirar dúvidas sobre a saúde, com relação a tudo. Hoje em dia é só pegar e você já está sabendo.

Moderadora: Vamos imaginar daqui a uns 20 anos quando tiverem mais idade e a vida já estiver um pouco diferente com menos mobilidade física, por exemplo. Acha que a tecnologia pode continuar a ajudar no dia a dia?

Neide: Sim, eu compro coisas na farmácia e eles vêm entregar em casa. O mercado já leva as compras em casa. Então, vai ser tão assim... que você não vai precisar sair de casa para nada. Eu acho que a tecnologia é muito boa e a gente...

Luíza: ... tem que se render a ela, a tecnologia. A resistência à tecnologia chega a ser uma burrice pro povo, tem que acompanhar.

Moderadora: E as senhoras, concordam ou discordam?

Luíza: Se você não estiver hoje dentro da tecnologia parese que está uma analfabeta na tecnologia.

Marta: É como eu estou me sentindo agora.

Moderadora: Mas a senhora tem o seu celular com internet e está nas aulas de informática. E o mais importante é que a senhora tem vontade de adquirir

conhecimento.

Marta: Agora, mas antes eu me sentia humilhada por pensar que estava de fora. Eu tenho um netinho de dois anos e ele tem um irmão de dois metros e ele pega o celular, pegou o meu e fez assim “pá!” jogou longe e eu disse “por que você não quebrou para o seu pai me dar um melhor?” [risos]. Poderia ter jogado no chão para espedaçar!

Luíza: Nós temos que estar abertos sobre a tecnologia, ou você parte para esse mundo novo...

Marta: ...ou você não é nada. Eu não sou tão burra assim!

Moderadora: Claro que não, ainda mais escritora!

Marta: Eu gostaria de falar sobre o meu nome, posso falar?

Moderadora: Claro.

Marta: Eu fui fazer uma consulta com o Dr. Jorge e ele viu o meu nome Marta e ele falou assim “já ouviu falar em Lísias Rodrigues?” “o Brigadeiro Lísias?” ele assustou e eu expliquei que o meu nome era uma homenagem ao Brigadeiro Lísias quando ele andava nos campos de aviação e ele me deu o livro sobre a vida dele a coisa mais linda e todos os lugares onde ele andou. O nome do aeroporto aqui é Brigadeiro Lísias.

Moderadora: Interessante, entendi. Muito bem... Mas então, o fato de fazerem aulas de informática e por aprenderem a usar essas tecnologias facilitou de alguma forma com as gerações mais jovens?

Carla: Acho que sim porque da nossa época para cá evoluiu muito.

Gilda: Mas ainda tem muita coisa para evoluir.

Carla: O homem é muito inteligente, tem muita coisa para explorar. Eu fico pensando nessas crianças, o que será? Porque eu estou vendo coisas que eu não tinha na minha época, a televisão era preto e branco um caixotão, a televisão era isso é só. Daqui a uns dias o que estes meninos estão vendo?

Gilda: Menino de três anos já faz tudo no celular.

Beatriz: Meu neto tem um ano e quando bota o celular o dedo vem assim e já puxa.

Marta: Meu neto tem quatro anos e ele pega o celular e puxa o que ele quer com o dedinho assim.

Moderadora: Exatamente, e em relação às outras gerações, acham que saber como mexer no computador facilita, de alguma forma, a comunicação com as outras?

Jonas: A nossa geração?

Moderadora: Sim, a comunicação da sua geração com as gerações mais jovens, a comunicação do senhor com os seus netos ou filhos, por exemplo.

Gilda: Total! Até as notícias porque antigamente a gente adoecia e de que jeito comunicava? Você ia para o hospital correndo e você não se lembrava de telefonar. Hoje não, qualquer coisa que aconteça você já corre para falar, hoje você sabe tudo. Tudo que acontece em casa se você precisar dos seus pais, na mesma hora ele vem. Você pega o celular e liga.

Jonas: Com certeza, essa ligação é necessária e fundamental, do meu filho comigo, o diálogo facilita, nos mantém mais próximos, essa questão da intergeracionalidade através das tecnologias.

Gilda: Eu acho que junta mais, não é como antigamente, sabe porquê? Os filhos têm o e-mail do pai e vice-versa, às vezes até sabe de coisas que não queria saber, nas redes sociais, por exemplo.

Moderadora: E a dona Beatriz, o que pensa disso tudo?

Beatriz: Como ela já falou, eu concordo porque eu moro sozinha e a minha única comunicação é o Zap é o Facebook, é o celular, porque para ligar assim mesmo, não. Então, para eu falar com eles é desse jeito.

Neide: Olha, hoje parece que as crianças já nascem sabendo tudo e se a gente não souber de nada a gente fica para trás. Aí a gente tem que saber para a gente pode conversar, dialogar com essas crianças. Hoje, por exemplo, a gente [grupo do teatro] estava numa apresentação que as crianças falaram que não queriam envelhecer e a nossa apresentação é sobre envelhecimento e quando não perguntamos se eles queriam envelhecer todos disseram que não queriam aí passou um pouco já depois da apresentação perguntamos novamente se eles queriam envelhecer e responderam “sim!”

Marta: Teve uma apresentação lá que a velha fala do artigo “que artigo?” “que velho não pode namorar, não pode dançar, não pode casar e nem... vocês sabem, né?” Aí o garoto “nem trepar” [muitos risos]. Nós tiramos a palavra, mas ele completou [risos]. Não é porque se envelhece que a gente tem que abandonar tudo, a sexualidade da pessoa mais velha também existe. Conheço um homem que morreu há pouco tempo com 93 anos e, pelas conversas, ele era uma pessoa sexualmente ativa e depois os filhos passaram a ter um certo preconceito contra aquilo e eu falava “por que a pessoa velha tem que morrer sexualmente? Não!” Essa coisa da UMA foi a melhor coisa que existiu.

Luíza: Porque abriu a cabeça.

Marta: Eu tenho um tio que fez 102 anos.

Moderadora: Essa é uma realidade que vai nos acompanhar cada vez mais, pois as pessoas estão vivendo muito, a expectativa de vida aumentou muito e a convivência com diferentes gerações também, a gente não convive só com os avós, mas também

com os bisavós e, em alguns casos, com os tataravós.

Neide: Nós temos que nos acostumar com essa realidade, eu sou bisavó. Eu tenho uma neta e tenho cinco bisnetos eu estou me preparando para ser tataravó.

Moderadora: Que bom! Mas me diz uma coisa, e o preço das tecnologias? É também um fator importante?

Ilda: Sim, quando eu quero adquirir uma coisa eu penso duas vezes antes de comprar. É assim: a minha vontade é a de comprar um celular muito bom porque o meu celular é daquele bem fraquinho, a vantagem é que ele tem internet, mas a minha vontade é de um mais potente, maior, mais chique. Às vezes a gente pensa duas vezes porque temos outras prioridades.

Luíza: A aposentadoria é pouca para sustentar e a gente tem que ter uma tecnologia em casa, por exemplo, a internet em casa a gente tem que pagar.

Ilda: Eu também tenho muita vontade de comparar um som bem gostoso porque eu gosto muito de ouvir música. Aí minha filha diz assim “a senhora compra tanta coisa, tanta besteira e não dá para comprar um celular bom? O dia que a senhora comprar um celular bom tem lá um som bom também”.

Neide: Meu filho me deu uma caixinha pequena e eu coloco e ouço música no celular.

Moderadora: Então a questão financeira também pesa?

Ilda: Pesa!

Luíza: muito, muito.

Marta: Eu sou muito econômica, meus filhos dizem que eu sou uma muxiba, mas eu não devo nada, tudo que eu compro eu pago, não tenho negócio de preocupação, não estou devendo ninguém. Não compro nada à prestação.

Neide: Acho que eu vou andar mais com você.

Marta: Posso falar sobre a minha aposentadoria?

Moderadora: Pode sim.

Marta: Eu sou aposentada por viuvez e eu queria aposentar por idade aí cheguei lá no INSS “olha, eu vim aqui me aposentar porque eu sou aposentada por viuvez, mas agora quero me aposentar por idade” “quanto tempo a senhora está contribuindo?” e eu disse “desde os 39 anos de idade que eu fiquei pobre e viúva com 11 filhos para criar, não tem nenhum ladrão, nenhum assassino, nenhum maconheiro ou que esteja dando despesa para o Governo. Isso aí não é contribuição, não?” Aí eles começaram a rir “isso aí não conta, não é assim não” “isso não é contribuição? Eu não estou ajudando o país? O mundo?” “Não, a senhora tem que contribuir tantos anos, tantos meses aí a senhora pode aposentar” aí eu falei “ah é? Não volto mais nunca!”. Mas no fundo ela está certa, tem a lei.

Moderadora: Ela deve ter achado engraçado, não é? Essa questão da aposentadoria é um grande problema... Digam-me uma coisa: adquirir conhecimentos de informática é difícil? Agora as senhoras estão frequentando as aulas de informática, não é? Como é esse processo de aprendizagem?

Ilda: Não é nem tão difícil nem tão fácil, não é? Porque não é todo mundo que tem a facilidade de pegar rápido. Uns aprendem rápido e tem a facilidade de gravar, mentalizar. Eu mesma posso dizer que eu não tenho facilidade de mentalizar aquilo ali porque eu aprendo ali naquela hora, mas é logo eu esqueço. Então eu tenho que estar com aquilo ali escrito e gravado. Fixar aquela informação é difícil.

Neide: Eu tenho mais facilidade para aprender quando eu mesma faço. Alguém fala assim “é aqui, aqui e aqui” se ele fizer eu não aprendo nada, mas se eu fizer passo a passo mais uma vez aí eu aprendo, mas se for os outros fazendo, nem precisa falar que eu não aprendo.

Moderadora: E se o neto só demonstrar como se faz a senhora não aprende nada? E ele tem paciência para ensinar?

Neide: Tem. Eu tenho um filho que ele mora lá em Dianópolis. Ele é fantástico para ensinar! Ele ensina as coisas e se você não aprender, é porque você não quer aprender, mas ele tem uma forma linda, maravilhosa de ensinar. Meu neto também, que é o meu neto e o dela [Ilda], ele é ótimo para ensinara, meu filho, que é genro dela, também é ótimo.

Ilda: Ela é mãe do meu genro e eu sou a mãe da nora dela.

Moderadora: Pois é, já percebi isso... Alguns de vocês já estão aposentados, não é? Como foi esse processo de adaptação? Porque para algumas pessoas pode ser difícil passar da vida ativa com o tempo muito preenchido, para a vida de aposentado, teoricamente, com mais tempo livre. Como foi essa experiência?

Jonas: Depende da cabeça da pessoa, do ser humano. Aposentadoria é uma coisa que tem que acontece na vida de todo mundo, quando você é previdente. Acho que está na cabeça da pessoa, eu, por exemplo, aposentei estava com 52 anos e estava com 35 anos de contribuição de serviço, só na sala de aula eu tinha 25 anos, eu passei 25 anos dentro de uma sala de aula dando aula. Quando eu me aposentei eu falei que não passava mais na porta de uma escola, não quero nem saber de escola, “Walter, o que você vai fazer?” “não vou fazer nada! No máximo umas aulas particulares”. Eu fui dar aula numa creche, terça e quinta eu reunia alunos de 5ª, 6ª, 7ª e 8ª série e distribuía matéria para eles. Depois de um ano eu fui cuidar da minha vida.

Moderadora: E como o senhor preencheu esse tempo livre?

Jonas: Com leituras, com caridade, estudo, trabalhei todos os finais de semana em comunidades espíritas. Preenchi meu trabalho com trabalho comunitário.

Carla: Depois que meu marido faleceu eu fiquei com muito tempo livre, fiquei parada, eu entrei em depressão, comecei a ficar parada, engordei, foi um período difícil. Eu sou

professora também e ele... mas eu fui professora de meus filhos, mas a gente vai ficando defasado e eu não tive mais coragem de dar aula, eu não tenho paciência mais. Então, eu fui uma professora de gaveta e vivi em função dos meus filhos e de viajar. Minha filha veio para aqui, eu viajei muito, o Brasil todo, o Pantanal. Eu preenchi o meu tempo livre viajando, com o meu neto, com os filhos.

Beatriz: Eu vou encostar a partir do mês de setembro, por invalidez, pois eu estou com depressão e faço tratamento desde 2003. Aí a doutora, a psiquiatra disse que vai me encostar.

Moderadora: E a senhora faz planos?

Beatriz: Eu faço planos igual a ele aí, não fazer nada! [risos] Para completar agora, a única diversão em casa tem sido o celular, eu conseguia fazer tapetes assistindo televisão.

Jonas: Eu jogava bola até aos 60 anos, eu jogava todo final de semana.

Carla: Lá no SESC é bom tem muita coisa para a terceira idade, a senhora vai ficar boa logo dessa depressão.

Moderadora: E a dona Beatriz, disse que era só o celular e a televisão?

Beatriz: Eu disse que fazia muito tapete ultimamente, né? Com a televisão ligada mesmo sem estar assistindo, mas a televisão puf, queimou! E não estou mais conseguindo fazer o tapete, aí eu fico no celular, no Facebook.

Gilda: Fica no celular e não tem jeito de fazer o tapete [risos].

Moderadora: E vir para a UMA, ocupa um tempo significativo ou só é uma pequena parte dele?

Jonas: Ocupa de quatro a seis horas por semana.

Carla: Sim, não pode ocupar muito do tempo porque a gente tem que fazer outras coisas, um esporte...

Jonas: A UMA já teve essa parte...

Carla: (inaudível) é tudo adaptado para a terceira idade, nessa idade ninguém quer correr, tem alongamento, tem basquete, mas só para jogar na cesta. Ajuda mesmo porque o esporte, querendo ou não, tem que ocupar pelo menos uma hora.

Moderadora: Esse período depois da aposentadoria foi difícil? Porque geralmente ficamos com mais tempo livre.

Ilda: Para mim foi a coisa mais maravilhosa que eu já tive na minha vida. Foi na época que eu entrei aqui na UMA, eu não tinha renda nenhuma, estava recém-separada e não tinha nada. Então essa aposentadoria caiu do céu pra mim. Aí eu pude ganhar o mundo.

Moderadora: A senhora trabalhava antes de se aposentar?

Ilda: Não. Mas a minha vida mudou muito depois de me aposentar porque eu entrei aqui.

Moderadora: Então, o fato de ter vindo frequentar a universidade modificou totalmente a sua vida?

Ilda: Sim, mais qualidade de vida, mais atividades, mais colegas.

Neide: Modificou tudo! Ela parecia um bichinho enjaulado.

Moderadora: O batom foi antes ou depois da aposentadoria, porque a senhora disse que não vive sem batom [risos].

Ilda: Pode-se dizer que foi depois quando eu pude comprar porque eu não podia.

Neide: Aprendeu a dançar, aprendeu tudo.

Ilda: Hoje, para mim, a vida... eu renasci a partir da hora que eu entrei na porta da UMA, essa foi a maior experiência.

Moderadora: E para a senhora, como foi a aposentadoria?

Luíza: Foi terrível! Planejei que eu me aposentar, mas a empresa em que eu ia me aposentar faliu. Eu sou técnica de enfermagem, trabalhei muitos anos no setor de emergência e em pediatria e a empresa, os donos foram ficando velhos e não passaram para os filhos e a empresa não renasceu para a tecnologia, foi ficando velho, tudo era velho lá dentro, tudo era à mão, não tinha receita no computador. Aí foi caindo, as pessoas hoje querem coisas bonitas. O corpo clínico era especial, de antigamente tudo com 70 ou mais anos e todos estavam clinicando e eram daqui oh! Aí a empresa faliu e nós todos dentro, mais de 150 funcionários, aí ele chegou o dia “vão procurar a justiça, acabou”. Aí eu fiquei maluca, estava com 61 anos e pensei “o mercado de trabalho já fechou para mim” porque eu tenho muita experiência, mas a idade... Você se depara com jovens de 20 anos... A minha filha mora aqui e disse “vem” porque eu tinha uma rotina de vida: acordava de manhã, saía, chegava. E depois fiquei com muito tempo livre e foi muito difícil de administrar. Eu fiquei desesperada, aí eu consegui trabalhar aqui na ENFIL que é onde trabalha com AIDS, eu trabalhei lá pelo antigo prefeito aí o prefeito saiu e a gente veio embora para a rua. Depois eu trabalhei para a UPA que fica aqui no norte aí depois fomos embora para a rua porque era tudo contrato aí de novo fiquei desesperada e cheguei para o meu neto e disse “me ajuda, eu preciso fazer alguma coisa, mas eu não sei o que é” e ele viu na internet a UMA “a senhora vai para lá!” Eu aposentei pelo INSS, eu tinha o meu dinheiro, minha aposentadoria, mas estava ociosa por outro lado. Meu neto viu na internet e disse “a senhora vai para lá, lá a senhora vai estudar, é a sua cara porque a senhora gosta de estudar, gosta de fazer amigos. Ele quem veio me matricular “vó se arrume!”. Agora eu nem sequer tenho tempo de falar com ele [risos].

Moderadora: E a dona Marta, já tem muito tempo que está aposentada?

Marta: Eu me aposentei com 40 anos, pois fiquei viúva aos 39.

Moderadora: É a aposentadoria do seu marido, não é?

Marta: Sim, mas eu ganho 13º e tudo. Eu não tive dificuldade de me adaptar porque eu era bem financeiramente, tinha o meu comércio, uma fazenda, mas nós fomos à falência porque o meu marido comprou uma fazenda e foi no Banco da Amazônia aí do comércio só saía e nós fomos à falência e ele mudou para cá e foi trabalhar com a metropolitana no asfalto da Belém-Brasília, mas ele não aceitava trabalhar. Um dia, eu tinha ganhado neném tinha seis meses e ele faleceu. Ele já tinha dado isso, mas ficou bom e eu engravidei de novo e com seis meses ele faleceu. Eu não tinha experiência de nada. Minha filha mais velha, ela é enfermeira de alto padrão, ela trabalha no Hospital das Clínicas em Goiânia. Por isso eu não senti essa transição, mas eu fiquei pobre, não tinha nada, mas se eu tivesse a experiência que eu tenho hoje, mas hoje... meus filhos todos trabalharam desde pequenos. Meu terceiro filho é o pai de todos os irmãos e a esposa dele é uma mãezona.

(Conversas paralelas)

Moderadora: Deixa eu fazer aqui uma pergunta. Quanto mais velhos nos tornamos, mais afastados nos tornamos da sociedade. Concordam ou discordam dessa frase?

Neide: Hoje eu discordo totalmente, porque hoje eu sou mais próxima de tudo do que antes porque hoje não temos... depois que nós conhecemos a UMA, a UMA nos levou para tudo para muitos lugares, já fizemos tantas viagens, tantas coisas boas, onde chama a UMA, nós estamos lá e é uma coisa maravilhosa.

Marta: Onde eles veem essa roupa aqui amarela [aponta para o uniforme], nós temos vez.

Neide: Se você vai resolver um problema, bota a camiseta da UMA e vai, você não fica em fila... nossa, é fantástico.

Ilda: Mas quem está por fora, tem dificuldades. O fato de não estarem aqui, de estarem em casa, estão isolados, com certeza. Aqui nós fazemos parte de um grupo privilegiado.

Beatriz: Nossa formatura é agora em Dezembro e eu não estou pensando em vir não.

Carla: Mas você tem que vir, pois o processo da doença vai só piorando, você tem que ver gente para conversar.

Beatriz: Eu estou vindo arrastada.

Jonas: Se não vir, vai ser pior para você. O ser humano precisa de determinados momentos de solidão, por isso o Cristo ficou 40 dias e 40 noites no deserto exatamente para trazer os ensinamentos comendo nada praticamente, mas depois ele voltou para o nosso meio, então, é bom parar um pouquinho, mas não pode ser direto.

Beatriz: Eu tenho vontade de fazer caminhada, mas eu não consigo.

Moderadora: Vai aos poucos, começa com caminhadas bem curtinhas e vai aumentando aos poucos, o importante é darmos um passo na frente do outro.

Beatriz: Tem uma praça bem perto de mim.

Moderadora: Relacionado a isso que estamos falando agora, tenho outra frase: Manter-se ativo é importante para ter uma boa velhice?

Carla: Sim e muito!

Moderadora: Na frase: Quanto mais velhos nos tornamos, mais afastados nos tornamos da sociedade. Concordam ou discordam?

Beatriz: Eu concordo porque eu me sinto melhor lá no meu cantinho, em casa sem ver ninguém, tem dia que eu nem abro a porta da frente, estou lá sozinha e me sinto bem, se eu tenho tudo lá dentro para que sair?

Carla: Mas isso é por causa da depressão porque cada um tem o seu ponto de vista, não é? Eu não me sentiria bem porque... Quando eu estava com problema eu ficava dentro de casa, eu não tinha fome, eu não tinha vontade de sair e de ver gente.

Jonas: Há momentos em que você precisa disso...

(Todos falam ao mesmo tempo)

Moderadora: A senhora se sentia um pouco isolada antes de vir para cá?

Luíza: Com certeza! Meus amigos não estavam aqui, estavam em outra terra, em outro local onde eu morava. Quando eu cheguei aqui, eu estava para enlouquecer porque “cadê os amigos? O quê que eu faço agora?”

Ilda: Aqui você faz amigos, você conhece muitas coisas, você conhece muitas coisas.

Luíza: Você é querido!

Ilda: Tem autonomia a tudo, você faz, você pode fazer.

Neide: Aqui a gente aprende estudando aqui.

Luíza: Aprender a envelhecer.

Neide: Você tira o medo, você tira tudo. Você aprende que você pode ir e vir, pode isso e aqui e isso... a gente se veste nessa camiseta do empoderamento, leva a gente a qualquer lugar sem medo nenhum.

Marta: Acho que o velho tem muita solidão. Eu sentia solidão demais e depois que eu vim para a UMA... eu sinto solidão quando eu estou lá em casa, sozinha, mas quando eu penso que eu vou para lá... nossa... me sinto feliz. A solidão é difícil.

Moderadora: Então, manter-se ativo é importante para ter uma boa velhice?

(Todos concordam!)

Moderadora: E acham que a tecnologia pode contribuir para manter-nos ativos ou não?

Gilda: Para mim, não faz muita diferença não, eu não paro. Mas com a tecnologia, não. Eu só tenho o celular, eu tenho o computador, mas eu não gosto e outra coisa: eu faço trabalhos manuais, eu faço croché eu bordo, eu leio muito, eu vou para a chácara do filho, vou para a academia, eu tenho essas atividades todas, venho para a UMA. Se eu estiver lendo, eu fico lá quietinha lendo, mas estou desenvolvendo uma atividade. E eu também não durmo de dia.

(Todos falam ao mesmo tempo)

Moderadora: Então, concordam que a tecnologia pode ajudar a manter uma pessoa mais ativa? Em que aspecto?

Jonas: Em todos os aspectos, uai! Coloca você na frente de um computador e você ao utilizar, vai entrar em contato com pessoas, combina coisas através da internet, você aprende coisas, me mantem muito entretido, o pouco que eu sei me ajuda muito. Vou lá ver notícias, pesquiso coisas. Às vezes eu fico eufórico demais querendo ir para o computador.

Carla: Como eu estou de longe, eu vejo fotinhas, tem os parentes que a gente não está perto, então ele manda direto fotos dos filhos.

(Todos falam ao mesmo tempo)

Beatriz: Eu participo aqui do grupo da UMA do Whatsapp e toda horinha tem mensagem. Também tem o grupo onde eu trabalhava e também tem muitas mensagens aí eu silencieei, eu só olho a hora que eu quero, quando eu quero, vejo tudo de uma vez. Eu acho que isso não me faz mais ativa, não muda nada.

Neide: Quando a gente está triste por algum motivo, você liga para uma amiga e essa amiga já convida você para um chá para uma coisa ou outra e tudo isso depende da tecnologia.

Luíza: Por isso a tecnologia é importante para nós que estamos na terceira idade. É importante pela comunicação, para interagir com os amigos, para não ficar em casa triste.

Ilda: Se você está em casa triste, você vai no cinema, vai assistir um filme, falar com os amigos pelo celular, pelo Facebook ou até mesmo na televisão apesar de que na televisão tem muitas coisas que te põe para baixo.

Moderadora: E o computador?

Luíza: O filme pode ser na televisão, mas pode ser no computador também.

Ilda: Então, a dona Marta já passou por esse período menos bom antes de vir para a

UMA.

Marta: Quando eu sair daqui eu vou ligar para meus filhos e vou dizer que o próximo presente é um computador e um celular do bom! [muitos risos]. Olha, eu vou contar a história do Pedro Nunis [neto] que quase quebrou meu celular...

Moderadora: Estamos quase terminando. Completem essa frase: para mim as tecnologias são...

Ilda: Úteis em todos os sentidos.

Luíza: Muito importantes para educação, para interagir para estar dentro desse mundo novo.

Marta: As tecnologias significam modernidade, o novo.

Neide: As tecnologias são tudo de bom. Eu sem ela eu vou me sentir sem nada, pelada, descalça, sem brincos. A coisa mais linda é quando os colegas ligam para a gente e dizem “olha, a festa já está começando” [muitos risos].

Ilda: Uma coisa que nós aprendemos também é que com essa interação que nós temos aqui... eu não sabia dançar, mas agora... você está convidada.

Moderadora: Obrigada! Quero agradecer muito a vossa participação.

Início da dinâmica sobre as percepções individuais

Anexo XI – Transcrição grupo de focal UMA 3

Apresentação da investigadora e informações breves sobre a pesquisa. Explicar como o grupo de foco será conduzido e como as informações recolhidas serão utilizadas. Assinatura do consentimento informado.

Moderadora: Começamos com uma volta, para se apresentarem em breves palavras, o nome, a idade e o que faziam antes de se reformarem.

Gabriel: Gabriel, 67 anos, militar.

Divina: Divina, 65 anos, comerciante.

Fabília: Fabília, 60 anos, trabalhadora rural.

Cristina: Cristina, 65 anos, professora.

Ana: Ana, 73 anos, trabalhava na roça.

Daniela: Daniela, 63 anos, trabalhava na roça também.

Moderadora: Então, vamos começar. Eu gostaria de saber se todos possuem celular.

(Todos têm)

Moderadora: Alguém tem smartphone, desses celulares que têm internet?

(Divina, Gabriel e Fabília têm)

Moderadora: Quando é que adquiriram o celular pela primeira vez?

Gabriel: O meu primeiro celular foi em 94 ou 95.

Moderadora: E o senhor se lembra porque o adquiriu?

Gabriel: Eu adquiri porque eu preciso muito do celular para o trabalho, eu sou fotógrafo, e o celular é uma das ferramentas.

Moderadora: Nessa época o celular era bem caro, não era?

Divina: Era caro!

Gabriel: Era o tijolão, pesado e caro.

Moderadora: Então, o senhor adquiriu por causa do trabalho. E as senhoras?

Divina: O meu filho tem mania de dizer que eu sou boçal. Tinha uma propaganda com a Regina Duarte, a namoradina do Brasil, e o celular. E o meu filho mais velho combinou com a minha filha assim “do jeito que a mãe é boçal, com um celular desse, vamos dar um celular de aniversário para a mãe”. Aí me deram, um tijolo também. Isso foi em 2010.

Moderadora: Foi importante para a senhora?

Divina: Muito importante porque eu tenho um trauma comigo porque a minha mãe faleceu e quando a gente descobriu já tinha três dias. Eu morava numa cidadezinha do interior e a minha mãe morreu em Araguaína. Então, quando eu ganhei aquele celular, eu senti que eu estava com uma segurança de notícia, entendeu? Então, eu fiquei achando bom demais. Quando eu mudei aqui para Palmas, eu me senti como se estivesse sozinha no meio do mundo. Tem três anos e meio que eu moro aqui em Palmas, vim com o meu neto para estudar. Então, quando eu cheguei aqui comprei quatro chips: TIM, Vivo, Claro e Oi e mais um convencional que eu nem uso. Minha filha me perguntou como eu ia administrar quatro operadoras. Mas foi aquele medo de ficar sem me comunicar, pois eu sempre fiquei com o trauma da minha mãe. Aí eu fui acostumando e fui eliminando e fiquei só com a Vivo.

Fabrícia: No meu caso, também foi para me comunicar porque eu morava com um neto e eu trabalhava muito e ele ficava só, era pequeno, e eu passava o dia fora sem saber notícias dele. Quando a pareceu esse negócio de celular, eu comprei um para mim e um para ele, aí a gente comunicava um com o outro. Isso tem uns 10 anos. Foi muito bom, eu já podia falar para ele o horário de tomar banho para ir para o colégio.

Cristina: Eu foi quando o meu filho passou no concurso e fizemos uma reunião e eu falei para ele ir que eu ficava e que eu ia levando, mas aí a coisa vai mudando no dia a dia, a gente projeta, mas não sabe como vai ser. Aí alguém deu um toque para ele porque a gente não tinha telefone aí ele comprou um para mim, até hoje ainda existe comigo, custou 100 reais, mas é Gradiente. Foi aí que partiu a necessidade de um celular. Aí eu perguntei como eu ia usar que não sabia e ele foi me ensinar. Tem uns 10 anos. Agora eu vou repassar, é um tal de... smartphone, de zap zap, é o Facebook. No momento eu não tenho internet, mas com o passar do tempo a gente tem a necessidade. Eu ainda não tenho, mas eu vou adquirir.

Moderadora: E a dona Ana?

Ana: Eu crio uma neta desde que ela nasceu e tudo que eu compro é só para ela. Aí eu falei para ela que quando ela começar a trabalhar eu quero um celular com internet “porque tudo eu dou para ti”. Tudo é só para ela. Aí em 2014, ela começou a trabalhar e... esse relógio foi ela quem me deu e disse “vó, eu não comprei o seu celular”. Ela tinha me dado um, mas eu estraguei porque eu fui colocar a chapra [dentadura] no copo, mas coloquei o celular dentro [todos riem].

Moderadora: E esse primeiro faz quanto tempo?

Ana: Foi em 2014.

Moderadora: E a senhora?

Daniela: Eu senti muita falta do celular porque eu morava numa cidade onde, quando eu era jovem eu estudava, tinha um telefone fixo, até hoje eu tenho. Quando o aparelho fica fraco, compro outro, mas até hoje funciona. Eu mudei para outra cidadezinha, onde eu nasci e lá fui obrigada a comprar para me comunicar com uma

filha que morava em São Paulo, aí eu comprei um celularzinho. É um desses simples, ainda tenho aqui na minha bolsa. Uma vez roubaram a aí eu comprei esse outro. Mas eu não intendo nada de celular, só entendo para ligar e aceitar a ligação. Eu não sei olhar quem ligou, qual o número, é tudo anotadinho aí...

Moderadora: Quanto tempo tem esse celular da senhora?

Daniela: Tem de oito para 10 anos, esse que eu tenho agora já é o terceiro, mas são todos desses simpleszinhos.

Moderadora: E qual é a importância do celular?

Gabriel: O celular encurta distâncias, onde você está você comunica com o mundo inteiro, tem problemas enormes, mas encurta distâncias, ele não resolve 100%, mas resolve 90% dos seus problemas e ele é rápido, qualquer lugar que você está, você resolve, não tem negócio de amanhã ou depois de amanhã, a gente resolve logo, agora porque está todo mundo se comunicando. A tecnologia é muito avançada, você consegue fazer quase tudo com o celular. Transfere dinheiro, eu não faço, mas faz tudo.

Divina: Eu faço transferência pelo celular, pelo iPad também, eu tenho o banco tanto no celular como no iPad.

Gabriel: Primeiro porque eu não confio.

Divina: Eu faço tudo. Eu acho muito importante e eu tenho muito cuidado porque eu tenho as coisas que são importantes comigo, então, eu valorizo muito o celular e a internet porque a internet bem usada... hoje as pessoas usam a internet para fazer coisas ruins.

Moderadora: Pode dar um exemplo?

Divina: Por exemplo, o Whatsapp. É uma coisa maravilhosa, todo dia cedo eu recebo bom dia dos meus filhos e transmito o meu bom dia para os meus filhos e meus amigos. Já tem gente que usa isso para marcar para roubar, para fazer coisas ruins, vender drogas, né? O ruim do Whatsapp é isso porque se ele for bem usado... o desenvolvimento tem essa coisa de trazer coisas boas, mas junto vem as ruins.

Moderadora: Então, além de fazer e receber ligações, o que mais a senhora faz?

Divina: Faço e recebo ligações, pago contas, mando mensagens, tiro fotos, quando tinha o celular de créditos, eu comprava os créditos. O celular é o meu companheiro, minha vida mudou totalmente com ele. É tanto que eu já fui mais apegada, mais viciada no celular, hoje eu uso e largo pra lá. Um dia eu vim para aula, esqueci e parece que eu estava longe de tudo sem o celular, perdidona. Porque tem as minhas netas que me ligam, quando elas saem do colégio eu tô marcando a hora e eu fico marcando a hora. Quando elas chegam elas me retornam dizendo que já chegaram no colégio. Olha o tamanho da utilidade do celular.

Cristina: Tem a questão da segurança também, né? A segurança, mas também a insegurança de quando a pessoa não sabe possuir determinada coisa, então você vacilou.

Divina: Dá até de mão beijada para os bandidos.

Cristina: Exatamente. Pode perder a vida. Eu não preciso sair mostrando que eu tempo. Não, eu simplesmente uso e está guardadinho, não sabem nem se eu tenho. Nada de ostentar, não precisa disso. É como a pessoa que é rica, não precisa mostrar que é rica, saiba usufruir.

Moderadora: E o celular na vida da senhora foi importante?

Cristina: Foi importante, eu fui evoluindo. Só não tenho internet porque de momento eu não estou podendo agora.

Moderadora: Também tem a questão financeira.

Cristina: Também tem uma coisa. Eu dei bom dia a uma colega e ela respondeu bom dia sem olhar para mim, estava olhando para o celular, ela deixou de olhar para outra pessoa para dar atenção para um objeto, o valor para ela está no objeto e isso aí eu acho errado.

Divina: Tem que saber usar.

Cristina: Quando eu estou com pessoas, eu tenho que isolar um pouquinho o celular.

Moderadora: E as senhoras concordam?

Ana: Concordo, a gente pede um remédio na farmácia, a gente grava, coloca aquelas músicas, tira foto, é um grande entretenimento, é só com ele na mão [risos]. As meninas me ligam do colégio, eu falo dos horários com elas quando eu venho para a faculdade.

Moderadora: E a senhora?

Fabrícia: É muito importante porque a qualquer hora que a gente quer saber notícias a gente pode e como se estivesse vendo a pessoa. Eu tenho internet no celular, mas só quando estou em casa. Eu não gosto de colocar no crédito se não os créditos vão todos embora. A parte financeira conta e também dá para a gente esperar chegar em casa.

Moderadora: Sai sem ansiedade, resolve as suas coisas e quando chega vai ver as novidades.

Fabrícia: Sim, vou ver as novidades. É só o barulhinho, plim, plim, plim das mensagens caindo.

Moderadora: E a senhora, o que pensa?

Daniela: Eu acho muito importante, mas na mesma hora eu acho que é a maior perdição que está tendo hoje em dia na juventude é por causa do celular. Hoje em dia, a maior parte dos filhos não se comunica com os pais e os pais são se comunicam com os avós. Quando não estão na escola estão no celular. Então, hoje em dia as pessoas só aprendem um pouquinho na escola, mas em casa elas não vão ter experiência dos avós e pais porque eu tiro pelos meus netos que chegam em casa estão cansados e vão dormir ou então estão no celular direto. Então, o celular é uma coisa boa, mas na mesma da hora eu acho uma grande perdição para a juventude que não sabe usar o celular.

Fabrícia: É a mesma coisa que a televisão: ela informa ou deforma?

Gabriel: Serve para enganar a companheira. Ela liga e pergunta onde estamos aí dizemos que estamos no serviço, mas estamos no barzinho [risos].

Divina: Essa é uma questão do mal usado.

Fabrícia: Mas também serve para entregar.

Gabriel: A grande facilidade do celular é que tudo... quando você coloca o seu nome no chip, tudo mundo sabe da sua vida. A polícia abre o meu celular e sabe tudo que eu já fiz na vida. Uma arma pe-ri-go-sa! Tem que saber usar.

Moderadora: E se alguém chegasse para vocês e dissessem que acabou o celular! Qual seria a vossa reação?

Fabrícia: Show! Porque eu nasci sem celular, ele tem utilidade, mas era melhor sem o celular porque você tem uma individualidade que só pertence a você e não é invadida, o celular é invadido. Eu posso atender o telefone de uma colega e falar para ela que alguém deixou um recado, não é correto, mas pode acontecer. Se ele desaparecesse a vida continuava porque tem o telefone público. Quando não tinha o telefone público, tinha o de residência, mas naquela época só quem tinha condição de possuir, era um luxo, comprava dividido em prestações e olha lá! Tinha gente que tinha um dinheirinho e investia em telefone.

Gabriel: Até se ganhava com o telefone. Todo ano você ia lá, recebia uma quantidade de dinheiro por aquele telefone. Cansei de ver. Teve gente comprou carro zero. Usava o telefone fixo e gerava bônus, passava um tempo e ele recebia um horror de dinheiro.

Divina: Eu tinha muita vontade de ter um telefone, mas não tinha condições de ter um e depois que me trocaram por uma de 20, aí eu pude ter o meu. O meu telefone fixo era o meu grande companheiro, o primeiro, lá no Pará.

Moderadora: E se acabasse o celular, como seria?

Divina: Olha, eu estou imaginando aqui e seria igualzinho a dizer que acabou o gás [risos]. Faria muita falta pelas facilidades que o celular dá para a gente. Facilita a minha vida. A internet e o celular porque só o celular não ajuda tanto, tem que ser o

celular com a internet. Me ajuda muito.

Moderadora: E a senhora, como reagiria?

Daniela: Vixe, sentiria falta se o celular acabasse só de ligar porque a minha filha mora perto, mas às vezes falta qualquer coisa em casa e eu ligo e pergunto se ela tem aí eu peço o menino para trazer. É perto, mas iria me fazer falta, mas para essas coisas de internet, não iria me fazer falta porque eu quase não uso, só aqui na faculdade.

Cristina: É importante frisar que se a pessoa se vicia, a pessoa se sente nu. Tem gente que diz que se não colocar um brinco na orelha, se sente nu.

Divina: Eu sou assim [risos].

Cristina: Eu não quero me sentir assim com um aparelho. Está certo que ele ajuda, auxilia e complementa a nossa vida diária, mas eu não quero me sentir assim dependente de um objeto.

Moderadora: E a senhora?

Fabília: Olha, um tempo desses, roubaram o meu e eu senti muita falta. Tudo passou a estar longe. Quando roubam, roubam tudo: os números de telefone porque a gente não anota mais número em agenda, só no celular.

Gabriel: Eu tenho uma agenda.

Divina: Eu tenho tudo anotado.

Moderadora: Vamos agora falar do computador. Quem tem computador em casa?

Divina: Eu tenho.

Cristina: Eu uso o do meu filho que ele me sede.

Fabília: Eu tenho.

Ana: A minha neta tem, mas só ela mexe.

Daniela: Eu não tenho.

Moderadora: E tem vontade de ter?

Daniela: Não. Na casa da minha filha tem, mas eu nunca coloco nem o dedo no teclado, só aqui nas aulas de informática. Eu digo sempre que nunca mexo em nada de ninguém sem a pessoa dar permissão, pode ser de pai, de filho, de qualquer pessoa. Então, lá nunca mandaram eu mexer, nunca me chamaram para me ensinar, meus netos sabem, meus filhos sabem e ninguém nunca se ofereceu.

Moderadora: E a senhora não pede?

Daniela: Não peço. Estou aprendendo, mas para mim não sei... é bom para o pessoal

que está estudando, para fazer pesquisa, mas para mim é uma coisa que não tem muita utilidade.

Moderadora: E por que a senhora faz as aulas de informática?

Daniela: Para eu saber pelo menos um pouco.

Divina: Eu comecei a mexer nos computadores, eu nem imaginava mexer no computador, mas eu trabalhava com a minha filha ajudando a administrar a empresa dela trabalhando no caixa. Eu fui de férias e quando eu voltei eu já sabia que ela ia informatizar o caixa e quando eu cheguei já estava tudo informatizado. Oh Jesus me ajuda a mexer naquilo porque eu não tinha feito nem datilografia, mas a necessidade ensina a gente e eu aprendi loguinho. Eu dava uns forinhas de vez em quando teve até um que me chamou de velha coroca porque eu estava errando. Quando foi obrigatório a nota fiscal eletrônica, eu mexia no financeiro, eu fui a primeira a fazer lá na minha cidade porque o meu filho é quem fez o programa, ele informatiza empresas, então, aquilo foi a melhor coisa saber mexer. Quando me mostraram a formação da nota fiscal, eu pensei que não ia dar conta, mas a primeira no dia 16 de novembro de 2011.

Moderadora: A senhora lembra quando foi a primeira vez que mexeu em um computador?

Divina: Foi em 98.

Moderadora: E o senhor Gabriel, mexe no computador?

Gabriel: Muito pouco. Não tenho computador em casa, é falta de interesse. É sempre amanhã, amanhã e vai ficando. Eu tenho muita dificuldade porque eu não sei mexer e para o meu trabalho que sou fotógrafo, era muito útil, tudo eu tenho que depender dos outros, uns fazem de bom gosto e outros não, mesmo pagando. Eu sou igual a ela: tudo que eu uso é meu, eu não gosto de pedir favor, aí eu vou ficando.

Moderadora: E o senhor tem intenções de aprender e dominar esse conhecimento?

Gabriel: Tenho sim. É só eu sair daqui eu vou para uma escola de computação e faço as aulas aqui também.

Divina: Eu não fiz aulas de computação, aprendi sozinha trabalhando agora se me perguntarem uma coisa específica já posso não saber.

Cristina: Eu vejo artesanato, vejo receitas, figuras. Então, no meu campo, eu vejo muitas coisas que é na área da saúde. Se você ficar sem o computador você não tem nada porque tudo está em livros. Para mim o computador é mais importante que o celular. Ele tem tudo, tem câmera, você pode falar com uma pessoa. Não precisa andar com ele, ele fica dentro de casa.

Moderadora: E o curso aqui da UMA?

Cristina: Antes de fazer esse daqui eu já tinha feito outro, tenho um certificado.

Moderadora: Faz quanto tempo a senhora mexe no computador?

Cristina: Uns 15 anos, em 2000 ou 2003.

Moderadora: E a senhora tem computador?

Fabrícia: Tenho, mas eu nunca aprendi a mexer. Ele é muito abusado com as coisas dele. Eu sei ligar e desligar, mas não sei muito não. Gosto mesmo é do celular que é meu e sei mexer. Eu sou cismada para mexer nas coisas dos outros.

Moderadora: E a dona Ana, tem vontade de aprender a mexer no computador?

Ana: Tenho, mas não sei mexer em quase nada. Estou fazendo um tratamento para os meus olhos e isso dificulta muito.

Moderadora: E o Tablet, alguém tem?

Divina: Eu tenho, ganhei de presente do meu filho. Eu deixei meu netbook... lá em casa tem um notebook, um computador e o meu tablet. Eu acostumei com o tablet, lá tem tudo, os aplicativos.

Moderadora: O que a senhora faz com o tablet?

Divina: Eu converso com o meu filho ao vivo, pago conta, faço transferência, vejo o meu saldo. Faço pesquisa, tenho um aplicativo que é um tradutor porque eu estou estudando inglês. A professora disse para a gente ver poesias e eu fui lá e é pequeno, eu estou lá no sofá de boa.

Moderadora: Qual é a vantagem em relação ao computador?

Divina: O meu netbook para carregar é aquele grandão e o tablet não, você bota para carregar e passa o dia todo com ele, é pequeno eu carrego para onde eu quero, o carregador é pequeno. Eu não coloquei mais nada no netbook, tudo está no tablet, meus arquivos, foto. Tenho um joguinho de paciência, dominó.

Ana: Entretêm bem.

Divina: E como!

Moderadora: Mais alguém tem?

(ninguém tem)

Cristina: Isso é mais para a frente.

Moderadora: E as redes sociais? O que pensam sobre elas?

Gabriel: Eu tenho Facebook, mas quase não utilizo. Não gosto de divulgar o meu trabalho no Facebook porque eu não posso divulgar foto dos meus clientes em redes sociais. Às vezes eu tiro uma foto e a pessoa pede para eu mandar por e-mail e eu não mando. Ou eu passo para ele ou ele fica sem a foto. Se cair na mão do mala ele vem

encima de mim a não ser que ele dê autorização por escrito. E outra coisa, o trabalho tem que ser pago, como ele vai me pagar? Se eu passo, ele vai estar com a foto e não vai querer me pagar.

Divina: Eu tenho dois exemplos da vantagem do Face. Eu tenho um cunhado que mora em Bruxelas e teve daqueles atentados e a gente fica preocupado com medo de ter acontecido alguma coisa. Aí eu estava lá no bate-papo e eu perguntei na hora para ele se estava tudo bem e ele disse que sim. Esses dias teve um terremoto na Itália e eu fiquei preocupada com uma amiga que mora lá aí no bate-papo eu falei com ela e estava tudo bem. Então, eu uso o meu Face, às vezes, eu gosto de uma fofoca, de política, essas coisas podres quando eu acho uma coisa muito errada eu compartilho, eu comento, eu curto, faço política, reivindicação nas redes sociais, eu faço! Eu tenho e gosto!

Cristina: No caso dela aí, virou um comprimido.

Divina: Me dá tranquilidade, sim.

Ana: Não tem marido não?

Divina: Não, o meu me trocou por uma de 20. Uma de 40 por duas de 20.

Moderadora: A senhora tem Facebook?

Cristina: Eu não tenho. Primeiramente, eu não tenho porque reflete medo.

Divina: Se a gente for ficar com medo de tudo, nem come.

Cristina: Não, mas eu como [risos]. A gente vê tanta safadeza na televisão, na televisão, rádio e jornais sobre as redes sociais. Então, eu evito, deixa eu aprender e me aprofundar para saber se vale à pena entrar porque pelo que eu estou vendo tenho medo.

Moderadora: A senhora tem um computador, faz pesquisas no computador e se quisesse ter o Facebook teria.

Cristina: Teria, mas tenho medo desse ponto aí.

Moderadora: O que tem no Facebook que dá medo na senhora? E quero deixar claro que não tem problema a senhora ter medo, só estou interessada em saber o motivo.

Cristina: As pessoas começam a avacalhar com falta de respeito, o preconceito também. Isso tudo causa [inaudível] nas redes sociais. Vai ver nem é nada daquilo e você se torna um bichão! Inventar histórias. Às vezes a pessoa é, mas outras vezes é um anjo. O computador não passa sentimentos, não é você, é uma máquina. Ninguém vai conseguir abraçar a outra pessoa, pois através de uma máquina não se abraça. A máquina é manipulada pelo ser humano.

Moderadora: Essa parte que a senhora considera ruim anula a parte boa? Pois a senhora resolveu não ter o Facebook.

Cristina: Até o momento sim. Pode ser que mais na frente eu desencante, mas do jeito que está...

Divina: Tem a outra parte que é boa. Eu aprendi uma coisa na vida que para a gente viver bem, a gente tem que aproveitar das coisas ruins e colher o bom porque se a gente for ver só... Eu não vou por uma conta no celular porque vão me roubar, eu não vou pagar uma conta porque vão me roubar. Esses dias eu vi, nas redes sociais mesmo, dizendo que o leite... era para pensar bem e não tomar o leite. Minha gente! Leite? Daqui a uns dias a gente não come porque até o leite faz mal. Então, eu vejo assim: eu procuro viver do que eu gosto, do que eu acho que está certo, o que é ruim eu faço de conta que não existe. Para eu viver em paz.

Moderadora: Quanto tempo a senhora passa nas redes sociais, por dia? A senhora vai lá todos os dias?

Divina: Todos os dias eu vou. Tem vez que eu vou duas ou três vezes e algumas, nenhuma vez. Não acho que eu seja exagerada. Antes eu ia mais. Hoje, eu tenho outras coisas para me entreter, então eu não tenho aquela necessidade de estar, mas quando eu vou dormir, se eu tenho que responder alguma coisa eu respondo, se não, não é jogo paciência.

Moderadora: A senhora acha que isso facilita as suas relações sociais?

Divina: Eu tenho amigas que eu nunca vi. Minha amiga! Agora eu vou na casa dela em Fortaleza e está ansiosa para me ver. Nos conhecemos através do Whatsapp e depois ela me convidou para ser amiga dela no Face. Eu só tenho gente boa. É claro que dos amigos da gente entre os amigos dos outros que veem as coisas, só que eu aproveito o que vem dos meus amigos, o que vem dos outros eu nem ligo.

Moderadora: E a senhora não tem Facebook, mas tem vontade de ter?

Ana: Tenho vontade.

Moderadora: E a dona Daniela, que tal essa história de Facebook?

Daniela: Eu acho que é muito bom, mas tem que saber.

Divina: Para ter essa coisa, tem que ter a internet, se não tem internet...

Daniela: Lá em casa mesmo, convive uma filha adotiva comigo e ela está viciada demais. Aí eu não quero esse negócio não. Estou traumatizada. Ela vai trabalhar aí tem duas horas de repouso, aí essas duas horas é direto. Eu não pago internet e ela fala com uma vizinha lá que paga a internet e quando ela chega é direto. Antigamente, ela queria passar a noite quase toda. Foi preciso tomar o celular dela e trancar para ela poder dormir.

Divina: Ela tem quantos anos?

Daniela: Tem 25.

Moderadora: E isso impede que a senhora se interesse por esse assunto?

Daniela: Sim, já fiquei traumatizada.

Moderadora: Quando a senhora pega o celular dela, o que ela faz?

Daniela: Fica zangada demais e dá problemas. Esses dois dias, ela chega e coloca lá em cima da cama. Agora ela está mais compreensível, mas antes ela vinha para cima de mim.

Divina: Tem que ter limite, controle mesmo.

Moderadora: Conhecem pessoas da vossa idade e que são viciadas?

Divina: A minha neta mais velha era viciada no computador. Tinha vez que ela dormia um sono, acordava e ia para o computador. Foi luta para tirar ela, foi eu, o pai, a mãe. A mãe pediu para eu esconder até o meu netbook para ela “desviciar”.

Moderadora: E o senhor Gabriel, o que pensa sobre esse assunto das pessoas que usam muito as redes sociais.

Gabriel: Eu participo de quatro grupos daqui. Eu só vou dormir uma hora da manhã ou então tenho que desligar o celular, mas ter um celular para desligar eu não quero. O celular é para você receber uma notícia de um parente, pois eu tenho muita gente e aí o pessoal não deixa passando aquelas mensagens “plin, plin, plin”, é um trem mais horrível do mundo, uma coisa que não tem nada a ver, umas coisas insignificantes.

Moderadora: E o senhor não coloca as notificações no silêncio?

Gabriel: Não, para eu colocar no silêncio, é melhor eu desligar, aí é melhor eu nem ter celular.

Divina: Mas nesses grupos muito chatos, coloca uma chamadinha diferente ou então sem chamadinha, só aquele grupo.

Gabriel: Mas aí não tem graça, para mim não, eu acho muito controverso.

Divina: É assim, o que é de interesse deixa e o que não é tira.

Gabriel: Suponhamos que seja alguém daqui [da UMA] à meia-noite com um problema e não tem ninguém para atender essa pessoa porque o telefone está no silencioso. Então para mim, é melhor não ter. Falta controle, consciência com quem está do outro lado da linha.

Moderadora: Ele está fazendo uma hipótese.

Gabriel: Sim, se houver uma necessidade.

Moderadora: Não sei se a senhora quer falar alguma coisa sobre as redes sociais.

Fabricia: É igual ele falou aí, pois a metade das pessoas não tem consciência. Tem três

ou quatro grupos daqui e às vezes me falta paciência e vontade de sair fora, só que a gente precisa, temos que saber, mas tem gente que não sabe usar, tem que modificar o comportamento.

Gabriel: “A gatinha da vizinha está parida”, “o bezerro da vaca de fulano nasceu”!

Moderadora: E a senhora não sente falta desse tipo de contato?

Cristina: Eu estou sentindo, perante a minha turma, a necessidade de consumir, certo? Porque eu estou ficando mais de canto porque a gente fica excluído de determinada coisa, é assim que eu estou me sentindo. Todo mundo tem Whatsapp e só eu não tenho.

Divina: A gente não exclui ela, ele é que está se sentindo.

Cristina: Eu tenho meu telefone, eu estou aqui, mas é devido ao contato com a turma.

Divina: A senhora está sentindo falta de ficar até uma hora da manhã falando do gato do vizinho [muitos risos]. Eu tenho uma amiga que aniversariou dia 5 de agosto e encontrei com a filha dela e falei: “olha colega, o presente de aniversário que você vai dar para a sua mãe é um celular com Zap porque ela é animada e ele tem um celular pebinha e você tem que dar um celular com Zap”. E ela ganhou mesmo e está aprendendo a usar mandando para mim.

Gabriel: Eu até pouco tempo atrás era esse aqui [mostra um celular simples sem internet], eu não conseguia mexer num celular que tivesse internet, mas aí eu fiz igual a ela, me sentia excluído, pois estava todo mundo no Whatsapp com os amigos e eu fui obrigado a comprar um celular [mostra um smartphone muito moderno e todos batem palmas e gritam].

Moderadora: Agora, digam-me uma coisa: quando a gente vai ficando mais velho, a nossa vida modifica-se, não é? A gente já não tem o mesmo vigor físico que tínhamos anos 20 anos, isso faz parte do processo de envelhecimento. Os senhores acham que a tecnologia pode contribuir de alguma forma para trazer mais qualidade de vida quando somos mais velhos?

Gabriel: Com certeza. Em tudo por tudo. Se você tem um celular, você pede um gás, chama um amigo, tem uma necessidade de uma doença de noite, chama a polícia. Tudo isso e uma outra infinidade de coisas. A gente se sente seguro. Se a gente sai e se perde, a gente chama o socorro. Tudo por tudo. O problema é que tem que saber usar a tecnologia, isso aqui é uma arma poderosa. A tecnologia é uma arma poderosa e perigosa para quem não sabe utilizar.

Moderadora: Quando o senhor tem dúvidas sobre alguma coisa, onde o senhor vai buscar informação?

Gabriel: Alguém me ensina, o meu neto, eu vou na área de atendimento da Claro e eles me ensinam um pouquinho. Estou aprendendo todos os dias. Eu pego um celular deste e já sei me comunicar, tirar fotografia.

Moderadora: E o senhor que é fotógrafo, como vê essa questão de que agora todos tiram fotografias pelo celular e ninguém revela mais fotografia.

Gabriel: É muito inseguro você ter uma fotografia no celular, no notebook, nas redes sociais, na internet, é muito inseguro porque eu já vi noiva chorando porque perdeu o arquivo do casamento todo porque ela recebeu as fotos num pendrive que sumiu e aí acabou, acabou, acabou nunca mais ela vai ver. É muito inseguro, a fotografia deve estar no papel. Eu tenho casamento de 40 anos e que as fotos estão lá 100%. Se as fotos estão em um computador e você vai para uma fazenda para mostrar para um amigo você coloca o computador embaixo do braço e vai? Não! E se você perder? E se der um vírus que você não conseguiu abrir? Quando é um álbum de fotografias você coloca na mesa e todo mundo vê.

Moderadora: E a dona Divina como vê a tecnologia para ajudar no futuro?

Divina: Olha, filha, eu já acho que a tecnologia já me auxilia há muito tempo e vai continuar. Estou me aperfeiçoando a cada dia e, como eu estava falando, eu não sei tudo, mas sei muita coisa. É a minha filha quem faz para mim muitas coisas, é a minha professora e eu acho que a tecnologia para a nossa idade é bom demais porque vai chegar um tempo... enquanto estamos com vitalidade a gente vem para UMA, que eu amo, eu acho que vir para cá foi uma coisa muito importante na minha vida, mas vai chegar o dia em que eu não vou mais poder vir porque hoje eu venho para cá, eu vou em festas, eu danço, eu brinco, gosto de praia, gosto de tudo, mas vai chegar o tempo em que eu não vou conseguir andar como eu ando hoje, vou ficar mais em casa e fazer menos coisas e a minha companhia vai ser a tecnologia para não me desligar do mundo, para eu estar ligada ao mundo porque a tecnologia liga gente ao mundo e aproveitando o bom, o ruim, deixa de lado. Eu estou me preparando para fazer as minhas compras pela internet, não vou mais precisar ir ao supermercado, nem na farmácia, nem em lojas de roupas, peço tudo pela internet. O banco é a mesma coisa, pago as minhas contas todas e pronto. Acho que os meus filhos vão cuidar de mim, mas quero ser o mais independente possível. Eu quero continuar. Eu sempre falo que eu quero morrer com 105 anos e com um iPadzinho aqui oh! [encosta o celular ao peito] Eu vendo os meus filhos e eles me vendo. Olha o tanto que é bom! E eu com a dentadura dentro de um copo-d'água, não vou colocar o celular, mas a dentadura eu coloco [muitos risos].

Gabriel: Eu tenho um neto com 5 anos agora que sabe tudo. Pega um tablet e eu não sei de nada. É chato demais.

Divina: Eu tenho um neto de 11 anos, mas com um ano e meio ele já sabia muita coisa. A minha neta mais velha com um ano e meio ela disse “me dá esse mouse aí”. Eu demorei aprender o nome de mouse.

Moderadora: E a senhora, o que acha sobre a possibilidade da tecnologia ajudar no futuro?

Daniela: O celular, esse, eu não quero desligar dele não, mesmo que eu não vá mexer com essa coisa de wifi, mas o celular eu quero ter sempre para ligar e receber ligações.

Gabriel: A tecnologia está tão avançada que nos EUA aconteceu um crime lá e a polícia sabe de todos os envolvidos, com quem você andou, o que você comeu, sabe de tudo.

Divina: Sabe o que eu descobri um tempo desses? No aniversário de uma amiga, uma advogada de uns 40 anos entrou num papo assim: ela disse que se eu estiver conversando com uma amiga no Whatsapp, ela tem um arquivo que sabe o que eu estou escrevendo. E eu falei “mas você faz isso? Você é advogada” e ela disse que era um arquivo que tem, mas o que eu quero relatar aqui é a importância da internet e das redes sociais: eu tenho uma irmã analfabeta, ela é mais velha do que eu e o celularzinho dela é pebinha e eu com vontade, pois temos um grupo das irmãs que se chama Cajazeiro, e eu sinto falta dela participar no grupo porque ela não sabe ler mesmo. O que eu fiz? Mandeí um celular para ela e disse e falei para a outra irmã “mana você vai ensinar, pois de já que ela não sabe escrever, ela pode mandar áudio”. É muito fácil. Falei para ela se animar e procurar aprender, pois é bom todos os dias cedo você receber um bom dia com a voz dos filhos.

Moderadora: Ela já está usando?

Divina: Ela vai para a casa da filha dela e a filha dela vai ensinar. Ela vai colocar a internet e depois eu vou mandar fotos para ela. Já pensou? Temos um grupo entre nós treze e exclui ela?

Cristina: Futuramente, o computador e seus instrumentos, mas não me dominando, eu dominando ele. Eu preciso dormir, tomar um banho e tem gente que vai para o banheiro e leva o celular, vai fazer coco com o celular na mão! Espera aí, tem que respeitar essas horas, mas tem gente que não desliga.

Moderadora: Mas a senhora quer adquirir mais conhecimento?

Cristina: Eu nunca pensei, por exemplo em comprar coisas pela internet, eu prefiro fazer as compras eu mesma.

Moderadora: E no futuro, a senhora pensa em usar esse recurso?

Cristina: Sim, no futuro sim quando que não puder mais andar e ficar mais limitada aí eu posso utilizar o aparelho.

Divina: Eu ainda não aprendi a comprar coisas no comércio. Meu filho compra tudo pela internet, mas eu ainda não tentei. Isso é importante demais, mas eu ainda não fiz. Meu filho já comprou para mim, mas eu mesma ainda não fiz. Passagem de avião para Manaus o meu filho comprou para mim.

Moderadora: E a senhora, que pensa sobre esse assunto?

Fabrícia: Eu não sei porque eu vou precisar mesmo, a tecnologia é o futuro, a tecnologia chegou e não vai embora, nós temos que aprender a utilizar ela em nosso benefício.

Ana: Mas a pessoa só vai se tiver o saber.

Moderadora: Quando a gente está aposentado a nossa rotina se modifica. Para aqueles que já estão aposentados, como foi essa passagem do trabalho para o período da aposentadoria?

Gabriel: Eu sou militar e trabalhei na polícia por trinta anos e fui para a reserva em 99 e falavam, a minha esposa e os meus filhos, que quando eu me aposentasse eu iria viajar e fazer isso e aquilo, mas você não dá conta de fazer nada daquilo, é trabalho e trabalho. Eu trabalhava de militar e de fotógrafo. Chegava em casa tirava farda e pegava a máquina e estava pronto. Eu sempre gostei de ter o meu dinheirinho extra. E aí eu estou continuando, não consigo parar. Você pode ir à minha casa que cinco horas da manhã eu estou tomando café e estou pronto para tudo. Ocupa a mente, você não pensa em besteira, eu não bebo, tem mais de trinta anos que eu não bebo e nem fumo, eu sou super criterioso com as minhas coisas e eu tenho que ocupar a mente porque se eu não ocupar a mente eu penso besteira, os bandidos estão aí com muitas propostas, você tem que largar o bandido e partir para o trabalho. Eu tenho 67 anos e a minha cabeça não tem cabelos brancos. Sou muito orgulhoso do trabalho que eu fiz até agora. O que falta é eu mexer com a internet e com o computador, essas coisas. As máquinas fotográficas estão muito modernas, você tem que aprender também. Tem programas que faz tudo por você é só apertar um botão.

Moderadora: E a dona Daniela, como foi a passagem da vida ativa profissional para a aposentadoria?

Daniela: Eu fazia de tudo, trabalhava de roça, quebrava coco, fazia carvão, sabão. Me aposentei como lavradora. Eu sabia fazer de tudo, depois eu fui para a cidade quando a minha filha estava melhorzinha, primeiro veio deferido a aposentadoria e aí deu certo. Aí eu fui para a capital para treinar como era a entrevista. Muitos não sabiam dizer, se tremiam todos, mas eu tranquila, sabia tudo de roça. O advogado me perguntou como é a preparação da terra e eu falei tudo, broca cortando os matos menores e depois os mais grossos, eu sabia tudo. Perguntou o que eu plantava na minha roça e eu disse que plantava feijão, quiabo, me perguntou quantos caroços de feijão eu colocava numa cova e eu disse que era três a quatro caroços. Quando eu tinha o meu pai, eu não trabalhava, mas quando eu fiquei viúva, eu comecei a trabalhar.

Moderadora: E foi difícil adaptar à vida de aposentada?

Daniela: não, foi bom porque eu vendia Avon, vendia perfume, cuidava da filha, da casa e o meu tempo não dá para eu resolver os meus problemas todos, eu faço muitas coisas. Ontem mesmo eu passei o dia limpando a casa.

Ana: Eu mantenho o meu dia ocupado, todos os dias eu saio para arrumar as minhas coisas.

Fabírcia: Eu não gosto de ficar em casa, faço caminhada, faço hidroginástica, vou trabalhar, eu não passo o dia em casa. Hoje mesmo eu fui ao médico fazer uma consulta e eu disse “doutor estou com o pé que não aguento nem andar” a minha

menina estava comigo e disse “mas a senhora não para, ela não quieta”.

Moderadora: O que pensam sobre essa frase? “Quanto mais velhos ficamos, mais afastados da sociedade nos tornamos”.

Cristina: A gente está neste ponto. As pessoas não levantam para você sentar. Tem gente que não gosta de velho, dá trabalho, não sabem conversar, não falam de assuntos que interessam a eles. Então o que cabe agora é nós conseguirmos o nosso próprio espaço, trabalho sendo aposentado ou não e ocupar a nossa mente. Eu penso nisso. Na minha casa tem uma salinha da informática e eu gosto de me comunicar e por mais que a pessoa possa me excluir porque eu estou velha, mas eu estou fazendo informática. E adquirir este conhecimento facilita a comunicação com essas outras gerações que era o que nós estávamos falando antes porque os mais novos sabem tudo, então saber como mexer no celular, na internet e no computador, facilita essa comunicação.

Moderadora: E a dona Divina, concorda ou discorda da frase?

Divina: Eu concordo e discordo. A gente mesmo, eu olho, sou muito agitada, mas já não sou como antes. A gente mesmo se afasta, não é a sociedade que se afasta. A gente fica mais cansada, não fica muito disposta. Hoje eu viajo muito com os meus filhos, mas tanto faz ir como não ir. Então, manter-se atualizado e integrado na sociedade depende da própria postura da pessoa. Quando eu estou animada querendo, está todo mundo querendo, mas quando sinto que eu quero ficar quieta, eu me afasto mesmo. No caso dos jovens, eu discordo um pouquinho do que ela falou, todas as vezes que eu entrei no ônibus, um jovem levanta.

Cristina: Levanta para mim.

Divina: Eu não tenho que reclamar dos jovens aqui, acho a coisa mais linda do mundo.

Cristina: Uma pessoa obesa tem que me ceder a cadeira? Existe isso aí, pode ser recepcionada e ele te dar a cadeira, mas lá na frente ele não vai te dar a cadeira.

Ana: Agora está melhorando, antes era pior.

Divina: E como eu disse, eu gosto de colher o melhor. O que eu vejo dentro dos ônibus aqui é isso. Aquelas moças que sentam do meu lado vão conversando e já ficam colegas e trocamos telefone dentro do ônibus. Simpatia, eu me sinto... Eu tinha pavor de andar de ônibus. No primeiro dia de aula eu pedi as minhas colegas para me ensinar. Essa aqui mesmo foi uma que me deu a maior força para me ensinar. E hoje, eu já gosto de andar de ônibus, converso com um, converso com outro e brinco. Eu nunca fiquei em pé, quando eu entro uma pessoa já levanta.

Gabriel: Eu gosto muito de andar de ônibus. Eu deixo o carro em casa e eu ando para todo canto, eu gosto de estar misturado, você está vendo alguém, encontrando alguém, um amigo, eu levanto para senhoras, meninas sentarem, eu não tenho esse problema.

Moderadora: Com essa cabeça preta pensam logo que o senhor tem 50 anos, 45 anos.

(Muitos risos)

Gabriel: Eu estava na fila do banco e pedi a preferencial e a moça falou “você pintou o cabelo?”. É porque eu gosto de andar. A atividade não é só a física é também estar vindo para cá para aprender coisas novas, isso também ajuda manter a pessoa ativa. Se você sai de carro você gasta o carro, o tempo, o combustível e não conversou com ninguém.

Divina: Eu tenho o meu dia a dia bem atarefadozinho porque eu faço academia três vezes por semana.

Daniela: Eu sou ativa em parte porque eu ando muito, eu faço as minhas compras, olho as promoções e sei quais são os dias da carne mais barata, o dia das frutas, das verduras. Minha filha é muito ocupada aí eu me mando, pego os ônibus, rodo tudo. Eu participo do concelho lá da minha quadra, do postinho, tem um grupo de idosos que é toda sexta-feira e eu participo também, tem médico, enfermeiro, colhem sangue, veem a pressão, o colesterol e eu me dou muito bem, o dia que eu não vou... Tem a UMA também...

Divina: O meu Skype é no netbook e no iPad é o Facetime. Até a minha neta de um ano e meio já fala no Skype comigo. As tecnologias aproximam mesmo as pessoas.

Gabriel: O problema da evolução das tecnologias, é acompanhar a evolução.

Divina: Mas eu sempre procurei evoluir porque eu penso que estou na frente de muitas pessoas da minha idade porque os meus filhos são muito atuais, muito inteligentes. Então, eu procurei acompanhá-los porque eu conheço filhos que têm vergonha dos pais porque falam errado ou não sabem se portar bem e eu sempre procurei acompanhar os meus filhos, eles me carregam.

Moderadora: Muito bem, eu quero finalizar esta parte e agradecer muito a vossa participação.

Início da dinâmica sobre as percepções individuais

Anexo XII – Transcrição grupo de focal UNISSETI 1

Moderadora: Informações sobre a pesquisa. Gostaria que se apresentassem com o nome, a idade e o que faziam antes de se reformarem.

Patrícia: Eu sou a Patrícia, tenho 75 anos e fui cabeleireira por 40 e tal anos. Sou viúva.

Sara: Sara, tenho 79 anos e fui funcionária pública durante 50 anos, sou viúva, infelizmente.

Célia: Eu sou a Célia, tenho 60 anos, estou aposentada e trabalhei toda a minha época de trabalho na Portugal Telecom e CTT, trabalhei no departamento de recursos humanos e neste momento vivo a vida de aposentada que é excelente.

Rita: Eu sou a Rita, tenho 64 anos, sou contabilista. Quando me reformei, era responsável pela contabilidade de uma empresa.

Moderadora: Então, vamos começar. A minha pesquisa engloba três tecnologias: os telemóveis, os computadores portáteis e os tablets com ligação à internet. Então, é basicamente disso que vamos falar. Vamos começar pelo telemóvel. Gostaria de saber se todas possuem telemóvel.

(Todas respondem que sim).

Patrícia: Sim, não é toda a gente que tem, não é?

Moderadora: E internet no telemóvel, alguém tem?

Célia: Sim, tenho.

Rita: Sim, tenho.

Patrícia: O meu não tem.

Sara: O meu é um bocadinho... quer dizer, é um bocadinho antigo e está a ficar velhote, estou agora a pensar comprar outro.

Moderadora: A senhora Patrícia não tem?

Patrícia: Era para eu ter internet no telemóvel, mas ainda não comprei um...

Moderadora: E quando adquiriram telemóvel pela primeira vez?

Patrícia: Eu há 20 anos.

Moderadora: E por qual motivo adquiriu o telemóvel?

Patrícia: Eu adquiri pelo seguinte: meu falecido marido adoeceu e estive no hospital aqui no Barreiro, eu morava em Sines e depois eu deixava o telemóvel ao pé dele,

comprei precisamente para ficar ao pé dele, ele depois ligava no telefone fixo de casa e ele com telemóvel ao lado, ele atendia. E foi assim, realmente, que eu adquiri o telemóvel.

Moderadora: E as senhoras?

Sara: Eu tenho telemóvel já há muitos anos porque o serviço onde eu trabalhava, eu trabalhava no Ministério da Saúde, trabalhei aqui em Setúbal muito tempo, no edifício [inaudível] que toda a gente conhece com certeza, e depois fui trabalhar para um centro de saúde e o telemóvel era uma coisa que realmente indispensável para os serviços: para contactar os funcionários, contactar médicos, doentes. Então, sou capaz de ter telemóvel aí há cerca de 40 anos.

Moderadora: Cerca de 40 anos?

Sara: Sim.

Moderadora: E como é que ele era? Deveria ser um bem grande.

Sara: Não, era um pequenino.

Patrícia: Mas há 40 anos não era telemóvel.

Sara: Há 40 anos não era telemóvel?

Célia: Se era, era um grande telemóvel. Eu trabalhava na PT e os primeiros telemóveis eram quase uma caixa dentro de uma mala que os engenheiros tinham, das telecomunicações...

Sara: Mas se calhar dependia dos serviços.

Célia: Pois, da amplitude dos serviços, eu não tenho noção disso.

Sara: O meu era pequeno. Eu tenho a impressão que eu ainda lá o tenho lá em casa, eu não gosto de deitar nada fora e estou a fazer uma coleção de telemóveis...

(Todas riem)

Moderadora: Faz bem.

Célia: Basta tirar a bateria.

Sara: Eu até tive dois com redes diferentes, agora é que as redes estão juntas, não é? Mas na altura não. Mesmo dado pela empresa, comprado pela empresa, mas foi oferecido pelas operadoras. Era TMN e era da Optimus.

Célia: As empresas iam rentabilizar essas ofertas.

Sara: Nós comprávamos vários para dar aos funcionários.

Célia: Às vezes até com o plafond de oferta de 100 minuto, ou assim, houve uma fase

que era assim.

Moderadora: E as senhoras?

Célia: Olha, eu devo ter telemóvel para aí há 15 anos e meti sempre na minha cabeça que não havia de ter essa despesa mensal nem essa dependência, apesar de trabalhar em uma empresa de telecomunicações, eu entendia que isso era um luxo, que eu não precisava de me dar esse uso fruto, “não quero, é mais um tanto por mês, todos os meses, não vou comprar”. Até que um dia, fui para uma formação de uma semana em Vila Viçosa, formação da empresa e cheguei à segunda-feira de manhã à Vila Viçosa, desliguei o carro, mas quando fui tirar coisas de dentro do carro deixei a luzinha acesa. À sexta-feira para regressar, o carro estava sem bateria, ficou uma semana inteira com a luz acesa. Conclusão: foi uma carga de trabalho para sair dali e voltar para Setúbal, até que chamaram um senhor da oficina, que nem era de vila Viçosa, era de mais à frente e envergonhou-me, pois disse-me assim: “olha, eu fiz aqui uma ligação, mas agora tem que ir com muito cuidado e não desligar o carro até que se resolva o problema do carro, pois se desligar o carro, pode ficar pelo caminho, mas a senhora é da PT, deve ter um telemóvel e se tiver algum problema, liga-me que eu vou ter onde estiver o carro se ele para”. “Ah, eu não tenho telemóvel”. O homem ficou escandalizado [risos]. Foi a primeira vez que passei por essa vergonha.

Moderadora: Que ano foi mais ou menos?

Célia: Acho que foi há 15 anos, estamos em 2016, deve ter sido em 99 ou 2000. E pronto, depois, até hoje nunca mais deixei de ter telemóvel.

Moderadora: E a senhora?

Rita: Eu tenho telemóvel desde para aí 1997 porque a minha filha teve de ir para a faculdade em 98 e eu comprei um telemóvel para ela e outro para mim, para ela contactar comigo. Ela andava a estudar em Lisboa, andava à noite. E era terrível eu precisar de contactar o meu marido para me ir buscar e não sei o quê e não tinha como porque havia telemóveis e eram muito caros e não eram acessíveis a toda a gente, eu não digo que nessa altura não houvesse telemóveis, mas não era acessível a qualquer bolso. Nessa altura tinha que ser e mesmo os primeiros que apareceram, eu comprei logo porque não queria que a minha filha fosse para Lisboa e tivesse problemas e não pudesse contactar, pedir ajuda porque eu tive muitos problemas quando eu andava a estudar à noite: o autocarro não aparecia ou não vinha e eu não podia contactar ninguém. Ninguém nesse caso o meu marido. De maneira que um telemóvel, eu comprei logo. Eu não gosto muito de telemóvel, não é que eu use muito, ande sempre a telefonar, ou não sei o quê, mas sei que se tiver... se me acontecer algo eu...

Moderadora: Era essa a pergunta que eu iria fazer a seguir: qual é a importância do telemóvel, hoje, nas vossas vidas?

Patrícia: Muita. É como o carro.

Célia: Habituo-nos e já não abdicamos. Eu acho que é mais para segurança pessoal.

Há uma certa segurança. Uma pessoa fica... para mim... fica mais satisfeito à vontade, quer saber de um filho, quer saber de um neto, quer saber de uma mãe, estou longe, está sempre ali... Eu gosto imenso, imenso, imenso de telemóvel.

Rita: Quando eu vou para um sítio que eu não tenha rede, quando eu vou lá para cima, um lugar que eu nunca tinha ido, o que me chocou era não ter rede de telemóvel.

Célia: Pois é, no interior perde-se a rede.

Rita: E eu não tinha rede de telemóvel e pensei: “Oh meu Deus, se acontece aqui alguma coisa é complicado”.

Patrícia: É complicado!

Célia: Mas antigamente toda a gente vivia e era feliz. Nós nos habituamos e os miúdos, então, são uns obcecados com os telemóveis!

Rita: São telemóveis-dependentes.

Célia: É, é! Mas eu com 60 anos sou já um bocadinho, mesmo sem querer... são os jogos, quando estou a ver, já estou a fazer jogos.

Moderadora: Qual é a principal função que dão ao telemóvel?

Sara: É falar para a família, saber se está tudo bem. Eles vivem neste momento na madeira, portanto, o contato é no telemóvel.

Célia: Eu utilizo muito com mensagens, faço muitas mensagens para as colegas, para as amigas. É um sistema que se pode usar em qualquer lado.

Moderadora: SMS ou através da internet?

Célia: SMS e gosto muito de utilizar o Skype para falar com a minha filha e para ver o meu neto. Às vezes não preciso ir buscar o computador, pois através do telemóvel eu utilizo. Gosto de pesquisar na internet as notícias os jornais e pronto, tenho um plafond reduzido no telemóvel, mas o hábito já é tão grande que se eu vou a um sítio que tem rede já vou logo pesquisar e ir ao Facebook e tudo isso e às notícias e tudo isso.

Moderadora: E as senhoras que não tem internet no telemóvel?

Sara: Eu tenho um computador com internet, se quero pesquisar alguma coisa, vou ao computador.

Moderadora: Então a internet no telemóvel...

Sara: Com esse que tenho, para já não. Quando tiver um novo, é possível.

Moderadora: E a senhora Patrícia?

Patrícia: Esse telemóvel que eu tenho, não dá para ter internet, tenho que comprar

um melhorzinho.

Moderadora: Conseguiriam viver hoje sem o telemóvel?

Patrícia: Ah, eu não sei... eu ficaria muito triste.

Sara: Eu acho que sim, se fosse obrigada...

Patrícia: Se fosse obrigada, que remédio teria? Custar-me-ia muito.

Célia: Olha, eu já não podia passar, eu acho que não. Eu, por exemplo, em casa tenho telefone fixo, mas em Sesimbra, quando vou para lá sozinha, sem comunicação, nem pensar, eu preciso de um telemóvel.

Rita: Ah, eu também, desde que tenho esse aparelhinho [aponta para o telemóvel em cima da mesa], não é que eu seja dependente, mas estou mais tranquila, é uma questão de tranquilidade, se acontecer algo me dizem, me informam. Minha filha vai embora e quando chega, manda mensagem, quando vai para qualquer sítio ela telefona, pronto. Para mim, esse aparelhinho é indispensável.

Moderadora: E a questão do telemóvel com internet?

Rita: É muito bom porque eu no outro dia consegui resolver um problema de uma pessoa que estava em uma aula aqui, através do telemóvel, para a senhora ir fazer o exame logo naquele dia e pesquisei e marquei. Eu acho que é importante. Evidentemente, eu não vou gastar o dinheiro que tenho para estar aqui na brincadeira, mas é importante, dá muito jeito.

Moderadora: E o computador, todas têm computador em casa?

(Todas têm)

Patrícia: Eu percebo tão pouco, mas tenho.

Moderadora: E a relação com o computador, quando começou?

Patrícia: Eu só tenho há um ano.

Moderadora: E por que adquiriu um computador?

Patrícia: Todo mundo tem computador, então estava me sentindo muito lá embaixo [todas riem] Então... ainda não estou muito encima, mas quero atualizar-me. Então!! [risos]

Sara: Eu uso computador há muito tempo, pois no serviço onde eu estava, já tínhamos computador e trabalhava muito com ele. Entretanto, tenho uma sobrinha que tinha um computador e quis comprar um mais moderno, e ofereceu-me aqui o que ela tinha.

Moderadora: Era um portátil?

Sara: Era daqueles de coluna e com o teclado, mas ela ofereceu-me um outro.

Moderadora: Já há quantos anos?

Sara: Eu sei lá, faz tanto tempo.

Moderadora: Mais de 10?

Sara: Há 10 anos tenho eu de reformada. Uns 15 ou 20 anos passei a trabalhar com o computador.

Célia: Eu trabalhei, praticamente, desde que há computadores na minha empresa, trabalhava com recursos humanos, trabalhava com informática, estraguei muito os olhos a trabalhar no Excel, Word e, portanto, com filhos solteiros na altura, sempre tive computador, os miúdos estão sempre à frente nas tecnologias. Agora no outro dia, tinha um de coluna que já era... estragou-se e comprei outro que é o que eu trago para as aulas de informática. Já comprei um bonzinho a pensar a ficar assim... até morrer [risos]. Mas eu, vou lhe dizer, fiquei tão farta de computadores... eu sempre tive em casa, mas às vezes me aborrece muito o computador, fiquei farta, mesmo até para o Skype para falar com o meu netinho e com a minha filha, então eu ligo do telemóvel, só para não ligar o computador. Ainda ontem eu liguei para ver os e-mail e já fiquei enfastiada. A sério! Não é algo que me leve ali a ficar a volta, entusiasmada a ver seja o que for. Eu vejo o que é necessário e já estou despachada. Não sou fã do computador. Talvez por ter ficado farta de trabalhar com o computador ou porque não goste muito.

Moderadora: Prefere dedicar o seu tempo a outras coisas?

Célia: Sim, sem dúvida, sem dúvida, isso mesmo.

Célia: E a senhora?

Rita: Eu já tenho computador há muitos anos, lembra-se como era o Spectrum?

Célia: Sim.

Rita: Comprei um computadorzinho destes, era para a miúda e depois comprei mais uma meia dúzia deles que ela ia trabalhando e ia evoluindo e eu ia comprando, mas como eu trabalhava lá sempre na ótica do utilizador, eu quando chegava à casa, estava sempre muito cansada de computadores de maneira que essa meia dúzia de computadores que havia lá em casa, basicamente, era só para a filha, eu raramente lá ia. Depois ela foi embora, foi trabalhar e eu reformei-me e então, comprei um computador para mim, um portátil que eu tenho lá em casa. Uso QB. Quando eu preciso de qualquer coisa, vou lá e consulto e vejo os e-mails e faço as coisas necessárias, mas também não é uma coisa que eu ande lá todos os dias de roda do computador. Isso [telemóvel] tem internet, eu vejo os e-mails.

Moderadora: Então, a senhora não usa o computador todos os dias?

Rita: O telemóvel sim, o computador não.

Moderadora: E para a senhora?

Sara: Para mim, é todos os dias, eu preciso do computador.

Patrícia: Para mim, é todas as noites.

Sara: Para mim é todos os dias por volta das nove.

Rita: Quando eu tinha o outro telemóvel sem internet, todas as noites eu ia ver o que lá estava, ia ao Facebook, ia ver essas coisas. Agora eu vejo isso aqui [aponta para o telemóvel]. Estou sentada no sofá e escuso de me levantar para ir ligar o computador e para ver.

Célia: Exatamente.

Moderadora: Portanto, a senhoras, as três [Célia, Sara, Rita], aprenderam como usar o computador no trabalho. A senhora Patrícia é diferente porque teve esse contato mais recentemente. Quando é que foi o primeiro contato com o computador?

Patrícia: Eu percebo muito pouco, entretanto, eu andei aqui já... há uns dois anos, três, nas aulas de informática, mas na altura eu não tinha computador porque “agora não me dá jeito, porque neste momento ainda não dá” e foi passando. Eu fiz mal porque quando eu estava aqui, chegava à casa e não havia nada e eu fiquei atrasadona porque, de fato, não aproveitei aquele tempo e no ano passado “não pode ser, eu estou a ficar lá embaixo, lá embaixo, eu tenho que comprar um computador!”.

Célia: E fez muito bem.

Patrícia: E não percebo, percebo pouquíssimo, mas vou ao Facebook, falo com as minhas amigas, falo com a minha família, faço umas coisinhas.

Moderadora: Alguém vos ensinou a usar o computador? Todas têm aulas, não é? Mas logo no início, alguém vos ensinou a usar o computador?

Sara: No serviço, davam-nos formação.

Célia: E muita formação.

Rita: Quando tinha um software novo, nós íamos aprender. Claro que nos deram formação para utilizar o Excel, o Word, o PowerPoint, tudo isso.

Moderadora: E por que decidiram vir para as aulas de informática?

Patrícia: Para adquirir conhecimento mesmo. Mas quem abriu o computador, colocou lá a password, fez isso todo, foi um pessoal meu amigo que mora no rés do chão... o Facebook, foi assim que eu aprendi, foi um casal meu amigo que fez o favor.

Moderadora: E as senhoras?

Célia: Eu vim porque isso está sempre em evolução, a informática. Eu saí da empresa

há dez anos e, praticamente, só uso o computador em casos esporádicos e acho que acompanhar as novas tecnologias, o Facebook, tudo isso. Atualizar, por exemplo o meu computador não veio com Windows 10 e eu vou ali ao Word para fazer um documento e ando ali a tatear, não tem nada a ver com o que eu fazia há dez anos atrás, até as novas versões do Windows. Eu acho que aqui nas aulas a gente vai adquirindo mais atualizações. E esta ferramenta, por tão baixo custo, tem que aproveitar, são cinco euros por mês e eu vou relembrar aquilo que há muitos anos...

Rita: Eu faço multimídia e eu, nessa área, não sabia nada: como se faz um filme. Nós trabalhamos... Temos aprendido essa parte, das fotografias, como é que tirava, como é que fazia... E é essa parte aí que eu estava muita a zero, como é que fazia. Agora já sei um bocadinho, só tive estes anos as aulas e tenho faltado, mas ao menos tenho uma noção de como funciona se eu quiser fazer um filme. Já fiz um filme.

Moderadora: Apresentou para alguém?

Rita: Apresentei para o professor e tenho aqui no telemóvel, é muito giro.

Moderadora: Depois a senhora vai me mostrar. E a senhora Sara, por que resolveu vir?

Sara: Precisamente por isso. Eu, como digo, tenho um computador meu há muito tempo, mas também já saí do serviço há treze anos, já estou aposentada há treze anos e, como essa colega diz, isso está sempre a evoluir. Também não havia o Facebook, o Facebook é uma coisa relativamente recente e, portanto, tenho poucos conhecimentos sobre isso.

Célia: E porque temos pouco tempo e temos coisas giras que nos realizam que nos satisfaçam. O que ficar, fica. Em todas as coisas que cá ando, não estou preocupada em fixar tudo e saber tudo.

Patrícia: Alguma coisa vai ficando.

Célia: Devagarinho vou ocupando o meu tempo, vou convivendo com os colegas e vou adquirindo conhecimentos.

Rita: Aliás, foi uma coisa que eu... Eu tive de sair da empresa mais cedo porque eles não pagavam e eu achei que era melhor vir embora e pedir a aposentação. Perdi muito dinheiro por isso porque não tinha idade, não é? Mas uma coisa que me veio à cabeça foi “o que eu vou fazer?” Porque quando eu acordo se não tiver um rumo para esse dia, é mau para mim. Eu agora mesmo assim lesionada [tem o braço enfaixado], sem poder conduzir e não sei o quê... Eu moro em Azeitão e o meu marido vem me trazer, de maneira que uma pessoa saia do trabalho e não arranje uma ocupação...

Célia: É um tédio, por acaso. As aulas também são uma forma de ocupar o tempo livre.

Moderadora: Agora, as senhoras têm mais tempo livre do que antes de se aposentarem?

Célia: Não.

Rita: Temos menos tempo agora. Sem dúvida.

Sara: Não, eu tenho mais tempo livre, eu vivo sozinha.

Célia: Também eu! Olha só, tenho o ginásio três vezes por semana porque não quero ir todos os dias, tenho amigas para beber o café, tenho o neto que de vez em quando tenho que lá ir, tenho um filho que está perto, em Brejos de Azeitão, quando ele não vem, vou lá e estou sempre ocupada e penso “mas afinal, ainda não fiz isso...”. Olha, uma coisa que ainda não tive tempo é ir à sapateira tirar as botas e colocar os sapatos de verão, eu não tenho tempo, acha isso normal? É uma vergonha [risos]. Mas ainda bem. Eu, é de manhã à noite!

Rita: Falta mais tempo do que sobra porque se sobrar tempo é mau.

Célia: A mim, não me sobra. Eu gosto muito de estar ocupada.

Rita: É mal, de fato.

Célia: E eu gosto muito de rua.

Moderadora: E o tablet, alguém tem tablet?

(Ninguém tem)

Célia: Isso eu ei de ter.

Moderadora: Por quê?

Célia: Esses dias, batizou-se o meu neto e eu tenho uma maquinazinha fotográfica, eu gosto muito de tirar fotografias, mas as fotografias são assim na máquina pequenina, mas a minha nora a tirar fotografias tão lindas com a tablet e eu fiquei logo... Tão giras. Eu tenho imagens da tablet com fotografias do meu neto no batizado, espetaculares. Depois o meu telemóvel tem internet, mas aquilo é pequenino, eu não tive, na altura, ideia de comparar um maior e, às vezes, estou ali até para entrar na internet e para escrever mensagens e tudo, já não chega porque eu não tive a capacidade de ver o futuro. Quem gasta cento e não sei quantos euros, gastava mais alguma coisa e comprava um telemóvel melhor, como não fiz, agora a seguir é uma tablete.

Moderadora: Então, acha que o tablet pode trazer vantagens em relação ao telemóvel?

Célia: Sim. O computador está ali para quando for preciso.

Sara: É mais prático, é mais pequena, leva-se com mais facilidade para qualquer lado.

Célia: Para imprimir... Por exemplo: há professores que nos enviam e-mails com a matéria para as aulas e eu aí senti necessidade do computador porque o outro avariou e comprei um portátil até para trazer e tudo mais e quando for de férias para levar, para imprimir e fazer documentos, eu estive na administração do condomínio, para fazer atas e tudo isso e um computador faz falta, pronto, para essas coisas. Agora para

a internet e para as fotografias e tudo isso, uma tablete...

Moderadora: E as senhoras têm alguma intenção de possuir um tablet ou nem por isso?

Patrícia: Eu já pensei antes de comprar o computador...

Rita: Esse que eu tenho [aponta para o telemóvel] tem tudo, dá para tudo.

Célia: Eu estava triste com o meu, mas agora... [muitos risos, pois o telemóvel da colega é muito inferior ao dela].

Moderadora: Então a senhora Patrícia pensou em comprar um tablet?

Patrícia: Sim, primeiro pensei... [inaudível] ... mas gostava de ter um tablet.

Moderadora: E a senhora Sara?

Sara: Não estou muito interessada, acho que o telemóvel para mim serve, desde que seja um melhorzinho que este, esse já tem uns aninhos.

Moderadora: E as redes sociais, alguém tem Facebook, por exemplo?

(Todas têm)

Moderadora: E usam?

Célia: Eu vou dizer que não sou muito fã.

Sara: Eu também não sou muito fã.

Célia: Eu também. Eu vou ver as graças dos amigos e das amigas e até dos meus sobrinhos, mas colocar as fotografias, nunca coloquei, não tenho paciência para isso, nem acho bem, não gosto! Gosto de andar lá, mas QB.

Sara: Eu uso Facebook também e tenho aulas de Facebook e dos e-mails.

Moderadora: Então, as duas têm Facebook, mas usam pouco. E a senhora?

Rita: Eu vou lá todos os dias, de vez em quando também publico uma fotografia e ponho gosto nas fotografias dos amigos.

Célia: Eu também.

Rita: Eu, pronto, às vezes, também falo lá no *chat* com alguma amiga, mas é mais ou menos, não é dizer que eu seja uma apaixonada do Facebook, vejo, vou lá todos os dias, mas é pouco tempo.

Moderadora: E acham que o Facebook pode trazer vantagens? Eu falo do Facebook porque é o mais normal, poderia ser outro também como o YouTube, Twitter ou outro qualquer.

Célia: Acho que não traz vantagem nenhuma, acho que é uma forma de andar a calhandrar a vida de cada um e até pôr coisas que não se deve. Por exemplo, a minha filha não põe e não permite que ponham as fotografias dos filhos dela e acho que até é grave andar aí as imagens das crianças, saber que é filho de alguém, que mora em determinado sítio e que frequenta determinada escola, isso pode ser grave! Para os pedófilos e para tanta gente, raptos e isso tudo. Portanto, é preciso alguma cautela com o Facebook. Eu, a minha filha comprava umas bijuterias pelo Facebook que eu adorava e dizia-lhe: “diga lá à mãe como vê as bijuterias”, olha mãe, é uma amiga minha e é no Facebook” e uma vez instalou-me aqui no telemóvel o Facebook para eu acede às bijuterias e aí fui achando graça e, portanto, veio os amigos e amigas depois são os amigos dos amigos dos amigos, vão conhecendo e vão pedindo amizade, mas dizer que eu adoro o Facebook e que tenho que andar lá todos os dias, não, não, sinceramente não!

Moderadora: Acham que as tecnologias podem trazer algum benefício de agora para o futuro? Por exemplo, a senhora Célia é a mais jovem, mas acha que daqui a uns 20 anos, de um modo geral, as tecnologias podem trazer algum benefício ou auxiliar durante o processo de envelhecimento mais avançado?

Célia: Olha, nunca pensei nisso, mas penso que é muito provável, pois há gente que dedica-se às novas tecnologias no sentido da evolução e que haja alguma cabeça pensante na área e que leve a trazer novos recursos informáticos que, de fato, deixem as pessoas satisfeitas e ocupadas e até... Olha, lá no interior há muito velhinhos que não sabem ler nem escrever e que lhes foi facultado um telemóvel para efeitos de SOS. Agora com o novo futuro, as crianças agora adoram as novas tecnologias, pequeninos de 1 ou 2 anos já mexem nas novas tecnologias como nós nunca sonhamos poder mexer ou saber mexer, portanto, no futuro é muito provável que ainda haja coisas que venham a nos ocupar e nos deixar felizes, em termos de ocupação.

Moderadora: Digam-me uma coisa: usam hoje as tecnologias ou aprendem como mexer nas tecnologias a pensar no futuro?

Célia: Eu não, não faço nada a pensar no futuro, nem pensar.

Moderadora: E as senhoras?

Patrícia: Compras pela internet, pois!

Célia: Não, eu tenho medo de utilizar para fazer compras na internet.

Sara: Eu também tenho.

Célia: Tenho medo e o meu genro, por exemplo, que comprava coisas pela internet, acho que já há um centro de distribuição ou de pagamento, não sei explicar como isso é. Ele utiliza isso, mas uma vez ele comprou coisas de fotografias e às vezes vem coisas da China porque os preços são baixíssimos e, então, fez um pagamento através da internet, ainda não através daquele sistema do centro de distribuição de pagamentos, ele colocou o valor no cartão, numa boa, entretanto, a irmã fez anos e ele foi na FNAC comprar um CD para oferecer à irmã e não tinha dinheiro no cartão “não pode ser, não

pode ser”. Conclusão, utilizaram o crédito total com os dados, fizeram compras no valor total do *plafound* do cartão na Rússia. Ele como é bancário, deu as voltas que soube, teve que mostrar o passaporte que de fato estava cá em Portugal e que não poderia ter sido ele, pois as compras foram feitas no estrangeiro. Devolveram-lhe o dinheiro todo, mas primeiro que conseguisse isso... Era muito fã de comprar malas na internet, hoje continua a comprar, mas usa esse sistema de distribuição dos pagamentos, vocês jovens sabem tudo. Hoje, não estou nem aí, mas é provável que no futuro, um dia se passe e que evolua nesse sentido.

Moderadora: E as senhoras, o que pensam?

Sara: Eu falo por mim, das quatro, sou eu a mais velha, se calhar devido a minha idade já não penso muito nisso.

Célia: Eu acho que é uma distração arranjar programas que nos distraia que nos ocupe...

Moderadora: E o que pensam: acham que usar as tecnologias ou aprofundar seus conhecimentos sobre como usa-las ajuda o diálogo como as gerações mais jovens?

Célia: Não, a tecnologia é boa, mas eu gosto muito de olhar olhos nos olhos.

Patrícia: Sim, eu acho... para mim... É claro que facilita o diálogo, mas não vou comunicar ... sei lá, realmente falo como os meus primos que são novinhos, um está em Inglaterra e falo com a minha prima que está em Luxemburgo, são muito mais novos do que eu. Então, sim, acho que facilita!

Moderadora: E a senhora, o que acha?

Sara: Eu não sei, eu, como digo, não penso num futuro a longo prazo devido já à minha idade, ninguém sabe quem morre primeiro e depois e com que idade, nem nada. Houve aquela colega nossa de 64 anos e assim de repente sem mais nem menos, portanto, a gente nunca sabe. Mas eu vou vivendo o dia a dia sem pensar muito no futuro.

Patrícia: Eu gostava de saber, gostava de saber muito, percebe?

Sara: Nesse aspeto também, mas não a pensar no futuro.

Rita: No dia a dia.

Célia: Se me arranjam ferramentas eu vou utilizar, mas se surgirem novas ferramentas que me farão feliz.

Moderadora: Portanto, deixa ver se eu entendi: vão usando no dia a dia, mas não é um investimento no futuro.

[todas concordam]

Célia: Agora se há cabeças pensantes que arranjam ferramentas para me fazer feliz no

futuro, que amanhã me distraia e que facilite a vida, ótimo, mas estar nesse momento...

Moderadora: Como é que se adaptaram ao período da reforma? Já falaram aqui um pouco sobre isso, mas depois de se reformar, a vida, geralmente, modifica-se um pouco. Como é que se adaptaram à ela?

Célia: Tão bem, tão, bem!

Sara: Eu não, eu estranhei muito. Custou-me um bocado a adaptar-me, custou-me muito. Eu trabalhei durante 50 anos e tinha aquela rotina de levantar-me cedo. Eu trabalhava na Moita nos últimos 12 anos e tinha aquela rotina de me arranjar, umas vezes ia de comboio, outras vezes ia de carro, eu na altura era chefe de secção.

Célia: Deveria ser a primeira a chegar e a última a sair.

Sara: Ora! Eu gostava de quando as pessoas comessem a chegar eu já lá estar. Aliás, eu gostava e tinha a diretora clínica falava qualquer coisa e eu dizia “olha doutora desculpe, mas eu já cá estava quando fulana chegou”. Eu podia falar à vontade, pois às 9 horas já cá estava. Era na Moita e não vinha à casa almoçar, eu passava o dia na Moita. Eu morava aqui e trabalhava na Moita. Como não tinha ninguém em casa à minha espera saía da Moita às 11 da noite. E como à noite não havia colegas, havia sossego...

Moderadora: E as tecnologias ajudaram em alguma coisa, porque a senhora acabou de mencionar que ficava só em casa, usa a tecnologia também como companhia?

Sara: Sim. Eu cheguei a sair de lá às 11 da noite ou 11:30, dependia do trânsito. Na altura, usava muito o carro, ainda utiliza e comia qualquer coisa, outras vezes comia lá, punha em ordem o que era para por e deitava-me. No outro dia... ou seja, esse tipo de vida que eu tinha, deixei de ter. Deixei de ter horários para cumprir, deixei de ter aquela obrigação de sair de casa e ter aquele horário para estar no serviço, aquela responsabilidade do serviço como estava, como não estava, pronto, tudo isso acabou!

Moderadora: E a senhora Patrícia, como lidou com esse período da sua vida?

Patrícia: Eu fui assim: eu era estabelecida por conta própria, mas o meu marido morreu em três meses, também era novo, 59 anos e em três meses meu marido se foi, pronto e eu fiquei com uma depressão muito grande e eu tenho um problema de coluna e uma médica, minha médica e minha enfermeira que eram minhas clientes e elas estavam fartas de dizer “eu tenho tanta pena, pois faz-me muita falta, mas você tem que pensar em reformar-se, pois você tem tantos problemas”. Eu já fiquei sem andar e depois quando meu marido faleceu, eu não aguentei, fiquei com uma depressão muito grande e então, pensei em reformar-me nessa altura, fechei a porta e reformei-me.

Moderadora: E as tecnologias ajudaram de alguma forma nesse período?

Patrícia: Naquela altura eu não tinha cabeça para nada, fiquei completamente

desorientada, portanto, tinha o telemóvel e assim... Mas depois fui indo, há três anos eu não sabia onde é que eu andava e fui indo assim... evoluindo. E depois voltei à minha vida ativa, sempre tive, não é? Sempre convivi com muitas pessoas, não é? Depois meti-me na ginástica, na natação, adquiri novas atividades que antes não tinha. Também tratava da casa...

Moderadora: Também aconteceu a mesma coisa convosco? passaram a ter novas atividades depois de se reformarem?

Célia: Exatamente. Eu pensei assim: enquanto trabalhei, dei o meu tudo, fiz tudo o quanto estava ao meu alcance para me realizar profissionalmente e dar o meu melhor. No dia que mentalizei que era para vir para cá, virei a página totalmente e pensei: vou precisar de coisas para ocupar a minha mente e me ocupar. Eu vim imediatamente para a universidade sênior, fui para o ginásio. As minhas amigas que eram do trabalho também se aposentaram. Para mim foi conviver, encontrar, conviver, passear, viajar. Portanto, o tempo falta, graças a Deus!

Moderadora: E a senhora Rita?

Rita: Eu logo que me reformei, tive uma doença muito grave e tive que me tratar. Portanto, andei aí mais de um ano a me tratar, a doença foi muito complicada. Pronto, tava doente, tinha aquele entretenimento. Tinha que ir muitas vezes ao hospital e estava muito doente. Ia tendo alguma capacidade e vim para aqui, para a universidade sênior e dentro da parte física, tive de me adaptar a algumas coisas e teve um percalço, vá lá [aponta para o braço enfaixado] [risos]. Desse problema que eu tive, já estou quase boa, fiquei com uma lesão, mas pronto, não interessa.

Moderadora: Quando eu digo assim: Quanto mais velhos ficamos, tonamo-nos mais afastados da sociedade. Concordam ou discordam dessa frase?

Célia: Eu discordo.

Sara: Eu concordo.

Patrícia: Eu não concordo.

Rita: Não se trata de concordar ou não concordar. Porque isso de ficar afastado da sociedade tem a ver onde a própria pessoa se identifica.

Patrícia: E a sua maneira de ser.

Rita: A pessoa pode ela própria se auto afastar da sociedade ou continuar incluída. Por exemplo, nós aqui, que estamos aqui nessa escola, nós não nos afastamos da sociedade. A sociedade é que nos afasta, a sociedade é que afasta as pessoas mais velhas, que faz discriminação. Não é que eu sinta isso ainda porque eu não sou ainda uma pessoa muito velha, mas eu...

Sara: Não é velha, é idosa!

Rita: Mas há pessoas com mais anos em que a sociedade... basta ir ali, eu vou falar do

hospital porque é o local onde eu tenho ido muitas vezes, e chego ali ao hospital e vejo a discriminação que é com as pessoas de idade. A sociedade é que discrimina as pessoas, às vezes, até os próprios familiares. Porque ainda agora nesses dias que lá estive, eu passo no corredor e vejo muita gente... aqueles são os descriminados.

Moderadora: A senhora Sara disse que concordava com a frase.

Sara: Concordo. Mas isso é como a colega diz, também depende do feitio da pessoa. Eu sou uma pessoa que me isolo muito, eu sou capaz, quando estou na escola, venho todos os dias à escola, mas a partir do momento em que a aula acabou, eu vou para a minha casa e a partir daí não tenho mais convívio com mais ninguém. Olha, eu convivo é com o computador. Aos fins de semana, a maior parte dos fins de semana, passo-os sozinha.

Moderadora: E a senhora Célia?

Célia: Eu acho que é uma questão de feitio, principalmente. Nós aqui temos grande oportunidade, fazer amigos e amigas disponíveis, acho que é preciso estar disponíveis no período do trabalho e da nossa vida ativa. Aqui, se tiver feitio, arranja-se amizade, colegas para sair, para conviver, é o sítio ideal. Eu tenho uma mãe com quase noventa anos e que sempre disse que nunca deveríamos pô-la num lar porque ela detestava ir para um lar, ela queria estar na casa dela enquanto estivesse viva e tivesse saúde e os filhos a ajudarem e eu disse, porque ela está em Sesimbra e eu aqui, e eu disse: há aí um centro de dia em que as senhoras convivem, dão passeios, fazem ginástica. Mas para ela era um bicho papão, eu e o meu irmão mais velho fomos mentalizando devagarinho e agora para ela é uma vida imprescindível. Portanto, às vezes são as pessoas que metem na cabeça e isolam-se, mas agora ela ainda ontem me disse que tinha ido passear, depois de sair do ATL, foi ver o mar em Sesimbra com uma amiga caminhar, fazer uma caminha. Portanto, as pessoas têm que dar um passo à frente para continuarem a se inserir na sociedade. Se nós quisermos... ficamos isoladas por uma questão de feitio porque eu, por exemplo, tenho um período que deixei de vir à universidade e fui à junção de fim de ano. Ora, foi uma forma de conhecer melhor os colegas daqui que só dizia bom dia e boa tarde, de convivemos e sairmos, de estarmos em conjunto, possibilidades de estarmos inseridas na sociedade que eu acho que se quisermos, a não ser um caso de doença ou uma idade muito avançada, que não é o caso de nenhuma de nós. A velhice não é um determinante, depende de cada pessoa.

Sara: É porque essa situação que eu tenho não é de agora. Eu sou viúva há 25 anos e sempre vivi muito para o meu marido e o meu marido para mim. Meu marido morreu num espaço de dois meses, infelizmente, teve um problema canceroso que quando foi descoberto, morreu ao fim de dois meses. Eu nessa altura trabalhava, tinha 52 anos e ainda trabalha. Realmente, foi muito bom para mim trabalhar. Eu, por acaso, nessa altura até trabalhava em Grândula, no centro de saúde de Grândula. Enquanto eu estava a trabalhar e estava ocupada até me esquecia que era viúva. Quando chegava à casa é que era pior. Quando chegava à porta, encontrava quatro paredes vazias, não tinha com quem conversar, não tinha com quem partilhar nada. E, a partir dessa altura eu comecei a me isolar muito, eu já tinha feitio para isso e comecei a me isolar mais e

depois eu pensava “aquela é casada e tem um marido, tem a vida dela, a outra tem filhos, tem um emprego e pode não ter possibilidade para eu poder ir para a casa dela ou daquela pessoa”. Eu não gosto de incomodar ninguém, não gosto de sentir-me à mais na casa das pessoas. Eu tenho um casal amigo que me convidou hoje para almoçar com eles.

Célia: E a Sara não foi?

Sara: Fui.

Célia: Trouxe para cá e incentivei e motivei uma amiga viúva para vir para aqui para a universidade esse ano. Enquanto ela não veio eu não descansei. Ela teve a infelicidade de falecer um filho aos 20 anos, tem um drama encima dela enorme, contudo, nós aqui damos-lhe a mão “anda, vamos, vamos sair, vamos à Fátima”, faz falta alguém nos puxar.

Sara: Mas eu não tenho isso.

Célia: Nós também temos um casal amigo e o marido tem uma paciência enorme para andar conosco e ele “vamos fazer um passeio” ele tem uma paciência enorme, “vamos ao Colombo!” ele mete-se na FNAC e deixa-nos andar à vontade às compras, ele leva-nos e traz-nos, mas apesar de serem casados partilham a amizade com outras pessoas.

Moderadora: Para finalizar, eu gostaria que me falassem rapidamente sobre as percepções que possuem sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação.

Início da dinâmica sobre as percepções individuais

Anexo XIII – Transcrição grupo de focal UNISETI 2

Apresentação da investigadora e informações breves sobre a pesquisa. Explicar como o grupo de foco será conduzido e como as informações recolhidas serão utilizadas. Assinatura do consentimento informado.

Moderadora: Informações sobre a pesquisa. Gostaria que se apresentassem com o nome, a idade e o que faziam antes de se reformarem.

Olinda: Nasci em 1953, 63 anos e era funcionária pública.

João: João, nasci em 1941, tenho 75 anos, trabalhava na TAP

Mafalda: Mafalda, 62 anos, professora.

Danilo: Danilo, nasci em 53 também, 63 anos, funcionário público.

Lúcia: Eu sou a mais velha na era. Lúcia e nasci em 1932, tenho 84 anos e era funcionária pública.

Natália: [chegou atrasada].

Moderadora: Primeiramente, gostaria de saber se todos possuem telemóvel.

(Todos têm)

Moderadora: Quem tem internet no telemóvel?

(Ninguém tem)

Olinda: Para mim o telemóvel é um telefone, só telefone apesar de ter aqui a minha lista de contatos.

João: Tenho vontade de substituir esse telemóvel porque é muito fraquinho.

Lúcia: Não tenho interesse.

Moderadora: Por que a senhora não tem interesse?

Lúcia: Não sei... porque essas coisas de computador são muito recentes e tenho praticamente uma tutora e disse “não, mãe, para ti já não” e eu não...

Moderadora: Quem é a tutora?

Lúcia: É a filha.

Moderadora: E o senhor João?

João: Nunca vi necessidade e como tenho computador em casa, ter no telemóvel...

Moderadora: E a senhora?

Mafalda: É para mudar o meu pacote, estou com fidelização com a Vodafone e vou passar para a Nós e depois quero por a internet no telemóvel.

Moderadora: Por que a senhora quer a internet no telemóvel?

Mafalda: Não é porque eu precise assim muito, muito, muito, mas, às vezes, até quando eu vou visitar a família, vou no autocarro, vou no comboio e, às vezes, é para distrair. Em casa tenho o computador e vejo o que é necessário.

João: Eu penso que quando estiver um pouco mais adiantado na informática, quando estiver com mais conhecimentos, penso que nessa altura devo comprar um telemóvel que já tenha acesso à internet e a outras coisas, mas nesse momento ainda não tenho conhecimentos suficientes, estou à espera de adquirir conhecimentos suficientes.

Moderadora: E por que o senhor quer um telemóvel com internet?

João: É como a colega disse, é para uma viagem, para distrair na rua, eu passo muito tempo na rua e posso ter a necessidade de ter acesso a qualquer informação e é essa a vantagem... Mesmo em casa, mas depende dos preços, há vários preços e vários pacotes.

Moderadora: E a Olinda?

Olinda: Eu, por muito estranho que pareça, não me sinto dependente da internet. Tenho um computador em casa quando preciso de alguma coisa eu vou ver, mas tive uma vida inteira tão agarrada a computadores que, neste momento, se puder passar assim de lado, passo. Não sou dependente da informática, para mim há mais coisas a fazer na vida diferentes de estar agarrada a qualquer coisa que me faça estar ligada à informática.

Moderadora: E acha que isso é consequência do fato de ter trabalhado com informática?

Olinda: Eu penso que sim e também, se calhar, por feitio, pois também gosto de ler, gosto de ouvir música. Não sinto necessidade de estar dependente das tecnologias de informação e comunicação.

Moderadora: Quando é que adquiriram e utilizaram o telemóvel pela primeira vez?

Lúcia: Só tenho este, nunca tive outro.

João: Acho que o meu tem mais de 20 anos. Lembro-me que era um telemóvel assim muito grande.

Moderadora: E porque o senhor adquiriu um telemóvel?

João: Era granfino, toda a gente... era aquela coisa, tinha aquela vontade de experimentar. Era diferente do que é hoje, não se conseguia falar, a rede era

insuficiente, mas há sempre aquela tendência a experimentar, mas tinha pouca utilidade porque poucas pessoas tinham e não se conseguia falar com as pessoas porque não tinha rede para se contatar com as pessoas. Mesmo hoje, neste país tão pequeno, há sítios onde as pessoas não conseguem falar ao telemóvel. Eu tenho uma senhora conhecida em Arraiolos que para falar ao telemóvel, tem que se deslocar um quilómetro.

Lúcia: Também deve morar fora de Arraiolos.

João: Ela não mora na vila, é fora da vila.

Mafalda: No meu caso deve ter uns 15 ou 16 anos. Foi a necessidade, pois eu estava sozinha com o meu filho e ele foi para Lisboa estudar e termos contacto mais periódico, foi mesmo a comunicação, para facilitar a comunicação, foi por ele, pois em casa já tinha telefone.

Lucas: Eu também não me recordo, deve ter sido há 15 ou 20 anos, por aí, no sentido de mais facilmente se contatar às vezes um familiar ou por necessidade.

Moderadora: E no trabalho, ninguém tinha necessidade de um telemóvel?

João: Não, no trabalho usava o telefone.

Lúcia: Eu acho que um bocadinho antes, porque em 93 eu mudei de serviço e já tinha telemóvel. Tinha o marido também, o marido trabalha em viagem, não sei bem porque foi, agora sei que tive nessa altura, para falar com a filha, com familiares. E tem sido bom, os primeiros eram muito bons. Não me recordo bem, mas acho que só tive esse. É muito simples, é para dizer à filha que já estou em casa, para mandar mensagens.

Olinda: Eu possuí também por volta dos 15 anos, por aí. Surgiu isso na altura, ainda era da época dos tijolos [risos], por volta de uns 15 anos, pois eu andava a trabalhar e tinha reuniões fora, tinha necessidade de contatar com a família, depois, mais tarde, já tinha telemóvel no trabalho também e pronto, tive um percurso normal, não foi nenhuma necessidade específica, era um funcionalidade que estava disponível e eu aproveitei para contatar com a família.

Moderadora: Qual é a importância das tecnologias nas vossas vidas, de um modo geral?

Lúcia: Talvez uma das coisas que mais jeito dê é o meu rádio de cabeceira de cama que toca para eu despertar e quando ele me acorda com uma música bem bonita e acho muita graça.

Olinda: A tecnologia já está tão entranhada que quase que nós já não lhe atribuímos aquela importância que seria de lhe atribuir, mas não me sinto muito dependente da tecnologia. Por exemplo, uma máquina que é toda XPTO que é a BINB que é para fazer o comer e eu gosto ainda muito de fazer as coisas à minha maneira, sem depender da máquina. Outra tecnologia bastante mais antiga e que eu conheço desde que me entendo por gente e que nunca aderi a ela que é a panela de pressão para cozinhar,

também não me sinto dependente dela. Depois... bem, eu não sou a pessoa mais indicada para fazer essa pergunta porque, por exemplo, lá em casa quando há qualquer coisa que não corre bem ao nível da internet ou ao nível da televisão, quem vai resolver é o meu marido, eu nem sequer sei ligar. Antigamente, o vídeo da televisão eu nunca soube trabalhar com isso, então está a ver, eu não sou a pessoa mais indicada, não me sinto nada dependente.

Natália: Essa história do vídeo, eu também nunca aprendi. Nós temos mais coisas o que fazer, sem querer discriminar os homens que aqui estão, mas nós temos uma série de atividades que desenvolvemos com os filhos, com a casa, com as roupas, com tantas coisas que não sobrava tempo para isso. Portanto, a tecnologia, para mim, também é muito... ocupa uma parte pequena.

Moderadora: E a importância para a comunicação?

Lúcia: Ahhh, o telefone é a primeira coisa.

Olinda: A tecnologia para a comunicação... é quase como a invenção da roda, tem sido o motor de desenvolvimento da sociedade. A necessidade de comunicar, vai se aproveitando as tecnologias pouco a pouco, não é? É natural que se atribua tanta relevância à facilidade que as novas tecnologias nos dão para comunicar. É natural! Quem tenha mais necessidade de comunicar com o exterior, é natural que dê uma maior importância à tecnologia e facilidade de vida. Muitas vezes, as tecnologias compensam a nossa falta de tempo, nomeadamente, o pessoal que ainda está na vida ativa e que ainda tem que conciliar trabalho com casa e cuidar da casa e cuidar dos filhos. Se não tiveram auxiliares tecnológicos terão muita dificuldade em conseguir isso. Às tantas, torna-se de tal forma limitativo que essas próprias pessoas sentem necessidade de ir fazer férias, passar temporadas em locais onde não tenha nada de tecnologia à volta. Estou a pensar, por exemplo, as pessoas que gostam de ir para o Alentejo, num montezito onde estão completamente afastados e até começam a ter a necessidade de... não tem água canalizada, não tem uma série de comodidades porque acabam por ter a necessidade de fugir do estigma da tecnologia.

Moderadora: E a senhora Mafalda, o que pensa?

Mafalda: É assim, eu não sou dependente, mas acho muito importante e, em certos serviços, muitas pessoas trabalham em casa com as novas tecnologias e tão têm a necessidade de estar no emprego até para conciliar a vida familiar e preferem fazer serviço em casa.

Moderadora: E para a senhora, pessoalmente?

Mafalda: Pessoalmente, eu já trabalhei com crianças e isso é muito importante, no desenvolvimento da criança, conhecer as coisas, de repente é necessário ir buscar qualquer assunto, no momento, agora as escolas já estão a começar a se integradas, com escolas com quadros interativos e isso tudo. Há aqui uma experiência já numa Escola das Areias na altura que lá estive não havia nada e aquilo, os miúdos estão encantados com aquilo e estão a desenvolver mais de pressa as atividades e aprendizagens. Traz benefícios.

Olinda: Benefícios, traz sem dúvidas. Eu lembro-me do meu percurso profissional em que eu acompanhei toda a informatização de base de dados da Segurança Social em que passamos, deixamos de ter toda a informação em arquivos de papel, ainda sou do tempo do Cardex, não sei se conhecem, eram uns arquivos na vertical e que toda essa informação passou a ser informatizada, acabamos por ter uma base de dados nacional, acompanhei tudo isso, esse percurso de forma que sem tecnologia nós não tínhamos conseguido isso, não conseguiríamos ter o que temos hoje que são pessoas nos mais diversos pontos do mundo a trabalhar em um único projeto. É Benéfico.

Danilo: No meu caso, eu sou um bocado dependente das novas tecnologias, da televisão nem tanto, mas sobre tudo da internet que é para a recolha de informação porque há um bocado, aquelas notícias massificadas que a televisão vai dando, sempre do mesmo gênero e a pessoa muda de canal e a caba sempre por estar na mesma coisa, não é? Eu fujo um bocado disso e refugio-me um bocado na internet, não só como pesquisa, mas para recolher a informação ou para ouvir música que é uma coisa que me agrada.

Moderadora: E o senhor João tem uma opinião sobre isso?

João: Eu vivo sozinho como já lhe disse e tenho todas as tarefas de casa, que são muitas, tenho que fazê-las, por enquanto, enquanto não arranjar uma namorada [risos]. E isso ocupa muito tempo e as coisas devem ser feitas de forma que tenho pouco tempo para me dedicar à internet, mas, tirando a parte negativa que também tem, é uma coisa extraordinária.

Moderadora: E os computadores, todos têm computadores em casa? Com internet?

(Todos têm)

João: Eu, nada, pois como estive a dizer ainda estou a aprender, mas daqui uns 5 ou 10 anos [fala com ironia], sou capaz de já estar a começar, mas nessa altura o computador já não vai estar atualizado, será outro... estou a brincar! [risos] Eu acho que em pouco tempo já estarei mais habilitado.

Moderadora: O senhor tem receio de quê? Pois tem um computador em casa, mas não o utiliza.

João: Tenho receio de fazer porcaria [risos], meu filho diz assim “faz assim, faz assado e pronto, mas eu penso que já vou-me habituando a fazer algumas coisas e daqui para algum tempo, pouco tempo, já me sinto mais à vontade de fazer algumas coisas e pesquisar algumas coisas. Mas, mesmo assim, ouço através do computador, música, ver a letra das músicas antigas e modernas, era uma coisa que eu não sabia como fazer até pouco tempo e hoje já faço, a partir das aulas de informática e das instruções do meu filho... Não sou totalmente burro, só sou um bocadinho, tenho aprendido alguma coisa. Espero que, se continuar aqui e creio que sim, daqui a alguns meses já possa entrar, explorar certas coisas.

Moderadora: E os outros, em relação ao computador, o que pensam? O que fazem no computador?

Lúcia: Eu entro, eu entro. Se tenho um trabalho... faço as encomendinhas [referindo-se ao nome de um texto que a professora de informática pediu que trabalhassem em casa] que a professora pede. Mas eu também tenho muitas coisas de que gosto, gosto muito de ler, de fazer sudoku, gosto de fazer rendas de malha, tricô, gosto de fazer umas coisinhas, estou em casa, não é?

Moderadora: A senhora vive só?

Lúcia: Sim, deixaram-me sozinha, eu não posso fazer mais nada, mas quando estávamos a falar no telefone, de maneira que quando eu tive o meu marido doente, o telefone foi o meu braço direito, não havia nenhuma farmácia, nem clínica, nem nada que eu não tivesse os números de telefone. Durante oito anos foi assim, então ligava “tem esse medicamento?” “sim!” “então vou lá buscar”. Também já tinha dito que era o meu rádio que me acorda à hora, que toca música e adora acordar ao som do rádio.

Moderadora: É do telemóvel?

Lúcia: Não, é um rádio mesmo, rádio-relógio. Binbs também não, mas sou muito amiga de cozinha, sou boa, sou doceira. Ou seja, além das tecnologias, tem muitas outras atividades. Estou sozinha, mas faço as minhas refeições e me sito bem. Quanto ao computador, agora eu encontrei um amigo no Facebook... e ele manda-me coisas e eu estou tempo a ver aqueles animais, o pôr do sol e o nascer do sol através do Facebook ele manda-me muitas coisas, passo horas a ver aquilo, hipopótamos... está tudo em movimento. Eu busco, as vezes prazer nessas pequenas coisas um livro que eu li e que me agradou, uma pessoa que eu gosto, pronto, coisas assim! E dizem que eu me dedico muito ao computador? Não. Quis e, pronto, está lá, às vezes vou, tenho amigos, clico na amiga e lá estão coisinhas delas.

Mafalda: Eu acho interessante o Facebook, eu gosto muito de assuntos ligados às artes, pintura, história e, de vez enquanto, vejo um assunto ou alguém fala e vejo mensagens lá no Facebook. Às vezes, tenho lá colegas e ponho lá assuntos, imagens e fico lá a navegar e agora sobrou aqui o meu trabalho, pois agora é neste momento que eu sinto capaz de continuar, pois eu estava a zero. Teve um tempo muito doente e fui fazer uma operação, umas coisas assim inconvenientes e complicadas, uma série de problemas e nesse momento é que eu estou a me desenvolver mais. Nessa semana anterior, já abri o computador e já abri o e-mail, vi mais coisas a professora tinha dito e eu não sabia onde aquilo estava e agora aquilo apareceu tudo.

Moderadora: Quando e que começou a usar o computador?

Mafalda: Já há muitos anos.

Moderadora: Agora nas aulas de informática procura o quê?

Mafalda: O trabalho que a professora tem dado. Ou seja, escrever textos, adquirir conhecimento, coisas que eu esqueci completamente porque eu antes trabalhava com o computador.

Moderadora: E a senhora Natália, qual a sua opinião sobre o computador? Por que

veio para as aulas de informática?

Natália: Eu também já lido com o computador há muitos anos. Usava disquetes com os colegas de matemática e depois vieram os jovens do instituto IPJ e deram um workshop para nós que começamos a usar o computador. Mas foi tão desastrosa essa introdução “ah, não pode-se meter o computador dentro da água, também não se pode furar com um BlackDecker” [risos], pelo amor de deus, parecia que estavam a falar com atrasados mentais, foi a primeira abordagem ali na nossa escola, no Liceu com os computadores, mas isso foi ultrapassado. Havia colegas que tinham contato com colegas da Universidade da Caparica, da Universidade Nova, e havia lá pessoas espetaculares interessadas em por a gente a trabalhar com os computadores. Montou-se uma sala só com computadores, ainda era o MS-DOS, com disquetes, mas pronto, fomos instruídos para isso e fazíamos isso, tínhamos dois programas fundamentais... Isso foi na década de oitenta.

Moderadora: A senhora está reformada desde quando?

Natália: Desde 2004.

Moderadora: E por que veio para cá?

Natália: Utilizávamos fazer os testes com um programa de matemática com editores de frações, parênteses e isso dava-nos imenso jeito. Os alunos gostavam imenso daquelas aulas, as aulas eram nas salas dos computadores e para eles também foi uma boa iniciação. Entretanto, em 2004 tive outras circunstâncias, antes de 2004 passei a dar aulas à noite e os computadores já não eram utilizados e depois vim para casa e senti necessidade de comprar um computador. Até então não tinha computador, as minhas colegas tinham, eu senti necessidade de preparar as coisas em casa aí comprei um computador. Tive que pedir dinheiro emprestado a um banco, foi preciso falar com o diretor, o gerente do banco para pedir essa quantia que era caríssimo, já não me lembro, mas era uma coisa assim... então tive de falar com o gerente, lá fui falar com o gerente e consegui o dinheiro para comprar o computador e comprei.

Moderadora: A senhora comprou também para o seu próprio deleite?

Natália: Não, por necessidade de preparar, portanto, eram dois programas que eram preparados para o utilizador eu não tinha que “guardar como”, a não ser guardar nas disquetes, pois se ficavam ao meio, tinha-se que guardar nas disquetes. Na altura eu aprendi isso, mas isso já foi ultrapassado. Entretanto, o computador chegou um bocado ao limite e não senti necessidade de comprar. Pronto, fiquei uns tempos sem computador, sem nada disso. Quando é que voltei a ter computador? Quando um filho meu foi para fora, para o estrangeiro, e a minha filha mais velha ofereceu-me um portatilzito para eu poder comunicar com ele.

Moderadora: A senhora ainda tem esse ou já tem outro?

Natália: Ainda tenho esse e é pequeníssimo e custa-se a ver, isso não me ajuda a aderir a aquele objeto, mas... ele é para comunicar através da internet.

Moderadora: E a senhora faz pesquisa também?

Natália: Sim, faço. O Facebook... quer dizer, fico muito contente de ver lá os amigos, mas não tenho apetência para aquilo. Tenho, mas não tenho paciência para aquilo.

Moderadora: Quem tem Facebook aqui?

(Todos têm)

Moderadora: E o senhor João tem?

João: Tenho, mas não consulto.

Moderadora: Quem fez a sua conta no Facebook?

João: O meu filho.

Natália: Pois, a minha filha também tem-me ajudado.

Olinda: Só me inscrevi no Facebook para ter bases para as aulas, se não não teria aderido.

Moderadora: Ou seja, tem, mas não usa?

Olinda: Uso, tenho um grupo muito restrito de amigos, estou agora registada com um nome fictício.

Moderadora: Por quê?

Olinda: Por que para mim aquilo traduz uma grande invasão de privacidade. É preciso ter-se muito cuidado mesmo que se diga “eu sei perfeitamente quais são os meus amigos e só comunico com os meus amigos”, só que os amigos têm amigos e acaba por...

Danilo: Mas isso só acontece no Facebook, essa invasão de privacidade? Qualquer contacto via net...

Olinda: Sim... qualquer grupo social implica isso.

Danilo: Implica troca de informações.

Moderadora: O que o senhor Danilo acha sobre essa questão de privacidade?

Danilo: Eu também acho que é um perigo sobre as questões de privacidade porque as pessoas...

Olinda: Nós conseguimos limitar, mas não conseguimos limitar a 100%. Eu, por exemplo, entrei em um grupo que é o grupo dos antigos alunos do Liceu em Setúbal e começaram a cair mensagens de várias pessoas que estão registadas nesse grupo e muitas delas, eu não conheço.

Moderadora: Mas se acha que é um perigo, por que tem o Facebook?

Olinda: Também tem coisas boas... Quer dizer... Eu, até agora, não rejeitei vantagem nenhuma de ter o Facebook. Quer dizer, se eu quiser encontrar uma pessoa que não vejo há muito tempo, tudo bem, se a pessoa estiver inscrita com seu nome real, eu talvez a encontre, agora se estiver como eu, se tiver alguém que venha a procura da Olinda não a encontra, pois eu não estou registada com o meu nome.

Moderadora: Mais alguém aqui tem o nome fictício?

Lúcia: Eu tenho Lúcia. Também me aparecem amigos e eu clico, se não quiser eu os elimino, são tantos, tantos, estão sempre caindo.

Olinda: Certo, nós só aceitamos os amigos que nos interessam, mas quem publicar uma coisa qualquer, os amigos dos seus amigos veem porque fica na nossa página.

Natália: O e-mail é diferente, não é rede social. Se calhar, já circula aí há muito tempo, mas uma amiga minha, na semana anterior, mandou-me no e-mail, um PPS, que eu não faço ideia do que seja, que era Portugal visto do céu que era uma coisa maravilhosa, pronto. Tive a ver, abri, vi. Com a ajuda da minha filha enviei para o meu filho que está fora no estrangeiro, pronto, tem vantagens, pois se não, eu não teria visto aquelas imagens tão lindas. É espetacular.

Moderadora: E quão importante é uma rede social para vós? Por exemplo, o senhor Danilo, o que faz no Facebook?

Danilo: Eu tenho há uns três ou quatro anos, mas sobre tudo... Por um lado, eu não sei, ainda não tenho conhecimentos para publicar, para editar na rede social, portanto, limito-me só a ver coisas que os amigos publicam, só observo, posso dar uma opinião, mas editar, propriamente, não sei, ainda não me debrucei sobre isso. É sobre tudo só para receber informação, uma ou outra que há, às vezes, um vídeo que vem via Facebook e a pessoa... Pronto, pouco mais.

Moderadora: E a senhora Mafalda?

Mafalda: Sim, eu também limito-me a ver e não comento, comentários eu não faço. Eu tenho e não exploro muito.

Moderadora: O senhor João já disse que não explora muito...

João: Não, eu não, limito-me a ver algumas coisas e também não respondo.

Moderadora: E o que acham das pessoas que usam muito as redes sociais?

João: Acho um exagero!

Natália: Desculpe... Eu tenho uma colega, ex-colega que tem Facebook e eu abro o Facebook uma sim, uma não é a mesma pessoa e aquilo dá-me logo uma reação imediata. Parou, acabou, não vale a pena porque se vou abrir fico... até gostaria de ver, mas é cansativo, é demais, dá logo uma reação de fechar.

Olinda: Com esse tipo de amigos, vá lá, acabo por questionar se aquelas pessoas não têm mais nada o que fazer na vida porque... ou são pessoas com uma vida muito isolada, é o que eu penso, ou são pessoas que mesmo sem terem a vida isolada têm uma grande falta de imaginação no que toca a escolher um passatempo porque há tanta coisa mais interessante para fazer na vida do que estará agarrado a um computador, pronto... mandar fotografias... há pessoas que usam e abusam dos envios, despejam a vida privada toda ali, fotografias dos filhos, dos netos, do cão, do periquito, das flores, da comida, do que fazem, sinceramente...

Lúcia: O que interessa isso?

Olinda: Eu não sou assim, não concordo em ser assim. Acho que há coisas muito mais interessantes para fazer e as tecnologias são para aproveitar em nosso benefício, ponto final. Não tiro daí nenhum benefício, não tiro daí nenhum partido nem vejo, não consigo entender como há pessoas que passam a vida inteira. Qualquer dia as criancinhas até nascem com os smartphones coladito. Temos que acompanhar. Falta diálogo entre as famílias.

Moderadora: Parece que o senhor João tinha uma opinião sobre isso.

João: Era precisamente isso. Até durante as refeições, os miúdos ficam, durante as refeições, com o telemóvel tic, tic, tic, é demais.

Olinda: Falta de diálogo, é o diálogo tecnológico.

Natália: Mas isso é o futuro. Atualmente, eu tenho netos a frequentar a escola e os diretores de turma comunicam com os pais através das tecnologias, os professores fazem as resoluções dos testes através do iPhone ou sei lá o quê! Há uma série de coisas. É a ciência do futuro.

João: Há uma série de informações importantes.

Olinda: É uma forma mais expedita de comunicar, sem dúvidas, mas outra coisa que é muito fundamental que é o contato físico, visual entre as pessoas que deixou de haver.

Moderadora: Dentro desse contexto que estamos a discutir aqui como as pessoas idosas se relacionam com as tecnologias?

João: Isso já é diferente. Para essas pessoas, as pessoas que vivem sozinha, acho que é muito importante! Digamos que é uma janela aberta para o mundo.

(Todos concordam).

Moderadora: Como estão a frequentar as aulas de informática, adquirem esses conhecimentos a pensar no futuro?

João: Claro que sim.

Lúcia: Pode acontecer.

Olinda: Se o cérebro deixar e se a pessoa estiver aberta para isso. Com a minha mãe, por exemplo, não consigo convencê-la de maneira nenhuma a aprender coisas ligadas à informática, até mesmo para o desgraçado do telemóvel, ela se baralha toda e é um dos mais simplezinhos que lhe arranjei, tem a ver com a abertura mental da pessoa.

Natália: Nesse momento vejo como uma necessidade para o nosso dia a dia, para o nosso trabalho. Nesse momento calhou-me a mim e a outra pessoa a gestão do condomínio e eu preciso fazer ligações, entrar em contacto com empresas, por exemplo, lá tive de fazer uma informação sobre o elevador. São conhecimentos que estou a adquirir aqui e que já estou a utilizar no meu dia a dia, pois isso já estava esquecido. Foi o Skype para me por em contacto, mas a utilização do computador é isso que eu ando à procura.

Moderadora: E o tablet, quem tem tablet?

Mafalda: Eu tenho.

Moderadora: Qual é a diferença do tablet em relação às outras tecnologias?

Mafalda: Eu, às vezes, é só para brincar com os jogos, só para me distrair, é uma distração [risos]. Quando vou viajar também é útil, para distrair no comboio.

Natália: Também pode-se ir às lojas. Já não me lembro qual era a loja que a minha filha me disse “vai ver nessa loja”. Entra-se dentro das lojas e vê-se as montras, toda a loja.

Mafalda: No meu caso, é por ser pequenino. Eu viajo muito de comboio e vou ali um bocadinho a distrair.

Olinda: Eu não ando de comboio, mas às vezes quando tenho de ir a uma consulta ou qualquer coisa e que tenho que estar um determinado tempo à espera, em vez de ter uma revista embaixo do braço, levo o tablet dentro da mala.

Natália: É interessante.

Moderadora: O fato de utilizarem as tecnologias ou até mesmo de fazerem as aulas de informática facilitou, de alguma forma, a comunicação com outras pessoas?

João: No meu caso, sim. Acho até que não venho para aprender, mas sim para conviver, para não ficar em casa, conhecer outras pessoas. A minha vinda para cá para a universidade porque eu estava a passar por um momento complicado e para mim foi positivo vir e inscrever-me na universidade, tem sido muito bom. Espero continuar no próximo ano.

Lúcia: Eu tenho amigos, tenho uma afilhada em Angola, são pessoas com quem eu vou trocando uma mensagem. Tenho amigos que eu não sabia deles e que vejo a diferença agora e que os encontrei através das tecnologias porque a minha filha já falava com eles e depois ela arranjou-me aquilo também, mais um e amanhã vem mais outro, mas só o que me interessa porque o “eu sou amiga de...” não me interessa.

Natália: Tem também os professores que nos dão aulas, pelo menos aquelas que eu frequento, também nos fornecem, portanto, endereços para nos obrigarem, obrigarem entre aspas, a ir ver coisas que são de interesse. Na aula de Artes, na aula de inglês, ainda agora estivemos a ver um filme “A Rapariga do Brinco de Pérola” que é um filme de Vernier, e ela nos deu o endereço para nós irmos ver isso e encontramos a biografia do pintor, encontramos várias obras que ele terá pintado e é muito importante. A propósito de uma canção... não me lembro agora do nome da canção... “Sore, sore”... não! Sei que a propósito dessa canção vimos o nome da canção e enquanto a canção era desenvolvida mostravam toda a obra de Van Gogh, muito giro.

Moderadora: Depois de se reformarem, passaram a ter mais tempo livre?

[quase todos concordam que não]

Mafalda: Eu, por acaso, tenho, tenho bastante tempo livre.

Natália: Eu não, pois ocupo aqui e em outros sítios.

João: Eu não tenho assim muito tempo livre. Reformei-me, mas preenchi esse tempo com outras coisas.

Natália: Isso também funciona com o computador na escola HallStreet English.

Moderadora: A senhora faz curso de Inglês lá?

Natália: É um curso de multimídia, é feito através do computador, é muito interessante, construir frases que estão desordenadas e tem que ter um conhecimento mínimo de informática para fazer, pronto, para gerir isso. É muito interessante, é a parte que eu gosto mais.

Moderadora: E como administram esse tempo, livre ou não!

Lucas: Eu acho que depende um bocado do gosto de cada um. Eu procurei logo, acho que foi nessa altura, que eu abria a conta lá no Facebook e comecei a pesquisar várias coisas a nível de internet e agora posteriormente, há cinco ou quatro anos, inscrevi-me na universidade, mas acabo por ocupar praticamente o tempo todo. Houve uma fase de adaptação da ativa para a não ativa que eu não senti assim muito aquela diferença. Há uma diferença de horas, de horário, mas a pessoa acaba por preencher com outras atividades, normalmente com coisas que lhe agradam e, portanto, não senti, por aí além a passagem para a reforma.

Moderadora: Alguém sentiu essa passagem à reforma?

Olinda: Eu senti muito. Ainda hoje eu tenho pena de não estar a trabalhar. Falta de tempo não tenho, muito pelo contrário, pois o aposentado tem o estigma de que não tem horários a cumprir, portanto, está sempre disponível para tratar dos netos, acudir a mãe e aos filhos se for o caso disso e depois, para além disso, inscrevi-me como voluntária em um hospital, tenho uma tarde completamente dedicada a isso, aproveito para fazer exercício físico que eu não fazia e as aulas aqui na universidade e

proveitei para aprender bilgos que toda a vida tive vontade aprender e nunca tinha tido tempo. Faço renda de bilgos, filosofia e ioga, mas isso já fazia antes.

Moderadora: Por isso a senhora é tem essa personalidade assim tão fantástica.

Olinda: Não tem nada de fantástica porque quando eu estou zangada sai de baixo! [Risos]. Mas assim como vem também vai. O que eu faço mais? Ah, tenho literatura portuguesa que é uma coisa que eu gosto muito.

Moderadora: Então a universidade ocupa um tempo significativo.

Olinda: Sim.

Moderadora: E os outros?

Mafalda: Eu venho ao inglês, à psicologia, língua e literatura, aos computadores, leitura, iniciei agora caminhadas, só um dia, mas quero ver se vou mais, é um grupo de fora.

Lúcia: Eu venho pouco, venho a viagens e turismo, gerontologia e filosofia para todos e à informática. Não ocupa assim muito tempo.

Moderadora: A senhora disse que gosta de fazer outras coisas, não é?

Lúcia: Sim, eu aposentei-me e estive até ao limite de idade, 70 anos, sentia-me bem, mas não me deixaram continuar. Parece que disseram assim “queres continuar, pois amargas bem!”. Assim que me aposentei, nasceu um bisneto e a minha neta diz “vó, vem tomar conta do menino”. Eu morava em Lisboa e vinha todos os domingos para a casa da minha filha e ela trazia o bebê pela manhã e eu estava com ele até às 4 ou 5 horas porque a mãe vinha do banco e aquilo era de segunda a sexta-feira.

Natália: É uma prisão.

Lúcia: Não foi porque foi tão bom, tão bom, nem sei porque era tão bom. Eu não apreciei os netos como apreciei aquele bisneto. E Aquele menino que hoje já tem 14 anos que é tão bonito!

Moderadora: Então só depois do neto que a senhora começou outras atividades?

Lúcia: Eu ainda morava em Lisboa. Eu aposentei-me em maio e o menino nasceu em março, os três meses de licença de maternidade da minha neta foram rápidos e eu comecei naquele. Em setembro quando ele começou no infantário, eu regresssei à casa. Mas quando em janeiro, mudei para cá, comprei casa cá, vendi a de lá. E depois nasceu outra, uma menina, a Mariana, e ela foi para a minha casa onde hoje moro, que é a minha linda menina de olhos azuis, é loira, ele tem 12 anos e depois adoeceu o meu marido.

Moderadora: Quanto mais velhos nos tornamos, mais afastados da sociedade nos tornamos. Concordam com essa afirmação?

Natália: Eu não concordo porque eu continuo a ter contacto com as pessoas, não me isolei. Há pessoas que se isolam, depende de cada um.

João: Uma pessoa, infelizmente, com uma certa idade os amigos vão desaparecendo, se vai ficando mais só e depois na parte final arranjar mais amigos não é fácil. Os amigos antigos desapareceram todos ou quase todos. Então, é difícil, a partir daí, fica mais difícil, principalmente no meu caso que perdi a mulher, portanto, na altura que mais precisamos, ficamos mais só, mas é tarde para se arranjar novas amizades. Isso é uma dificuldade pra mim.

Moderadora: Então, concorda com a frase, não é?

João: Sim.

Moderadora: E os outros, o que pensam dessa frase?

Mafalda: É um bocadinho como o colega disse.

Danilo: E por muitos contactos que tenhamos ao longo do dia, da nossa jornada, quer dizer... perdemos aquele contacto permanente que temos com determinado grupo de pessoas, vá lá. No caso profissional, perde-se o contacto permanente com os colegas. A partir daí, por muitos contatos que a pessoa tenha, já nunca é naquela base da amizade, como os anteriores.

Moderadora: Portanto, é necessário adaptar-se, não é? E manter-se ativo é importante?

João: Essa adaptação, que às vezes é difícil, depende de cada um, uns fecham-se muito em casa e está tudo estragado. Aqueles que optam por outras opções como ir para a rua, andar e passear ainda pode ser que tomem um rumo certo. Mas aqueles que se metem em casa, as coisas não resultam bem.

Natália: Também depende da família, a família preenche muito esse espaço. Quando a família está perto.

João: Às vezes a família se interessa pouco.

Danilo: Em uma determinada altura, a família começa a se afastar, eles começam a crescer.

Natália: Eu não concordo, desculpe.

Danilo: Pois, às vezes, depois eles regressam, regressam os netos [risos]

João: Principalmente se houver algum dinheiro para distribuir na parte final [risos].

Mafalda: Tem-se que dizer porque é verdade porque a minha mãe agora está num lar lá na terra e tinha dois netos, filho do meu irmão mais velho, que se aproximavam mais da avó e agora não a vão ver. A vó distribuía sempre...

Lúcia: Vai ver eles não gostam de a ver num lar.

Mafalda: Não, não é esse o problema, ali não é. Os jovens...

Moderadora: E nesse período de adaptação, é importante manter-se ativo?

João: Muito importante porque há dia que eu faço 10 km, enquanto eu poder, acho isso fundamental... andar na rua e estar o mínimo possível em casa, passear.

Natália: -Vamos deixar essa parte de ficar em casa para a parte final.

João: Exatamente. Distrair-se o mais possível.

Olinda: Uma das coisas que eu senti muita falta quando me aposentei foi o de chegar ao fim do dia e pensar “o que hoje eu fiz de útil, o que eu produzi?” e quando me aposentei aquela sensação de ter contribuído para qualquer coisa de útil para além daquilo que já fazia em casa porque acumulava o trabalho de casa com o que eu fazia fora de casa e fiquei um bocado limitada, senti que chegava ou fim do dia e ou na rua ou em casa, nem era estar permanentemente na rua ou permanentemente em casa era a falta de sentir que tinha feito alguma coisa de útil para os outros, para a sociedade, pronto, pois sentia isso e sentia sempre enquanto eu trabalhei. Acho que progressivamente com o tempo, por exemplo, vejo isso com a minha mãe, com 88 anos sente a necessidade de nos fazer o almoço, pois é uma forma de se sentir útil perante quem está à volta e é aquilo que as pessoas pouco a pouco quando a idade vai avançado, se não tiverem que os estimule nesse sentido vão sentindo falta de terem feito qualquer coisa de útil, sentir que ainda fazem falta para isso ou para aquilo.

Lúcia: Esse é o prêmio da sua reforma, já cumpriu o seu dever e agora está reformada e agora não tem a obrigatoriedade de fazer muita coisa, nem de colher o que eu fiz e o que eu não fiz.

Olinda: Depende da maneira de ser de cada um.

Lúcia: Eu sei! Eu também não parei, por isso eu estou a dizer que eu não gozei de tantos anos que eu trabalhei, pois as circunstâncias não permitira e perdi os amigos, pois os deixei em Lisboa e aqui não os fiz porque não tive tempo de fazer aqui amigos. Não fiz amigos, não conheço praticamente Setúbal “onde é isso?” “onde era...”, onde era é pior ainda, não sei onde é... não tive tempo, pois primeiro vieram os bisnetos. Não vou dizer que foi a pior coisa que fiz na minha vida, mas um bocadinho foi ter mudado para Setúbal e ter deixado a minha casa em Lisboa. As pessoas da minha faixa etária como o meu irmão, cunhada e sobrinhos estão lá, porque eu tinha a filha o genro, nos netos, os mais jovens nasceram de novo e agora cada um já tem a sua vida, eles já estão grandes e “Tete és muito querida e Tete és muito querida”, mas eu nem os vejo.

Moderadora: E a tecnologia é importante dentro desse contexto?

(Falam todos ao mesmo tempo)

Natália: É, é muito importante, tem o Skype... até para nós falarmos a mesma linguagem dos nossos filhos e netos porque se não, ficamos de parte. Melhora essa relação entre as gerações, sem dúvida.

Danilo: Eles não têm tempo? [tão irônico]

Lúcia: Tem, eles têm tempo.

Início da dinâmica sobre as percepções individuais

Anexo XIV– Transcrição grupo de focal UNISSETI 3

Apresentação da investigadora e informações breves sobre a pesquisa. Explicar como o grupo de foco será conduzido e como as informações recolhidas serão utilizadas. Assinatura do consentimento informado.

Moderadora: Informações sobre a pesquisa. Gostaria que se apresentassem com o nome, a idade e o que faziam antes de se reformarem.

Lucas: Lucas, 81 anos, eu fui funcionário público, entre outras coisas.

Berenice: Berenice, 73 anos, funcionária pública.

Camila: Camila, 72 anos, funcionária pública.

Adelaide: Adelaide, 63 anos, funcionária pública.

Dora: Fátima, 72 anos, comerciante.

Fausto: Fausto, 64 anos, professor.

Terezinha: Terezinha, 64 anos, comerciante.

Moderadora: Nossa discussão aqui vai centra-se em torno de três tecnologias: o computador, o telemóvel e o tablet com ligação à internet. Então, gostaria de começar perguntando se todos têm telemóvel.

(Todos têm)

Moderadora: Quem tem telemóvel com ligação à internet? Um smartphone. Lembram-se quando adquiriram o telemóvel pela primeira vez?

(Lucas, Adelaide, Fátima, Fausto, Terezinha têm smartphone)

Terezinha: Foi um daqueles grandalhões.

Lucas: Acho que o meu primeiro telemóvel deve ter sido para aí há uns 25 anos.

Terezinha: Sim, foi quando começou os telemóveis.

Berenice: Eu comecei porque o meu marido é todo das tecnologias, ele é que deveria estar aqui a responder. Ele quer tudo e compra tudo e comprou-me logo um para mim também, foi assim que apareceram que eu tive o meu primeiro telemóvel.

Fausto: Eu tenho para aí há 20 anos.

Camila: Eu há 14 anos.

Adelaide: Eu fui aí para 20 ou 25 anos, logo no início, daqueles grandes.

Fátima: Eu também aí para uns 15 anos, meu marido tinha e eu tinha telefone no trabalho e em casa e achava que não tinha necessidade, não precisava e não tinha tempo para ele. Entretanto, ofereceram-me.

Lucas: Por acaso essa reação foi uma reação que muitos de nós tivemos porque tínhamos um telefone em casa e tínhamos no serviço e pensamos “por que queremos um telemóvel?” Hoje em dia já não sabemos viver sem ele.

Berenice: E o de casa coitado, está lá arrumado.

Lucas: Pois está!

Terezinha: Eu ainda uso.

Lucas: Eu uso para falar para a minha filha.

Moderadora: E porque adquiriram um telemóvel?

Lucas: Eu no início comprei porque tinha necessidade de ter contacto com as minhas filhas e por causa de uma doença que atacou a minha falecida mulher, nessa altura, e precisávamos estar em contacto, então comprei, pois era a forma de nos contatarmos todos, foi esse o motivo.

Fausto: Eu fui para ser controlado porque estive na inspeção de educação e fui um dos últimos a adquirir e, então, eles controlavam para saber onde a gente andava porque eu fui um bocado relutante para comprar porque sabia que iria ser controlado.

Moderadora: Foi o senhor que comprou ou foi a empresa?

Fausto: Não, fui eu quem comprou, mas também dava um certo jeito porque a gente estava em certos sítios e não estava [risos].

Camila: A minha filha foi para França e nasceu o meu neto... para saber mais, para facilitar. O telefone em casa já não dava e o telemóvel já dava para entrar em contacto com ela. Foi há uns 15 anos.

Adelaide: Eu porque sempre fui muito adepta das novas tecnologias porque não era porque os outros tinham, eu era porque eu sentia necessidade até a nível de trabalho, tudo que era novo, elétrico, máquina, tudo que era eletrónico, eu sentia uma avidez de saber dessas situações. Quando começaram a aparecer os telemóveis, uma ou outra pessoa tinha e eu comecei logo aí a ficar muito curiosa para saber como aquilo funcionava através mesmo da funcionalidade e achei mesmo que aquilo era muito engraçado e fui a segunda lá em casa a ter, a minha filha mais velha porque estava em Évora, eu porque queria contatar com ela, por sabe algumas coisas e depois a filha mais nova, ela teria para aí uns 12 anos quando teve telemóvel.

Moderadora: E o que fazem com o telemóvel?

Terezinha: No meu caso, foi por causa do trabalho, eu tinha uma pastelaria e tínhamos que colocar para falar uns com os outros, os empregados e foi mesmo por necessidade de trabalho.

Moderadora: E o que fazem com o telemóvel?

Berenice: Eu falo, só, simples.

Camila: Eu faço chamadas e recebo chamadas, gosto de tirar fotografia que também sei, gravo os contactos das pessoas, uso mais porque tenho internet. A internet é quando eu ando na rua, eu não estou viciada nessas coisas, eu gosto de saber, mas não estou viciada nisso. Na internet é a mesma coisa. A professora me ensina e eu vou aprendendo, mas não estou horas ao redor da internet, às vezes estou a ver os e-mails que me mandam, eu rio, já tenho rido sozinha, mas estou a prender.

Adelaide: O meu telemóvel substitui o portátil até em casa, só quando acedo algum documento que é muito pesado e estou horas infinitas à espera que ele baixe é que eu utilizo o portátil, pois raramente o utilizo em casa, eu faço tudo pelo telemóvel. Procuro sempre sítios onde há wifi, quando vou viajar e faço ali todas as minhas comunicações: mando e-mail, recebo...

Moderadora: Entendi. Tem internet em casa, mas quando sai de casa procura pontos para se conectar.

Adelaide: Sim, o wifi ou os dados móveis que agora oferecem um determinado número de megas para utilizar e eu utilizo, agora mesmo eu estou a utilizar os dados móveis.

Moderadora: E o senhor, como utiliza o seu telemóvel?

Fausto: Eu utilizo em várias coisas, nomeadamente com o GPS quando me locomovo, para procurar determinados sítios de forma que sou um bocadinho viciado nisso [risos], mas também tiro fotografias, além de fazer chamadas e etc. Também uso a internet, mas prefiro usar o computador para outras coisas.

Terezinha: Olha, o meu me dá muito jeito porque eu ando a aprender inglês que não percebo patavinha nenhuma, então ando a fazer traduções. Vou ali traduzir o português para o inglês ou o inglês para o português, dá-me um jeitão porque eu com o meu velhote, velhote é o telemóvel, porque resolvi dar um banho na máquina e ele estragou. Na altura eu fiquei muito triste porque isso ajuda muito e dá para fazer muita coisa. Com esse, eu vou toda hora à net e com o outro eu não percebia nada dele, apesar de ser muito simples e com esse ele ajuda-me muito, faço chamadas, uso também o fixo, mas esse uso a toda hora, recebo chamadas dos filhos e dos outros.

Lucas: Eu uso o meu telemóvel em todas as suas possibilidades. Tem uma coisa que eu pensei em não utilizar porque sou apaixonado por isso e tenho uma máquina própria, uma máquina fotográfica, eu estive nos Açores agora e trouxe 200 e tal fotografias e na máquina trouxe 400, portanto, uso em todas as funcionalidades apesar de evitar fazer longas mensagens e longos textos porque de facto a letra é pequenina. Hoje pela

manhã, tive de fazer uma que era grande. Então, uso em todas as suas funcionalidades, mas não dispenso o computador. Como eu trabalho muito com fotografia, o telemóvel não me satisfaz, tem a ver com outros programas. Tenho que ter os arquivos todos das fotografias no computador, portanto, continuo a usar bastante o computador. Eu, por exemplo, estou uma tarde inteira no computador, dedico bastante tempo.

Moderadora: Não sei se tem mais alguém que queira compartilhar.

Berenice: O meu é igualzinho a este Samsung branco deste tamanho, mas está numa gaveta, estou à espera que este vá para a máquina de lavar [risos]. Utilizo este que não tem internet, antigo, só utilizo para fazer chamadas, mas agora apanhei uma vergonha que se eu soubesse que era assim essa entrevista, tinha trazido o outro [risos]. Já viste o que é? Está na gaveta, até tenho dois. Meu marido compra muitos e eles vão ficando lá.

Moderadora: E a senhora Fátima?

Fátima: Eu posso ter internet nesse telemóvel, mas por acaso ainda não coloquei, ainda não quis colocar, talvez mais à frente, mas por agora não. Tiro fotos, são as mensagens, as chamadas, teve o caso do meu marido estar no hospital estava sempre em contacto com ele.

Moderadora: Então, pelo que eu vi aqui, utilizam muito o telemóvel.

(Falam todos ao mesmo tempo)

Terezinha: Acho que já ninguém passa sem o telemóvel.

Moderadora: Era sobre isso que eu iria perguntar: qual a importância do telemóvel para as vossas vidas.

Fátima: Muita!

Terezinha: Eu chego a sair de casa sem o telemóvel, dar a volta e voltar para pegar o telemóvel e outras vezes saio sem beber água e não volto para ir buscar a água.

Lucas: Já tem me acontecido isso, mas não volto atrás, mas sinto falta de qualquer coisa, fico a manhã toda a sentir falta de qualquer coisa.

Moderadora: Portanto, viver sem o telemóvel já seria difícil, mas a senhora Camila me disse que não é bem assim. Como é a sua experiência?

Camila: Eu até às vezes desligo aqui na aula e aí no caminho lembro e não ligo e digo assim “ah, quando chegar em casa tenho lá as mensagens, agora vou estar aqui na rua a parar para ligar?”. Porque até se não tiver ligado, já tem acontecido, quando eu ligo está lá a dizer eu vou ao encontro da pessoa, só por um bocadinho... eu poderia até não ter isso [telemóvel], quer dizer...

Fátima: Mas tem coisas que têm que ser na hora...

Adelaide: Eu tenho porque tenho duas netas e, às vezes, elas estão na escola e dão um pontapé numa pedra e telefonam-nos para ir buscar a menina, portanto, eu necessito.

Camila: Mas eu não tenho cá as minhas netas.

Berenice: Mas faz falta, eu não tenho filhos nem netos, mas é para as minhas amigas.

Camila: Às vezes eu vou aí pelo caminho e tetete [imita o som do telemóvel]!

Berenice: Pois eu sou em qualquer lado.

Moderadora: E o senhor Fausto disse que é um pouquinho viciado.

Fausto: Sim, passar muitas horas sem o telemóvel, nem pensar, por agora não.

Terezinha: Eu viciada não sou, mas que faz muita falta faz. É a tal história: as filhas trabalham e têm horários e por vezes não dá para ir buscar as netas à escola e pronto, faz mesmo falta.

Lucas: Não faz falta, mas dá muito jeito.

Terezinha: Dá muito jeito ou então como é que contactava a mãe, tem o fixo, tudo bem, mas não estando em casa era uma carga de trabalho.

Adelaide: Porque hoje em dia somos todas trabalhadoras, mesmo neste nível de idade, esse nosso nível etário, se não for... Se fôssemos como antigamente que os nossos avós... Mesmo assim, a minha mãe não prescinde do telemóvel dela, ela tem 81 anos e não é uma pessoa muito letrada e ela sabe mandar mensagens, sabe... Um dia desses, ela desmaiou e sabia que tinha o telemóvel na mesinha de cabeceira quando acordou do desmaio e a primeira que ela encontrou foi uma prima minha que mora a 120 km, que depois ligou para o meu irmão e que foi até ela às 5 da manhã, ela nem sequer sabia para quem estava a ligar, pegou o primeiro número que ela tinha na agenda. Eu acho que nós mulheres somos muito mais ativas e também somos avós, somos mães e os nossos filhos precisam muito mais de nós do que nós precisamos eventualmente de nossas mães e o telemóvel, nesse contexto, é muito importante porque se não eu teria que ir a um quiosque qualquer, procurar uma cabine telefônica, mas depois não tenho moedas, depois ando louca à procura de um telefone para telefonar a uma determinada pessoa.

Moderadora: No caso do computador, a senhora disse que quase não liga para o computador.

Adelaide: Agora que tenho o smartphone.

Moderadora: E o senhor Lucas?

Lucas: Eu continuo a usar bastante, ainda ontem estive a mexer nele, a fazer uns trabalhos.

Adelaide: Se eu tenho que fazer alguma coisa é óbvio que eu não prescindo do

computador, mas em casos específicos. Uso muito nas redes sociais.

Fausto: Para mim também, eu também uso o telemóvel nas redes sociais.

Adelaide: Mas agora com o Windows 10 para mim não dá para entrar com facilidade como era com o Windows 7 porque eu absorvi o Windows 10 diretamente da... mas tenho que comprar o Office ou qualquer coisa porque eu não consigo aceder ao Google, não sei porquê. Tenho lá um Bing ou coisa assim.

Moderadora: Tem que desinstalar esse, tem lá um lugarzinho onde se faz.

Adelaide: Mas eu tenho há três ou quatro dias, mas eu ainda não estudei como devia de ser.

Moderadora: E a senhora Fátima também tem computador?

Fátima: Sim, tenho um portátil, uma herança da filha. Eles vão comprando os novos e vão deixando os mais antigos. A primeira vez quando comecei foi por necessidade para falar com a minha filha que ela foi fazer um estágio para o estrangeiro, nos Estados Unidos, e eu tinha de falar com ela e foi aí que aprendi... foi há uns 10 anos.

Moderadora: O computador que a senhora tem ainda é esse?

Fátima: Não, aquele ainda era dos antigos, com colunas e muito grande, nessa altura ainda era desse. Depois ela comprou um mais moderno.

Fausto: Uso mais o computador do que o telemóvel e de forma que eu utilizo bastante, todos os dias para aí umas duas horas. Agora uso menos porque fui operado à cervical e tenho um apostura muito má, eu utilizava mais tempo, mas agora não. Uso para pesquisa... para tudo, para as redes sociais, não utilizo muito.

Moderadora: Quando o senhor adquiriu ou usou o computador pela primeira vez?

Fausto: Em 1980 e qualquer coisa, mas já trabalho com computadores desde 1970 e qualquer coisa, eu sou engenheiro mecânico. De forma que na minha formação eu utilizava muito o computador e as máquinas de calcular desde que elas começaram a aparecer em 1970 e poucos.

Lucas: Em 1974 foi o 25 de Abril.

Fausto: Não, eu utilizava antes de 1974, foi em 71 ou 72.

Lucas: Sim, aquelas máquinas de calcular, eu tinha uma que trabalhava desde meados da década de 60.

Terezinha: Eu não passava cartão nenhum para os computadores. Desde que começou a aparecer os computadores que eles existem em minha casa, mas eu não usava e nem sabia ligar. Os filhos todos com computadores e hoje em dia nem vivem... Nos trabalhos é tudo com computadores, na padaria é tudo com computadores e eu não ligava nada, mesmo com um portátil em casa. O meu marido dizia "Terezinha, vem,

aprende". Eu comecei há cerca de um ano foi quando resolvi e comprei um portátil só para mim e resolvi aprender, pois não sabia nem sequer ligar e comecei a vir às aulas. Eu sei ir ao Facebook...

Moderadora: Por que a senhora resolveu adquirir esse conhecimento?

Terezinha: Porque achei que não fazia sentido eu não aprender uma coisa que toda a gente sabe e acabava por pensar "por que eu não aprendo a fazer isso?" E é uma coisa que me entretém imenso agora em casa. É muito importante porque na altura tinha marido e hoje não tenho marido, mas tenho um computador e distai-me imenso [risos], substituí o marido pelo computador. E foi mais ou menos quando eu comecei a frequentar a universidade, foi nessa altura, pronto, foi mais uma aprendizagem para mim que nunca é tarde.

Fausto: Sou do tempo em que nós do Técnico, eu estive no Técnico em Lisboa, e nós fazíamos a formação em cartões perfurados, há pessoas que não sabem isso, mas nós metíamos aquilo num cacifo e era um grande programa! Fazíamos a programação em Fortran 4 e depois vieram outros de forma que acompanhei toda essa evolução dos programas de computadores. Eu era professor, minha carreira profissional era como professor e de forma que nós utilizávamos muitos programas e de outros tipos.

Moderadora: Não sei se tem mais alguém que queira compartilhar aquilo que faz com o computador, sua experiência com o computador.

Berenice: Eu vejo os e-mails, utilizo desde que há isso, o meu marido é viciado nas tecnologias, tem tudo, portanto, está lá na minha mesa da sala e está lá tudo em cima.

Lucas: A minha mesa da sala está dividida, tem dois computadores...

Berenice: Tenho três impressoras e dois computadores, que é para eu trazer para as aulas, aquilo é levezinho, mas eu estou com um problema nos braços, não consigo carregar, até consigo, mas não devo fazê-lo. Então, há um antigo e depois há outros três ou quatro e tem um que ainda está na caixa que ele comprou e que ainda não usou e depois tem aquilo tudo, impressoras que passam o papel em uma coisa assim... aquelas coisas assim para fotocopiar, tudo, nem sei como aquilo se chama.

Lucas: É o scanner!

Berenice: É o scanner!

Moderadora: Então, o primeiro contacto com os computadores foi através do seu marido.

Berenice: Sim, foi, foi em casa. Tinha um grande e depois veio os outros. Eu via os mails e tal e agora estou a fazer aulas de informática, mas não perco muito tempo no computador, isso é que me faz falta porque se eu tiver isso [mostra para o smartphone], em qualquer lugar, numa esplanada porque os outros estão sempre com os amigos a tomar chá e em volta daquilo e se for assim, eu vou me entusiasmando mais para mexer nisso. Nesse não, é só atende chamadas, eu tenho necessidade

mesmo de mudar.

Terezinha: Eu, ainda ontem, fui a um consultório passei pela Adelaide e disse “estive 45 minutos à espera da consulta”. Como é que eu me entreti?

Berenice: Exato! Com o telemóvel!

Terezinha: Eu não sou como os garotos, isso não!

Lucas: Deixe-me só dizer uma coisa: eu não sei jogar, jogar jogos!

(Falam todos ao mesmo tempo)

Lucas: Outro dia esteve aqui a passar um tempo comigo e disse “vô, dá cá o telemóvel, não tem jogos?” “não, escolhe tu. Agora tenho dois ou três jogos.

Fausto: Os computadores e as novas tecnologias além de vantagens também têm risco, diversos riscos e um dos riscos é nós nos viciarmos excessivamente na utilização das novas tecnologias porque em dada altura, em termos sociais, nós não contactamos com as pessoas como devemos contactar. Ou seja, o meu neto que é um miudito com seis anos, ele está a comer, eu não digo nada porque os pais é que tem que vigiar, ele está a comer e está com o tablet não sei quantos, a ver, a brincar... Quer dizer, eu não gosto, mas os pais permitem essas coisas e ele sai da escola e mais isso e mais aquilo. Nós próprios temos problemas. Eu, em 96 apresentei a minha tese de mestrado, tem 20 anos, e eu recordo-me que o programa foi apresentado em PowerPoint, já naquele tempo, e quando eu fui apresentar a tese, no sentido de que se o PowerPoint falhasse, como aconteceu com um colega meu, se falhasse eu recorria ao retroprojektor. Há, portanto, o risco de nós estarmos excessivamente dependentes da máquina e depois não sabermos resolver o problema, temos sempre que ter uma alternativa. E temos que ter alguns cuidados a nível de privacidade e vírus porque se nós não dominarmos bem aquela situação, podemos ser invadidos por terceiros, podem se passar por nós, principalmente no Facebook.

Lucas: Mas isso é quase impossível de nos defender. Nós estamos lá e automaticamente...

Fausto: Quando utilizamos o computador público o risco é ainda maior e nós estamos ligados a um determinado fornecedor da internet, nós temos mais facilidade, digamos, de não ser... menos vulnerável. Mas quando utilizamos o computador público e a gente sai de lá e não tem alguns cuidados...

Lucas: Por isso que eu quando uso o wifi, é não fazer nada privado.

Adelaide: Eu, peço desculpas, posso ir aos mails e receber mensagens via Messenger por causa do Facebook, mas mais do que isso não vou, nem aceder a minha caixa online e só acedo no meu computador em casa.

Terezinha: No meu caso, já aconteceu, uma pessoa deixou tudo ali no computador, deixam as senhas lá.

Moderadora: Todos aqui têm Facebook?

(Sim)

Camila: Tenho, mas sem cara, só a sombra, não tenho a foto lá. Todos os dias um homem ou uma mulher “quero te conhecer” [todos riem]. Porque as pessoas que eu conheço, sabem quem eu sou, não querem me conhecer. Aparece no Skype Marchal do Irão, um homem, ele quer é roubar carteiras!

Lucas: Isso, às vezes, é o próprio sistema que faz isso!

Camila: Pois veja lá, um Marchal, eu nem saberia viver com um Marchal [muitos risos].

Moderadora: Deve ser porque o seu perfil no Skype está público.

(Todos falam ao mesmo tempo)

Moderadora: Por que a senhora adquiriu o Facebook?

Camila: A senhora já pensou se os seus amigos quiserem falar consigo? Eles sabem que é você. E a minha filha põe os meus netos e eu “colocastes os miúdos?” E agora ela disse “toma lá! nem leva tu os teus netos” me bloqueou.

Terezinha: Oh, Camila pões lá uma flor!

Camila: Para apanhar um espinho?

(Todos falam ao mesmo tempo)

Lucas: Tenho também alguns grupos, muitos, a maior parte são grupos de ligação a Moçambique. Tenho do colégio e só este são para aí uns 150, 180, mas eu nem de longe, nem de perto contacto com eles todos. Eu, se calhar, mando um mail de parabéns quando vejo que fazem aniversário. No do colégio, vou todos os dias, pois há aquela ideia... notícias de alguém... (faz gesto referente à morte). Falam de alguém que está doente ou marcam os almoços de convívio. Eu uso o Facebook para isso e para... Há tempos, eu organizei um desses almoços, tudo pelo Facebook, apareceram uns tantos, mas não foram todos. Eu tenho uma página própria e estou a pensar em transformá-la em blog, mas tenho uma página própria para partilhar minha fotografias e para falar sobre fotografia.

Moderadora: E desde quando o senhor tem o Facebook?

Lucas: Desde que, se calhar, ele começou, uns 6 ou 7 anos. Eu vim para Setúbal já quase há sete e eu já tinha Facebook. Foi mesmo no início.

Adelaide: Foi aquela situação do Messenger. Muita gente tinha Messenger e até falava pele Messenger e passou a ter Facebook. Eu deixei o Messenger do Hotmail que já nem sei o nome do mail, já foi... e passei para o Facebook, mas aí eu tenho uma certa contenção. Eu gosto muito de colocar coisas das minhas filhas, mas só coisas que elas me permitem. Por exemplo, a minha mais nova que está grávida publicou uma

fotografia dela do marido e da barriguinha dela, ela publicou e eu publiquei também, pronto, para os meus amigos. Das minhas netas, ninguém consegue lá ver nada porque eu não ponho, a minha filha mais velha não quer que eu ponha nada lá das meninas e eu não ponho rigorosamente nada. O Fausto disse aqui, e é uma coisa que eu também não barafusto porque as minhas filhas têm, a minha filha mais velha, por norma, o almoço e o jantar não tem nem televisão nem.... Eu procuro nem telefonar na hora do jantar deles, pois não há nem telemóvel, não há televisão e isso já está a ser instalado na minha casa, meu marido só vivia com a televisão e agora, por via das meninas, acabou-se a televisão, a hora da refeição é assim. Nós ficamos na mesa conversando...

Moderadora: Quanto tempo a senhora passa nas redes sociais, no Facebook?

Adelaide: Olha, eu já passei mais, agora vou um quarto de hora ver o feed de notícias e tem lá cento e tal mensagens, filtro as que eu quero, o resto limpo tudo.

Lucas: Desculpe, mas estas a referir-se às mensagens privadas? Deve ser os comentários!

Adelaide: É aquilo que tem um unzinho, um número.

Lucas: São as notificações, exatamente.

Adelaide: Eu só ligo aquilo que me interessa, o resto...

Berenice: Eu ainda não sei limpar isso... não sei!

Lucas: Desculpe, eu só uso o Messenger uma vez, quando eu faço anos, se calhar minha filha que está na Bélgica para fazer qualquer pergunta ou não sei o quê.

Fausto: E uso as mensagens do Facebook para dar os parabéns.

Camila: “Devias comer isso, não te apetece como isso, queria estar nessa água ram, ram, ram” [tom irônico], são ridículos!

Lucas: Isso são os comentários!

(Todos falam ao mesmo tempo)

Moderadora: Estou a ver que essas são críticas, e o que é bom no Facebook?

Fausto: Uma das coisas boas é nos alertar para os aniversários de pessoas que fazem parte do nosso grupo.

Berenice: E das viagens, uma amiga vai viajar...

Camila: Mas o Skype também diz!

Terezinha: É bom para falarmos com as pessoas, eu gosto de falar. As pessoas mandam para mim e eu depois agradeço...

(Conversas paralelas)

Camila: ...Sou só eu, a minha filha e os meus netos.

Lucas: Não, desculpe, se estiver a falar com a imagem com os filhos, se clicar na câmara, só os seus filhos é que veem.

Camila: Mas eu vou ao Skype!

Moderadora: Mas acham que podem se beneficiar de alguma forma com as redes sociais?

Danilo: Sim, eu acho que sim.

Adelaide: Acho que sim.

Fausto: O LinkedIn também é uma forma das pessoas publicitarem o seu lado profissional, é uma rede social, mas para o lado profissional. Eu tenho um perfil no LinkedIn.

Moderadora: A senhora Adelaide...

Adelaide: Eu, como a Terezinha estava dizendo, para parabenizar as pessoas nos anos, as íntimas, eu posso parabenizar pelo Facebook, mas posso telefonar, as íntimas, àquelas que me dizem alguma coisa, às pessoas que não me dizem nada, eu mando mensagem. Ainda a pouco, eu precisei saber o número do Whatsapp e o nome do marido de uma prima minha que está grávida e eu estava fazendo uma roupinha, foi rápido, mandei a foto, ela recebeu e ela mandou-me de volta. É a rapidez da informação.

Moderadora: Como as tecnologias podem nos ajudar no futuro? Alguém já pensou sobre isso?

Adelaide: Sim. Por exemplo, aquelas pessoas que vivem sozinha e que tenho visto na televisão e que tem um telefone e um outro especial que vai ligar ao centro de saúde ou a uma enfermeira de saúde. Eu acho que isso dá muito jeito para, na medida que vamos envelhecendo, eu vou procurar uma coisa dessas para a minha mãe no caso dela desmaiar e ter aquilo agarrado no corpo e automaticamente se ela desmaiar de bruços, aquilo toca um sinal em qualquer lado. Nas pessoas no norte, pessoas muito isoladas em aldeias, tem essa situação. Ainda é muito pouco, mas eu penso que vai haver uma situação... as pessoas cada vez mais envelhecidas, os filhos longe dos pais, cada vez mais fora do país onde nasceram. Há pais que tem muitos filhos e que não estão cá, pois foram procurar vida no estrangeiro e estão sozinhos.

Fátima: Eu acho que sim, acho que faz falta para certas coisas, na maneira que está a evoluir nas finanças, quem não souber mexer no computador e pesquisar não... fica sem saber como fazer certas coisas. Eu gostava de saber mais, de aprofundar mais, não tenho vagar para isso e no futuro tirar algum benefício disso. Eu, por exemplo, já faço coisas no banco, transferências e isso me dá imenso jeito.

Moderadora: E o senhor Fausto, o que pensa sobre isso?

Fausto: Cada vez mais dependemos das tecnologias e da evolução dessas tecnologias, não só em termos pessoais, mas em termos científicos. Hoje, há grandes centros de investigação que no momento que uma determinada descoberta aparece, pode-se comunicar com outros centros e trocar impressões, portanto, nós estamos num mundo globalizado cada vez mais.

Lucas: Eu acho que as novas tecnologias não acabaram aqui, elas atingiram um nível tal que a gente imagina que... Se nós não continuarmos ligados às tecnologias e a trabalhar nas tecnologias, há de chegar uma altura que nós estaremos ultrapassados. Há uma necessidade de manter-se atualizado, isso é fundamental.

Adelaide: É tudo pela internet, já não vamos, praticamente, preencher nada.

Lucas: Para o ano, atenção!

(Todos falam ao mesmo tempo)

Lucas: Hoje em dia, há uma necessidade...

Fausto: Quem mexe nos carros e não acompanhou a evolução, ficam ultrapassados, pois eles têm muita tecnologia.

Moderadora: As tecnologias tiveram alguma influência nesse período de transição entre a vida ativa e a vida de reformado? Como é que foi esse período de adaptação da ativa para a reforma?

Lucas: No meu caso, quase que não senti diferença. Eu reformei-me e o grupo que eu estava a trabalhar não quis que eu me reformasse. Fiz mais um ou dois contratos até que em determinada altura, como eu também tinha tutela do Estado tinha incompatibilidade e eu... como eu trabalho com computadores há mais de 20 anos, cerca de 30 anos eu tinha essa cultura de manter-me ativo e eu, sinceramente... as tecnologias estavam antes de me reformar e depois continuaram. A única coisa que eu notei era que não precisava me levantar às 7 horas, pronto.

Adelaide: Eu estou de pleno acordo com o Lucas, eu não tive quebra nenhuma, fui uma transição tranquila de um sítio para o outro, pois eu já trabalhava muito a nível de computadores.

Fausto: Pois para mim, eu tive uma quebra muito grande, pois eu tinha um trabalho muito específico que deixei de ter. Eu era professor e usava computadores e isso evoluiu muito. Então, eu fiquei um tanto para trás, era algo específico. Quer dizer, aquela coisa básica que quase qualquer pessoa faz, eu faço.

Moderadora: E o senhor passou a ter muito tempo livre?

Fausto: Não, muito tempo livre não, tinha o tempo todo ocupado.

Moderadora: Então o senhor introduziu novas atividades no seu dia a dia?

Fausto: Não, eu tinha o meu tempo todo ocupado, mas fiquei um pouco fora, se eu

fosse ensinar as mesmas coisas, eu já não conseguia, pois evoluiu muito. Depois da reforma, usei os meus conhecimentos de informática, mas para outras coisas que preciso.

Moderadora: E a senhora Terezinha, como foi essa transição para reformada?

Terezinha: Pois, eu sempre me levantei as 5 horas da manhã, já estava um bocado cansada e comecei a ocupar o meu tempo a frequentar a universidade de dois anos para cá. Tentei ocupar o meu tempo o máximo possível, a fazer coisas que eu não fazia antes, o inglês, a [inaudível] e não sei quê e acabei por ter tudo preenchido.

Moderadora: E as senhoras?

Fátima: Eu deixei de trabalhar há pouco tempo, só há dois anos, já deveria ter ido há mais tempo. Trabalhava por conta própria e não me dedico mais às tecnologias porque não tenho tempo. Deveria ter me reformado assim que tive idade para isso para ter mais tempo para o que queria e agora acho que já tenho pouco tempo.

Camila: Como eu era funcionária pública, a partir de uma certa altura, só trabalhávamos com o computador, não se fazia nada à mão e depois, vim logo para aqui, reformei-me e vim logo para a universidade, não tinha um computador porque estava longe. Eu estava farta daquilo. As disciplinas que tenho aqui gosto de ouvir, gosto de história, andava no francês. Eu gostava e depois, quando nasceu o meu neto e ela estava em França e eu comprei um computador para ver o meu neto, para eu aprender, eu andava aqui.

Moderadora: E a experiência da senhora Berenice?

Berenice: Nós usávamos muito o computador, mas (inaudível).

Moderadora: Qual é a ideia geral que possuem das tecnologias, positivo ou negativo?

Berenice: Ah, é positivo.

Camila: O que é demais faz mal, mas que tudo, o que é vício é prejudicial. Quando tem os computadores e se é para esclarecer, ficar lá um bocadinho e depois sair com a esposa, com a família, tudo bem, mas quem leva a noite e o dia todo é um problema. Algumas pessoas que estão reformadas e estão em casa e só estão à roda do computador, é um problema, como há casos que se sabe. Eu não sou viciada, fico lá um pouco é pronto, vou fazer o que sempre fiz.

Moderadora: O que pensam desta frase “quanto mais velhos nos tornamos, mais afastados estamos da sociedade”?

(Falam todos ao mesmo tempo)

Adelaide: Eu não concordo.

Lucas: Eu não posso concordar com essa afirmação. Mas sei perfeitamente que não é para todos. Se formos analisar, temos pessoas com idades inferiores às nossas.

Fátima: Tudo depende das pessoas.

Camila: Isso aqui é uma maravilha. A universidade é melhor do que uma caixa de comprimidos. A gente vem aqui e se tiver uma pessoa que eu não conheço a gente diz olá.

Lucas: A única falha que eu sinto aqui na universidade é a falta de mais espaço. Nós entramos na sala e antes cumprimentamos dois ou três que temos mais contacto.

Moderadora: E a Senhora Adelaide o que pensa dessa da frase “quanto mais velhos ficamos, mais afastados da sociedade nos tornamos”?

Adelaide: Eu pessoalmente não concordo. Eu sou uma pessoa que necessito estar plenamente ativa. Agora, por exemplo, o meu marido é uma pessoa que não sai que não convive e depois cobra de mim o fato de eu estar horas ao telefone com uma amiga, cobra de mim eu vir às quartas-feiras e digo, venho com a maior felicidade, mas volto mais cheia ainda. Eu gosto. E cobra de mim o fato de eu dar amizade a quem ele não sabe, mas não interessa quem, porque ele se auto exclui. Eu digo “anda comigo ao passeio tal” e ele não quer ir. Porque nós sabemos que a questão da solidão na terceira idade é um problema muito sério, aqui é uma exceção.

Lucas: Era isso que eu queria dizer...

Camila: Para esse senhor, essa frase é verdadeira.

Lucas: Mas não é o fato de ele estar envelhecendo, ele já estava assim antes. Ele fechou-se.

Camila: A gente luta contra isso.

Adelaide: Mas ele era ativo... vejam o exemplo do Lucas, mas o meu marido isola-se. Eventualmente, ele tem um bocadinho de abertura porque um senhor que está em uma oficina lá atrás que também veio de Moçambique convive um bocadinho com ele. Então, isso depende um bocado da postura da pessoa.

Moderadora: E o senhor, concorda?

Fausto: Quer dizer, tudo depende do trajeto das pessoas como é óbvio.

Fátima: E dá cabeça, pois há pessoas que não aceitam, mas que tentam evoluir.

Fausto: E manter-se ativo faz parte desse processo de não se isolar.

Lucas: Posso dizer uma brincadeira? Eu faço projeto há dez anos, penso há dez anos. A pessoa quando ela começa a conjugar os verbos no passado “no meu tempo era assim”, porque nós lembramos do nosso tempo, mas quando estamos mais voltados para trás a nossa tendência é ter uma qualidade de vida cada vez menor, fazer planos... Nós temos uma história e o passado faz parte da história que não podemos mudar nem atirar para trás, mas se queremos viver temos que pensar no futuro e o futuro é amanhã e daqui a um ano e daqui a dez.

Fátima: Concordo plenamente.

Camila: Os meus sobrinhos quando falam comigo são quatro casais, quando falam só falam das viagens e eu digo “muito bom”.

Moderadora: E as tecnologias ajudam nesse enfrentamento?

(Todos afirmam que sim)

Lucas: E eu já agora tem dias que chego ao fim do dia e digo assim “gaita! não tive tempo para mim hoje!”. Eu tenho aulas, nunca estou todo o dia em casa.

Fátima: Eu digo muitas vezes isso.

Moderadora: Eu gostaria de saber se utilizam as tecnologias com o objetivo de se manterem ativos?

Adelaide: Para saber novidades, para manter-me atualizada. A minha mãe costuma dizer-me agora que ela tem 81 anos “se tu morasses aqui perto de mim, eu ainda ia comprar um computador para tu me ensinares”, com 81 anos, eu disse “pois madre se quiseses ir para Setúbal, compras um computador e eu ajeito as coisas mínimas” “e naquela coisa do Skype, e naquela coisa do Facebook, eu olho para as pessoas...” Ela tem vontade, é dinâmica!

Fátima: Por isso eu digo que depende das pessoas, pois há pessoas mais novas que “ah, não me fale de computadores!”. Então vai da cabeça das pessoas.

Lucas: Eu tinha um colega e amigo que já faleceu que era um colega na petroquímica em Sines e em Setúbal e quando eu vim para cá ele perguntou-me “o que tu fazes?” “olha, passo algum tempo na universidade, faço algumas coisas no computador...” “universidade agora com essa idade?!” “Qual é o problema? Há algum problema? Eu não vou lá tirar nenhum canudo, quero é ir adquirir algum conhecimento de coisas das quais me despertou a atenção e vou aproveitar como é o caso das artes, da pintura são coisas que me entusiasmam e me interessam e pronto e que me trazem qualidade de vida”! Por exemplo: se temos aula às 10 horas sabemos que sairemos de casa ¼ para às 10, às 11 horas vou tomar um cafezinho, vou para casa, depois do almoço tenho mais uma aula e assim preencho o meu dia!

Adelaide: Eu, todos os dias de manhã, vou ao ginásio, tenho duas horas e meio de ginásio, portanto, faço ginásio com máquinas e tenho aulas de pilates, para mim as manhãs são todas ocupadas com o ginásio e na parte da tarde é ocupada com a universidade. Apesar de na terça eu não ir ao ginásio, pois tenho aulas logo às 10 horas, então, aproveito para fazer essas aulas que eu gosto muito e que já aprendi muito e na parte da tarde tenho pintura. Ou seja, eu ocupo o meu dia de maneira produtiva, tanto a parte intelectual como a parte física. Já fiz muitos quadros, já pintei as minhas netas, já fiz uma exposição e nunca pensei que um pincel se colasse a esses dedos.

Moderadora: E a senhora Terezinha, por que resolveu vir para cá?

Terezinha: Para ocupar o meu tempo e para adquirir conhecimentos no computador, no inglês. Vou para a hidroginástica também, à noite vou ao Vitória para a ginástica noturna.

Camila: Quando vou assistir a uma aula penso “o que essa pessoa sabe?” e bebo aquele conhecimento e acho que a pessoa fica mais rica, claro, aprende-se.

Fátima: Eu, pronto, não tive as oportunidades ao longo da vida, assim que peguei essa oportunidade para aqui, e estava a trabalhar quando vim, mas vi que não conseguia conciliar as duas coisas e assim que deixei de trabalhar vim logo imediatamente. Eu adoro esse lugar, tenho encontrado pessoas aqui tão cheias de vida que eu...

(Todos falam ao mesmo tempo)

Adelaide: Eu, no dia 31 de setembro, deixei de trabalhar e no dia 1 de outubro comecei a frequentar a universidade.

Início da dinâmica sobre as percepções individuais